

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS
DE
OEIRAS**

26



**INSTITUIÇÕES, PERSONALIDADES E ESPÓLIOS ARQUEOLÓGICOS
CONTRIBUTOS PARA A ARQUEOLOGIA PORTUGUESA**

**CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2020**

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 26 • 2020



**Instituições, personalidades e espólios arqueológicos
contributos para a Arqueologia portuguesa**

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2020

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular para além de contributos sobre a História da Arqueologia.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 26 • 2020 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

ÍNDICE GERAL/CONTENTS

ISALTINO MORAIS

Apresentação

Presentation 7

CARLOS DUARTE SIMÕES, PAULO REBELO, NUNO NETO & JOÃO LUÍS CARDOSO

Lisboa no Neolítico Antigo: resultados das escavações no Palácio Ludovice

Lisbon in the Early Neolithic: results of the excavations at the Ludovice Palace 11

J. L. CARDOSO, C. BOTTAINI, J. MIRÃO, R. J. SILVA & R. BORDALO

O espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) inventariação e estudo analítico

*The metallic artifacts of the prehistoric fortified settlement of Leceia (Oeiras)
inventory and analytical study* 41

JOÃO LUÍS CARDOSO

Um machado de alvado do Bronze Final recolhido em Leceia (Oeiras):

acerca da distribuição dos machados de alvado e duas argolas no ocidente peninsular

*A Late Bronze age ax from Leceia (Oeiras) and the distribution of socketed axes with two rings
in the western iberian peninsula* 67

ANA ÁVILA DE MELO & JOÃO PIMENTA

Uma nova leitura do espólio das escavações de Leite de Vasconcelos no “Castro” de Pragança, Cadaval.

Evidências de uma ocupação da I Idade do Ferro

*A new approach of the recovered artefacts during Leite de Vasconcelos archaeological excavations in “Castro”
of Pragança (Cadaval, Portugal). Evidences of a First Iron Age occupation* 77

JOÃO LUÍS CARDOSO & MARIA ISABEL REBELO GONÇALVES

Mercati, *A Metallotheca Vaticana* e as representações de artefactos pré-históricos

na Europa do Renascimento

Mercati, Metallotheca Vaticana and representations of prehistoric artifacts in Renaissance Europe 105

JOÃO LUÍS CARDOSO

A primeira escavação arqueológica metodologicamente moderna foi realizada em Portugal em 1879/1880:

a intervenção de Nery Delgado na gruta da Casa da Moura (Óbidos, Portugal)

*The first methodologically modern archaeological excavation was carried out in Portugal in 1879/1880:
Nery Delgado’s intervention in the cave of Casa da Moura (Óbidos, Portugal)* 123

JOÃO LUÍS CARDOSO

As explorações arqueológicas realizadas em Monte Real (Leiria) em 1865 por Frederico Augusto

de Vasconcelos Pereira Cabral ou a história de uma placa de xisto gravada pré-histórica

*The archaeological explorations carried out in Monte Real (Leiria) in 1865 by Frederico Augusto
de Vasconcelos Pereira Cabral or the history of a schist prehistoric engraved plaque* 243

MARTÍN ALMAGRO-GORBEA Idolos Prerromanos inventados en el Portugal ilustrado del siglo XVIII <i>Pre-Roman idols invented in the 18th century Portuguese enlightenment</i>	259
ELISABETE J. SANTOS PEREIRA António Mesquita de Figueiredo (1880-1954): colecionismo arqueológico e redes de circulação de conhecimento, 1894-1910 <i>António Mesquita de Figueiredo (1880-1954): archaeological collecting and knowledge circulation networks, 1894-1910</i>	289
JOSÉ INÁCIO SOUSA O General Conde de São Januário: Notas de leitura sobre a edição de Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial, 2018 <i>The General Count of São Januário: Reading notes on the edition of Estudos Arqueológicos de Oeiras, special issue, 2018</i>	313
MARTÍN ALMAGRO-GORBEA Estudos Arqueológicos de Oeiras 25 (2019)	321
CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS Relatório das actividades desenvolvidas em 2019	325

APRESENTAÇÃO

O volume 26 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* que tenho o gosto de apresentar é a prova de que o empenho que sempre tenho dispensado a projectos de carácter inovador e que valorizem o nome de Oeiras sempre tiveram e continuarão a ter o devido apoio.

Esta publicação adquiriu, pelos seus méritos próprios, um lugar destacado no panorama nacional e internacional, tanto pela sua continuidade – 26 números publicados em 29 anos, mais dois números especiais – como pela qualidade e diversidade dos conteúdos publicados, da autoria dos mais destacados investigadores nacionais, a que se somam algumas outras personalidades europeias de primeiro plano da arqueologia internacional.

A qualidade atraiu qualidade, e o movimento daí resultante foi decisivo para o estatuto alcançado por este projecto e a sua crescente afirmação, hoje por todos reconhecida.

A perspectiva oferecida pelo tempo permite concluir que a aposta estratégica na inovação e na qualidade, explorando novas vias de abordagem às realidades arqueológicas, rejeitando a facilidade oferecida pelas modas, geralmente estéreis efémeras, constituiu a chave para o sucesso desta publicação altamente improvável no panorama autárquico português de há quase trinta anos.

A aposta ganha revela, também, a forma como aqui os desafios foram e continuam a ser enfrentados.

Hoje, o tempo de fazer bem em Oeiras passa por novos e insuspeitos desafios há bem poucos anos. É assim que a política de investigação do património arqueológico se articula estreitamente com a política de requalificação do território oeirense, dela fazendo parte integrante, dando-lhe a perspectiva temporal da forma como, ao longo dos tempos, esta parcela geográfica de fronteiras meramente administrativas, desde sempre se relacionou e articulou com o espaço envolvente, correspondente à Área Metropolitana de Lisboa e Vale do Tejo. É que não existe Futuro para quem não tem, desconhece ou, ainda pior, menospreza o seu próprio Passado.

Mas os desafios do presente passam, também, pela internacionalização e pela afirmação de Oeiras no Mundo, tal como esta revista, à sua medida, tem desde sempre vindo a fazer, e de que o exemplo mais relevante, foi a sua recente disponibilização integral num site próprio, alojado na plataforma digital OJS – *Open Journal Systems* que permite o acesso instantâneo a qualquer dos estudos publicados nas suas cerca de 13 000 páginas impressas em qualquer lugar do Mundo. A divulgação total e sem restrições do trabalho de investigação que diariamente é desenvolvido em Oeiras e que se plasma nas páginas desta revista faz parte integrante da transformação para a Sociedade do Conhecimento.

Por outro lado, a valorização dos equipamentos culturais, como Povoado Pré-Histórico de Leceia e as duas Exposições Permanentes de Arqueologia existentes na Fábrica da Pólvora de Barcarena passa, também, por novas formas e meios de os fruirmos, onde o recurso aos meios digitais deve ser integrado numa estratégia de aproveitamento global de todas potencialidades existentes.

Trata-se de criar uma oferta diversificada e para todos, estruturada em torno de realidades concretas onde a arqueologia adquiriu pela sua própria natureza inegável importância, encontrando-se representada em Oeiras por testemunhos materiais muito fortes e que fazem já parte integrante da sua identidade cultural.

Mas a capacidade de tornar acessível todo este património a um público muito diversificado, cada vez mais e melhor informado só tem sido possível mercê da qualidade da investigação realizada ao longo das últimas três décadas, conforme evidenciam os sucessivos números publicados dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*.

Assim, a existência de uma colecção especializada como esta justifica-se, se outras razões não houvesse, por se integrar, antes de mais, numa estratégia de produção de conhecimento, oferecendo sustentabilidade a iniciativas conducentes à construção da nossa própria identidade, valorizando o que de único efectivamente possuímos. O património arqueológico concelhio constitui, nesta perspectiva, um ponto forte, necessariamente integrado numa rede global de conhecimento.

Os conteúdos deste vigésimo sexto volume dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* reflectem tal orientação, aliás desde sempre assumida pela revista.

Assim, os estudos de âmbito temático resultantes de espólios arqueológicos de Oeiras, como é o caso de um machado de alvado do Bronze Final achado na década de 1920 no povoado pré-histórico de Leceia e hoje conservado no Museu Nacional de Arqueologia, ou a análise química por meios não destrutivos da composição dos 147 artefactos metálicos recuperados no decurso dos vinte anos de escavações ali dirigidas pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso, só fazem sentido porque os resultados obtidos foram integrados num âmbito muito mais amplo. Assim se explica a importância de acolher nas páginas desta revista contributos respeitantes a área geográfica alargada, indispensáveis para conferir aos espólios arqueológicos concelhios o seu cabal significado. É o caso do trabalho dedicado aos espólios da Idade do Ferro recolhidos no Castro de Pragança (Cadaval), comparáveis a materiais recolhidos em algumas estações oeirenses.

O presente volume é dedicado em boa parte à História da Arqueologia, dos objectos, das instituições e dos seus protagonistas, no seguimento de opção tomada em números anteriores. Neste, destaca-se o estudo acerca da existência de “falsos” arqueológicos antigos, o primeiro que se publica sobre um conjunto de estranhas peças conservadas em diferentes instituições portuguesas (Museu da Academia das Ciências de Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal e Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto) e que evocam o espírito do coleccionismo setecentista, animado por eminentes letrados da época, onde pontificou D. Frei Manuel do Cenáculo, amigo muito próximo do Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, a quem pelo menos algumas destas exóticas produções pseudo-arqueológicas devem a sua existência.

Merece destaque a tradução para Português do trecho da obra quincentista escrita em Latim de Michele Mercati, “*Metallothea Vaticana*” onde se estabeleceu pela primeira vez uma tipologia dos artefactos pré-históricos de pedra lascada e de pedra polida, que se criam, então, como caídos do céu quando tropejava.

Outro estudo de evidente projecção internacional respeita à demonstração de que foi em Portugal que nasceu a moderna técnica da escavação arqueológica, tal como hoje é ainda praticada, com base num manuscrito até agora inédito respeitante à escavação da gruta da Casa da Moura (Óbidos) realizada em 1879/1880 sob direcção de um dos mais notáveis geólogos e arqueólogos portugueses de sempre, Joaquim Filipe Nery Delgado.

Estes dois contributos seriam mais do que suficientes, se outras razões não houvesse, para conferirem a este número da revista um interesse excepcional, a que se somam mais dois estudos importantes relativos a personalidades pioneiras da arqueologia portuguesa que por esta via foram resgatadas de um imerecido esquecimento: é o caso de Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral e de António Mesquita de Figueiredo. O estudo dedicado ao notável oeirense que foi o Conde de S. Januário insere-se ainda no conjunto destes contributos, tendo sido elaborado na sequência da apresentação em 2019 da obra que em boa hora a Câmara Municipal de Oeiras decidiu publicar sobre este ilustre militar, diplomata, político e arqueólogo do século XIX.

O presente volume inclui, a terminar, o relatório das actividades desenvolvidas em 2019 pelo Centro de Estudos Arqueológicos . Para além das que fazem já parte do seu quotidiano, como escavações arqueológicas, visitas guiadas e articulação funcional com outros serviços e com os próprios municípios, destacam-se as actividades relacionadas com o encerramento das comemorações dos seu XXX aniversário. Em Abril, teve lugar a sessão de apresentação do volume dedicado ao Conde de São Januário, realizada em Paço de Arcos, terra que o viu nascer e morrer. Por fim, em Outubro, realizou-se o *II Colóquio Internacional História das ideias e dos conceitos em Arqueologia*, que reuniu na Fábrica da Pólvora de Barcarena alguns dos mais conceituados arqueólogos portugueses e espanhóis da actualidade, seguida da apresentação do volume 25 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* e da inauguração da *Sala de Arqueologia Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira*, em homenagem àquele ilustre arqueólogo e Amigo de Oeiras, onde residiu parte da sua profícua vida inteiramente dedicada à Arqueologia.

Na verdade, não poderia ter-se encontrado melhor motivo para o encerramento das comemorações destes primeiros trinta anos de vida do Centro de Estudos Arqueológicos, cuja criação tive a honra de propor à Câmara, no já longínquo dia 2 de Novembro de 1988, logo seguida em 1991 da criação desta revista, cujo mérito foi justamente destacado na apresentação do seu vigésimo quinto volume, a cargo do eminente arqueólogo e académico espanhol Don Martín Almagro-Gorbea, em intervenção que, pelo seu interesse, agora se publica na íntegra. Paraphraseando Virgílio Ferreira... “...Ter razão antes do tempo. Possivelmente é esse o tempo em que vale a pena termos razão”.

Por tudo o que ficou dito, é com um sentimento de apreço, de satisfação e de agradecimento que a todos os que colaboraram neste volume endereço, e especialmente ao Prof. Doutor João Luís Cardoso, pelo muito que já foi feito, mas sobretudo pela certeza do êxito na concretização do muito mais que ainda falta fazer, com o empenho e dedicação inextinguíveis que tem dispensado desde sempre a todos os projectos e iniciativas a que tem metido ombros em prol de Oeiras.

Oeiras, 3 de Janeiro de 2020

O PRESIDENTE



(Isaltino Afonso Morais)

LISBOA NO NEOLÍTICO ANTIGO: RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES NO PALÁCIO LUDOVICE

LISBON IN THE EARLY NEOLITHIC: RESULTS OF THE EXCAVATIONS AT THE LUDOVICE PALACE

Carlos Duarte Simões⁽¹⁾, Paulo Rebelo⁽²⁾, Nuno Neto⁽²⁾ & João Luís Cardoso^(1,3) *

Abstract

The open-area archaeological excavations at the 18th century Ludovice Palace, in the Bairro Alto quarter (Lisbon, Portugal) revealed four phases of human occupation. The oldest phase belongs to the Early Neolithic and comprise several dwelling features and one burial, alongside numerous pottery and lithic objects. Field-based geoarchaeological observations suggests that these remains are spread over an occupation surface which, once abandoned, seems to have undergone puddling, slaking and pedogenesis. A thick deposit covered these layers with abundant reworked prehistoric objects. These data significantly increase the contextual knowledge regarding previous findings of the Neolithic settlement of Bairro Alto both culturally and chronologically and widens the debate on the neolithization process of the portuguese Estremadura.

Keywords: Early Neolithic, Neolithic dwelling and burial features, Site formation processes, Lisbon

1 – INTRODUÇÃO

A História da colina de S. Roque, no centro de Lisboa, tem dois momentos fundamentais. O primeiro, do qual temos conhecimento pela atividade arqueológica, é o estabelecimento das primeiras ocupações humanas, protagonizada por uma população neolítica. O segundo momento é a primeira expansão planificada da urbe para fora da Cerca Fernandina, promovida por D. Manuel I, no início do século XVI. O presente artigo refere-se essencialmente ao momento neolítico através dos contextos identificados no decorrer dos trabalhos de escavação em área no Palácio Ludovice ao longo de 2018 e 2019.

Com origem no final século XV (CARITA, 1999), o Bairro Alto de hoje é, no essencial, o mesmo que antes de 1 de novembro de 1755, quando o Grande Terramoto reduziu a escombros a cidade intramuros. Anos antes, em 1747, foi construído o Palácio Ludovice, numa segunda fase de expansão para Norte da Travessa da Queimada, o limite setentrional da então designada Vila Nova de Andrade. Esta expansão foi promovida pela aristocracia, motivada em grande parte pela instalação da Companhia de Jesus na Igreja de São Roque a partir de 1553. Pioneiro no que toca a técnicas de construção depois apelidadas de pombalinas, segundo um traço de definiria o Barroco tardio lisboeta, o arquiteto de origem suábia João Frederico Ludovice projetou este edifício

* (1) ICArEHB – Interdisciplinary Centre for Archaeology and Evolution of Human Behaviour, Universidade do Algarve, Faro. (2) Neoépica, Lda. (3) Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

como percussor de um Bairro Alto que passou de estar virado para as suas próprias ruas e travessas, a estar voltado para a cidade, do alto de S. Pedro de Alcântara.

Após 1755, fracionamentos e remodelações do edifício deram lugar a arrendamento popular e instalação de diversos estabelecimentos comerciais, industriais e hoteleiros. Depois de ter servido de Quartel Geral da Polícia e sede de companhias, do Instituto Português de Cinema e, mais recentemente, do Instituto do Vinho do Porto, o Palácio Ludovice será convertido numa unidade hoteleira. Foi deste mais recente projeto de conversão e reabilitação que resultou a necessidade de escavação arqueológica integral dos depósitos do subsolo do edifício para dar lugar aos pisos subterrâneos da futura unidade.

A presente publicação destina-se a dar conhecimento, necessariamente sumário, das preexistências que foram identificadas, valorizando a sua importância no contexto da Arqueologia Pré-histórica da cidade de Lisboa.

1.1 – Enquadramento geo-histórico

A colina de São Roque é constituída pela formação sedimentar miocénica Areolas da Estefânia, caracterizada por lenticulas de areias finas, argilas e bancos de biocalcarenitos (PAIS *et al.*, 2006). A colina é entalhada a Este pelo vale da enseada do esteiro da Baixa (Fig. 1 a), e nela se encaixam vários pequenos cursos de água que desaguam no Tejo. A incisão desta rede hidrográfica contribuiu para algum relevo ao qual o urbanismo do Bairro Alto se adaptou, sendo apreciável no desnível das ruas e travessas desta zona. O local do Palácio Ludovice constitui uma zona aplanada do interflúvio entre o vale da Baixa e um curso de água dessa rede correspondente, grosso modo, ao traçado da Rua do Diário de Notícias, que desaguaria no Tejo na zona do Cais do Sodré.

O Palácio Ludovice (CNS 37477), Imóvel de Interesse Público inserido na atual freguesia da Misericórdia, ocupa um quarteirão autónomo (Fig. 1 b-d), de planta aproximadamente quadrada, com a frontaria na Rua de São Pedro de Alcântara e o tardo na Rua do Diário de Notícias, respetivamente a Este e a Oeste. A Norte e a Sul, é delimitado pela Travessa da Cara e Travessa da Boa Hora, respetivamente.

Da Travessa da Cara para Norte desenvolve-se a Rua dos Mouros (Fig. 1 b), onde trabalhos de diagnóstico arqueológico no n.º 10, realizados pela empresa Cota 80.86, Lda. revelaram contextos neolíticos em posição primária (FILIPE, 2017; HENRIQUES & FILIPE, 2017). Imediatamente a Sul da Travessa da Boa Hora encontra-se outro edifício setecentista que também ocupa todo um quarteirão, o Palácio dos Lumiares (Fig. 1 b). Tanto naquela Travessa como na dos Lumiares foram realizados trabalhos de arqueologia preventiva pela empresa ERA Arqueologia, S.A., que permitiram recuperar os primeiros indícios de ocupação neolítica no Bairro Alto (VALERA, 2006; 2014; VALERA *et al.*, 2008). A mesma foi documentada inicialmente no Palácio dos Lumiares através de elevada quantidade de materiais de pedra lascada e de cerâmica associados a um depósito interpretado como paleossolo, assente sobre o substrato miocénico. A esta camada sobrepôs-se um depósito interpretado como coluvião, também contendo abundantes objetos pré-históricos, em resultado da erosão de zonas mais altas da encosta.

A estratigrafia dos depósitos pré-históricos identificada na intervenção da Rua dos Mouros n.º 10 apresenta traços, no geral, correspondentes à descrita nos Lumiares, com elementos em pedra lascada e cerâmica associados a unidades estratigráficas interpretadas como paleossolos, sobrepostas por depósitos sedimentares interpretados, igualmente, como sendo coluvionares. Quanto a estruturas, são referidos uma lareira com termoclastos e um buraco de poste nos Lumiares, enquanto que na Rua dos Mouros n.º 10 se identificaram estruturas constituídas por aglomerações substanciais de termoclastos, alguns de grandes dimensões, e um possível buraco de poste.



Fig. 1 – Enquadramento geográfico do Palácio Ludovice; a) carta hipsométrica do centro de Lisboa com indicação dos locais referidos no texto (base cartográfica: dados abertos da Câmara Municipal de Lisboa); b) imagem de satélite de 2019 (GoogleEarth) onde se assinalam os locais referidos no texto: Palácio Ludovice [1], Palácio dos Lumières [2], Rua dos Mouros, n° 10 [3], Igreja de São Roque [4], Convento de São Pedro de Alcântara [5]; c) aspeto da frontaria do Palácio Ludovice; d) cunhal do Palácio Ludovice na interseção entre a Travessa da Boa Hora e a Rua do Diário de Notícias, onde os depósitos holocénicos atingem maior profundidade.

Camadas comparáveis vieram a identificar-se nas sondagens geotécnicas e de diagnóstico arqueológico realizadas no próprio Palácio Ludovice, pela ERA Arqueologia, S.A. Estes trabalhos, prévios à escavação em área a que este artigo concerne, confirmaram a presença daquelas camadas e a abundância artefactual, sobretudo no tardo do edifício (REIS *et al.*, 2017; SILVA & PEREIRO, 2018) (Fig. 1 d). Junto à frontaria, a São Pedro de Alcântara, verificou-se que o substrato miocénico aflora logo abaixo das infraestruturas recentes. Estes trabalhos de diagnóstico não atingiram os contextos neolíticos em posição primária agora publicados, apesar de o paleossolo ter sido sondado nalguns pontos.

2 – METODOLOGIA

2.1 – Escavação em área

Os trabalhos de escavação em área, objeto de apresentação neste artigo, realizaram-se entre Agosto de 2018 e Abril de 2019 pela equipa da Neoépica, Lda. A escavação abrangeu a totalidade da área do edifício, á exceção das zonas onde já existiam caves e do átrio principal, onde o subsolo não seria afetado (Fig. 2 a). Os alicerces da construção do Palácio constituíram condicionante importante à organização da área de escavação, que levou à sua divisão em setores, correspondentes à compartimentação existente no piso térreo (Fig. 2 a). Cada setor assumiu, assim, uma dinâmica e sequência de escavação próprias (Fig. 2 b-f).

Metodologicamente a escavação arqueológica seguiu os princípios de Harris (1989) e Barker (2003), em que a unidade básica de escavação e registo foi a unidade estratigráfica. Esta metodologia foi adaptada uma vez isolada a superfície dos depósitos sedimentares anteriores à ocupação urbana do espaço, que contém os vestígios pré-históricos. A escavação dos mesmos foi feita por níveis artificiais, de espessura variável entre 10 cm e 20 cm, respeitando os limites naturais de cada camada. Ao atingir-se a superfície da camada sobrejacente a contextos primários, procedeu-se à instalação de uma quadrícula de 1x1m, orientada segundo os eixos cardiais. A integridade dos depósitos escavados com recurso a quadrícula, assim como de outros contextos em que determinadas circunstâncias a justificaram (abundância de material, compactação do sedimento, etc.), foi crivada através de malhas de 2.5mm e 4mm com recurso a água, o que permitiu recuperar praticamente a totalidade dos artefactos de tamanho mais reduzidos, bem como alguma da componente arqueobotânica dos sedimentos.

2.2 – Amostragem

A quadrícula na escavação em área permitiu organizar a amostragem de sedimentos tendo em conta diversas possibilidades de estudo posteriores, nomeadamente o seu processamento mediante flutuação da fração arqueobotânica dos sedimentos (STRUEVER, 1968; WRIGHT, 2005). As amostras para flutuação corresponderam a volumes equivalentes a um balde de 10 l cheio, que foram recolhidos sistematicamente, um por cada nível artificial, em quadrados selecionados. Para controlo de representatividade, contabilizou-se o volume total de sedimento extraído de cada quadrado. Contextos antrópicos circunscritos, em posição primária, constituíram exceções a esta metodologia, já que nesses casos o sedimento foi integralmente recolhido para flutuação. Dos contextos sedimentares e antrópicos com materiais pré-históricos foram também recolhidas amostras de sedimento em bloco, intacto e orientado, para posterior estudo micromorfológico. A escavação de alguns contextos antrópicos específicos foi também acompanhada da recolha de amostras de sedimento menos volumosas para outras análises de potencial interesse, nomeadamente microbotânicas ou geoquímicas.

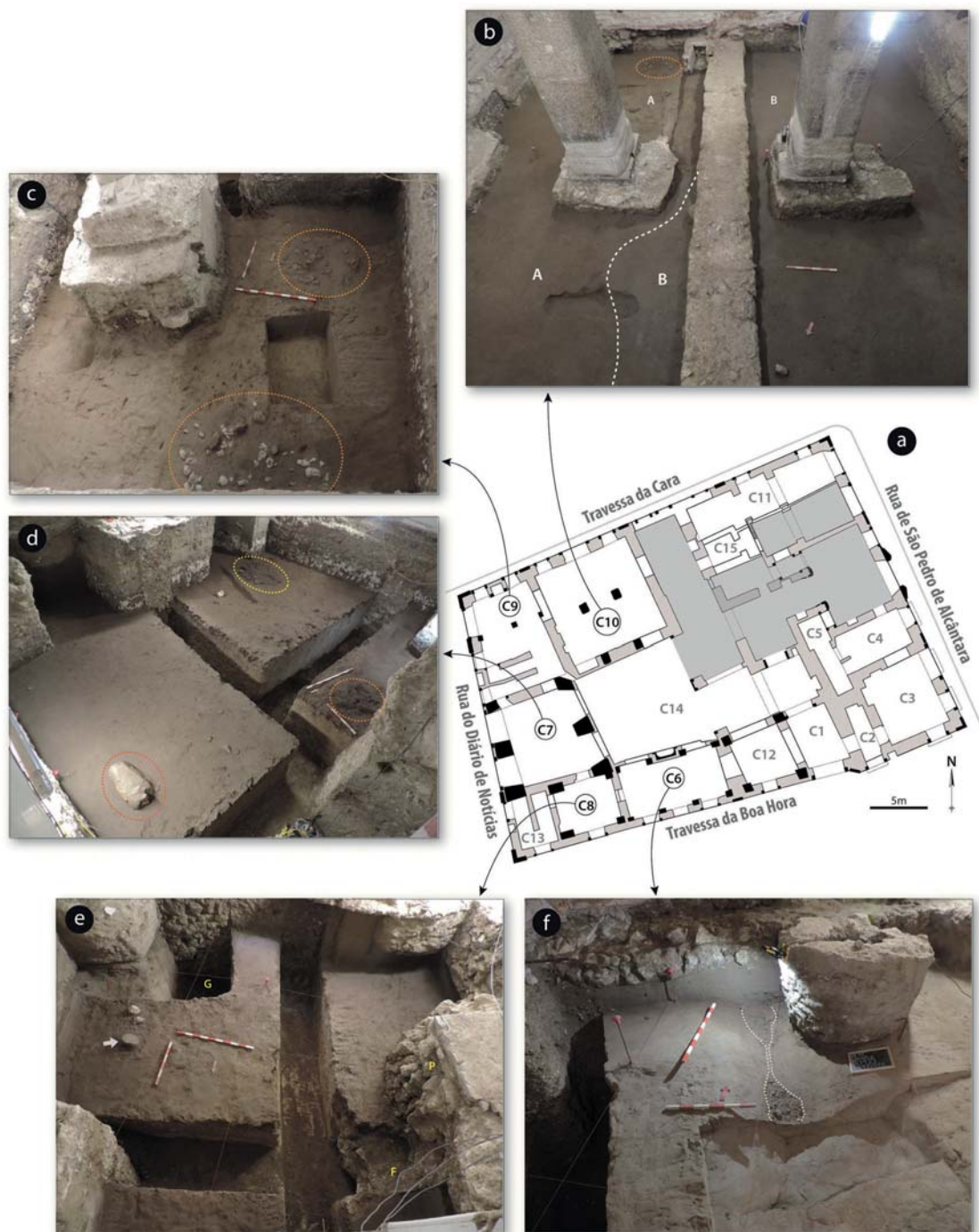


Fig. 2 – Diversos sectores da escavação em área do Palácio Ludovice, ao nível da superfície de ocupação neolítica: a) planta geral do piso térreo, com indicação dos sectores intervencionados; a área a cinzento não sofreu afetação; b) vista geral do setor C10, uma vez removida a camada C; note-se o limite a Este da camada B [linha tracejada branca] e a sua cor escura, e a presença de uma estrutura de combustão em *cuvette* [elipse tracejada a laranja], sobre a superfície da camada A; o muro central pertence à infraestrutura de suporte do Palácio Ludovice; c) vista parcial do Setor C9; notem-se duas estruturas em *cuvette* de seixos calcinados [elipses tracejadas a laranja]; entre as duas estruturas, reminiscência da sondagem de diagnóstico efetuada em trabalhos prévios; d) vista geral do Setor C7, superfície da camada A; note-se a vala de época moderna aberta nos depósitos silto-arenosos, cortada pelos alicerces do Palácio Ludovice; note-se a presença do empedrado [elipse tracejada amarela], de uma estrutura em *cuvette* [laranja] e de uma estrutura de argila ainda não escavada [vermelho], bem como de vários elementos pétreos dispersos pela superfície da camada A; e) vista geral do Setor C8, na base da camada B; note-se a presença de um elemento dormente de mó [seta cinzenta] junto a outros elementos pétreos, das valas retilíneas de época moderna, com a estrutura fundacional de um edifício anterior parcialmente conservada [F], bem como um poço posterior [P]; a área [G] corresponde a uma sondagem geotécnica realizada previamente; f) vista parcial do Setor C6, onde se identificou um canal formado por ravinamento superficial, com abundantes bolsas de espólio pré-histórico no fundo [linhas tracejadas brancas]; à esquerda, segmento da vala de época moderna e, à direita, uma possível estrutura de combustão industrial de época contemporânea.

3 - RESULTADOS

Terminados os trabalhos de escavação em área, a correlação entre unidades estratigráficas dos diferentes setores no que toca às pré-existências e depósitos anteriores à construção do Palácio foi considerada e encontra-se em curso. Porém, a interpretação estratigráfica, conduziu à identificação dos seguintes principais momentos de ocupação humana do espaço atualmente ocupado pelo Palácio Ludovice:

- 1) Uma ocupação pré-histórica, de caráter habitacional e funerário, atribuível ao Neolítico Antigo, contida numa sequência de depósitos silto-arenosos;
- 2) Uma primeira fase construtiva de Época Moderna, constituída por infraestruturas, que os dados preliminares parecem situar no século XVI;
- 3) Uma segunda fase de Época Moderna correspondente à construção do Palácio, no século XVIII;
- 4) Remodelações de natureza diversa, incluindo para uso industrial, ao longo dos séculos XIX e XX.



Fig. 3 – Estratigrafia da sequência silto-arenosa: a) corte conservado sob o alicerce a sudoeste do setor C7; note-se a espessa transição dos contactos entre camadas [linhas tracejadas]; b) corte estratigráfico sob a parede norte do setor C6; à esquerda, parte do preenchimento da vala de fundação da primeira fase do edificado moderno [V]; c) aspeto, em plano, de um canal erosivo identificado no setor C6, preenchido por bolsas com abundante espólio pré-histórico, correspondentes à camada D; note-se o padrão poligonal formado pelas fendas oxidadas; d) pormenor do corte do setor C6 onde é possível distinguir as fendas de gretamento nas camadas A, B e C, bem como lenticulas de espólio arqueológico a preencher o canal erosivo.

3.1 – Síntese estratigráfica da sequência silto-arenosa

O substrato miocénico caracteriza-se por uma grande variabilidade de fácies, própria das Areolas da Estefânia, que se expressam em lenticulas e camadas horizontais, desde argilosas e compactas, a arenosas, fossilíferas, de coloração geral cinzenta-esverdeada a alaranjada. Topograficamente, apresenta um declive para Sudoeste, registando-se a maior profundidade no cunhal na interseção da Rua do Diário de Notícias com a Travessa da Boa Hora. Sobre este substrato miocénico depositou-se uma sequência formada por camadas sucessivas de sedimentos silto-arenosos (Fig. 3 a). Esta sequência contém, inter-estratificados, os contextos neolíticos. Foi também nesta sequência sedimentar que foram escavadas e construídas infraestruturas diversas de Época Moderna (Figs. 2 d-f e 3b).

As camadas que formam a sequência silto-arenosa apresentam uma clara continuidade entre os diferentes setores, apesar da compartimentação. Na Tabela 1, as camadas são descritas, de baixo para cima, sob uma designação alfabética provisória, correspondente ao agrupamento das unidades estratigráficas equivalentes. Os contactos entre todas as camadas da sequência silto-arenosa eram sempre muito graduais (Fig. 3 a, b) e seguiam o declive para Sudoeste do substrato miocénico, enquanto as camadas se tornavam mais espessas nessa mesma direção.

Tabela 1 – Estratigrafia da sequência silto-arenosa de baixo para cima

Camada	Descrição	Interpretação
A	Depósito de argila com areia fina, alaranjado, muito compacto e homogéneo, sem espólio arqueológico. Em algumas áreas, a transição para a camada superior era marcada por gretas de 1 a 3 cm de espessura, delineadas por crostas ferruginosas, indicativas de condições hidromórficas. Estas gretas configuram padrão poligonal no plano horizontal (Fig. 3, c, d). Na transição ocorrem os materiais pré-históricos com cotas mais baixas, ainda que em pouca quantidade.	Possível acumulação de material detrítico, resultante da erosão do próprio substrato miocénico a cotas mais elevadas na colina, por processos de transporte ao longo da encosta, ou eólicos. Em alternativa, pode corresponder à desagregação superficial do próprio substrato miocénico. Ulteriormente, terá sofrido ciclos de saturação em água e desidratação, que causaram gretamento, através do qual se pode ter infiltrado espólios arqueológicos e sedimentos.
B	Depósito de areia fina, argilosa, castanho/cinzentos muito escuro a negro, de textura muito compacta e gordurenta, com manchas avermelhadas, sobretudo na base. Contém objetos neolíticos dispersos, em estado de conservação relativamente bom, embora, no geral, a quantidade diminua em profundidade. Em algumas zonas é observado o padrão poligonal formado por gretas preenchidas por hidróxidos. Esta camada contém elementos pétreos de maior dimensão, dispersos, bem como alguns restos osteológicos, muito deteriorados. Cobrem as estruturas neolíticas, que assentam na superfície da camada anterior.	Depósito muito rico em matéria orgânica, muito provavelmente de origem antrópica, resultante do processamento e combustão de matéria vegetal e animal desenvolvidos pela população neolítica, gerando grandes quantidades de carbono orgânico e argila rubefacta. A presença de fendas de gretamento também está presente, indicando ciclos de saturação em água e desidratação pós-sedimentares, em simultâneo com A, subjacente (Fig. 3, c, d).
C	Depósito de areia fina siltosa, cinzento acastanhado, escuro. Contém abundante espólio pré-histórico e alguns seixos de pequena dimensão, rolados, tanto dispersos como concentrados em bolsas lenticulares, estas sobretudo nas cotas mais baixas. Observam-se canais de bioturbação.	Depósito formado por processos lentos de encosta, que deverão ser responsáveis pelas acumulações lenticulares de espólio neolítico rolado, possivelmente intercalados com momentos de pedogénese (desenvolvimento de um solo).

Camada	Descrição	Interpretação
D	Sucessão de depósitos arenosos lenticulares, de espessura sempre inferior a 10cm, confinados ao preenchimento de depressões de planta alongada, de perfil irregular, cujas interfaces cortam as camadas anteriores. Algumas das unidades lenticulares são constituídas por elevada concentração de material lítico e fragmentos rolados de cerâmica, evidenciando, por vezes, alguma imbricação.	Depósitos acumulados por cursos de água temporários, transportando grande quantidade de espólio pré-histórico.
E	Depósito, no geral, homogêneo, arenoso e solto, de cor castanha a esverdeada, que contém abundante espólio pré-histórico disperso, bastante rolado, com fragmentos de cerâmica de pequena dimensão. Na superfície, contém alguns objetos de cronologias recentes. Sobre põe-se a depósitos correspondentes a C e D através de contactos muito graduais.	Coluvião, com material detritico, oriundo de afloramentos a cotas mais elevadas da colina, e arqueológico, transportado ao longo da encosta. A superfície foi afetada pelas ocupações mais recentes.

3.2 – Contextos neolíticos

3.2.1 – Contextos habitacionais

Os contextos antrópicos, neolíticos, em posição primária, consistem em estruturas com fortes indícios de combustão. Estas estruturas assentam na superfície da camada A e estavam cobertas pelos sedimentos escuros avermelhados da camada B. Os três tipos de estruturas identificados são descritos na Tabela 2.

Tabela 2 – Tipos de estruturas neolíticas identificadas no Palácio Ludovice

Empedrado	Constituído por uma concentração de seixos de basalto, com limites irregulares em planta, definido por alguns seixos mais dispersos que outros, adquirindo cerca de 1m x 0.60 m de diâmetros máximo e mínimo, respetivamente. Os seixos são bastante homogêneos entre si, de pequena dimensão, e encontravam-se fraturados <i>in situ</i> , como provável efeito térmico. Entre os seixos foram encontrados pedaços de carvão, muito deteriorados.	
Lareiras em <i>cuvette</i>	Estruturada com seixos: Aglomerações de planta circular irregular, com diâmetros variáveis entre cerca de 0.50m e 1m, compostas por seixos de basalto arredondados de média dimensão, evidenciando alteração térmica, nomeadamente fracturação <i>in situ</i> , rubefacção e calcinação.	
	Estruturada com seixos e argila: Aglomerações com cerca de 0.50m de diâmetro, compostas por seixos de basalto arredondados de dimensão média, evidenciando alteração térmica, e nódulos de argila cozida, de dimensão semelhante aos seixos e formas irregulares.	
Estruturas de argila	Setor C7	Muito destruída, conservava, aparentemente <i>in situ</i> , parte de uma parede vertical de argila. Outros pedaços de argila de grande dimensão foram encontrados em seu redor, não estruturados.
	Setor C10	Conservava restos de fragmentos de argila cozida, de morfologia aplanada, dispostos em posição semivertical, apoiados uns nos outros, conformando, em plano, uma semi-elipse.

O empedrado é constituído de pequenos seixos (Fig. 4 a). A presença de carvões reforça a ocorrência de combustão nesta estrutura, que foi a única identificada com estas características.

No que respeita às lareiras em *cuvette*, apesar da interface em negativo não ser sempre evidente devido às características do sedimento e à espessa transição entre camadas antes mencionada, esta interpretação é refor-



Fig. 4 – Estruturas neolíticas de carácter habitacional: a) empedrado sobre o sedimento argiloso alaranjado da camada A, setor C7; b) estrutura de combustão em *cuvette* com seixos e nódulos de argila, setor C7; c) estrutura de combustão em *cuvette* com seixos; note-se a calcinação dos seixos inferiores e a presença de um nódulo de argila, setor C10; d) parte superior de uma estrutura de argila, composta por nódulos amorfos de argila cozida, de dimensão substancial, acumulados de forma caótica e envolvidos por sedimentos da camada C, setor C7; e) parte inferior da mesma estrutura representada em d, conservando um troço de parede vertical de argila cozida *in situ*, envolvido por sedimento argiloso muito compacto da superfície da camada A; f) aspeto final da estrutura de argila após escavação, setor C10.

çada pelo facto de o grau de alteração térmica se acentuar em profundidade, ou seja, os seixos mais à superfície estavam menos alterados, apenas enegrecidos ou rubefactos, enquanto que os seixos inferiores estavam muito mais alterados pelo calor (Fig. 4 b, c).

Quanto às duas estruturas de argila identificadas no Palácio Ludovice, são díspares morfológica e contextualmente. Dos vestígios da estrutura de argila do setor C7 não é possível inferir a sua morfologia em planta, apenas que deveria possuir paredes verticais, a julgar pelo troço remanescente em posição primária, com evidência de aplanamento da face interna (Fig. 4 f). Em redor e mesmo a cotas algo mais elevadas que o troço *in situ*, encontraram-se grandes pedaços de argila cozida, de morfologia irregular, que pareciam acumulados de maneira caótica (Fig. 4 d, e), eventualmente resultado do colapso e arrasamento da estrutura após o abandono do sítio.

No setor C10 foi identificado um contexto que parecia conjugar ambos os tipos de lareira em *cuvette* numa mesma grande estrutura, embora claramente individualizados no seu interior (Fig. 5 a). Infelizmente, o alicerce do Palácio Ludovice seccionou a estrutura, que se deve prolongar para o exterior, sob a Travessa da Cara. O conjunto observado consistia numa depressão com cerca de 2 m de diâmetro que aparentava uma planta semi-elíptica, preenchida por seixos médios, fraturados termicamente *in situ*, concentrados no lado Oeste, e seixos menores e abundantes pedaços de argila cozida concentrados no lado Este.

Outra possível estrutura de argila cozida, no setor C10, localizava-se imediatamente a Sul da grande estrutura em *cuvette* cortada pelo alicerce fronteiro à Travessa da Cara (Fig. 5 b, c). Apenas parcialmente conservada, a disposição dos fragmentos sugere que a estrutura colapsou para o seu próprio interior.

Além das estruturas identificadas no contacto entre a camada A e o nível artificial inferior de B, encontravam-se algumas pedras de maior dimensão dispersas (Figs. 2 d, e; Fig. 5 c), algumas sem função perceptível, mas pelo menos um elemento dormente de mó foi identificado durante a escavação (Fig. 2 d). Do mesmo modo, conservava-se, nesta transição gradual entre A e B, material lítico, lascado e polido, cerâmico, e elementos osteológicos de fauna malacológica e mamalógica, bastante deteriorados. As maiores concentrações de ossos de mamíferos registaram-se em redor da grande estrutura em *cuvette* escavada no setor C10. No mesmo setor, foram ainda recolhidos elementos ósseos entre os pedaços colapsados da estrutura de argila cozida (Fig. 5 b), enquanto que uma das estruturas de combustão em *cuvette* com seixos e argila continha igualmente um conjunto osteológico no seu interior.

Ainda no que toca a recurso faunísticos, além de mamíferos, a crivagem de sedimentos com água permitiu antever a existência de fauna malacológica, ictiológica e de microvertebrados nos sedimentos de B; a flutuação permitirá recolha mais completa e estatisticamente significativa.

3.2.2 – Contexto funerário

No setor C10, a cerca de cinco metros para Este da concentração de estruturas antes referidas (Fig. 5 c) foi identificado um contexto funerário (Fig. 6). O esqueleto do indivíduo inumado encontrava-se numa fossa aberta na camada A, sendo evidente, a cotas mais baixas, correspondentes ao fundo da fossa, a interface com a camada subjacente (Fig. 6 b, c). O esqueleto encontrava-se em decúbito dorsal, com pernas e braços flectidos (posição fetal), conforme se observa claramente no levantamento 3D realizado (Fig. 6, em baixo).

Nesta área não se registaram unidades correspondentes à camada B (Fig. 2 b), constatando-se que A era coberta diretamente por sedimentos de C, de espessura mais reduzida para Este, em virtude do declive subjacente. Nesta zona em que C era mais ténue, foram recolhidos grandes fragmentos pertencentes a um mesmo vaso, de dimensões assinaláveis (Fig. 6 a), em espaço verticalmente coincidente com a inumação, o que sugere



Fig. 5 – Contexto habitacional do setor C10: a) aspeto da depressão com os preenchimentos distintos de seixos pequenos e argila, em primeiro plano, e seixos maiores, em segundo plano; b) em primeiro plano, estrutura de argila colapsada; note-se a presença de um elemento faunístico entre os pedaços de argila; em segundo plano, a mesma estrutura em cunete representada em a, numa fase anterior da escavação; note-se a presença da superfície irregular de argila rubefacta do lado direito; c) vista geral da área norte do setor C10, com as estruturas à superfície da camada A; note-se a dispersão de nódulos de argila e elementos pétreos; em último plano, escavação da inumação humana em curso.



Fig. 6 – Contexto funerário do setor C10; a) aspeto de um nível artificial basal da camada C, com parte dos fragmentos do grande vaso colapsado *in situ*; note-se a presença de gretas conformando um padrão poligonal em plano; b) aspeto da escavação do mesmo contexto, já no fundo da fossa funerária; c) esqueleto do indivíduo inumado; em baixo, levantamento 3D do esqueleto do indivíduo inumado, evidenciando-se a sua posição em decúbito dorsal com pernas e braços retraídos (posição fetal).

uma associação entre ambos. O conjunto dos fragmentos deste vaso foi aparecendo progressivamente em profundidade, sendo o sedimento que o envolvia marcado pela forte ocorrência de gretas oxidadas, frequente também na transição entre B e A (Fig. 2 c, 2 d, 6 a, 6 b, Tabela 1). Neste contexto, os fragmentos do colo encontravam-se a cotas superiores, e os fragmentos do bojo a cotas inferiores, encontrando-se alguns em posição vertical. Esta disposição sugere que o vaso se encontraria colocado verticalmente no solo, e provavelmente nele semi-enterrado, até por possuir um fundo parabolóide que não permitia equilíbrio, tendo colapsado *in situ*; embora não esteja presentemente completo, conforme evidencia o respectivo desenho (Fig. 7), é provável que as partes em falta tenham sido acidentalmente remobilizadas por perturbações pós-deposicionais posteriormente ocorridas, depois de fracturado o vaso, até porque correspondem à sua parte superior, aquela que se encontraria mais exposta a tais acções.

Trata-se de recipiente de bojo e fundo parabolóide, com colo cilíndrico. A parte superior do bojo é marcada por inflexão acentuada decorada em todo o contorno por uma linha de impressões que não se integra nos conhecidos padrões “em espiga”, ou em “falsa folha de acácia”, por corresponderem a impressões com uma matriz estreita e alongada, aplicada perpendicular ou obliquamente na superfície do vaso e frequentemente desencontradas, como se observa claramente na foto de pormenor da Fig. 8 a. Ao contrário, o padrão falsa folha de acácia caracteriza-se por corresponder a depressões opostas (daí o nome evocativo do ramo da acácia) feitas com puncionamento mais ou menos arrastado, diferenciando-se da decoração a matriz, provocando impressões sempre iguais, técnica característica do “verdadeiro” padrão “folha de acácia” do Calcolítico Pleno/Final da Estremadura portuguesa.

Da inflexão que separa a parte superior da parte inferior do bojo partem três asas em fita que se unem à parte inferior do bojo, decoradas superiormente por um pequeno botão (Fig. 8, c).

A parte superior do bojo exhibe um padrão decorativo inciso constituído por vários campos quadriculados incisos, que se desenvolvem em torno do colo (Fig. 8 b), alternantes com campos verticais semelhantes que atingem a parte superior das três asas (Fig. 7). Observam-se ainda pequenas áreas isoladas no bojo com o mesmo padrão decorativo, sendo a parte inferior do vaso totalmente lisa.

3.2.3 – Outros espólios arqueológicos

Além do vaso associado ao contexto funerário acima descrito foram recolhidos numerosos fragmentos cerâmicos heterogêneos quanto a tipos de pasta, cozedura e granulometria dos elementos não plásticos. Vários fragmentos, lisos contêm elementos de preensão (Fig. 9, n.º 4), por vezes associados a campos decorados (Fig. 9, n.º 5; Fig. 10, n.º 5; Fig. 11, n.º 4); este último, pela sua pequena dimensão, assume finalidade estritamente decorativa, como é o caso dos pequenos botões observados no topo das asas no vaso já descrito. Um fragmento de taça em calote decorada possui uma asa horizontal perfurada correspondendo a elemento de suspensão (Fig. 10, n.º 6; Fig. 11, n.º 3) tal qual o verificado com as asas existentes no grande vaso, até por este possuir fundo parabolóide.

A larga maioria dos fragmentos cerâmicos são lisos, em percentagem face aos decorados ainda por quantificar. Os exemplares decorados possuem bordos simples, lisos ou denteados no lábio (Fig. 9, n.º 6; Fig. 10, n.º 1; Fig. 11, n.º 5), e padrões incisos em bandas quadriculadas horizontais (Fig. 10, n.º 6, alternantes com linhas simples obtidas pela técnica impressa “boquique” (Fig. 9, n.º 6; Fig. 10, n.º 6; Fig. 11, n.º 3 e n.º 5), correspondendo a uma decoração compósita associando duas técnicas decorativas distintas. Esta realidade é expressivamente ilustrada por taça hemisférica de bordo liso, da qual a maior parte foi recuperada na camada B do setor C 8. Era munida de asas em anel junto ao bordo, perfuradas verticalmente, e encontra-se decorada

por bandas horizontais constituídas por linhas produzidas pela técnica “boquique”. Sob a única asa conservada, observa-se um rectângulo disposto verticalmente preenchido interiormente por reticulado inciso (Fig. 10, n.º 6; Fig. 11, n.º 3) muito semelhante aos observados no vaso quase completo. Deste modo, a associação de diversas técnicas decorativas num mesmo recipiente constitui uma característica importante das produções cerâmicas observadas neste sítio, sendo facilmente identificáveis nos dois exemplares mais completos. Mas mesmo em fragmentos de pequenas dimensões, foi observada essa característica, como é o caso do vaso esférico representado por dois fragmentos onde se observa a técnica “boquique” (Fig. 10, n.º 1).

Sendo a maioria dos fragmentos de pequenas dimensões, apenas se evidencia em cada um deles uma única técnica decorativa, que pode revestir o aspecto de puncionamentos de características variadas (Fig. 10, n.º 2 a 5; Fig. 11, n.º 4), mais ou menos longas e profundas.

A componente de pedra lascada é caracterizada por conjunto variado e numeroso, aparentemente orientado para a produção de lamelas e lascas. O sílex é a matéria prima largamente predominante, de origem próxima, recolhido nas bancadas dos calcários recifais turonianos existentes na área urbana de Lisboa sob a forma de nódulos e de leitos tabulares, complementado por raras peças de quartzo.

Os núcleos de lamelas e de lascas apresentam tratamento térmico e mostram-se intensamente explorados, como é o caso de um exemplar em sílex castanho-avermelhado variedade que não é habitual nos nódulos ou leitos siliciosos cretácicos da região, mas comum na região de Rio Maior (Fig. 12, n.º 1; Fig. 14, n.º 14), ao contrário de outros que aproveitaram materiais disponíveis localmente (Fig. 14, n.º 15).

Ocorrem diversos tipos de geométricos, alguns com a forma de segmentos, por vezes de pequeníssimas dimensões e retoque abrupto (Fig. 12, n.º 2 a 5; Fig. 14, n.º 1 a 4), embora ocorram exemplares de dimensões assinaláveis (Fig. 13, n.º 14). Identificaram-se abundantes lamelas com ou sem retoques marginais (Fig. 12, n.º 6 a 15 e 18 a 20; Fig. 13, n.º 1 a 6 e 9; Fig. 14, n.º 9 a 13), algumas com indícios de lustre de cereal ao longo de um dos bordos, visível a olho nú (Fig. 13, n.º 2 e 3), para além de um exemplar com retoques terminais abruptos (Fig. 12, n.º 20). As lâminas, sem retoques ou com retoques marginais descontínuos estão presentes (Fig. 13, n.º 7, 8 e 11; Fig. 14, n.º 7 e 8), bem como alguns denticulados/entalhes (Fig. 14, n.º 6).

Registaram-se ainda algumas esquirolas alongadas retocadas (Fig. 12, n.º 16 e 17), que se integram no conjunto, muito abundante, dos resíduos de debitage localmente produzidos.

Observaram-se também furadores muito esguios, produzidos por retoque abrupto (Fig. 13, n.ºs 12, 13, 15 e 16).

A componente de pedra polida está representada por pequenas enxós, de acordo com a assimetria verificada no perfil longitudinal do gume (Fig. 9, n.º 1; Fig. 11, n.º 1), para além de possíveis machados, de maiores dimensões e robustez, de secção subcircular (Fig. 9, n.º 2; Fig. 11, n.º 2) e de dois fragmentos de possíveis contas ou anéis. De assinalar que estas peças são produzidas em rochas não anfíbolíticas, as quais só surgem no registo arqueológico regional no Neolítico Pleno e Final, tratando-se de exemplares confeccionados, com base na observação macroscópica, em rochas sedimentares siliciosas de grão fino, de tonalidade cinzenta, compatível com grauvaques, podendo provir de bancadas mesozóicas da região.

Um seixo de quartzito de superfície avermelhada, com uma das superfícies com marcas de percussão numa das extremidades, configura o trabalho local do sílex (Fig. 9, n.º 3; Fig. 14, n.º 16).

A distribuição dos espólios arqueológicos obedece a padrões diferentes consoante as camadas (Tabela 1). Em B e, por vezes, nos sectores superficiais de A, os artefactos são menos abundantes, mas, a nível da cerâmica, melhor conservados e de maiores dimensões. C e D contêm espólios líticos e cerâmicos mais abundantes, sendo estes de tamanho mais reduzido, mais rolados e erodidos. Em C os objetos encontravam-se tanto dispersos como concentrados em bolsas lenticulares. Em D, conjunto de depósitos confinados ao preenchi-

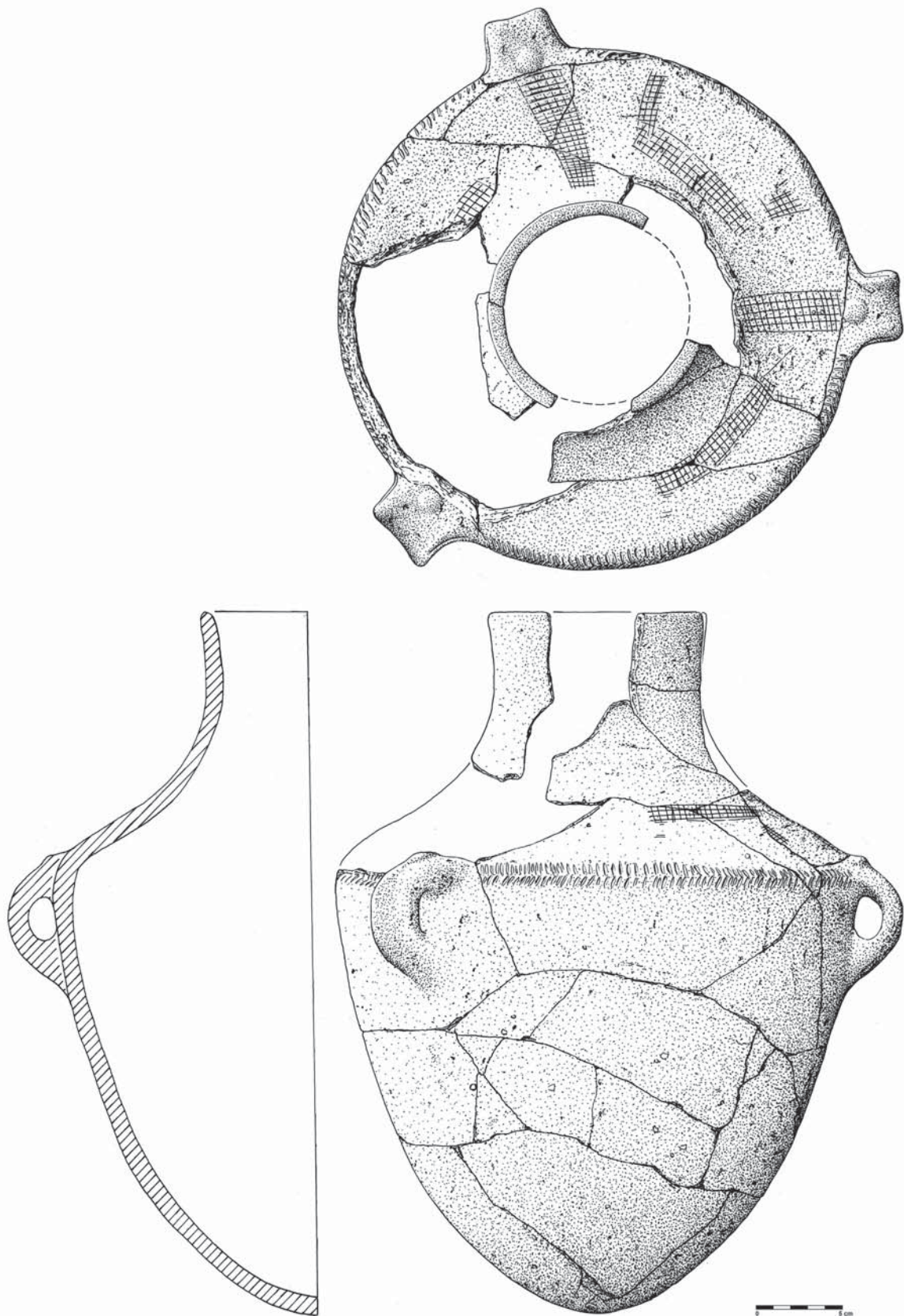


Fig. 7 – Vaso neolítico depositado sobre a fossa funerária (ver Fig. 6 a), reconstituído graficamente a partir dos fragmentos recuperados.
Desenho de Filipe Martins.



Fig. 8 – Pormenores decorativos do vaso neolítico da Fig. 7. Fotos de João Luís Cardoso.

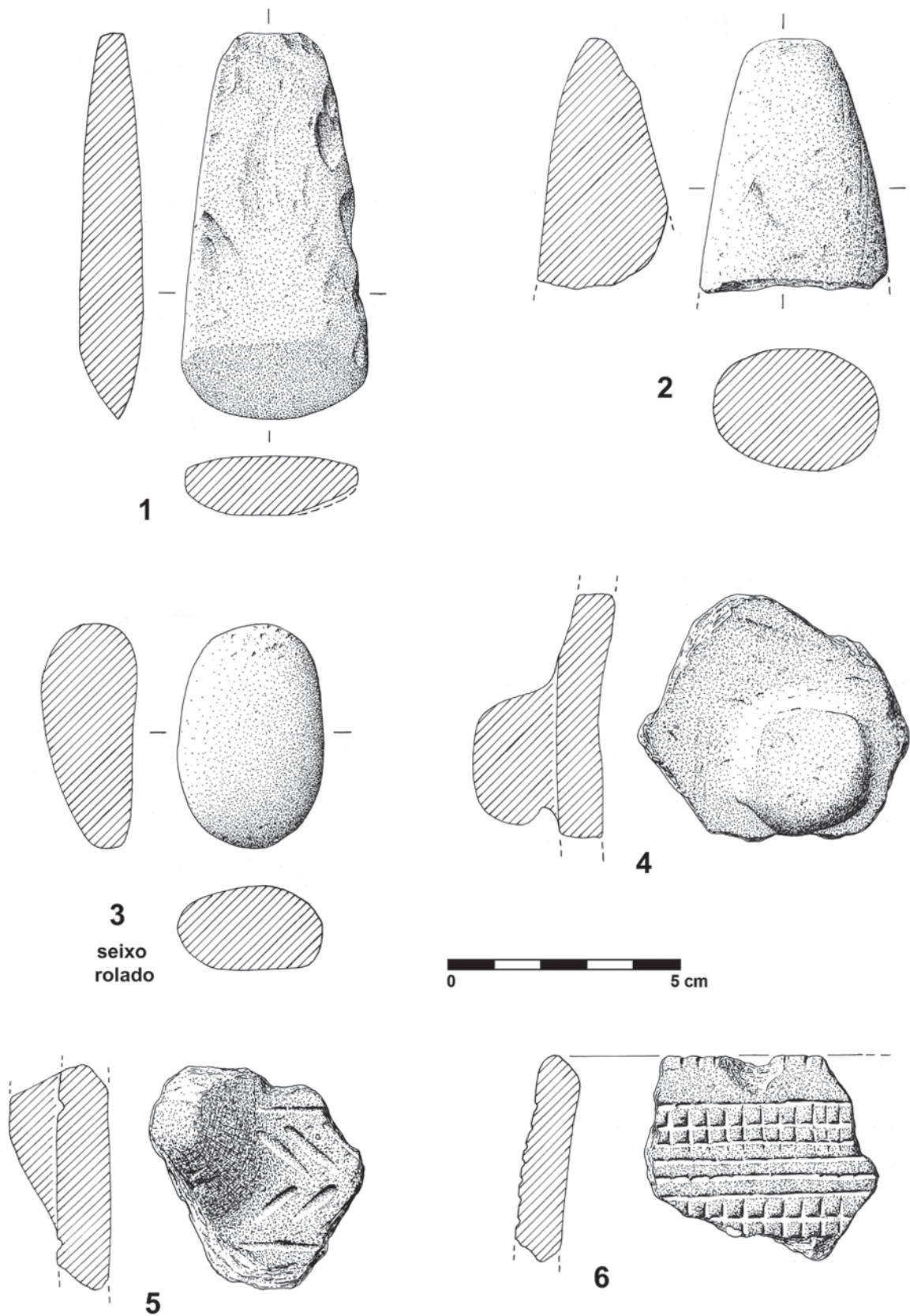


Fig. 9 – Materiais arqueológicos. 1 – enxó de rocha sedimentar siliciosa muito fina; 2 – fragmento de possível machado executado em rocha semelhante; 3 – pequeno seixo de quartzito, com marcas de percussão numa das extremidades; 4 – fragmento de cerâmica liso com um elemento de preensão; 5 – fragmento de recipiente com elemento de preensão sobre o bordo e decorado por incisões arrastadas feitas a ponta romba, semelhantes a “falsa folha de acácia”; 6 – fragmento de recipiente com bordo denteado e decoração de técnica mista: quadriculado inciso e linhas horizontais com técnica “boquique”. Desenhos de Filipe Martins.

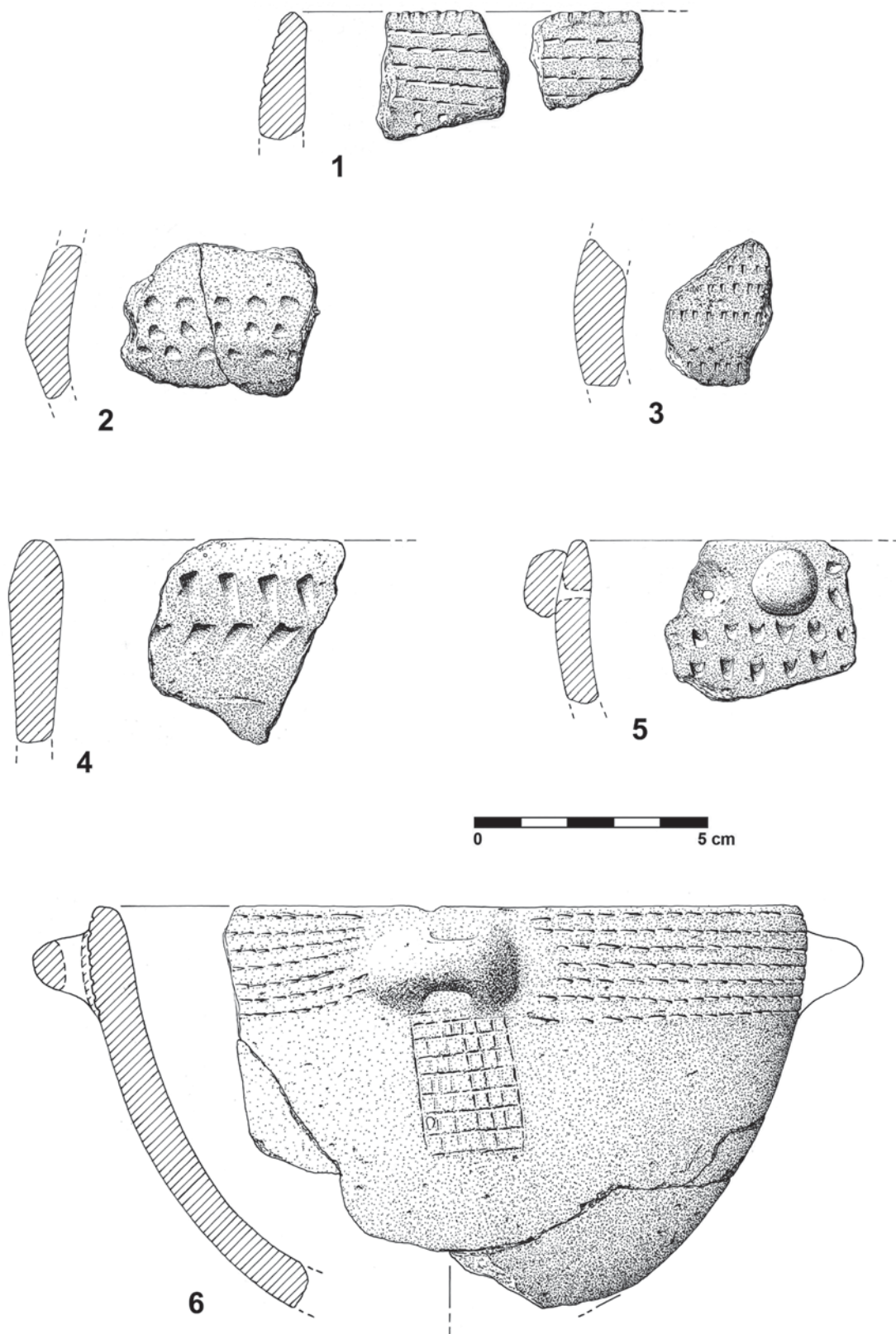


Fig. 10 – Materiais arqueológicos. 1 – fragmento de vaso com bordo denteado e decoração de linhas horizontais a “boquique”; 2 a 5 – fragmentos de vasos com decorações impressas a matriz; 6 – taça em calote com asa anelar perfurada verticalmente e decoração mista: linhas a “boquique” sob o bordo e reticulado produzido por linhas incisivas sob asa. Desenhos de Filipe Martins.



Fig. 11 – Materiais arqueológicos. 1 – enxó de pedra polida executada em rocha sedimentar siliciosa muito fina; 2 – fragmento de possível machado, executado em rocha idêntica; 3 – fragmento de taça em calote com asa anelar perforada verticalmente e decoração mista: linhas a “boquique” sob o bordo e reticulado produzido por linhas incisas sob a asa; 4 – fragmento de vaso com botão decorativo sob o bordo, com furo de suspensão adjacente, decorado por puncionamentos impressos a matriz; 5 – fragmento de vaso com bordo denteado decorado com técnica mista: reticulado inciso e linhas executada com a técnica “boquique”. Fotos de João Luís Cardoso.

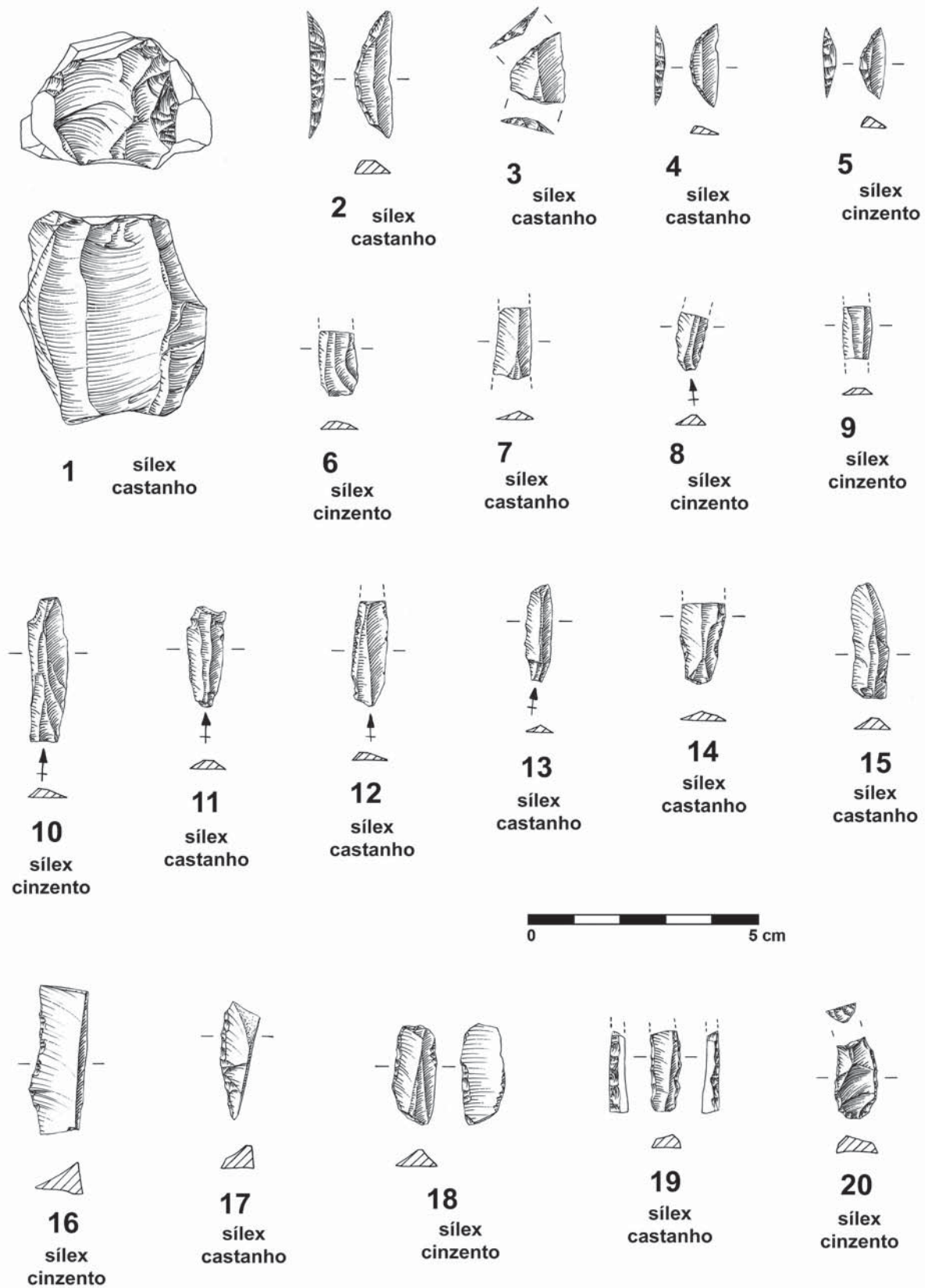


Fig. 12 - Materiais arqueológicos. Núcleo (1), geométricos (3 a 5), lamelas (6 a 15, 18 a 20) e esquirolas retocadas (16 e 17).
Desenhos de Filipe Martins.

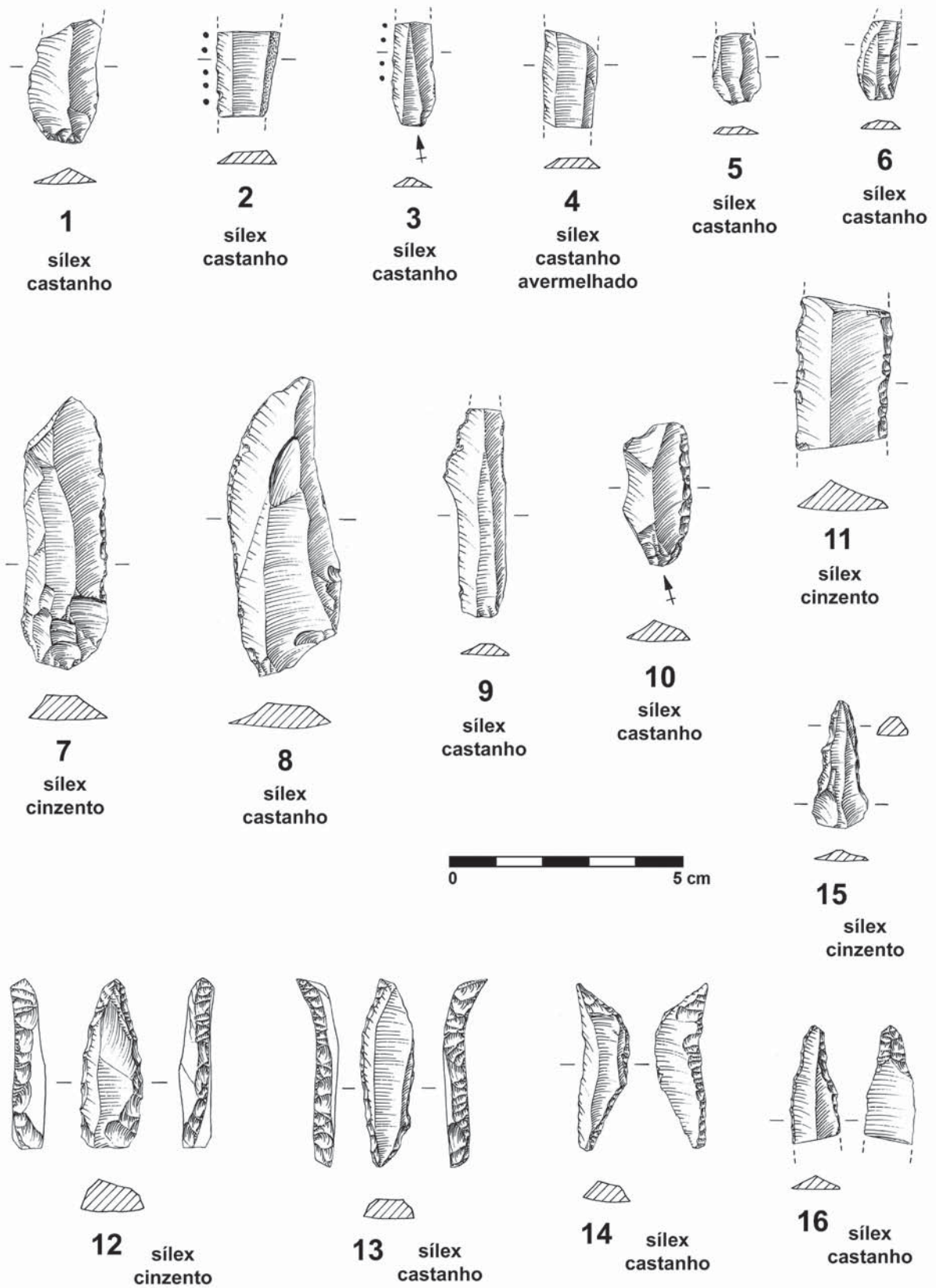


Fig. 13 – Materiais arqueológicos. Lamelas (1 a 6, 9 e 10), duas com indícios de lustre de cereal (2 e 3), lâminas sem retoques ou com retoques marginais descontínuos (7, 8 e 11), furadores (12, 13, 15 e 16) e grande geométrico (14). Desenhos de Filipe Martins.

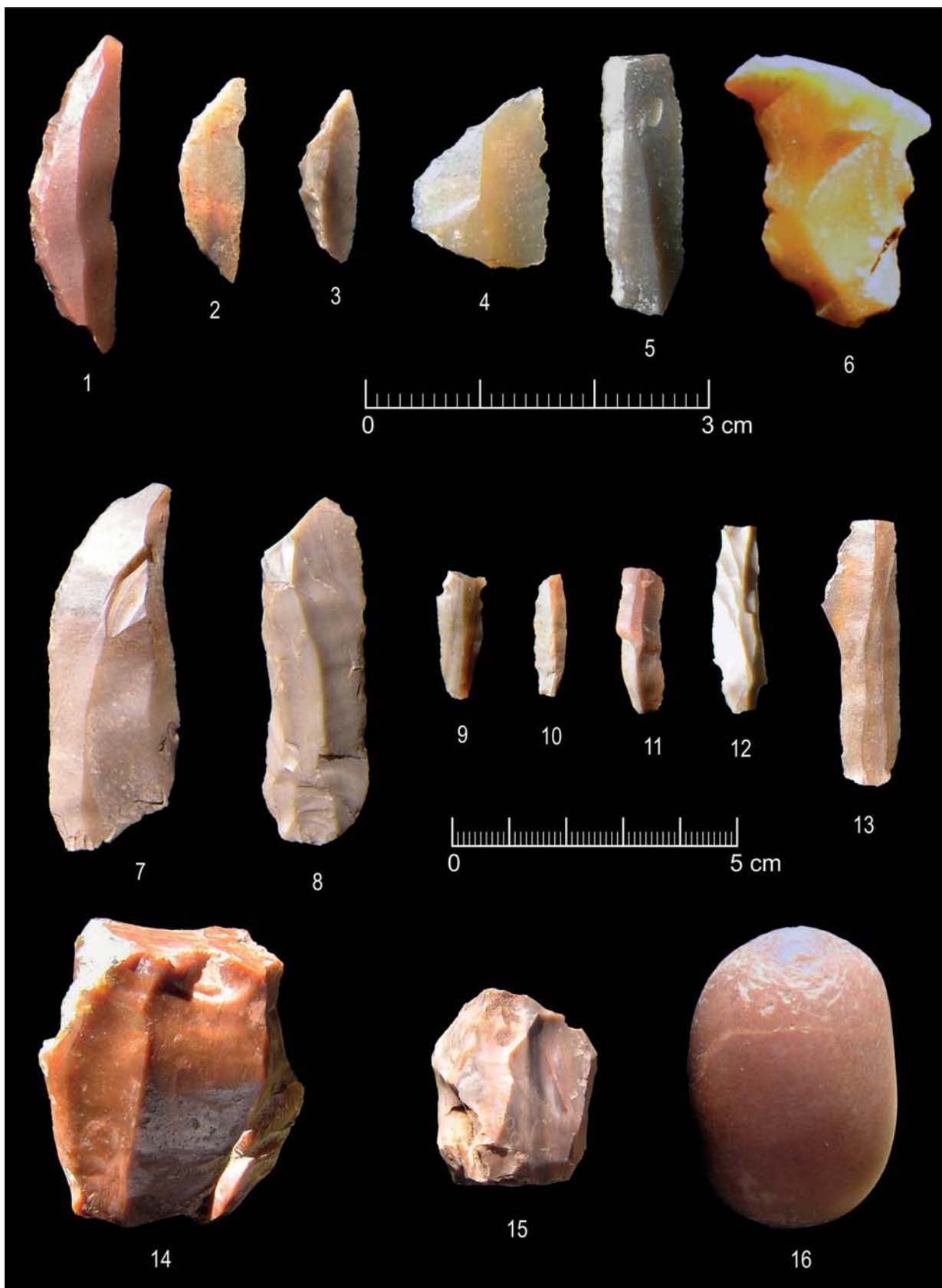


Fig. 14 – Materiais arqueológicos. Geométricos (1 a 4), lamelas (5, 9 a 13), entalhe (6), lâminas (7 e 8), núcleos (14, 15) e pequeno percutor sobre seixo de quartzito (16). Fotos de João Luís Cardoso.

mento de canais, observou-se grande quantidade de fragmentos de cerâmica e de sílex, chegando a ocorrerem imbricados em algumas lenticulas, normalmente no fundo dos canais. A camada E continha espólios também abundantes, mas ainda mais rolados.

4 - DISCUSSÃO

O conjunto de contextos neolíticos escavados reúne algumas das características de um sítio habitacional de ar livre que inclui uma componente funerária. Trata-se de uma situação que até ao presente foi documentada e publicada de forma excepcional no respeitante ao Neolítico Antigo do território português.

A área, que se pode inferir ser contínua entre os espaços intervencionados nos Palácios Ludovice e dos Lumiães e da Rua dos Mouros n.º 10, potencialmente prolonga-se pelas imediações, sobretudo para Norte, no sentido ascendente da colina.

No centro de Lisboa são conhecidos contextos habitacionais do Neolítico Antigo, destacando-se a Encosta de Sant'Ana (ANGELUCCI *et al.*, 2004; MURALHA & COSTA, 2006; LEITÃO & HENRIQUES, 2014). O único contexto funerário até agora publicado no território português comparável ao agora publicado foi identificado nos antigos Armazéns Sommer, na zona ribeirinha de Alfama (Fig. 1 a) (CARDOSO *et al.*, 2018). Sobressai o facto de a posição do esqueleto ali encontrado, igualmente depositado no fundo de uma fossa aberta no substrato, ser idêntica à agora dada a conhecer. Aquela tumulação encontrava-se também associada a um vaso de colo fechado, neste caso possuindo decoração “boquique” com motivos em grinaldas, o qual foi depositado no fundo da fossa e não sobre a mesma, como se verificou no caso em estudo. Trata-se pois de uma variante da associação destes vasos a contextos funerários; no caso presente, foi determinante o tamanho do vaso, que não caberia no interior da fossa. No caso da sepultura dos Armazéns Sommer, uma datação obtida sobre porção de osso humano confirmou a informação fornecida pela tipologia do vaso, inscrevendo-se na passagem do 6.º para o 5.º milénio a.C. (CARDOSO *et al.*, 2018).

No contexto mais amplo da península de Lisboa parecem acumular as funções habitacionais e funerárias os sítios de ar livre da Pedreira das Salemas (CASTRO & FERREIRA, 1967; CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996; CARDOSO, 2015) e Lapiás das Lameiras (LÓPEZ-DÓRIGA & SIMÕES, 2015), ambos aproveitando o modelado cársico superficial para as deposições (CARDOSO, 2015).

Cova da Baleia (Mafra) constitui outro caso de sítio de ar livre, embora a informação seja pouco clara no respeitante à cronologia das evidências exumadas. A componente funerária está atestada por estrutura de inumação, acerca da qual foi avançada uma provável associação estratigráfica à fase de ocupação neolítica do sítio (GONÇALVES & SOUSA, 2015; SOUSA *et al.*, 2018). O sítio do Bairro Alto tem em comum com o da Cova da Baleia também a tipologia de algumas estruturas de argila e pétreas; porém, no sítio mafrense, estas pareçam estar na sua totalidade associadas às ocupações do Mesolítico.

Os dados cronológicos e materiais acerca das estruturas de combustão em argila no território hoje português parecem apontar sobretudo para o Mesolítico e o Neolítico Antigo, e distribuem-se dos litorais estremenho (Cova da Baleia) e alentejano (SILVA & SOARES, 1981), ao vale do Zêzere (CRUZ, 2015), norte alentejano (OLIVEIRA, 2006) e à margem esquerda do Guadiana e sistemas afluentes (SANTOS & CARVALHO, 2007; GASPAR, 2009; GONÇALVES *et al.*, 2013).

As poucas evidências de estruturas habitacionais do Neolítico Antigo observadas no Palácio Ludovice ampliam a tendência apontada por Diniz (2013) no que se refere a outras estruturas indicativas de um caráter

habitacional, tais como fundos de cabana claros, ausentes nos sítios com estruturas de argila do Guadiana e, também, na Salema, no litoral alentejano.

Por outro lado, se as componentes cerâmica e de pedra polida são residuais nos sítios do interior e na Cova da Baleia, em resultado da fraca ocupação nele efectivamente verificada no Neolítico Antigo, as mesmas assumem carácter significativo no sítio do Bairro Alto (VALERA, 2006; REIS *et al.*, 2017; este artigo), manifestando afinidades com o litoral alentejano, com outros sítios da região, como o Carrascal (CARDOSO, SILVA & SOARES, 2008; CARDOSO, 2015) e do vale do Tejo, com destaque, entre todos, para o abundante conjunto exumado no povoado dos Cortiços, assente na superfície arenosa de um baixo terraço da margem esquerda do Tejo (CARDOSO, CARVALHO & GIBAJA, 2013), onde a técnica “boquique” se encontra bem representada. A diversidade dos padrões decorativos é afim da ali verificada, também comum a outros conjuntos da Estremadura do Neolítico Antigo evolucionado (SIMÕES, 1999; CARDOSO, SILVA & SOARES, 2008; CARDOSO, 2010; 2011; 2015 a; CARVALHO, 2011; LÓPEZ-DÓRIGA & SIMÕES, 2015; DINIZ & NEVES, 2018). Há que destacar, como peculiaridade assinalável, o esquema decorativo em campos quadriculados incisos, bem representado na cerâmica decorada do Palácio Ludovice e presente também no vaso do Cartaxo (GUILAINE & FERREIRA, 1970, Fig. 4), raro no universo decorativo do Neolítico Antigo.

O vaso quase completo agora estudado possui o seu paralelo mais próximo no exemplar recolhido no povoado das Salemas, ou do Alto da Toupeira – Lousa, exposto no Museu do LNEG. A sua importância justificou, pouco depois da sua recolha e reconstituição, publicação própria (CASTRO & FERREIRA, 1959). Trata-se igualmente de recipiente de corpo parabolóide possuindo também três asas na inflexão do bojo, cuja linha de inflexão, mais pronunciada do que no presente exemplar, forma ligeira protuberância, ou cordão, o qual se encontra igualmente decorado por impressões oblíquas duplas (GUILAINE & FERREIRA, 1970, Fig. 13; SPINDLER, 1978, Abb. 6). A afinidade deste exemplar, especialmente pela forma parabolóide do seu corpo, com terminando inferiormente em cone invertido, com certos grupos neolíticos europeus, foi então muito valorizada, o que se compreende por ser à data único nos contextos portugueses. Embora ainda hoje esta característica seja excepcional entre os vasos completos do Neolítico Antigo conhecidos em território português, junta-se à observada em recipientes do Neolítico Antigo recolhidos nas escavações de 1879/1880 na gruta da Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 44, n.º 3; 48, n.º 1 e 2), em muito aspectos semelhantes às recolhidas em contextos da mesma época da bacia interior do Mondego, onde ocorrem igualmente vasos de fundo parabolóide (VALERA, 1998, Est. 4, n.º 2 e 5; Est. 5, n.º 1; Est. 7, n.º 4).

Também os vasos com pegas verticais no bojo, munidas de duplas ou mesmo de triplas perfurações horizontais, de que se conhecem em Portugal várias ocorrências do Neolítico Antigo em grutas naturais da região, como o Algar de João Ramos (CARDOSO & CARREIRA, 1991, Fig. 2, n.º 1) e a gruta 2 da Senhora da Luz (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 40, n.º 2), que no território português se estendem à Beira Alta (VALERA, 1998, Est. 11) possuiriam fundos parabolóides. Trata-se de forma com dispersão peninsular assinalável (VALERA, 1998, Fig. 2), concentrando-se no sul peninsular, mas atingindo a Meseta Norte e o alto vale do Ebro (MARTÍNEZ-de-LAGRÁN, ROJO GUERRA & GARCÍA GAZOLÁS, 2011).

Na componente de pedra lascada do Bairro Alto, a presença de segmentos (crescentes), alguns de dimensões minúsculas, lamelas e lâminas em geral não retocadas ou com retoques marginais descontínuos, lascas retocadas e entalhes sobre lâmina, encontra paralelos noutros sítios com estruturas de argila. A presença, igualmente significativa, de furadores de retoque abrupto, propiciando a produção de pontas muito esguias e perfurantes, também presentes em exemplares do povoado vizinho da mesma época de Montes Claros (CARDOSO & CARREIRA, 1995, Fig. 5, n.ºs 12, 13 e 14), integra-se bem nos conjuntos do Neolítico Antigo do espaço estremenho, do vale do Tejo (CARDOSO, GIBAJA & CARVALHO, 2013) e do litoral sudoeste (SILVA &

SOARES, 1981; CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996; CARDOSO, SILVA & SOARES, 2008; CARVALHO, 2008; CARDOSO, 2015 b).

As escassas produções de pedra polida integram-se também, de forma evidente, nas suas congêneres da mesma época, caracterizadas pela presença de pequenas enxós (sachos) produzidas em rochas locais, recorrentes desde o litoral algarvio à Estremadura e ao vale do Tejo em estações da mesma época.

Os aspetos apresentados sumariamente situam a ocupação pré-histórica do Bairro Alto no Neolítico Antigo evolucionado, balizado cronologicamente, na Estremadura, até cerca de 4700 cal BC (CARVALHO, 2008; CARDOSO, 2015 a; LÓPEZ-DÓRIGA & SIMOES, 2015; SOUSA, 2017). Infelizmente, as amostras seleccionadas para datação submetidas por um de nós (J.L.C.) a dois laboratórios distintos (Laboratório da Universidade de Waikato, Nova Zelândia e Beta Analytic Inc.), não possuíam colagénio susceptível de permitir datação. A cronologia absoluta da estação mantém-se assim em aberto, existindo evidências no registo estratigráfico do Palácio Ludovice que suportam a hipótese de as camadas B e C, que constituem o seguimento da unidade 38/44 dos Lumières, poderem ser mais recentes, de acordo com os resultados obtidos por termoluminiscência que a situam no último quartel do V/primeiro quartel do IV milénio a.C. (VALERA, 2006; VALERA, 2014), cronologia já integrável no Neolítico Médio.

A chave para a compreensão dos processos de formação da sequência estratigráfica identificada reside na diferenciação estabelecida entre as duas referidas camadas, nem sempre evidente (Tabela 1). As observações de campo sugerem que B corresponde ao sedimento que cobriu os vestígios da ocupação do Neolítico Antigo evolucionado, incluindo abundantes detritos de matéria orgânica, e C a um depósito formado lentamente pelos materiais transportados por escorrência ao longo da encosta, que possibilitou o desenvolvimento de um solo *a posteriori*.

Os futuros estudos arqueológicos e pedológicos (micromorfológicos), poderão vir a substanciar esta hipótese, clarificando a sequência dos processos sedimentares, antrópicos e naturais. Esta diferenciação interna entre camadas do dito paleossolo foi notada também na Rua dos Mouros n.º 10, onde se propôs distinção entre as unidades correspondentes a “nível de ocupação” e “nível de abandono” (FILIPE, 2017), acompanhadas das mesmas características sedimentares e de distribuição do espólio observadas no Palácio Ludovice (Tabela 1). Acresce o facto de as estruturas antrópicas, em posição primária, identificadas no Palácio Ludovice – assim como na Rua dos Mouros n.º 10 – assentarem na superfície de A, por baixo de B e C (vários exemplos nas Figs. 4 e 5), ou seja, por baixo da unidade 38/44 do Palácio dos Lumières, que foi datada, como acima se referiu, sendo desde modo necessariamente mais antigas do que aquela.

O gretamento superficial e formação de condições hidromórficas são evidentes em B e C (Fig. 3 c, 3 d, 6 a e 6 b) e sugerem a existência de períodos de encharcamento ou em que a superfície se encontrou sob película aquosa. Pode, aliás, ter sido a própria ocupação humana, sobre A, a causar tal saturação, ao reduzir a permeabilidade da superfície devido à compactação. Já a camada C pode ter sofrido pedogénese, mas a ocorrência de concentrações de espólio lítico e cerâmico em bolsas aponta para processos naturais, de transporte por gravidade ao longo da encosta. Se é difícil conceber-se o estabelecimento de um acampamento numa superfície encharcada, também não é expectável que numa superfície ocupada se desenvolva um solo, no sentido pedológico do termo. Parece mais lógico assumir que ambos os processos – encharcamento e pedogénese – tiveram lugar quando o sítio já não se encontrava ocupado, mais precisamente, algures no início do 4.º milénio a. C., segundo a datação obtida no Palácio dos Lumières.

O fim do período de pedogénese é marcado pelos processos de transporte sólido ao longo da encosta a ganharem predominância, criando canais de escoamento ao longo dos quais foram transportados grandes quantidades de objetos fragmentados, acumulados ao longo dos próprios canais (Fig. 3 b-d), conforme as

variações energéticas do regime torrencial. Neste contexto, é improvável que no decurso da formação das camadas C, D e E se tenham estabelecido estruturas ou ocupações prolongadas, até às primeiras construções periurbanas de Lisboa quinhentista.

5 – CONCLUSÃO

A escavação integral do subsolo do Palácio Ludovice veio comprovar aquilo que os trabalhos arqueológicos anteriores, realizados em redor faziam prever: a identificação de contextos neolíticos em posição primária existentes no subsolo desta área urbana, onde a arqueologia realizada no âmbito da mitigação de impactes decorrentes da construção urbana desempenhou um papel crucial.

A distribuição das estruturas primárias neolíticas, considerando os contextos já identificados da Rua dos Mouros n.º 10, apontam para uma maior incidência de contextos melhor conservados no sentido ascendente da colina. Em particular, as Travessas da Boa Hora e da Cara, e as Ruas do Diário de Notícias, do Teixeira e dos Mouros, parecem ser as áreas de maior incidência de melhor conservação de contextos primários. Para Sul, não parece ser tão evidente a ocorrência de estruturas. A maior perceção espacial, proporcionada pela escavação em área, permitiu verificar que não correspondem a estruturas antrópicas, citadas em trabalhos preliminares (REIS *et al.*, 2017), quaisquer contextos intervencionados pelos trabalhos de sondagem de diagnóstico junto à Travessa da Boa Hora. Com efeito, nesta frente, foram registados com maior expressão os canais escavados por torrentes sazonais e, sobre estes, bolsas de concentração de espólios neolíticos, transportados por gravidade ao longo da encosta, que pós-datam a ocupação e que se prolongam para Sul.

Não obstante, em toda a área de extensão dos estratos sedimentares silto-arenosos sobre o substrato miocénico do Bairro Alto é essencial precaver a alta probabilidade de estes conterem vestígios da ocupação neolítica, bem como de outros períodos pré-históricos, como indica o achado descontextualizado de um punhal da Idade do Bronze, contido no coluvião, no Palácio Ludovice, aquando das sondagens de diagnóstico (REIS *et al.*, 2017).

A informação mais relevante apresentada neste contributo refere-se ao contexto funerário escavado, o qual foi poupado por poucos centímetros pela abertura dos alicerces oitocentistas. Trata-se da segunda ocorrência publicada no território português de uma sepultura em fossa do Neolítico Antigo, juntando-se ao primeiro exemplo conhecido, igualmente identificado no subsolo da actual cidade de Lisboa. Em ambos os casos o corpo foi colocado em decúbito dorsal com os braços e pernas flectidos, cujas deposições foram associadas a vasos decorados. No caso em apreço, trata-se de exemplar colocado por cima da fossa, como que a marcar o local da tumulação. É assim provável que, pelo menos uma parte das ocorrências aparentemente descontextualizadas de vasos homólogos do Neolítico Antigo registados na Estremadura, vale do Tejo, litoral alentejano e Algarve possam corresponder à sinalização de sepulturas simples em fossa, localizadas em solos arenosos cujos vestígios facilmente desapareceriam.

O contexto primário neolítico representado pela estrutura funerária descrita, desenvolvia-se imediatamente na área contígua a Este por contexto habitacional onde as camadas associadas à ocupação neolítica eram muito ténues e a componente artefactual escassa. Seja como for, trata-se de situação em que ambas as realidades – funerária e doméstica – conviveram lado a lado, tendo o mesmo acontecido no outro contexto da mesma época, sito nos Armazéns Sommer, junto ao Tejo, onde o enchimento da fossa funerária incorporou materiais líticos e faunísticos do povoado adjacente.

Em suma, trata-se de um sítio de primeira importância no estudo da componente funerária das primeiras sociedades neolíticas do ocidente peninsular, correspondendo a área intervencionada à de maior extensão das até publicadas relativas ao Bairro Alto. Em primeira instância, se os sítios da Encosta de Sant'Ana e do Gaio, situado no lado oposto do estuário do Tejo remetiam as ocupações do Neolítico Antigo para a exploração das margens estuarinas, o sítio do Bairro Alto vem evidenciar que a posição em altura também formou parte da neolitização da foz do Tejo, como aliás já se antevia através de sítios em altura mais interiores, inventariados por um de nós (J.L.C.).

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Ana Cristina Araújo, Ana M. Costa, António Faustino Carvalho, César Neves, Cleia Detry, José Pedro Henriques, Patrícia Monteiro e Vanessa Filipe que, quer *in situ* quer na pós-escavação, contribuíram com partilha de ideias e de conhecimento nas diversas vertentes do registo arqueológico do Palácio Ludovice.

REFERÊNCIAS

- AMARO, C.; FILIPE, V.; HENRIQUES, J. & MANSO, C. (2013) – Prisão do Aljube no século XVI-vidros, majólica italiana e cerâmica esmaltada espanhola. *Arqueologia em Portugal-150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 1019-1024.
- ANGELUCCI, D. E.; COSTA, C. & MURALHA, J. (2004) – Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na Encosta de Sant'Ana (Lisboa): considerações geoarqueológicas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (2), p. 27-47.
- BARKER, P. (2003) – Techniques of archaeological excavation. Routledge, London.
- CARDOSO, J. L. (2010) – O Neolítico antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos. *Promontoria Monográfica*. Faro. 15, p. 22-48.
- CARDOSO, J. L. (2011) – A estação do Neolítico Antigo do Carrascal (Oeiras, Lisboa, Portugal). In Bernabeu, J.; Rojo, M. A.; Molina, LL., coords., *Las primeras producciones cerámicas: el VI milénio cal a.C. en la Península Ibérica. Saguntum Extra*. Valência. 12, p. 259-262.
- CARDOSO, J. L. (2015 a) – Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 93-138.
- CARDOSO, J. L. (2015 b) – A estação do Neolítico Antigo do Carrascal (Oeiras, Lisboa, Portugal). *5.º Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2010)*. Actas (2015). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Estudos & Memórias, 8), p. 159-168.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1991) – O espólio arqueológico do algar de João Ramos ou gruta das redondas (Turquel, Alcobaça). *IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1990)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 277-285.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1995) – O povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa). Resultados das escavações de 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 277-298.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1996) – Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 9-26.

- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F. & GIBAJA BAO, J. F. (2013) – O sítio do neolítico Antigo de Cortiçóis – Almeirim, Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, p. 27-61.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da Veiga & CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (2008) – A ocupação do Neolítico Antigo do povoado do Carrascal (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 247-267.
- CARDOSO, J. L.; REBELO, P.; NETO, N. & RIBEIRO, R. Á. (2018) – Enterramento do Neolítico Antigo em fossa na zona ribeirinha de Lisboa (antigos armazéns Sommer). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23, p. 125-140.
- CARITA, H. (1999) – *Lisboa Manuelina. A formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARVALHO, A. F. (2008) – *A neolitização do Portugal Meridional: os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 12).
- CARVALHO, A. F. (2011) – Produção cerâmica no início do Neolítico de Portugal. *Saguntum Extra*. Valência. 12, p. 237-250.
- CASTRO, L. de Albuquerque e & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Vaso de tipo-neolítico do Alto da Toupeira – Lousa. I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958). Actas. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 109-110.
- CASTRO, L. de Albuquerque e & FERREIRA, O. da Veiga (1967) – O povoado neo-eneolítico das Salemas (Ponte de Lousa). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 77 (1-2), p. 39-45.
- CRUZ, A. R. (2015) – A Pré-História Recente do vale do baixo Zêzere.
- DINIZ, M. (2013) – Fossas, fornos, silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas produtivas no Neolítico antigo em Portugal. *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 319-328.
- DINIZ, M. & NEVES, C. (2018) – O princípio do Neolítico no Sudoeste Peninsular (Portugal): uma leitura (breve) dos últimos 20 anos. *VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Serpa-Aroche, 2014)*. Atas, p. 315-350.
- FELIPE, I. (2006) – Palácio dos Lumiares: Análise Preliminar da ocupação moderna. *Era – Arqueologia*. Lisboa. 7, p. 110-125.
- FILIPE, V. (2017) – Sondagens diagnóstico arqueológico. Rua dos Mouros, n.º 10-14 Freguesia da Misericórdia, Lisboa. Nota técnica.
- GASPAR, R. (2009) – Lajinha 8. Neolítico antigo de S. Manços (Évora).
- GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. (2015) – Fire walk with me. O sítio de Cova da Baleia e as primeiras arquitecturas domésticas de terra no Centro e Sul de Portugal. 5.º Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2010). Actas: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa UNIARQ, p. 123-150
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. & MARCHAND, G. (2013) – *Na Margem do Grande Rio. Os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponensas no Guadiana Médio*. Évora: EDIA/DRCALEN (Memórias d’Odiviana, 2.ª Série, 12).
- GUILAINE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 67 (1) p. 304-322.

- HARRIS, E. C. (1989) – Principles of archaeological stratigraphy. Academic Press.
- HENRIQUES, J. P. & FILIPE, V. (2017) – O Neolítico Antigo no Bairro Alto: a ocupação na Rua dos Mouros. Conferência proferida no ciclo de conferências “Lisboa Subterrânea. Trajectos na Arqueologia Lisboaeta Contemporânea”. Sociedade de Geografia de Lisboa.
- LEITÃO, V. & HENRIQUES, J. P. (2014) – Ocupação pré-histórica na encosta de Sant’Ana. Rossio. Lisboa. 3, p. 16-27.
- LÓPEZ-DÓRIGA, I. L. & SIMOES, T. (2015) – Los cultivos del Neolítico Antiguo de Sintra: Lapiás das Lameiras y São Pedro de Canaferrim: resultados preliminares. 5. ° *Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2010)*. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa UNIARQ, p. 98-107.
- MARTÍNEZ-de-LAGRÁN, I. G.; ROJO GUERRA, A. A. & GARCÍA GAZOLÁZ, J. S. (2011) – Cerámicas, estilos y neolitización: estudio comparativo de algunos ejemplos de la Meseta Norte y Alvo Valle del Ebro. *Saguntum Extra* – 12. Valência, p. 83-103.
- MURALHA, J. & COSTA, C. (2006) – A ocupação neolítica da Encosta de Sant’Ana (Martim Moniz, Lisboa). *IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 2004). Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*. Faro: Universidade do Algarve, p. 157-169 (Promontória Monográfica, 4).
- OLIVEIRA, J. de (2006) – *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Edições Colibri.
- PAIS, J.; MONIZ, C.; CABRAL, J.; CARDOSO, J. L.; LEGOINHA, P.; MACHADO, S.; MORAIS, M. A.; LOURENÇO, C.; RIBEIRO, M. L.; HENRIQUES, P. & FALÉ, P. (2006) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 34-D (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.
- REIS, H.; PEREIRO, T.; CABAÇO, N.; RAMOS, R. & VALERA, A. (2017) – Novos dados sobre as ocupações neolíticas do centro de Lisboa. In ARNAUD, J. M. & MARTINS, A. (eds.) *Arqueologia em Portugal 2017 Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SANTOS, F. & CARVALHO, P. (2007) – O sítio neolítico da Defesa de Cima 2 [Torre de Coelheiros, Évora]. Primeiros resultados. *Vipasca*. Aljustrel. 2.ª série, 2, p. 56-68.
- SILVA, C. Tavares da.; SOARES, J. (1981) – *Pré-História da área de Sines. Trabalhos arqueológicos de 1972/77*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, I. M. & PEREIRO, T. (2018) – Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Palácio Ludovice. Sondagens de Diagnóstico Arqueológico.
- SIMÕES, T. (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra: contribuições para o estudo da neolitização da península de Lisboa*. Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 12).
- SOUSA, A. C. (2017) – Os tempos do Neolítico na região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23, p. 459-518.
- SOUSA, A. C.; GIBAJA BAO, J.; MAZZUCO, N.; MIRANDA, M.; TERESO, J. P. V.; OLIVEIRA, C. & GONÇALVES, V. S. (2018) – Clay combustion structures in early Mesolithic at Cova da Baleia (Mafra, Portugal): Approaches to their functionality. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 18, p. 984-999.
- SPINDLER, K. (1978) – Eine siedlung des Parede-Typus von Vale de Lobos in Portugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 19, p. 11-22.
- STRUEVER, S. (1968) – Flotation techniques for the recovery of small-scale archaeological remains. *American Antiquity*. 33 (3), p. 353-362.

- VALERA, A. C. (1998) – A neolitização da bacia interior do Mondego. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 131-148.
- VALERA, A. C. (2006) – O Neolítico da desembocadura do Paleo Estuário do Tejo: dados preliminares do Palácio dos Lumiares (Bairro Alto, Lisboa). *Era-Arqueologia*. Lisboa. 7, p. 86-108.
- VALERA, A. C. (2014) – Antes de Lisboa. Palácio dos Lumiares: uma janela sobre a Pré-História da foz do Tejo. *Rossio. Estudos de Lisboa*. 3. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- VALERA, A. C.; COELHO, M.; FERREIRA, Â. (2008) – Novos dados sobre a ocupação neolítica do Bairro Alto (Lisboa): intervenção na Travessa da Boa Hora. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 2, p. 7-12.
- WRIGHT, P.J. (2005) – Flotation samples and some paleoethnobotanical implications. *Journal of Archaeological Science*. 32 (1), p. 19-26.

O ESPÓLIO METÁLICO DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS) INVENTARIAÇÃO E ESTUDO ANALÍTICO

THE METALLIC ARTIFACTS OF THE PREHISTORIC FORTIFIED SETTLEMENT OF LECEIA (OEIRAS) INVENTORY AND ANALYTICAL STUDY

J. L. Cardoso⁽¹⁾, C. Bottaini^(2,3), J. Mirão⁽²⁾, R. J. Silva⁽⁴⁾ & R. Bordalo^(2,5) *

Abstract

This paper presents the results of a study carried on a collection of 144 metal artefacts from the Early (ca. 2800-2600/2500 a.C.) and the Middle/Final Chalcolithic (ca. 2600/2500-2000 a.C.), found at the site of Leceia (Oeiras, Central Portugal) during the excavations conducted between 1983 and 2000. A systematised analysis of the collection was provided in order to enumerate the different typologies found in the site and to determine their chemical composition. From a typological point of view, a great diversity of artifacts was found, namely, punches, fish-hooks, flat axes, chisels, saws, ingots and foundry remnants. Elemental analysis, by X-ray Fluorescence, shows that the artefacts were made of copper, with a variable occurrence of arsenic, nickel, silver, antimony, bismuth, lead and iron. In this paper, data is exposed and discussed within the regional early metallurgy.

Keywords: Central Portugal, XRF, Chalcolithic, Early metallurgy.

1 - INTRODUÇÃO

Os trabalhos recentemente realizados sobre a primeira metalurgia do território português têm vindo a realçar o papel da Estremadura portuguesa enquanto uma das regiões chave para a compreensão das dinâmicas vinculadas à introdução e à consolidação da prática metalúrgica no Ocidente Ibérico. Os dados procedentes de vários sítios da região estremenha revelam um quadro caracterizado pela presença de povoados fortificados de época calcolítica de médias e grandes dimensões, i.e. Outeiro de São Mamede (Bombarral) (Fig. 1, n.º 1), Castro de Pragança (Cadaval) (Fig. 1, n.º 2), Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (Fig. 1, n.º 3), Zambujal (Torres Vedras) (Fig. 1, n.º 4), Moita da Ladra (Vila Franca de Xira) (Fig. 1, n.º 5), Leceia (Oeiras) (Fig. 1, n.º 6) e Outeiro Redondo (Sesimbra) (Fig. 1, n.º 7), em que a presença de vestígios ligados à produção e uso de objetos metálicos é documentada ao longo do 3.º milénio a.C.

Neste quadro, Leceia detém um papel de primeiro plano, tratando-se do único dos grandes povoados regionais para o qual se conhece uma estratigrafia de ampla diacronia e baseada em datações radiométricas que

* (1) Universidade Aberta. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras. ICAREHB (Universidade do Algarve). (2) Laboratório HERCULES, Universidade de Évora. (3) CityUMacau Chair in Sustainable Heritage, Universidade de Évora. (4) Universidade Nova de Lisboa, CENIMAT. (5) Universidade Católica, Porto.



Fig. 1 – Localização dos principais sítios calcolíticos da Estremadura com espólios metálicos já estudados. 1 – Outeiro de São Mamede; 2 – Pragança; 3 – Vila Nova de São Pedro; 4 – Zambujal; 5 – Moita da Ladra; 6 – Leceia; 7 – Outeiro Redondo.

permitem um claro enquadramento cronológico e cultural do processo que conduziu à introdução e desenvolvimento da metalurgia do cobre no povoado e na região da Estremadura.

Em Leceia, a prática da metalurgia aparece documentada já no Calcolítico Inicial (ca. 2800-2600/2500 a.C.), generalizando-se, contudo, numa fase bastante avançada da história do sítio, no Calcolítico Pleno/Final (ca. 2600/2500-2000 a.C.), altura em que a fortificação já se encontrava parcialmente abandonada.

De acordo com o registo arqueológico, conhecem-se diversos grupos de artefactos, à semelhança do que é documentado noutros povoados estremenhos, como machados planos, cinzeis, punções, serras/foices e anzóis, entre outros, com formas muito características respeitando modelos supra-regionais, cuja produção local, pelo menos nalguns casos, é comprovada pela presença de restos de fundição. É interessante observar, contudo, que tais restos não são via de regra acompanhados de cadinhos de fundição, dado que apenas se conhece um exemplar recolhido em contexto do Calcolítico Inicial faltando pois na época a que corresponde a quase totalidade do espólio metálico.

Apesar de os estudos sobre composições de peças arqueológicas de cobre utilizando métodos não destrutivos terem sido executados pela primeira vez em Portugal sobre espólios de Leceia, com uso de Fluorescência de raios-X (XRF) (GIL, FERREIRA & CARDOSO, 1979), o rico espólio metálico encontrado ao longo das campanhas de escavação conduzidas entre 1983 e 2000 por um de nós (J. L. C.) ainda não tinha sido estudado

na sua globalidade e de forma detalhada. Tal situação contrastava com o verificado para outros conjuntos de materiais, i.e. pedra polida (CARDOSO, 1999/2000; CARDOSO, 2004), cerâmicas (CARDOSO, 2007), objetos ideotécnicos (CARDOSO, 2009) e objetos de pedra lascada (CARDOSO & MARTINS, 2013).

No entanto, um grupo selecionado de metais tinha já sido alvo de contributos muito importantes, com recurso a técnicas analíticas à data inovadoras para o panorama arqueometalúrgico do território português. É o caso do estudo metalográfico de um lingote de cobre (CARDOSO & FERNANDES, 1995), de análises químicas recorrendo a técnicas de XRF, Fast Neutron Activation Analysis (FNAA) e Laser Ablation Inductively Coupled Plasma Mass Spectrometry (LA-ICP-MS) (CARDOSO & GUERRA, 1997/98). Mais tarde, com o objetivo de procurar identificar as fontes de matéria-prima, realizou-se um estudo que contemplou, primeiro, análises por Energy Dispersive X-ray fluorescence analysis (ED-XRF) e, depois, por Multi Collector - Inductively Coupled Plasma Mass Spectrometry (MC-ICP-MS) (MÜLLER & CARDOSO, 2008). Os resultados obtidos indicavam uma origem provável do cobre na Zona de Ossa Morena, onde o cobre se associava a corpos filoneanos de quartzo tardi-hercínicos, em mineralizações disseminadas.

Dado o rico espólio metálico encontrado em Leceia e tendo ainda em conta que, até à data, ainda não se tinha procedido a um trabalho de conjunto sobre a totalidade da coleção, tendo também presente a diversidade dos instrumentos nela representados, pretende-se, com o presente contributo, dar a conhecer a composição, através de um espectrómetro portátil de fluorescência de raios-X (pXRF), das peças encontradas no decorrer das duas décadas de escavações, a par da correlação com as características morfológicas e funcionais dos exemplares analisados.

2 – A METALURGIA EM LECEIA. CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS ACHADOS

2.1 – Os contextos

As três fases culturais e as cinco fases construtivas identificadas em Leceia entre o Neolítico Final e o final do Calcolítico distribuem-se ao longo de quase 1500 anos para um intervalo de confiança de cerca de 95%, desde a segunda metade do 4.º milénio a.C. e o final do 3.º milénio a.C.

O espólio metálico, que perfaz um peso de ca. 1,4 kg, ocorre a partir da camada correspondente ao Calcolítico Inicial (Camada 3) (2800-2600/2500 a.C., de acordo com SOARES & CARDOSO, 1995), embora a metalurgia esteja nela presente de forma marginal, representada por apenas nove artefactos e um fragmento de cadinho de fundição. É na Camada 2, enquadrável na segunda metade do 3.º milénio a.C., com espólios do Calcolítico Pleno/Final da Estremadura que ocorre a quase totalidade das evidências vinculadas à metalurgia (Fig. 2).

Tendo presente a distribuição de espólios metálicos na área escavada respeitante à Camada 2, verifica-se que as ocorrências no exterior da linha defensiva mais avançada são residuais, ao mesmo tempo que os espólios se concentram no espaço intramuros mais elevado do povoado, que foi o último a deixar de ser ocupado, no decurso do Calcolítico Pleno/Final. Deste modo, pode concluir-se que foi a dinâmica populacional aqui observada no decurso do 3.º milénio a.C., e que levou a que determinadas áreas do espaço anteriormente habitado fossem progressivamente abandonadas, que explica a distribuição dos espólios metálicos exumados, os quais não foi possível associar a estruturas específicas de produção. É exceção a ocorrência de um anzol de cobre (Fig. 6, n.º 9), o qual provém do interior de uma lareira onde teria sido confeccionado o peixe que o continha.

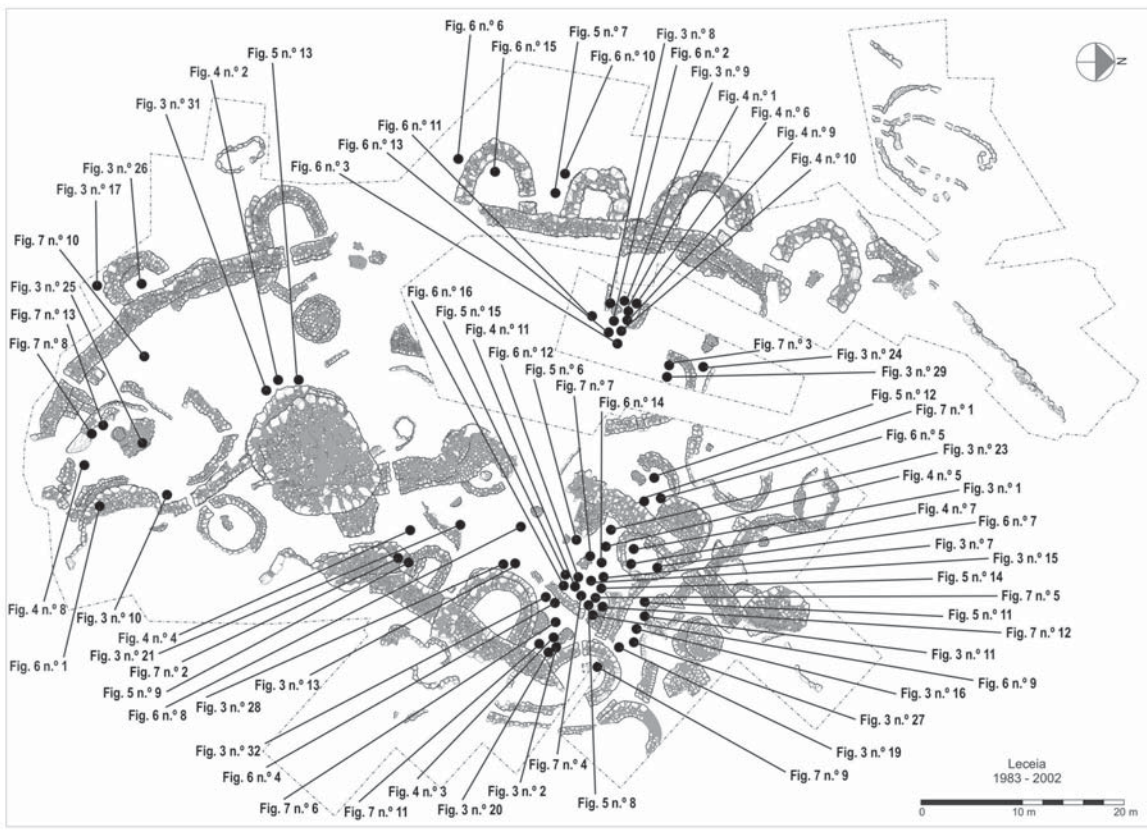


Fig. 2 – Leceia. Distribuição dos artefactos pelos diversos contextos na camada 2, Calcolítico Pleno/Final (em cima) e pela camada 3, Calcolítico Inicial (em baixo).

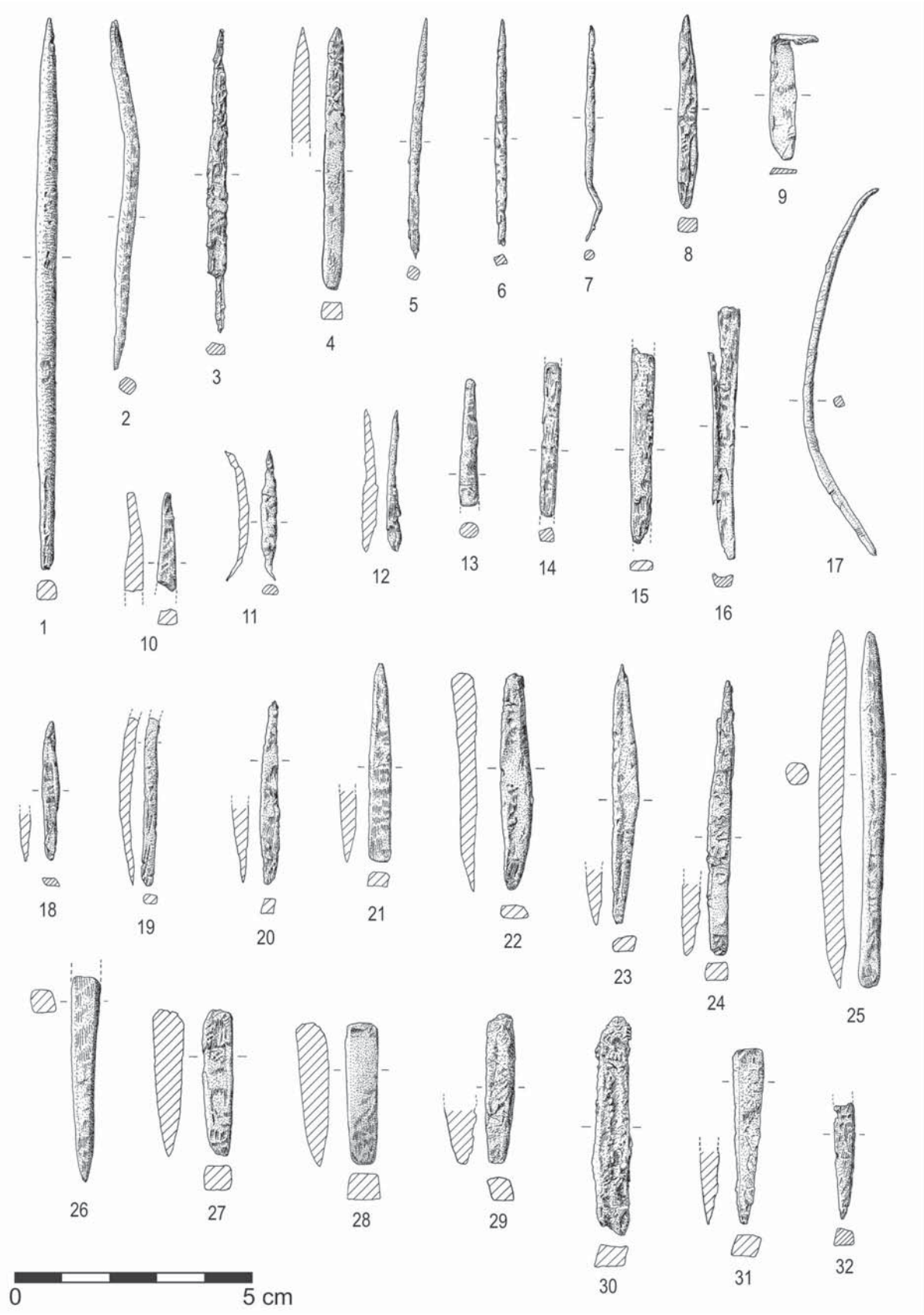


Fig. 3 – Leceia. Punções e escopros. Desenhos de B. L. Ferreira.

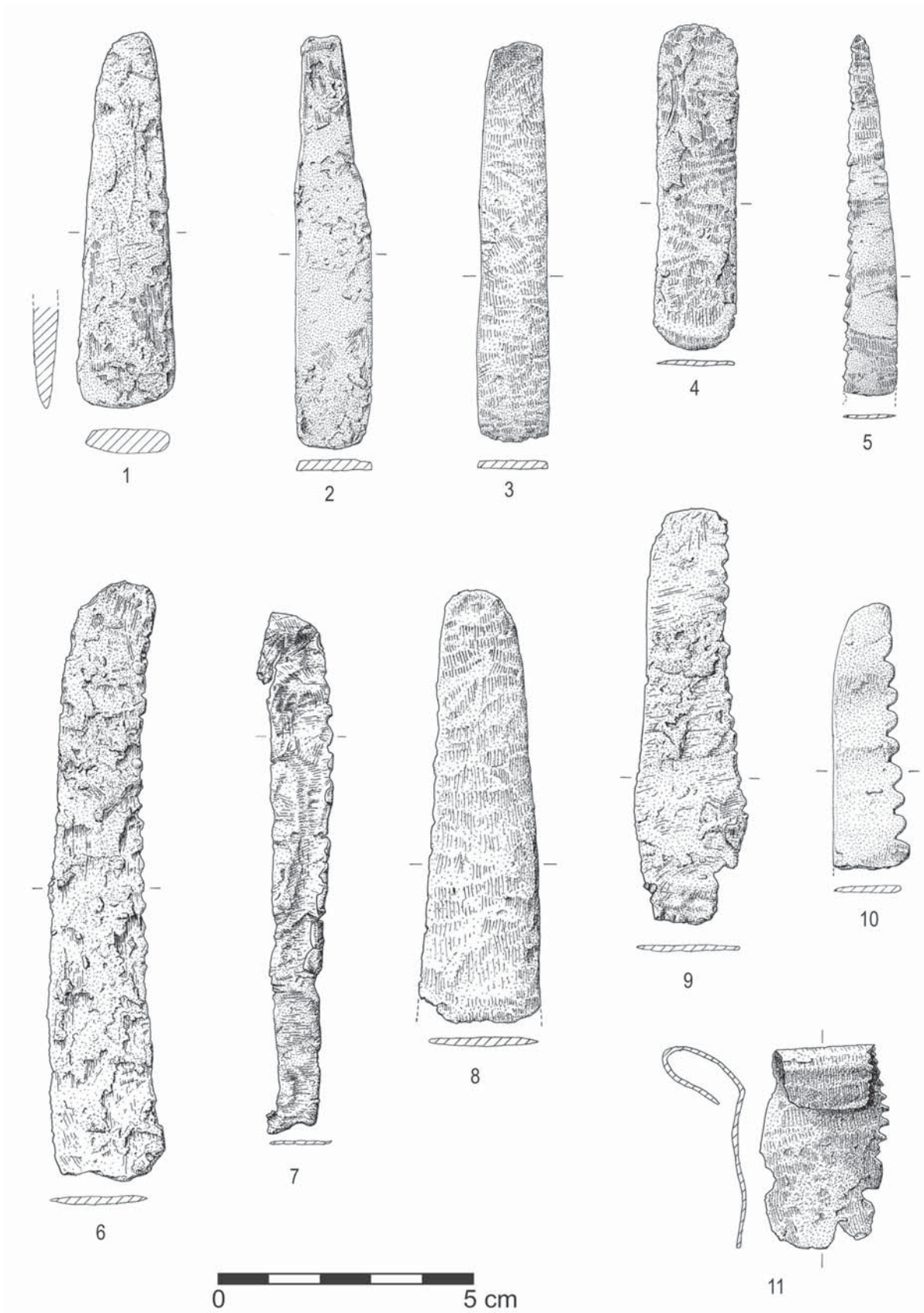


Fig. 4 - Leceia. Facas espatuladas, formões/raspadeiras e serras. Desenhos de B. L. Ferreira.

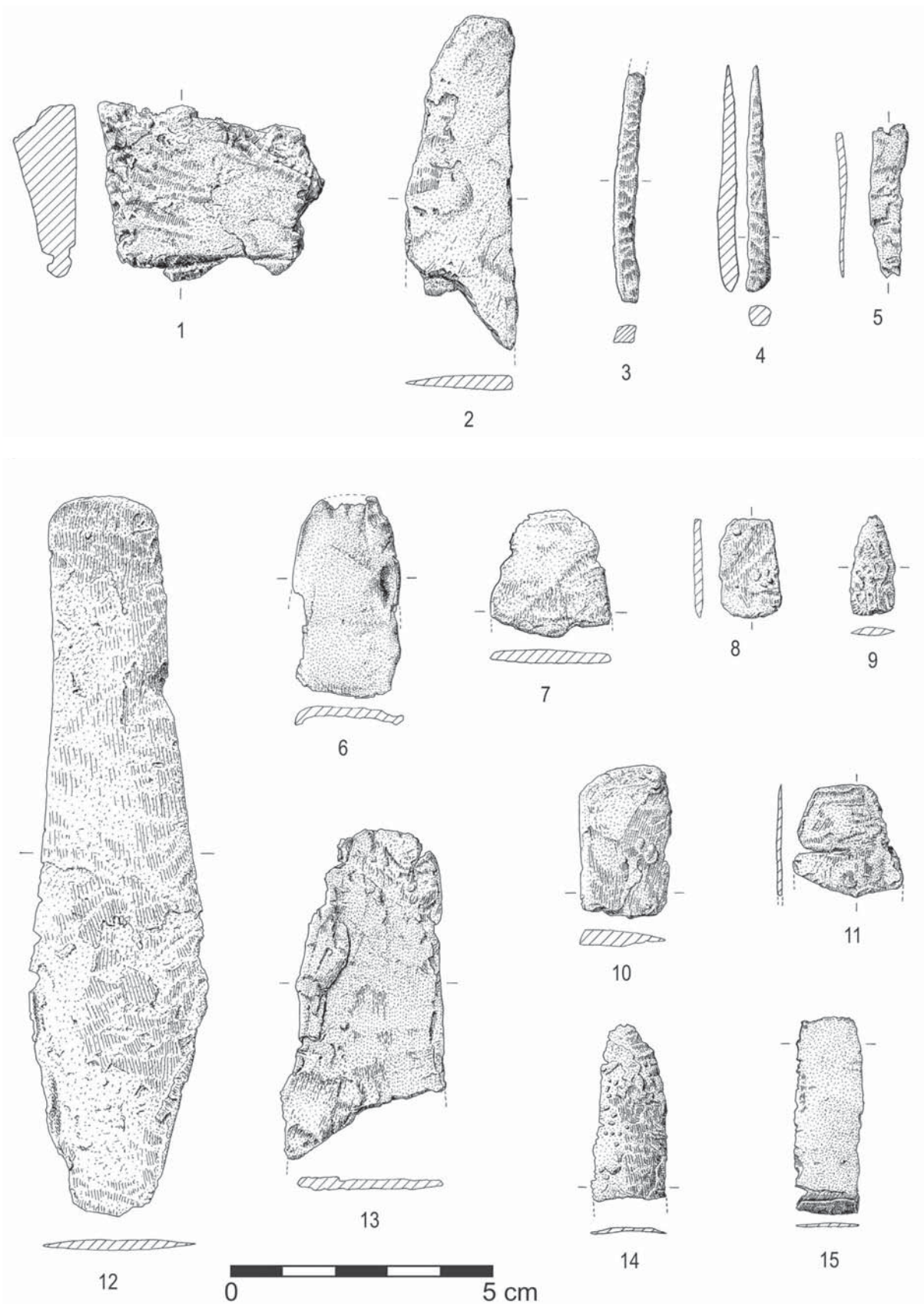


Fig. 5 – Leceia. Facas, peças indeterminadas, punções e lingote. Desenhos de B. L. Ferreira.

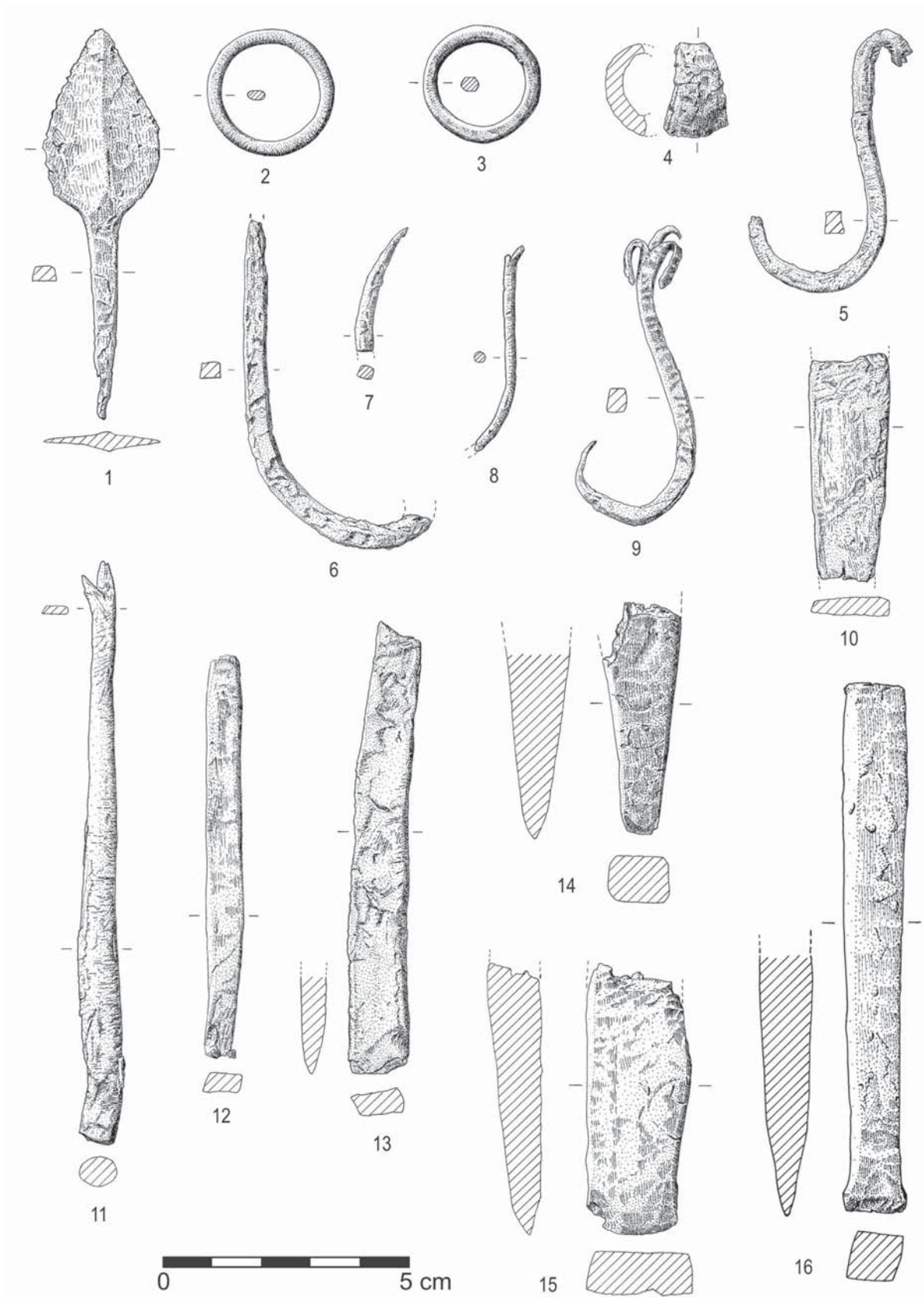


Fig. 6 – Leceia. Ponta de seta, argolas (Idade do Bronze), punção/artefacto de fazer rede, peças indeterminadas, anzóis e escopros.
Desenhos de B. L. Ferreira.

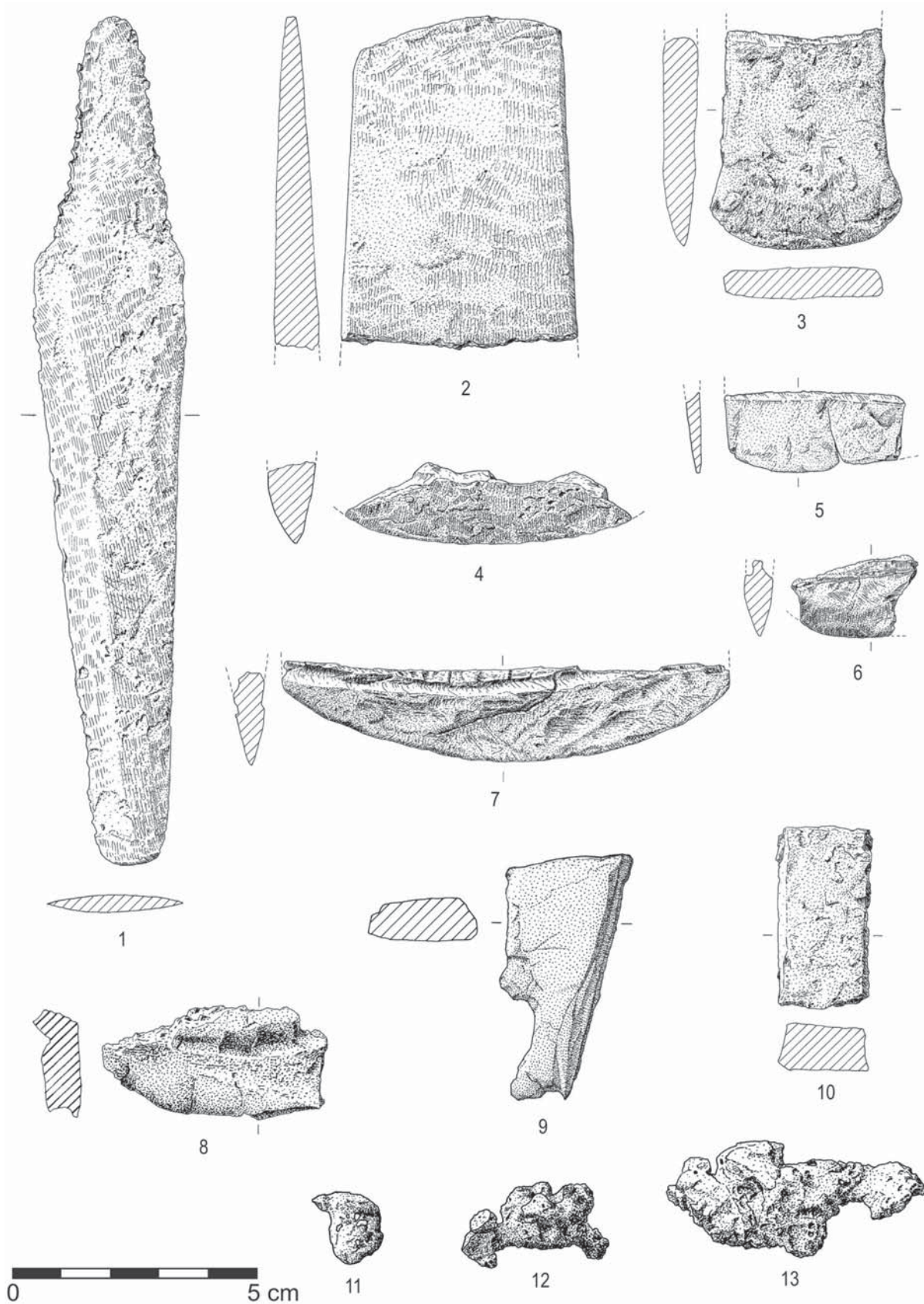


Fig. 7 - Leceia. Resíduos de fundição, lingotes, machados planos, peças indeterminadas e faca/punhal. Desenhos de B. L. Ferreira.

2.2 – Os materiais

A distribuição tipológica conduziu aos resultados apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Resultados analíticos obtidos nos 147 artefactos estudados de Leceia, incluindo 3 argolas da Idade do Bronze.

Ref. Lab	ID peças	Tipo	Cu	As	Ni	Ag	Sb	Bi	Pb	Fe	Sn	Zn	Camada	Fig.
LEC01	LC/86 P	restos metálicos	99,17	0,745	0	0,02	0,01	0	0,025	0,03	0	0	2	6.11, 6.12, 6.13
LEC02	LC casa EV C2	faca espatulada	98,27	1,71	0	0,007	0	0	0,013	0	0	0	2	4.12
LEC03	LC/93 sobre FB C2	lingote	99,18	0,216	0	0,18	0,223	0,044	0,117	0,04	0	0	2	5.8
LEC04	LC/93 XX1 C2	ponta de seta	99,41	0,501	0	0,03	0,023	0	0,035	0,001	0	0	2	5.1
LEC05	LC/88 N CC C2	machado plano	96,26	3,68	0	0,025	0	0	0,025	0,01	0	0	2	6.2
LEC06	LC 3,4 C2	indeterminado	99,14	0,845	0	0,007	0	0	0,008	0	0	0	2	6.9
LEC07	LC/90 lag. EL C2	indeterminado	99,84	0,034	0	0,033	0,018	0	0,031	0,044	0	0	2	6.10
LEC08	LC/90 EP C2	machado plano	97,93	1,9	0	0,06	0	0	0,041	0,069	0	0	2	5.15
LEC09	LC/87 QI C2	machado plano	99,07	0,864	0	0,02	0	0	0,026	0,02	0	0	2	6.4
LEC10	LC EV C2	faca/punhal	98,44	1,47	0	0,033	0,015	0	0,032	0,01	0	0	2	6.1
LEC11	LC/84 A2	anzol	98,87	1,02	0	0,04	0	0	0,06	0,01	0	0	2	5.9
LEC12	LC/86 casa P C2	formão / raspadeira	99,28	0,66	0	0,025	0,013	0	0,022	0	0	0	2	3.3
LEC13	LC/93 EH/XXI C2	faca espatulada	98,43	1,5	0	0,022	0,008	0	0,04	0	0	0	2	3.8
LEC14	LC/87 QI C2	escopro	98,16	1,72	0	0,03	0,005	0	0,013	0,072	0	0	2	5.16
LEC15	LC/84 V2 Q5 C2	escopro	99,8	0,095	0	0,04	0,005	0	0,02	0,04	0	0	2	5.14
LEC16	LC/8 int C.E. C2	punção	98,55	1,36	0	0,013	0,03	0	0,032	0,015	0	0	2	2.1
LEC17	LC/84 uu QI C2	serra	97,14	2,83	0	0	0	0	0,027	0,003	0	0	2	3.11
LEC18	LC/88 C2	indeterminado, chapa	96,17	2,3	1,21	0,074	0,145	0,026	0,075	0	0	0	2	4.9
LEC19	LC/88 M.SS C2	punção	99,54	0,386	0	0,028	0,02	0	0,025	0,001	0	0	2	2.21
LEC20	LC/00 GA C2	formão / raspadeira	98,66	1,16	0	0,066	0,045	0,009	0,06	0	0	0	2	3.1
LEC21	LC/87 QI C2	indeterminado, chapa	96,92	3,01	0	0	0,012	0	0,023	0,035	0	0	2	4.14
LEC22	LC/84 35 A V4 Q1	indeterminado, chapa	98,45	1,32	0	0,065	0,071	0,008	0,065	0,021	0	0	2	6.5
LEC23	LC/88 C3	indeterminado	97,7	2,02	0	0,09	0,07	0,031	0,074	0,015	0	0	3	4.5
LEC24	LC/91 ENTRE EP/ ER C2	escopro	98,77	1,15	0	0,02	0,01	0	0,039	0,011	0	0	2	5.10
LEC25	LC/87 E C2	serra	96,15	3,26	0	0,167	0,149	0,113	0,142	0,019	0	0	2	3.7
LEC26	LC/84 V2 Q5 C2	serra	98,87	1,06	0	0,025	0,015	0	0,03	0	0	0	2	4.15
LEC27	LC/94 N. M.M. C2	formão / raspadeira	97,3	2,42	0	0,076	0,045	0,062	0,066	0,031	0	0	2	3.2
LEC28	LC/93 Ext. EP C2	anzol	97,59	2,23	0	0,05	0,052	0	0,067	0,011	0	0	2	5.6
LEC29	LC/00 GA C2	escopro	98,64	1,26	0	0,034	0,03	0	0,036	0	0	0	2	5.13
LEC30	LC/86 Q II C3	punção	97,99	1,72	0	0,08	0,082	0,023	0,105	0	0	0	3	4.3
LEC31	LC	escopro	97,74	2,02	0	0,073	0,055	0,02	0,058	0,034	0	0	2	2.30
LEC32	LC/92 C2	punção	97,92	1,94	0	0,043	0,038	0	0,05	0,009	0	0	2	2.14
LEC33	LC/85 8 C2	punção	98,11	1,63	0	0,074	0,063	0,02	0,079	0,024	0	0	2	2.22
LEC34	LC94/ W MM. C2	Indeterminado, chapa	97,74	2,04	0	0,035	0,035	0,006	0,12	0,024	0	0	2	4.13, 4.6

Ref. Lab	ID peças	Tipo	Cu	As	Ni	Ag	Sb	Bi	Pb	Fe	Sn	Zn	Camada	Fig.
LEC35	LC/86 QIV 5,6; 1,2 C2	punção	98,71	1,14	0	0,04	0,035	0	0,055	0,02	0	0	2	2.2
LEC36	LC/85 QI 8; 2,3 C2	punção	99,07	0,81	0	0,04	0,021	0	0,038	0,021	0	0	2	2.15
LEC37	LC/86 cas. P C2	punção	99,75	0,127	0	0,05	0,025	0	0,048	0	0	0	2	2.20
LEC38	LC/86 SII C2	punção	98,13	1,67	0	0,047	0,056	0,024	0,063	0,01	0	0	2	2.11
LEC39	LC/87 QI C2	punção	98,28	1,54	0	0,033	0,021	0,07	0,036	0,02	0	0	2	2.23
LEC40	LC/86 P	indeterminado	98,79	1,13	0	0,01	0,005	0	0,017	0,048	0	0	2	6.11
LEC41	LC/38 V6 Q2 C2	punção	98,44	1,5	0	0,01	0,01	0	0,04	0	0	0	2	2.16
LEC42		punção	99,84	0,03	0	0,055	0,02	0	0,04	0,015	0	0	2	2.4
LEC43	LC/17,21 e 20/8/84 V4 Q2 C2	punção	98,53	1,32	0	0,045	0,038	0	0,055	0,012	0	0	2	2.32
LEC44	LC/87 Ext. bast. G C2	escopro	97,77	2,16	0	0,008	0,012	0	0,039	0,011	0	0	2	2.28
LEC45	LC/88 bb C2	anzol	96,99	2,71	0	0,055	0,032	0,016	0,194	0,003	0	0	2	5.8
LEC46	LC/90 EO C2	punção	98,99	0,925	0	0,02	0,005	0	0,02	0,04	0	0	2	2.26
LEC47	LC QI 6,7; 9,10 C2	punção	98,55	1,18	0	0,07	0,08	0,03	0,071	0,019	0	0	2	2.7
LEC48	LC/84 V6 QI Q2 Q3 C1	punção	98,05	1,79	0	0,044	0,062	0	0,045	0,009	0	0	2	2.19
LEC49	LC/89 MUR XX C2	punção	98,98	0,21	0,095	0,106	0,14	0,002	0,467	0	0	0	2	2.10
LEC50	LC/93 FC C2	punção	98,48	1,41	0	0,025	0,02	0	0,033	0,032	0	0	2	2.25
LEC51	LC/93 C. FC C3	punção	98,69	1,09	0	0,08	0,072	0,005	0,063	0	0	0	3	4.4
LEC52	LC/99 FT C2	punção	97,33	2,61	0	0,018	0,005	0	0,03	0,007	0	0	2	2.29
LEC53		punção	99,25	0,613	0	0,05	0,03	0	0,055	0,002	0	0	2	2.3
LEC54	LC/00 GA C2	Indeterminado, chapa	99,45	0,23	0	0,084	0,085	0,023	0,088	0,04	0	0	2	2.9
LEC55	LC/84 X2 Q8 C2 37	punção	98,42	1,52	0	0,021	0,01	0	0,029	0	0	0	2	2.27
LEC56	LC/90 C2 EO	punção	97,86	1,94	0	0,07	0,061	0,012	0,057	0	0	0	2	2.6
LEC57	LC/90 ext. EH C2	punção	96,07	3,57	0	0,12	0,117	0,03	0,081	0,012	0	0	2	2.17
LEC58	LC/87 int. B C2	anzol	96,68	2,81	0	0,087	0,092	0,06	0,27	0,001	0	0	2	5.7
LEC59	LC/99 FR/FT C2	punção	96,45	3,4	0	0,045	0,033	0	0,042	0,03	0	0	2	2.24
LEC60	LC/87 C2	punção	96,89	2,99	0	0,045	0,024	0	0,051	0	0	0	2	2.12
LEC61	CA 60 LC	Indeterminado, chapa	95,15	4,78	0	0,02	0,01	0	0,04	0	0	0	2	4.8
LEC62	LC QN 3,4; 4,2 C2	indeterminado	96,89	3,07	0	0,01	0,001	0	0,029	0	0	0	2	5.4
LEC63		punção	98,53	1,24	0	0,077	0,049	0	0,099	0,005	0	0	2	2.5
LEC64	LC/88 G C2	punção	87,32	0,189	0,03	0,08	0,239	0,149	2,93	0,119	8,95	0	superfície	2.13
LEC65	LC/88 P C2	lingote	99,11	0,803	0	0,03	0,02	0	0,035	0,002	0	0	2	6.6
LEC66	LC/89 TT C2	formão / raspadeira	96,88	3,07	0	0,02	0,009	0	0,019	0,002	0	0	2	3.4
LEC67		Indeterminado, chapa	99,79	0,06	0	0,036	0,03	0	0,049	0,035	0	0	2	4.10
LEC68	LC/00 GA C2	punção	98,72	1,13	0	0,054	0,04	0	0,05	0,006	0	0	2	2.8
LEC69	LC/00 GA C2	punção	98,87	1,03	0	0,048	0,01	0	0,042	0	0	0	2	2.18
LEC70	LC/85 SII C2	indeterminado, chapa	98,03	1,9	0	0,025	0,016	0	0,029	0	0	0	2	4.11
LEC71	LC/87 Mur BB C3	faca	97,13	2,73	0	0,027	0,027	0	0,036	0,05	0	0	3	4.2
LEC72	LC/00 GA C2	argola	72,14	0,72	0,02	0,55	0,23		8,2	0,51	10,04	7,59	superfície	5.2
LEC73	LC/91 EP/EQ C2	indeterminado, chapa	94,78	5,07	0	0,046	0,039	0	0,055	0,01	0	0	2	4.7

Ref. Lab	ID peças	Tipo	Cu	As	Ni	Ag	Sb	Bi	Pb	Fe	Sn	Zn	Camada	Fig.
LEC74	LC/94 Aw MM C2	punção	98,04	1,86	0	0,024	0,014	0	0,05	0,012	0	0	2	2.31
LEC75	LC/00 GA C2	serra	95,77	4,04	0	0,055	0,046	0	0,036	0,053	0	0	2	3.6
LEC76	LC/84 A2	restos metálicos	99,47	0,287	0	0,057	0,05	0,003	0,088	0,045	0	0	2	
LEC77	LC/01 S. GA C2	escopro	96,55	2,66	0	0,244	0,312	0,096	0,136	0,002	0	0	2	5.11
LEC78	LC/99 EV C2	anzol	98,9	0,917	0	0,05	0,02	0	0,093	0,02	0	0	2	5.5
LEC80	LC/84 V2 Q5 C2	serra	99,12	0,743	0	0,05	0,02	0,012	0,055	0	0	0	2	3.5
LEC81	LC/98 FO C3	lingote	96,87	2,86	0	0,06	0,072	0,028	0,06	0,05	0	0	3	4.1
LEC82	LC/00 FT C2	machado plano	96,45	3,24	0	0,09	0,095	0,014	0,061	0,05	0	0	2	6.3
LEC83	LC/00 GA C2	serra	98,77	0,801	0	0,076	0,162	0,095	0,06	0,036	0	0	2	3.10
LEC84	LC/00 GA C2	argola	75,88	0,38	0,06	0,19	0,40	0,17	4,07	1,94	8,92	7,99	superfície	5.3
LEC85	LC/00 GA C2	serra	97,08	2,8	0	0,055	0,032	0	0,024	0,009	0	0	2	3.9
LEC86	LC/87 Lar. SS QI C2	lingote	99,03	0,814	0	0,045	0,055	0	0,036	0,02	0	0	2	6.7
LEC87	LC/84 23 V6 Sup	escopro	99,32	0,633	0	0,01	0	0	0,037	0	0	0	2	5.12
LEC88		indeterminado	98,77	1,06	0	0,066	0,044	0	0,05	0,01	0	0	2	
LEC89	LC/87 casa Z MU.SUP.	indeterminado, chapa	99,32	0,518	0	0,057	0,051	0	0,051	0,003	0	0	2	
LEC90		indeterminado	99,21	0,727	0	0,025	0,015	0	0,022	0,001	0	0	2	
LEC91	LC/87 2ª CASA EXT. BAST. G C2	indeterminado	96,49	3,31	0	0,06	0,063	0,01	0,065	0,002	0	0	2	
LEC92		indeterminado	99,07	0,868	0	0,016	0	0	0,02	0,026	0	0	2	
LEC93	V2 Q5 Leceia superfície 2	argola	77,96	0,984	0,223	0,172	1,33		8,86	0,000	2,45	8,01	superfície	
LEC94		indeterminado	98,31	1,66	0	0,01	0	0	0,02	0	0	0	2	
LEC95		indeterminado	95,87	3,86	0	0,08	0,05	0,055	0,075	0,01	0	0	2	
LEC96	LC/01 S. GA C2	indeterminado	97,14	2,73	0	0,05	0,03	0	0,041	0,009	0	0	2	
LEC97	LC/87 NN C2	indeterminado	97,75	1,85	0	0,129	0,11	0,047	0,1	0,014	0	0	2	
LEC98		indeterminado	96,9	2,77	0	0,101	0,091	0,044	0,09	0,004	0	0	2	
LEC99		machado plano	98,74	0,798	0,28	0,055	0,071	0,005	0,045	0,006	0	0	2	
LEC100	LC/21 e 17/8/84 V4 Q3 C2	indeterminado, chapa	97,19	2,6	0	0,057	0,066	0,02	0,067	0	0	0	2	
LEC101	Leceia 15/8/85 QI 8,9; 5,6,7,8,9 C2	indeterminado	98,26	1,34	0	0,103	0,102	0,045	0,1	0,05	0	0	2	
LEC102	Leceia 5/8/85 - QI 8,5,6 C2 2	indeterminado	98,43	0,202	0	0,154	0,161	0,9	0,153	0	0	0	2	
LEC103	LC/22/8/84 V4 Q3 C2	indeterminado	99,1	0,773	0	0,05	0,03	0	0,045	0,002	0	0	2	
LEC104	Leceia 9/8/83 ~35cm V2 Q2	restos metálicos	99,78	0,062	0	0,044	0,029	0	0,034	0,051	0	0	2	
LEC105	Leceia 9/8/83 V2 Q3 ~35 cm	indeterminado	98,68	0,561	0	0,202	0,225	0,126	0,185	0,021	0	0	2	
LEC106	LC/22/8/84 V2 Q5 C2	indeterminado, chapa	97,62	2,27	0	0,03	0,037	0	0,042	0,001	0	0	2	

Ref. Lab	ID peças	Tipo	Cu	As	Ni	Ag	Sb	Bi	Pb	Fe	Sn	Zn	Camada	Fig.
LEC107	Leceia 9/8/85 QI S; 3,4 C2	indeterminado	98,65	1,24	0	0,047	0,011	0	0,05	0,002	0	0	2	
LEC108	senza ID	indeterminado	98,72	1,22	0	0,03	0	0	0,03	0	0	0	2	
LEC109	senza ID	indeterminado	98,29	1,6	0	0,038	0,031	0	0,039	0,002	0	0	2	
LEC110	senza ID	indeterminado	99,59	0,306	0	0,035	0,031	0	0,033	0,005	0	0	2	
LEC111	senza ID	indeterminado	98,79	1,13	0	0,03	0,016	0	0,034	0	0	0	2	
LEC112	senza ID	indeterminado	97,87	1,17	0	0,234	0,266	0,183	0,24	0,037	0	0	2	
LEC113	senza ID	indeterminado	97,19	2,76	0	0,01	0,005	0	0,035	0	0	0	2	
LEC114	senza ID	indeterminado	99,64	0,335	0	0,011	0	0	0,013	0,001	0	0	2	
LEC115	senza ID	indeterminado	98,44	1,22	0	0,107	0,089	0,045	0,099	0	0	0	2	
LEC116	senza ID	indeterminado	99,39	0,573	0	0,019	0	0	0,018	0	0	0	2	
LEC117	C2, LC3	punção	94,62	4,49	0	0,24	0,264	0,197	0,177	0,012	0	0	2	
LEC118	Leceia 5/8/85 QI 8; 5,6 C2	indeterminado, chapa	98,28	1,6	0	0,034	0,03	0	0,05	0,006	0	0	2	
LEC119	Leceia 5/8/85-QI 6,7;9,10	indeterminado, chapa	97,12	2,7	0	0,06	0,04	0,012	0,068	0	0	0	2	
LEC120	LC/91 Extf BAST.G	indeterminado	97,9	1,91	0	0,07	0,047	0,008	0,056	0,009	0	0	2	
LEC121		indeterminado	98,12	1,35	0	0,114	0,147	0,091	0,134	0,044	0	0	2	
LEC122	LC/90 C2	indeterminado	98,27	1	0	0,175	0,16	0,11	0,255	0,03	0	0	2	
LEC123	LC/87 QI C2	indeterminado, chapa	96,3	3,6	0	0,044	0,045	0,011	0	0	0	0	2	
LEC124	LC/87 ???, SS C2	punção	99,03	0,834	0	0,043	0,015	0	0,039	0,039	0	0	2	
LEC125	LC VI Q4 35 C2	punção	98,9	0,913	0	0,066	0,044	0,01	0,067	0	0	0	2	
LEC126	LC/87 a N da casa séc XVIII C2	indeterminado, chapa	97,87	1,75	0	0,05	0,036	0,196	0,098	0	0	0	2	
LEC127	V2 Q5 Leceia superficie 1	indeterminado, chapa	97,91	1,54	0	0,13	0,16	0,087	0,159	0,014	0	0	superficie	
LEC128	LC/1986 C2	punção	97,05	2,64	0	0,084	0,085	0,042	0,089	0,01	0	0	2	
LEC129		punção	97,31	2,17	0	0,113	0,107	0,125	0,125	0,05	0	0	2	
LEC130		indeterminado, chapa	96,88	2,84	0	0,083	0,06	0,037	0,09	0,01	0	0	2	
LEC131	C2	indeterminado	97,55	2,24	0	0,063	0,052	0,025	0,07	0	0	0	2	
LEC132	LC/8 C2	escopro	95,82	3,93	0	0,05	0,046	0,034	0,09	0,03	0	0	2	
LEC133	não legível	indeterminado, chapa	97,62	2,11	0	0,09	0,06	0,035	0,08	0,005	0	0	2	
LEC134	LC/86 P C2 FM - L7	escopro	99,13	0,61	0	0,093	0,049	0,025	0,078	0,015	0	0	2	
LEC135	LC/87 C2 FM - L11	indeterminado	98,39	1,42	0	0,079	0,05	0	0,06	0,001	0	0	3	
LEC136	LC/87 Mura. BB Q IV C3 FM - L12	indeterminado	97,2	2,69	0	0,03	0,03	0	0,04	0,01	0	0	2	
LEC137	LC/99 entre FR/FT C2 FM - L8	indeterminado	97,08	2,41	0	0,056	0,043	0,02	0,05	0,341	0	0	2	
LEC138	LC/84 C2 FM - L5	indeterminado	98,14	1,67	0	0,047	0,057	0,023	0,063	0	0	0	2	
LEC139	LC S II C3 FM - L10	indeterminado	98,46	1,5	0	0,015	0	0	0,025	0	0	0	3	
LEC140	LC FM - L14	indeterminado	98,76	1,07	0	0,06	0,05	0	0,033	0,027	0	0	2	

Ref. Lab	ID peças	Tipo	Cu	As	Ni	Ag	Sb	Bi	Pb	Fe	Sn	Zn	Camada	Fig.
LEC141	LC V 2 Q B C2 FM - L4	indeterminado	98,6	1,19	0	0,074	0,053	0,015	0,068	0	0	0	2	
LEC142	LC/85 Q I 5; 3,4 C2 FM - L1	indeterminado	98,06	1,84	0	0,015	0,006	0	0,029	0,05	0	0	2	
LEC143	LC/85 Q I 5; 1,2 C2 FM - L13	indeterminado	98,81	1,12	0	0,01	0	0	0,02	0,04	0	0	2	
LEC144	LC/85 Q I 8,9; 5,6,7,8,9 C3 FM - L6	indeterminado	99,21	0,693	0	0,032	0,025	0	0,04	0	0	0	3	
LEC145	LC/84 V 6 Q 2 C2 FM - L2	indeterminado	99,16	0,723	0	0,02	0,016	0	0,031	0,05	0	0	2	
LEC146	LC V 2 Q 2 C2 FM - L3	indeterminado	99,42	0,512	0	0,035	0	0	0,028	0,005	0	0	2	
LEC147	LC/92 C2 FM - L9	indeterminado	98,18	1,64	0	0,057	0,045	0	0,061	0,017	0	0	2	

Na Camada 3 identificaram-se as seguintes tipologias de peças metálicas:

2 punções (Fig. 5, n.º 3 e 4);

1 lâmina de faca curva (Fig. 5, n.º 2);

4 peças indeterminadas (Fig. 5, n.º 5, mais 3 não desenhadas);

1 lingote incompleto, com marcas de corte por serragem (Fig. 5, n.º 1).

1 fragmento de cadinho de fundição com resos de metal aderente (Fig. 8).

Na Camada 2 foram identificadas as seguintes tipologias de objetos metálicos:

5 restos de fundição (Fig. 7, n.ºs 11, 12, 13, mas dois não desenhados);

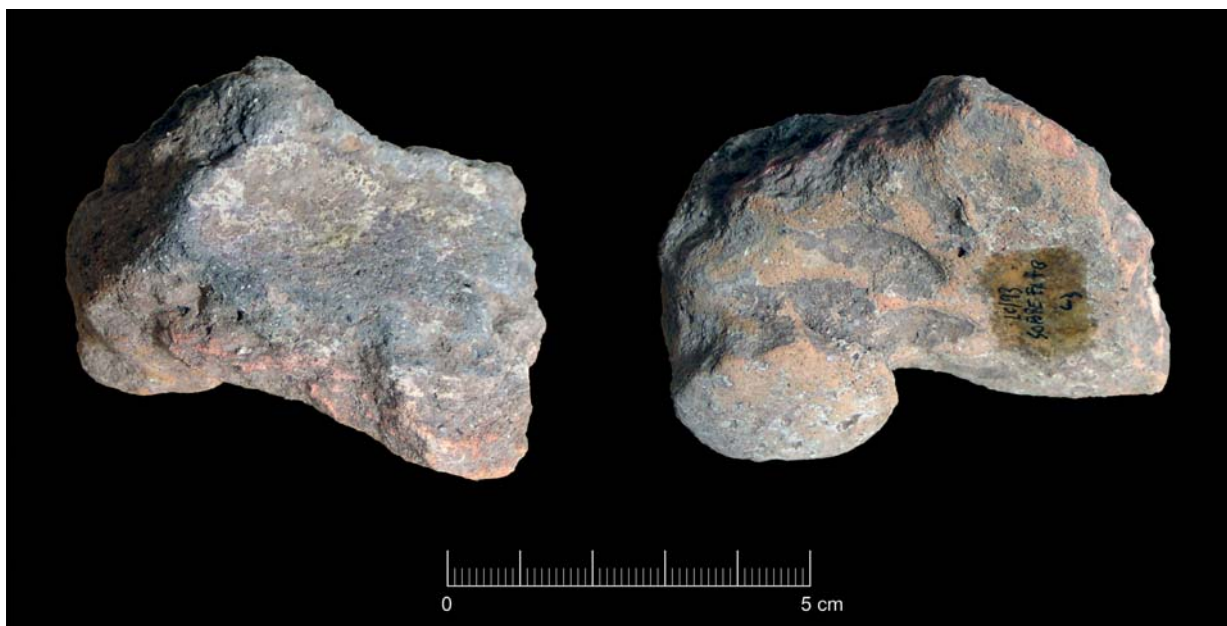


Fig. 8 – Leceia. Fotos do único fragmento de cadinho recolhido, proveniente da camada 3 (Calcolítico Inicial). À esquerda, a face interna, com resos de metal aderentes; à direita, a face externa, com um pé cilíndrico dos quatro que originalmente deveria possuir. Foto de J. L. Cardoso.

2 facas espatuladas (Fig. 4, n.º 8; Fig. 5, n.º 12);
 4 lingotes (Fig. 7, n.ºs 6, 7, 8, 9);
 1 ponta de seta (Fig. 6, n.º 1); note-se que não se trata de um exemplar enquadrável na tipologia das pontas Palmela, por possuir uma nervura central longitudinal que acompanha toda a folha, correspondendo a exemplar de características invulgares para os contextos calcolíticos do território português.
 5 machados planos (Fig. 6, n.º 15; Fig. 7, n.ºs 2, 3, 4, 7);
 59 peças indeterminadas (Fig. 3, n.º 9; Fig. 5, n.ºs 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14; Fig. 6, n.º 4; Fig. 7, n.ºs 5, 10, para além de outros fragmentos não desenhados);
 1 punhal (Fig. 7, n.º 1);
 5 anzóis (Fig. 6, n.ºs 5-9);
 4 formões / raspadeiras (Fig. 4, n.ºs 1-4);
 10 escopros (Fig. 3, n.ºs 28, 30; Fig. 6, n.ºs 10-14, 16, mais 2 exemplares não desenhados);
 33 punções (Fig. 3, n.ºs 1-8, 10-12, 14-27, 29, 31, 32, mais 5 não desenhados);
 7 serras (Fig. 4, n.ºs 5-7, 9-11; Fig. 4, n.º 15).

Finalmente, para além do fragmento do único de cadinho de fundição, recolhido na Camada 3 e já antes referido (Fig. 8) assinalam-se alguns outros achados superficiais ou da parte superior da camada 2, nomeadamente:

3 argolas (Fig. 6, n.ºs 2, 3, mais uma não desenhada), cuja composição remete para bronzes, compatíveis com o achado de um machado do Bronze Final de alvado e uma argola, há muito publicado (ROZEIRA, 1926);
 1 peça indeterminada (não desenhada);
 1 punção (Fig. 3, n.º 13).

Do ponto de vista morfológico e funcional, as peças apresentam uma grande variabilidade, distribuindo-se entre 12 categorias a que há que acrescentar um grupo composto por peças indeterminadas (Fig. 9). Como é habitual em contextos calcolíticos, regista-se a ausência de objetos de adornos em cobre, estando exclusivamente presentes artefactos de cunho utilitário e vinculados a atividades do quotidiano, i.e. agricultura (serras, punções, machados, etc.), caça (facas, punhais e ponta de seta), domésticas e artesanais (facas, punções, formões, escopros) e pesca (anzóis), para além da produção metalúrgica (pingos de fundição, lingotes).

Como já foi anteriormente mencionado, o conjunto de metais procedente de Leceia reúne tipos metálicos característicos do 3.º milénio a.C. do Ocidente Ibérico. No Castro de Vila Nova de São Pedro (PEREIRA *et al.*, 2012; PEREIRA *et al.*, 2013) e no Zambujal (MÜLLER *et al.*, 2007), por exemplo, com uma ou outra exceção, produziam-se e utilizavam-se machados, serras, punções, escopros, facas, pontas de seta, etc., com características morfológicas idênticas, o que também é um traço comum, de resto, a outros contextos calcolíticos do Ocidente Ibérico (vejam-se, entre outros, VALÉRIO *et al.*, 2014; ORESTES VIDIGAL *et al.*, 2015; BOTTAINI *et al.*, 2018; BOTTAINI *et al.*, 2019). Já no caso dos anzóis, devido à especificidade funcional deste tipo de objetos, os paralelos ocorrem mais pontualmente em sítios vinculados à exploração dos recursos aquáticos (ANTUNES & CARDOSO, 2005), como no Castro da Columbeira (FERREIRA, 1968; SCHUBART *et al.*, 1969), do Agroal (Ourém) (LILLIOS, 1993) e da Rotura (GONÇALVES, 1971). Muito recentemente, a importância da pesca foi salientada no povoado do Outeiro Redondo, dominando a baía de Sesimbra, onde se recolheu um conjunto inédito de exemplares de tamanhos muito díspares, naturalmente adequados à captura de diferentes espécies piscícolas (CARDOSO, Fig. 57, n.ºs 2 e 3; Fig. 152, n.º 17 a 27).

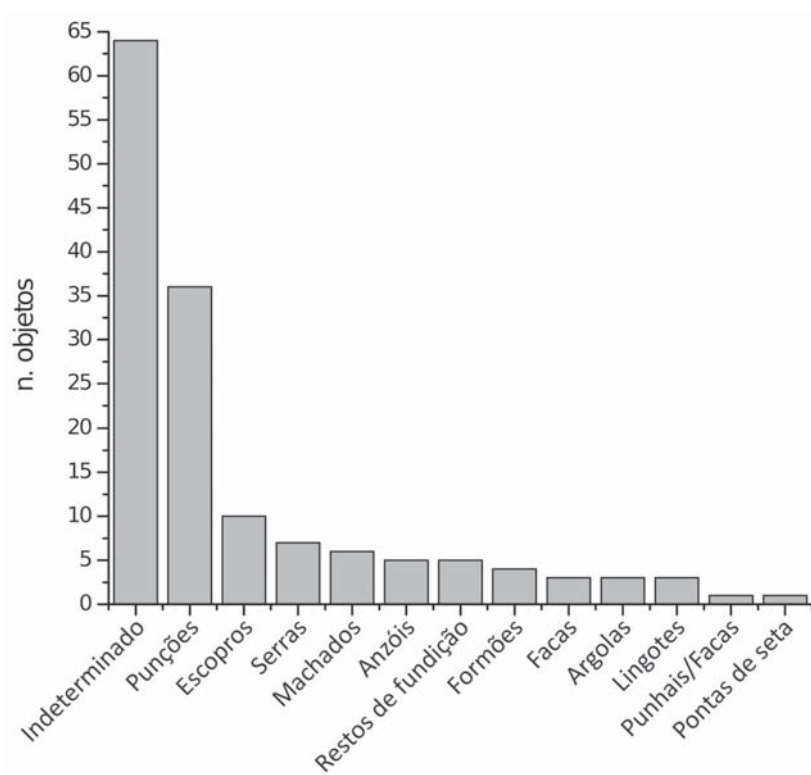


Fig. 9 – Leceia. Histograma com a distribuição dos vários grupos metálicos por tipologias artefatuais.

Atendendo às características morfológicas e funcionais dos objetos analisados, é de realçar a presença de diversas evidências que remetem para cadeia operatória da prática metalúrgica. Cabem nesta categoria os fragmentos e restos indeterminados, quiçá utilizados como matéria-prima nos processos de reciclagem do metal, o cadinho e os lingotes. Relativamente a esta última categoria, trata-se de um conjunto de gumes de machados com sulcos provocados por golpes e/ou por ações de corte por serragem. A presença destes enigmáticos objectos foi de há muito assinalada em Leceia, povoado em que a mesma foi pela primeira vez valorizada (CARDOSO, 1989, Fig. 108, n.º 13, p. 113), tendo ulteriormente o seu significado sido discutidos a propósito de outros exemplares entretanto ali recolhidos (CARDOSO, 1997, p. 93). Tais exemplares possuem paralelos em outros povoados regionais como, entre outros, Castro de Vila Nova de São Pedro (SOARES, 2005; PEREIRA *et al.*, 2013), Zambujal (SANGMEISTER, 1995, Taf. 6), Outeiro de São Mamede (CARDOSO, 2003, Fig. 37), Monte da Tumba (SILVA & SOARES, 1987, Fig. 4). Mais recentemente, recolheram-se três exemplares no Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019, Fig. 152, n.ºs 12, 13 e 14, p. 313), com evidentes marcas de corte por serragem, cujo significado se voltou então a abordar.

Em trabalhos anteriores tem-se admitido a possibilidade de o metal, do Calcolítico do Sul e na Estremadura, poder ter sido trocado mediante lingotes com forma de machados planos (SOARES *et al.*, 1994; CARDOSO & GUERRA, 1995; SOARES, 2005). Nesta perspetiva, os gumes materializariam um momento específico da cadeia operatória de produção do metal, que consistia na preparação de porções com formas minimamente estandarizadas que, numa fase sucessiva, seriam submetidos a um processo de refundição e/ou a um trabalho de forja para, deste modo, moldar ou transformar o metal em objetos com uma nova utilidade.

3 – METODOLOGIA ANALÍTICA

Os artefactos foram analisados com vista à determinação da sua composição química por fluorescência de raios-X, usando-se um espectrómetro portátil, modelo Bruker Tracer III-SD equipado com um tubo de raios-X de Ródio (Rh) e com um detetor SDD X-Flash, com uma resolução de 145 eV na linha K do Mn. As análises foram realizadas com as seguintes condições de trabalho: tempo de aquisição 60 segundos; 40Kv, 12.5 µA; filtros de Al/Ti (304.8 µm alumínio/25.4 µm titânio). Os espectros foram adquiridos com o software Bruker S1PXRF v.3.8.30 e tratados com o software Bruker ARTAX v.5.3.0.0. A quantificação dos elementos químicos foi realizada com padrões de referência com uma composição semelhante aos materiais analisados, tendo sido utilizados os padrões BCR-691.

Apesar de a fluorescência de raios-X ser, num plano teórico, uma técnica não invasiva, na prática, para se obterem dados fidedignos e representativos da composição de uma liga arqueológica torna-se necessária uma preparação prévia da superfície a analisar, o que implica a remoção das camadas mais superficiais, que incluem terra incrustada e produtos da corrosão, cuja composição química difere da do metal subjacente. Com o intuito de se reduzir ao máximo o carácter invasivo das análises, por um lado, e com a necessidade de se obterem dados consistentes e representativos das ligas, por outro, procedeu-se ao polimento mecânico de pequenas áreas superficiais (~3 mm²). Esta abordagem permitiu analisar o metal subjacente à camada de corrosão reduzindo, deste modo, o risco de possíveis contaminações procedentes, principalmente, das camadas de corrosão.

Contrariamente à metodologia aplicada para as análises dos objetos, o fragmento de cadinho (Fig. 9) foi analisado de forma não-destrutiva e, portanto, sem qualquer tipo de preparação prévia. Procedeu-se, neste caso, à análise da zona com metal aderente, de coloração cinzento-esbranquiçada, de modo a se identificarem os elementos químicos nele presentes.

Uma vez que foi possível utilizar o mesmo equipamento e a mesma metodologia analítica para a coleção toda, considerou-se oportuno proceder-se à análise do conjunto inteiro, incluindo as peças já anteriormente estudadas (CARDOSO & FERNANDES, 1995; CARDOSO & GUERRA, 1997/98, MÜLLER & CARDOSO, 2008). Deste modo, foi ainda possível validar (ou não) algumas conclusões destes trabalhos no que diz respeito, nomeadamente, à variabilidade do arsénio (CARDOSO & GUERRA, 1998, p. 72) e à sua maior ou menor concentração em determinados tipos metálicos como, por exemplo, lâminas, fragmentos de chapa metálica, furadores e anzóis (MÜLLER & CARDOSO, 2008, pp. 86-87).

Em termos de resultados, as possíveis diferenças, entre os resultados aqui apresentados e os já publicados, poderão ser explicadas pela adoção de técnicas e/ou metodologias analíticas diferentes ou pelo facto de as análises terem incidido em áreas distintas das peças.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

No conjunto, foram analisadas 147 peças, sendo que 142 provêm das camadas 3 e 2, enquanto 5 foram encontrados em superfície. Embora os dados destas últimas peças sejam incluídos na tabela 1, estes não serão tidos em conta na discussão final dos resultados. Trata-se, neste último caso, de ligas em que o Pb ocorre de forma variável, constando, neste grupo de peças descontextualizadas, objetos com composição de um latão (Cu+Zn) (LEC64), de ligas ternárias (Cu+Sn+Zn) (LEC72, LEC84, LEC93) e um artefato em cobre (LEC127).

Os metais procedentes da camada 3 (Calcolítico Inicial) e da camada 2 (Calcolítico Pleno/Final) foram produzidos em cobre bastante puro com percentagens variáveis de As, apresentando impurezas de Ni, Ag, Sb,

Bi, Pb e Fe. Se considerarmos a totalidade de elementos químicos diferentes do Cu, 88 artefactos em 142 (62% do total) apresentam percentagens ponderais inferiores a 2%, com um valor médio global de ca. 1,88% (Fig. 9).

O próprio arsénio, cuja adição ao cobre melhora as propriedades da liga ao nível de dureza e de tenacidade, ocorre, na maior parte das vezes, como elemento vestigial, não ultrapassando a fasquia meramente convencional de 2% em 97 artefactos (ca. 67,6% do total), com uma média que, no total, alcança $1,66 \pm 1,06\%$ (Fig. 10). As análises realizadas sobre o cadinho também confirmam a presença de As nas incrustações (Fig. 11).

É notório, contudo, o longo e polémico debate sobre a presença intencional, ou não, do arsénio, em ligas de cobre, nas primeiras produções de época calcolítica, inclusive para a Península Ibérica (ROVIRA & MONTERO-RUIZ, 2013; PEREIRA, *et al.*, 2013). Por um lado, admite-se que o arsénio ocorre como consequência da sua presença nos minérios usados no processo produtivo (entre outros CRADDOCK, 1995, p. 289; HUNT ORTIZ, 2003; ROVIRA, 2004). Por outro, alguns autores admitem que, já nesta época, o arsénio, acima de certas percentagens, resulte de uma adição intencional por parte dos antigos metalurgistas (entre outros, HARRISON & CRADDOCK, 1981, p. 156). Verifica-se, assim, que, ao longo da discussão sobre esta temática, a própria definição de cobre arsenical carece de unanimidade quanto à sua verdadeira origem e significado. Se, por um lado, se admite que a presença do arsénio traz benefícios ao nível das propriedades mecânicas do metal a partir de 3-4% (ROVIRA, 2004, p. 16; ROVIRA & MONTERO-RUIZ, 2013, p. 234), por outro, diversos investigadores consideram já como um cobre arsenical, um cobre com 1% (MONTERO RUIZ & TENEISHVILI, 1996, p. 79; SOARES, 2005, p. 185; MÜLLER *et al.*, 2007, 17) ou 2% de As (CARDOSO *et al.* 2002; PEREIRA *et al.*, 2013).

Não se trata, aqui, de uma mera discussão teórica e/ou tecnológica. Admitir a possibilidade de uma liga ter sido produzida a partir da mistura, consciente e voluntária, de dois (ou mais) minérios implica admitirmos que esses primeiros metalurgistas já possuíam um conhecimento bastante avançado das práticas e das técnicas metalúrgicas, conseguindo ainda controlar de forma suficientemente rigorosa os vários processos envolvidos na produção de ligas. É óbvio que, neste cenário, não estariam envolvidos apenas conhecimentos sobre as propriedades mecânicas dos artefactos. Seria de facto necessário recorrer a novas formas de organização do trabalho e a uma gestão dos recursos naturais e humanos bastante mais complexa, quer ao nível das atividades de mineração, quer no que diz respeito à própria produção dos metais, o que teria impacto direto sobre a estruturação social e económica das comunidades calcolíticas.

Os cobres presentes em Leceia mostram teores de As apresentam uma distribuição normal, com um máximo entre 1 e 2 %, e a partir desse valor diminuindo drasticamente, até o valor máximo residual de 5% (Fig. 11). As características desta distribuição evidenciam que a presença de As não resulta de opções tecnológicas voluntárias tomadas por parte dos metalurgistas que produziram as peças, conforme de há muito se tinha concluído (CARDOSO & GUERRA, 1995), com base na amostragem, numericamente muito inferior, que foi então analisada. Deste modo, considera-se que a realidade observada foi a consequência de situações aleatórias, designadamente o uso de minérios de cobre com impurezas de arsénio. As análises realizadas sobre carbonatos de cobre e cobres nativos confirmaram a presença de arsénio nos minérios de cobre do território português (FERREIRA, 1961, p. 3). Mais recentemente, esta situação foi igualmente documentada através de análises de carbonatos de cobre provenientes da Sierra Morena (Espanha) (DOMERGUE, 1990, cit. em HUNT ORTIZ, 2003, p. 323), ou seja, da extremidade oriental da Zona de Ossa-Morena, que, como se referiu anteriormente, foi apontada como a área provável de abastecimento das matérias-primas utilizadas em Leceia para a produção de objetos à base de cobre (MÜLLER & CARDOSO, 2008).

Uma outra explicação – que deve ser conjugada com a primeira, pois ambas são compatíveis – para a concentração variável de As nas peças de Leceia poderá ter a ver com o aproveitamento de sucata como fonte de matéria-prima. De facto, durante o processo de refundição de metais reciclados verifica-se uma perda prefe-

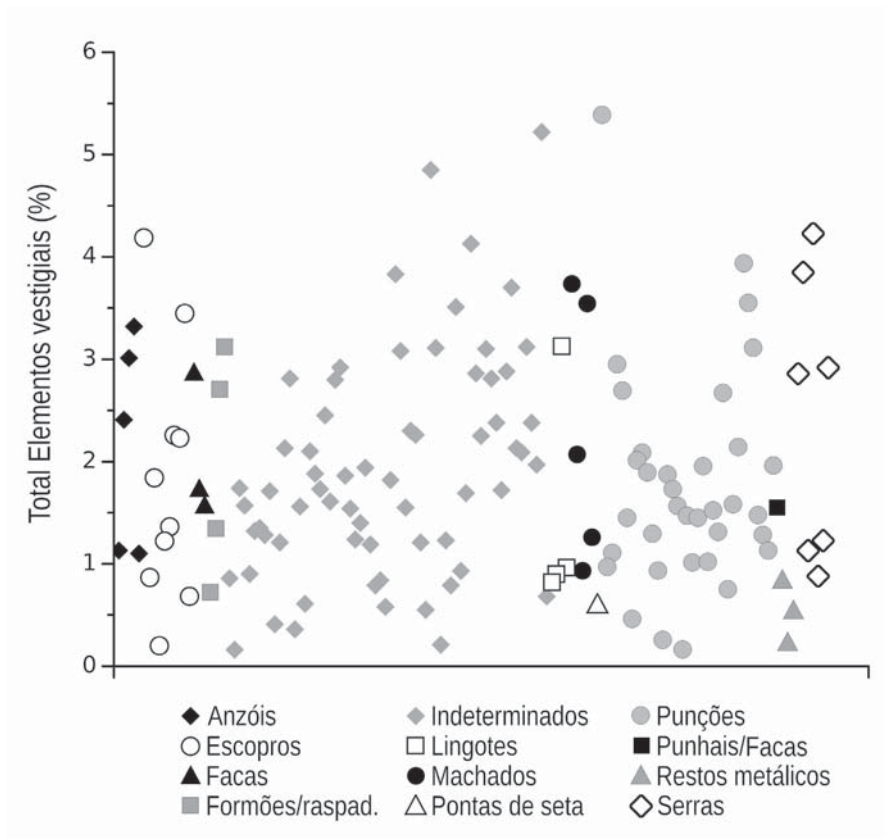


Fig. 10 – Leceia. Concentração total dos elementos vestigiais pelas categorias artefactuais consideradas.

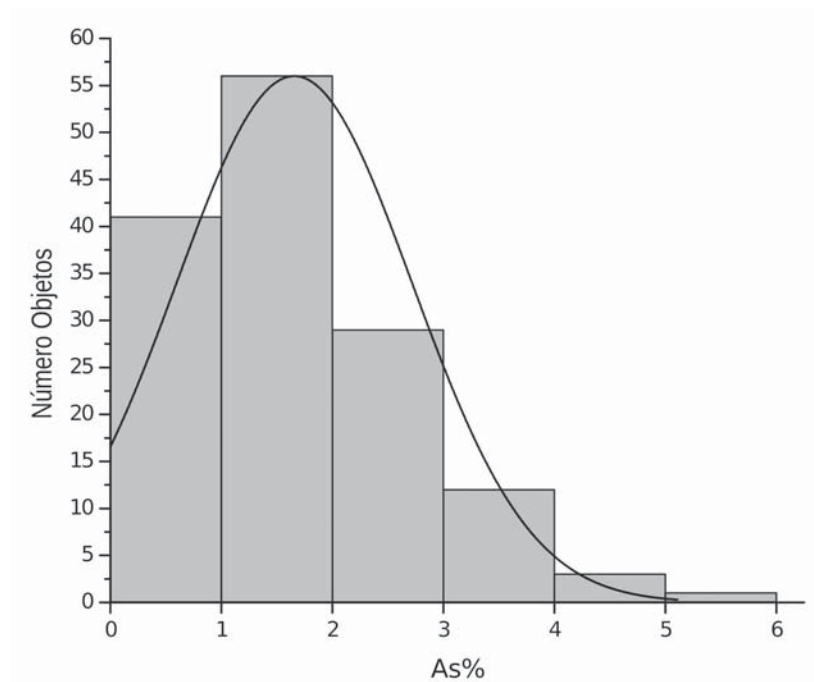


Fig. 11 – Leceia. Histograma de distribuição do As na totalidade do conjunto analisado.

rencial do arsénio, devido ao seu carácter volátil (MCKERRELL & TYLECOTE, 1972). Quer isto dizer que, nas peças produzidas a partir de sucata, o As tende a diminuir progressivamente em relação à composição inicial dos metais utilizados para a refundição e, neste quadro, já não haveria a possibilidade de controlar o teor desse elemento químico nas peças produzidas, o que ajudaria a explicar a sua variabilidade ao nível da composição final de cada objeto. Esta segunda explicação afigura-se consentânea com os resultados obtidos, tendo presente que uma percentagem relevante de peças corresponde a fragmentos indeterminados, de formas mais ou menos definidas, que corresponderiam a sucata de cobre aguardando refundição.

Numa escala de análise mais alargada, as afinidades com os dados sobre produção de artefactos de cobre do 3.º milénio a.C. encontrados em outros sítios do Ocidente Ibérico são evidentes, quanto à concentração de As. De facto, peças calcolíticas com teores de arsénio tendencialmente baixos e com uma distribuição aparentemente aleatória foram identificadas em diversos sítios do Noroeste Ibérico (ROVIRA *et al.*, 1997; COMENDADOR REY, 1998). No Norte de Portugal assinalam-se os resultados obtidos em Cunho (Mogadouro) (SANCHES *et al.*, 1985), Vinha da Soutilha (Chaves) (ARAÚJO *et al.*, 1986a), São Lourenço (Chaves) (ARAÚJO *et al.*, 1986b), Pastoria (Chaves) (ARAÚJO *et al.*, 1986c), Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) (VALÉRIO *et al.*, 2014), Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) (BOTTAIINI *et al.*, 2019), ou ainda no contexto funerário de Chã de Carvalhal (Baião) (CRUZ, 1992; BRIARD *et al.*, 1998).

A mesma situação repete-se noutros sítios mais a sul, quer na própria Estremadura portuguesa, quer no Sudoeste Ibérico. Quanto à primeira região, recordem-se os trabalhos realizados sobre os metais procedentes dos povoados calcolíticos estremenhos como, por exemplo, Castro de Pragança (JUNGHANS, SANGMEISTER & SCHRÖDER, 1968) FIGUEIREDO *et al.*, 2007), Penedo de Lexim (Mafra) (SOUSA *et al.*, 2004), Vila Nova de São Pedro (MÜLLER *et al.*, 2008; PEREIRA *et al.*, 2013), Zambujal (MÜLLER *et al.*, 2007), Outeiro Redondo (PEREIRA *et al.*, 2013; CARDOSO, 2019) e Moita da Ladra (CARDOSO, 2014; PEREIRA *et al.*, 2015). Em relação à segunda, para além de trabalhos com cariz mais regional (GÓMEZ RAMOS 1999; HUNT ORTIZ 2003; BAYONA 2008; ROVIRA *et al.*, 2016, entre outros), vale a pena recordar as análises realizadas sobre materiais procedentes do Outeiro de São Bernardo (Moura) (CARDOSO *et al.*, 2002), Porto das Carretas (VALÉRIO *et al.*, 2007), Bela Vista 5 (Beja) (BOTTAIINI *et al.*, 2014), Atalaia do Peixoto (Serpa), São Pedro (Redondo), Três Moínhos (Beja), Tholos de Caladinho (Redondo) (ORESTES VIDIGAL *et al.*, 2015), Vila Nova de Mil Fontes (BOTTAIINI *et al.*, 2018a), São Brás (Serpa) (VALÉRIO *et al.*, 2019) e Perdigões (Reguengos de Monsaraz) (BOTTAIINI *et al.*, 2018b).

Relativamente à presença do As, os dados de Leceia permitem avançar com mais uma observação sustentada pelo enquadramento estratigráfico dos materiais analisados. De facto, considerando as concentrações de As nos artefactos das Camadas 3 e 2, respetivamente atribuídas ao Calcólítico Inicial e ao Calcólítico Pleno/ Final, verifica-se que os objetos procedentes da Camada 3 apresentam teores de As perfeitamente comparáveis com os valores detetados nos metais da Camada 2 (Fig. 12). Recorde-se ainda que o próprio cadinho, tal como anteriormente mencionado, também procedente da Camada 3, apresenta ele próprio vestígios de As. Apesar de o número de elementos relacionados com a metalurgia encontrados na Camada 3 ser bastante mais reduzido do que os da Camada 2, os dados disponíveis sugerem que o As fez parte da metalurgia de Leceia desde a sua introdução e que, aparentemente, não houve qualquer alteração significativa, quanto à sua concentração e variabilidade ao longo do Calcólítico Pleno/Final, isto é, até ao final do 3.º milénio a.C.

Uma outra questão que importa analisar é a variabilidade do arsénio em função da tipologia dos objetos, com o intuito de perceber se será perceptível alguma correlação entre a concentração e distribuição do arsénio e o tipo de peça produzido. Em trabalhos anteriores tem sido avançada a hipótese de determinados tipos metá-

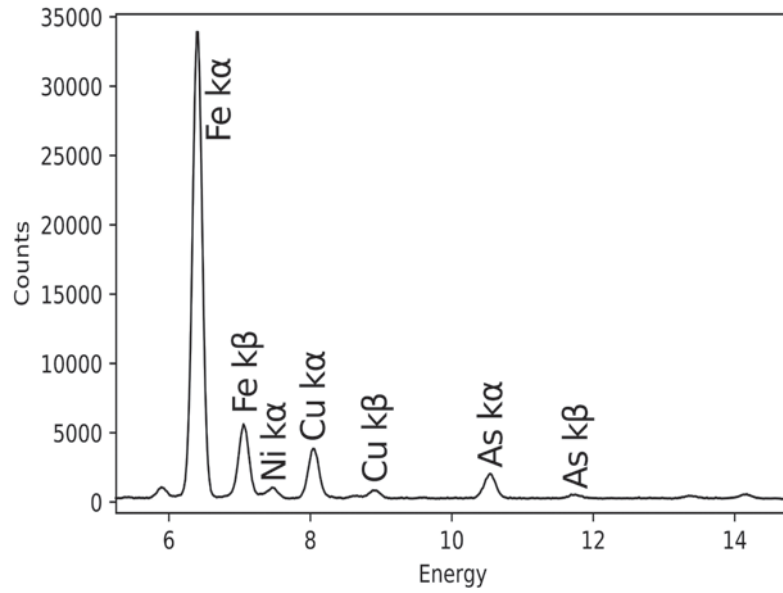


Fig. 12 – Leceia. Espectros de XRF das análises realizadas sobre as incrustações de metal aderentes na superfície interna do cadinho (ver Fig. 8).

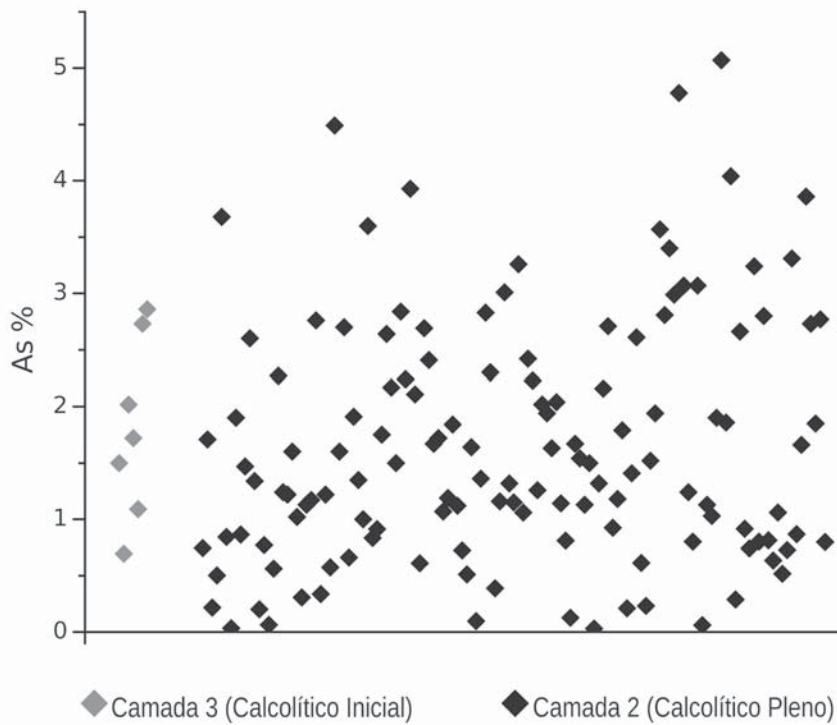


Fig. 13 – Leceia. Teores de As identificados nos objectos recolhidos nas duas camadas de ocupação identificadas, evidenciando-se clara continuidade composicional entre ambas.

licos apresentam teores de arsénio mais elevados do que outros. Advogaram-se, para explicar esta possível oscilação, razões de cariz socio-cultural, vinculadas nomeadamente com a cor prateada das ligas mais ricas em arsénio que refletiriam o estatuto social mais elevado dos indivíduos a elas associados (VALÉRIO *et al.*, 2016; VALÉRIO *et al.* 2019).

No caso de Leceia não parece possível associar padrões composicionais característicos a tipos metálicos, assistindo-se, contrariamente ao afirmado em MÜLLER & CARDOSO (2008) com base num número mais reduzido de análises, a uma distribuição aleatória do arsénio entre as diversas tipologias de artefactos (Fig. 13): os machados, por exemplo, apresentam valores de As que variam entre 0,216 % e 3,68%, com uma média de 1,76%; o As nos punções oscila entre 0,03 % e 4,49%, com uma média de 1,52%; nos escopros varia entre 0,095 % e 3,93%, com uma média de 1,68%; no grupo dos elementos indeterminados, a dispersão do As mantém-se pronunciada, com teores entre 0,034 % e 5,07 %, com uma média de 1,62 %; para os 2 punhais e as 2 lâminas, considerados aqui num mesmo grupo, o As varia entre 1,47 e 4,78%, atingindo uma média de 2,74%; e, finalmente, o grupo das serras, com o As entre 0,743 e 4,04% e média de 2,2%. A variabilidade dos valores de As obtidos para cada grupo tipológico considerado, vem demonstrar, por um lado, a presença aleatória de As em cada um deles e, conseqüentemente, a impossibilidade de estabelecer qualquer relação entre tais teores e a respectiva tipologia.

5 – CONCLUSÕES

O conjunto dos artefactos metálicos ou vinculados à metalurgia (cadinho) agora estudados resultaram das escavações arqueológicas realizadas no povoado de Leceia (Oeiras) sob a direcção de um de nós (J.L.C.), procedendo de contextos atribuíveis ao Calcolítico Inicial (2800-2600/2500 a.C.) e, maioritariamente, ao Calcolítico Pleno/Final (ca. 2600/2500-2000 a.C.), perfazendo 144 artefactos a que se somam três argolas de bronze. Estas são compatíveis com a ténue ocupação da Idade do Bronze já identificada anteriormente no local através do achado de um machado de alvado e uma argola.

As peças agrupam-se em diversas categorias tipológicas ligadas a atividades de subsistência e do dia-a-dia, que se enquadram claramente nas produções calcolíticas do Ocidente Ibérico, com abundantes paralelos em sítios contemporâneos. É excepção uma ponta de seta, de tipologia distinta das pontas Palmela, por possuir uma ténue crista longitudinal na folha, bem patente em ambos os lados, ausente naquelas.

Do ponto de vista analítico, trata-se de produções de cobre com teores variáveis – mas tendencialmente baixos – de arsénio e outros elementos secundários. Dados os baixos teores destes elementos minoritários, os mesmos não afetam as propriedades mecânicas de um cobre puro. A natureza química das peças enquadra-se igualmente no que já é conhecido sobre a primeira metalurgia do Ocidente Ibérico.

Os níveis de As em geral baixos, centrados entre 1 % e 2 % e a sua distribuição unimodal, que não ultrapassa 5 %, levou à conclusão que a sua presença possa ser imputada, não a uma adição voluntária, mas sim ao uso de matérias-primas (sejam elas sucatas ou minérios de cobre) com As. Deste modo, conclui-se que os metalurgistas de Leceia não valorizaram as vantagens que a presença de arsénio poderia conferir às propriedades mecânicas dos objetos produzidos, tal como deve ter sucedido na generalidade das produções calcolíticas já estudadas no Ocidente Ibérico. Com efeito, a análise da correspondência entre os teores de As e a tipologia das peças evidenciou completa ausência de correlação, observando-se, em qualquer grupo tipológico considerado, idêntica variação dos teores de As.

A falta, no registo arqueológico, de minérios procedentes de contextos arqueológicos, por um lado, e a presença de vários elementos ligados à cadeia operatória do metal, desde os lingotes aos resíduos de fundição,

passando pela ocorrência de um único fragmento de cadinho, sugere que o metal chegaria a Leceia, provavelmente da Zona de Ossa Morena, sob forma de lingotes propriamente ditos, de que se conhecem diversos exemplares, ou de lingotes/machados planos e era ali transformado, através de refundição ou de trabalho de forja, para a produção de novos objetos. Com efeito, é notória a escassez de resíduos de fundição e sobretudo de cadinhos, comparativamente ao observado em povoados de muito menores dimensões, como é o caso de Moita da Ladra ou do Outeiro Redondo, sugerindo que o trabalho do metal em Leceia seria feito essencialmente a partir de lingotes de cobre importados do Alentejo, localmente retrabalhados a quente ou a frio, de que existem diversos exemplares, incluindo alguns com evidências de seccionamento (Fig. 7, n.º 8), para além dos machados de cobre com serragem dos gumes, eles próprios assim transformados em lingotes.

É de realçar que em Leceia a produção de metais se iniciou logo no Calcolítico Inicial, fase a que pertence, entre outros, o único fragmento de cadinho, intensificando-se na transição do segundo para o terceiro quartel do 3.º milénio a.C.. Quer isto dizer que os objetos procedentes de Leceia pertencem a um arco temporal de aproximadamente 800 anos, tendo presentes os resultados das análises de radiocarbono para cerca de 95% de probabilidade. Considerando esta diacronia e apesar de Leceia se destacar, ao nível de Ocidente Ibérico, como um dos centros calcolíticos com maior quantidade de materiais vinculados à prática da metalurgia, o quadro geral confirma a existência de uma produção de metais em pequena escala, provavelmente alicerçada em práticas de reciclagem e destinada à produção de objetos morfológicamente pouco elaborados, com funcionalidades específicas, que os seus equivalentes de madeira, osso ou pedra teriam mais dificuldade em assegurar, e sempre a uma escala doméstica.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através do Projecto UID/Multi/04449/2013 (Laboratório HERCULES/Universidade de Évora) e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), através do Programa COMPETE2020, POCI-01-0145-FEDER-007649.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. T. & CARDOSO, J. L. (1995) – Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 187-192.
- ARAÚJO, M. F. & CABRAL, J. M. P. (1986 a) – Análise química não-destrutiva de alguns artefactos do espólio encontrado na estação de Vinha da Soutilhã (Mairos). In JORGE, S.O. (1986), *Povoados da Pré-história Recente (III.o - inícios do II.o Milénios AC) da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, p. 1013-1015.
- ARAÚJO, M. F. & CABRAL, J. M. P. (1986 b) – Análise química de alguns objectos metálicos da estação de S. Lourenço. In JORGE, S.O. (1986), *Povoados da Pré-história Recente (III.o - inícios do II.o Milénios AC) da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, p. 1017-1020.
- ARAÚJO, M. F. & CABRAL, J. M. P. (1986c) – Análise química de alguns artefactos da estação da Pastoria. In JORGE, S. O. (1986), *Povoados da Pré-história Recente (III.o - inícios do II.o Milénios AC) da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, p. 1021-1023.
- BAYONA, M. R. (2008) – *La Investigación de la Actividad Metalúrgica Durante el III Milenio A.N.E. en el Suroeste de la Península Ibérica*. Archaeopress, Oxford.

- BOTTAINI, C.; MANHITA, A.; DIAS, C.; MIGUEL, C.; BELTRAME, M.; MIRÃO, J.; CANDEIAS, A.; OLIVEIRA, M.-J. & CARVALHO, G. (2014) – Uma abordagem multi-disciplinar na caracterização arqueométrica de uma ponta de seta e de um estilete procedentes do sítio de Bela Vista 5 (Mombeja, Beja). *ERA Monográfica*. Lisboa. 2, p. 47-57.
- BOTTAINI, C.; BRUNETTI, A.; MONTERO-RUIZ, I.; VALERA, A.; CANDEIAS, A. & MIRÃO, J. (2018 a) – Use of Monte Carlo simulation as a tool for non-destructive ED-XRF analysis of archaeological copper-based artifacts from the Chalcolithic site of Perdigões, Southern Portugal. *Applied Spectroscopy*. 72 (1), p. 17-27.
- BOTTAINI, C.; BRUNETTI, A.; BORDALO, R.; VALERA, A. & SCHIAVON, N. (2018 b) – Non-destructive characterization of archeological Cu-based artifacts from the early metallurgy of southern Portugal. *Archaeological and Anthropological Sciences*, 10 (8), p. 1903-1912.
- BOTTAINI, C.; MONTERO-RUIZ, I.; LOPES, S.; BAPTISTA, L.; GOMES, S. & VALE, N. (2019) – Os metais do recinto pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão no quadro da primeira metalurgia do Noroeste da Península Ibérica. In SUSANA, L. (ed.) Olhares sobre o Castelo Velho de Freixo de Numão: revisitando um recinto pré-Histórico do Alto Douro Português. *digitAR - Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes*, [S.l.], n.º extra 1, p. 305-328.
- BRIARD, J.; BOURHIS, J.-R. & VAN SCHOOR, M. (1998) – La paléoméallurgie campaniforme du Portugal. Nouvelles données sur ses compositions métalliques et ses relations atlantiques. *Bulletin de la Société préhistorique française*. 95 (3), p. 393-402.
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia - resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 241-323.
- CARDOSO, J. L. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 97-228.
- CARDOSO, J. L. (2004) – A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio A.C. até à chegada dos Romanos: Um ensaio de história regional. Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 12.
- CARDOSO, J. L. (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L. (2009) – Estatuetas do Neolítico Final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 73-96.
- CARDOSO, J. L. (2014) – O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 217-294.
- CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. & FERNANDES, F.B. (1995) – Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 153-164.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2013) – O povoado Pré-Histórico de Leceia (Oeiras): estudo dos utensílios de pedra lascada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 357-524.
- CARDOSO, J. L. & GUERRA, F. (1997/1998) – Análises químicas não destrutivas do espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras e seu significado no quadro da intensificação económica Calcolítica da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 61-87.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. M. & ARAÚJO, M. F. (2002) – O espólio metálico do Outeiro de S. Bernardo (Moura): uma reapreciação à luz de velhos documentos e de outros achados. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 20, p. 77-114.

- COMENDADOR REY, B. (1998) – Los inicios de la metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica, *Brigantium*, 11.
- CRADDOCK, P. T. (1995) – *Early Metal Mining and Production*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- CRUZ, D. (1992) – *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira)*, Coimbra: FLUC, Instituto de Arqueologia.
- DOMERGUE, C. (1990) – *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité romaine*. Roma: École Française de Rome.
- FERREIRA, O. da V. (1961) – Acerca da presença de arsénio e instrumentos encontrados em Portugal. *Boletim de Minas*. Lisboa. 12, p. 1-5.
- FERREIRA, O. da V. (1968) – Algumas notas acerca da pesca na antiguidade. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 2, p. 113-133.
- GÓMEZ RAMOS, P. (1999) – *Obtencion de Metales en la Prehistoria de la Peninsula Iberica*, Oxford: British Archaeological Reports 2010.
- GONÇALVES, V. S. (1971) – *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*. Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal.
- HARRISON, R. J. & CRADDOCK, P.T. (1981) – A study of the Bronze Age metalwork from the Iberian Peninsula in the British Museum, *Ampurias*. 43, p. 113-179.
- HUNT-ORTIZ, M. A. (2003) – *Prehistoric mining and metallurgy in south west Iberian Peninsula*, BAR International Series 1188. Oxford: Archaeopress.
- JUNGHANS, S.; SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M. (1968) – *Kupfer und Bronze in Der frühen Metallzeit Europas, Studien zu den Anfängen der Metallurgie 2 (1-3)*. Berlin: Gebrüder Mann Verlag
- LILLIOS, K. T. (1993) – Agroal and the Early Bronze Age of the portuguese lowlands. *I Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993)*. Actas. 2, p. 261-281.
- MCKERRELL, H. & TYLECOTE, R. F. (1972) - The working of copper-arsenic alloys in the Early Bronze Age and the effect on the determination of provenance. *Proceedings of the Prehistoric Society*. 38, p. 209-218.
- FIGUEIREDO, E.; MELO, A. A. de & ARAÚJO, M. F. (2007) - Artefactos metálicos do Castro de Pragança: um estudo preliminar de algumas ligas de cobre por Espectrometria de Fluorescência de Raios X. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 25, p. 195-215.
- MONTERO RUIZ, I. & TENEISHVILI, T. (1996) – Estudio actualizado de las puntas de jabalina (del dolmen de La Pastora (Valenciana de la Concepción, Sevilla). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 53 (1), p. 73-90,
- MÜLLER, R. & CARDOSO, J. L. (2008) – The origin and use of copper at the chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras, Portugal). *Madridrider Mitteilungen*. Wiesbaden. 49, p. 64-93.
- MÜLLER, R.; GOLDENBER, G.; BARTELHEIM, M.; KUNST, M. & PERNICKA, E. (2007) – Zambujal and the beginnings of metallurgy in southern Portugal. In LA NIECE, S.; HOOK, D. R. & CRADDOCK, P. T. (eds.), *Metals and mines studies in archaeometallurgy selected papers from the conference Metallurgy: a touchstone for cross-cultural interaction, held at the British Museum 28-30 April 2005 to celebrate the career of Paul Craddock during his 40 years at the British Museum*, p. 15-26.
- ORESTES VIDIGAL, R.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F.; SOARES, A. M. M. & MATALOTO, R. (2015) – Micro-EDXRF study of Chalcolithic copper-based artefacts from Southern Portugal. *X-Ray Spectrometry*. 45 (1), p. 63-68.
- PEREIRA, F.; SILVA, R. J. C.; SOARES, A. A. M. & ARAÚJO, M. F. (2013) – The role of arsenic in Chalcolithic copper artefacts – insights from Vila Nova de São Pedro (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 40 (4), p. 2045-2056.
- PEREIRA, F.; FURTADO, M. J.; SOARES, A. M.; ARAÚJO, M. F. & CARDOSO, J. L. (2013) – Estudo das evidências de produção metalúrgica no Outeiro Redondo (Sesimbra). *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 463-468.
- PEREIRA, F.; SILVA, R. J.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F. & CARDOSO, J. L. (2015) – Metallurgical production evidences in the Chalcolithic settlement of Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Portugal). *IV International Congress Archaeometallurgy in Europe*. Madrid, 1-3 Junho 2015. Poster.

- ROVIRA, S. & MONTERO RUIZ, I. (2013) – Natural Tin-Bronze Alloy in Iberian Peninsula Metallurgy: Potentiality and Reality. In GIUMLIA-MAIR, A; LO SCHIAVO, F. (eds.) – *Le problème de l'étain à l'origine de la métallurgie / The problem of Early tin*. BAR International Series 1199, p. 15-22.
- ROVIRA LLORENS, S.; MONTERO RUIZ, I. & CONSUEGRA RODRÍGUEZ, S. (1997) – *Las primeras etapas metalúrgicas en la Península Ibérica – I. Análisis de materiales*. Madrid: Instituto Universitario Ortega y Gasset.
- ROVIRA, S. (2004) – Tecnología metalúrgica y cambio cultural en la prehistoria de la Península Ibérica. *Norba*. 17, p. 9-40.
- ROVIRA, S. (2016) – La metalurgia calcolítica en el suroeste de la Península Ibérica. *Menga*. 7, p. 53-67.
- ROZEIRA, A. (1926) – O bronze em Liceia. *Cultura. Revista de Letras*. Lisboa. 1.ª série, n.º 2, p. 36-38.
- SANCHES, M. de J. & MARCOS, D. S. (1985) – O povoado pré-histórico do Cunho-Mogadouro. Resultados preliminares da escavação de 1983. *Arqueologia*. 12, p. 143-153.
- SANGMEISTER, E. (1995) – *Zambujal. Kupferfunde aus den Grabungen 1964 bis 1973*. Madrider Beitrage, Band 5, Teil 3, p. 1-154.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 29-79.
- SOARES, A. M. M. (2005) – A metalurgia de Vila Nova de São Pedro. Algumas reflexões. In ARNAUD, J. M. & FERNANDES, C. V. (coord.), *Construindo a Memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 179-188.
- VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F. & SILVA, R. J. C. (2019) – Os metais: Caracterização elementar e microestrutural. In CARVALHO, A.F. (ed.) *Hipogeu campaniforme do Convento do Carmo (Torres Novas), Município de Torres Novas*, p. 149-159.
- SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F. & CABRAL, J. M. P. (1994) – Vestígios da prática de metalurgia em povoados calcolíticos da Bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança. In CAMPOS, J. M.; PÉREZ, J. A. & GÓMEZ, F. (eds.), *Arqueologia en el Entorno del Bajo Guadiana: Actas del Encuentro Internacional de Arqueologia del Suroeste*, p. 165-200.
- SOUSA, A. C.; VALÉRIO, P. & ARAÚJO, M. da F. (2004) – Metalurgia antiga do Penedo do Lexim (Mafra): Calcolítico e Idade do Bronze. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (2), p. 97-117.
- VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, C. T. & SOARES, J. (2007) – Vestígios arqueometalúrgicos do povoado calcolítico fortificado do Porto das Carretas (Mourão). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 25, p. 177-194.
- VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. da F. & SILVA, R. J. C. (2014) – Complementary use of X-ray methods to study ancient production remains and metals from Northern Portugal. *X-Ray Spectrometry*. 43 (4), p. 209-215.
- VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. da F.; SILVA, R. J. C.; PORFÍRIO, E. & SERRA, M. (2014) – Arsenical copper and bronze in Middle Bronze Age burial sites of southern Portugal: the first bronzes in Southwestern Iberia. *Journal of Archaeological Science*. 42, p. 68-80.
- VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. da F.; ALVES, L. C. & SILVA, C. T. (2018) – The composition of the São Brás copper hoard in relation to the Bell Beaker metallurgy in the South-western Iberian Peninsula. *Archaeometry*. 61 (2), p. 392-405.
- VALÉRIO, P.; SOARES, J.; ARAÚJO, M. da F.; ALVES, L. C. & SILVA, C. T. (2019) – The Composition of the São Brás Copper Hoard in Relation to the Bell Beaker Metallurgy in the South-western Iberian Peninsula: The São Brás copper hoard and the Bell Beaker metallurgy in SW Iberia. *Archaeometry*. 61 (2), p. 392-405.

**UM MACHADO DE ALVADO DO BRONZE FINAL RECOLHIDO EM LECEIA (OEIRAS):
ACERCA DA DISTRIBUIÇÃO DOS MACHADOS DE ALVADO E DUAS ARGOLAS
NO OCIDENTE PENINSULAR**

***A LATE BRONZE AGE AX FROM LECEIA (OEIRAS) AND THE DISTRIBUTION
OF SOCKETED AXES WITH TWO RINGS IN THE WESTERN IBERIAN PENINSULA***

João Luís Cardoso*

Abstract

The republication of a Late Bronze Age socketed ax with probably two rings collected in Leceia (Oeiras), justified the discussion about the origin and geographical distribution of this type of productions, characteristic of the Western area of the Iberian Peninsula.

Keywords: Late Bronze Age; socketed ax; Leceia; Portugal

1 – INTRODUÇÃO

Em 1926 a revista “Cultura”, de vida efémera e limitada circulação, publicava pequeno artigo, ilustrado por desenho, de um machado de bronze incompleto que será objecto deste estudo.

A notícia, da autoria de Abílio Rozeira, investigador local que promoveu recolhas em outros locais arqueológicos do concelho de Oeiras desde logo acertadamente concluiu tratar-se de uma produção da fase final da Idade do Bronze (ROZEIRA, 1926). Nestes termos, importa, antes de mais, procurar o enquadramento arqueológico do achado desta ocorrência esquecida, no âmbito das investigações pré-históricas então desenvolvidas na região.

O Dr. Abílio Rozeira, residente na época na Cruz Quebrada, por ser este o local indicado no seu artigo, realizou na época em que publicou este achado isolado diversas prospecções no concelho de Oeiras, com destaque para as efectuadas no povoado pré-histórico de Carnaxide, por si identificado, tendo ali recolhido copioso conjunto de espólios do Neolítico e do Calcolítico, estudados pelo signatário no Museu Nacional de Arqueologia. Algumas de tais peças conservam a lápida as datas da sua colheita, entre Maio de 1926 e 16/9/1933 (CARDOSO, 1996).

Terá sido pois, por essa altura, ou imediatamente a seguir, que a peça agora estudada deu entrada no Museu Nacional de Arqueologia.

* Catedrático de História (Pré-História e Arqueologia) da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador associado do ICArEHB (Universidade do Algarve) cardoso18@netvisao.pt

2 - DESCRIÇÃO E TIPOLOGIA

O machado em apreço foi noticiado pouco tempo após a sua publicação, por Rui de Serpa Pinto em breve notícia bibliográfica (PINTO, 1929). Porém, o mesmo só voltaria a ser referido na bibliografia arqueológica, tanto quanto se tenha conhecimento, em 1976.

Naquele ano, em artigo dedicado ao estudo de conjunto dos machados de alvado peninsulares realizado por R. Hardaker, a peça de Leceia é inventariada e assinalada no mapa de distribuição de machados de dupla argola (HARDAKER, 1976), citando o artigo de A. Rozeira, embora não se indique o local de depósito da mesma.

Trata-se de um machado incompleto (Fig. 1) onde parece observar-se o arranque das duas argolas laterais, na parte proximal do alvado, na qual se observa forte torção do metal, o que se explica pelos esforços a que esta parte da peça esteve sujeita aquando da utilização, já que era ali que se fixava o cabo; tal situação leva a crer que o bocal do alvado seria relativamente frágil, não se encontrando suficientemente reforçado por anéis circundantes da abertura, como se observam noutros exemplares.

A inutilização do artefacto, em resultado do seu próprio uso, explica-se também pela fragilidade das suas paredes, de fraca espessura, realidade que é evidenciada numa das faces por um oco de corrosão longitudinal e que pode ter sido originado por fundição imperfeita.

Embora incompleta, trata-se de peça que se inscreve no grupo dos exemplares de pequenas dimensões, no conjunto das produções de machados de alvado de duplo anel, possuindo esboço de nervura central na zona proximal do alvado, correspondente a pequena protuberância, apenas observada numa das faces. A face oposta, observada em secção transversal, possui espessura menor e é levemente convexa. A assimetria observada entre a morfologia das duas faces maiores na zona do alvado leva a admitir a hipótese de este tipo de peças ser encabado à maneira das enxós, e não como machados; mas os elementos comparativos são escassos, uma vez que estas peças em geral apenas se apresentam publicadas através de uma das suas faces.

Esta conclusão é aliás sugerida pela existência de duas argolas simétricas, cuja fixação mais eficaz ao cabo seria na posição em que o gume trabalhasse na horizontal, como enxó; no entanto, a assimetria do contorno do gume sugere que a peça se posicionava obliquamente no cabo, trabalhando o gume na vertical. Importa, pois, continuar a discutir esta interessante questão de natureza funcional com mais fundamento.

O alvado corresponde a cavidade ampla e de contorno sub-quadrangular.

Ulteriormente às modificações resultantes do uso, não evidentes no gume, a extremidade proximal da peça foi serrada por corte regular oblíquo, executado na face mais espessa, provavelmente com o intuito de permitir a continuação da sua utilização, com a ablação das irregularidades existentes.

3 - DISCUSSÃO

Este exemplar integra o conjunto de machados de alvado de duplo anel e de dimensões variáveis, cuja distribuição geográfica é essencialmente litoral, desde a Galiza ao estuário do Sado. No território português observam-se duas concentrações: a setentrional, com peças que se distribuem desde a fronteira do Minho até ao Douro; e a meridional, geograficamente separada da anterior, com penetrações no interior do território, através das bacias hidrográficas do Tejo e do Zêzere, associadas aos fluxos comerciais que permitiam a chegada ao litoral do estanho das Beiras (Fig. 2). É ao grupo meridional que pertencem exclusivamente os exemplares de pequenas dimensões, como o de Leceia (HARDAKER, 1976).

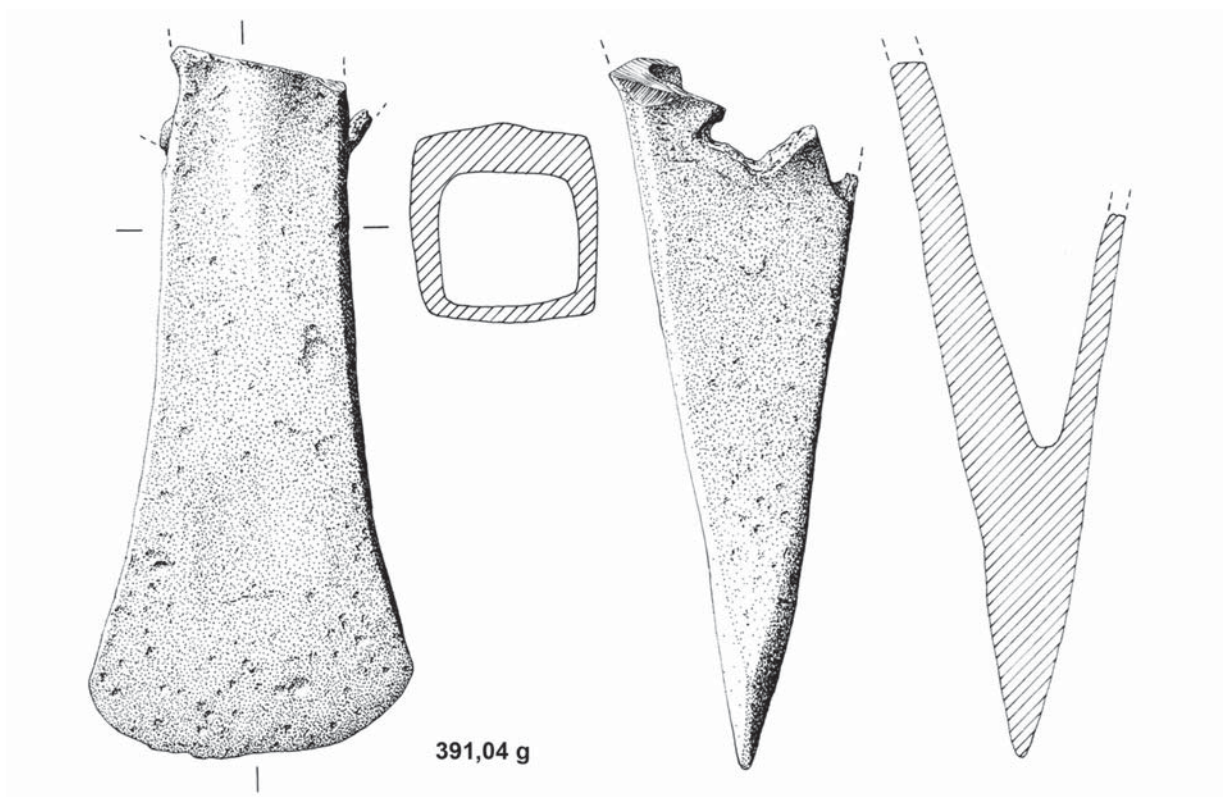


Fig. 1 – Machado do Bronze Final de alvado e provavelmente de duas argolas de Leceia. Museu Nacional de Arqueologia. Desenho de Filipe Martins. Foto de João Luís Cardoso.



Fig. 2 - Distribuição dos machados de alvado e duas argolas. A estrela corresponde a molde; os círculos associados a cruz correspondem a peça de localização incerta (seg. HARDAKER, 1976, p. 163, Mapa 2).

Face ao exposto, os machados de alvado e duas argolas correspondem a produção característica do território português cuja ocorrência, em domínios onde não existe nem o cobre nem o estanho se explica pelo comércio transregional, tanto dos minérios como dos objectos já manufacturados.

Importa, no entanto, referir que, nesta época e nas regiões estaníferas das Beiras, o modo de produção de exemplares de bronze seria essencialmente doméstico, destinado essencialmente a suprir as necessidades das populações locais (VILAÇA, 1995). Os lingotes oriundos do depósito da Quinta do Ervedal, Fundão (VILLAS-BÔAS, 1947), em forma de calote de esfera, para além de fragmentos amorfos, revelaram ser de cobre quase puro, contrariamente às peças restantes do depósito, que são de bronze (VILAÇA, 2019). Esta constatação é de grande interesse, pois reforça a ideia da produção local de objectos de bronze, a partir do estanho existente na região, e do cobre obtido a partir de lingotes como estes, que poderiam resultar de minerações cupríferas realizadas quer na própria região, quer no Alentejo (Fig. 3).

Com efeito, a ocorrência de minas de cobre pré-históricas situadas na Beira Baixa não pode ser ignorada, para além de mineralizações com interesse económico que, ainda em 1952 se encontravam assinaladas na região de Vila Velha de Ródão (VIANNA, 1952). Em 1925 foram declaradas abandonadas duas minas de cobre no concelho do Sabugal, que até então se mantinham activas (Boletim de Minas, ano de 1925). Em particular, o interesse cuprífero em épocas mais ou menos longínquas da região de Sabugal, foi já devidamente evidenciado (MELO, ALVES & ARAÚJO, 2002). No respeitante à época pré-histórica, merece destaque o machado



Fig. 3 - Distribuição das ocorrências mineiras de cobre e estanho registradas até meados do século XX (seg. VIANNA, 1952).



Fig. 4 – Desenho a carvão de Estácio da Veiga do machado do Bronze Final univalve, de talão com uma argola encontrado numa galeria a 12 m de profundidade na mina de cobre de Quarta-Feira (Sabugal) e anotações autógrafas acerca das condições do achado (seg. CARDOSO, 2006, Fig. 54). Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto de João Luís Cardoso.

de talão univalve com uma argola encontrado a 12 m de profundidade numa galeria de uma mina de cobre em Quarta-Feira. O desenho original deste machado, da autoria de Estácio da Veiga (Fig. 4) foi publicado pelo signatário (CARDOSO, 2006), no qual, pela inscrição manuscrita que o acompanha, se explicitam as condições do achado. Este achado é, pois, de extremo interesse, por vir provar a existência de minerações cupríferas do Bronze Final, em uma região tradicionalmente associada à presença do estanho, conferindo-lhe assim possibilidades efectivas de ser auto-suficiente na produção de artefactos pré-históricos de bronze.

Nestes termos, é muito provável que a Beira Baixa, no Bronze Final, fosse região produtora de peças de bronze, como machados de alvado e duas argolas semelhantes ao de Leceia, de que se conhecem algumas raras ocorrências, destinados a consumo local e/ou a exportação para a Estremadura. Nessa perspectiva, o rio Tejo deteria papel fundamental na circulação transregional de tais bens (VILAÇA & CARDOSO, 2017). O mais importante curso de água peninsular constituía então a via preferencial para o escoamento para o litoral do estanho, sob a forma de concentrado, de lingotes, ou mesmo de peças de bronze já manufacturadas.

Com efeito, era a Estremadura que reunia as condições mais propícias para a produção de artefactos de bronze, constituindo-se como região receptora e destino final do estanho das Beiras e do cobre dos jazigos alto e baixo-alentejanos, como tão claramente evidencia o molde de fundição univalve de foices do tipo Rocanes achado no sítio epónimo de Casal de Rocanes (Cacém) (Fig. 5). Deste ou de moldes análogos saíram os exemplares que, para além de poderem ter sido intensamente utilizados localmente nas ceifas dos férteis campos basálticos do arredores de Lisboa (CARDOSO, 1999/2000; CARDOSO, 2015) seriam exportados para outras áreas geográficas, como é ilustrado pelos exemplares recolhidos no depósito do Monte Sa Idda, na Sardenha (TARAMELLI, 1921), entre os quais figuram também alguns machados de alvado e duas argolas, cuja origem efectiva ou inspiração directa se situa na Estremadura portuguesa.

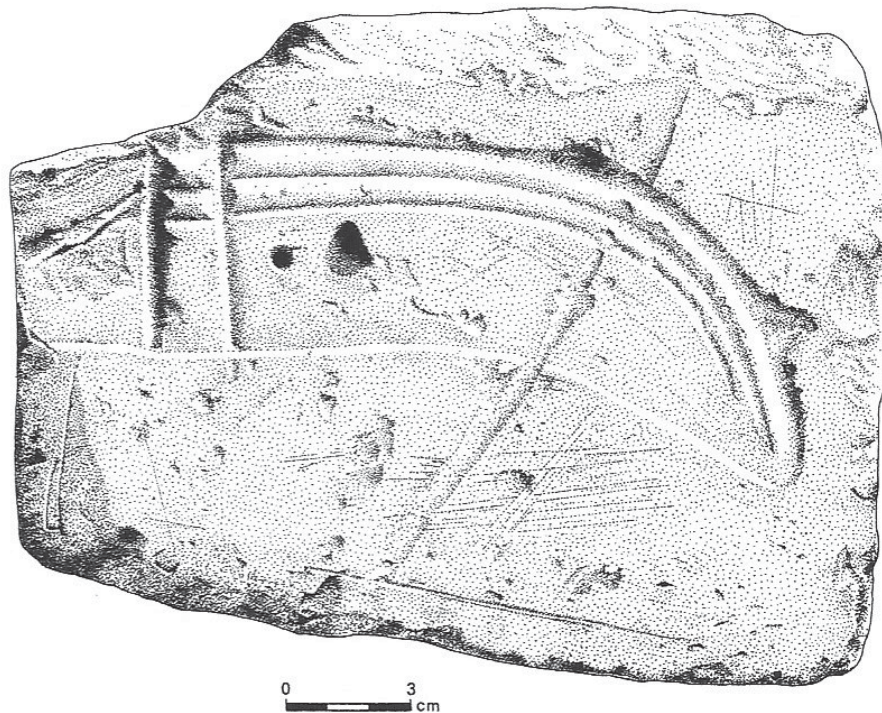


Fig. 5 – Molde de arenito para fundição de foices de talão univalves de bronze do tipo Rocanes, encontrado em Casal de Rocanes, Cacém (Sintra) (seg. CARDOSO, 2002, Fig. 287).

Os oito exemplares de machados de alvado com duas argolas geograficamente mais próximos do de Leceia foram inventariados e reproduzidos por diversos autores (Fig. 6). Neste aspecto, merece destaque obra monumental publicada no ano seguinte à da de R. Hardaker, da autoria de L. Monteagudo (MONTEAGUDO, 1977); aquela, contudo, não se encontra nesta citada, o que se explica, muito provavelmente, por já então se encontrar no prelo; mas a distribuição geográfica apresentada nas duas obras é semelhante, o que evidencia a solidez dos levantamentos realizados de forma independente por ambos os autores.



Fig. 6 – Machados de alvado e duas argolas da Estremadura. 1 – Pedreiras (Sesimbra); 2 – Arruda dos Vinhos; 3 – Castro da Ota (Alenquer); 4 – Penedo do Lexim (Mafra); 5 – Abrigada (Alenquer); 6 – Alfarim (Sesimbra); 7 – Cova da Moura (Torres Vedras); 8 – Cabeço de Moinhos (Mafra) (seg. CARDOSO, 2002, Fig. 288, reproduzindo figuras de E. C. Serrão, L. Monteagudo e F. Kälb).

No que respeita à cronologia, é usual considerar os machados de alvado e duas argolas entre as produções mais tardias dentro do Bronze Final, pelo que as mesmas podem ser situadas na transição do II para o I milénio a.C., admitindo-se mesmo que, na regiões mais setentrionais, a sua produção se possa ter estendido até pelo menos o século VIII a.C. (HARDAKER, 1976; MONTEAGUDO, 1977).

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fez-se a reapreciação de machado de alvado de dois anéis do Bronze Final recolhido em Leceia na década de 1920 por Abílio Rozeira, investigador que, naquela época, procedeu a diversas prospecções arqueológicas no concelho de Oeiras.

A existência desta peça foi ignorada, ao longo dos tempos, pela maioria dos investigadores, já que o autor, além de a ter publicado em obscuro periódico de vida efémera (o último número publicado coincidiu com a nota de Rozeira) não indica o local de depósito da mesma. Daí que a sua existência tenha apenas sido fugazmente mencionada por Rui de Serpa Pinto e, mais tarde, por R. Hardaker. De sublinhar a omissão de L. Monteagudo à mesma, na sua obra monumental dedicada à inventariação e caracterização dos machados metálicos peninsulares. Foi o conhecimento da existência de depósitos de materiais arqueológicos efectuados por Abílio Rozeira no Museu Nacional de Arqueologia, que levou à indagação da existência desta peça nas suas colecções, a qual se veio a confirmar.

Trata-se de exemplar incompleto e de pequenas dimensões que se inscreve entre as produções estreme-nhas, região onde coexistem com exemplares de maiores dimensões. A ocorrência de machados de alvado e de duas argolas, de acordo com os inventários apresentados de forma independente por R. Hardaker e L. Monteagudo é quase exclusiva de faixa litoral do Minho ao Sado, com especial incidência de exemplares no território a sul do Mondego, sublinhando o seu carácter claramente regional.

O fabrico destes exemplares, sendo sobretudo produzidos localmente, como é indicado pela sua distribuição geográfica – sem ignorar a possibilidade de alguns deles terem sido mesmo produzidos na Beira Baixa e dali exportados – requeria o abastecimento simultâneo de estanho e de cobre, oriundos respectivamente das Beiras e do Alentejo. Tal conclusão é expressivamente sublinhada pela ocorrência de molde de fundição para foices de talão nervuradas, ditas de tipo Rocanes, no local epónimo, perto do Cacém (Sintra).

Deste modo, os nove exemplares inventariados na Baixa Estremadura, incluindo o exemplar de Leceia, fazem parte de um conjunto muito maior, destinando-se não apenas à utilização local, mas também à exportação, como indica a ocorrência de exemplares em tudo idênticos no Mediterrâneo Central, designadamente no depósito do Monte Sa Idda (Sardenha).

AGRADECIMENTOS

A António Carvalho, Director do Museu Nacional de Arqueologia, pela autorização para o estudo da peça objecto deste contributo, ali depositada.

A Raquel Vilaça, pelas informações fornecidas.

REFERÊNCIAS

- Boletim de Minas. Ano de 1925. Lisboa: Ministério do Comércio e Comunicações.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Materiais arqueológicos inéditos do povoado pré-histórico de Carnaxide (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 27-45.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2006) – Dos depósitos metálicos da Idade do bronze e das intenções que estiveram na sua origem (comentário a um estudo de Raquel Vilaça). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6, p. 7-27.
- CARDOSO, J. L. (2015) – Between the Atlantic and the Mediterranean: the Late Bronze Age around the Tagus estuary (Portugal). Economic, social and cultural aspects. *Rivista di Scienze Preistoriche*. Firenze. 65, p. 149-170.
- HARDAKER, R. (1976) – Las hachas de cubo en la Península Ibérica. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. Castellon de la Plana. 3, p. 151-171.
- MELO, A. Ávila de; ALVES, H. & ARAÚJO, M. F. (2002) – The Bronze Palstave from Quarta Feira Copper Mine, Central Portugal. In OTTAWAY, B. S. & WAGER, E. C. – *Metals and Society*. Papers from a session held at the European Association of Archaeologists. Sixth Annual Meeting in Lisbon 2000. Oxford: Archaeopress. BAR International Series 1061.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Prähistorische Bronzefunde Abteilung IX, Band 6).
- PINTO, R. de Serpa (1929) – Revista bibliográfica. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 4 (2), p. 201.
- ROZEIRA, A. (1926) – O bronze em Liceia. *Cultura. Revista de Letras*. Lisboa. 1.ª série, n.º 2, p. 36-38.
- TARAMELLI, A. (1921) – Il ripostiglio di bronzo nuragici di Monte Sa Idda, Dezimoputzu (Cagliari). *Monumenti Antichi dell'Accademia dei Lincei*. Roma. 27, p. 6-98.
- VIANNA, A. (1952) – *Carta mineira de Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Suplemento ao Tomo 32 das Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal).
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (centro e sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia, 9).
- VILAÇA, R. (2019) – Depósito da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão). In *Elementos para um dicionário do Museu Francisco Tavares Proença Júnior* (coord. VIEIRA, B. D.). Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior.
- VILAÇA, R. & CARDOSO, J. L. (2017) – O Tejo português durante o Bronze Final. *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica (Merida, 2015)*. Actas (PÉREZ, M. CELESTINO, ed.). Mérida (2017): CSIC, Instituto de Arqueología – Mérida, pág. 237-281 (*Anejos de AEspA LXXX*).
- VILLAS-BÔAS, J. S. P. de (1947) – Nuevos elementos del Bronce atlántico en Portugal. *II Congreso Arqueológico del sudeste español* (Albacete, 1946). Crónica, Albacete, p. 156-162.

UMA NOVA LEITURA DO ESPÓLIO DAS ESCAVAÇÕES DE LEITE DE VASCONCELOS NO “CASTRO” DE PRAGANÇA, CADAVAL. EVIDÊNCIAS DE UMA OCUPAÇÃO DA I IDADE DO FERRO

A NEW APPROACH OF THE RECOVERED ARTEFACTS DURING LEITE DE VASCONCELOS ARCHAEOLOGICAL EXCAVATIONS IN “CASTRO” OF PRAGANÇA (CADAVAL, PORTUGAL). EVIDENCES OF A FIRST IRON AGE OCCUPATION

Ana Ávila de Melo* & João Pimenta**

Abstract

In this article the authors present a set of several Iron Age artifacts, mostly unpublished, from Pragança settlement. Since the late nineteenth century, this collection has been part of the National Archaeological Museum and the artefacts were recovered during archaeological excavations conducted by the founder of the National Archaeological Museum, José Leite de Vasconcelos in this archaeological site. This site is very often associated with the fortified Chalcolithic settlements of Estremadura, but there is evidence of later occupations, as J. Leite de Vasconcelos had already pointed out. The authors present an important set of materials from the Iron Age, framing them in a regional perspective and circulation of goods, integrating this archaeological site in a network of contacts with the orientaling and sideric world, that this set of artefacts demonstrate.

Keywords: Pragança, (Cadaval, Portugal); Iron Age; ceramics; glass beads; metal artifacts; orientaling contacts

1 – PREÂMBULO

Este artigo é o resultado de um longo período de investigação, em que os autores, embora com motivações, problemáticas e diacronias distintas, acabaram por se cruzar no estudo dos materiais do povoado de Pragança que integram o acervo do Museu Nacional de Arqueologia desde finais do século passado. Para um de nós (A. A. M.), a metalurgia do povoado de Pragança constitui, desde há muito, objeto de estudo e tema da tese de doutoramento a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, enquanto para o outro autor (J. P.), há muito que a problemática em torno da transição da Idade do Ferro e da conquista romana, especialmente na região da península de Lisboa têm orientado a sua investigação e conduzido à publicação de trabalhos sobre esta temática. Mais recentemente, no âmbito da elaboração em curso da sua dissertação de doutoramento, a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em torno da temática das dinâmicas do processo de conquista romana no Vale do Tejo, decidiu-se visitar as escavações antigas

* Doutoranda da FLUC. E-mail: anaavilamelo@gmail.com

** Centro de Estudos Arqueológicos Vila Franca de Xira – CEAX joao.marques@cm-vfxira.pt /Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras – Uniarq (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa).

de Pragança. Naturalmente, os contactos científicos estabeleceram-se, a partilha de informações fluiu e, em conversa informal, surgiu a ideia de publicar um trabalho conjunto em que fossem “revisitados” e publicados os materiais que atestam, sem qualquer dúvida, uma ocupação do sítio na I Idade do Ferro. É este contributo que ambos os signatários, em perfeita sintonia e respeito deontológico pelos resultados das respetivas investigações, agora dão a conhecer.

2 – ENQUADRAMENTO

O denominado Castro de Pragança é sem dúvida um dos mais emblemáticos sítios arqueológicos da península de Lisboa, situa-se no Concelho do Cadaval, União das Freguesias de Lamas e Cercal, correspondendo ao CNS – 1260. Implantado numa posição estratégica, no topo de uma elevação com a cota máxima de 334 metros de altitude, escarpada de forma inexpugnável a Oeste e a Noroeste, o sítio domina uma das principais portelas de acesso e de travessia da Serra de Montejunto (Figs. 1 a 3).

A descoberta do Castro de Pragança decorreu da curiosidade incansável de José de Leite de Vasconcelos e do facto de ter achado suspeito a denominação toponímica dada ao morro sobre a aldeia de Pragança, a que se chamava o Castelo. Face a essa constatação pede em 1893 ao seu amigo António Maria Garcia, para confirmar as suas suspeitas, das quais o mesmo rapidamente dá conta, confirmando a existência de um povoado no sítio designado como “Castelo”, devido à grande quantidade de cerâmicas encontradas à superfície (DOMINGOS & GOMES, 2005).

O interesse de José de Leite de Vasconcelos com o sítio e a região prende-se com o facto de a conhecer bem, por ter lá família e por ter residido no Cadaval onde exerceu medicina entre 1887 e 1888 (BRANCO, 1962). O primeiro Diretor do Museu de Belém irá realizar escavações arqueológicas em Pragança, nos anos de 1895, 1905 e 1915, recolhendo uma ampla coleção de materiais atualmente depositados no Museu Nacional de Arqueologia (VASCONCELOS, 1895, 1905, 1913 e 1915).

Posteriormente, outros investigadores promoveram investigações no local de maior ou menor extensão. Tais como o Cónego Joaquim Botto, cujo espólio por ele recolhido se encontra depositado no Museu de Faro e o arqueólogo Leonel Trindade que nas décadas de trinta e quarenta do século passado terá promovido igualmente escavações (DOMINGOS & GOMES, 2005). Mais recentemente, João Ludgero M. Gonçalves, nas funções de arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa, promoveu no final da década de 80, início dos anos 90, uma nova fase de escavações e valorização no local. Destaca-se pela sua relevância científica a deteção de estruturas defensivas no sítio, nomeadamente uma ampla estrutura semicircular interpretada como torre, na cota mais elevada do cabeço e datada por radiocarbono da primeira metade do terceiro milénio a.C. (GONÇALVES, 1990-1992).

Os vastos e heterogéneos espólios recolhidos em Pragança, que englobam cerâmicas, líticos, artefactos metálicos, contas de âmbar, e até numismas, encontram-se atualmente disperso por vários museus: o Museu Nacional de Arqueologia, o Museu Arqueológico do Carmo, o Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, o Museu de Faro, o Museu de Alenquer e o Museu do Cadaval.

Apesar do precoce interesse pela importância científica deste sítio e das várias campanhas de escavação aí realizadas, pouco se sabe sobre as suas ocupações. A verdade é que as escavações no povoado de Pragança remontam aos últimos anos do século XIX e primeiros do século XX e, para tal, foi fundamental o apoio no local de António Maria Garcia que faleceu em 1908, após um período prolongado de doença, o que explica que as escavações no povoado tenham terminado nos primeiros anos do século XX. A abertura ao público do atual

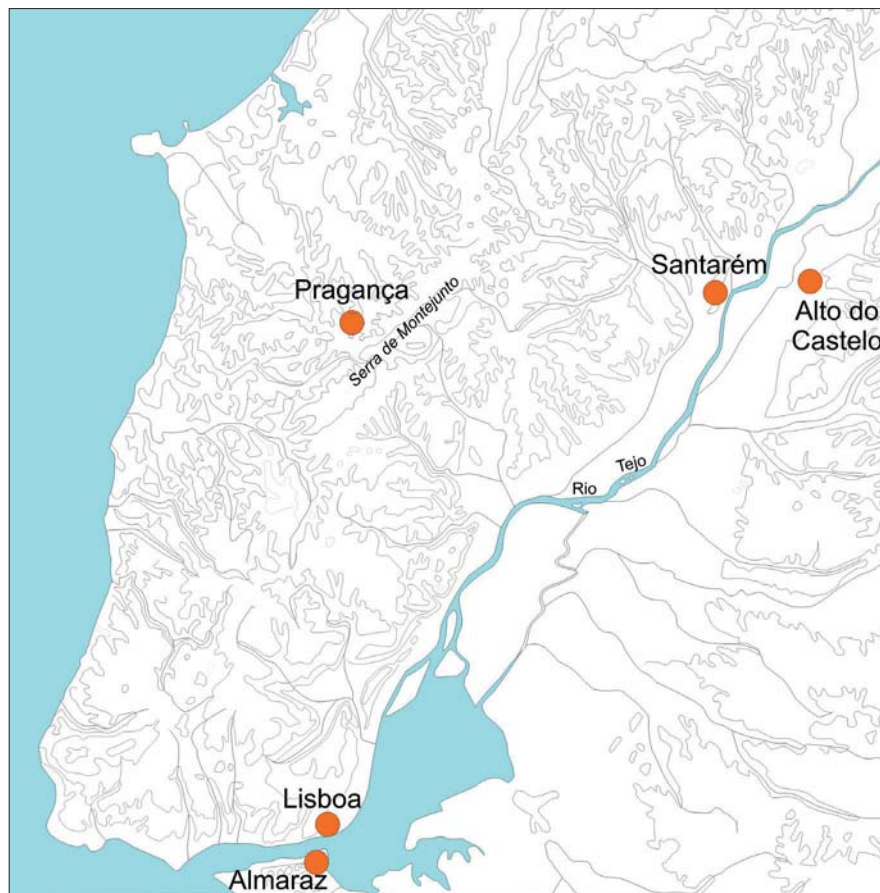


Fig. 1 – Localização do sítio de Pragança, no mapa da península de Lisboa e Baixo-Tejo. Para uma questão de contexto localiza-se igualmente os principais sítios de ocupação da Idade do Ferro na área em questão.



Fig. 2 – Fotografia aérea do sítio arqueológico de Pragança. Imagem de Drone de João Machado e João Pimenta.



Fig. 3 – Fotografia aérea do sítio arqueológico de Pragança, sendo bem visível o seu domínio sobre a portela de travessia da serra de Montejunto, entre Pragança e a Abrigada. Imagem de Drone de João Machado e João Pimenta.

Museu Nacional de Arqueologia, em 1906, também é outro fator que explica o “abrandamento” do interesse de J. Leite de Vasconcelos pelas intervenções arqueológicas em Pragança e o seu redobrado interesse em expor os materiais exumados dos diversos sítios por ele escavados. Por outro lado, não ficaram registos de campo – levantamento cartográfico e estratigrafia das áreas intervencionadas –, apenas informações esparsas sobre os materiais e, raramente, uma indicação mais precisa da localização dos achados, como é o caso dos machados do “Bico da Vela”, o ponto mais alto do sítio e, conseqüentemente, onde terão sido recolhidos dois machados metálicos de cronologia mais recuada.

Em 1905, Leite de Vasconcelos sintetiza assim os espólios por ele recolhidos:

“Pragança, en Estremadura, est le *crasto* le mieux représenté dans le Musée, à cause de ses riches dépouilles, appartenant à toutes les époques, en commençant par le néolithique. On y trouve: des pointes de flèche en silex et en cuivre, des lances en silex et en bronze, des haches en pierre et en bronze, des marteaux en pierre, des meules, des pendeloques en pierre et en ivoire, des perles en pierre, en verre et en ambre, des fibules en bronze, des vases, des fragments de poterie ornementée, des poids d’argile semblables à ceux d’Argar (Espagne), des fusaioles.” (VASCONCELOS, 1905, p. 67).

Importa sublinhar, que desde este primeiro trabalho ficou bem expresso que nesta estação se encontravam espólios que permitiam ver uma ampla diacronia de ocupação, remontando ao neolítico. Contudo, apesar destes “*riches dépouilles*”, foi escassa a atenção atribuída ao seu estudo, carecendo até hoje Pragança de uma monografia da totalidade dos dados aí exumados, embora até ao fim dos seus dias J. Leite de Vasconcelos sempre tenha reiterado a sua intenção de a publicar.

A riqueza do sítio em metais, mais de 500 peças, faz deste um dos maiores conjuntos proto-históricos exumados no território português (FIGUEIREDO, MELO & ARAÚJO, 2007) e fez com que o povoado de Pragança fosse inserido na cartografia da Idade de Bronze Final Peninsular (MONTEAGUDO, 1977; COFFYN, 1983; 1985), dando-lhe uma ampla notoriedade. Mais recentemente ao conjunto de machados e de armas da Idade do Bronze Final, foi aduzido, um invulgar conjunto de dezasseis ponderais em bronze (VILAÇA, 2003), assim como duas contas de âmbar báltico (ODRIOZOLA et al., 2017).

Contudo a aduzir às bem atestadas ocupações Calcolíticas e da Idade do Bronze Final, as fases mais recentes permaneceram em grande parte inéditas, tendo apenas sido estudadas um conjunto de nove fíbulas que abrangem a Idade do Ferro e o período romano republicano (PONTE, 1982; 2006; MELO et al., 2009) e o conjunto numismático, dos quais se destacam dois denários republicanos (Ruivo, 1993-1997), mas onde se encontram igualmente presentes outros oito numismas, que atestam uma continuidade de ocupação ou pelo menos de ocorrências em Pragança entre os séculos I e II d.C. (RUIVO, 1993-1997, p. 57).

Apesar desta escassa representatividade, alguns materiais excepcionais são conhecidos. Destaque-se o conjunto de materiais em prata e ouro, o chamado “tesouro de Pragança” (CNS – 1994). Trata-se de conjunto encontrado em 1934 “a pouca profundidade e junto dumas pedras”, “no extremo da estrada que conduz ao cimo do castro” de Pragança (HELENO, 1935, p. 239), e que parece atestar um período de instabilidade na vida do sítio. Deste conjunto, fazem parte, oito peças: uma conta e uma lúnula de ouro, três lúnulas, um torque e dois vasos em prata. As lúnulas possuem caneluras feitas por puncionamento, punctiformes e circunferências simples e concêntricas, associadas a SSS, organizados em motivos geométricos. O torques e o vaso, de colo estrangulado, são lisos. Este conjunto inscreve-se no final da II Idade do Ferro, tendo as lúnulas um paralelo muito próximo em exemplar de Viseu (HELENO, 1935, Est. VI, Fig. 25; SILVA, 1986, Est. CXIX, n.º 3). Os paralelos aduzidos por este último autor indicam cronologia do final da Fase II da Cultura Castreja, situável cerca de meados do século II a.C., ou seja podemos estar já perante um episódio de entesouramento correlacionado com a fase de conquista romana.

3 – FASEAMENTO DO SÍTIO

Como acima foi referido, ficou claro desde os trabalhos iniciais de Leite de Vasconcelos que o povoado de Pragança foi alvo de múltiplas ocupações. Estas materializaram-se num imenso acervo que se encontra à guarda do Museu Nacional de Arqueologia, no que diz respeito às investigações oitocentistas. No início da década de quarenta do século passado, o segundo diretor do Museu Nacional de Arqueologia, Manuel Heleno, visitou os diversos sítios arqueológicos do concelho do Cadaval, após o falecimento do fundador do museu, conforme relata J. Saavedra Machado dizendo que “em Torres Vedras e arredores, o director visitou o Museu e as colecções do Dr. Ricardo Belo e do Sr. Leonel Trindade, e investigou as grutas da Quinta das Lapas, do Reguengo Grande e do Reguengo Pequeno”, tendo Manuel Heleno acabado por comprar a colecção de artefactos metálicos recolhida por Leonel Trindade em Pragança, conforme refere J. Saavedra Machado (1965, p. 79-80). O espólio, em menor número de artefactos, das escavações mais recentes efectuadas neste sítio arqueológico por João Ludgero Marques Gonçalves encontra-se depositado no Museu do Cadaval. A prioridade dada por este arqueólogo nas suas escavações em Pragança foi delimitar a muralha do povoado a qual, embora tivesse sido já referida por J. Leite de Vasconcelos, não estava visível e o seu perímetro integral não era conhecido.

Os materiais existentes permitem sustentar uma primeira ocupação do sítio no Neolítico Antigo, sendo disso exemplo cerâmicas decoradas do tipo falsa folha de acácia assim como alguns artefactos líticos, nomeadamente de sílex.

O Calcolítico constitui, sem dúvida, um período expressivo da ocupação do sítio, que bem merecia outra atenção por parte da comunidade científica. O volume da amostragem dos artefactos atribuíveis a esta fase aguarda uma análise monográfica que lhe confira o destaque merecido. Da análise que pudemos efetuar no âmbito da revisão da coleção do Museu Nacional de Arqueologia e do Museu do Cadaval, o acervo abrange todo o período Calcolítico. O único conjunto que se encontra tratado e analisado do ponto de vista científico é o dos materiais campaniformes (BASÍLIO, 2015; BASÍLIO & TEXUGO, 2017) e os artefactos metálicos representativos desta época, como pontas de Palmela, machados planos, facas, serras, punções, em cobre ou cobre arsenical (FIGUEIREDO, MELO & ARAÚJO, 2007).

O morro do Castelo de Pragança volta a ser ocupado no final da Idade do Bronze, sendo que a relevância dos seus espólios e a sua exibição no Museu Nacional de Arqueologia, lhe granjeou desde cedo notoriedade no âmbito das sínteses sobre Idade do Bronze Peninsular (MONTEAGUDO, 1977; COFFYN, 1983; 1985), mas igualmente nas sínteses regionais da Estremadura (KUNST, 1995) e da península de Lisboa (CARDOSO, 2004; SOUSA, 2016a).

Sobre a ocupação da Idade do Bronze, destaca-se sem dúvida o conjunto de artefactos metálicos enquadráveis neste período, encontrando-se este em fase final de estudo por um de nós (A. A. M.). Este é bastante vasto e o mais representativo desta fase de ocupação do sítio, incluindo armas, utensílios, ponderais em bronze (VILAÇA, 2003) e objectos de adorno, mas é sobretudo caracterizado por utensílios e, fundamentalmente, pelas armas, como os machados de talão e aselhas, foice tipo Rocanes, punhais tipo Porto de Mós, fragmentos de lâmina de espada, pontas de lança, contos de lança, conteiras de bainha de espada. O grupo dos objetos de adorno está maioritariamente representado pelo enorme conjunto de argolas recolhidas neste sítio; claro que este tipo de artefacto tem uma diacronia longa e, embora se possa atribuir à última etapa da Idade do Bronze, a verdade é que a sua utilização se prolongou pela Idade do Ferro, pelo menos na sua etapa inicial. Ainda dentro do grupo dos objectos de adorno temos que sublinhar a presença já acima referida de duas contas de âmbar de proveniência báltica, que insere assim Pragança no quadro da circulação, troca e comercialização destes produtos de exceção (ODRIOZOLA et al., 2017).

Entre o restante espólio atribuível a esta fase destaca-se o conjunto de cerâmica manual, típico desta fase, e inserível no quadro conceptual e tipológico da fase final da Idade do Bronze¹ (CARDOSO, 1995; 1999-2000; 2004). Graças aos estudos realizados nos últimos anos em sítios já clássicos mas que careciam de revisão, tais como a Praça da Figueira em Lisboa (SILVA, 2013); o povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa (CARDOSO & SILVA, 2004); o povoado do Castelo de Alverca do Ribatejo (PIMENTA & MENDES, 2007), o depósito votivo de Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (CARDOSO, 2013; MONTEIRO & PEREIRA, 2013), a Serra de Sintra (CARDOSO, 2014; CARDOSO & SOUSA, 2014), o Cabeço do Mouro Cascais (CARDOSO, 2006) o casal agrícola de Abrunheiro, Oeiras (CARDOSO, 2010-2011), o povoado do Cabeço de Alcainça, Mafra (PONCE, 2012), o povoado da Serra do Socorro, Torres Vedras/Mafra (DIAS, 2017) e o Castelo da Amoreira, Odivelas (BOAVENTURA, PIMENTA & VALLES, 2013), começamos a dispor de uma amostragem quantitativa de espólios, sítios e de distintas ocupações que permitem um melhor estudo e compreensão das dinâmicas da Idade do Bronze nesta área.

¹ Este conjunto cerâmico encontra-se de momento e na sequência dos estudos em epígrafe, a ser estudado por Pedro Carita no âmbito de uma dissertação de Mestrado a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa orientado pela Professora Elisa de Sousa.

O conjunto cerâmico de Pragança atribuível à Idade do Bronze é vasto e diversificado, sendo constituído por contentores de armazenamento, encontrando-se alguns particularmente bem preservados, como o que se encontra na exposição permanente do Museu do Cadaval. Mas também, por peças de melhor qualidade evidenciando paredes muito finas e acabamento acetinado e polido como algumas das peças melhor preservadas e que se encontram disponíveis no MatrizNet². Desde cedo a análise deste conjunto permitiu identificar entre estas peças de acabamento mais cuidado, decorações em ornatos brunidos, constando aliás Pragança no mapeamento deste tipo de evidências (SPINDLER, 1981; BUBNER, 1996).

A presença deste tipo de decorações de ornatos brunidos tipo Lapa de Fumo, dá-nos precisamente o mote para o presente artigo, que pretende sublinhar e apresentar as evidências que sustentam uma ocupação da Idade do Ferro no sítio. Recorde-se que segundo a proposta de João Luís Cardoso, estas cerâmicas “(..) teriam aparecido mais tarde prologando-se até à generalização das cerâmicas feitas ao torno rápido, de origem oriental, a partir do século VIII a.C. (CARDOSO, 1995, p. 88). Sublinhe-se que esta proposta tem vindo a ser corroborada para área em análise tendo vindo a ser identificada nos níveis arcaicos de fundação do povoado pré-romano de Lisboa as cerâmicas de ornatos brunidos a par dos primeiros materiais de feição oriental (PIMENTA, SILVA & CALADO, 2013; PIMENTA, SOUSA & AMARO, 2015).

4 – EVIDÊNCIAS DE UMA OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO

“A pesar del desconocimiento y de la escasez de datos para la región extremeña en general, pienso que es legítimo afirmar que «castros» de la Edad del Hierro, como Ota, Pragança, Rocha Forte y San Salvador, entre otros, no fueron tocados por ningún orientalismo, a pesar de que , en algunos de ellos, la ocupación humana se remonta al Bronce Final, e incluso a épocas anteriores, como el Calcolítico.”

A. M. Arruda, 2002, p. 223

Não sendo o período mais representativo da ocupação humana no povoado de Pragança, os materiais atribuíveis à I Idade do Ferro constituem, no entanto, um conjunto coerente, praticamente desconhecido e que lança luz sobre as transformações, contactos e dinâmica das estratégias de povoamento na Estremadura, no dealbar da I Idade do Ferro, tema que tem despertado o interesse de vários autores nas últimas décadas (ARRUDA, 2002; CARDOSO, 2004; MELO & MARTINEZ, 2001) e de que o presente trabalho se pretende constituir como mais um contributo para a caracterização da região estremenha nesta época.

Recentes trabalhos de levantamento sistemático do território da península de Lisboa e Vale do Tejo, direccionados para o estudo e conhecimento das realidades proto-históricas têm nos últimos anos vindo a alterar o estado dos conhecimentos, veja-se o caso dos novos sítios identificados na bacia hidrográfica do rio Grande da Pipa (PIMENTA & MENDES, 2010-2011), rio da Silveira (PIMENTA & MENDES, 2015) ou do rio Tejo, nomeadamente a rede de povoamento na margem esquerda do rio em frente a Santarém (ARRUDA et al. 2017). Ainda que estas novas evidências careçam de trabalhos mais aprofundados, nomeadamente de escavações e leituras estratigráficas em muitos dos sítios ora identificados, os dados permitem percepcionar um quadro de maior complexidade, denotando-se uma mais ampla dialética entre os sítios litorais ou estuarinos, onde o processo de orientalização é assaz mais profundo, e os povoados indígenas da Idade do Bronze, como

² <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosListar.aspx?TipoPesq=2&NumPag=1&RegPag=50&Modo=1&Criterio=Castro+de+Pragan%c3%a7a>

é o caso de Pragança e onde a revisão dos espólios antigos começa agora a valorizar alguns elementos que podem atestar este contacto e interacção.

Os materiais identificados da I Idade do Ferro constituem um conjunto cerâmico variado, com cerâmica manual e a torno, destacando-se os recipientes de armazenamento e fragmentos de ânfora. Já no que se refere aos artefactos metálicos em bronze, a maioria integra objectos de adorno, de que destacamos duas fíbulas tipo Acebuchal, uma fíbula anular hispânica e alguns fragmentos de braceletes “acorazonados” ou “arriñonado”, segundo a terminologia de J. Jiménez Ávila (JIMÉNEZ ÁVILA, 2006).

4.1 – Conjunto cerâmico

É conveniente clarificar antes de entrarmos na análise concreta dos artefactos que atribuímos a este período, que o acervo proveniente das escavações no “Castro” de Pragança depositado no Museu Nacional de Arqueologia corresponde a um conjunto amplo e heterógeno, que atesta de forma desigual as diversas etapas da sua ocupação. Este espólio denota igualmente à luz da época em que foi recolhido uma seletividade na recolha de materiais, seletividade essa, bem patente na inexistência de fragmentos indiferenciados ou na total ausência de faunas exceto alguns artefactos em osso mais característicos.

4.1.1 – A cerâmica manual

Tendo assim por base uma análise tipológica do conjunto cerâmico, os dados disponíveis colocam-nos alguns problemas de natureza cronológica, visto que muitos dos materiais de cerâmica manual presentes em Pragança, e que podemos atribuir à Idade do Bronze, perduram nos primeiros momentos da Idade do Ferro, tenha-se presente os dados contextuais de Santarém (ARRUDA, 2002), de Lisboa (PIMENTA, SILVA & CALADO, 2013; FERNANDES et al., 2013), ou os do povoado de cabanas de Santa Sofia, Vila Franca de Xira (PIMENTA & MENDES, 2010-2011). Sublinhe-se que neste último sítio, se assiste a um arcaísmo da cultura material, perdurando morfologias proto-históricas, assim como arquiteturas, num habitat já pautado por uma cronologia de inícios da Idade do Ferro, cronologia sustentada na presença de importações do mundo fenício mas igualmente com datações de radiocarbono (PIMENTA, SOARES & MENDES, 2013).

Optámos assim, no presente trabalho, por não incluir os materiais da Idade do Bronze Final ou de tradição desta. Apenas apresentamos, a título ilustrativo, algumas taças carenadas com um claro tratamento diferenciado a nível das suas superfícies e com fabrico distinto, evidenciando pastas de textura fina e média com escassos elementos não plásticos, bem distribuídos. As superfícies encontram-se alisadas e brunidas, incluindo algumas delas a aplicação prévia de uma aguada. A nível formal, destaca-se com este fabrico a presença de taças com carenas altas bem evidenciadas (Fig. 4, n.º 1, 2 e n.º 7 e 8). Encontra-se igualmente presente os grandes contentores de armazenamento de colo alto e lábio simples (Fig. 4, n.º 3), que parecem já afastar-se dos modelos típicos para a Idade do Bronze Final.

Particularmente interessante para definir esta fase inicial da Idade do Ferro resulta a análise de um conjunto de recipientes em cerâmica manual, que documentam de forma clara o surgimento de novas realidades, ainda que marcadas por continuidades relativamente às tradições oleiras da Idade do Bronze Final. O exemplar PRAG. 986.108.552, (Fig. 4, n.º 4) corresponde a um contentor de armazenamento com um bocal circunscrevendo um diâmetro de cerca de vinte centímetros, do qual arranca uma asa bífida, denotando evidentes afinidades formais com as asas e com as morfologias dos contentores de armazenamento que caracterizam os contextos sidéricos do vale do Tejo do tipo *Pithoi* (ARRUDA, 2002). A imitação em cerâmica

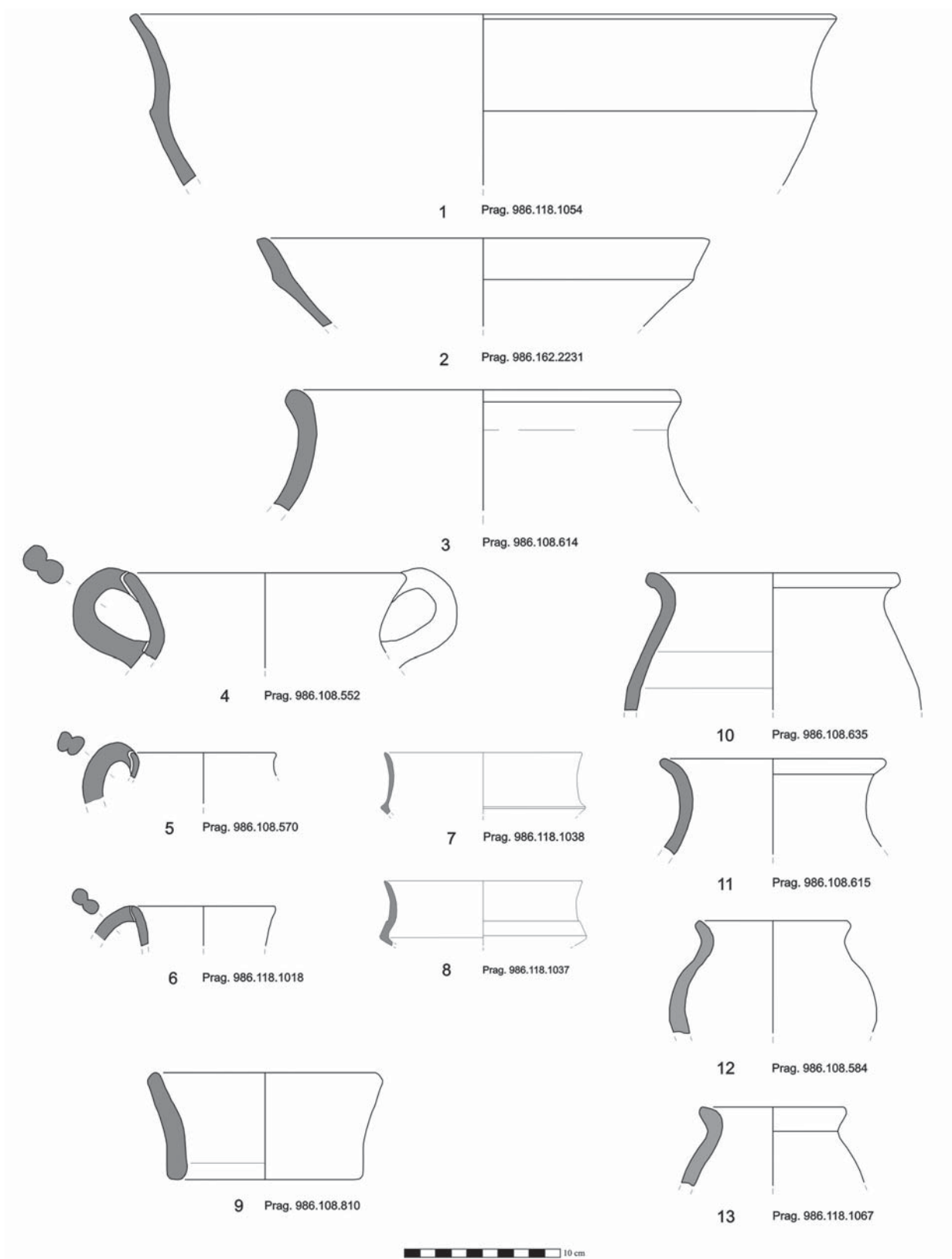


Fig. 4 – Cerâmicas manuais de tradição da Idade do Bronze e da I Idade do Ferro de Pragança. Desenhos de Inês Conde e João Pimenta.

manual de peças destes modelos orientais, em clara consonância com as produções da Idade do Bronze, apesar de pouco frequente, encontra-se atestada para o vale do Tejo, no Porto do Sabugueiro, Salvaterra de Magos (PIMENTA & MENDES, 2008) e na Cabeça de Vaiamonte, Monforte (FABIÃO, 1996, p. 46). Os fragmentos de bocal PRAG. 986.108.570 e PRAG. 986.118.1018 (Fig. 4, n.º 5 e 6), pertencem, face ao seu diâmetro e morfologia, a pequenas taças de acabamento cuidado evidenciando as suas superfícies brunidas, contudo o facto de apresentarem igualmente pequenas asas bífidas arrancando do lábio remete igualmente para cronologias sidéricas.

Entre as cerâmicas manuais proto-históricas identifica-se ainda um pequeno mas coerente conjunto de recipientes de perfil em S que se inserem na nossa opinião nestas cronologias, (Fig. 4, n.º 10 a 13) e tendo em conta o facto de as suas superfícies se encontrarem escurecidas pela contínua exposição ao lume, parece podermos estar perante potes/panelas.

O exemplar PRAG. 986.108.810, (Fig. 4, n.º 9) corresponde a um suporte em cerâmica manual de acabamento algo grosseiro. Funcionalmente estas peças servem para suportar vasos de maiores dimensões geralmente de fundo côncavo. Trata-se de uma morfologia que, ainda que não muito abundante, se encontra atestada precisamente em contextos sidéricos. É no vale do Tejo, em sítios com forte presença do mundo fenício, como a Alcáçova de Santarém, que encontramos o melhor paralelo para a peça de Pragança, ainda que a peça Escalabitana seja fabricada já ao torno (ARRUDA, 2002, p. 188, Fig. 120, n.º 3). Os exemplares que conhecemos em Lisboa, parecem corresponder já a uma evolução deste protótipo de suporte evidenciando um perfil mais evoluído que se encontra bem datado já do século V a.C. (SOUSA, 2014, p. 165).

4.1.2 – A cerâmica a torno

O conjunto de cerâmica a torno proveniente de Pragança e depositado no Museu Nacional de Arqueologia apresenta-se amplo e diversificado. Após uma análise cuidada verificou-se que esta leitura apenas corrobora a relevância da implantação do sítio e a sua ampla diacronia de ocupação, que se estende ao longo de toda a Idade do Ferro e alcança o período romano. O grosso do conjunto corresponde à sua ocupação datada já do final da Idade do Ferro e que é coetânea com o mundo romano republicano. Trata-se de uma ocupação centrada entre os séculos II e I a.C. e que encontra bons paralelos nos conjuntos “monótonos” de contentores de armazenamento certamente destinados ao armazenamento de cereais dos sítios de Outeiro da Assenta, Óbidos (CARDOSO & MARTINS, 2009), Castro de São Salvador, Cadaval e do Castelo, Arruda dos Vinhos (CARDOSO, 2014). O estudo monográfico desta fase final da ocupação da Idade do Ferro de Pragança insere-se já no âmbito do estudo que um de nós (J.P.) tem em fase de conclusão.

Porém, a par destes materiais de fácies tardio, individualiza-se um conjunto coeso de cerâmicas a torno que evidenciam alguns contactos, pelo menos indiretos, com o mundo orientalizador do vale do Tejo ou dos povoados da fachada atlântica como o Outeiro da Assenta ou o Castro da Serra do Socorro (CARDOSO, 2004).

A ausência de quaisquer coordenadas estratigráficas impedem qualquer tentativa de precisão cronológica, contudo alguns elementos remetem para as fases iniciais da Idade do Ferro, que podemos situar entre os meados do século VII e o VI a.C., nomeadamente a presença de alguns fragmentos de asas bífidas a torno que podem pertencer a contentores de armazenamento de morfologia orientalizador do tipo *pithoi*, caso dos exemplares da figura 5, n.º 14 a 19. Trata-se de produções de cariz regional com um tipo de fabrico, que iremos igualmente encontrar nos outros conjuntos de cerâmica a torno a analisar. Corresponde a uma pasta homogénea e bem depurada, resultante de uma cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos, de pequena dimensão, sendo mais evidentes à superfície do que o núcleo. Compostos por

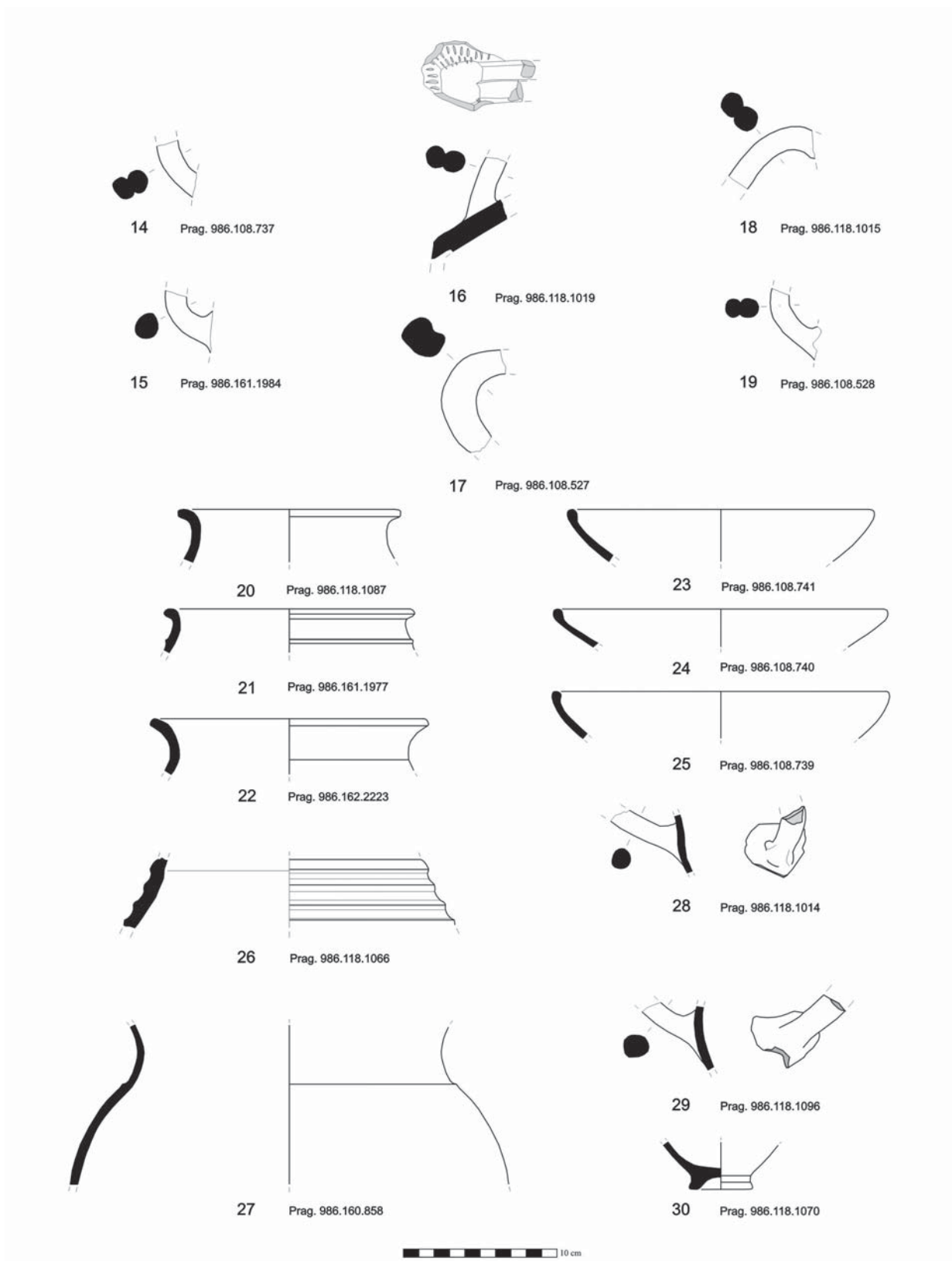


Fig. 5 – Cerâmicas a torno da Idade do Ferro de Pragança. N.º 14 a 19 asas bifidas de contentores de armazenamento do tipo *Pithos*; N.º 17 asa de ânfora; n.º 20 a 30 cerâmica cinzenta fina polida. Desenhos de Inês Conde e João Pimenta.

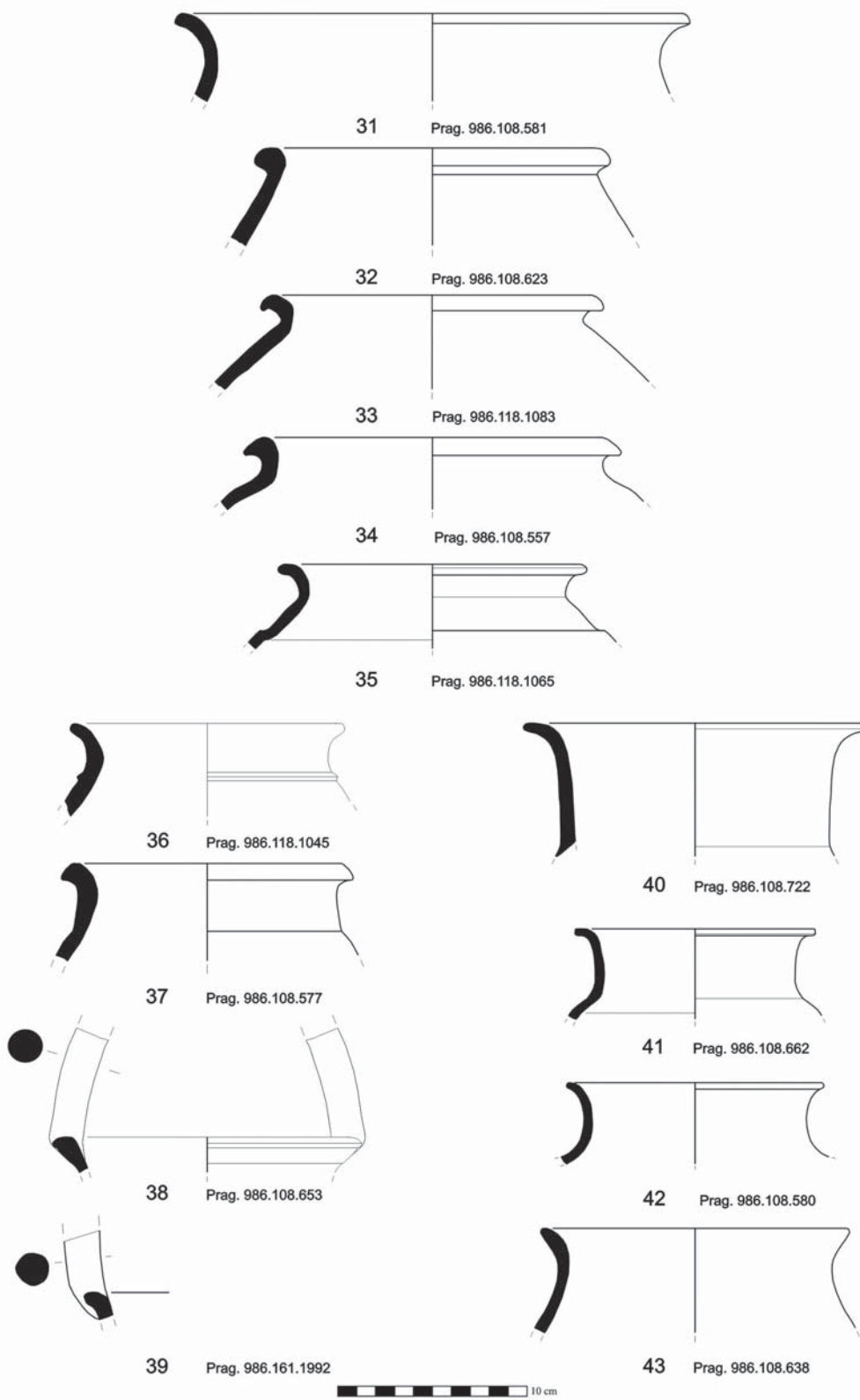


Fig. 6 – Cerâmicas a torno da Idade do Ferro de Pragança. N.º 32 Possível bocal de ânfora; n.º 31 e n.º 33 a 43 contentores de armazenamento. Desenhos de Inês Conde e João Pimenta.

quartzos, micas e elementos de cerâmica cozida. A tonalidade varia entre o acinzentado (Muns 10 YR 6/1) e o castanho avermelhado (Muns 2.5 YR 6/8) revelando normalmente um cerne acinzentado (Muns 2.5 YR 5/1). Destaca-se, pelo seu ineditismo, o exemplar PRAG. 986.118.1019 (Fig. 5, n.º 16), correspondendo a um fragmento de parede de um grande contentor de armazenamento, evidenciando uma carena bem marcada, de onde arranca uma asa bifida e sobressai a decoração em torno da asa. Trata-se de uma decoração ungulada, que confere um cariz arcaizante a este contentor e, mais uma vez, como já tínhamos observado no conjunto da cerâmica manual uma simbiose entre morfologias proto-históricas.

Um dos enigmas do conjunto cerâmico de Pragança é a quase total ausência de ânforas, quer dos modelos pré-romanos, quer nos contextos de cronologia republicana dos contentores itálicos. Não estamos seguros da explicação para este fenómeno, se resulta de um descarte deste tipo de evidências durante a escavação, ou de uma real ausência motivada por questões que nos escapam. O único elemento que podemos associar, com alguma segurança à morfologia anfórica, é o exemplar PRAG. 986.108.527, (Fig. 5, n.º 17), correspondendo este a uma asa de secção circular e com sulco central. Este tipo de elemento de preensão encontra-se normalmente associado a modelos mais evoluídos de ânforas com cronologias centradas já na segunda metade do primeiro milénio característicos das produções do vale do Tejo (SOUSA, 2014, p. 106). Outro dos elementos que podemos interpretar, ainda que assumamos com algumas dúvidas, como ânfora, é o amplo bocal, PRAG. 986.108.623 (Fig. 6, n.º 32). Evidencia um lábio espesso e destacado que o distingue do restante conjunto de contentores de armazenamento, o bojo é troncocónico e parece corresponder a um corpo ovalado, o que correspondia bem com a interpretação de estarmos perante uma ânfora. A existência de uma produção de ânforas de tipologia pré-romana nos vales do Tejo/Sado foi inicialmente proposta por Ana Arruda (2002), sendo esta hipótese reforçada com os dados do estudo do conjunto anfórico da alcáçova medieval de Lisboa (PIMENTA, 2005) e consolidada para a Idade do Ferro com o estudo monográfico das escavações arqueológicas realizadas na Rua dos Correiros, em Lisboa (SOUSA, 2014). Considerando o aumento significativo da informação disponível, foi desenvolvida recentemente uma proposta tipológica para as produções regionais de ânforas pré-romanas do estuário do Tejo (SOUSA & PIMENTA, 2014). Com base nessa proposta tipológica o exemplar de bocal em apreço, poderia inserir-se dentro do seu tipo 1, com cronologias centradas entre o século VIII e o V a.C. (SOUSA & PIMENTA, 2014, p. 251-252).

A cerâmica cinzenta fina é sempre muito abundante nos níveis proto-históricos dos povoados sidéricos de Lisboa, Almaraz ou da Alcáçova de Santarém evidenciando uma ampla variabilidade formal (ARRUDA, 2002). Trata-se de uma característica produção cerâmica produzida a torno rápido, revelando um acabamento cuidado – superfícies polidas, brunidas ou espatuladas – e um tom genericamente acinzentado resultante de cozeduras redutoras. Em Pragança não é exceção, e encontramos este tipo cerâmico bem representado. A forma mais abundante corresponde às taças de bordo convexo engrossado internamente (Fig. 5, n.º 23 a 25). No estudo das cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa (ARRUDA, FREITAS & VALLEJO, 2000), estas taças foram inseridas na forma 1, sendo uma das formas mais características dos contextos orientalizantes peninsulares. Sublinhe-se que a cronologia desta forma é ampla, surgindo em meados do século VIII mantém-se ao longo de toda a Idade do Ferro e chegando mesmo em Santarém a alcançar os níveis de época romana republicana (ARRUDA, 2002, p. 19-197).

Identificam-se ainda alguns bocais de potes (Fig. 5, n.º 20 a 22), assim como um fragmento bem preservado de colo e bojo de um amplo contentor de armazenamento em cerâmica cinzenta, (Fig. 5, n.º 27). Este tipo de recipientes encontra bons paralelos em modelos do primeiro milénio característicos das produções do vale do Tejo (SOUSA, 2014 e 2016b).

Destaca-se o fragmento PRAG 986.118.1066, correspondendo a um fragmento de bojo marcado por caneluras bem evidenciadas, (Fig. 5, n.º 27). Este elemento remete para o tipo de decoração presente nos jarros

de cerâmica cinzenta presentes no sítio de Outurela, Oeiras, (CARDOSO et al., 2014), contudo o seu amplo diâmetro, cerca de vinte centímetros, leva-nos a interpretar antes como contentor de armazenamento.

Por último entre o conjunto de cerâmica cinzenta que podemos atribuir à Idade do Ferro, identificamos os exemplares PRAG 986.118.1014 e PRAG 986.118.s1096. (Fig. 5, n.º 28 e 29) correspondem a taças que mostram traços de influência de protótipos gregos ao qual poderá estar igualmente associado o fundo anular PRAG 986.118.1070 (Fig. 5 n.º 30). Estas produções de matriz helenística, até há pouco mal documentadas no extremo ocidente, foram recentemente sistematizadas para o vale do Tejo (SOUSA & PIMENTA, 2017). Esta morfologia corresponde a uma taça de bordo simples e ligeiramente extrovertido, a partir do qual se desenvolve perfil carenado bem marcado. A base é de tendência anelar, exibindo um pé consideravelmente alto, cujo perfil se assemelha, de certa forma, ao de algumas taças gregas. Partindo da carena, são aplicadas duas asas horizontais, de secção geralmente subcircular, que constituem o elemento revelador da influência dos protótipos do Mediterrâneo Oriental.

Não é fácil determinar com precisão os modelos que serviram de inspiração para a produção destes exemplares. Os tipos mais próximos, se atendermos ao perfil carenado, seriam algumas variantes das *stemmed cups*, cuja cronologia se centra sobretudo nos finais do século VI e no século V a.C., mas que, em alguns casos, se pode prolongar até ao século IV a.C.. Contudo, a inexistência, até à data, de qualquer importação destes vasos na área impõe alguma cautela nesta associação (SOUSA & PIMENTA, 2017).

Os recipientes de armazenamento de grande dimensão produzidos a torno são o conjunto melhor representado, evidenciando uma grande diversidade formal (Fig. 6, n.º 31, 33 a 37, 40 a 43; Fig. 7, n.º 44 a 46 e 48 e 49). Ainda que alguns bocais como o PRAG. 986.108.577, (Fig. 6, n.º 37) remeta para o mundo orientalizante e façam lembrar os *pithoi* do mundo fenício, os restantes encontram bons paralelos em modelos de inícios da segunda metade do primeiro milénio a.C., característicos das produções do vale do Tejo (SOUSA, 2014 e 2016b; PIMENTA, MENDES & MADEIRA, 2009). Na tipologia proposta com base no estudo das escavações arqueológicas da Rua dos Correeiros, em Lisboa, estes contentores foram incluídos na sua Série 10 – Potes e/ou panelas (SOUSA, 2014, p. 167) englobando assim uma grande variedade de recipientes fechados de corpo globular ou de tendência ovoide. Tendo em conta o lábio pendente de formato triangular presente em alguns exemplares, PRAG. 986.118.1093; PRAG. 986.108.557, PRAG. 986.118.1065, (Fig. 6, n.º 33 a 35), podemos englobá-los na variante 10Ba da mesma tipologia (SOUSA, 2014, p. 171).

Ainda entre estes contentores destaca-se a presença dos exemplares PRAG. 986.108.653, PRAG. 986.161.1992, (Fig. 6, n.º 38 e 39), que evidenciam uma asa interna, denominada na literatura como “asa de cesta” arrancando diretamente do lábio. Esta morfologia encontra-se em cronologias idênticas de meados do século V a.C., tendo sido individualizada para a foz do Tejo na variante 10Aa.3 da tipologia que temos vindo a seguir (SOUSA, 2014, p. 170).

Por último temos ainda o exemplar PRAG. 986.108.510 (Fig. 7, n.º 47), que corresponde a um fragmento de bocal de contentor de armazenamento, apresentando uma invulgar asa lateral. Resulta interessante pois, no âmbito da revisão que um de nós (J.P.) tem em curso das escavações antigas de Marques da Costa em Chibanes, identificou-se um exemplar em tudo idêntico ao ora publicado e que remete para momentos tardios da Idade do Ferro (PIMENTA et al., no prelo).

4.1.3 – O conjunto de cossoiros

Preserva-se entre a coleção do Museu Nacional de Arqueologia um diversificado conjunto de cossoiros, composto por 78 exemplares. Sublinhe-se que a esta amostragem ainda se pode aduzir os numerosos exem-

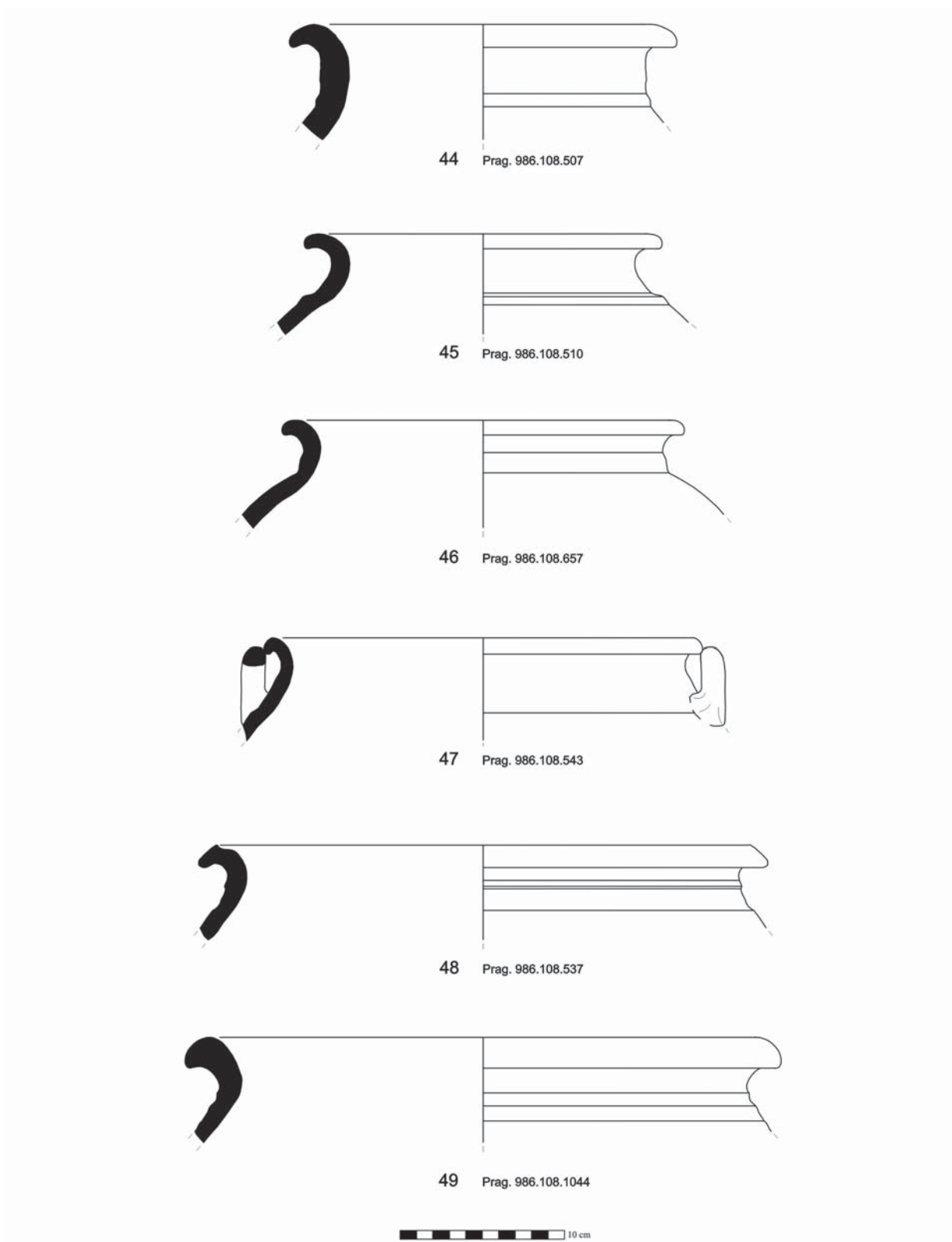


Fig. 7 – Cerâmicas a torno da Idade do Ferro de Pragança. N.º 44 a 49 contentores de armazenamento. Desenhos de Inês Conde e João Pimenta.

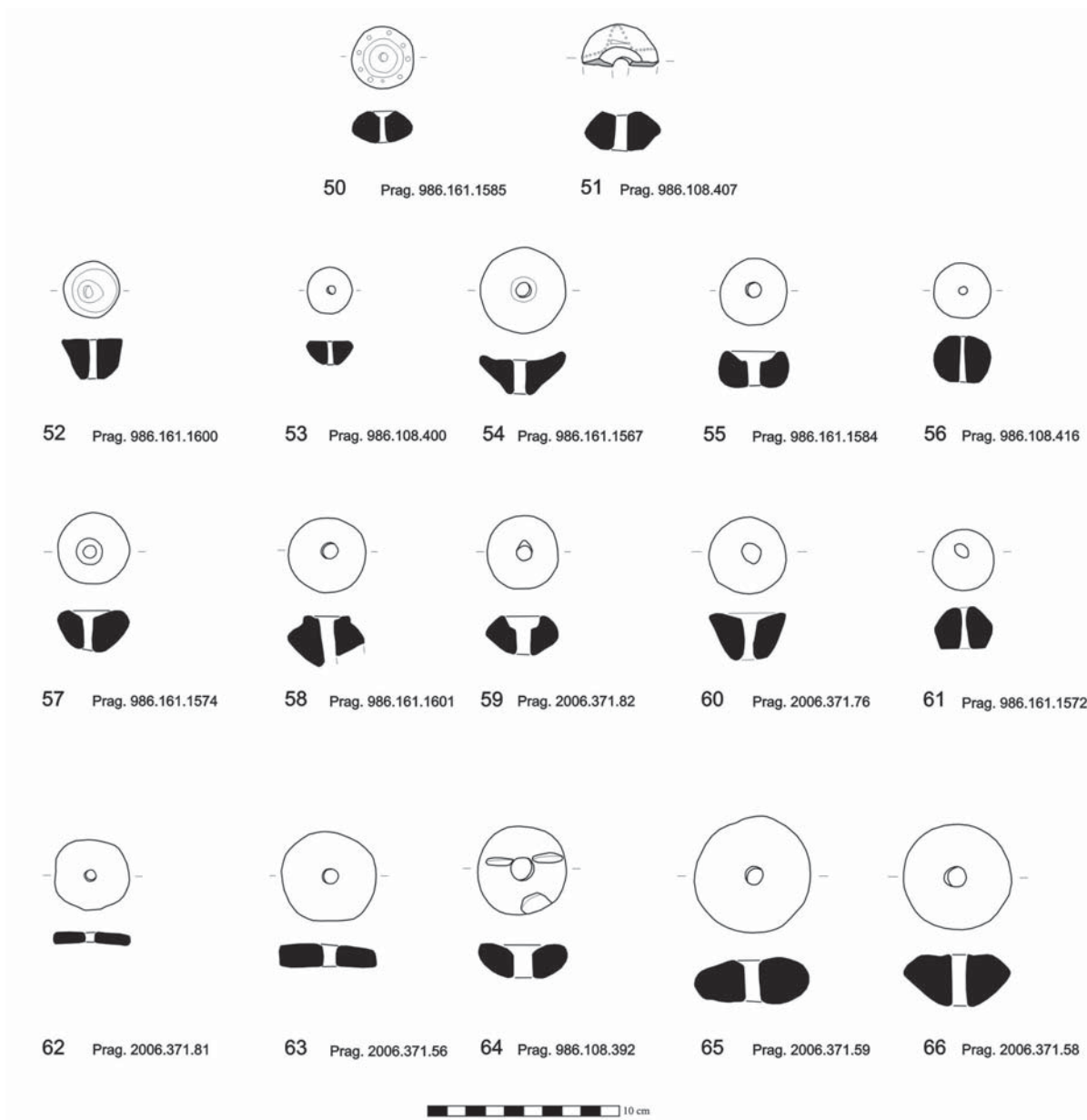


Figura 8 – Cossoiros da Idade do Ferro de Pragança. Desenhos de Inês Conde.

plares expostos no Museu do Cadaval com esta proveniência, 14 exemplares. Temos assim um significativo número de 92 cossoiros, provenientes de Pragança, ainda que a ausência de qualquer coordenada contextual nos impeça de esclarecer qual ou quais as suas cronologias.

Estes artefactos encontram-se associados com a atividade têxtil, ainda que a sua presença em contextos votivos ou mesmo funerários tenha vindo a ser bem matizada (GOMES, 2016 e 2017; PEREIRA, 2013; PEREIRA, 2016/2017). Não sendo aqui o espaço para apresentarmos de forma circunstanciada o conjunto de Pragança, não podemos deixar de sublinhar que a sua associação a esta fase inicial da Idade do Ferro não é totalmente clara face à inexistência de quaisquer coordenadas contextuais. Os exemplares em análise parecem ter sido

produzidos quer manualmente, apresentando nestes casos uma significativa assimetria, quer com recurso a técnicas de moldagem, (Fig. 8, n.º 50 a 61 e 64 a 66).

Ainda relacionado com o mundo da tecelagem, encontramos diversos fragmentos a torno intencionalmente afeiçãoados e com perfuração central que aparentemente terão igualmente servido com a mesma função dos cossoiros (Fig. 8, n.º 62 e 63).

4.2 – Os artefactos em vidro

Preserva-se entre a coleção de Pragança, um conjunto significativo e coerente de contas em vidro. Apesar da ausência de qualquer contexto primário que nos elucide em relação à sua cronologia, é importante sublinhar que a introdução dos artefactos vítreos disseminam-se pelo território português com a presença fenícia (ARRUDA, 2002). A sua ampla difusão e sucesso é porém mais recente, tendo a sua difusão e historial de investigação sido alvo de análise recente (ARRUDA et al., 2016).

Foi possível identificar uma conta galonada completa, PRAG. 986.161.1564 (Fig. 9, n.º 67); cinco contas completas (Fig. 9, n.º 68 a 72); e dez fragmentos de outras de pasta vítrea de tom azul-cobalto (Fig. 9, n.ºs 73 a 82). Identificou-se ainda um fragmento de conta de tom amarelo, PRAG. 986.161.2027 (Fig. 9, n.º 83).

Este tipo de contas encontra-se bem documentado no território peninsular (RUANO RUIZ, 2000), nomeadamente no numeroso conjunto de Cabeça de Vaiamonte (FABIÃO, 2001) ou no Porto do Sabugueiro, onde foi mesmo proposta a sua produção local (ARRUDA et al., 2016). Em termos de cronologia estas contas encontram-se bem atestadas quer em contextos pré-romanos, em particular da segunda metade do primeiro milénio a.C., mas encontram-se igualmente presentes em contextos romano republicanos dos séculos II e I a.C.; para uma revisão da sua dispersão e da problemática inerente às suas cronologias veja-se o recente trabalho sobre as peças do baixo-Tejo (ARRUDA et al., 2016).

4.3 – Conjunto metálico

O conjunto de artefactos metálicos do povoado de Pragança, atribuíveis à I Idade do Ferro, que agora apresentamos, é constituído por dois fragmentos de fíbula tipo Acebuchal, um fragmento de fíbula tipo La Tène I, um arco de fíbula anular hispânica, dois botões cónicos e dois fragmentos de braceletes “acorazonados”, ver Fig. 10.

As duas fíbulas tipo Acebuchal têm, respectivamente, os números de inventário 2005.10.26 e 2005.10.27. Ambas foram já objecto de publicação pela primeira signatária num estudo arqueometalúrgico das fíbulas de Pragança (MELO et al., 2009), sendo que o primeiro exemplar (2005.10.26) e também uma delas (2005.10.26) já tinha sido apresentada no *Corpus* das fíbulas Proto-históricas e romanas de Portugal editado por Salette da Ponte (PONTE, 2006). Correspondem a um modelo típico do mundo orientalizante da Idade do Ferro, com cronologias centradas entre os finais do século VIII e o final do século VI a.C. (PONTE, 2006, p. 142).

O primeiro dos exemplares conserva parte do arco laminar bifurcado, com faces labiais decoradas longitudinalmente por sulcos paralelos e pé. Esta peça corresponde ao tipo 9b/2.1 de Ponte e 4c de Schüle, (Fig. 10, n.º 89). A peça foi analisada por EDXRF no antigo ITN (actual Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares da Universidade de Lisboa) e os resultados obtidos confirmaram tratar-se de um bronze (liga de Cu e Sn), com adição de chumbo (Pb).

O segundo exemplar deste tipo de fíbulas apenas conserva parte do arco laminar e arranque do pé, (Fig. 10, n.º 88). Esta peça, tal como a anterior, corresponde ao tipo 9b/2.1 de Ponte (PONTE, 2006, p. 427)

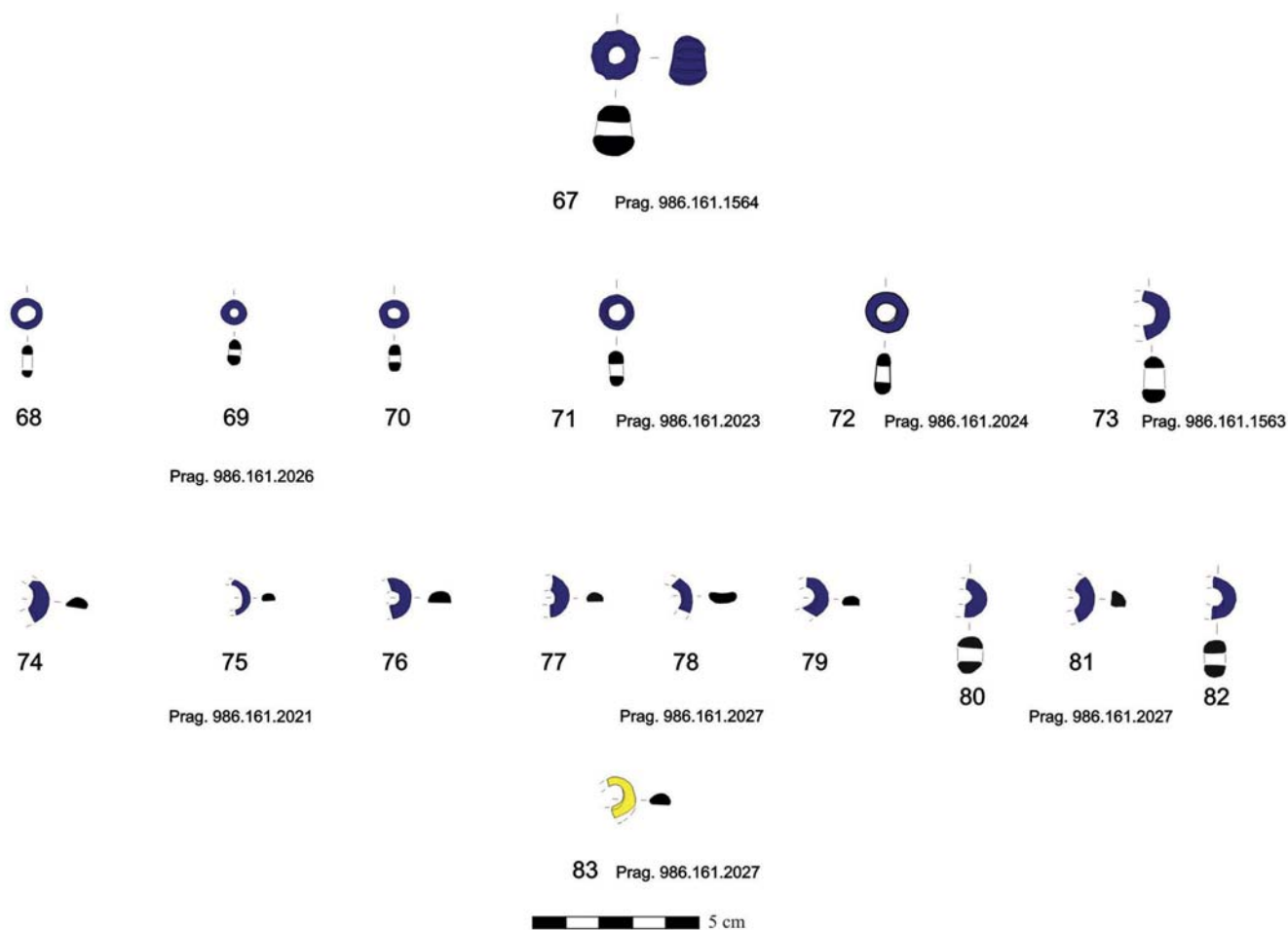


Fig. 9 – Contas de colar em vidro da Idade do Ferro de Pragança. Desenhos de Inês Conde.

e 4c de Schüle. Este segundo fragmento de fíbula tipo Acebuchal também foi analisado por EDXRF no antigo ITN (actual Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares da Universidade de Lisboa) e os resultados obtidos confirmaram tratar-se de um bronze (liga de Cu e Sn).

O fragmento de fíbula tipo La Tène I, com o número de inventário 2005.10.77 conserva o eixo, a mola e parte do fuzilhão, com arco de secção triangular com nervura central, (Fig. 10, n.º 90). A mola bilateral, de corda enrolada à volta do arco, consta de 20 voltas. Salete da Ponte integrou-a no tipo 24 b/2, o qual tem paralelos nos tipos Cuadrado 3b, Cabré e Morán IIIa e Schüle 4 i/b (PONTE 2006, p. 445, n.º 109), datado de inícios ou de finais do século VI ao III a.C.. Apesar de não se conhecer o seu contexto, e para além dos paralelos com outros exemplares atribuíveis à Idade do Ferro, a análise à composição química deste artefacto, efetuada por EDXRF no antigo ITN (actual Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares da Universidade de Lisboa), revelou resultados interessantíssimos, já que a mesma é constituída por dois tipos de liga metálica – o eixo da mola é de ferro, enquanto a mola e o que resta do fuzilhão são um bronze ternário, com teores expressivos de chumbo (Pb), o que não deixa qualquer dúvida quanto ao facto de se tratar de um artefacto perfeitamente integrável na Idade do Ferro.

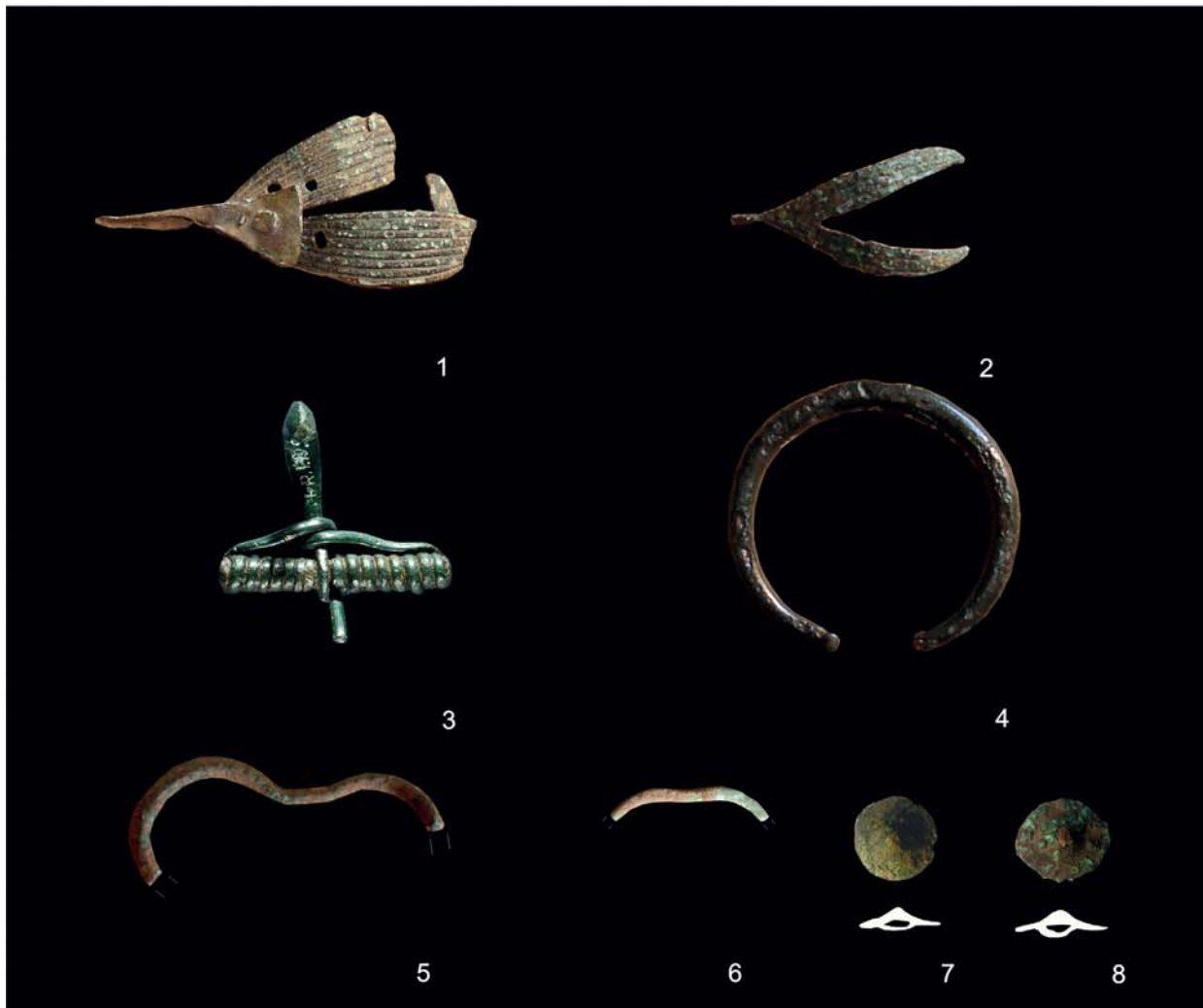
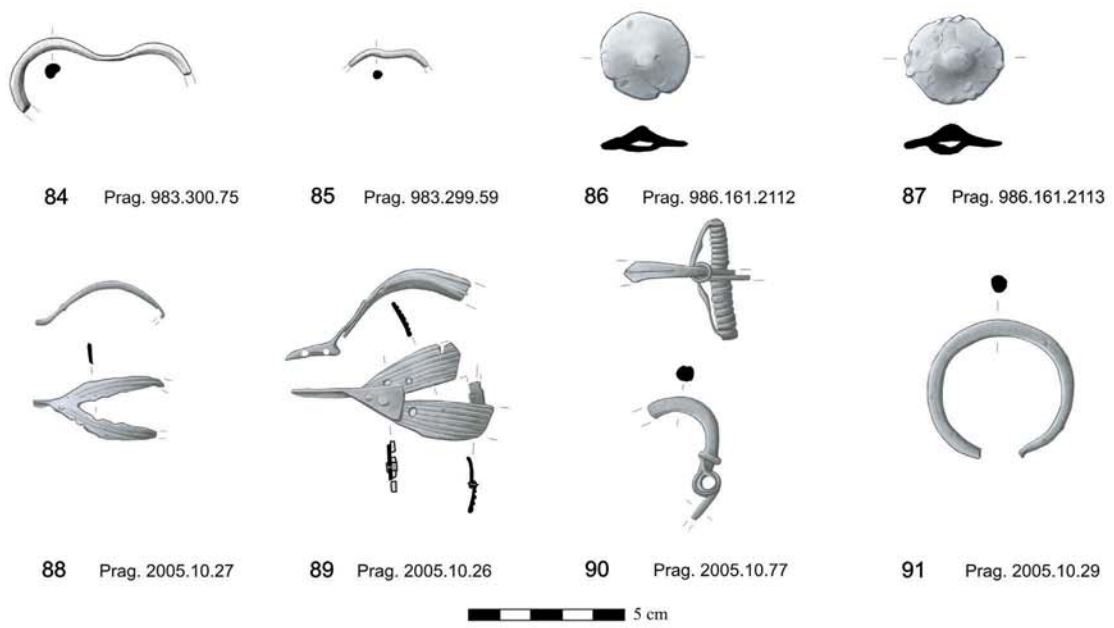


Fig. 10 – Artefactos metálicos da I Idade do Ferro de Pragança. Desenhos de Inês Conde.

O arco de fíbula anular hispânica que integra este conjunto apresenta secção circular, mais afilada nos terminais, os quais se encontram partidos, sendo apenas num visível o arranque do remate em botão. Este é um tipo peninsular muito comum e que se integra no tipo Ponte A50, com datação entre os finais do século IV e os finais do século II a.C., podendo assim já entrar no período romano republicano (PONTE, 2006, p. 485), (Fig. 10, n.º 91).

Neste pequeno conjunto de fragmentos de fíbulas vemos uma diversidade de influências, tanto orientalizantes (fíbulas tipo Acebuchal), como continentais (fíbula La Tène I), verdadeiros indicadores de novas rotas de trocas e de circulação de produtos que coexistem com outras já existentes e essa é uma evidência igualmente patente noutros artefactos provenientes deste sítio arqueológico e atribuíveis à Idade do Ferro

Deste conjunto de objectos de adorno de Pragança há a destacar dois botões cónicos, os quais pela raridade e questões de faseamento cronológico que levantam, assumem particular interesse na caracterização da transição do Bronze Final para a I Idade do Ferro neste sítio arqueológico. Tratam-se de exemplares recolhidos no povoado de Pragança no decurso de intervenções antigas, sem que a sua localização no contexto da escavação seja conhecida.

Analisando os artefactos, cujos números de inventário são, respetivamente 986.161.2112 e 986.161.2113, os dois botões cónicos apresentam características muito semelhantes, ambos com presilha na face interna, pequenas fracturas no bordo, (Fig. 10, n.º 86 e 87). Estas peças foram recentemente analisadas pelo Doutor Carlo Bottaini do Laboratório HERCULES da Universidade de Évora e os resultados obtidos confirmaram tratar-se de um bronze, liga de cobre (Cu) e estanho (Sn).

Estes dois botões cónicos levantam questões pertinentes quanto à sua cronologia e faseamento de ocupação. Tradicionalmente estes artefactos têm sido integrados, a nível peninsular, na I Idade do Ferro, mas escavações arqueológicas recentes têm levantado dúvidas quanto à sua cronologia, apontando para uma integração na última etapa do Bronze Final, de que são exemplos os exemplares recolhidos por R. Vilaça nos povoados de Alegrios e Moreirinha, na Beira Interior. Segundo esta autora “as duas peças classificadas como botões (dos Alegrios e da Moreirinha) inserem-se numa família com ampla dispersão geográfica. Salientam-se, contudo, dois grupos: estão presentes no depósito de Huelva (Almagro, 1940) e integram-se bem na ambiência dos C. U. do NE peninsular (Ruiz Zapatero, 1985, 973). No Ocidente da Península são bastante mais raros...” e, mais adiante, refere ainda esta autora que “se aceitarmos a proposta tipológica de Almagro, diríamos que o exemplar dos Alegrios, porque mais cónico, é anterior ao da Moreirinha, o qual, sendo mais aplanado e apresentando uma presilha mais larga, reuniria os requisitos de um maior evolucionismo tipológico (...)” (VILAÇA, 1995, p. 340). Esta mesma arqueóloga, igualmente em contexto de escavação, no Cabeço do Castro da Argemela, Fundão, recolheu oito botões cónicos de duas sondagens diferentes, respetivamente um da sondagem 8 e sete da sondagem 9 evidenciando, mais uma vez, a presença deste tipo de artefactos em sítios com uma longa diacronia, como é o caso do Castro da Argemela que tem níveis de ocupação que vão do Bronze Final até à II Idade do Ferro, como atestam os materiais recolhidos. Mais recentemente foi recolhido outro botão, em intervenções arqueológicas recentes, na Lapa da Cova, Sesimbra (MATALOTO et al., 2018), em contexto claramente da Idade do Ferro e de influências orientalizantes, embora o exemplar da Lapa da Cova apresente mais semelhanças com o exemplar da Moreirinha do que com os de Pragança ou de Alegrios, o que nos faz equacionar estarmos perante “artefactos de fronteira, ou de transição” e que fazem a “ponte” entre o fim da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro. Estes artefactos aparecem também em número expressivo, a nível peninsular, no depósito da Ria de Huelva (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995), em Cancho Roano (MONTERO, GÓMEZ & ROVIRA 2003, p.198) e Medelín (ALMAGRO GORBEA, 2008, p. 382, fig. 508) para só citar estes sítios emblemáticos.

As duas últimas peças deste conjunto correspondem a dois fragmentos de braceletes “acorazonados” ou “arriñonados”, segundo alguns autores (JIMÉNEZ ÁVILA, 2006), respetivamente com os números de inventário 983.299.59 e 983.300.75, (Fig. 10, n.º 84 e 85). O primeiro dos exemplares corresponde a um fragmento de secção subquadrangular dum bracelete “acorazonado”, com a sua forma característica de estreitamento da haste ao meio. O segundo bracelete “acorazonado” é maciço e tem secção subcircular e tem em Talavera La Vieja o seu paralelo mais próximo. Este tipo de artefactos, característicos dos inícios da Idade do Ferro, foi identificado, no que ao território português atual se refere, em Torre de Palma, nos materiais da Idade do Ferro deste sítio e que integram igualmente as coleções do Museu Nacional de Arqueologia e foram objeto de estudo e publicação recente (LANGLEY et al., 2007). Recentemente foram recuperados exemplares deste tipo de braceletes, em escavações recentes, na necrópole da Vinha das Calças, Beja (ARRUDA et al., 2016, p. 192, fig. 5, n.ºs 22 e 27). São também frequentes em sítios emblemáticos da Extremadura espanhola, como Talavera la Vieja (JIMÉNEZ ÁVILA, 2006) ou Medellín (TORRES ORTIZ, 2008, p. 538. Fig. 646) e mais um indicador de que na I Idade do Ferro se intensificam as vias de circulação existentes já no final da Idade do Bronze, mas outras vão surgir, diversificando e complexizando as redes de trocas de objetos de prestígio e os contactos entre as populações.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “Castro” de Pragança, corresponde a um emblemático sítio arqueológico da península de Lisboa, que apesar de representado em todas as cartas de povoamento ou de dispersão de materiais para a Idade do Bronze, permanece em muitos pontos por esclarecer ou clarificar. Estamos perante um povoado fortificado, porém o significado desse habitat e da própria estrutura muralhada do sítio foi-se certamente transformando ao longo dos séculos, mas no estado actual dos conhecimentos pouco mais podemos afirmar com a segurança que a ciência arqueológica exige. Este sítio arqueológico foi também um marco nas dinâmicas de transitabilidade da Serra de Montejunto, como aliás foi sugerido com base na análise dos seus espólios calcolíticos (BASÍLIO, 2015).

Face aos dados que podemos manobrar não é de todo fácil dar uma resposta cabal a estas questões, pelo menos sem a realização de um novo programa de trabalhos arqueológicos no sítio com um quadro de indagações prévio bem definido.

Tendo em conta a riqueza e heterogeneidade das suas coleções, é chegada a altura da realização do que José Leite de Vasconcelos sempre almejou, a publicação da totalidade dos dados aí exumados. Apenas com base nessa revisão se deverá tentar elaborar uma nova leitura e interpretação das ocupações humanas no morro de Pragança ao longo da sua ampla e longa diacronia.

Este trabalho tem assim como intuito, a apresentação e discussão dos dados que remetem para uma ocupação sidérica surgindo esta na sequência de uma forte ocupação da Idade do Bronze onde Pragança parece assumir um papel relevante no contexto regional e onde a metalurgia do bronze sobressai.

Sublinhe-se, que apesar de escassas, as evidências de contactos com o mundo fenício são assaz importantes, encontrando-se materializadas na reprodução em cerâmica manual de algumas formas cerâmicas típicas deste mundo, mas igualmente em algumas importações, como pode ser o caso das cerâmicas cinzentas e da ânfora aqui representada. Estamos longe das dinâmicas a que assistimos e que se encontram bem estudadas para as bacias do Rio Tejo, Sado ou Mondego, quer em termos de volume de evidências, quer em termos de cronologia (ARRUDA, 2005). As evidências de Pragança remetem para cronologias dos meados do século

VII a.C. para o início da interação entre as comunidades indígenas e o mundo fenício, vindo mais uma vez apontar que o fenómeno fenício foi essencialmente litoral e que se alastrou numa primeira fase pelas margens dos grandes rios (ARRUDA, 2017).

Sublinhe-se a importância destes contactos com o mundo fenício, que parece aparentemente corresponder a uma nova fase de exploração do território. Não era de todo conhecido e vem atestar o impacto que a presença do comércio oriental tem no contexto do Vale do Tejo, mas igualmente no âmbito da fachada atlântica e península de Lisboa. Estes elementos vêm em consonância com os dados do Outeiro da Assenta, Óbidos, (CARDOSO & MARTINS, 2009), que correspondem igualmente a uma presença sidérica já centrada a partir do século VI a.C. A estes contactos com as comunidades indígenas do interior da península de Lisboa parece igualmente corresponder os dados do Forte do Alqueidão - Sobral de Monte Agraço (ROCHA & REPREZAS, 2014), assim como os elementos recolhidos na área de Vila Franca de Xira, nomeadamente nos vales do Rio Grande da Pipa e no Rio da Silveira (PIMENTA & MENDES, 2010-2011 e 2015).

As evidências de ocupação pré-romana em Pragança permitem sustentar que após este contacto com o mundo sidérico possivelmente através do vale do Tejo, não mais se deixou de fazer sentir a sua influência. O estudo do conjunto cerâmico e metálico permite atestar uma ocupação importante de inícios da primeira metade do primeiro milénio a.C. que se prolonga até à fase da conquista romana. De facto apesar de não ser aqui apresentado o grosso da informação que, um de nós (J.P.), se encontra a estudar do ponto de vista monográfico reporta-se a um momento final da Idade do Ferro que em anos de calendário se insere já no período romano republicano, século II a.C. ou inícios do I a.C.

A presença do conjunto de artefactos metálicos merece ainda um breve comentário face à sua raridade no panorama regional. A associação da fíbula Achebucal às braceletes “acorazonados”, ou “arriñonados”, remete de facto para a sua ocorrência em contextos funerários, melhor atestados no sul do território peninsular, o que faz desta associação artefactual em contexto de habitat, no caso de Pragança, uma situação assaz invulgar e que levanta inúmeras interrogações.

Embora não tenhamos abordado neste trabalho o excepcional conjunto de ponderais da Idade do Bronze de Pragança, já devidamente estudados e publicados por Raquel Vilaça que escreve a propósito dos ponderais deste sítio arqueológico “que só no caso de Pragança podemos falar, sem reservas, de jogos de balança...” (VILAÇA, 2003, p. 273) este tipo de artefactos, pela sua raridade, mas também pela sua funcionalidade muito específica, é um testemunho indubitável do contacto entre o mundo das comunidades indígenas locais, com “os que vinham de fora” com quem estabeleciam redes de trocas. Como tão bem refere Raquel Vilaça, “não podemos esquecer, face à evidência arqueológica, que determinadas comunidades do Bronze Final participaram em trocas trans-regionais, de longa distância algumas, trocas essas que poderão estar na base da adopção de um determinado peso standard “internacional” dominante na altura” (VILAÇA, 2003, p. 276). No caso dos ponderais, e particularmente os de Pragança, são indicadores indubitáveis da dinâmica de transformação que marca a etapa final da Idade do Bronze e o início da I Idade do Ferro – a permanência das tradições locais, coexistindo com o que chegava de fora, através das redes de troca entre indígenas e os “outros” que chegavam do Mediterrâneo e cuja presença também “se fez sentir” neste sítio arqueológico.

Nesta perspectiva, Pragança apresenta-se assim como um sítio arqueológico paradigmático que aparentemente, face aos dados que conseguimos manejar, atravessa todo o primeiro milénio em clara continuidade com a sua ocupação proto-histórica e com uma cultura material singular e com características assaz arcaizantes que remetem para o mundo do interior da península de Lisboa que ainda se encontra tão mal conhecido comparativamente aos sítios do vale do Tejo.

REFERÊNCIAS

- ALMAGRO GORBEA, M., coord. (2008) – *La Necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de La Historia.
- ARRUDA, A. M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Barcelona. Universidad Pompeu Fabra. Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6.
- ARRUDA, A. M. (2005) – O 1.º milénio a.n.e. no centro e no sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 23, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M. (2017) – A Idade do Ferro Orientalizante no Vale do Tejo: as duas margens de um mesmo rio. In CELESTINO PÉREZ, S. & RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, E., (eds.), *Territorios comparados: los vales del Guadalquivir, el Guadiana y el Tago en época tartésica*. Madrid: CSIC, p. 283-294.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T. & VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3: 2, p. 25-59.
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C.; PIMENTA, J.; SOUSA, E.; MENDES, H. & SOARES, R. (2016) – As contas de vidro do Porto do Sabugeiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). Glass beads from Porto do Sabugeiro (Muge, Salvaterra dos Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología da Universidade Autónoma de Madrid*. 42, p. 79-101.
- ARRUDA, A. M.; BARBOSA, R.; GOMES, F. & SOUSA E. (2017) – A necrópole da Vinha das Calças (Beja, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed. – *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos*. Mérida: Consorcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; PIMENTA, J.; SOARES, R. & MENDES, H. (2017) – Phéniciens et Indigènes en contact à l'embouchure du Tage, Portugal. *Folia Phoenicia*. Pisa / Roma, 1, p. 243-251.
- BASÍLIO, A. C. S. (2015) – *Cerâmica Campaniforme e Pontilhada na Serra do Montejunto*. Lisboa: FLUL. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Orientada pela Professora Doutora Ana Catarina Sousa. Policopiado.
- BASÍLIO, A. C. S. & TEXUGO, A. (2017) – Ensaio sobre a cegueira. Olhar o Montejunto pelo “Campaniforme”. *Entre Ciência e Cultura da Interdisciplinaridade à transversalidade da Arqueologia*. Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica. Coleção Arqueoarte. CHAM, p. 117-125.
- BOAVENTURA, R.; PIMENTA, J. & VALLES, E. (2013) – O povoado do Bronze Final do Castelo da Amoreira (Odivelas). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 623-640.
- BRANCO, F. C. (1962) – Pragança terá sido um Castro? *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II. Vol. 4, p. 303-307.
- BUBNER, T. (1996) – A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal. In *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 66-72. Catálogo.
- CARDOSO, G. (2014) – Duas fortificações do final da Idade do Ferro/ início da romanização: São Salvador (Cadaval) e sítio do Castelo (Arruda dos Vinhos). In *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *CIRA Arqueologia*. N.º 3, p. 200-241.

- CARDOSO, J. L. (1995) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: Um ensaio. *Conimbriga*. XXXIV. Coimbra. p. 85-86.
- CARDOSO, J. L. (1995a) – As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo. In JORGE, S. coord. – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 124-125.
- CARDOSO, J. L. (1996) - O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000) – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de História Regional*. Oeiras: Câmara Municipal (Estudos Arqueológicos de Oeiras. 12).
- CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9, nº 1, p. 21-46.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) – O casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2013) – Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira), um sítio ritual do Bronze Final da região de Lisboa. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto. 12, p. 49-67. Homenagem a Armando Coelho Ferreira da Silva.
- CARDOSO, J. L. (2014) – O Bronze Final na Serra de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 361-374.
- CARDOSO, J. L.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. & REGO, M. (2014) – Outorela I e Outorela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do Estuário do Tejo (concelho de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. N.º 21, p. 393-428.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2009) – O povoado pré-histórico do Outeiro da Assenta (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17. Oeiras. Câmara Municipal, p. 261-356.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 227-271.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, C. T. (2013) – O casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3 (Oeiras). *O Arqueólogo Português*. Série V,2, p. 353-398.
- CARDOSO, J. L. & SOUSA, M. J. (2014) – O Bronze Final na Serra de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 361-374.
- COFFYN, A. (1983) – Le fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 1, p. 169-196.
- COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: De Boccard.
- CORREIA, V. H. (2013) – A ourivesaria arcaica no ocidente peninsular. Estado da questão, problemáticas arqueológicas e perspectivas de desenvolvimento do campo de estudo. *O Arqueólogo Português*. Série. V. 3, p. 15-114.
- DIAS, I. da C. (2017) – *O Bronze Final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras)*. Lisboa: FLUL. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de Mestre. Policopiado.

- DOMINGOS, J. B.; GOMES, J. F. (2005) – Castro de Pragança. In ARNAUD, J. M. & FERNANDES, C. V., coord. – *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo, p. 121-126.
- FABIÃO, C. (1996) – O Povoado Fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*. 11 (Nova Série). Lisboa: Ed. Colibri, p. 36-84.
- FABIÃO, C. (2001) – Importações de origem mediterrânea no interior do Sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. In TAVARES, A. e, TAVARES, M. J. F. – *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 197-227.
- FERNANDES, L.; PIMENTA, J.; CALADO, M. & FILIPE, V. (2013) – Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, p. 167-185.
- FIGUEIREDO, E.; MELO, A. A. de & ARAÚJO, M. de F. (2007) – Artefactos metálicos do Castro de Pragança: um estudo preliminar de algumas ligas de cobre por Espectrometria de Fluorescência de Raio X. *O Arqueólogo Português*. Série IV. Vol. 25, p. 195-215.
- GOMES, F. (2016) – *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Lisboa: FLUL. Tese de Doutoramento.
- GOMES, F. (2017) – Fusayolas de la necrópolis de Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal): Tipología, Función y Simbolismo. *SAGVNTUM*. Valencia. 49, p. 43-59.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990-1992) – Olelas e Pragança. Duas fortificações calcolíticas da Estremadura. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8-10, p. 31-40.
- HELENO, M. (1935) – Jóias Pré-Romanas. *Ethnos*. Lisboa. I, p. 238-245.
- JIMÉNEZ ÁVILA J. (2006) – *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres)*. Cáceres: Junta de Extremadura; Museo de Cáceres; Instituto de Arqueología de Mérida.
- JIMÉNEZ ÁVILA J.; MATALOTO, R.; CALADO, M. & GONÇALVES, L. (2018) – Lapa da Cova (Sesimbra, Portugal): a Coastal Sanctuary on the Western Border of Mediterranean. *Folia Phoenicia*. 2, p. 309-316.
- KUNST, M. (1995) – A Idade do Bronze na Estremadura. JORGE, S. (coord.) – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 124-125.
- MACHADO, J. S. (1965) – *Subsídios para a História do Museu Etnológico do D.^{or} Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional, p. 79-80.
- MELO, A. A. de & MARTINEZ, J. C. S. (2001) – Agricultores e Metalurgistas, da Troca ao “Mercado”: Alguns aspectos e problemas do Bronze Final e Primeira Idade do Ferro na “Península de Lisboa. *Turres Veteras*. IV. Torres Vedras: Câmara Municipal, p. 95-118.
- MELO, A. A. de; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M. de F. & MARTINEZ, J. C. S. (2009) – Fibulae from an Iron Age Site in Portugal. *Materials and Manufacturing Processes*, 24:9, p. 955-959.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – Die Beile auf der Iberischen Halbinsel. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung. *Prähistorische Bronzefunde*. Abteilung IX. Band. 6.

- MONTEIRO, M.; PEREIRA, A. (2013) – Um depósito votivo da Idade do Bronze na Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): síntese dos trabalhos. *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 181-194.
- ODRIOZOLA, C. P.; SOUSA, A. C.; MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R.; ANDRADE, M.; VILLALOBOS GARCÍA, R.; GARRIDO-CORDERO; J. A.; RODRÍGUEZ, E.; MARTÍNES-BLANES, J. M.; ÁNGEL AVILÉS, M.; DAURA, J. SANZ, M. & ANTONIO RIQUELME, J, (2017) – Amber, beads and social interaction in the Late Prehistory of the Iberian Peninsula: na update. *Archaeological Anthropological Science*. <https://doi.org/10.1007/s12520-017-0549-7>.
- PEREIRA, M. (2016/2017) – Os cossoiros de Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 5, p. 55-75.
- PEREIRA, T. (2013) – Por um fio: tipologia e função do conjunto de cossoiros de Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Portugal). In ARNAUD, J. M., MARTINS, A. & NEVES, C. coord. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 681-691.
- PIMENTA, J. (2005) – *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. Trabalhos de Arqueologia. 41.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2007) – A intervenção arqueológica na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira). *Catálogo da Exposição Alverca da Terra às Gentes*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira/ Núcleo de Alverca, p. 53-70.
- PIMENTA J. & MENDES H. (2008) – Descoberta do povoado pré-romano de Porto Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11.2, p. 171-194.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2010-11) – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. N.º 18. Oeiras. Câmara Municipal, p. 591-618.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2015) – Casal dos Pegos I e o Povoamento Orientalizante do Rio da Silveira (Vila Franca de Xira). *CIRA Arqueologia*. N.º 4. Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX, p. 19-54.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. & MADEIRA, F. (2009) – O Povoado pré-romano de Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 12. Número 2, p. 177-208.
- PIMENTA, J.; SOARES, A. M. & MENDES H. (2013) – Cronologia Absoluta para o Povoado PréRomano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 181-194.
- PIMENTA, J.; SILVA, R. & CALADO, M. (2013) – Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*: a intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15. In ARRUDA, A. M., ed. - *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Vol. 2, p. 712–723.
- PIMENTA, J.; SOUSA, E. & AMARO, C. (2015) – Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da *Olisipo* pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, p. 161-180.
- PIMENTA, J.; TAVARES da SILVA, C.; SOARES & J. PEREIRA, T. R. (2019) –Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa*. Lisboa, p. 45-79.

- PONCE, M. (2012) – *O Bronze Final na Península de Lisboa. O caso do Cabeço de Alcaínça na transição entre o 2.º e o 1.º milénio a.C.* Lisboa: FLUL. Dissertação de Mestrado.
- PONTE, M. S. da (1982) – Uma colecção de fibulas de Estremadura. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. III Série, 88, 1º tomo, p. 3-20.
- PONTE, M. S. da (2006) – *Corpus Signorum das fibulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.
- ROCHA, A. & REPREZAS, J. (2014) – *O Forte do Alqueidão. Arqueologia e História. Da Idade do Ferro às Invasões Napoleónicas*. Cadernos da CILT. I. Centro de Interpretação das Linhas de Torres. Sobral de Monte Agraço.
- RUANO RUIZ, E. (2000) – *Las cuentas de vidrio halladas en España desde la Edad del Bronce hasta el Mundo Romano*. Madrid: [s. n.].
- RUIVO, J. (1993-1997) – Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do Séc. III. *Nummus*. II Série. XVI/XX. Porto.
- SILVA, R. (2013) – A ocupação da idade do bronze final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa. *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 40-102.
- SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*, Lisboa. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Estudos e Memórias 7. Lisboa: UNIARQ.
- SOUSA, E. (2016a) – Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa. In SOUSA, A. C., CARVALHO, A. e VIEGAS, C. (eds.) – *Terra e água Escolher as sementes, invocar a deusa*. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 387-401.
- SOUSA, E. (2016b) – A Idade do Ferro em Lisboa: uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material. *CuPAUAM*. Madrid. Nº 42, p. 167-185.
- SOUSA, E. & PIMENTA, J. (2014) – A produção de ânforas no estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In *Atas II Congresso Internacional da SECAH – Ex Officina Hispana. As produções cerâmicas de imitação na Hispana*. Braga: Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa.
- SOUSA, E. & PIMENTA, J. (2017) – Produções Cerâmicas de Inspiração Grega no Vale do Baixo Tejo. In *Arqueologia Em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 887-895.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura: die Besiedlung des atlantischen Küstengebiets Mittelportugals vom Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*. Mainz: Philipp von Zabern Madrider Beiträge, 7.
- TORRES ORTIZ, M. (2008) – Brazaletes. In ALMAGRO GORBEA, M., coord. – *La Necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de La Historia.
- VASCONCELOS, J. L. (1895) – Castros. *O Archeologo Português*. Lisboa. Série I. I, p. 3-7.
- VASCONCELOS, J. L. (1905) – Notice sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais, Lisbonne. *O Archeologo Português*. Lisboa. Série I. X, p. 65-71.
- VASCONCELOS, J. L. (1913) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Tomo III.
- VASCONCELOS, J. L. (1915) – *Historia do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.

- VILAÇA, R. (2003) – Acerca da existência de ponderais em contextos do Bronze Final / Ferro Inicial no território português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 21, p. 245-288.
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR. (Trabalhos de Arqueologia; 9).
- VILAÇA, R.; ALMEIDA, S.; BOTTAINI, C.; MARQUES, J. N. & MONTERO-RUIZ, I. (2011) – Metalurgia do Castro do Cabeço da Argemela (Fundão): Formas, Conteúdos, Produções e Contextos. In MARTINS, C. M. B.; BETTENCOURT, A. M. S.; MARTINS, J. I. F. P. & CARVALHO, J. – *Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa ocidental atlântica*. Braga: CITCEM. p. 427-451.

MERCATI, A *METALLOTHECA VATICANA* E AS REPRESENTAÇÕES DE ARTEFACTOS PRÉ-HISTÓRICOS NA EUROPA DO RENASCIMENTO

MERCATI, METALLOTHECA VATICANA AND REPRESENTATIONS OF PREHISTORIC ARTIFACTS IN RENAISSANCE EUROPE

João Luís Cardoso* & Maria Isabel Rebelo Gonçalves**

Abstract

For the first time, the Latin translation of the passage about prehistoric tools from Michele Mercati *Metallotheca Vaticana*'s famous work of the 16th century Natural History Vatican collections is published.

Although it is the first work that reproduces polished stone axes, arrowheads and flint blades, discussing its meaning according to the conception of the time, the present study constitutes the first contribution about the knowledge of the epoch in this specific matter, with evident interest to the History of ideas and concepts in Archaeology.

Keywords: Mercati; *Metallotheca*; *ceraunia*; History of Archaeological Science

1 - INTRODUÇÃO

A *Metallotheca Vaticana* corresponde ao catálogo da colecção que Michele Mercati, médico papal e directo do Jardim do Vaticano (1541-1593) organizou no Vaticano sob Gregório XIII e Sixto V. O manuscrito deixado inédito por Mercati, encontrado em Florença, foi publicado por iniciativa de Giovanni Maria Lancisi (1694-1720), em 1717, e logo depois, em 1719, correspondente a uma reimpressão com a adição de um Apêndice.

Por ser a obra mais completa que contemplou a reprodução de materiais pré-históricos (machados de pedra polida, pontas de seta e lâminas de sílex), e também porque a parte da mesma relativa à caracterização e discussão do significado desses exemplares nunca foi objecto de uma tradução integral para Português, considerou-se justificada a importância que a publicação dessa tradução teria para a História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia, por constituir a sua contribuição seminal.

Obra até ao presente acessível a muito poucos, a tradução, acompanhada pela caracterização e pela discussão da mesma foi agora realizada pela primeira vez, numa feliz conjugação de esforços, única forma de se poder avançar na análise e discussão de obras clássicas de Ciências Naturais escritas em latim, como é o caso, à luz dos conceitos actuais.

* Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador associado do ICAREHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pt

** Professora aposentada de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Académica de Mérito da Academia Portuguesa da História.

2 - A OBRA

A emergência da História Natural nas colecções do Vaticano resultou das orientações do Concílio de Trento, com incidência imediata nas práticas da alta hierarquia da Igreja Católica, no sentido secundarizar a procura de antiguidades da época clássica, cuja presença evocava a tradição e costumes pagãos, privilegiando o interesse sobre outras áreas do conhecimento, aliás propiciado pelas descobertas dos Portugueses. Com efeito, esta obra responde cabalmente a esta orientação: encontra-se abundantemente ilustrado por 159 gravuras sobre cobre a aguaforte, de grande qualidade e beleza, algumas de página inteira, dispersas ao longo do texto, reproduzindo exemplares do Gabinete, como fósseis, minerais e rochas, para além de fragmentos de estatuária das colecções papais.

A primeira edição da obra foi impressa em Roma, na Tipografia do Vaticano em 1717 e abre com portada de página inteira representando o editor, Giovanni Maria Lancisi a oferecer ao Papa Clemente XI um exemplar da obra (Fig. 1), seguida de retrato, igualmente de página inteira de Michele Mercati (Fig. 2), segundo cópia do original de Tintoretto, com uma biografia do mesmo, destacando-se o cargo de Director do Jardim Botânico do Vaticano.



Fig. 1 – Portada da obra *Metallothea Vaticana*, gravura sobre cobre a aguaforte representado o editor, Giovanni Maria Lancisi a oferecer ao Papa Clemente XI um exemplar da obra. Foto e exemplar da obra de João Luís Cardoso.



Fig. 2 – Retrato de Michele Mercati (1541-1593), segundo original de Tintoretto, gravura de página inteira inserida na obra *Metallothea Vaticana*, de que foi autor. Foto e exemplar da obra de João Luís Cardoso.



Fig. 3 – Vista geral do espaço onde se encontrava instalada a *Metallotheca*, no Museu do Vaticano, segundo uma gravura sobre cobre a aguaforte inserida na própria obra. Foto e exemplar da obra de João Luís Cardoso.

Segue-se a portada da obra encimada pelas armas papais de Clemente VIII e uma bellissima gravura dupla, representativa do conjunto da coleção instalada no Museu do Vaticano (Fig. 3), em uma sala monumental iluminada por amplas janelas de ambos os lados, encimada pela palavra METALLOTHECA e de novo pelas armas papais. A coleção organizava-se em 19 armários com tampos basculantes, onde os exemplares se arrumavam. Seguem-se dez gravuras representando os dez armários (“Armarium”).

O original foi redigido cerca de 1574, sob Sixto V, tendo a primeira e única edição, de 1717, reimpressa em 1719, não só utilizado o texto deixado pelo autor, bem como as chapas de cobre, na larga maioria ou mesmo na totalidade também por ele preparadas, contendo a reprodução de muitos dos espécimes da coleção papal.

A reimpressão da obra, logo executada em 1719 (Fig. 4), com as mesmas 378 p. da primeira impressão de 1717 e no mesmo formato de 375 mm x 260 mm, sem contar com os índices finais e uma errata ocupando meia página, é acompanhada de um Apêndice de 53 p., contendo, a seguir ao frontispício o retrato de Giovanni Maria Lancisi (Fig. 5) que, como acima se referiu, coordenou e completou o manuscrito deixado por Mercati e promoveu a sua publicação.

MICHAELIS MERCATI
SAMMINIATENSIS
METALLOTHECA.

Opus Posthumum,
Auctoritate, & Munificentia

CLEMENTIS

UNDECIMI
PONTIFICIS MAXIMI

E tenebris in lucem educitum;

Opera autem, & studio

JOANNIS MARIÆ LANCISII

ARCHIATRI PONTIFICII

ILLUSTRATUM.

CUI ACCESSIT APPENDIX

CUM XIX. RECENS INVENTIS ICONIBUS.



ROMÆ MDCCXIX.

Apud Jo: MARIAM SALVIONI Typographum VATICANUM

In Archigymnasio SAPIENTIÆ.

SUPERIORUM FACULTATE.

Fig. 4 – Folha de rosto da reimpressão de 1719 da obra *Metallotheca*. Foto e exemplar da obra de João Luís Cardoso.

O Apêndice é ilustrado por 20 gravuras sobre chapa de cobre a aguaforte de alguns dos exemplares já anteriormente impressos, ou de novo reproduzidos vistos de outras perspectivas, a que se somam gravuras de espécimes que não foram reproduzidos na primeira impressão, cuja localização nos respectivos armários se indica, bem como a sua referência no texto anteriormente publicado.

3 - A PRÉ-HISTÓRIA NA EUROPA DA PÓS-REFORMA

A *Metallotheca Vaticana* corresponde a obra pioneira da Museologia, já que é dedicada ao primeiro Museu de História Natural cientificamente organizado. Deste modo, sendo o expoente da mentalidade da Renascença italiana, constitui também referência no seu tempo para a interpretação da presença de artefactos pré-históricos, tanto de pedra polida como de pedra lascada, os quais se conservavam Nono Armário da *Metallotheca* (Fig. 6).



Fig. 5 – Retrato de Giovanni Maria Lancisi (1654-1720), editor da obra em 1717, bem como da primeira e única reimpressão da mesma, em 1719 e do respectivo Apêndice, impresso no mesmo ano, onde se inseriu o seu retrato. Foto e exemplar da obra de João Luís Cardoso.

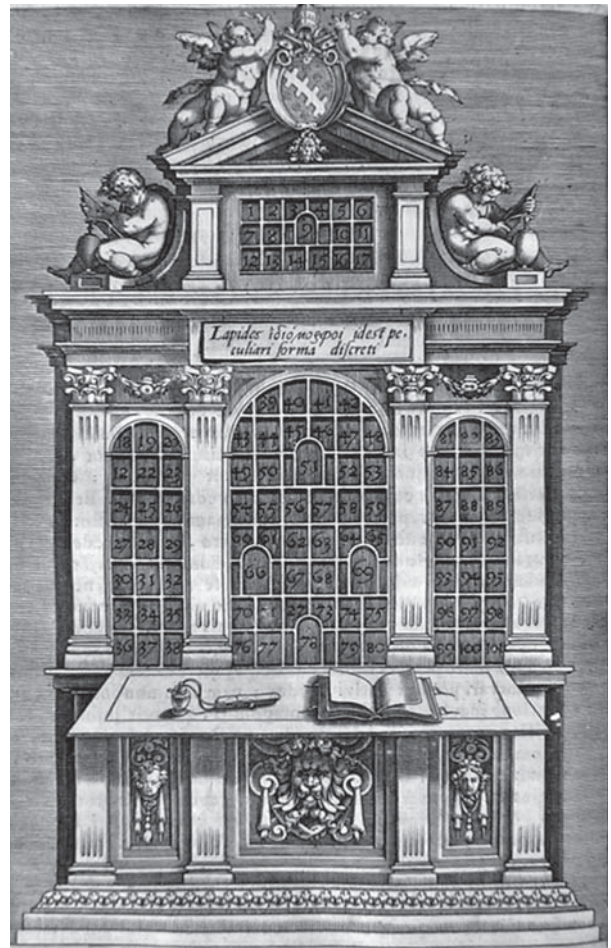


Fig. 6 – O Nono Armário da *Metallotheca*, onde se encontravam depositadas as cerâmicas. Foto e exemplar da obra de João Luís Cardoso.

CERAUNIA CUNEATA, QUÆ SOTACI
Ageratus Bætulus.

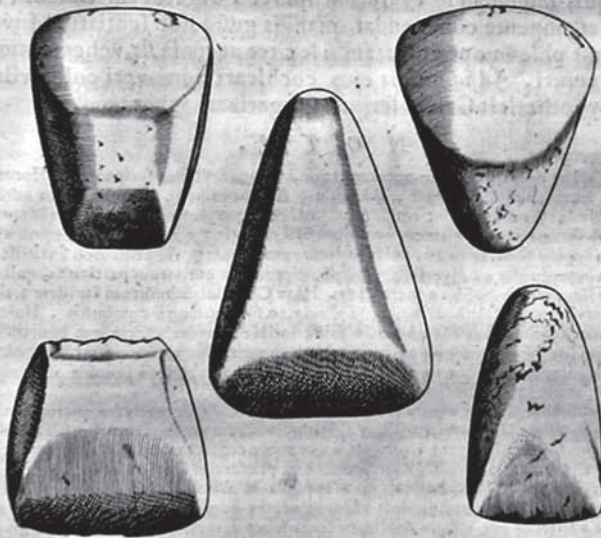
C A P. XV.

TRIA sunt Cerauniarum genera Cuneata, figura, colore inter se distincta. Duo Sotacus vetustissimus auctor tradidit nigras, rubentesque. Tertium addiderunt raras admodum, & Parthorum magis quæsitas, colore virides, ut nos animadvertimus. (1) Putantur omnes fulminibus dejici cælo, ac tertium genus non aliubi inveniri, quàm in loco fulmine isto. Nostra ætate mechanicis notæ sunt mutato nomine, nempe ex Græcæ vocis interpretatione. Appellant enim *Fulgora*, quo nomine etiam fulmina vulgò intelligimus. Germani à cæteris lapillis, qui cadere de cælo creduntur, appositè distinguunt *der glatte Donnerstein* nominantes. Mirum, non fuisse è recentioribus, qui tam notis lapidibus vetus Cerauniarum nomen instauraverit. Utuntur iis aurifices no-

Differentiæ

Plinius lib. 37.
cap. 9.
Idem lib. 37. cap. 10.

Nomina.



LAPIS FVLMINEVS VVLGO FVLGVR

stri ad aurum poliendum, quod operis antiquissimis temporibus ex hebeno fiebat. Neque veterem consuetudinem sine ratione posteritas neglexit. Æqualitas enim materiæ quæ datur ex hebeno, eadem in Cerauniis; durities utriusque summa, in his etiam vincat, præsertim figura polituræ nata. Hujus longitudo, & latitudo tota dirigitur ad formam securis extremitate angulorum obtusa, crassitie ut solet semidigitali paulum in aciem præcedente. Non fuisse veteribus perspectam ad poliendum tantam figuræ aptitudinem Cerauniis tum cognitis existimari non potest. Apparet olim Sutores usurpasse ad calceamenta mulierum expolienda, & nominasse Ageratos, quod Heras tradidit medicus Cappadox, qui circa Domitiani tempora fuit; Id nomen ipsorum non abnuat. Dicitur nanque sint *ἀγέρων* propter duritiam, cum perpetuo corii attritu nihil deperdant. Cujuscunque coloris sunt, longitudinem quidam habent palma-

Cerauniarum v. l. s.

H h

rem,

Fig. 7 – A página 241 da obra *Metalloteka Vaticana*, onde se reproduzem cinco exemplares de *Ceraunia cuneata* (machado de pedra polida). Foto e exemplar da obra de João Luís Cardoso.

O autor diferencia dois tipos: as *Ceraunia cuneata* (Fig. 7), correspondentes a lâminas de pedra polida, cuja representação não oferece dúvidas de serem utilizadas como gumes de machados, e as *Ceraunia vulgaris* (Fig. 8), correspondentes a pontas de seta ou a lâminas de sílex.



Fig. 8 – A página 244 da obra *Metallotheca Vaticana* onde se reproduzem nove exemplares de *Ceraunia vulgaris* (oito pontas de seta e uma lâmina de sílex). Foto e exemplar da obra de João Luís Cardoso.

Esta terminologia foi adoptada pelos Romanos, herdada dos Gregos: Heródoto (ca. 484-425 a.C.) considerava já a origem celeste das ceráunias, seguido de perto por Plutarco e Plínio. Este último (in CHAVES, 1917, p. 74, nota 5), associava os machados de pedra polida a “pedras de raio”, designando-os por *ceraunia* ou *lapides fulminis*, exactamente a terminologia seguida por Mercati. É, com efeito, interessante registar a ocorrência, em contextos de época romana do nosso território, de artefactos de pedra polida. Um desses exemplares provém das escavações dirigidas pelo signatário na *villa* romana de Oeiras, o qual até ao presente se manteve inédito (Fig. 9), a par de outras ocorrências, como a que foi registada em 1951 na Citânia de Briteiros (CARDOZO, 1951).

A interpretação apresentada por Mercati para a origem destes exemplares, baseava-se assim na perspectiva literária clássica, já que os faz igualmente corresponder a corpos líticos que caíam do céu aquando das trovoadas, associados aos raios (ou relâmpagos). Esta interpretação, que também se encontrava profundamente arraigada no imaginário popular do seu tempo, persistiu na Europa ocidental até ao século XX. Uma rara representação dessa realidade imaginada, é da autoria do vigário Joen Klint, em desenho colorido dos finais do século XVI (Fig. 10) (in JENSEN, 2012, Fig. 11).

Porém, importa referir que Mercati, nos dois grupos em que dividiu as ceráunias, apenas atribuiu a “pedras de raio” as primeiras, correspondentes a artefactos de pedra polida (*Ceraunia cuneata*), considerando, pelo contrário, os exemplares lascados de sílex, representados pelas pontas de seta, efectivamente como armas primitivas.

Esta posição, na própria Itália, e pela mesma época, reuniu outro defensor: Ulisse Aldrovandi (1522-1605), que na obra *Museum Metallicum*, publicada em 1648, reconheceu nas ceráunias de pedra polida, a par de alguns dentes fósseis de grandes esqualos, antigos instrumentos de ferro que o tempo havia assim transformado.



Fig. 9 – Machado de pedra polida recolhido em contexto arqueológico na *villa* romana de Oeiras (escavações de João Luís Cardoso).

A verdadeira atribuição funcional das “pedras de raio” ou “coriscos” foi pela primeira intuída por Antoine de Jussieu (1686-1758) que comparou as “pedras de raio” (pierres de foudre, na sua terminologia, com os arefactos pré-históricos com as mesmas características morfológicas (JUSSIEU, 1725). Foi também essa a conclusão de Nicolas Mahudel (1673-1747), em obra publicada em 1740, também inspirado nas analogias com os instrumentos que então afluíam à Europa oriundos do Novo Mundo, cuja funcionalidade era evidente (Fig. 11), a partir de um simples exercício comparativo.

Tais objectos resultavam das viagens científicas ou de reconhecimento então realizadas. É o caso da notável obra sobre os usos e costumes de populações tribais do actual Canadá, estudadas numa perspectiva comparada, da autoria do padre jesuíta francês Joseph-François Lafitau (1681-1746) publicada em 1724, reveladora de uma perspectiva científica rigorosa já então existente.

As três notáveis expedições comandadas por James Cook permitiram que os europeus tomassem conhecimento com produtos exóticos de diversificadas populações visitadas, muitas vezes pela primeira vez, os quais foram objecto de publicação com assinalável divulgação entre elites. É o caso, entre outros, dos instrumentos de pedra polida oriundos da Nova Zelândia e da Nova Caledónia representados nos segundo e terceiro volumes da obra respeitante à viagem aos mares austrais realizada entre 1772 e 1775, logo publicados em tradução francesa em 1778 (COOK, 1778, Pl. 24, n.º 1 e Pl. 54, n.º 9) (Fig. 12).

Por essa mesma altura também os Portugueses tomaram contacto com tais artefactos primitivos, por via da viagem realizada por Alexandre Rodrigues Ferreira pela Amazónia, entre 1782 e 1792. Dali vieram para Portugal, entre muitos outros materiais de natureza etnográfica, botânica e zoológica, vários machados de pedra polida encabados então ainda em uso pelos índios, dos quais se conservam diversos exemplares no Museu da Academia das Ciências de Lisboa, observados por um de nós (J.L.C.). Tais exemplares foram inventariados por

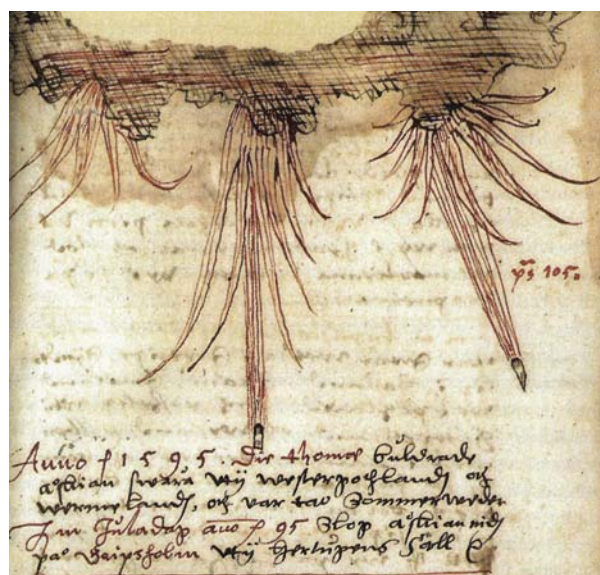


Fig. 10 – Raios e “coriscos” (pedras de raio) segundo desenho colorido de 1593 de Joen Klint (in JENSEN, 2012, Fig. 11).

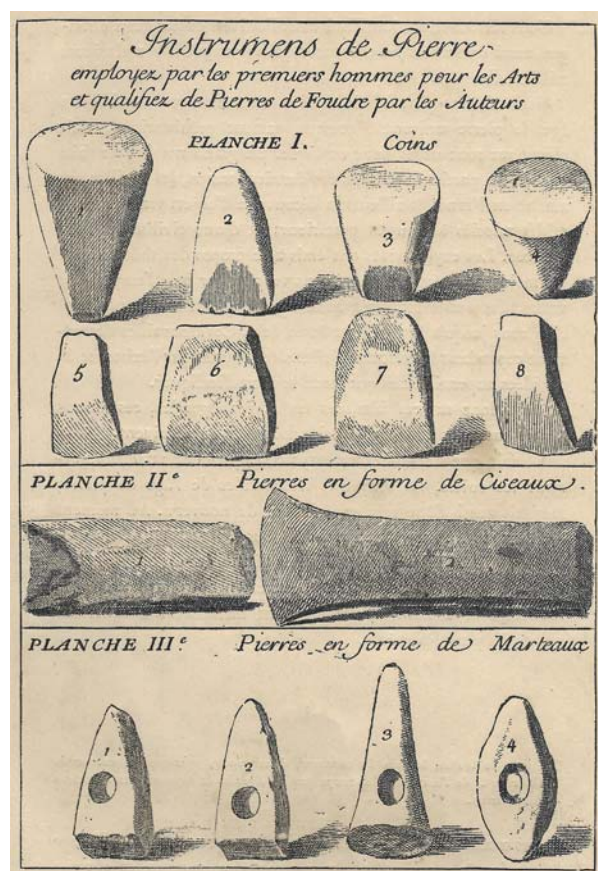


Fig. 11 – Instrumentos de pedra polida, correctamente interpretados por Nicolas Mahudel, na obra publicada em 1740 “Sur les prétendues pierres de foudre” (in CARTAILHAC, 1878, p. 8).

A. C. Teixeira de Aragão, aquando do seu empréstimo para figurarem na exposição organizada em Madrid comemorativa do 4.º Centenário da descoberta da América, tendo reproduzido alguns deles (ARAGÃO, 1892) (Fig. 13).

Importa referir que, muito antes, aquando do desembarque dos primeiros portugueses no litoral brasileiro, tinha sido observada a utilização por parte dos nativos, de machados de pedra polida, conforme se regista na carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel (CORREIA, 1940).

Apesar de cabalmente esclarecida nas elites europeias setecentistas a verdadeira natureza das “pedras de raio”, estas continuaram a merecer das populações iletradas europeias a mesma interpretação que, já no tempo dos romanos, lhes era atribuída.

A exaustiva síntese de E. Cartailhac sobre o seu significado simbólico (CARTAILHAC, 1877) torna supérfluo qualquer comentário adicional neste estudo.

No respeitante ao território português propriamente dito, a matéria foi estudada em detalhe por Luís Chaves, no estudo já citado, fornecendo importe bibliografia.

Um das fontes incontornáveis para a discussão da natureza e estatuto das “pedras de raio” é Leite de Vasconcelos; numa das suas primeiras obras (VASCONCELOS, 1882, p. 62, 63) dá já testemunho de em muitas regiões do norte de Portugal ser tradição que o raio correspondia a uma pedra ou, como em Gondomar, a uma cunha de ferro que quando atinge o solo, se afunda nele, pelo impacto, sete varas ou braças, levando sete anos (cada ano sobe uma braça) a vir à superfície, de onde resulta o nome *pedra de raio*.

Muito antes, conferindo credibilidade literária a esta crença, o Padre Rafael Bluteau declarava que o raio não entra na terra mais de 9 ou 10 palmos, estabelecendo uma distinção clara entre o raio e o corisco deste modo: “Chamãolhe Rayo, porq̃ à imitação dos rayos do Sol, rompe a nuvem, senão cõ luz benigna, com resplendor fulminante. A parte mais solida do Rayo, e condensada em pedra, (se as que alguns mostram como taes, são verdadeiras) he o q chamamos *Corisco*.” (BLUTEAU, 1720, Raio ou Rayo).

Deste modo, o raio correspondia ao fenómeno físico, que podia ser sentido e presenciado por todos, enquanto o corisco era a corporização da sua existência, através de um corpo sólido.

Tais corpos constituíam amuleto protector contra o raio, tanto para quem os transportasse, como para o interior das casas, onde se colocavam, ora atrás da porta, ora nos telhados ou em qualquer outro sítio, numa tradição arreigada em Portugal até época recente. A forma afiada e polida dos machados, de corpo afuselado mais ou menos alongado ou arredondado, eram facilmente e sugestivamente associada a tais corpos caídos do céu. Um dos signatários (J.L.C.), no início da sua actividade arqueológica, na década de 1970, ainda utilizou a expressão “pedra de raio” para indagar junto de um lavrador de Leceia (Oeiras) a posse de machados de pedra polida recolhidos no povoado epónimo, então ainda por estudar, no que foi bem sucedido.

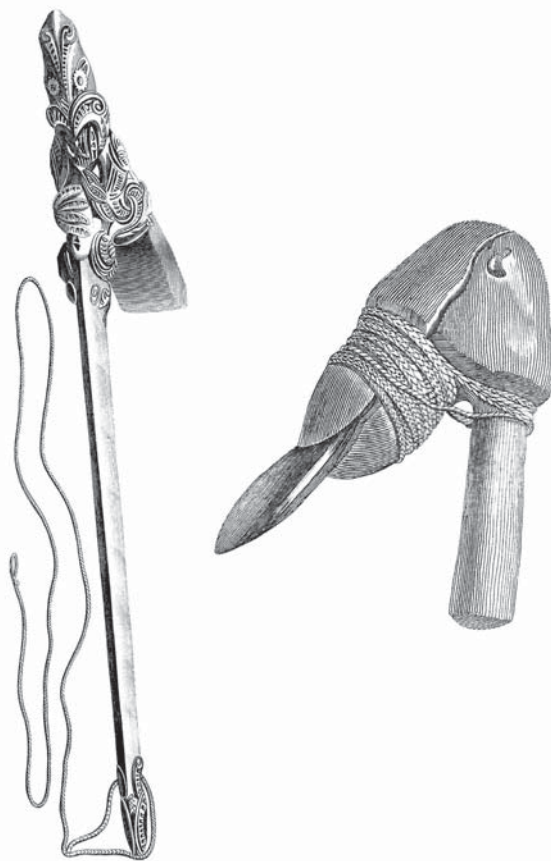


Fig. 12 – Lâminas de pedra polida encabadas, da Nova Zelândia, à direita e da Nova Caledónia, à esquerda (COOK, 1778, Pl. 54, n.º 9 e Pl. 24, n.º 1). Fotos e exemplar da obra de João Luís Cardoso.

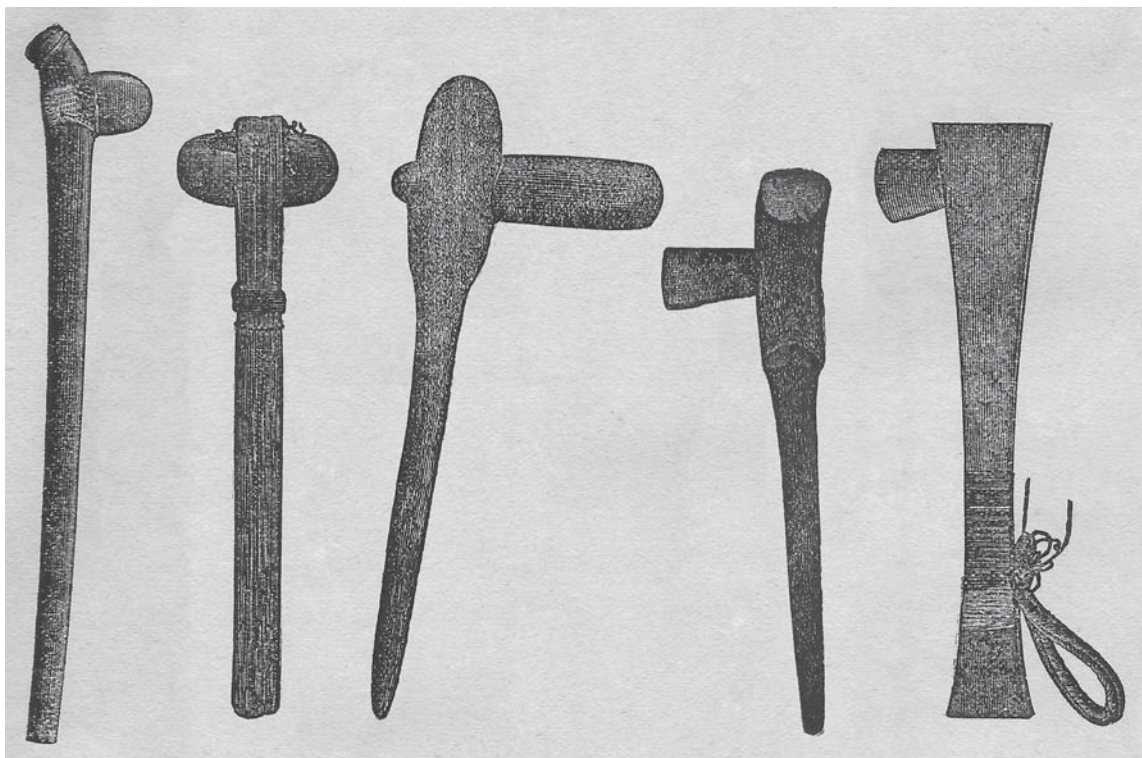


Fig. 13 – Lâminas de pedra polida encabadas, da Amazónia (ARAGÃO, 1892, n.ºs 3, 4, 5, 7 e 10 A).
Fotos e exemplar da obra de João Luís Cardoso.

A este propósito, tem interesse relembrar a forma como decorreu o primeiro encontro entre Leite de Vasconcelos e o arqueólogo alcobacense Manuel Vieira Natividade, descrito por Afonso do Paço (PAÇO, 1962, nota 20):

Acerca de pedras de raio, seja-nos permitido relatar o primeiro encontro de M. Vieira Natividade com o Dr. J. Leite de Vasconcelos: No seu deambular pelo País, em recolha de antiguidades para o Museu Etnológico, foi um dia José Leite parar a Alcobaca, e perguntou ao velho sacristão e cicerone do Mosteiro se sabia de alguém que tivesse pedras de raio. O nosso sacristão puxando pela memória disse:

- Só se for ali o Sr. Natividade.
- Onde mora esse senhor?
- Ali em frente.

Ambos atravessaram pressurosos o parque fronteiriço ao Mosteiro, tal era a pressa de Leite de Vasconcelos em recolher novas peças para o seu museu. Chegados à farmácia onde pontificava M. Vieira Natividade, e indicada a pessoa em questão, logo Leite de Vasconcelos inquiriu:

- O senhor tem pedras de raio?
- Tenho algumas.
- E como as arranja?

M. Vieira Natividade, um tanto trocista, confiando a barbinha, disse para o seu interlocutor, também de barbas:

- Quando está para trovejar, subo à torre do Mosteiro e reparo onde elas caem. Depois vou lá buscá-las. Bem, bem, falemos a sério, atalhou o director do Museu de Belém, e os dois homens entenderam-se. M. Vieira Natividade mostrou-lhe a sua colecção, que encantou o visitante.

4 – TRADUÇÃO INTEGRAL DO TEXTO LATINO

Cap. XV

Há três espécies cuneiformes de pedras ceráunias, diferentes entre si pelo aspecto e cor. Sótaco, autor [grego] muito antigo, referiu negras e vermelhas. [À margem: Diferem] Em terceiro lugar, acrescentaram umas bastante raras – e sobretudo procuradas pelos Partos – de cor verde, como nós verificámos (nota 1). Todos julgam que caem do céu com os raios, e a terceira espécie não se encontra em nenhum sítio a não ser em lugar atingido por um raio. [À margem: Plínio, cap. 9 / Idem, livro 37]. No nosso tempo são conhecidas por “mecânicas”, mudado o nome, certamente por interpretação da palavra grega. Com efeito, chamam folgora, nome pelo qual também entendemos fulmina (“raios”). [À margem: Nomes]. Os Germanos distinguem-nas apropriadamente de outras pedras que julgam caírem do céu, chamando-lhes pedras do raio. Admira que tenha sido atribuído o nome antigo de ceráunias a pedras tão conhecidas. Os nossos

Fig. 7 – Pedra de raio, vulgarmente raio

ourives usavam-nas para polir ouro, o que, em tempos muito antigos, se fazia com ébano. A posteridade abandonou o velho uso, não sem razão. A uniformidade da matéria que se dá a partir do ébano é a mesma nas ceráunias; a dureza de uma e outra é enorme, principalmente o aspecto nascido do polimento. O seu comprimento e a largura é totalmente traçado em forma de machado, pela extremidade embotada dos ângulos, como é um pouco costume pela espessura de meio dedo no gume. Não tivesse sido observada pelos antigos, não se poderia avaliar às ceráunias então conhecidas tamanha aptidão da forma para polir.

Parece que outrora os sapateiros as usaram para polir os sapatos das mulheres e chamaram-lhes ageratos, como disse Heras, médico da Capadócia, que viveu por volta do tempo de Domiciano. Não negou seu este nome. Com efeito, são chamados ἀγρατοι [imperecíveis] pela dureza, porque nada perdem com o constante atrito do couro. São de qualquer cor e têm o comprimento de um palmo, // (p. 2) outros menores, alguns largos, outros compridos, e alguns desenvolvem o gume mais largo, outros deixam a largura de ambos com pouco intervalo. [À margem: Bétilos].

Por vezes, para os negros, ocorre uma forma quase redonda, com ângulos gastos, e a Antiguidade chamou-lhes bétilos (nota 2).

O autor Hesíquio supôs que a pedra colocada por baixo de Júpiter, que dizem Saturno ter devorado era baítylon, “pedra caída do céu”, quase baíon týlon, “pequena saliência”, que os bárbaros (nota 3) chamavam abadir (“solene”), durante os mistérios. Na verdade, porque Júpiter por ele obteve vida e reino, também pensavam que os preditos bétilos tinham sido enviados pelo poder de Júpiter, meio pelo qual fossem tomadas de assalto cidades e armadas. Pode acrescentar-se isto, porque não só se procuravam os bétilos, mas também o seu nome. [À margem: Lugar].

São de cor verde, geralmente pálido, com manchas vermelhas; por vezes amarelo pálido que também escurece. [À margem: Faculdades]. Estes e os verdes são duríssimos, a ponto de ultrapassarem a ágata, embora tenham aspecto da pedra. Encontram-se negros, os mais macios de todos.

Do mesmo modo, sabe-se que, em lugares incertos em montes e junto a rios de Itália, Alemanha, Espanha, se encontram ceráunias entre as pedras, e, por isso, é lícito pensar noutras regiões. Como dissemos, são úteis para o artesão de ouro e prata e para metais dourados.

Alguns usam-nas para não serem atingidos por um raio e por isso acreditam que têm energia, por serem atirados por um raio. E onde quer que caíam mais imunidade se atribui aos lugares.

Na mudança de lugar, é de esperar outra sorte aos que as usam, a não ser que haja aliança das ceráunias com o céu, tal como se espera que o notável Tífon saísse impune.

Galeno recomenda o milefólio com faculdade medianamente adstringente, embora não se sinta pelo gosto. Diz que a columella agravada pelo fleimão é curada pela noz do País de Gales, se for ligeiramente acesa. Para este efeito, deve juntar-se à columella o pó desta concha. Há quem mande gargarejar, em hipotéticos escritos de Galeno. (À margem: Simpl. Medic. lib. 9 & de Compos. pharm. Iacal. Lib. 6 cap. 4. Actius tetrabibl. 1 Serm. 2. cap. 24. P. Aegineta lib.7. De Medic. parat. ad Solonem).

Notas

[À margem: Se as ceráunias se colocam juntamente com o raio.]

(Nota 1) Aparecem muitas vezes pedras de raio e ceráunias nos escritores de coisas fósseis. Podem ver-se várias imagens delas, como em Galeno, Boécio, Aldrovando e outros. No entanto, não parece poder ser demonstrado com nenhum argumento se estas pedras caíram do céu com um raio. Com efeito, o raio, ao cair, evita o olhar, devido à enorme agilidade dos olhos. Seja por que razão for, em lugares atingidos por um raio, não pode provar-se que se observam pedras que aí não tenham existido antes. Não é, de modo algum, impossível que, de diversos sais e partículas de outros corpos, nos quais o ar abunda, possam crescer pedras entre as nuvens. (À margem: Ceráunias dos Químicos) Daqui os químicos discutirem se a pedra de raio pode ser artificialmente preparada por eles, certamente a partir de sal, água da chuva e enxofre, queimados juntamente. [À margem: História das pedras figuradas] Lângio escreve que foi encontrada uma pedra semelhante a esta num carvalho atingido por um raio, e apresenta a sua imagem, muito diferente daquelas que Mercato aqui traz e a outras que se encontram noutros autores. Mas ela também pôde ser antes levada para dentro do carvalho, por outra ocorrência, ou também ser tirada de qualquer parte pelo próprio raio e ser impelida para o interior da árvore. Porém, embora corpos atingidos, furados, quebrados, despedaçados, descascados por um raio, da forma como observámos principalmente em árvores, e são igualmente observados atingidos de várias maneiras, tanto como se fosse por uma pedra ou outro corpo sólido, pelo menos não pode daí conjecturar-se, por uma única pedra, que apenas esta pudesse tal resultado produzir.

A acção dos fluidos, sobretudo ígneos, aumenta espantosamente. Com efeito, por vezes, consomem os sólidos sempre que, por certo com as próprias forças, ou movimento e energia, se aproxima o ímpeto do mais forte, o que, na verdade, pode ver-se numa chama impelida e levada por um tubo com o sopro da boca, do qual todas as partículas apertadas pelo tubo são levadas com a mesma determinação de uma a outra parte e daqui, juntos os impulsos das forças, batem contra a vidraria sólida que rapidamente liquefazem e perfuram. [À margem: Por que razão a chama dos sólidos produz resultado]. Quase por essa razão, a chama do raio, apertada por todo o lado pelo ar à volta, e de qualquer modo fechada pelo tubo do ar, misturando-se com violência, arde do mesmo modo, mas também dispersa, despedaça, trespassa e penetra em muitos lados, segundo vária razão do movimento e vária resistência dos corpos atingidos. [À margem: Que os raios são uma simples chama deduz-se dos seus efeitos]. Pelo contrário, afasta-se tanto que pode triunfar dos efeitos do raio: descobre-se que a sua matéria é de pedra e sólida, para, de preferência, haver deles apenas esta única chama, o que principalmente se indica a partir do movimento do próprio raio, de certo modo sinuoso, movimento que sobretudo se descobre nas árvores atingidas por um raio.

Acontece muitas vezes que o raio apenas lambe o tronco da árvore em círculo, até à superfície, e apenas roça a sua casca em espiral, o que, na verdade, não pode facilmente distinguir-se de uma pedra ou outro corpo sólido. Estes penetram também na parte lenhosa, ou saltam para trás, impelidos noutra direcção pela sua solidez:

a chama separa primeiro a parte da casca arrancada pelo ímpeto violento, mas daí a madeira virada para trás pelo lenho mais sólido e húmido é de novo comprimida pelo ar espalhado à volta, e daqui se comprime na direcção da árvore, por onde faz que alternadamente daqui, e a partir deste momento, entre o ar e o tronco lenhoso, com a casca arrancada e à volta, construa um caminho, até se extinguir, ou ser levada para outro lugar, com equilíbrio instável do ar que comprime pela própria agitação.

Além disso, foi reconhecido pelo ilustríssimo Lancísio, a quem consultámos sobre este assunto, que, tanto quanto sabia, nunca foi descoberto qualquer indício de ferimento infligido por corpo sólido nos cadáveres dos que morreram atingidos por um raio, mas apenas cheiro a enxofre, negrura e outros vestígios de chama comburentes. [À margem: Porque cheiram as ceráunias a enxofre]. Finalmente, argumentam alguns que estas pedras que exalam cheiro a enxofre se ligam de partes de raios sulfúreos, razão pela qual acreditam que os que são batidos por aço emitem centelhas. Encontram-se, // (p. 3) na verdade, pedras que crescem de enxofre mineral da terra.

(Nota 2) O Etimológico grego pensa que a pedra tirou este nome da βαιτη, “pele”, certamente caprina, com a qual Reia mostrou o escondido Saturno, para ser devorado. Outros dizem pedras βατυλος e βαιτυλια dos Gregos, que também, por certo, chamam εψυχους, “vivos”; contam muitas coisas fabulosas sobre elas e imaginam que se movem espontaneamente, como se lê em Fócio na Vida escrita por Isidoro de Damasco [À margem: pedras bétilos, o que são e donde são chamadas, Bibliotheca]. Na verdade, eu pensava que o bétilo era algo divino. Isidoro dizia um génio: que ele era movido por um certo génio, que nem era da espécie dos prejudiciais ou muito materiais, nem da espécie dos imateriais ou completamente puro.

Um ou outro dos bétilos foi dedicado a um deus, sem dúvida Saturno, Júpiter, Sol, etc. Os Gregos mudaram provavelmente este costume de consagrarem pedras aos deuses, segundo Jacob, como temos na Sagrada Escritura [à margem: Gén., 28, 18] que, ao partir para Haran, consagrou a pedra sobre a qual dormira, derramando óleo, e chamou ao lugar Beth-El, isto é “Casa do Senhor”, porque aí vira em sonhos uma escada e ouvira a palavra do Senhor. Daqui presumiram homens muito sábios que se começara a chamar a pedras desta espécie βαιτυλους, de Bethel. Não apenas os adoradores de ídolos usaram depois este rito, corrompendo um facto estabelecido no culto do verdadeiro Deus com falsa religião de deuses, mas também, como se diz, aplicaram essa superstição às ditas pedras, que eram, por certo vivas, e se moviam por um génio: erro que Botharto [à margem: Na Geografia Sacra, parte 2, cap. 21] pensa ter tido início em palavras de Sanchoniaton, autor muito antigo (que expôs a história teológica em língua fenícia), defeituosamente traduzidas para grego por Fílon Biblio em Eusébio. O deus Úrano imaginou fabricar bétilos, “pedras animadas”. Com efeito, o sábio suspeita que na língua fenícia se escreva antes Avanim nesciaphim, isto é, “pedras ungidas”, mas Fílon, com fraca tradução, leu “animadas” e traduziu “pedras animadas”.

(Nota 3) Bocarto crê que Abadir se diz na língua dos Sírios quase Eben dir, isto é “pedra redonda”, porque estas pedras eram redondas, como se pode ver em Fócio. Daqui escreve Plínio de Sótaco que as ceráunias redondas se chamam “bétilos”, como acima referimos.

Loculo XII

Ceráunia vulgar e sícilex

Cap. XVI

Na Itália é frequente a ceráunia das armas, que vulgarmente se chama “seta”, esculpida em gume triangular, com matéria de sílex, fina e dura. Sobre ela circula uma opinião dupla. Grande parte dos povos acredita que

é transportada por um raio. Os que são peritos em história julgam que foi separada, batendo, de pedras muito duras, antes do uso do ferro, para a loucura da guerra [à margem: Com efeito, gumes de pedra serviam de faca para os homens mais antigos].

Lê-se que Sêfira, mulher de Moisés [à margem: Êxodo, cap. 4, Josué, cap. 5(3?)] iniciou o filho nos sacramentos, segundo o rito israelita, com uma pedra muito afiada; e Josué, ao entrar na Palestina, foi incumbido por Deus de preparar duas facas de pedra para o mesmo uso, donde se tornou usual em Israel o costume de circuncidar com uma pedra.

No nosso tempo, não há ferro algum obtido por fusão nas regiões do orbe ocidental: navios, casas e todas as obras artesanais eram construídas com pedras cortadas em gume. É certo que o sílex quase parece “sicilex”, “escolhido para cortar”. Chama-se “sicilices” às que tornam pontiagudos armas e venábulo, como naquele verso de Ênio, segundo Festo.

Incedit veles volgo Sicilicibus latis. (O soldado avança sempre com ferros de lança larga.)

Esta ceráunia tem a figura delas, se é válida a opinião de haver “sicilices” antigas de sílex, antes de o ferro ser fundido, e que a ceráunia é deste número.

De facto os ódios dos mortais crescem de pequenos inícios até ao infinito e na luta com fustes do Africano, que chamam falange, combateram com os Egípcios, mas antes dos Comentários da guerra fenícia de que são autores Pompónio Mela e Plínio. [À margem: Plínio, livro 7, cap. 76. De situ orbis, 1.1, cap. 6, livro 5, cap. 13].

É boa verdade, o que escreve Lucrécio

As armas antigas foram mãos, unhas, e dentes.

Embora com estas o homem tenha pouco valor, apreende-se a causa, e são-lhe atribuídas coisas que ela própria ordena serem feitas, equipamento de combate para quem não possa lutar como fera, isto é, força para quem avança para a luta generosamente: em primeiro lugar, pedras, fustes, madeira preparada para atacar o inimigo de longe. // (p. 4) Antes de os povos e gentes combaterem, lutou-se primeiro em discórdias particulares. Reencontra então, mais avidamente, a rivalidade atroz, reencontra a avareza e ambição, os que têm sede de sangue humano. Começaram com lanças e com todo o género de armas a fazer dardos de chifre, osso e pedra, segundo dizem os que julgam que a ceráunia foi fabricada depois deles para trespassar couraças mais resistentes.

Fig. 8 – Ceráunias

Com efeito, isto ultrapassa a sua forma rude, superfície embotada e com margem mal cortada, não configurada pela serra ou pela lima, que então não existia, mas esculpida em triângulo-equilátero, isósceles ou agudo – com pancada de pedras [à margem: ceráunia esculpida com pancada de pedras] e com a qual a lingueta deve ser ligada à vara que se fixa à haste da lança.

A madeira brilha, apesar de em superfície desigual, por causa da dureza singular, cor brilhante, dourada, rubra, vermelha forte, cor de erva, escura, ou, às vezes, matizada com manchas.

Encontram-se ténues lâminas dessa madeira com um palmo de comprimento, meia onça de largura ou menores, com ângulos roídos, superfície limpa, plana de um lado, de outro pouco saliente em ângulo de diâmetro médio.

Os que julgam que os antigos talharam a ceráunia para afiar dardos dizem que, com estas lâminas, embrecham o arco. Mas quando vigorou o seu uso, ou em que tempo começou o mundo do ferro para os tiranos, que lhe sucedeu? [À margem: Quem foi o primeiro artesão do ferro]. O ferro foi fabricado antes que o Dilúvio aniquilasse o género humano, e asseveram que o seu autor foi Tubalcaim da Sagrada Escritura [à margem: Génesis. capítulo 4, 22] que contava a sétima origem a partir do primeiro pai. Josefo, nas Antiguidades

[à margem: livro I] escreve que ele conduziu energicamente a acção bélica, para se ver o criador do ferro e da guerra, ódios de poucos homens // (p.5) e por afinidade de sangue, se não tivessem sido encontrados instrumentos de ferro mais antigos do que eles.

Embora, na verdade, pelo conjunto de seres vivos que se salvou das águas, tenha sido conservada a sociedade do ferro, certo é que, se mantinha a memória da obra do primeiro autor: todavia, substituídas as pessoas e de novo espalhadas pelo orbe da terra, restava entre poucos a arte de tratar o ferro. Ela não pôde, na verdade, acompanhar os povos que passavam por diferentes locais, a não ser que nas entranhas da terra se fundisse mais fundo, onde também é difícil chegar sem ferramentas. A própria matéria indomável é dominada com engenho e trabalho obstinado. Assim, quando sessasse o ferro desde os primeiros tempos, pôde colher-se muito pouco, primeiro na Arménia [à margem: Génesis, capítulo 8], onde se fixaram os que sobreviveram ao Dilúvio; depois pelos Cilícios ou Sírios.

Seguia-se a simplicidade, para não estimular em si aquela experiência; noutra lugar a inércia e aspereza do ferro, e, principalmente, a desvantagem dos lugares que não mostram a matéria em todo o lado. Não havia nenhuma mina de ferro até ao império de Saul [à margem: Reis I, capítulo 13], que, com o filho Jónatas, apenas tinha a lança e a espada de ferro. Os Israelitas e filistinos que habitavam terras montanhosas apresentavam outras ferramentas dos agricultores, que eram reparadas pelo uso.

Entretanto, certamente desde os primeiros tempos, quando as ofensas levavam as gentes a fazer a guerra, praticaram-se crueldades sem o ferro: na verdade, experimentaram-se coisas duríssimas, segundo cada um podia encontrar. Os povos do Ocidente aguçavam setas de ossos de peixe [à margem: armas de ossos de peixe]. Na Itália e principalmente no Lácio, em cujos campos esta espécie de ceráunia é muito frequentemente extraída [à margem: dardos de pedra dos aborígenes] os aborígenes – se a opinião é verdadeira – faziam muitas vezes dardos de pedras, para não deixar algum lugar da lórica aberto ao perigo [à margem: quem foram considerados inventores do ferro]. Quase todas as nações pensaram que os seus povos foram descobridores do ferro.

Plínio escreveu que encontrou em Creta dáctilos do Ida; Estrabão, os povos Telquines; Clemente em Cipro; Judeus Selmente e Damnameneu: assim discordam entre si. Para nós, porém, é suficiente mostrar que a ceráunia pôde ser preparada deste modo pelos Antigos. Na verdade, demonstram isto a matéria e o aspecto; o nome confirma; e, por vezes, o uso divulga.

Que, se se conhecesse bem, esta ceráunia não deveria ser colocada entre idiomorfos, porque seria perfeita pela arte. À arte não se concede a brincadeira, à natureza causa dúvida a imitação das coisas. A pequenez acrescenta dúvida, pelo que, por vezes, a ceráunia se encontra inapropriada para dardos. Sobre o raio nada se pode afirmar senão que se encontra aqui e além.

Deixemos, pois, a cada um o juízo no meio. Atribuem-lhe força [à margem: força] para evitar os raios. Pelo que gravam em ouro e as mulheres penduram ao pescoço das crianças, quando também daí esperam outras coisas.

Notas

Chamam-se ceráunias a partir do grego “ceraunós”, “raio”. Ver capítulo anterior. [à margem: Ceraunia, o que e em quê dista das ceráunias dos mais recentes]. E, todavia, Plínio (liv. 37, cap. 7), sobre a ceráunia, junta a opala às espécies enumeradas de pedra preciosa: “A melhor produz-se na Carnânia [Pérsia] e nenhuma é menos susceptível de defeito. Chama-se ceráunia a que é inferior. E, pouco abaixo, “Está entre as brancas também a que se chama ceráunia, que rouba o fulgor das estrelas, ela própria cristalina, de brilho cerúleo, nasce na Carnânia; Zenotemis reconhece que é branca, mas tem dentro uma estrela. Também há ceráunias embotadas que maceradas por alguns dias em nitrato e vinagre, produzem stellamea, que enfraquece depois de outros tantos

meses. Sótaco admite outras duas espécies de ceráunias, negras e rubras, e que elas são idênticas a machados. Assaltam-se cidades e armadas com aquelas que são negras e redondas, e chamam-lhes “bétilos”; às que são verdadeiramente longas, “ceráunias”. Admitem também outra espécie bastante rara e muito procurada dos Partos, embora se não encontre noutra lugar que não seja algum atingido por um raio”. Daqui se verifica que as pedras a que os autores chamam vulgarmente ceráunias são completamente diferentes das ceráunias de Plínio. Com efeito, elas são pedras vulgaríssimas, opacas, não encontrando nenhuma prerrogativa entre as pedras preciosas, ao passo que, pelo contrário, as ceráunias de Plínio, são brilhantes e reluzentes, cintilando aos raios das estrelas. Há também quem pretenda que as ceráunias de Sótaco não seriam pedras preciosas, e que correspondem às pedras a que hoje se dá o mesmo nome. E não provam isso com nenhum outro argumento a não ser porque umas e outras se encontram em lugares atingidos por um raio. Na verdade, esta hipótese parece insignificante: com efeito, encontram-se indistintamente várias outras pedras nos preditos lugares, por natureza muito distantes entre si. Por isso, embora as ceráunias de Sótaco sejam descritas por Plínio entre as pedras preciosas, deve acreditar-se que seriam diferentes das pedras desta espécie.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A associação feita por Michele Mercati, na segunda metade do século XVI, dos artefactos de pedra polida (*Ceraunia cuneata*) às “pedras de raio”, ou “coriscos”, reflecte a tradição arraigada na Europa Ocidental desde pelo menos o tempo dos Romanos, que herdaram essa tradição pelo menos dos Gregos, onde a mesma se encontra registada por Heródoto. Relembre-se ainda, a propósito do significado mágico dos machados de pedra polida, o culto associado aos mesmos, na própria época em que eram produzidos e utilizados.

Já no respeitante às pontas de seta e lâminas, lascadas sobre sílex (*Ceraunia vulgaris*), a sua opinião foi diferente dada sua evidente semelhança com os homólogos metálicos o levou a admitir tratar-se de armas primitivas, seguindo assim outro conceito estabelecido desde a época clássica, segundo o qual o tempo da Humanidade se subdividia em três idades, a da pedra, a do bronze e a do ferro. Mercati, ao considerar dois tipos essenciais de ceráunias, pode ser considerado como o precursor das modernas classificações arqueológicas, baseadas na tipologia (CARDOSO & PENALVA, 1978).

Por outro lado, a forma impressiva, afuselada ou biselada das peças de pedra polida afigurava-se propícia a rasgar os céus quando trovejava, convicção reforçada pelo facto de se encontrarem sempre na terra, mais ou menos ocultas, sendo postas à vista aquando das lavras, para as sementeiras. Já a segunda categoria de ceráunias seria facilmente relacionável com o fogo por serem, via de regra, talhadas em sílex, a rocha de ferir lume, utilizada para o fabrico de isqueiros até à generalização dos amorfos (fósforos), nos inícios do século XX.

A publicação da *Metallotheca Vaticana* em 1717 evidencia a plena actualidade dos conceitos nela expostos no respeitante às Ciências Naturais, apesar de terem sido na altura já escritos há quase um século e meio. Com efeito, ainda no primeiro quartel do século XVIII, as elites científicas europeias perfilhavam a convicção de os fósseis que abundantemente ocorriam em muitos depósitos sedimentares europeus não serem mais do que *lusus naturae* não se estabelecendo relação directa entre tais restos e as espécies de onde provieram, mesmo quando tais relações eram óbvias. Foi também essa a linha perfilhada por Mercati. Um dos casos mais expressivos desta realidade é fornecido pela reprodução de diversos dentes fósseis de tubarões, chegando-se ao ponto de reproduzir a boca de um tubarão actual, erichada de dentes, para ilustrar a semelhança com aqueles, sem contudo tirar dessa evidência a conclusão que hoje se impõe.

O estudo sobre a evolução geológica dos terrenos que constituíam o relevo actual só então começava a ganhar adeptos, pelo que o desconhecimento sobre a verdadeira origem e natureza dessas formações geológicas impedia a cabal interpretação dos restos orgânicos nelas existentes e na altura já observados.

Ao contrário, o conhecimento do verdadeiro significado dos machados pré-históricos fazia-se então de forma muito mais rápida, graças às informações fornecidas pelos exemplares oriundos do Novo Mundo, então ainda ali plenamente em uso. Tal mudança de paradigma é corporizado, ainda antes de meados do século XVIII por Jussieu, logo seguido de Mahudel, embora nas tradições populares tenha persistido arreigadamente, em toda a Europa ocidental, a velha ideia herdada dos Romanos. Foi o que se verificou em Portugal, até ao último quartel do século XX: o abandono do cultivo tradicional dos campos e o envelhecimento generalizado das populações rurais ditou, a par da escolarização e da ida para as cidades dos mais novos, o rápido desaparecimento de uma tradição generalizada e milenária.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1892) – Catálogo dos objectos de arte e indústria dos indígenas da América que pelas festas comemorativas do 4.º Centenário da sua descoberta a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia á Exposição de Madrid. Lisboa. *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. 2.ª Classe, 4 (2), p. 1-44.
- BLUTEAU, R. (1720) – *Vocabulario portuguez & Latino*. Letras Q-S. Lisboa: Na Officina de Pascoal da Sylva.
- CARDOSO, J. L. & PENALVA, C. (1978) – Resumo histórico da actividade arqueológica na Europa ocidental. *Ciência*. Lisboa. 3/ 4, p. 27-31.
- CARDOZO, M. (1951) – Escavações na Citânia de Briteiros. Campanha de 1951. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 61 (3/4), p. 455-472.
- CARTAILHAC, E. (1977) – *L' Âge de Pierre dans les souvenirs et superstition populaires*. Paris: C. Reinwald & Cie, Libraires-Éditeurs.
- CHAVES, L. (1917) – Sobrevivências neolíticas de Portugal. Vestígios líticos, em concordância ou paralelismo, e na toponímia. *Arquivo da Universidade de Lisboa*. Lisboa. 4, p. 55-81.
- COOK, J. (1778) – *Voyage dans l' hemisphère austral, et autor du Monde*. Tome 3.ª A Paris: Hôtel de Thou, Rue des Poitevins.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1940) – Contribuição portuguesa para o estudo da pre-história geral. Congresso do Mundo Português (Lisboa, 1940). Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. 1, p. 461-467.
- JENSEN, O. W. (2012) – A thematic and theoretical introduction to histories of archaeological practices. *Histories of archaeological practices* (ed. O. W. Jensen). Huskvarna: The National Historical Museum, Stockolm Studies.
- JUSSIEU, A. de (1725) – De l'origine et des usages de la pierre de foudre. *Histoire de l'Académie Royale des Sciences, Année 1723. Avec les Mémoires de l'Académie Royale 1723*. À Paris: Imprimerie Royale, p. 6-9.
- MERCATI, M. (1717, 1719) – *Metallotheca Vaticana*. Romae: Typographum Vaticanum.
- MERCATI, M. (1719) – *Appendix ad Metallothecam Vaticanam. Additis notis*. Romae: Typographum Vaticanum.
- PAÇO, A. do (1962) – M. Vieira Natividade e as raízes de Alcobça. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 9, p. 75-100.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1882) – *Tradições populares de Portugal*. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores.

**A PRIMEIRA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA METODOLOGICAMENTE MODERNA
FOI REALIZADA EM PORTUGAL EM 1879/1880: A INTERVENÇÃO DE NERY
DELGADO NA GRUTA DA CASA DA MOURA (ÓBIDOS, PORTUGAL)**

***THE FIRST METHODOLOGICALLY MODERN ARCHAEOLOGICAL EXCAVATION
WAS CARRIED OUT IN PORTUGAL IN 1879/1880: NERY DELGADO'S
INTERVENTION IN THE CAVE OF CASA DA MOURA (ÓBIDOS, PORTUGAL)***

João Luís Cardoso*

Abstract

In the 1879/1880 campaign of excavations in the Casa da Moura cave (Óbidos, Portugal) Nery Delgado chose the main room of the cave, corresponding to the area closest to the entrance and bounded on the opposite side by a large block dropped from the roof for the application of a new methodology for archaeological field works. Having an approximate sub-triangular contour, occupying the entry site one of the vertices, the excavated space was divided into orthogonal sectors, designated by letters, delimiting tendentially equal elemental excavation areas, since they had accommodated to the pre-existing cave geometry.

The publication of exhaustive and systematic inventories of the materials collected in each of the excavated sectors previously defined, according to their collection depth defined by artificial levels, revealed the exceptional quality of Nery Delgado's work as an archaeologist, and his original contribution to the methodology of modern archaeological excavations. It's name should be considered among one of the most notable pioneers of European archeology.

Keywords: Nery Delgado; Casa da Moura; methodology of excavation; pioneer; History of Archaeological Science; Nineteen Century; Portugal

1 - INTRODUÇÃO

A gruta da Casa da Moura é uma cavidade de origem cársica existente no planalto da Cesareda, do concelho de Óbidos, em calcários do Jurássico inferior, e possui as seguintes coordenadas geográficas (Fig. 1):

Latitude – 39° 19' 36'' lat. Norte

Longitude – 9° 15' 14'' long. Oeste de Greenwich

Do local onde a gruta se abre, domina-se vasta paisagem para Norte, embora a entrada daquela se encontre dissimulada pelos próprios afloramentos calcários, sendo apenas visível de muito próximo. Com efeito, encontra-se voltada para o céu, correspondendo-lhe uma pequena chaminé ou algar.

* Catedrático de História (Pré-História e Arqueologia) da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador associado do ICArEHB (Universidade do Algarve) cardoso18@netvisao.pt

Situa-se a cerca de 160 m de altitude, no rebordo setentrional do planalto da Cesareda, distando apenas cerca de 25 m da escarpa limítrofe daquela vasta superfície, que constitui a linha divisória entre a bacia hidrográfica do Tejo e as bacias dos cursos de água que afluem ao Oceano, situado para Ocidente cerca de 6 km.

O planalto da Cesareda, parte integrante dos contrafortes setentrionais da serra de Montejunto, corresponde a unidade geomorfológica de contorno alongado, de orientação geral Nordeste-Sudoeste, dominando o vale da Columbeira, a Norte, e o de S. Bartolomeu, a poente, os quais se encontram ligados por uma profunda depressão, que completa, daquele lado, o seu limite. Do lado oriental, a elevação das Cesaredas prolonga-se por outras, mais baixas, que formam o flanco esquerdo do vale do rio Real. A sul, liga-se ao Alto das Castelhanas.

Do ponto de vista espeleológico, a estreita chaminé quase vertical correspondente à entrada na gruta, com uma largura máxima de 3 m e uma altura de cerca de 4 m, dá acesso a uma sala, de planta irregular, de tendência sub-triangular, separada de uma outra, mais interior, por um grande bloco, abatido do tecto (Fig. 2). Porém, ambas as salas comunicam através de dois estreitos corredores laterais, existentes ao longo do bloco tombado, já assinalado nas plantas elaboradas no tempo de Nery Delgado e agora dadas a conhecer. Uma galeria superior assegura também a comunicação entre ambas. A soleira da primeira sala, onde actualmente aflora na sua totalidade o substrato geológico, inclina para o interior do maciço rochoso, acompanhando o andamento geral do tecto, baixo e irregular; ao contrário, na segunda sala, aquele forma cúpula com cerca de 6 m de altura. O tecto desta segunda sala possui uma estreita fenda vertical, que comunica com a superfície (o “ouvido da Casa da Moura”). Por seu turno, esta sala vai estreitando e inclinando, até terminar num poço vertical cuja terminação só recentemente foi reconhecida, conforme a planta levantada pelo Espeleo Clube de Torres Vedras (Fig. 3).

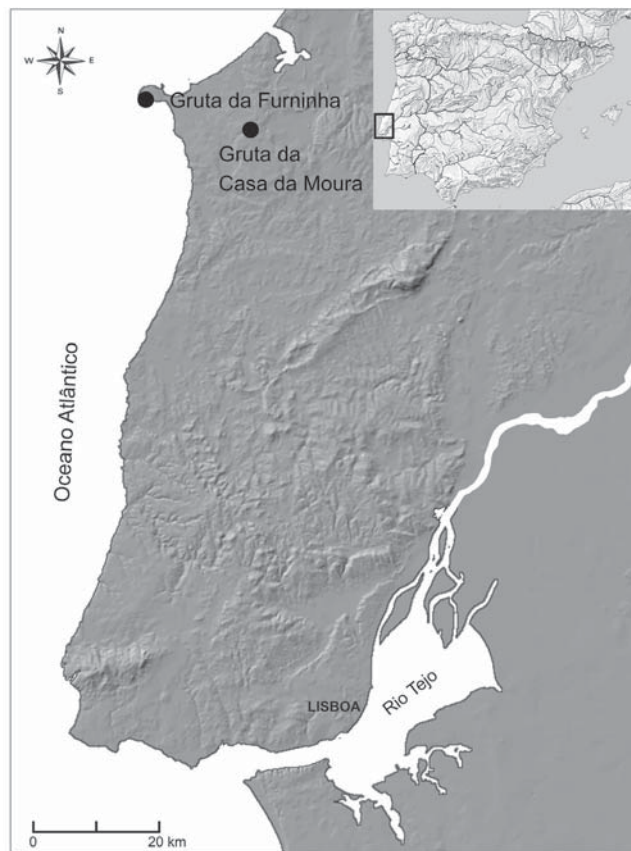


Fig. 1 – Gruta da Casa da Moura. Localização geográfica, conjuntamente com a gruta da Furninha.

2 – OS TRABALHOS DE NERY DELGADO DE 1865-1866

No Relatório dos trabalhos da Comissão Geológica de Portugal relativa ao ano económico de 1865/1866, e na parte respeitante a este membro-adjunto da Comissão, o então jovem Tenente Nery Delgado (1835-1908) pode ler-se o seguinte:

“A descoberta n’esta região de varias grutas, nas quaes existiam restos humanos misturados com objectos de indústria do homem referíveis á segunda idade da pedra, e alguns a uma epocha posterior ao conheci-



Fig. 2 – Gruta da Casa da Moura. Foto do interior (1987) a partir da 1.ª sala. Foto de J.L.Cardoso.

mento do cobre, determinou o referido membro da comissão a fazer um estudo especial de alguma d'essas grutas, e a intentar a sua descrição, acompanhando-a da dos restos humanos e dos despojos de animais, que n'ellas foram achados” (RELATÓRIO, 1866, p. 17).

Reportando-se à gruta da Casa da Moura, prossegue o relato:

“A descrição de uma d'essas grutas, que por si só formará um fascículo, poderá ser impressa logo que algum desenhador da comissão possa fazer a representação dos objectos que é indispensável exhibir pelo desenho para completa intelligencia do texto.” (*op. cit.*, p. 17).

Com efeito, conforme refere João Zilhão (ZILHÃO, 1997, p. 182), com base na leitura dos cadernos de campo de Nery Delgado, o início dos trabalhos de campo realizaram-se entre 19 e 23 de Janeiro de 1865, e prosseguiram, conforme se pode verificar pelas etiquetas coladas s em alguns fragmentos cerâmicos pré-históricos ainda hoje conservados nas colecções do Museu Geológico do LNEG, ao longo daquele mesmo ano e do ano seguinte (etiquetas datadas de 28-7-1865 e 28-1-1866) (Fig. 4).

O Relatório da Comissão Geológica de Portugal relativo ao ano económico de 1865/1866, embora seja omisso relativamente a trabalhos de campo relacionados com a exploração da gruta da Casa da Moura, refere que se encontrava em curso de execução tipográfica a memória sobre as grutas de Cesareda, da autoria de Nery Delgado, a qual de facto veio a sair do prelo da Tipografia da Academia das Ciências no ano seguinte (DELGADO, 1867). A mesma aborda apenas aos resultados obtidos na escavação dos depósitos do Plistocénico, deixando por estudar os espólios arqueológicos mais recentes que nessa época se recolheram, correspondentes à instalação de uma necrópole no Neolítico, prosseguida no Calcolítico.

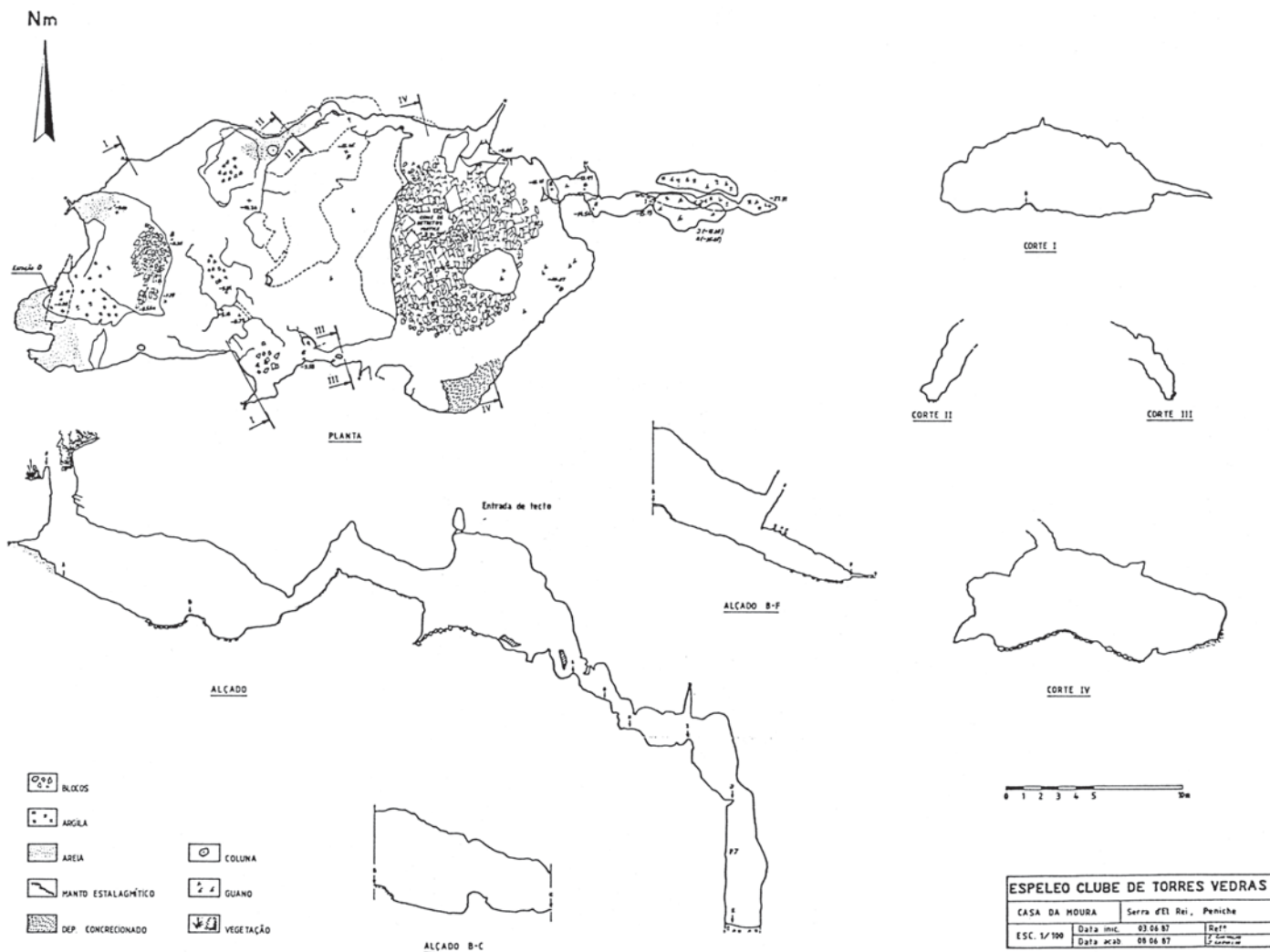


Fig. 3 – Gruta da Casa da Moura. Planta da gruta. Levantamento do Espele Clube de Torres Vedras (1987).

Os materiais arqueológicos recolhidos nos depósitos mais modernos conservaram-se em grande parte até à actualidade. Para além de escassos fragmentos cerâmicos de diminuto interesse conservados no Museu Geológico do LNEG, como os dois exemplares cerâmicos acima referidos, as peças de maior interesse foram reproduzidas em belas litografias que se destinavam à preparação de um álbum a ser apresentado aquando da Exposição Universal de Paris de 1867 coordenado pelo membro co-director da Comissão, Francisco Pereira da Costa. Contudo, este propósito jamais chegou a concretizar-se, mantendo-se aquelas ilustrações inéditas até época recente (CARREIRA & CARDOSO, 1996), em resultado da degradação das relações de trabalho entre os dois membros co-directores da Comissão, o próprio Pereira da Costa e Carlos Ribeiro, que já se faria sentir ao logo do ano de 1867. Essa dissensão teve resultados catastróficos. Com efeito, após a extinção da Comissão Geológica de Portugal, pelo decreto de 1 de Fevereiro de 1868), a generalidade dos espólios arqueológicos e antropológicos foram levados para a então Escola Politécnica, onde Pereira da Costa era Professor, por força do decreto de 23 de Dezembro de 1868, que determinou a passagem para aquele estabelecimento de ensino de todo o espólio da extinta Comissão Geológica (incluindo livraria, colecções e mobília (CARDOSO, 2018, p. 98).

Da Escola Politécnica, os espólios arqueológicos das escavações de Nery Delgado de 1865/1866 foram levados em 1905 para o então Museu Etnológico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia), por acordo então estabelecido entre os directores de ambos os estabelecimentos (VASCONCELOS, 1906), portanto ainda em vida de Nery Delgado, onde ainda hoje se conservam.

Na Escola Politécnica mantiveram-se apenas os espólios antropológicos, os quais viriam a ser destruídos pelo incêndio de 1978.

Deste modo, compreende-se que, aquando da realização da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, em Lisboa, em Setembro de 1880, não fosse possível à Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, então dirigida por Carlos Ribeiro, mostrar aos participantes nenhum exemplar que representasse aquela notável gruta pré-histórica, a primeira a ser objecto de escavações arqueológicas na Península Ibérica, e que deram origem à primeira memória publicada no território peninsular, cujo impacto foi assinalável a nível internacional (CARDOSO, 2008; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002; CARDOSO, MEDEIROS & MARTINS, 2018).

É nesta perspectiva que se inscrevem os trabalhos efectuados em 1879/1880 na gruta da Casa da Moura, sob orientação de Nery Delgado, então já Major do Exército Português, mas na verdade conduzidos no terreno por Miguel Pedroso, colector da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal nos anos de 1879/1880 (CARNEIRO, 2005, p. 163).

3 – OS TRABALHOS REALIZADOS EM 1879-1880

A monografia de Nery Delgado de 1867, resultante dos trabalhos realizados em 1865-1866 teve como objectivo essencial a publicação dos resultados da exploração do depósito plistocénico, identificado logo na primeira sala da gruta, para onde se desce por um pequeno algar com cerca de 3 a 4 m de altura.

Ali, sob uma camada de terras pouco consolidadas castanho-anegradadas com abundantes restos humanos, e materiais neolíticos e calcolíticos, desenvolvia-se depósito essencialmente arenoso, de idade plistocénica, de coloração avermelhada, com uma potência média estimada em 2,0 m, mais ou menos endurecido e concrecionado pela precipitação de carbonato de cálcio, resultante da circulação das águas de infiltração na cavidade. Assentava em camada estalagmítica basal, constituindo uma espécie de soleira, regularizando a rocha viva,



Fig. 4 – Gruta da Casa da Moura. Fragmentos de cerâmica com etiquetas datadas de 28-7-1865 e de 28-1-1866, comprovando a realização de trabalhos arqueológicos naquelas datas. Museu Geológico do LNEG. Foto de J. L. Cardoso.

constituída, como se referiu, por calcários jurássicos e continha abundantes restos de Carnívoros, Lagomorfos e Aves, dos quais os primeiros foram objecto de especial atenção na memória de 1867.

Em 1879/1880, os objectivos eram mais abrangentes, conferindo idêntica importância à exploração da camada com espólios neolíticos e calcolíticos, tendo presente a própria natureza da reunião científica onde deveriam ser apresentados, com uma presença dominante de arqueólogos de épocas pós-paleolíticas e de antropólogos.

Os trabalhos iniciados em Setembro de 1879 nas grutas de Furninha e da Casa da Moura inscreviam-se já nessa ordem de preocupações, sendo os resultados coroados de êxito, conforme foi então expressamente declarado no respeitante ao desempenho de Nery Delgado no Relatório respeitante ao ano económico de 1879-1880: “(...) se a primeira exploração d’estas grutas, feita há treze anos, fôra assaz productiva dando assumpto para uma memória que o mesmo official então publicou sobre este objecto, as explorações que ultimamente se repetiram excederam a expectativa mai exigente pela importância e número dos objectos obtidos” (RELATORIO, 1881, p. 19). No relatório respeitante ao ano económico de 1880-1881, a referência aos trabalhos de gabinete que se sucederam aos trabalhos de campo entretanto concluídos em ambas as grutas conduzidos por Nery Delgado, é clara quanto à sua importância: “Uma outra gruta da Cesareda, conhecida pelo nome de *Casa da Moura*, a qual, como se disse no relatório anterior, forneceu uma colheita abundantíssima, sobretudo de restos humanos e de produtos da indústria da epocha neolythica, também foi minuciosamente estudada pelo mesmo adjuncto da secção, e os exemplares obtidos devidamente classificados e catalogados.” (RELATORIO, 1882, p. 15).

De facto, as escavações nas duas grutas prosseguiram em simultâneo e foram objecto de um pequeno estudo conjunto publicado em Junho de 1880, ainda as escavações na Casa da Moura decorriam (DELGADO, 1880). Esta primeira notícia, que contém de forma muito esumida, algumas das linhas de força do pensamento de Nery Delgado sobre o significado dos factos de observação obtidos em ambas as grutas, antecedeu imediatamente a realização em Lisboa da IX Sessão do Congresso Internacional de Anropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Setembro desse mesmo ano. Nela, os espólios recolhidos foram apresentados aos congressistas no Museu da Secção dos Trabalhos Geológicos, tendo os resultado obtidos na Furninha sido os únicos apresentados sob a forma de comunicação, que suscitou acesa polémica no que respeitava à interpretação da resença da antropofagia, firmemente defendida pelo autor (DELGADO, 1884). Veremos que essa conclusão foi também firmemente defendida pelo autor, tanto na comunicação produzida logo depois (DELGADO, 1880), como nos textos manuscritos inéditos de sua autoria, agora publicados.

O rigor científico com que a escavação realizada em 1879/1880 fora executada já tinha sido constatado pelo signatário, ao observar a forma como as peças se encontram individualmente etiquetadas, com pequenas etiquetas que indicam ter sido o espaço escavado dividido por quadrícula (letra) e registada a respectiva profundidade de colheita de cada uma delas, correspondente ao número inscrito a seguir às referidas letras (CARDOSO, 2008; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002; CARDOSO, MEDEIROS & MARTINS, 2018).

Com efeito, o conjunto depositado no Museu Geológico (e só este), resultante da intervenção de 1879/1880 possui, no verso de algumas peças este tipo de etiquetas, com uma letra maiúscula ou minúscula, seguida de uma medida em metros (variando esta entre 0,20 m e 2,0 m). A segunda etiqueta, quando existe, refere/se a uma data, que corresponde à da recolha no decurso da intervenção arqueológica (Figs. 5 a 9).

A plena confirmação do significado destas marcações foi confirmada com o estudo da documentação ora publicada relativa à intervenção de 1879/1880 na gruta da Casa da Moura. Tal documentação foi recuperada por O. da Veiga Ferreira, então funcionário dos Serviços Geológicos de Portugal, dos despejos acumulado na via pública aquando da limpeza do sótão daquela instituição, em 1975/1976, para a instalação de novos gabinetes, à semelhança de outra documentação entretanto estudada (CARDOSO, 2015 a, p. 14).

O conjunto então recolhido permitiu reconstituir em detalhe os trabalhos realizados na gruta da Casa da Moura no decurso de 1880, nos meses que antecederam a realização do Congresso. Não foi estudada a documentação que possa eventualmente existir no Arquivo Histórico do LNEG sobre esta intervenção, porque o conjunto reunido era já suficientemente rico e elucidativo para atingir o principal objectivo deste estudo: a demonstração da prioridade de Nery Delgado a nível mundial no registo diferenciado dos achados recorrendo a sistema de quadrícula de referência, progredindo o aprofundamento da escavação respeitando aqueles.

4 – A CORRESPONDÊNCIA REMETIDA POR MIGUEL PEDROSO NO DECURSO DAS ESCAVAÇÕES DE 1879/1880

O primeiro conjunto de documentos estudados corresponde às cartas escritas por Miguel Pedroso, que como acima se referiu foi colector da Secção em 1879/1880, coincidindo portanto com a exploração que dirigiu na gruta da Casa da Moura.

É com base nestas cartas, remetidas a Nery Delgado ou ao funcionário administrativo, o Senhor Carlos Calderon, que fazia os trabalhos de contabilidade da secção e a cópia do registo da correspondência administrativa e científica recebida (RELATÓRIO, 1885, p. 22), que se fica a conhecer com detalhe o progresso dos trabalhos de escavação. O envio das mesmas a Calderon, e não directamente a Nery Delgado compreende-se, dado o facto de este se encontrar por longos períodos ausente de Lisboa, por um lado e, por outro, pelo facto de toda a entrada de correspondência oficial ter de ficar devidamente registada na secretaria da Secção.

4.1 – Carta (13,3x21,1) papel pautado, escrita a tinta, 4 páginas, selo branco “Bath”, no interior desenho de gruta da Casa da Moura e inscrições a lápis

Sñr Calderon

Hoje dia 2, andei tirando o entulho, que já estava estovado o serviço. O sñr Manoel Victorino vai continuando com ajeitamento da terra, hoje encontrou proximadamente a 100 dentes humanos 5 setas, uma faca de sílex, e alguns fragmentos de ossos. (1)

Recebi a carta que o Exmo. Sñr Delgado me escreveu. Tratei logo de procurar, as rodela de calcareo que foram despresadas no perencipio do trabalho, so apenas pude encontrar uma. (2)

Remetto o desenho da gruta devedida em 28 partes. (Fig. 10)

Sou seu criado

Miguel Pedroso

Molledo 2 de Janeiro de 1880 (3)

Apontamento a lápis de Nery Delgado

¹ Trata-se de colaborador local, já que o seu nome não consta do conjunto de colectores da Secção.

² Este desenho representa a parte da gruta mais próxima da entrada e onde se registou a presença da camada com materiais arqueológicos neolíticos e calcolíticos, a qual foi dividida e escavada por sectores, conforme se indica no desenho. Trata-se de gráfico essencial para se compreender o método seguido na escavação, indicado de forma inequívoca como esta se realizou.

³ Esta carta é a primeira escrita no ano de 1880, pelo que se pode concluir que os trabalhos já se encontravam significativamente avançados nessa altura, o que é compatível com as cartas de Miguel Pedroso conservadas no Arquivo Histórico do LNEG, de acordo com os registos efectuados pela Doutora Ana Carneiro, a quem se agradece a informação, prestada em Dezembro de 2019.

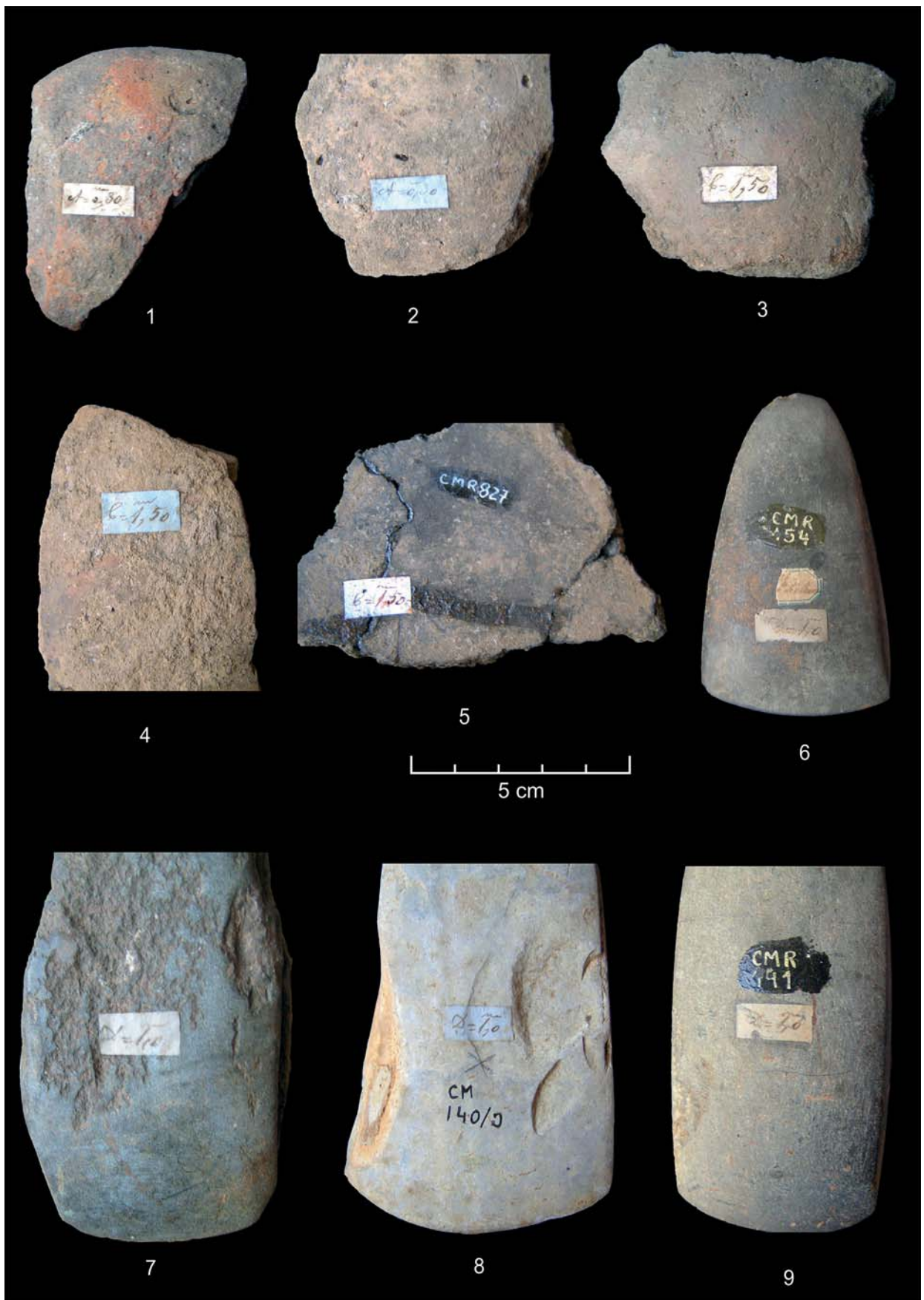


Fig. 5 – Gruta da Casa da Moura. Conjunto de artefactos recolhidos em 1879/1880 conservando etiquetas com uma letra e um número, correspondentes à respectiva localização em planta (ver Fig. 10) e profundidade de colheita. Museu Geológico do LNEG. Fotos de J. L. Cardoso.

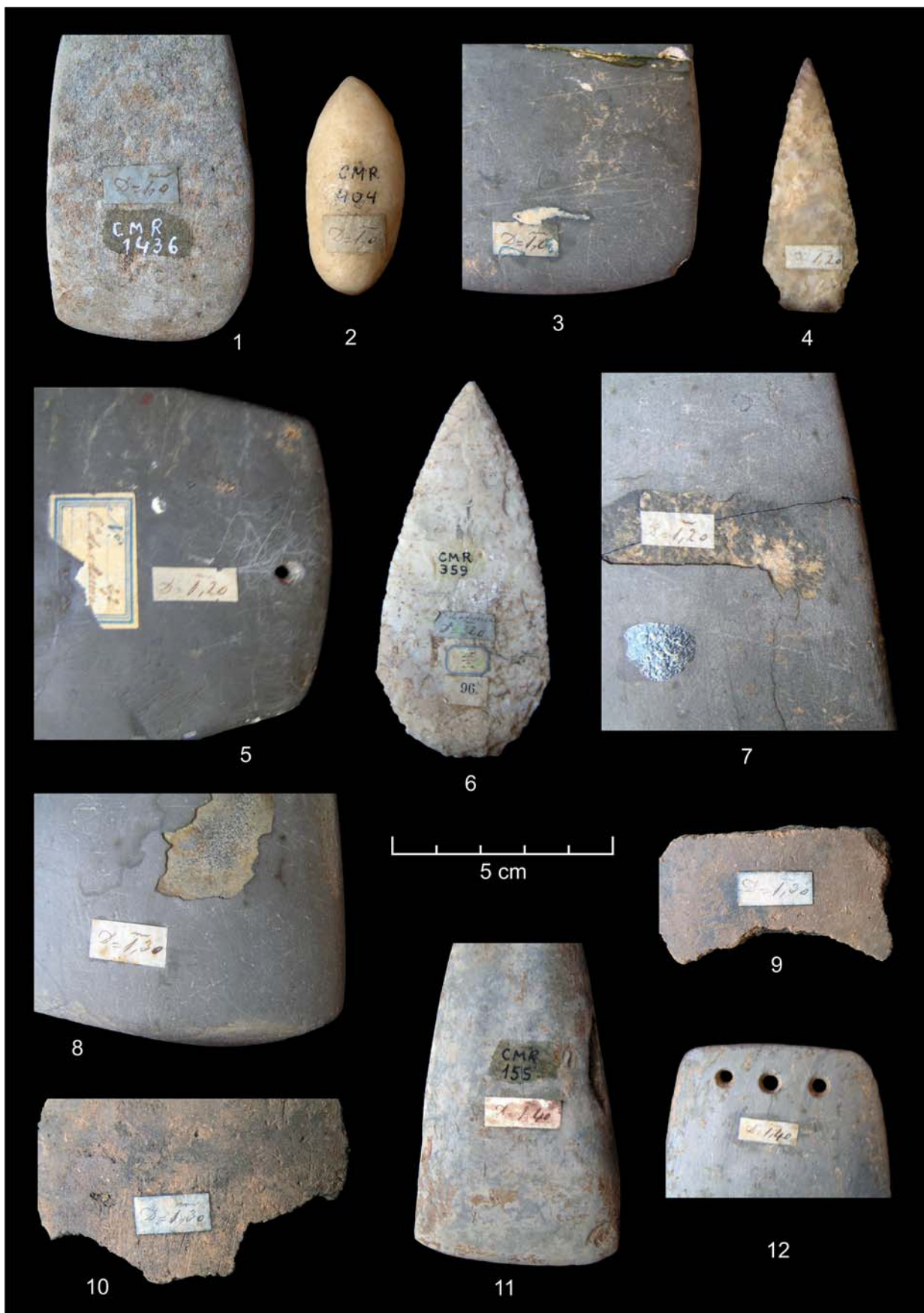


Fig. 6 – Gruta da Casa da Moura. Conjunto de artefactos recolhidos em 1879/1880 conservando etiquetas com uma letra e um número, correspondentes à respectiva localização em planta (ver Fig. 10) e profundidade de colheita. Museu Geológico do LNEG. Fotos de J. L. Cardoso.

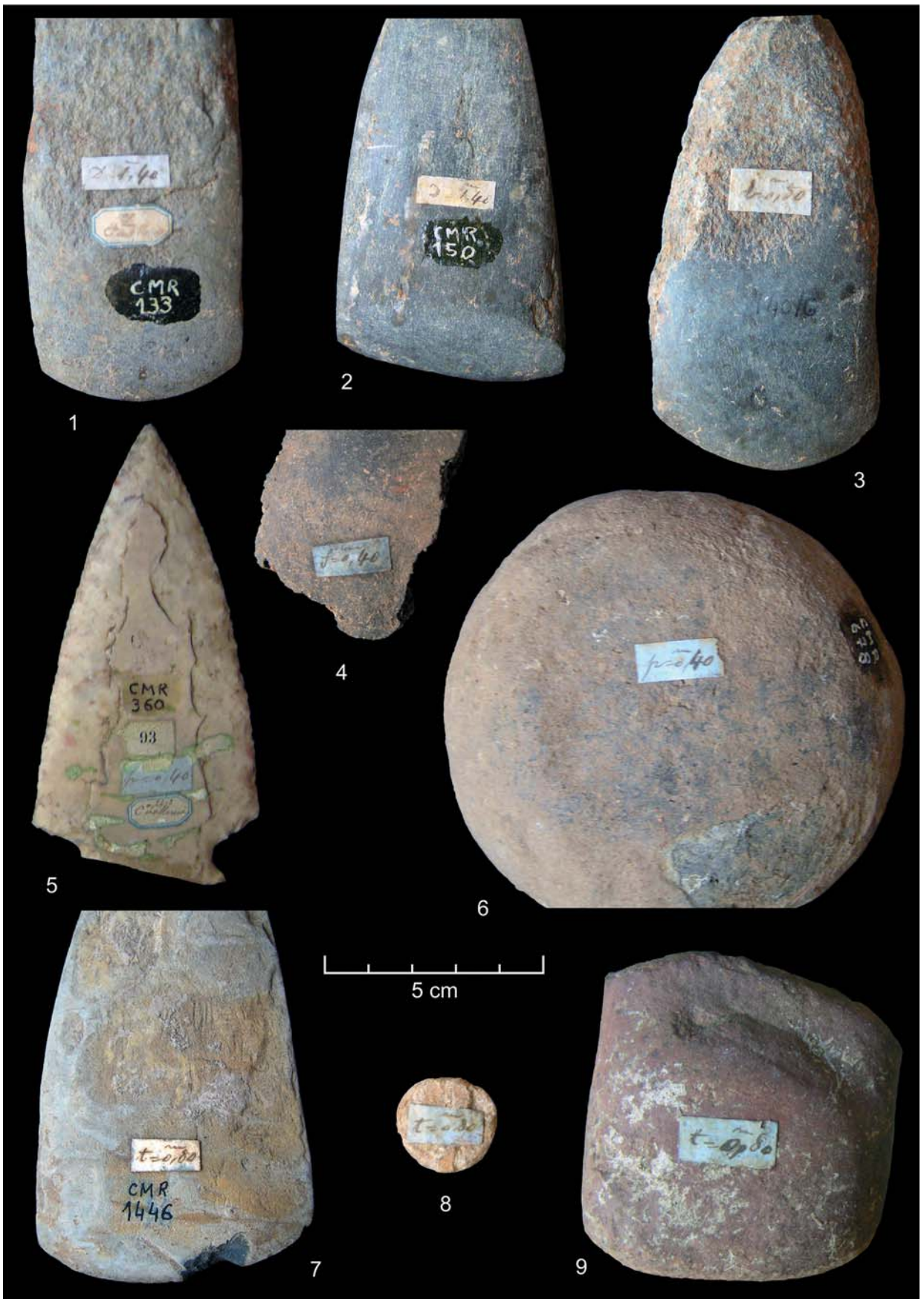


Fig. 7 – Gruta da Casa da Moura. Conjunto de artefactos recolhidos em 1879/1880 conservando etiquetas com uma letra e um número, correspondentes à respectiva localização em planta (ver Fig. 10) e profundidade de colheita. Museu Geológico do LNEG. Fotos de J. L. Cardoso.

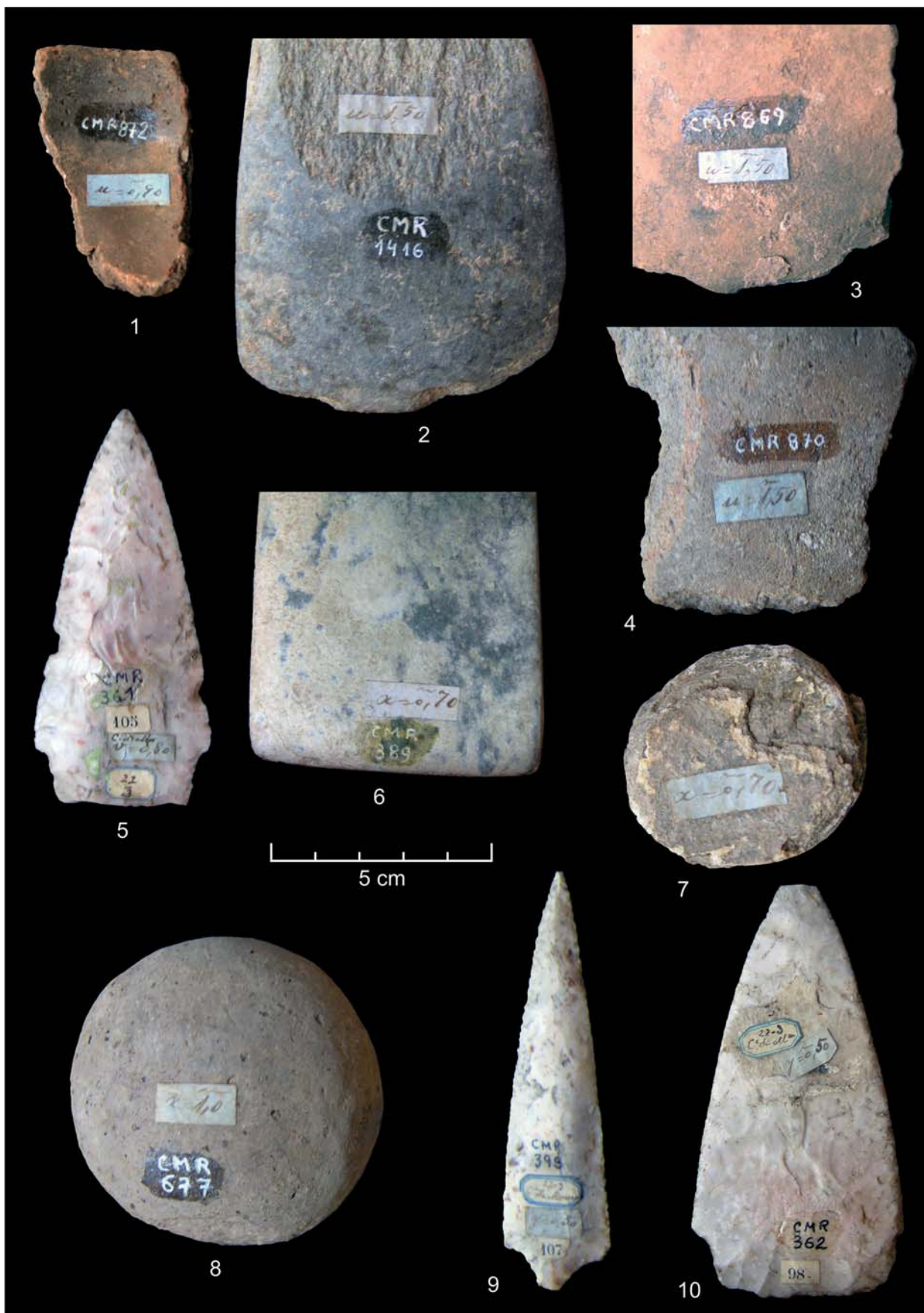


Fig. 8 – Gruta da Casa da Moura. Conjunto de artefactos recolhidos em 1879/1880 conservando etiquetas com uma letra e um número, correspondentes à respectiva localização em planta (ver Fig. 10) e profundidade de colheita. Museu Geológico do LNEG. Fotos de J. L. Cardoso.

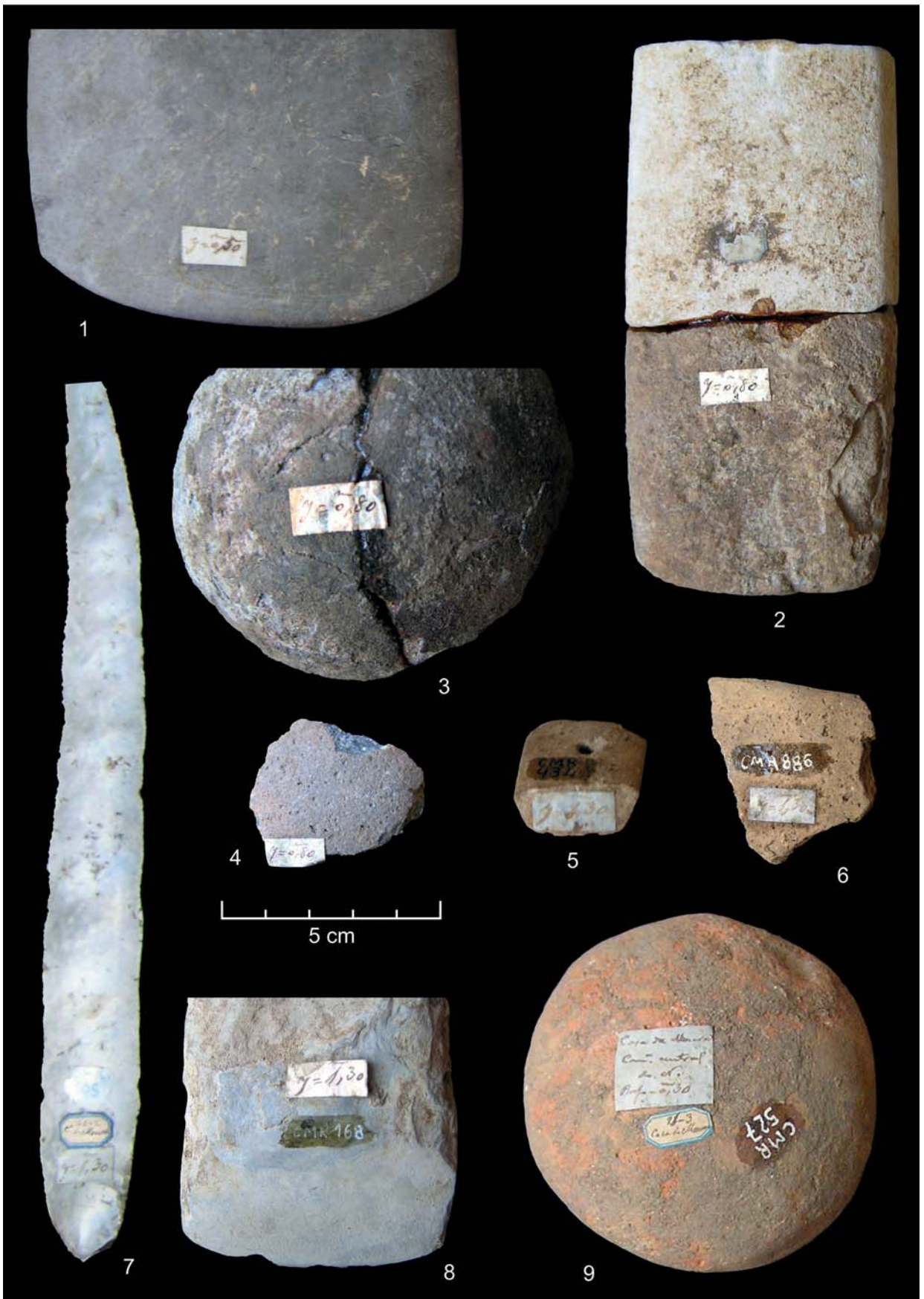


Fig. 9 – Gruta da Casa da Moura. Conjunto de artefactos recolhidos em 1879/1880 conservando etiquetas com uma letra e um número, correspondentes à respectiva localização em planta (ver Fig. 10) e profundidade de colheita. Museu Geológico do LNEG. Fotos de J. L. Cardoso.

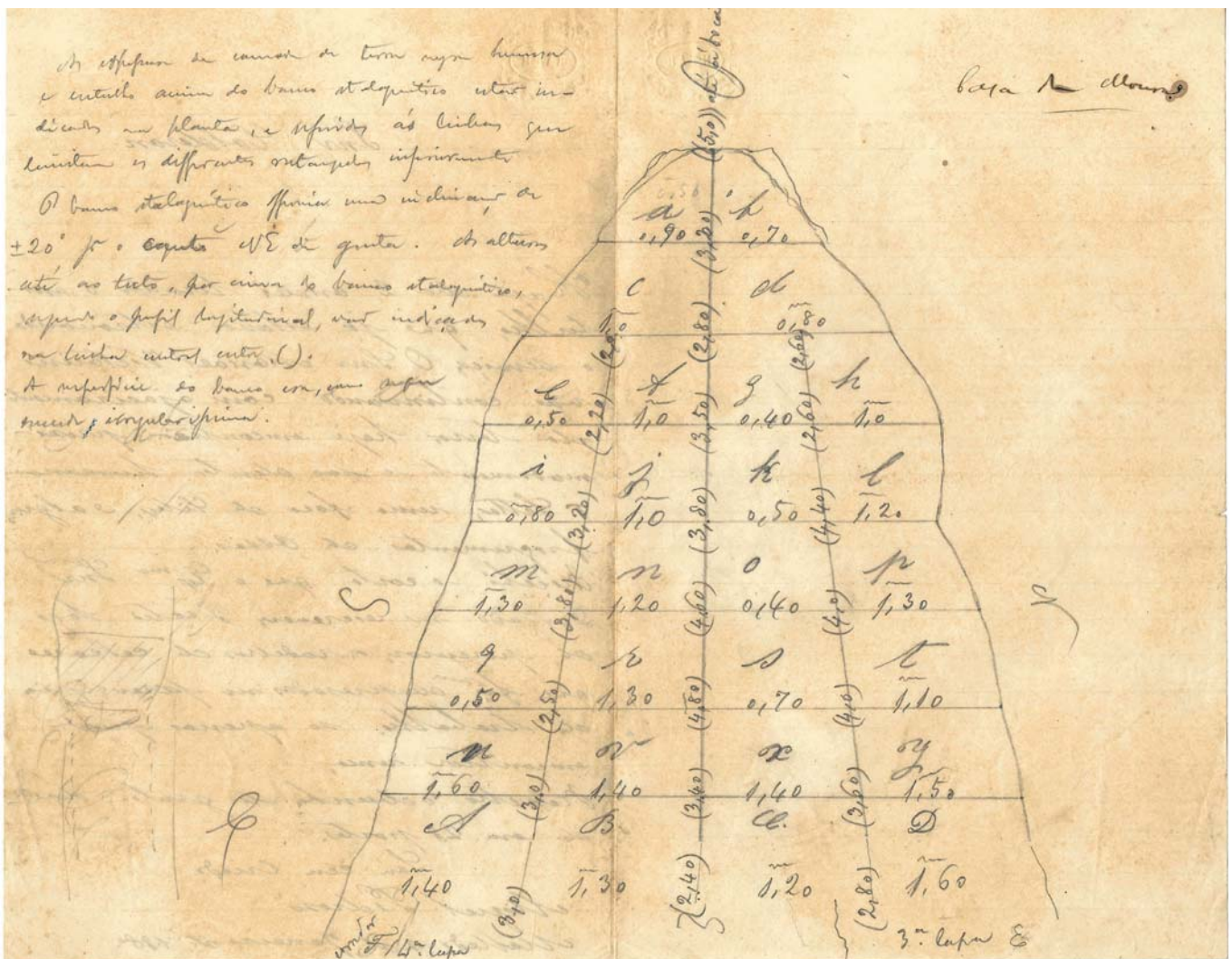


Fig. 10 – Gruta da Casa da Moura. Planta a lápis de Miguel Pedroso, ocupando todo o verso da carta que este enviou a 2 de Janeiro de 1880 a Carlos Calderon. Indicam-se os 28 sectores delimitados na 1.ª sala da gruta, sucessivamente escavados em profundidade. Note-se a entrada da gruta, por poço vertical, situado no vértice do desenho; as distâncias rigorosamente marcadas relativas a cada um dos sectores previamente delimitados; a indicação da 3.ª lapa, situada a norte e da 4.ª lapa, do lado meridional, de ambos os lados do grande bloco de abatimento do tecto que separou a 1.ª sala da 2.ª sala da gruta. Transcreve-se o apontamento manuscrito apostro por Nery Delgado: *A espessura da camada de terra negra humosa e entulho acima do banco stalagmitico estão indicados na planta, e referidos às linhas que limitam os diferentes rectangulos inferiormente.*

O banco stalagmitico offerencia uma inclinação de $\pm 20^\circ$ para o canto N.E. da gruta. As alturas até ao tecto, por cima do banco stalagmitico, segundo o perfil longitudinal, vão indicados na linha central entre ().

A superficie do banco era, como sempre succede irregularissima.

A espessura da camada de terra negra humosa e entulho acima do banco stalagmitico estão indicados na planta, e referidos às linhas que limitam os diferentes retangulos inferiormente.

O banco stalagmitico offerencia uma inclinação de $\pm 20^\circ$ para o canto N.E. da gruta. As alturas até ao tecto, por cima do banco stalagmitico, segundo o perfil longitudinal, vão indicados na linha central entre ().

A superficie do banco era, como sempre succede irregularissima.

4.2 – Carta (13,2x20,4) papel pautado, escrita a tinta, 4 páginas

Ex.mo Snr

Remetto a nota da despesa da semana finda a 13 de Março de 1880.

Hoje dia 13 recebi uma carta de V.Exa., em que me diz para fazer a planta da gruta, eu conforme sabe andei hoje fazendo dois borrões para mostrar a V.Exa., se é um pouco mais o menos do que V. Exa. quer que se faça, a planta n.º 1 representa a gruta quando ella tinha dentro todo o emtullo, que se tem tirado, marcando-a pelo risco que a terra deixou marcado nas paredes quando se tirou para fora cada centimetro, marca 2 metros para não a fazer em ponto maior.

Agora a planta n.º 2 representa a gruta já toda coberta com o manto stalagmitico, sendo a planta marcada o rês do manto stalagmitico, que esta pegado as paredes da gruta o traço que esta planta representa no meio, é o manto stalagmitico que faz um grande resalto.

Em partes tem 2 metros de altura, e depois de se deçer estes 2 metros começa o manto stalagmitico a cobrir outra metade da gruta, a rodella feita tambem a lapis que esta a o canto da planta do lado direito, representa, o manto stalagmitico, que sahiu da superficie do mesmo manto a altura de 1,30 centimetros o ponto de partida da planta esta marcado com o bico de um alfinete próximo o encontrado da boca.

O trabalho das tarefas é muito mais produtivo do que andar de sol a sol conheço que se faz muito mais serviço do que se fazia d'antes apesar de ser mais 5 homens, conheceu muito a diferença do serviço.

Terei todo o cuidado em acultulare o que for emcaixotando, e remetendo para baixo. Não sei se V. Exa. entenderá o q eu quero diser com respeito as plantas.

(4)

Peço desculpa a V.Exa. d'ellas irem traçadas a lapas.

Nada mais se me oferece a diser n'esta ocasião ou que sou de

V. Exa. Criado

Miguel Pedroso

Molledo 13 de Março de 1880.

4.3 – Carta (13,1x20,6) papel pautado, escrita a tinta, 4 páginas

Exmo. Sr.

Remetto 2 plantas, a primeira mostra a casa com o emtullo todo dentro a segunda mostra já limpa de todo o emtullo superior a terceira mostra um buraco q se abriu para debaixo da rocha que esta ao meio da sala na planta esta marcado o sitio aonde appareçeram os machados que tem escripto 3.^a Lapa (Fig. 11). Os machados appareçeram todos proximos uns dos outros; esta marcado tambem o sitio aonde appareçeram as duas peças, a Louça e a Setta.

A 4.^a Lapa tambem e um buraco que se abriu para debaixo da mesma rocha aonde appareçeram um craneo que já esta na Secção.

A quarta lapa ainda não a explorei so apenas tirei o craneo que estava a superficie.

Tenho continuado com a exploração das areias bermelhas, tem dado alguns ossos de Coelho.

⁴ A alusão a duas plantas uma representando a gruta quando ainda continha todo o enchimento da necrópole pré-histórica, outra já indicando as cotas do manto stalagmitico em toda a área escavada, mostra o rápido progresso dos trabalhos de escavação desde inícios de Janeiro até meados de Março, podendo assim concluir-se que a totalidade do enchimento arqueológico tinha sido já retirado, seguindo a metodologia acima referida, respeitando a quadrícula imposta à superficie do terreno e o registo da profundidade dos achados.

Não sei se V.Exa. entenderá as plantas. Não marco os perfis transversaes, por que não sei como elles se marcam. (5)

Espero as Ordens d V. Exa.
Miguel Pedroso
Molledo 29 de Março de 1880

4.4 – Carta (13,5x21) papel pautado, escrita a tinta, 2 páginas

Exmo. Sñr.
Recebi 2,200 rs para entregar a Sñr. Antonio Nunes não há diferença nas contas.
Mando tudo quanto V.Exa. aqui tinha, remetto tambem dentro da malla um diario que aqui veio ter.
Tenho continuado com a exploração da camada de areias superiores ao manto stalagmitico, tenho encontrado alguns ossos de coelho, e uma maxillia de animal, e proximo a maxillia appareçeram alguns ossos pertencentes ao mesmo animal.
A 4.^a Lapa tambem tem dado alguns ossos de animal logo por baixo do manto stalagmitico.
Fis a exploração na casa de dentro mas não vejo geito de que ali aja terreno superior, como avia na Casa de fora só a um canto emcontrei uma faca de Silex, e um bocado de caco e uns ossos de coelho. (6)
Remetto o perfil transverçal que me mandou fazer. Se não tivere isato tem a vomdade de diser para fazer outro. (Fig. 12) (7)
A Snr^a Derothea e o Sñr. António Nunes e familia recomendoçe muito a V. Exa. A Sñr. Derothea mandolhe 2 choriços de sangue vam embrulhados em 3 papeis dentro da malla.
Espero que V. Exa. me mande dinheiro para fazer pagamento aos homes no dia 17 Sabado.
Espero as ordens d V. Exa.
Miguel Pedroso
Molledo 13 de Abril de 1880
P.S. remetto a chave dentro da carta.

4.5 – Carta (13,5x21) papel pautado, escrita a tinta, 2 páginas

Exmo. Sñr.
Tenho continuado com a exploração das areias superiores ao manto stalagmitico. Tenho encontrado alguns ossos de coelho e de outros animais. Na devisão da Letra e appareceu metido entre o manto stalagmitico um buraco com uma grande porção de ossos de coelho.

⁵ Ver Fig. 11. Trata-se do esboço referido nesta carta por Miguel Pedroso, indicando a 3.^o lapa e a 4.^a lapa, que não são mais do que covachos realizados a partir do perímetro do grande bloco de abatimento que ocupa a parte central da gruta e por baixo do mesmo, onde se conservava o depósito arqueológico correspondente à necrópole neolítica.

É interessante a ocorrência de um conjunto de machados que pode corresponder a uma deposição ritual, tal como a documentada em outras estações neolíticas.

⁶ A “casa de dentro” corresponde ao desenvolvimento interior da gruta depois de transposto o grande bloco de abatimento do tecto que ocupa toda a sua parte central. É exacta a afirmação de que o depósito arqueológico só existia na primeira sala, mais próxima da entrada, como a escavação veio a demonstrar.

⁷ A Fig. 12 corresponde a um esboço contendo o perfil longitudinal da gruta abrangendo a parte da gruta mais próxima da entrada (1.^a sala), acompanhado de um perfil transversal, que deve corresponder ao que é referido nesta carta, que remeteu a Nery Delgado, depois de ter aprendido a forma de o registar.

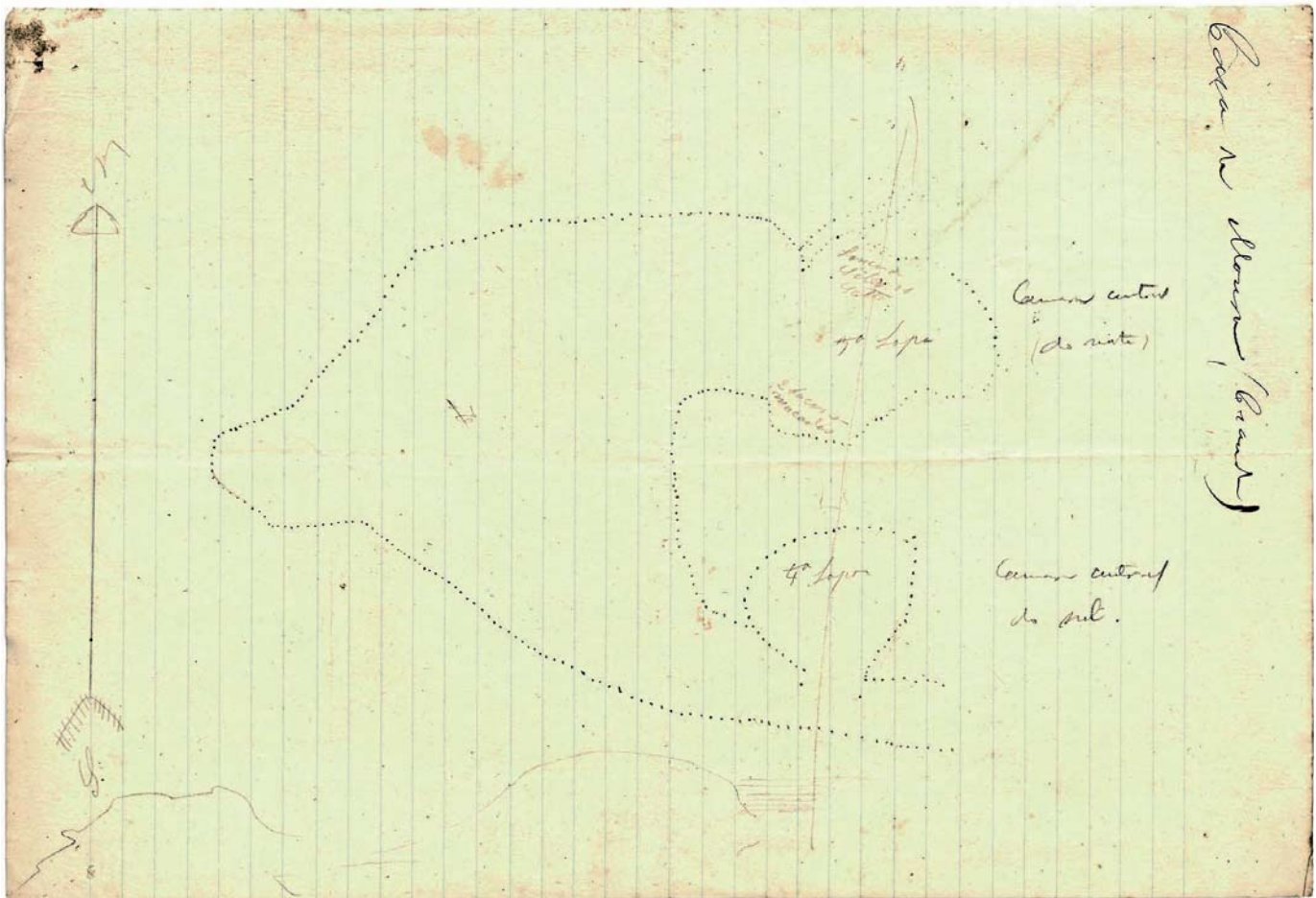


Fig. 11 – Gruta da Casa da Moura. Esboço de planta da gruta, correspondendo ao contorno definido pelos pontos determinados pelas sucessivas medições efectuadas ao longo das paredes da 1.ª sala da gruta, cuja entrada se situa do lado esquerdo da figura. Note-se o contorno do bloco de abatimento do tecto, do lado direito, que separou a 1.ª sala da 2.ª sala, ainda não registada na figura, sob o qual se escavaram artificialmente duas cavidades, a 3.ª lapa e a 4.ª lapa. De sublinhar ainda a existência de um apontamento assinalando na 3.ª lapa a localização do achado de diversas peças arqueológicas, entre as quais facas e machados.

A 4.ª Lapa também tem dado ossos de coelho e de outros animais, logo por baixo do manto stalagmítico. Tenho empregado alguns homens a romper o manto, aonde V. Exa. mandou. (8)

Tenho mil desculpas a pedir a V. Exa. de não lhe participar do meu casamento quando V. Exa. aqui esteve.

A vergonha e o respeito com q trato V. Exa. é que se appoderou de mim de tal forma, que não pude abrir boca para lhe diser nada.

Estou sempre as ordens de V. Exa. e peço desculpa d'esta falta de respeito. Tenciono casar-me no mês de Maio.

⁸ Esta carta comprova que depois de removido todo o enchimento correspondente à necrópole neolítica e calcolítica (o “entulho superior”), o qual desde há cerca de um mês se encontrava completamente removido, a escavação prosseguiu nas areias mais ou menos consolidadas subjacentes, que continham fauna plistocénica. Era o conteúdo deste depósito que, na verdade, interessava sobremaneira a Nery Delgado, por forma a completar as colecções da Secção, depois da transferência para a Escola Politécnica do conjunto recolhido nas escavações efectuadas em 1865 e 1866. A referência a uma 4.ª lapa, que se encontra registada na cartografia da gruta então realizada (ver Fig. 11), também designada por “Câmara central do sul”, corresponde a uma escavação dos depósitos arqueológicos sob o grande bloco de abatimento que separou em dois o espaço interior de gruta.

Estou sempre as ordens de V. Exa.
Miguel Pedroso
Molledo 16 de Abril de 1880
P.S. no Domingo remetto a folha de pontos
para baixo.

4.6 – Carta (13,5x21) papel putado, escrita a tinta,
4 páginas, selo branco “Bath”

Sñr Calderon

Hoje dia 17 acabo de receber a sua carta e
juntamente um vale na emportancia de 30,000 reis.

Remetto a nota de despesa das grutas,
separadas.

A 4.^a Lapa não tem verdadeiramente as areias
quarternarias descobertas, só nomeio da Lapa é
que estão duas pedras de calcario e entre estas
duas uma fenda que é essa a que esta xeia de
areias quarternarias.

Estão começando a aparecer as areias soltas
na sanja que o Exmo. Sñr. Delgado mandou abrir,
por cima das ditas areias está uma camada de
rocha preta, tirei amostras da dita rocha para
mandar. O almocreve parte daqui na segunda
feira, levando 4 caixotes que eu aqui tenho e de
caminho traz a ferramenta que ahi esta apartada.
(ver Fig. 11 e Fig. 19)

A Lapa Furada vaice rebaixando a devisão da Letra B aonde do Lado (N.) apareceu uma outra Lapa mas
ainda não se pode entrar dentro della, e do Lado (S) vaice abrindo outro buraco, vou tendo alguma fé com esta
Lapa. (Fig. 13)

Sou seu criado

Miguel Pedroso

Molledo 17 de Junho de 1880

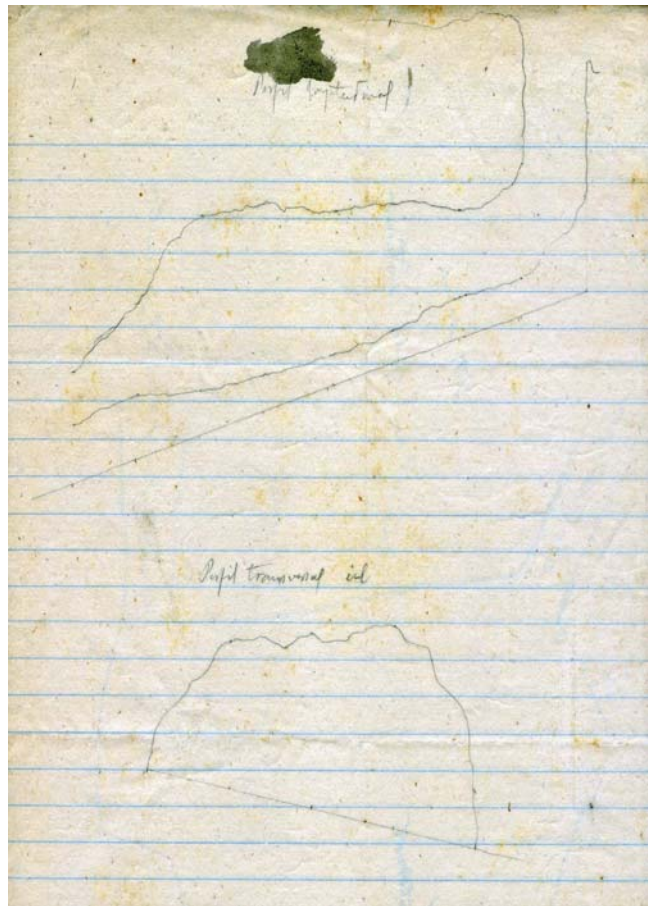


Fig. 12 – Gruta da Casa da Moura. Esboço do corte longitudinal e secção da 1.^a sala da gruta, com letra de Nery Delgado, mas provavelmente levantado por Miguel Pedroso.

(9)

(10)

⁹ A existência de areias brancas e soltas foi registada no corte longitudinal geral no local correspondente a esta 4.^a lapa, que não é mais, como atrás se verificou, de uma escavação sob o grande bloco caído do tecto. Interessante é também a referência aos caixotes que se iam transportando para Lisboa, contendo o produto das explorações.

¹⁰ A Lapa Furada foi uma das grutas exploradas simultaneamente com a Casa da Moura, situando-se próximo (Fig. 13). Tinha sido já assinalada na monografia de 1867, mas os resultados agora obtidos, aplicando a mesma metodologia de escavação, revelaram-se muito mais pobres. No Museu do LNEG conserva-se algum espólio pré-histórico nela recolhido, conjuntamente com o da gruta da Malgasta, também explorada na mesma altura, que foi já objecto de publicação (CARREIRA & CARDOSO, 1992).

4.7 – Carta (13,5x21), escrita a tinta, 4 páginas, selo branco “Bath”

Sñr Calderon

O trabalho da Lapa Furada por enquanto ahinda continua no rebaixo, na devisão da Letra B. Já se tem rebaixado 5,50^m, e ainda não apareceu as areias, vâi aparecendo, é algum carvão.

A casa da Moura é que tem estado custoza de se descubrir as areias por ser muito rijo.

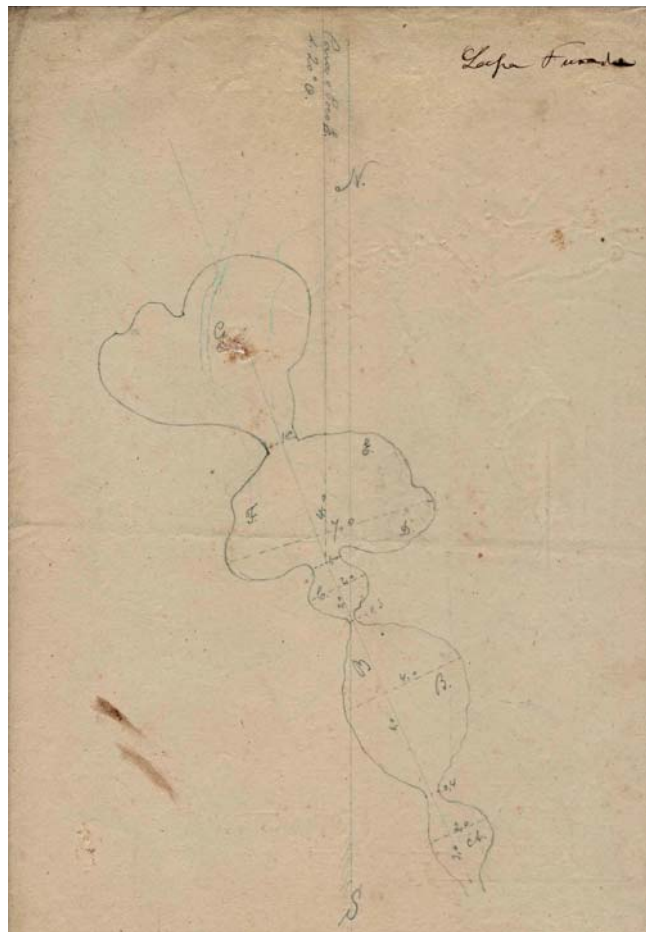
Como a sanja que eu comecei a abrir era muito rija e muito custosa de romper, comecei no meio da sanja a abrir um poço para baixo, que este já tem 4^m de fundo, e 4^m de comprido e 3^m de largo, e athe o fundo d’este Só tem aparecido a camada de areias calcinadas, agora a fundura dos 4^m e que esta aparecendo uma piquena camada de rocha christalisada emterrompida em partes com areias soltas.

A medição dos 4^m de profundidade é feita da camada estalagmytica, para baixo.

Sou seu criado

Miguel Pedroso

Molledo 1 de Julho de 1880



(11)

(12)

Fig. 13 – Gruta da Lapa Furada. Planta da gruta referida por Miguel Pedroso na correspondência, e de sua provável autoria.

4.8 – Carta (13,5x21) papel pautado, escrita a tinta, 4 páginas, selo branco “Bath” (Fig. 14)

Sñr Calderon

Remetto a nota da despesa feita na semana finda a 3 de Julho de 1880.

Hoje dia 3 acabei de receber a sua carta e juntamente um vale na empportancia de 30,710 rs que foi para findar o meu vencimento. D’este dinheiro fis pagamento aos homens.

Na Lapa Furada hoje dia 3, as 4 1/2 horas da tarde, acabo de abrir o buraco em que fallei na última carta; O. buraco e na devisão da Letra B.) do Lado (N) a emtrada por emquanto é so quanto cabe um homem. Á emtrada tem uma salla, que cabe um homem em pé depois a um corredor que vai ter a outra salla mais dentro. E d’essa emtão parte uma quantidade de corredores para todos os lados tem a largura só quanto cabe um homem. É aqui que talvez haja alguma coisa.

(13)

¹¹ Esta afirmação confirma que se adoptou na escavação desta pequena gruta a mesma metodologia de utilizada na gruta da Casa da Moura.

¹² Vê-se por esta breve afirmação a enorme quantidade de terras que foi removida do interior da gruta, justificando-se tais trabalhos com a exploração das mandas pliocénicas em profundidade, que constituam, na verdade, para Nery Delgado, o aspecto científico de maior interesse, numa altura em que as explorações se aproximavam do fim.

¹³ Pode concluir-se que escavação da Casa da Moura terá terminado no início de Julho de 1880, enquanto que a da Lapa Furada terá prosseguido. A referência à divisão da Letra B está confirmada na respectiva planta que se conservou (Fig. 13), correspondendo a uma pequena câmara intermédia de contorno piriforme situada logo a seguir à entrada da gruta.

Sr. Calderon?

Remetto a nota da despesa feita na semana finda a 3 de julho de 1880.

Hoje dia 3 acabei de receber a sua carta e juntamente com vale na importância de 30.410.000 que foi para findar o meu vencimento. - Este dinheiro foi pago somente aos homens.

Na Lapa Furada hoje dia 3, as 4 1/2 horas da tarde, acabei de abrir o buraco em que fallei na ultima carta, o buraco e sua divisão da Letra B) os fochos (M) a entrada por enquanto e' so quanto cabe um homem. A entrada tem uma salta que cabe um homem empurrado e a um corredor que vai ta a outro, mais dentro. E d'essa embô portu uma quantidade de corredores para todas as partes tem a largura so quanto cabe um homem. E' aqui que talvez hoje alguma coisa Mas eu não mexo sem o Exmo. Sr. Delgado

Aqui vir. Vou começar a entrar na divisão de Letra C. para ir a Decisão da Letra D. que é aonde apparecem as areias da outra vez que eu aqui trabalhei e mais o Sr. Carreira.

Sou seu criado
Miguel Pedroso
Molledo 3 de julho de 1880

Fig. 14 – Gruta da Lapa Furada. Última carta transcrita de Miguel Pedroso de 3 de Julho de 1880, dando conta da progressão dos trabalhos indicados na planta correspondente à Fig. 13. Nesta altura já os trabalhos da gruta da Casa da Moura teriam terminado.

Mas eu não mexo sem o Exmo. Sr. Delgado aqui vir. Vou começar a entrar na divisão da Letra C para ir a Decisão da Letra D. Que é aonde appareceram as areias da outra vez que eu aqui trabalhei e mais o Sr. Carreira.

Sou seu criado
Miguel Pedroso
Molledo 3 de Julho de 1880

(14)

¹⁴ Continuou-se a escavação adoptando-se a mesma metodologia da Casa da Moura (ver nota 11). O Sr. Carreira mencionado na carta é o colector José Carreira, que colaborou com Nery Delgado entre 1879 e 1882, essencialmente no reconhecimento do Silúrico do Alentejo (CARNEIRO, 2005, p. 163).

5 – APONTAMENTOS MANUSCRITOS DE NERY DELGADO RELATIVOS ÀS ESCAVAÇÕES DE 1879-1880

O conjunto da documentação inclui diversos apontamentos esparsos elaborados por Nery Delgado, que parecem constituir a preparação para a redacção das conclusões da monografia sobre as escavações realizadas em 1879/1880, a qual porém nunca chegou a ser concretizada. A ordem por que são agora apresentados é aleatória, pois desconhece-se a sequência cronológica da sua redacção, embora tudo indique que, globalmente, estas notas tenham sido redigidas depois do inventário dos materiais recolhidos, pois retomam as observações que ali foram feitas, resumindo-as aos seus aspectos mais relevantes. Estes apontamentos podem ter sido utilizados na redacção da síntese publicada em Junho de 1880, logo após a conclusão dos trabalhos de campo, em Paris (DELGADO, 1880).

5.1 – Folha pautada (13,4x21 cm), 2 páginas manuscritas uma delas cortada com um traço oblíquo não transcrita

Passa se imediatamente do entulho superior às areias inferiores quaternarias, e é muito difficil por isso separar os ossos de animais.

O que tenho visto da Casa da Moura dá-me o seguinte resultado:

Tibias do typo platicnemicas, forma muito achatada ($y=1,30$) e ou forma ordinaria ($C=1,30$).

Humerus com perfuração olecraniana...

Femur (fragmento da letra $s=0,60^m$) de individuo novo, muito notavel porque tem uma crista agudissima formando a linha aspera. Idem de $u=1,20^m$ muitas com uma muito forte linha aspera.

Supponho que corresponderão às tibias de forma muito achatadas.

Maxilla inferior ($v=0,80^m$) com os alveolos fechados e curvatura da base alveolar ($y=1,30$) que supuz (erradamente) devido ao uso de um ????

Calote craneana com 2 grandes ossos vormicos ($y=1,30^m$)

muito deformada ($C=1,30$)

Duas raças differentes representadas pelos fragmentos do craneo ($A=0,30$) grande espessura do craneo (3ª lapa)

Calote craneana com parte protuberancia occipital interna, formando uma crista triangular, e enorme fractura do parietal direito ($D=1,20$)

Grande saliencia das bossas nasaes e da arcada superciliar ($D=1,30$)

Ausencia da ??? da espinha nasal ($E=1,0^m$)

Fractura violenta do craneo (3ª lapa)

Humero muito grosso e torcido (3.ª lapa)

3ª lapa – Domina a ??? em que as tibias são muito achatadas, em forma de folha de sabre. De 7 completas, ou quasi, 5 são deste typo.

Coincide com esta circunstancia a ausencia de perfuração olecraniana nos humeros (proporção de 1:20 talvez).

Muitas das phalanges delgadas e longas mostram uma mão estreita e pequena.

Le nombre des humerus qui portent la perforation olécranienne ne representent que 13 pour cent de la totalité des os recueillis.

Uma parte dos corpos foram introduzidos inteiros na gruta, outros aos pedaços.

Na Casa o nº de ossos longos inteiros é bastante consideravel.

Nota: A página transcrita evidencia a utilização das referências tomadas no terreno, relativamente aos locais de colheita dos materiais mencionados, incluindo a profundidade respectiva.

No respeitante à página cortada obliquamente por um traço, a mesma não foi transcrita. No entanto reproduz-se na Fig. 15, por ter interesse documental, já que se indica nela os cálculos efectuados por Nery Delgado com base nas contagens dos dentes soltos para chegar à conclusão de terem sido encontrados restos de pelo menos 150 indivíduos no interior da gruta. Esta conclusão foi aproveitada para o artigo que em Junho de 1880 veio a lume em Paris (DELGADO, 1880), redigido e publicado logo após as escavações. No trabalho dedicado aos restos crânio-faciais, embora se aponte para um total de 842 restos humanos estudados, tal quantificação não foi efectuada (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009).

5.2 – Folha pautada (13,4x21), 2 páginas manuscritas

Se nós vemos nas fontes thermaes ferruginosas, como é admittido pelas melhores autoridades, um dos campos principaes de formação, ou pelo menos do alongamento ??? das cavernas, não me parece improvavel que o calcareo spathico, a ??? e a argila ferruginosa que enchem as fendas da rocha nas paredes da gruta, e se estendem n'um manto muito irregular sobre as areias quaternarias possam ter a mesma origem. É o deposito formado por precipitação chimica no fundo de um tanque. É evidente que o estado cristallino ou amorpho do calcareo, e o seu grão maior ou menor da pureza depende essencialmente das condições em que se depozita.

Por outro lado, não é plausivel que um manto tão possante de calcareo spathico, que no centro da sala exterior da gruta attingirá não menos de 0,50^m de espessura afóra as alterações da argila ferruginosa e massas lenticulares de areias que encerra, se formasse pela infiltração gota a gota das aguas cahindo do tecto da gruta, sem que se formassem as correspondentes stalactites. Effectivamente o tecto da gruta exterior pode dizer-se limpo, e as pequenas stalactites que hoje se formam nas grutas d'onde a agua gotteja, estão muito longe de corresponder à possante massa que cobria as areias quaternarias. O aspecto deste calcareo spathico é aliás identico ao de que se deposita nos tubos da construção d'aguas carregadas de calcareo, como em Lisboa.

Os grandes desabamentos que se operaram no interior da gruta parecem ainda ser devidos à mesma causa, à corrosão do calcareo jurassico, e ao consequente isolamento de massas maiores ou menores, que de facto se veem envolvidas pelo calcareo spathico. Um dos exemplos mais notaveis que possamos indicar, é o que se observa na camara de passagem, ou intermedia às salas exterior e interior da gruta. Quando começou a exploração da gruta as duas salas estavam perfeitamente separadas uma da outra por uma massa de calcareo ou altar, separando dois corredores estreitos de comunicação entre ellas, encostados às duas paredes do N. e do S. (Figs. 16 e 17) Quando porem se extrahia todo o entulho superior reconheceu-se que aquella massa era rota inferiormente, estando a cavidade cheia com mesma terra humosa negra com abundantes ossos humanos, alguns de animaes e productos de industria humana [débris de son industrie et de ses repas (de l'homme)]. Quando esta terra totalmente se extrahiu viu-se ocupando o meio desta camara uma massa de calcareo de não menos de ——— metros cubicos de volume, toda envolvida pelo calcaro spathico, como se fora o nucleo de uma grande massa que as aguas houvessem corroido. O altar que eu suppunha ligasse immediatamente com o fundo da gruta não é mesmo senão uma grande massa desabada do tecto e que ficou amparada nas das paredes laterais da grande cavidade que anteriormente formaram pela sua junção as duas salas exterior e interior com esta camara intermedia.

Nota: não existe relação entre as matérias desenvolvidas nesta página e as da página anterior. Neste caso, trata-se de um conjunto de observações de natureza geológica, por certo coligidas no sentido de serem utilizadas na caracterização das condições de formação da gruta, na monografia que dela se viesse a publicar.

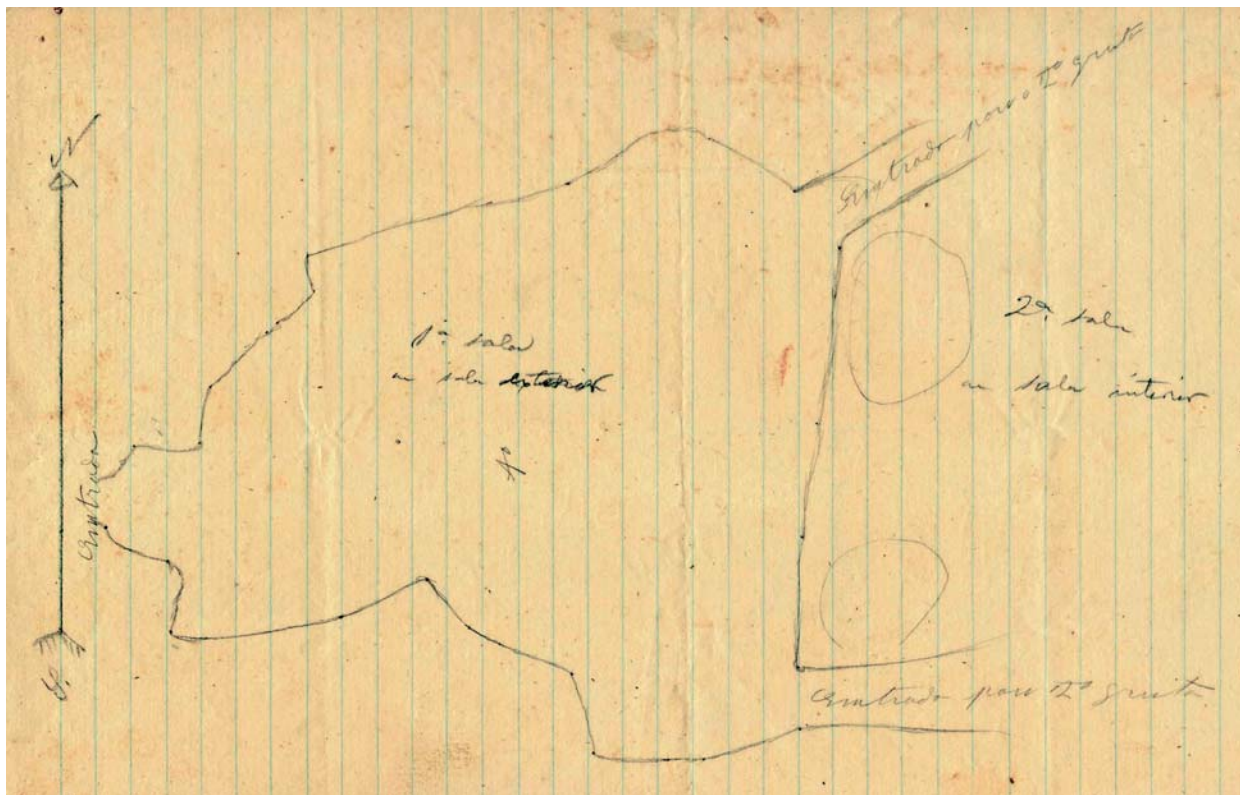


Fig. 16 – Gruta da Casa da Moura. Esboço de planta da gruta, correspondendo ao contorno definido pelo ponteados aos locais determinados pelas sucessivas medições efectuadas ao longo das paredes da 1.ª sala da gruta, cuja entrada se situa do lado esquerdo da figura. Note-se o contorno do bloco de abatimento do tecto, do lado direito, que separou a 1.ª sala da 2.ª sala, ainda incompletamente registada na figura, em comunicação através de duas passagens, uma situada a norte, outra a sul. Esboçam-se ainda os contornos das duas cavidades escavadas artificialmente sob o bloco de abatimento que delimita do lado direito a 1.ª sala, respectivamente a 3.ª sala e a 4.ª sala (ver Fig. 11).

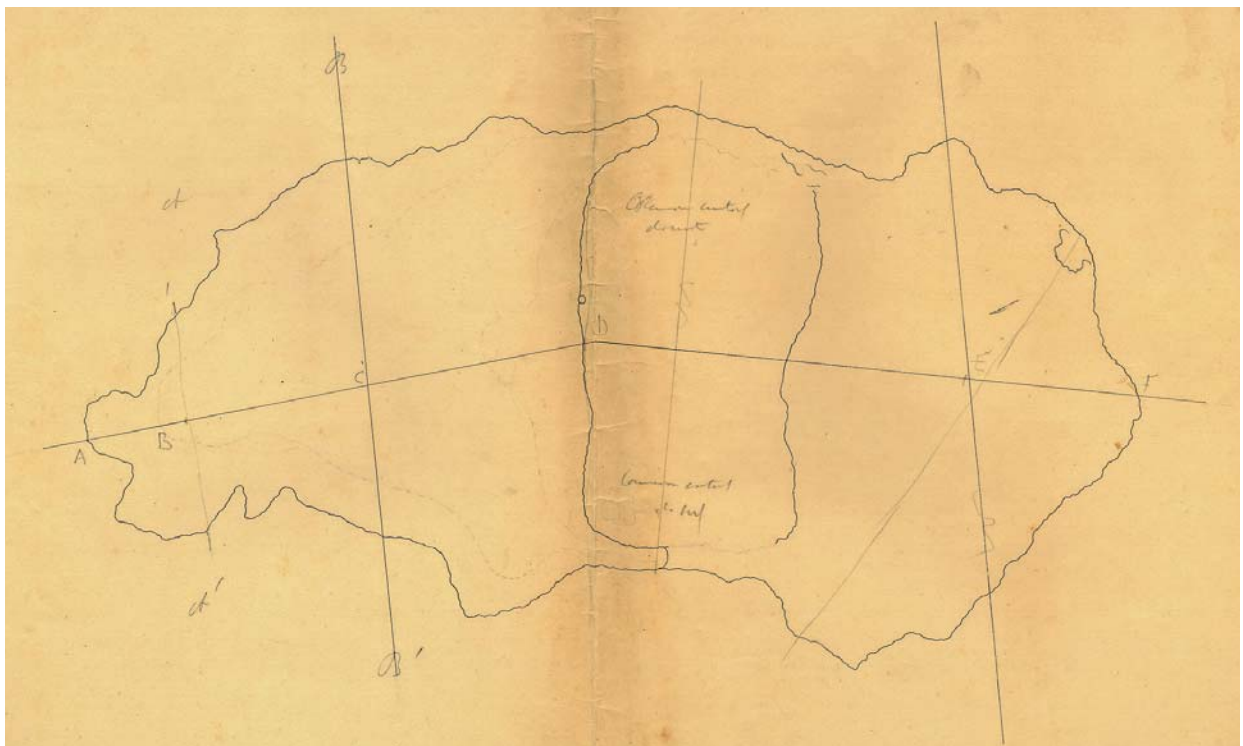


Fig. 17 – Gruta da Casa da Moura. Planta da gruta no final dos trabalhos realizada provavelmente por Miguel Pedroso, com a localização do bloco de abatimento na parte central da cavidade e a indicação das duas passagens uma a norte e outra a sul a partir das quais se escavaram duas câmaras com o intuito de efectuar a recolha dos espólios existentes sob o referido bloco (ver Figs. 11 e 16), assinaladas a lápis por Nery Delgado.

5.3 – Folha pautada (13,4x20,9), duas linhas manuscritas na primeira página

Vestígios de violência exercida sobre alguns craneos, e portanto de fractura intencional parecem-nos evidentes.

Nota: trata-se da única frase aposta na folha, tratando-se provavelmente de um apontamento que não foi desenvolvido na altura pelo autor.

5.4 – Folha pautada (13,1x20,5), 1 página manuscrita

A existencia de duas raças diferentes nesta gruta, alem de provada directamente pelo estudo dos craneos feito pelo Sr. Oliveira, vem confirmada indirectamente por muitos factos diversos. (15)

Assim a ceramica, ordinariamente de um typo e fabrico muito grosseiro apparece misturada de alguns fragmentos evidentemente contemporaneos, mas que revelam um grande adiantamento. Assim a raridade de objectos de metal (bronze cobre) encontrados nesta gruta, mas que revelam um grande estado de adiantamento.

Sendo a raça troglodytica provavelmente a vencida ou subjugada não admira que por necessidade ou por vindicta sacrificasse os seus prisioneiros, que deviam pertencer à raça invasora, talvez a mesma constructora dos dolmens.

A aproximação de caracteres osteologicos de alguns (a maior parte ?) dos craneos das grutas com as dos kjökkenmöddings do Valle do Tejo, faz descobrir que a raça troglodytica representará a ultima descendentes d'aquella, que afinal desapareceu subjugada pela outra.

Não seria para admirar pois que dentro da gruta se encontrassem vestígios de enterramentos e de anthropophagia, i. é de sacrificios humanos, mas na verdade em parte alguma eu descobri nenhum esqueleto completo, ou mesmo ao qual faltassem muitas peças, nem os restantes se mostrassem nas suas relações naturaes da posição, como se observa nos kjökkenmöddings, embora os corpos ali fossem todos dobrados quando os sepultaram, restituindo-os à terra na mesma posição em que se suppunha terem d'ella sahido.

5.5 – Folha branca (18,1x22,8), escrita a tinta, 2 páginas

– Casa da Moura –

Immediatamente por baixo do manto stalagmitico as areias estão profundamente lavadas e soltas contrastando com a cor vermelha da argilla e das areias, que em delgadas massas lenticulares e discontinuas se interpõem no banco stalagmitico. Esta lavagem superficial das areias não poderia operar-se senão pelas correntes entrando pela boca da gruta, correntes que são a manifestação de um phenomeno glaciario, porque com o regimen actual hydrographico, e com a configuração do paiz e altitude da gruta, é absolutamente impossivel que ali podessem entrar.

Um facto ethnographico da mais alta importancia é a semelhança quasi absoluta revelada pela facies geral, pela natureza da substancia, e pela igualdade da forma de muitos objectos de adorno ou instrumentos

¹⁵ Francisco de Paula e Oliveira publicou nas actas da IX Sessão do Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Histórica pequeno estudo sobre os crânios da gruta da Casa da Moura, observou a existência de crânios braquicéfalos e dolicocefalos, tal como nos concheiros de Muge com a diferença de que nestes o volume craniano era bem maior, característica a que atribuiu grande importância (OLIVEIRA, 1884, p. 299). A diversidade registada foi depois confirmada por outros antropólogos ao longo do século XX e não espanta que a mesma tenha sido também observada na Casa da Moura, sem que tal signifique necessariamente uma descendência directa destas populações das que habitaram os concheiros e muito menos duas raças distintas antagónicas, como supunha Nery Delgado. Importa referir que a ideia de sacrificios humanos e de antropofagia já o autor a tinha apresentado aquando da redacção da sua primeira memória (DELGADO, 1867), retomando-a agora, e reforçando-a, face aos novos testemunhos agora supostamente encontrados.

encontrados no entulho superior da nossa gruta e n'alguns dolmens das vizinhanças de Lisboa, e que à falta da comparação dos caracteres ethnicos e anthropologicos não é menos concludente para designar a identidade, ou quanto menos a contemporaneidade da raça troglodytica do fim da pedra polida e da construtora dos dolmens no nosso paiz. Mencionamos ainda a mesma correspondência com alguns dos restos descobertos nas sepulturas da Granja do Marquez, a meu ver não sendo senão os restos de um dolmen coberto que tivesse sido destruido n'uma epoca anterior \pm remota.

(16)

Já o Snr. Broca descrevendo a caverna do Homem morto (Compte rendu de Bruxelles, p. 197) aventou a idea que a raça construtora dos dolmens na vizinhança d'aquella gruta, e a dos troglodytas que a habitaram, viveram algum tempo justapostas nesta região. Mas o que é certo, acrescenta elle, é que estas raças differiam inteiramente uma da outra. Os craneos extrahidos dos dolmens por M. Prunières, o infatigavel sabio explorador dos dolmens de la Lozère, são muito mais espessos que os da caverna do "Homem morto"?. São muito menos dolichocéphalos, e bom número d'elles são mesmo \pm brachycephalos. Emfim o estudo das outras peças do esqueleto mostra que a estatura dos troglodytas era menos elevada do que a dos homens dos dolmens; que a sua ossatura é muito menos massiça; em uma palavra que a raça dos dolmens era muito melhor favorecida no que respeita à força physica.

Não (nos julgamos habilitados) possuímos os elementos para fazer a comparação entre a raça troglodytica e a dos dolmens no nosso paiz; mas se considerarmos como submetida a vassalagem a que forneceu os abundantes restos que se encontram dentro da gruta, em condições tais que não pode excluir-se a idea da anthropophagia, devemos julgar que esta raça era physicamente muito forte, e segundo pode julgar-se por algumas peças do esqueleto, comprehendia individuos de muito elevada estatura. É extraordinariamente notavel a espessura de alguns fragmentos do craneo, e bem assim as dimensões de alguns ossos (uma cabeça de humero descoberta em.....).

Pelo contrário os poucos craneos inteiros que se encontraram parecem muito menos fortes, bem que de formas bastantes differentes uns dos outros. M. Broca pensa que a raça brachycephalica construtora dos dolmens do departamento de La Lozère exterminasse a raça muito dolicocephala da caverna do "Homem morto" que representaria os descendentes das populações quaternarias n'aquella região.

Ao contrario esta hypotese é perfeitamente applicavel ao nosso paiz, e isso explicaria a mistura de craneos das duas raças no deposito superior da Casa da Moura, pois que os troglodytas devoraram os seus (typo grosseiro) e os seus inimigos (typo pré= raça dolmenica). A fabricação dos silex pelo menos em parte, foi feita dentro da gruta. Temos a prova disso no achado das facas e das lascas do mesmo rim juntas no mesmo ponto da gruta, com o calhao que serviu de percutor. Exemplo: na parte da letra t (profundidade 0,80^m).

(17)

(18)

¹⁶ A observação de Nery Delgado é correcta, pois a natureza e tipologia dos espólios arqueológicos recolhidos é semelhante entre os diversos tipos de sepulcros – dólmenes, grutas naturais e grutas artificiais – indício de que eram as mesmas as populações que os utilizavam. Esta conclusão, como agora se verifica, fora já enunciada correctamente pelo autor, muito antes de outros, no século XX terem constatado os mesmos factos. Chegou-se ao ponto de falar de um "Megalitismo de grutas" (GONÇALVES, 1978), expressão que em si mesmo encerra uma contradição insanável, pois como é evidente não há monumentos megalíticos contruidos em/ ou dentro/ de grutas.

¹⁷ Esta teoria de Nery Delgado não se veio a confirmar, dado que numa população existem sempre elementos anatomicamente diferentes, fazendo parte intrínseca da mesma tal variabilidade. No entanto, a mesma encontrava-se alicerçada em outras observações feitas além-fronteiras por investigadores de renome. Compreende-se que o autor tenha assumidamente adoptado tal pressuposto, o qual conferia motivo acrescido à teoria da antropofagia, por ele tão claramente assumida tanto nesta gruta, como sobretudo na Furninha, a qual deu azo a viva discussão no Congresso de Lisboa de 1880 (DELGADO, 1884).

¹⁸ Esta observação, apesar da indiscutível credibilidade do autor como geólogo não se afigura fidedigna. Com efeito, tratando-se de uma estação sepulcral, e não de carácter habitacional, como julgava o autor, só excepcionalmente é que se poderia ter verificado uma relação

5.6 – Folha branca (18,1x22,8), escrita a tinta, 2 páginas

– Casa da Moura –

A formação do manto stalagmitico (sic) que cobria as areias quaternarias, coincidiu com um periodo especial de habitação da nossa gruta, e ao qual parece ligada a enormissima quantidade restos de coelhos e de varias especies de carnivoros (*Canis* e *Felis*, principalmente). (19)

Reportando a existencia destes animaes (lobo de enormes dimensões e as grandes especies de gatos) condições climatericas muito differentes das actuaes, productos de um clima mais quente do que o que gozamos hoje, este periodo de habitação poderá corresponder ao fim da epoca do Mammuth, ou de migração para o sul das especies tropicaes, lince e outros congeneres. (20)

Não se tendo ainda descoberto a existencia da Renna ao sul dos Pyreneus, e coexistindo ella na Belgica e no norte de França com a maior parte das especies que compunham a fauna anterior (do Mammuth), poderemos julgar que a grande emissão das fontes mineraes calcaríferas, se fez nessa epoca, sendo mesmo esse phenomeno ???? concomitante da emigração, ou coincidindo com uma grande revolução climatologica.

A comparação entre os 2 quadros das especies da fauna da idade da Renna e da idade do Mammuth na Belgica, que nos é offerecido pelo Sr. ????, mostra-nos que a primeira apenas differe da que a precedeu pelo seu empobrecimento ou pela desaparição de algumas especies caracteristicas que a compunham (*Ursus spelaeus*, *U. arctos*, *Hyaena spelaea*, *Elephas primigenius*, *Rhinoceros tychorhinus*, *Cervus megaceros*, *Cervus canadensis*) e pela substituição de uma especie de *Felis*, *Felis antiqua* a *Felis leo*. Assim não há uma modificação essencial na fauna na segunda idade quaternaria, mas simplesmente a falta de certas especies, que desapareceram da superficie do globo, ou migraram para regiões tropicaes, falta que tambem se observa nas nossas grutas quando se compara a fauna do banco stalagmitico com a das areias inferiores (da Furninha). (21)

Seríamos ainda induzidos a julgar que esta possante emissão de fontes mineraes marca a solução de continuidade das camadas paleontologicas, ou *hiatus* que M. Mortillet traçou no fim da epoca quaternaria, (como julgamos ter reconhecido que um phenomeno semelhante, mas em maior escala, marca no nosso paiz o termo da existencia da fauna 2.^a siluriana, ou a passagem da divisão siluriana inferior à superior) mas que ???? colloca ao contrario entre a idade do *Mammuth* e a idade da *Renna*, representado no valle de la Somme (St. Acheul), por uma possante camada de origem glaciaria, que pela sua grande espessura deve corresponder a um periodo muito longo. As duas hypotheses seriam, como se vê, applicaveis à nossa gruta, porque há n'ella a transição

directa entre um núcleo e os produtos de debitagem dele extraídos, em resultado do talhe de tais artefactos não ter sido realizado no interior da gruta.

¹⁹ A escassez de objectos humanos associados à abundante presença de Coelho, a par das peças pertencentes a carnívoros, especialmente Lobo e Lince, faz crer que, nessa época, situável cerca de 20 000 anos BP, conforme datação obtida para mandíbula de Lobo (STRAUS et al, 1988), a gruta servisse sobretudo de abrigo a tais predadores (ZILHÃO, 1997).

²⁰ A afirmação de que o clima seria mais quente que o actual não se afigura realista. Na verdade, admitindo que a formação do depósito inferior, imdiatamente assente no banco estalagmítico, considerado estéril, é coevo da datação obtida na mandíbula de Lobo, ca. 25 000 BP, as condições climáticas então vigentes seriam tendencialmente mais frias que as acuais, conforme foi concluído pelo signatário, com base nas associações faunísticas reconhecidas no território português entre ca. 25 000 e 20 000 BP (CARDOSO, 1993, p. 546).

²¹ A fauna da Furninha é assaz distinta da da Casa da Moura, representando uma época muito anterior, de clima mais quente, reportável ao último periodo interglaciário ou a um dos primeiros interstadias da última glaciação. A interpretação de Nery Delgado, no enanto, está correcta ao referir que algumas das espécies desapareceram do nosso território, acantonando-se, com a degradação climática do final do Plistocénico em áreas mais meridionais, no caso o continente africano, como é o caso da Hiena raiada (*Hyaena hyaena spelaea*) (CARDOSO, 1993). Mais tarde, a degradação climática coeva da utilização da gruta da Casa da Moura por carnívoros de grande e médio porte, como o leopardo, esteve na origem da sua extinção até ca. 20 000 BP no território português.

subita de uma fauna extincta ou há muito desaparecida desta região, à época polida. Deverá aceitar-se uma ou outra conforme a interpretação que se der aos factos observados; mas a hypothese de Mortillet parece a mais plausível. Com effeito parecendo interna a ligação das duas faunas, e não tendo existido em nenhuma época no nosso paiz as especies das regiões articas, que no fim da época quaternaria migraram para o norte, ou para os cumes das altas serranias do centro da Europa, ambas as hypotheses são verdadeiras, mas referem-se a factos differentes, como já o fez notar o Sr. Broca (Congrès de Broux, p. 184).

Esta passagem subita levaria a julgar que as nossas grutas foram de facto inhabitaveis, durante um longo periodo, em que estiveram cheias d'agua depositando-se então o manto stalagmitico, migrando as povoações para outros logares, e talvez estabelecendo-se ao ar livre nas margens dos rios, que conservavam ainda um grande volume d'aguas, como prova a situação dos kjökkenmöddings do valle do Tejo, estabelecidos à beira do rio, hoje mui distantes (kilometros) do seu leito normal, e mesmo do limite das cheias extraordinarias.

O monticulo do Cabeço da Arruda é ao mesmo tempo uma necropole e uma estação humana. Os restos que ali se mostram revelam que aquella tribu (que parece não conhecia ainda a louça e portanto pertence à idade paleolitica = época de la Madeleine) fazia os enterramentos nos mesmos monticulos formados pelos restos da comida (rebutts de cuisine), talvez por aproveitarem do calor que a decomposição dos corpos desenvolvia, sem se importarem como os Esquimaus actuais com o cheiro que exhalava tanta materia em putrefacção. (22)

Deverá ahi procurar-se o preenchimento da camadas ou hiatus que M. Mortillet indicou na série dos tempos prehistoricos, entre o fim da época da pedra talhada (lascada) e o começo do emprego da pedra polida? (23)

A sepultura do l'Homme mort pertencente à época da pedra polida, e em que M. Broca descobriu os mesmos ritos funerarios da sepultura classica de d'Aurignac, tão bem descripta por Ed. Lartet, é porem um claro desmentido à existencia de tal hiatus (p. 195). (24)

5.7 – Folha branca (18,1x22,8), escrita a tinta mas com alguns apontamentos a lápis, apenas em uma página (Fig. 18)

– Casa da Moura –

Como explicar uma tão grande acumulação de ossos de animaes, especialmente de coelho, e a sua distribuição como em monticulos n'um e n'outro ponto da gruta, sobretudo nos pontos em que falta o manto stalagmitico?

²² Na época em que Nery Delgado escrevia, ainda se não tinha reconhecido a validade do termo Mesolítico, que viria a preencher a lacuna existente entre o paleolítico e o Neolítico.

²³ Existem elementos que levam a admitir que a organização espacial dos concheiros se fazia de forma diferenciada, entre os espaços ocupados por cabanas e os espaços onde se amontoavam os restos das refeições e se enterravam os mortos da comunidade. De acordo com Nuno Bicho (com. pessoal, 9-12-2019), os concheiros não são sítios habitacionais, e deveriam ter várias funções, sendo a principal a de necrópole, e também de marcação territorial, como sinal visual na paisagem. Claro que a primeira ocupação dos locais, ainda antes de se terem formados os montículos artificiais correspondeu a acampamento residencial de longa duração que incluía necrópole. Esta situação encontra-se claramente documentada no concheiro da Moita do Sebastião, onde a primeira ocupação integrava uma cabana, associada a enterramentos nas imediações (ROCHE, 1960). Deste modo, não é possível atribuir-lhes uma única designação, porque a função se foi alterando com o tempo. E também porque em redor dos concheiros, já em tempos avançados da vida dos mesmos, se foi constituindo um grupo de pequenos acampamentos.

²⁴ A gruta de l' Homme Mort (Lozère) forneceu cerca de uma vintena de crânios bem conservados (PRUNIÈRES, 1871), cujo estudo, efectuado pelo célebre antropólogo Broca, Nery Delgado por várias vezes menciona, utilizando-o como elemento de comparação com as observações por si realizadas na Casa da Moura.

Os ossos de coelho pela maior parte não estão partidos, mas também não havia que aproveitar-lhe a medulla. Nota-se porém que os craneos, e mesmo os fragmentos da abobada craneana, e ainda os maxillares superiores são rarissimos, em comparação dos maxillares inferiores que se contam às centenas ou milhares. Nota-se também a falta de outros ossos, das costellas, por exemplo, e das extremidades, fazendo esta falta lembrar que as partes do animal naturalmente desprezadas pelo homem fossem devoradas por algum carnívoro que o acompanhasse, suggerindo portanto a idea da existencia do cão domestico. [Alguns outros ossos de animaes apresentam-se roídos (?) para confirmação desta idea].

A lápiz: *Caso esta hypothese, se não dê, pode supor-se que elles preparavam as peças fora da gruta, para exporem ao sol as pelles, e rejeitavam portanto as barrigas e pés.* (25)

Descrevendo a gruta da Casa da Moura incorri no erro de suppor que não existia nenhuma nascente proxima da gruta. Mas com effeito a pequena distancia na base da escarpa, na origem do valeiro que desce mesmo para os Bolhos (ou para o Olho Marinho). É a fonte da Carvalleira.

A configuração interior da nossa gruta não tem nenhuma relação com a stratificação da formação de calcareos compactos do jurassico inferior, mui rija, em que é contida. A stratificação destas mesmas massas não é muito perceptivel, mas inclinam portanto para o S., ao passo que o tecto da gruta inclina para o nascente.

A base do entulho superior, ou a passagem ao manto stalagmitico, faz-se por um strato de areias avermelhadas, fortemente cimentadas pelo calcareo, em que os ossos de animaes estão de tal forma empastados que é muito difficil extrahil-os inteiros. Foi sob esta camada, que horizontalmente e verticalmente se liga ao banco stalagmitico, que se obtiveram os dentes de *Felis* e outros animaes, e que eu ??? em 1867 do deposito inferior. (26)

Ao fundo do corredor do sul na parede sul da sala interior há uma possante massa de conglomerado, isto é, de pedras maiores ou menores e de formas ± arredondada, do calcareo jurassico, cimentadas pelo tufo e stalagmites que correram desta parede, provavelmente de alguma fenda da rocha.

Foi aqui que se encontrou em 1867 alguns ossos humanos empastados, provando portanto que a formação do manto stalagmitico (como na Lapa Furada) continuou na epoca neolithica.

5.8 – Folha branca (18,1x22,8), escrita, 2 páginas

– Casa da Moura –

O manto stalagmitico, de superficie e espessura assaz irregular, e interrompido em muitos pontos na sala exterior da gruta, onde o reconhecemos, claramente designa um periodo intermediario entre o da formação das areias quaternarias subjacentes, e a acumulação do entulho superior, que pelo menos em grande parte (27)

²⁵ É de grande perspicácia e metodologicamente inovadora esta observação e Nery Delgado tomando por base a presença diferenciada dos segmentos anatómicos presentes de Coelho para concluir pelo consumo dos mesmos em locais diferentes e eventualmente por diferentes predadores. No entanto, como se sabe, estes restos foram acumulados na gruta numa época anterior ao Neolítico, uma vez que provêm de camadas arenosas avermelhadas pliocénicas (DELGADO, 1867) mais ou menos concrecionadas correspondentes à frequência da gruta essencialmente por Carnívoros (ZILHÃO, 1997).

²⁶ Foi também na base desta camada detrítica, imediatamente assente no manto stalagmitico, em pequeno retalho que se manteve intacto, que se recolheu em 1987 a mandíbula de Lobo que forneceu datação absoluta de ca. 25 000 anos BP (STRAUS et al., 1988).

²⁷ A posição do manto stalagmitico foi definida por Nery Delgado logo em 1867, ao declarar que aquele se situava por baixo da sequência de areias mais ou menos consolidadas por cimento calcário, dispostas em leitos descontínuos e irregulares (DELGADO, 1867, p. 27). A alusão ao forte pilar stalagmitico ainda hoje se conserva (Fig. 2). Sobre este depósito arenoso avermelhado, com escassos vestígios da presença humana e de época pliocénica, assentava o chamado “entulho superior”, que o autor declara ter sido artificialmente introduzido no interior da gruta, no que estava certo, uma vez que se tratava dos despojos de uma necrópole neolítica e calcolítica, com abundantes restos humanos e oferendas. Deste modo, não deixa de ser aparentemente contraditória a afirmação contida nesta passagem do manuscrito

bons espécimes uma tar geral accumulando de ossos de animais, especialmente de corchos, e sobretudo a sua distribuição como um montículo n'um e n'outro lado da gruta, sobretudo nos pontos em que falta o monte stalagmitico?

Os ossos de corcho pela maior parte são de ~~quadrúpedos~~, mas também nos havia ~~de~~ aves e mamíferos da medulla. Nota-se porém q. os crânios, e b. a ~~proporção~~ da abóbada craniana, e ainda as maxillas inferiores são ~~verificadas~~, em comparação dos maxillares inferiores q. se encontram ás entradas as milhasas. Nota-se também a falta de certos ossos, dos antebraços, fêmur, e das extremidades, fazendo esta falta lembrar q. os restos de animal naturalmente dispersados pelo homem fossem derramados por algum caminho q. o acampamento, suppondo portanto a falta da existência do caso domestico. [Alguns outros ossos de animais apresentam-se n'os ossos (?) p. confirmação desta ideia]

Com esta hipótese se não dá, pode suppor-se q. os espécimes os fósseis fosse de gruta, p. ex. em um dos ossos, e n'outros talvez os ossos e fósseis.

Interessante a gruta da Casa da Moura incorre no erro de suppor q. nos espécimes semelhantes nos outros pontos da gruta. Não em offeito a pequena distância no lado da esquerda, nos restos de valles q. d'ora p. os Bollos (ou p. o b'ho de arado?) e a parte de f'ovallhois.

A configuração interior da mesma gruta não tem nenhuma relação com a stratificação de fósseis de calcareo e fósseis inferiores, nem n'os, nem q. a ~~parte~~ de stratificação destes são nos ossos mas é a ~~parte~~ perceptível, mas ~~esta~~ inclinação ~~potente~~ p. o b. a ~~parte~~ p. o lado da gruta inclina ~~potente~~ p. o ~~monte~~.

A base da antella superior, dá a impressão de monte stalagmitico, p. se se por um strato de unias ~~grosas~~ av. ~~semelhadas~~, ~~potente~~ cimentadas pelo calcareo, em q. os fósseis ~~de tal forma~~ empastados q. é muito difficil extrahir os interiores. Já sobre esta camada, q. horizontal e vertical. se lêa os blocos stalagmiticos, q. se elevam os restos de Felis e outros animais, e q. em ~~deposição~~ em 1867 do depois, inf.º

No fundo do corredor do soal no fundo sul da sala interior há uma pequena massa de calcareo, isto é, de pedras e de fósseis e amolados, de calcareo q. se ~~afirma~~, cimentados pelo tempo e stalagmitico q. ~~corresponde~~ desta ~~parte~~, provavelmente de alguma fenda de rocha. Foi aqui que se encontraram em 1867 alguns ossos humanos empastados, podendo portanto q. a ~~formação~~ dos ~~stalagmiticos~~ (como um fosso fosado) continuava na época medievica.

Fig. 18 - Gruta da Casa da Moura. Folha autógrafa de Nery Delgado, com anotações sobre os resultados das escavações efectuadas e acrescentos a lápis. O conjunto da documentação engloba diversas folhas semelhantes a esta e corresponde a preparativos para a monografia projectada, logo após a publicação, em França, em Junho de 1880 da síntese dos principais resultados obtidos (DELGADO, 1880), imediatamente após a conclusão das escavações.

supomos ter sido introduzido ali posteriormente e artificialmente. Nas condições actuaes da gruta não vemos motivo para se formar um tão espesso manto, que na parte central da gruta (afóra as intercalações das areias e argilla vermelha, em pequenas massas lenticulares) com não menos de 0,50^m de espessura, e incluia grandes massas spathicas, structura que o calcareo não podia tomar como pela filtração gota a gota de diferentes juntas do tecto, como agora succede. O que se nos affigura como mais provavel, e é sem duvida o mais plausivel, é que as ultimas correntes da epoca quaternaria, que varreram em parte os depositos arenaceos arrasando para dentro das grutas, fixaram dentro d'ellas poças maiores ou menores no seio das quaes o calcareo se depositou tranquillamente continuando as aguas a filtrar do tecto e das paredes, por toda a parte onde as fendas ou os orificios da rocha o permitiam. Quando correntes mais fortes entrando pela boca da gruta arrasavam uma porção das areias da superficie, ou se carregavam da argilla ferruginosa que lhe forma o cimento, formavam-se as pequenas massas lenticulares de areia ou de argilla, verdadeiros depositos de transporte intercalados no deposito chimico (Fig. 19).

Com o progresso da exploração da terra humosa superior descobriu-se ao fundo da sala exterior à parede do N., uma pequena abertura, que depois se vio dar entrada a uma ramificação d'aquella sala ou camara central, ficando por baixo da massa de calcareo ou altar que a divide da sala interior, cuja boca estava entulhada com a mesma terra e pedras, que tinham corrido para o interior d'ella, mas não a enchendo totalmente. Nesta camara achou-se tambem grande quantidade de ossos humanos, e nomeadamente dois craneos quasi completos, os melhores que obtivemos para poderem conhecer-se os caracteres ethnicos da tribo que habita esta gruta. Nesta camara central havia grande quantidade de pedras cimentadas pelo calcareo stalagmitico, algumas de grande volume, e que pareciam não ter sido para ali transportadas, mas sim desabadas do tecto.

O manto stalagmitico não se prolonga para dentro desta camara, mas passa-se immediatamente da terra humosa negra com restos humanos às areias ± avermelhadas com ossos de coelho, e ± posteriormente cimentadas pelo calcareo.

No começo do corredor do sul (ver Figs. 11, 16 e 17) por baixo verticalmente de um forte pilar exteriormente revestido, senão totalmente constituído pelo calcareo spathico stalagmitico (ver Fig. 2) havia tambem uma pequena abertura por onde mal cabia um braço, mas que alargada com um fuso de mina, deu entrada para uma cavidade totalmente obscura onde existia também a terra humosa com restos humanos formando uma capa de poucos decimetros, e em partes de alguns centimetros apenas de espessura, passando-se logo às areias

de que o referido manto estalagmítico se desenvolvia entre os depósitos arenosos e o “entulho superior”. A dúvida dissipa-se se se admitir que por manto estalagmítico o autor tivesse designado o conjunto de leitos sedimentares mais ou menos endurecidos pela precipitação química, conclusão que é reforçada pela descrição que a seguir é apresentada dos mesmos (ver a sequência geral e completa dos depósitos descritos por Nery Delgado no core longitudinal da gruta correspondente à Fig. 19).

²⁸ Trata-se da chamada 3.^a Lapa, ou câmara central do lado Norte (Fig. 11), a qual, como já anteriormente se verificou, resultou da escavação, a partir da estreita passagem que comunicava a sala exterior à sala interior da gruta (ver Fig. 16) por baixo sob o grande bloco de abatimento que selou os depósitos arqueológicos da necrópole neolítica (designado por “altar”). Essa cavidade, assim artificialmente criada, forneceu os dois crânios registados pelo autor, que, sendo os melhores de toda a escavação, devem corresponder aos apresentados ao Congresso de 1880 por F. de Paula e Oliveira (OLIVEIRA, 1884). No artigo de síntese de Nery Delgado publicado imediatamente após o final dos trabalhos de campo, ou ainda no seu rescalco, menciona a recolha de 3 a 4 crânios bem conservados e de 24 calotes cranianas “qui peuvent offrir des renseignements précieux sur les caractères ethniques de la race ou des races qui habitèrent cette contrée durant l'époque néolithique (DELGADO, 1880, p. 214). Com efeito, o autor no citado trabalho reafirmou a existência de duas raças diferentes com base na configuração craniana, o que explicaria a conflitualidade entre elas existente e denunciada por inúmeras evidências de violência observadas nos crânios.

²⁹ Trata-se de um crânio masculino e de outro feminino, cujas medidas foram apresentadas ao Congresso de Lisboa de 1880 por F. de Paula e Oliveira (OLIVEIRA, 1884).

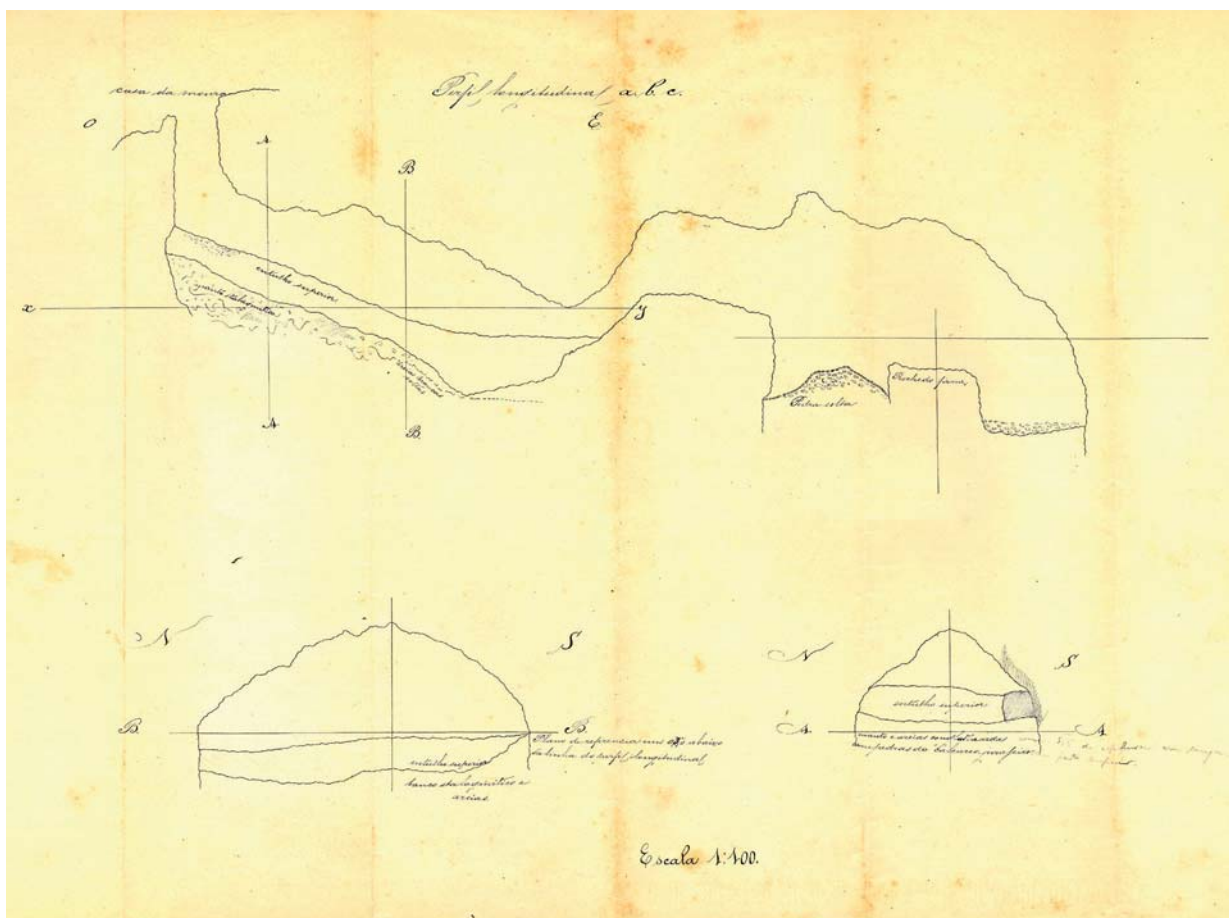


Fig. 19 – Gruta da Casa da Moura. Perfil longitudinal da gruta, indicando o desenvolvimento dos dois depósitos quase integralmente escavados, acompanhado de dois perfis transversais com indicação da potência dos mesmos. Estes perfis correspondem aos indicados na planta da Fig. 17, executados por Miguel Pedroso e depois passados a limpo em manuscrito autógrafo por Nery Delgado.

vermelhas com restos abundantes de coelhos e de outros animais. Logo à superfície, e quasi todo descoberto se achou um craneo completo, ao qual faltava só um dente e a maxilla inferior correspondente. Não se reconhecia porem ali mesmo nenhum esqueleto, e os ossos humanos mostravam-se no mesmo estado da dispersão e estrago que manifestam nos outros pontos da gruta. Encontraram-se tambem ali alguns (débeis) restos de indústria humana, e a um canto já por baixo do corredor, uma magnifica panella de louça negra, mas infelizmente muito fragil pela humidade, como os ossos, e que se fez (em) pedaços no acto da extracção, mas pode ser restaurada. A boca da entrada d’esta (cavidade) camara, que porventura era ali no começo do corredor, estava tambem obstruida com pedras, que as stalagmites depois cimentaram, estendendo-se para o interior da cavidade e cobrindo as areias vermelhas com 0,1^m de espessura ou menos, sendo por uma verdadeira fortuna que se descobriu. (30)

³⁰ É a chamada 4.^a Lapa, ou câmara central do lado Sul, cuja abertura e ulterior alargamento foi também executada artificialmente como a do lado Norte, a partir neste caso do estreito corredor sul, que ligava a primeira câmara (a externa) à câmara interna, no intuito de promover a recolha de espólios arqueológicos oriundos do “entulho superior” ver Figs. 11 e 16).

³¹ Como acima se referiu, não se tratava de uma cavidade natural mas sim de uma escavação realizada intencionalmente aquando da exploração da gruta, com o intuito de recolher espólios arqueológicos (ver Figs. 11 e 16). (31)

O espaço que restava vazio entre (recanto) compartimento da gruta, bem como o da camara central do N. (que porventura liga com este) era muito baixo, e a custo permitia a entrada de rojos a um homem, sendo bem difficil comprehender-se como os restos humanos ali se achavam, a não ser que a terra e as pedras para ali corressem acidentalmente, obstruindo ellas mesmo a boca de entrada antes que a cavidade estivesse completamente cheia. Certamente a escuridão e a pequena altura tornara esta parte da gruta impropria para ali estacionarem os homens, e fazerem lá dentro as suas refeições. (32)

O manto stalagmitico estabelece, como dissemos, a separação stratigraphica e chronologica entre o depósito das areias inferiores e a accumulção do entulho superior com restos humanos. A sua formação, porém, é muito posterior á das areias, tendo sido a gruta habitada nesse periodo em que existiam no nosso paiz um grande numero de especies de *Felis*, alguns de grande estatura, que evidentemente não existem agora entre nós. Como character ethnographico mais importante devemos apontar que esta tribu, essencialmente vivendo da caça, amava sobretudo animaes de pequena estatura, os coelhos, cuja quantidade prodigiosissima causa verdadeiro espanto. Os ossos deste pequeno roedor apresentam-se accumulados aqui e ali no strato superior das areias em quantidade tal, que podem contar-se por centenas, (ou talvez por milhares) o número de individuos desta especie que se descobriram na gruta, não contando os restos que se achavam dispersos nas areias grosseiras inferiores ao manto stalagmitico, todavia em muito menos quantidade, e que o crivo revelou. (33)

¿ Ou seriam estes animaes arrastados pelas correntes? Se assim foram os esqueletos dos grandes animaes estariam quasi completos, e é o que não succede. (34)

Este periodo de occupação da gruta, e portanto a idade do manto stalagmitico, parece estar ainda comprehendido na grande epoca paleolithica, segundo pode julgar-se dos poucos silex lascados descobertos com estes restos de animaes; e talvez seja o representante do periodo da *Renna* (epoca de Magdaleine) ou esteja comprehendido no ??? uma parte do hiatus assignalado pelo Sr. Mortillet na passagem da epoca paleolithica à neolithica. É notavel o achado de uma lamina trapezoidal de osso e de alguns silex talhados, pouco perfeitos aliás (Cf. a pág. ? da minha memoria, pl. 1). (35)

³² Esta observação reforça a ideia de que o deposto arqueológico pode ter sofrido remobilizações naturais dentro da cavidade, até preencher quase por completo o espaço disponível. O facto de não se ter encontrado um único conjunto esquelético articulado leva também a esta conclusão, reforçando a hipótese de se estar perante um ossário e não de uma necrópole primária.

³³ A convicção do autor de se tratar de uma gruta habitada por uma tribo, pertencente a um estágio mais primitivo do que os construtores dos dólmenes encontra-se nesta passagem, mais uma vez, explicitada.

³⁴ Uma vez mais se declara ser o manto stalagmitico o separador entre as areias inferiores estéreis e o “entulho superior”, o que reforça a conclusão de que, em 1880, para Nery Delgado, ao designação de “manto stalagmitico” englobava a sucessão de areias mais ou menos soltas ou consolidadas, com abundantes restos de Coelho, de Aves e de outros Vertebrados, designadamente Carnívoros, sendo portanto diferente do sentido que lhe fora atribuído em 1867 (DELGADO, 1867, p. 27). Na Fig. 19 estão representadas essas areias soltas, referidas na carta de Miguel Pedroso de 17 de Junho de 1880, como tendo sido identificadas na sanja que Nery Delgado mandou então executar, estando representadas por baixo do “manto stalagmitico”. Quanto ao *Felis* de grande tamanho mencionado, trata-se provavelmente de *Panthera pardus* L., o leopardo, os quais foram inventariados e estudados pelo signatário (CARDOSO, 1993), a par de exemplares, mais numerosos, do antepassado do lince ibérico, *Felis pardina spelaea* L.

³⁵ Os restos de Coelho não se relacionam com a alimentação humana, já que provêm de camada onde os vestígios desta presença é diminuta, como acima se referiu. É interessante verificar que Nery Delgado admitiu a alternativa, muito provável, de tais restos terem resultado de transporte aquoso a partir de outros locais da gruta.

³⁶ A existência de artefactos paleolíticos é segura, tendo a sua origem nas areias mais ou menos endurecidas com restos faunísticos, englobadas no designado “manto stalagmitico” em 1880 por Nery Delgado. Contudo, os exemplares mais característicos não foram então reconhecidos, tendo sido confundidos com artefactos neólitos e calcolíticos recolhidos no “entulho superior”. Tais exemplares, pertencentes ao Solutrense, foram identificados por sucessivos autores ao longo do século XX, tendo a última revisão do conjunto da colecção sido efectuada em 1997 (ZILHÃO, 1997).

6 – TRANSCRIÇÃO DO TEXTO INTEGRAL DO INVENTÁRIO DE NERY DELGADO DOS MATERIAIS DAS ESCAVAÇÕES DE 1879/1880, RESPEITANDO A QUADRÍCULA IMPOSTA À ÁREA ESCAVADA E COM REGISTO DAS PROFUNDIDADES DE RECOLHA, SEGUIDA DE NOTAS RELATIVAS AOS ASPECTOS MAIS RELEVANTES NELE MENCIONADOS

Trata-se de conjunto documental constituído por 54 cadernos de duas folhas cada, constituídos por folhas pautadas de 35 linhas a azul, exceptuando um, que é folhas lisas. Todos eles se encontram escritos pelo punho de Nery Delgado, em maior ou menor extensão. Os primeiros cinco cadernos correspondem a observações diversas e a apontamentos relacionados com a escavação da gruta, provavelmente textos preparatórios para a redacção de monografia que, tudo o indica, estava nos seus propósitos.

Os cadernos restantes correspondem ao inventário sistemático, por sectores escavados da gruta segundo a delimitação dos mesmos previamente estabelecida (Fig. 10) e de acordo com as respectivas profundidades de colheita. Trata-se de trabalho exigente e que foi conduzido por longo período de tempo e com extrema minúcia, revelador da categoria científica do seu autor. Tal registo, que se manteve até ao presente inédito permite a localização das peças arqueológicas mais importantes então exumadas, mesmo as que não possuem etiquetas de localização, tal o detalhe descritivo das mesmas.

De igual modo a preparação antropológica do autor é evidenciada pelo inventário realizado, o qual consta de uma folha solta com as mesmas características (Fig. 20), a qual foi sendo sucessivamente actualizada à medida que a realização do inventário progredia. Em tabela, ocupando duas folhas com as mesmas dimensões, associou a distribuição dos segmentos ósseos estudados aos respectivos locais e profundidades de colheita (Fig. 21).

Pode concluir-se, deste modo, que notável trabalho que Nery Delgado realizou, não só na escavação mas também no estudo e inventariação dos elementos arqueológicos, antropológicos e outros recolhidos no decurso da mesma é revelador de um elevado rigor servido por um espírito crítico e metodológico de características inovadoras e à época excepcionais, ainda hoje não ultraassado.

Folha 1 (21,7x30,7 cm) lisa com marca de água Almasso Prado / Thomar Casa da Moura (deposito inferior)

Facto notabilissimo. No meio desta enorme quantidade de ossos de *Lepus*, que representam o aproveitamento de pelo menos..... individuos deste genero pertencentes a 2 ou talvez 3 especies diferentes para alimentação dos nossos troglodytas, são extremamente raras as patas de lebre e de coelho não vimos como authenticos senão 4 metacarpos e 1 phalange da mão, em quanto que o número de metatarsos é prodigioso. Iguualmente muito extraordinario o número de calcaneos não obtivemos senão 5 astragalos e 5 outros ossos do tarso, e 33 phalanges do pé. (37)

Não podemos assegurar que entre os restos de animais classificados como do deposito superior se não encontram alguns que pertençam ao deposito inferior e vice-versa, porque como já dissemos é muito difficil de traçar a linha de separação entre os dois, e como é obvio não assistimos nem podiamos assistir constantemente às explorações. A lista que apresentamos pode porém tomar-se como sufficientemente exacta, e os

³⁷ A distribuição não homogénea de segmentos anatómicos de Coelho e a sua valorização revela bem a formação científica do autor e o rigor do estudo por si realizado. No entanto, é provável que os médios e grandes predadores tenham intervindo na formação desta notável acumulação faunística, mais do que os grupos de caçadores paleolíticos, dada a fraca presença de restos arqueológicos coevos.

erros commettidos não podem ser aliás grandes, porque a duvida só poderá existir sobre alguns exemplares de especies recentes ou de fauna actual, que de facto se encontram tanto n'um como no outro deposito.

Uma larga sanja e um poço profundo aberto ao meio da sala exterior, mostram que abaixo da superficie do manto stalagmitico até à profundidade de 5,50^m o pavimento da gruta era constituido pelas areias fortemente cimentadas pelo oxydo de ferro, mas irregularmente conglutinadas, deixando algumas bolsas e porções lenticulares mas que então perfeitamente soltas e até lavadas. É o aspecto com que as areias se mostram logo no fundo do poço de entrada subindo porem ali a muito maior altura, como se fora por ali que entraram as aguas carregadas dos sedimentos que depositaram no interior da gruta, como uma cascata que deposita nas anfractuosidades da rocha o calcareo stalagmitico que traz em suspensão.

Folha 2 (21,8x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”

Extracto das cartas de Mi.el Pedroso Casa da Moura (areias inferiores)

Nas areias superiores ao manto stalagmitico – 2 silex lascados e calhaos estalados. Muitos ossos de coelho, e de outros animaes *Canis* e *Felis*. Os ossos dos grandes animaes apparecem quasi todos partidos.

A espessura destas areias não é regular; varia entre 0,40^m 0,30^m e 0,20^m.

Inferiormente à camada de stalagmites encontram-se pedras de calcareo misturadas com as areias soltas, tão incoherentes por baixo desta camada que poude enterrar só ellas sem o menor obstaculo uma tabua de 8 palmos de comprimento.

Nas areias vermelhas ligadas ao manto stalagmitico encontrou principalmente ossos de coelho. Silex lascados só encontrou 2. Ossos trabalhados nenhum. Seixos rolados uma raridade que appareçam.

Na 4.^a lapa (camada central do S.) o manto stalagmitico tinha muito pequena espessura, em partes só com alguns centimetros, e tinha por cima uma capa de areias tambem muito delgada, de 0,20^m com pouca differença com ossos de coelho e de outros animaes, e por baixo do manto uma outra capa de areias tambem com dentes de animaes, muito delgada (de 0,20^m a 0,25^m) assentando sobre rocha firme (calcareo jurassico ? ou stalagmitico) enchendo uma fenda do calcareo jurassico.

Folha 3 (21,6x32,2 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”

4 paginas manuscritas

Furninha da descida do mar (Peniche) (rasurado)

Obs.: trata-se de conjunto de observações sobre a gruta da Furninha, estabelecendo comparações com a da Casa da Moura

Deposito superior (apontamentos varios)

Os ossos dos membros são representados pelas suas extremidades commumente destacados do corpo do osso, que é dividido em fragmentos maiores ou menores e até em pequenas lascas, o que representa uma acção intelligente com proveito intencional.

Nem um osso inteiro achado nesta gruta, o que já por si só dá uma forte presumpção de que os corpos foram ali introduzidos aos pedaços. Esta circumstancia, que não se observa na Casa da Moura e n'oas grutas (como Cascaes, Palmella) compreende-se bem pela difficuldade de ingresso, ou antes do trajecto para a gruta. Na Casa da Moura, pelo contrario, o sacrificio das victimas n'alguns casos far-se-hia dentro da gruta, e isso explica que alguns craneos e ossos largos, isto é, os miolos e a medulla nestes contidos, podessem escapar à gulodice da tribo que ali estacionou por um tão longo periodo.

O grande numero de epiphyses soltas indica que os indigenas habitantes desta gruta (em vez de) estes selvagens preferiam para a sua alimentação carne de individuos novos. O mesmo deve julgar-se da relativa abundancia de maxillas de crianças, ou de jovens ainda com a 1.^a dentição ou mesmo a 2.^a incompleta; mas é para notar-se o contraste da falta relativa (embora o número absoluto seja elevado) dos fragmentos correspondentes da abobada craneana, circunstancia que tambem notamos na Casa da Moura com respeito aos restos de coelho.

A existencia de lascas alongadas e nucleos de silex da mesma natureza e alguns instrumentos mais perfeitos, demonstra que em grande parte a fabricação dos instrumentos de que se serviam foi feita dentro da gruta transportando para ali os calhãos ou rins siliciosos que lhe forneciam a materia prima para os instrumentos cortantes, e inteiros lhes serviam como instrumentos contundentes para quebrar os ossos e extrahir-lhes a medulla.

Os ossos longos só poderam determinar-se geralmente pelas cabeças ou pelas extremidades, porque a cana foi toda aproveitada para d'ella extrahirem a medulla, e por isso apparecem em pequenos fragmentos que raramente excedem 0,1^m de comprimento, ou reduzidas lascas, em grande parte raspadas interiormente.

Para os mesmos ossos não se encontra, como era natural, numero igual de extremidades superiores e inferiores. O numero das extremidades superiores de cubitus e de radius, por exemplo, é muitissimo maior do que as extremidades inferiores. Isto mostra certamente uma certa predilecção pela carne de certas partes do corpo, vindo as peças assim talhadas já do exterior da gruta, como de talhos.

(38)

Alguns ossos humanos accusam fracturas produzidas durante a vida do individuo, e que depois se soldaram; outros accusam feridas produzidas provavelmente por armas de arremesso, que penetraram todos os tecidos até ao osso sobre cuja superficie deixaram uma impressão ou cicatriz que se soldou tambem durante a vida do individuo.

Um contraste notavel entre esta gruta e a Casa da Moura é que o numero de dentes soltos humanos é ali muito diminuto, em quanto que na Cezareda são pelo contrario abundantissimos.

A falta quasi absoluta dos pequenos ossos do carpo e do tarso havendo muitissimos metacarpos e metatarsos (excluindo os calcaneos, e ainda mais os astragalos, da que há sufficiente numero) faz lembrar que os indigenas da nossa gruta aproveitassem aquelles ossos n'algum jogo, ou que por qualquer outro motivo os trouxessem para fora da gruta. Não parece plausivel a sua destruição por causas naturaes, porque outros ossos esponjosos e muito mais fracos, como o corpo das vertebrae, phalanges e até alguns fragmentos de sterno resistiram.

Ha muitos fragmentos de ossos que mostram na superficie as cicatrizes de feridas feitas sobre elles durante a vida do individuo, e outras fracturas completas que se soldaram. Um fragmento de craneo espesso, acusa o começo da operação da trepanação.

(39)

³⁸ O exercicio atrás efectuado para a distribuição de segmentos anatómicos de Coelho foi também realizado para os restos humanos. Neste caso, tudo indica que as diferenças encontradas entre a respectiva frequência relativa, a serem efectivamente reais, se devam à intervenção humana, correspondendo a caverna não a um local de enterramento primário mas sim a um ossário formado por segmentos anatómicos previamente seleccionados e ulteriormente transportados para dentro da cavidade, à semelhança do verificado com outras necrópoles colectivas em gruta do território português. Cabe a Nery Delgado o lugar de ter sido o primeiro a identificar uma dessas situações, embora a adopção, de forma tão despojada de canibalismo envolvendo o retalho dos corpos no exterior da gruta para o consumo das partes mais apetecíveis seja mesmo na época, de evidente superficialidade. Esta conclusão já tinha sido publicamente apresentada pela mesma época (DELGADO, 1880).

³⁹ A existência de feridas cicatrizadas observadas nos ossos longos humanos, ou de fracturas provocadas por impacto, segundo o autor denotariam situações de violência, só explicáveis por conflitos existentes entre populações pré-históricas diferentes. Sem excluir a

O grande numero de ossos (tíbias e femurs) que mostram as cicatrizes de feridas recebidas durante a vida, faz lembrar que a caça se exercitasse sobre estes individuos, e que quando logravam escapar da primeira vez à voracidade dos nossos troglodytas, não podiam julgar-se seguros, sucubindo a um ataque futuro. Ou então suppremos que a guerra entre as tribos vizinhas já existia nesses remotos tempos, e que não valeram esses serviços anteriormente prestados para que depois não fossem sacrificados, se é que não eram prisioneiros. Mas a preza não se fazia longe, para que as carnes podessem ser aproveitadas como alimento, como evidentemente o foram.

[Generalidades Introdução]

O hiatus (arrêt) entre a occupação das nossas cavernas na epoca quaternaria e no fim da epoca da pedra polida, é claramente ??? pelo contraste ??? analogia morphologica dos poucos silex descobertos na deposito inferior, e os machados, as facas e as flechas do entulho superior. Apenas um fragmento de faca que remoça essa norma foi descoberto nas areias quaternarias, e esse mesmo differe muito (?) pela forma de qualquer das facas da epoca posterior, embora a forma destes instrumentos em grande parte dependa da textura especial da rocha, e fosse sempre submetido a condição de obter-se um gume cortante para prehencher o fim a que o instrumento era destinado. – Sabemos aliás qual o typo geral das lascas de silex que geralmente se tem designado pelo nome de facas, remontando até à epoca miocene (silex de Thenay, pelo Abbé Bourgeois).

[Deposito superior]

!! Alguns de silex, posto que rarissimos, apresentam-se estalados em capa exterior, visivelmente pela acção do fogo. [Silex brûlé, craquelé, fritté et devenu blanc par l'action du feu. Il suffit de le voir pour ne pas le confondre avec les silex fendillés sous l'influence de la gelée, qui d'ailleurs ne changent pas de couleur. Abbé Bourgeois].

(40)

[Deposito superior – generalidades]

Julgo que se acham aqui reunidos nesta gruta todas as provas que se podem invocar para provar a fractura intencional dos ossos longos e dos craneos, que não podia ter outro fim senão o de aproveitarem a medulla; e é portanto incontestável que os troglodytas que habitaram esta nossa região no fim da epoca neolithica eram cannibaes. E não obstante pode dizer-se que esta tribo barbara, e ainda mais a que contemporaneamente habitava a Casa da Moura e que tinha eguaes habitos, gozava de uma civilização relativamente adiantada, ou pelo menos tinha chegado ao mais alto grao de perfeição na arte da fabricação dos silex, sendo algumas das pontas de lança e de flechas tão perfeitas que difficilmente a industria moderna com todos os variados meios de que dispõe, poderia egualal-a, e certamente não lograria excedel-a.

[Deposito inferior]

Ao que parece existem nas areias inferiores desta gruta diversos niveis ossiferos, mostrando que a gruta foi alternativamente habitada pelo homem, e serviu de covil às hyenas. Na base ha um deposito de

existência efectiva de tais conflitos, cuja existência está devidamente comprovada em época pré-histórica, é muito possível que, na maioria dos casos, as fracturas observadas tenham ficado a dever-se a fenómenos pós-deposicionais. Por outro lado, a referência a um crânio com indícios de trepanação é importante, conservando-se ainda tal exemplar no Museu do LNEG (Fig. 23).

⁴⁰ Por esta e outras citações bibliográficas se evidencia a actualização científica do Autor.

grossos calhaos rolados. Colligiu um grande silex em forma de amendoa a do typo dos de St. Acheul (idade do Mammuth), único até agora colligido no nosso paiz, e que se assemelha sómente a um grande instrumento de quartzite obtido solto ? à superficie do solo nas areias de Leiria.

Está pois demonstrada a existencia do homem na epoca quaternaria nesta caverna pelos seguintes factos. As provas da existencia do homem na epoca quaternaria em Portugal são deduzidas dos seguintes factos e considerações:

Pela descoberta dos restos da sua industria (silex lascado) no deposito inferior, que a enchia, o qual é incontestavelmente quaternario. Pela associação destes restos com os despojos de animaes que não existem na região; alguns dos quaes são característicos da epoca quaternaria; e enfim pelas provas da acção do homem sobre muitos destes ossos, e principalmente pelo seu transporte intencional para dentro da caverna (?).

Enfim pela comparação archeologica dos silex ali encontrados com os outros pontos do paiz, onde se achavam enterrados em depositos evidentemente quaternarios, e bem assim com os de regiões estrangeiras.

Em qualquer caso, e como quer que seja interpretada a accumulção dos ossos de animaes dentro da caverna, a existencia da craneo da phoca evidentemente demonstra que na epoca quaternaria a boca da caverna era muito proxima da praia, tendo havido uma elevação da costa posteriormente, facto que é demonstrado directamente pela formação de uma gruta inferior à que explorámos, actualmente pela acção excessiva do mar.

A hyena que habita as cavernas da Belgica (*H. spalaea*) é muito provavelmente a Hyena austral (*H. crocuta*), segundo Dupont.

O Urso pode ser o Ours gris das Montagnes Rocheuses (= *U. Ferox* das cavernas) ou Ours brun (*U. Spelaeus*, *U. arctos*, *U. Ferox*). (Compte rendu de Bruxelles, p. 224).

Entre os ossos de animaes colligidos nestas areias inferiores há um grande osso de Pachyderme, talvez Elephante ou Rhinoceronte como nas cavernas da Belgica. O humero, que é o osso de maior diametro e que mostra por conseguinte a maior porção de tecido esponjoso [*tissus spongieux à moelle*] (diploë) com tutano é de todos os ossos de Rhinoceronte e do Mammuth, o que mais frequentemente se encontra (aliás fracturado) nas cavernas da Belgica.

Os fragmentos da diaphyse são alongados no sentido longitudinal deste osso...[Compte rendu de Bruxelles, p. 236]. A ausencia das diferentes peças do esqueleto de animaes de grande estatura explica-a Dupont muito plausivelmente pelo desmembramento (deficiente) do animal no sitio em que tinha sido caçado, fazendo os troglodytas a escolha das partes que queriam aproveitar, e desprezando o resto, que deixavam no proprio lugar onde o animal tinha sido morto. Eu já tinha recorrido a esta interpretação para explicar a ausencia constante e persistente, ou a desproporção de certas peças do esqueleto humano, e a preferencia dada a outras. (41)

⁴¹ A explicação para as diferenças observadas na distribuição dos segmentos anatómicos humanos foram já discutidas (nota 2), não se justificando as razões adiantadas pelo autor, designadamente a de conflitos existentes fora da gruta entre grupos rivais, aqui adiantada pelo próprio. Quanto à desproporção observada em ossos de grandes vertebrados plistocénicos, a explicação é de outra natureza, devendo ter-se em consideração as espécies em presença. No caso de grandes e médios predadores, como os lobos e os felídeos, que poderiam utilizar a gruta como refúgio, os fenómenos pós-deposicionais podem explicar a situação identificada; no caso de serem animais caçados, tanto pelo homem, como pelos predadores referidos é possível que o desmembramento explique o transporte de segmentos diferenciados para o interior da gruta.

**Folha 4 (22,1x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 1 página
Casa da Moura**

M. Cazalis de Foudouce dit (compte rendu de Bruxelles, p. 198) que les grottes habitées par les hommes de l'âge de la pierre polie et dans lesquelles ils ont laissé son mobilier qui ne diffère en rien de celui des dolmens, ne sont pas ??? communes dans le midi de la France que celles qui leur ont servi de sépulture.

M. Broca em descrevendo a raça de l'Homme mort (p. 197) dit que les crânes que M. Prunières a extraits des dolmens sont beaucoup plus épais que ceux de l'Homme mort. Dans cette caverne et dans les dolmens de la Lozère nous avons très vraisemblablement les représentants des deux races que nous avons trouvés dans ce caverne. Il pense en outre que la tribu des troglodytes de l'Homme mort appartenait à une race antérieure à celle qui a construit les dolmens, c'est-à-dire que cette dernière est très probablement la race d'anthropophages qui a peuplé notre sol à fin de l'époque néolithique; et cela fait voir pourquoi nous n'avons trouvé aucune de vraie sépulture: leurs monuments funéraires étaient les dolmens.

[NB Consultar Broca e Quatrefages (p. 425) para a descrição das duas raças] Afastado n'um círculo ??? fui forçado logicamente a atribuir aos dois depósitos desta gruta uma idade muito mais moderna, do que hoje reconheço dever atribuir-se-lhes.

Folha 5 (22x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 1 página (Fig. 20) (42)

Casa da Moura [indivíduos de todas as idades desde velhos até fetos]
[Não considero as epiphyses soltas]

Craneo, fragmentos	137	42	14	4	24	112	26	58	50	19	83	90	30	12	158	41	16	79	96	1091													
Dentes incisivos	673	23	11	1	1	27	10	2	30	4	2	35	1							820													
Caninos	385	19	3	2	1	2	35	19	2	1	2	18	2	24	3					518													
falsos molares	552	27	4	1	40	6	1	2	3	26	1	21								684													
verdadeiros molares	1373	45	8	2	2	8	37	25	5	6	51	5	2	7	25	9				1610													
maxilares superiores	19	1	1	1	1	2	2	4	8	2	6	2	9	8	26	3	7	4	6	15	16	143											
	Fragmentos																																
	existência verificada																																
	indubitável de indivíduos																																
Maxilares inferiores	10	1	1	1	1	1	1	6	2	4	1	6	7	10	1	5	3	5	7	10	83												
	Fragmentos																																
	indivíduos																																
	51	4	2	6	12	1	8	1	5	6	1	4	1	4	6	1	23	1	13	13	28	1	1	4	2	6	1	11	9	5	20	251	
	20	4	2	4	6	1	6	1	3	6	1	4	1	4	6	1	17	1	10	10	2	19	1	1	4	2	5	1	11	9	11	15	189
Humeros completos ou que se fragmentaram no acto da extracção do jazigo	1	1	1	3	1	1	4	3	7	8																						30	
extremidades superiores	2	2	1	3	2	1	3	1	2	2	3	5																				27	
extremidades inferiores (total)	21	1	13	3	2	2	8	7	19	1	19	4	7	17	5	10	11	4	15	12												181	
subadultos com perfuração olecraniana	5	2	1	1	1	5	2	5	1	2	1	3	2	2	1	1																35	
Radios, completos ou quasi	1	1	1	1	2	4	1	1	1	4																						17	
extremidades superiores	11	1	1	1	4	1	3	2	11	13	4	9	6	4	8	3	2	4														88	
extremidades inferiores	9	1	4	2	3	4	1	6	7	4	9	4	1	6	5																	66	
Cubitos, completo ou quasi	1	2	1	6	1																											11	
extremidades superiores	15	1	1	9	9	2	4	10	8	14	2	17	10	10	18	5	2	5	10	14	15											181	
extremidades inferiores	3	1	1	1	1	2	3	4	3	4	2	1	4																			30	
Femurs, completos ou quasi	6	1	2	1	3	4	1	1	7																							26	
extremidades superiores	3	1	2	8	3	7	11	2	10	8	6	5	4	4	5	12	5	11														107	
extremidades inferiores	1	2	2	8	3	3	1	8	1	3	4	6	14	8																		64	
Peroneo, completo ou quasi	1	1																														2	
extremidades superiores	2	2	4	1	1	1	3	1	1	1	3	5																				25	
extremidades inferiores	2	1	4	2	2	2	8	3	5	4	8	1	1	4	2	4	8	7														68	
Tibias, completos ou quasi	5	1	3	2	1	5	2	1	1	7	3	4																				35	
extremidades superiores	1	2	1	2	4	4	4	5	1	1	2	2	5	9	7																	50	
extremidades inferiores	1	2	6	8	5	10	2	6	3	5	4	5	7																			64	
Craneos (quasi completos)	1	1	1	1																												4	
Calote craneana ><	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	2	1	1	5	2	1	2															25	
Ossos do craneo (frontal) grandes fragmentos	2	1	6	3	1	1	1	10	1	13	1	2	1	10																		53	

⁴² É primoroso o trabalho de inventariação dos segmentos anatómicos humanos recolhidos na gruta o qual se deve exclusivamente a Nery Delgado, o qual até à presente publicação era totalmente desconhecido (Fig. 20), revelando uma faceta também ainda quase ignorada da sua actividade científica, pois apenas no respeitante aos restos humanos exumados na gruta da Furninha se lhe conhecia a autoria de exercício semelhante (DELGADO, 1884). O presente exercício, respeitante apenas à quantificação dos restos humanos exumados foi completado pela distribuição dos mesmos pelos diversos sectores escavados e de acordo com as respectivas profundidades de colheita. O quadro assim elaborado apresenta-se de seguida bem como a reprodução do documento manuscrito original (Fig. 21).

base de ossos.

(indivíduos de todos os idades
oude visto até pelos
Was considero os difylogos adultos)

1108	Cranios, fragmentos	137 + 42 + 14 + 4 + 24 + 112 + 26 + 58 + 50 + 19 + 83 + 90 + 30 + 12 + 158 + 41 + 16 + 1
820	dent. inferiores	673 + 23 + 11 + 1 + 1 + 27 + 10 + 2 + 30 + 4 + 2 + 35 + 1
518	caninos	385 + 19 + 3 + 2 + 1 + 2 + 35 + 19 + 2 + 1 + 2 + 18 + 2 + 24 + 3
694	felas maxilas	552 + 27 + 4 + 1 + 40 + 6 + 1 + 2 + 3 + 26 + 1 + 21 + 10
1640	dent. maxilas	1373 + 45 + 8 + 2 + 2 + 8 + 37 + 36 + 25 + 5 + 6 + 51 + 5 + 2 + 7 + 25 + 9
145	claviculas superiores fragmentos	19 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 2 + 4 + 8 + 2 + 6 + 2 + 9 + 8 + 26 + 3 + 7 + 4 + 6 + 1
83	(existencia individual) de individuos	(10 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 6 + 2 + 4 + 1 + 6 + 7 + 10 + 1 + 5 + 3 + 5 + 7 + 10
260	claviculas inferiores fragmentos	51 + 4 + 2 + 6 + 12 + 1 + 8 + 1 + 5 + 6 + 1 + 4 + 1 + 4 + 6 + 1 + 23 + 1 + 13 + 1
82	individuos	(20 + 4 + 2 + 4 + 6 + 1 + 6 + 1 + 3 + 6 + 1 + 4 + 1 + 4 + 6 + 1 + 17 + 1 + 10 + 1
30	Humeros, completos ou quasi completos	1 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 4 + 3 + 7 + 8
27	cost. sup?	2 + 2 + 1 + 3 + 2 + 1 + 3 + 1 + 2 + 2 + 3 + 5
181	cost. inf? (total)	23 + 1 + 13 + 3 + 2 + 2 + 8 + 7 + 19 + 7 + 19 + 4 + 7 + 17 + 5 + 10 + 11 + 4 + 16
25	(cond. d. em separação de uniu)	5 + 2 + 1 + 1 + 1 + 5 + 2 + 5 + 1 + 2 + 1 + 3 + 2 + 2 + 1 + 1
17	Radius, completos ou quasi	1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 4 + 1 + 1 + 1 + 4
88	cost. sup?	11 + 1 + 1 + 1 + 4 + 1 + 3 + 2 + 11 + 13 + 4 + 9 + 6 + 4 + 8 + 3 + 2 + 4
66	cost. inferiores	9 + 1 + 4 + 2 + 3 + 4 + 1 + 6 + 7 + 4 + 9 + 4 + 1 + 6 + 5
11	Cubitos, completos ou quasi	1 + 2 + 1 + 6 + 1
181	cost. superiores	15 + 1 + 1 + 9 + 9 + 2 + 4 + 10 + 8 + 14 + 2 + 17 + 10 + 10 + 18 + 5 + 2 + 5 + 10 +
30	cost. inferiores	3 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 3 + 4 + 3 + 4 + 2 + 1 + 4
28	Femurs, completos ou quasi	6 + 1 + 2 + 1 + 3 + 4 + 1 + 1 + 7
107	cost. superiores	3 + 1 + 2 + 8 + 3 + 7 + 11 + 2 + 10 + 8 + 6 + 5 + 4 + 4 + 5 + 12 + 5 + 11
64	cost. inf?	1 + 2 + 2 + 8 + 3 + 3 + 1 + 8 + 1 + 3 + 4 + 6 + 14 + 8
2	Pernao, completo ou quasi	1 + 1
25	cost. superiores	2 + 2 + 4 + 1 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 1 + 3 + 5
68	cost. inferiores	2 + 1 + 4 + 2 + 2 + 2 + 8 + 3 + 5 + 4 + 8 + 1 + 1 + 4 + 2 + 4 + 8 + 7
75	Tibias, completos ou quasi	5 + 1 + 3 + 2 + 1 + 5 + 2 + 1 + 1 + 7 + 3 + 4
50	cost. sup?	1 + 2 + 1 + 2 + 4 + 4 + 4 + 5 + 1 + 1 + 2 + 2 + 5 + 9 + 7
50	cost. inferiores	1 + 2 + 6 + 8 + 5 + 10 + 2 + 6 + 3 + 5 + 4 + 5 + 7
	brancos (quasi completos)	1 + 1 + 1 + 1
	Calote craneanos	1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 1 + 1 + 5 + 2 + 1 + 2

210
146
917
406
1673
135
687
162
48

Fig. 20 - Gruta da Casa da Moura. Folha autógrafa de Nery Delgado, correspondente à inventariação da totalidade dos restos humanos recolhidos, que permitiu a estimativa do número mínimo de indivíduos tumulados na gruta.

QUADRO 1 – Distribuição dos segmentos anatómicos humanos pelos sectores definidos na escavação acompanhados de informação sobre as respectivas profundidades de recolha.

Ossos humanos	Profundidade	Oso hyoide	Craneos, mais ou menos completos	Calotes craneanos	Abobeda craneana, fragmentos >/<	Maxilares superiores, ind.os diferentes	Maxilares inferiores, ind.os diferentes	Dentes incisivos	caninos	falsos molares	verdadeiros molares	Vertebras: altas	argis	Outras vertebras cervicaes	Vertebras dorsaes	lombares	Sacrum, fragmentos	Coccyx	Sternum, peças diferentes	Costellas, fragmentos	Claviculas, id.	Omopectas, id.	Humeros +/- completos	extremidades superiores	extremidades inferiores	porções do corpo	Cubitus +/- completos	extremidades superiores	extremidades inferiores	porções do corpo	Radios +/- completos	extremidades superiores	
Boca da gruta	2,00				4							1								3				1			1						
a	2,00				1	4	23	19	27	45										7	3	1											
f	0,40					2																				3	1	1	2				
l	0,40				4	1	4							1	7	3	1			1	11	7		5	13		9	3			1		
p	0,40				24		6	11	3	4	8	3	2	2	6	2	1			1	56	12	6		11	9	9	1	4			1	
q	0,80				6		1													15	3	1				2	1	1					
s	0,60						1						1							4	2			2	1	2	2		1			1	
t	0,80				12	1	6		1			1	1	2	6	6				1	6		1	1	2	4	4	1					
u	0,90				2	160	3	21	2		5	2	1	3	34	9	2			4	36	22	13	1	4	15	26	2	6	2	6	2	9
u	1,20				1	26	1	4	1	1	2	1	1	1	2	3				11	9	1	1	2	8	9	2	10	4	1	4		
u	1,50				4	67	6	6		1	2	2	2		2	5	2			3	4	3		1	13	4	8	2	1	1	1		
v	0,80				1	34	6	10	1	2	8			1	13	5	4			1	12	7	4		3	19	5	14	1	1	1	3	
x	0,70				19	2	6	27	35	40	67	1		2	2	2				7	6	3	4		7		1	2				2	
x	1,00						1	10	19	6	25																						
x	1,50				1	37	2	6			1	2	2		8	1	2			6	4	2	3		2	8	2		2	5			
y	0,80					84	4	17	2	1	5	5	1	10	23	25	4			1	52	17	5		2	19	27	17	2	4	2	11	
y	1,30				1	100	7	11		1	2	5	3	2	4	12	8	7		3	66	18	8	1	2	4	22	6	10	3	9	4	3
A	0,30					42	7	12		2	3	1			6	2	1			17	16	4	1	3	7	6	1	10	4	4		4	
C	1,00				2	158	7	24	30	18	26	51	1	1	7	16	11	3		2	26	17	5	4	1	17	24	18	3	4		9	
C	1,30				1	40	5	5	3		1	2	1	2	4	1					2	1		1	5	13	5	1	3		6		
C	1,50	1				17	6	7			3			4	8	9	1			1	16	10	3		4	10	12	2		6		4	
D	0,40				3	1		1								2																	
D	1,00					78	3	11	1	2	4		1	3	4	2	1			1	8	8	1		11	12	5	3		1	8		
D	1,20				6	153	6	12	2	2	1	4	2	1	2	18	7	1			43	10	7	3	2	4	14	19	3		2	7	
D	1,30		1		2	200	7	11	35	23	20	32	1	1	1	8	6	7		21	9	5	7	3	15	7	14	1	1	1	2		
D	1,40				2	7	6	12	1		2	1		2	5	4				11	4	3	5		3	5	1	6	4	2	2		
D	1,80		1																														
E	0,90				1	11							1				1			4	3	1	2		2	4	3			1	4		
E	1,00					23	4						2	1		3	1			1	4	3	5	1	1	4	2	4	1				
3ª lapa	0,40		1		1	115	16	15	1	3	9	3	3	8	13	13	2			4	41	24	18	8	6	12	32	15	4	7	4	4	
3ª lapa	0,50					14	1	4							2	2				3	4	2	1		3	4	3			1	1		
4ª lapa	0,40		1			32	3	2	2	6	3	3	2		4	4				1	3	3	2	2		3	2	1					
Crivo						167	19	42	788	485	667	1689	11	12	27	38	16	1			126	30	13		3	12	19	1	4			11	
						1	44					3	7	13	15	12	3	1	3	32	27	3	1	2	21	12	1	15	3	2	1	11	
Totales		1	4	29	1679	120	268	938	627	802	1973	45	44	96	256	164	45	1	25	650	284	121	46	42	236	279	16	234	39	72	29	109	

extremidades inferiores	porções do corpo	Ossos do corpo	Metacarpos	Phalanges da mão	Ossos iliacos, fragmentos	Femur +/- completos	extremidades superiores	extremidades inferiores	porções do corpo	Tíbias	extremidades superiores	extremidades inferiores	porções do corpo	Peroneos	extremidades superiores	extremidades inferiores	porções do corpo	Rotulas	Calcaneos	Astragalos	Outros ossos do tarso	Metatarsos	Phalanges do pé	Ossos longos ind. Fragmentos	Lascaas id.
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26
1	1	3	6	1			2	8			1		2			7		2	1			5		4	13
4	16		34	17	6		8	2	20			2	17		2	4	15	4	2	11	1	27	9	42	70
	2		2														3					7	2	15	15
	1		2	2			4		1	1			5			1			1	1		4		8	8
6	9	2	9	9	5		5		5		3	5			2	2	2	2	3	5	2	16	7		
2	2	2	23	12	17	1	12	4	38	2	2	4	18		2	5	19	9	11	20	14	56	5		
3			8	4	4		3	2	8	3	1	3	3	1	4		4	6	5	9	11	1	20	10	
4	4	1	10	2	6		7	2	39		2	6	18		2	8	2	7	8	3	13	4	23	11	
1	1	1	14	15	14		11	8		2	4	8		1	8	1	5	7	8	8	8	16	7	52	7
			7	34	2		2		7	1			8		3	7	3	1	4	1	13	27	37	9	
			11																			15			
2	1		7	2		2	3	1	13			6	8		1	3	2	1	2	4	3	11	2		
6	16	2	20	23	16		10	3	17		4	5	23		1	5	5	10	13	17	13	36	13	100	53
7	2		25	17	10		8	3	16	5	4	10	14		1	4	2	4	17	15	10	45	2	75	50
4	8	1	15	22	4	1	6	1	17		5	2	20	1	3	8	14	3	8	12	11	35	19	22	19
9	21	6	17	48	10	2	5	8	56	2	1	6	31		1	1	32	11	8	10	10	30	22	17	17
	3	2	15	8	1	1	4	4	13		1		7		1	8	2		2	5	12	1	6	8	
2	9	1	7	12	6	1	6	3	20	2	2	3	15		4	7		7	6	9	22	1	14	10	
			9	8	6		5	4	4	1	2	5	5		1	2	1	2		8	2	11	3	85	10
4	4	1	20	5	6	4	14	8	12	1	8	5	8		1	5	18	5	4	11	8	45		64	53
6	5	2	10	55	15	1	9	14	25	7	9	5	23		3	8	2	6	11	11	2	17	30	60	20
1	2	2	10	12	3	1	3	2	10	2			8		1	2	3	3	1	2	5	15	3		
			9	1	1																				
	2	1	7	1	1		1	4			2	2	5				1		1		1	3			
1	2		5	3	5	1	7	2	6	1		4	9			2	4	1	3	5	1	2			
5	14	4	45	41	12	8	11	8	44	3	7	11	37		5	7	25	6	10	12	21	52	22	18	24
1						1	1	1	4			1	7			1	2	3	3						
2	2		9	11	3	1	2	2	1	1	4	1	1		1	2	6	1	2	3	2	10	3		
7	24	3	116	66	15	3	4		3		1	1	2		2	4	41	24	18	20	62	181	48	10	136
9	5	64		678	12		6	1	25	5	2	2	29		2	2	5	16	5	19	55	96	509	65	40
89	163	95	452	1119	179	28	154	84	416	39	65	89	336	2	32	86	241	128	152	223	260	794	755	726	632

Correspondia aqui a grande sanja que se abriu em 1866, e por isso os ossos humanos e restos de industria eram aqui mais raros. Não assim na parte posterior ou no fundo da gruta que estava intacta.

Folha 6 (22,1,1x32,4 cm), marca de água “Almasso Sobreirinho / Thomar”, 1 página

Coletor Mig.el Pedroso = 1880

Casa da Moura

Seria muito interessante, se fosse possível fazel-o, determinar o numero de individuos humanos cujos restos tem sido encontrados nesta gruta; mas sem podermos fixar rigorosamente este numero podemos afirmar que não havia até espaço para enterrar um tão grande numero de cadaveres, como é revelado pela quantidade dos dentes e dos maxillares inferiores, porem: o mesmo diremos a respeito dos restos de coelho, que não poderam por ali entrar por causas naturaes, e que representam portanto, tão bem como aqueles, os restos de festins ou refeições habituaes dentro da gruta.

Notei a desproporção dos ossos, que não representam nenhum esqueleto completo e ao contrario indicam um grande numero de individuos, a idea dos sacrificios humanos dentro da gruta, e ainda menos a dos enterramentos com n'um cemiterio, pode admitir-se.

Nenhum objecto de metal descoberto nesta gruta, a não ser a pequena flecha de cobre e o alfinete de toucado (?) (acrescento a tinta preta, corrigido por inscrição a lápis que diz: a ponta da flecha) que existe no Museu da Escola Polythecnica. O fim da epoca da pedra polida, é pois bem caracterizado, parecendo mesmo (43) que pela formação dos possantes jazigos cupriferos do Alemtejo e da provincia da Huelva, este metal fosse conhecido desde remotissima epoca no Ocidene da Peninsula pyrenaica.

A mistura de restos de especies quaternarias com os ossos humanos no entulho superior pode explicar-se, e compreender-se mui bem, porque aquelles restos existissem já nas areias superiormente ao banco stalagmitico, quando a gruta foi occupada na epoca neolithica. Por este motivo tambem elles só foram encontrados na base do entulho superior, que em parte pode ter ali sido articialmente introduzido.

Na primeira exploração (1866) tinha sido reconhecida uma grande porção de entulho, e removido de um para outro ponto da gruta. Isso difficultou um pouco o trabalho agora, porque inevitavelmente appareceram misturados alguns restos humanos com os ossos de animaes, pertencentes devidamente a dois (44) epocas diferentes.

Além disso como o banco stalagmitico é coberto pelas areias e continuo, e não é possível parar o golpe do picarete precisamente no limite das areias vermelhas, em partes menos fortemente cimentadas, seguindo-se os ossos de animaes (coelho, principalmente) aos ossos humanos, forçosamente n'alguns pontos devia de haver mistura nos objectos achados nos dois depositos.

A melhor prova de que as areias e pedras do entulho superior foram ali introduzidas posteriormente, e pouco a pouco, extendendo-as sobre o manto stalagmitico, muito provavelmente para tornarem a entrada na gruta mais facil e o frio dentro d'ella mais macio, está em que não se descobrem na sala interior, onde tambem faltam ou são mui raros os restos humanos, existindo pelo contrario o manto stalagmitico por toda a parte. Poderia lembrar que essa areia (se ali existiu outr'ora) se escapasse pelo fojo junto à parede N. da gruta; mas

⁴³ Da gruta da Casa da Moura conhecem-se duas peças metálicas, ambas presentemente conservadas no Museu Nacional de Arqueologia, que correspondem às que o autor aqui refere e que resultaram das escavações de 1865/1866: trata-se de uma ponta Palmela e uma “alène” ou punção, de contorno losanguico dos finais do Calcolítico /inícios da Idade do Bronze, já devidamente estudados (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 62, n.º 4 e 5). A cronologia de ambas as peças fora atribuída correctamente pelo autor ao “final da época da pedra polida”. Ambos os artefactos foram encontrados nas escavações de 1865/1866 (DELGADO, 1880, p. 246) e encontram-se reproduzidos numa das folhas litografadas então efectuadas (CARREIRA & CARDOSO, 1996, Fig. I. E, n.ºs 1 e 6).

⁴⁴ Esta observação corrobora a conclusão de que os trabalhos efectuados em 1865/1866 tinham como objectivo essencial a exploração do depósito plistocénico, não removendo da gruta os depósitos mais modernos, mas simplesmente collocando-os noutros locais da mesma.

até á profundidade onde poude descer-se (uns 40^m) não mostra o menor vestigio d'ellas, alem de que o fundo da gruta é irregularissimo para que ellas podessem para ali correr. Todavia as aguas que entram pelo ouvido somem-se escapando-se pelo fojo, mas não entrando pela boca.

Folha 7 (21,8,1x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

páginas manuscritas

Etiqueta nº 13 Letra A Profundidade – ?

Restos humanos – 12 fragmentos pequenos da abobada craneana, e um fragmento do occipital um pouco maior em que a linha curva superior forma um cordão ou crista mui saliente, e em que as fossas cerebraes são muito fundas, e que alem disso mostra uma grande espessura. Este fragmento é ainda notavel porque o tufo calcareo o envolveu, mostrando portanto evidentemente que a fractura é muito antiga. 2 fragmentos (ramo direito) de maxillares inferiores, um de infante. Carpo – Trapezio, 1 incompleto Metacarpos – 6 (sendo 3 primeiros). Phalanges da mão, 14. Rotula, 1 pequena Tibia, epiphyse solta da extremidade superior. Tarso – Calcaneo, 3. Astragalo, 5. Scaphoide, 2. Metatarsos, 6 (sendo 2 primarios). Phalange do pé, 9 (sendo 4 primeiras da 1^a serie).

Ethnographia – Raiz de um dente canino, com a superficie gasta e polida em duas faces planas, uma das quaes interessava a coroa do dente, onde havia um orificio de suspensão, mas quebrado infelizmente nesta parte. Era certamente destinado a ser usado em collar, ou como amuleto. 30 pequenos fragmentos de louça grosseira negra, lisa, amassada à mão, pertencentes a 14 ou mais pequenos vasos diferentes, geralmente de fundo ± abaulado, mas trez de fundo chato.

Restos animais – Fragmento de maxillar superior de *Sus*. Fragmento de maxillar inferior de *Sus*, individuo velho. 1^o incisivo de *Bos*? Parte inferior sem a epiphyse de (canon) metatarso de Ruminante (*Ovis*). Tibia de *canis*; quasi da estatura do lobo. Epiphyse solta da extremidade inferior de tibia. Astragalo de *Bos*? Metade de um metatarso de Ruminante (*Bos*?) fendido longitudinalmente. Apophyse de uma grande vertebra. 4 dentes caninos de *Canis*. Dente canino de *Canis*? Pequena especie. Porção de maxillar inferior de *Canis*, com o dente canino e os dois premolares anteriores. 3 dentes caninos de *Felis*, pertencentes a 2 especies talvez, uma de pequena estatura. Atlas de *Canis*, provavelmente *C. lupus*. [das areias inferiores]. Tibia de *Canis*? da estatura do lobo [Id.]. Osso iliaco incompleto [Id.]. Metatarso, fragmento [Id.]. Phalange, pequena [Id.?]. Humerus de Ave [Id.?]. 2 femurs de coelho [Id.]. 2 tibias de coelho [Id.]. Tibia de Lebre, mais forte que a da lebre actual [Id.]. Radio de..... metade inferior. [Id.]

Folha 8 (21,4,1x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Etiqueta nº 36 Letra A Profundidade – 0,30^m

Restos humanos – 30 fragmentos de abobada craneana, não podendo dar idea da forma dos craneos, que todavia podem pertencer a duas raças diferentes pelo menos, pois que alguns fragmentos são de enormissima espessura, e pela comparação com os de outras partes da gruta deveremos suppor que eram de cabeças muito pouco desenvolvidas. – A base de um osso frontal, talvez desta mesma raça, tem as bossas nasaes e arcadas supraciliares enormemente desenvolvidas. – A porção superior de um occipital não mostra o menor vestigio de protuberancia occipital externa nem da linha curva superior contigua. – Alguns ossos temporaes mostram umas apophyses mastoideas tambem enormes. Maxillares superiores reunidos quasi completos e malar direito de um individuo ainda novo, pois que mostra a corôa dos dentes pouco gasta. 6 maxillares incompletos ou frag-

mentos, todos de individuos diferentes. Um d'elles queimado. Maxilla inferior de infante, incompleta, na muda dos dentes. Maxilla com os alveolos quasi fechados, e sem nenhum dente, muito notavel. Maxilla de adulto incompleta, ramo esquerdo horizontal e parte do arcudente: 10 fragmentos de maxillares inferiores pertencentes a 7 individuos pelo menos, e mostrando muitos d'elles claramente a fractura intencional ou exercida de proposito. Dente soltos: caninos, 2 Falsos molares, 3 Verdadeiro molar, 1 com uma raiz fortissima. Vertebrae dorsais, 6 Lombares, 2. Sacrum, fragmento (de infante). Costellas, 17 fragmentos. Claviculas, 2 completas, e mais 14 incompletas ou fragmentos. Omoplatas, 4 incompletos (3 de infantes). Humero, 1 completo 3 extremidades superiores com uma porção do corpo 7 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, e destas só uma com perfuração olecraneana. 6 porções do corpo (1 superior e 3 inferiores). Cubito, 1 completo 10 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo. 4 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo 3 porções superiores do corpo porção central do corpo de outro osso. Radio, 4 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo 4 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo (uma de criança) corpo inteiro de 1 exemplar 2 porções superiores do corpo (1 de criança ou feto) 5 porções médias. Metacarpos, 9 pela maior parte de infantes e sendo 1 primeiro muito delgado, mostrando a existencia de uma raça com as mãos compridas e muito estreitas. Phalange da mão, 8. Ossos iliacos, 4 fragmentos pertencendo a 3 ossos diferentes pelo menos (1 d'elles quasi completo). Femur, 1 quasi completo, ao qual só falta a extremidade superior que se partiu na extracção 6 extremidades superiores com parte do corpo (2 de infantes), e 1 epiphyse solta da cabeça 1 extremidade inferior 4 porções superiores do corpo, 2 porções inferiores, 4 quasi inteiras, e 7 fragmentos menores. Rotulas, 2. Tibia, 5 extremidades superiores (1 de criança e outra de infante) 2 extremidades inferiores, de infantes, sem as epiphyses 20 fragmentos maiores ou menores do corpo (1 quasi completo de criança). Peroneo, 1 quasi completo ao qual falta só a extremidade inferior 3 extremidades superiores 8 extremidades inferiores 14 porções do corpo (1 quasi completo). Tarso – Calcaneos, 5. Astragalos, 7. Scaphoide, 1. 1.º s. cuneiformes, 3. 3.º cuneiforme, 1. Cuboides, 3. Metatarsos, 29 (sendo 11 primeiros). Phalange do pé da 1.ª serie, 10 (sendo 6 primeiras), 22 fragmentos de ossos longos, pela maior parte pequenos, excavados, lascados, esmagados. 19 Lascas de ossos longos, pela maior parte pequenos, excavados, lascados, esmagados.

Ethnographia – 57 fragmentos pela maior parte muito pequenos de louça de barro grosseiro de pasta negra, lisa ou com desenhos simples a traço, pertencendo a 18 vasos diferentes, pelo menos, todos de pequenas dimensões. Muitos dos fragmentos apresentam na fractura e mesmo na superficie aquelle ou perto porphyroide caracteristico, produzido pela adjução de pequenos cristaes lascados de spatho calcareo, que adicionaram ao barro para lhe demorar a seção, isto é, para que não seccasse tão depressa, e permittir o desenharem sobre ella. Outros, de pasta mais fina, não encerram estes detritos spathicos, ou encerram-os muito attenuados, mostrando portanto uma textura uniforme. Quanto à côr são negros em toda a espessura, ou vermelha n'uma ou em ambas as faces, e com maior ou menor espessura conforme o calor que receberam. Muitos dos fragmentos mostram alem disso uma pintura vermelha a negra, na superficie, feita com uma pasta fina, que lhe alisava a superficie mostrando mesmo um certo brilho. (45)

Celt de amphibolite com 0,085^m de altura e 0,045^m de largura no gume.

Fragmentos de 3 celts diferentes de schisto silicioso negro e cinzento-anegrado.

Fragmento de uma placa de ardosiã com desenhos n'uma das faces e dois orificios de suspensão.

⁴⁵ Metodologicamente inovadora é também a quantificação do número mínimo de vasos cerâmicos com base no número total de fragmentos recolhidos, evidenciando rigor e qualidade frequentemente inexistentes ainda hoje na prática arqueológica.

Ponta de lança de silex esbranquiçado de forma triangular não perfeitamente isosceles, polida nas duas faces e com o contorno dentado. Esta peça, menos perfeita que outras obtidas n'esta gruta, é todavia mui bella: está quebrada na ponta, mas mediria completa, 0,108^m de altura, e 0,060^m na base.

Fragmento de uma massa alongada de calcareo finamente granular (marmore) branco. Devia ser polida na superficie, mas as aguas aciduladas cahindo do tecto da gruta e formando o tufo e stalagmites danificaram-na muito. Era certamente uma insignia, ou bastão de mando.

Seixo muito rolado de schisto silicioso (phtanite) com duas faces planas, incrustado de calcareo, pertencente talvez às areias inferiores.

Restos animais – Costella (fragmento) de grande Ruminante. Extremidade inferior (poulie) de metatarso de Ruminante, menor que o boi. Pequeno fragmento de extremidade inferior de cubitus. Phalange do pé de um borrego (*Ovis*). Tibia, extremidade superior e inferior de *Lepus cuniculus* [das areias inferiores]. Femur, 2 extremidades superiores de *Lepus cuniculus* [das areias inferiores]

Folha 9 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Etiquetas nº 10 e nº 20 Letra C Profundidade – 1,0^m

Restos humanos – 158 fragmentos da abobada muitos d'elles grandes, e deixando conhecer a forma do frontal, da protuberancia occipital, alguns de enorme espessura. Um parietal esquerdo mostra vestigios de fractura violenta n'uma parte da pancada que recebeu e o fez estalar Maxillares superiores reunidos, mas incompletos de 7 individuos, um d'elles sobretudo notavel pelo modo de gastamento dos dentes, que mostram um gume curtante em aresta exterior. 12 fragmentos menores, alguns muito pequenos, de maxillares superiores. 4 maxillas inferiores incompletas, e 22 fragmentos de outras pertencendo a 19 individuos pelo menos. Dentes soltos: incisivos, 30 caninos, 18 falsos molares, 26 verdadeiros molares, 51 (destes não tendo sahido dos alveolos 15). Atlas, 1. Axis, 1. Vertebrae cervicaes, 4 dorsaes, 15 lombares, 11. Sacrum, 3 fragmentos de diferentes. Sternum, 2 corpos diferentes. Costellas, 26 fragmentos. Claviculas, 16 fragmentos e sendo 7 quasi completas. Omoplatas, 4 fragmentos diferentes. Humeros, 4 completos ou que se quebraram no acto da extracção do jazigo [Só em 3 exemplares existia a perfuração olecraniana] 17 extremidades inferiores, muitas com grande porção do corpo 1 epiphyse solta da cabeça corpos de 7 exemplares, aos quaes só faltam as extremidades 17 fragmentos do corpo maior ou menor. Cubitos, 18 extremidades superiores, dum d'elles com o corpo quasi inteiro 3 extremidades inferiores 4 porções maiores ou menores do corpo. Radio, 9 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo, e dois d'elles quasi completos 9 extremidades inferiores, um d'elles com o corpo quasi completo, faltando-lhe só a extremidade Corpo de um exemplar, e fragmentos maiores ou menores de outros 20. Carpo – Scaphoide, 3. Pisiforme, 1. Grande osso, 1. Osso ????, 1. Metacarpos, 17 (sendo 2 primeiros). Phalanges da mão, 46. Osso iliaco, 19 fragmentos pertencentes a 8 ossos diferentes pelo menos. Femur, 1 completo e outro quasi completo, faltando-lhe a extremidade superior, que se partiu na extracção extremidades superiores, 5. 1 epiphyse solta da extremidade inferior. Femur extremidades inferiores, 8 com uma porção maior ou menor do corpo, e uma d'ellas com o corpo quasi todo. Corpo inteiro de 2 exemplares (um d'elles com cicatrizes de 7 feridas!) e 54 fragmentos maiores ou menores do corpo. Rotulas, 11. (46)

⁴⁶ Ver nota (39).

⁴⁷ Ver nota (39).

Tibias, 1 completa e outra à qual só falta a extremidade inferior, talvez quebrada no acto da extracção. 1 extremidade superior com a metade do corpo. 6 extremidades inferiores (1 de infante sem a epiphyse) e 1 epiphyse solta. 31 fragmentos maiores ou menores do corpo (3 d'elles quasi completos). Peroneo, 1 extremidade superior 1 extremidade inferior 32 fragmentos maiores ou menores do corpo, 1 d'elles completo e outro quasi completo. Tarso – Calcaneos, 8. Astragalos, 10. Scaphoides, 4. 1.º cuneiforme, 2. 3.º cuneiforme, 1 (de dimensões extraordinarias). Cuboide, 3. Phalange do pé, 22 sendo 5 (do dedo grande) primeiras da 1ª serie. Metatarsos, 30 (sendo 10 primeiros). 17 Fragmentos de ossos longos indeterminados, quebrados intencionalmente pela maior parte. 17 Lascas de ossos longos.

Ethnographia – Taça incompleta de barro grosseiro negro feita à mão, de forma de pequena calote spherica e espessura muito desigual, com 0,117^m de diametro na boca e 0,035^m de altura interiormente. A pasta é grosseira, a negra com pontos brancos, de grãos arenosos e de spatho calcareo que incerra a que o fabricante adicionou à pasta para demorar a sazão do barro. Exteriormente mostra tambem a côr negra, mas a superficie lisa, porque depois de feito o vaso, ordinariamente, ou sempre, o barravam com o mesmo barro fino diluido em grande porção d'agua ou formando uma pasta branda. A cor avermelhada, que apresenta n'algumas partes da superficie, especialmente na face externa e proximo da borda é devida a um começo de cozedura que soffreu, antes de receber a velatura (pintura ligeira) a negro, que lhe foi dada certamente a quente para agarrar. A louça era certamente seca na fogueira, o que lhe dava um calor incerto, e por isso umas vezes a cor vermelha corresponde à face interna do vaso, outras vezes à face externa. (48)

41 fragmentos de muitos outros vasos de superficie lisa, e de grandezas e formas diversas, das quaes podem reconhecer-se 8 pelo menos. Um fragmento, que pertencia a um vaso de fundo chato e apresenta claramente os vestigios da roda n'uma serie de sulcos paralelos poucos fundos, que foram produzidos com a cabeça dos dedos. (49)

Alguns fragmentos estão fortemente carregados de detritos spathicos, alem de grãos arenosos que a pasta sempre ou quasi encerra. Ordinariamente apresenta a côr negra na superficie, ou o vaso tivesse recebido ou não em começo de cozedura; mas um fragmento, que na fractura fresca mostra que o calor que recebeu internamente foi bastante para a côr vermelha atravessar quasi metade da espessura do vaso (a espessura total é de 0,009^m, sendo 0,005^m preto e 0,004^m vermelho) e os detritos de spatho calcareo coseram ao ponto de se transformarem em cal, recebeu pelo contrario uma velatura de cor vermelha internamente e amarellada, exteriormente, senão foi a mesma pintura que tomou diversas combiantes de cor sendo dada sobre a superficie quente do vaso preta e vermelha.

3 fragmentos de louça com desenhos a traços finos paralelos, em que a cozedura e pintura a negro posterior é manifesta. Pertenciam à borda de 3 vasos diferentes.

Pequena bola de calcareo branco em 0,039^m de diametro, incrustada de uma delgada capa de calcareo stalagmitico.

Celt de nephrite de cor branca variegada de cinzento, parecendo ter tido muito uso – 0,060^mx0,050^m

Celt de schito silicioso cinzento anegrado alterado na superficie – 0,103^mx0,056^m

⁴⁸ Esta observação é interessante, revelando interesse pela tecnologia primitiva da produção cerâmica. Na verdade, a coloração mais ou menos vermelha ou negra das superfícies externas e internas dos recipientes tem a ver com o ambiente mais ou menos oxigenado do ar no interior forno, relacionado com a temperatura atingida pelo mesmo.

⁴⁹ Não se trata da roda do oleiro tradicional, mas do que se tem usualmente chamado montagem com “torno lento”, em que a peça era rodada numa base giratória à medida que se armava o barro com os dedos, como muito bem o autor observa. Outra observação importante consiste na composição mineralógica das pastas, que, sendo pioneira, se explica pela formação geológica do autor.

Celt de anfíoblite? – 0,125^mx0,040^m

4 pontas de flecha elegantíssimas de sílex branco, cinzento, amarelado e avermelhado, todas de forma sublosangular, com uma face plana, e mui finamente denteadas nos bordos.

Faca de sílex cinzento de secção triangular, inteira, com os dois gumes estragados (cheios de moussas) pelo uso. Comprimento 0,124^m; maior largura ao meio, 0,019^m

Faca de sílex cinzento incompleta, também de secção triangular, denteada irregularmente nos bordos: 0,080^mx0,017^m

Fragmento de outra faca muito larga de sílex cinzento claro, também estalada nos bordos pelo uso. Este fragmento mede 0,057^mx0,023^m.

Raspador de sílex ou faca de um só gume formada de uma lasca de sílex acastanhado tirada da parte exterior de um rim. Mede 0,060^m por 0,024^m na sua maior largura.

Lasca de quartzite avermelhada, tirada de um calhao lascado, e depois rolado.

2 seixos rolados de quartzite.

Restos animais – 2 lascas de defesa de javali. Dente canino de *Felis*. Fragmento de maxilar com 2 dentes molares, e um molar solto de *Capra* ou *Ovis*, muito nova. Atlas de *Canis* (provavelmente de *Canis Lupus*). Radio de Cubito de, parte superior, de espécie de grande estatura. 4 metatarsos de pequeno Ruminante, e novo. 7 falanges de pequeno Ruminante, uma d'ellas todavia maior que as do carneiro. Radio? parte superior [provavelmente das areias inferiores]. Tibia e humeros de coelho (*L. cuniculus*) [provavelmente das areias inferiores]. Lasca de osso longo de grandes dimensões com as arestas bobadas, podendo ter servido a algum uso. Sacrum (pelvis) de ave?

Folha 10 (21,5x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

1 página manuscrita

Etiqueta nº 15 Letra C Profundidade – 1,0^m (proximo do manto stalagmitico) (Fig. 22)

Restos humanos – Calote craneana compreendendo o frontal quasi completo, o parietal e temporal direitos, e parte do occipital e do parietal esquerdo. Metade anterior incompleta de cabeça compreendendo quasi a maior parte dos ossos da face e o frontal, pertencente a um individuo adulto. Maxilla inferior muito provavelmente (quasi certo) pertencente ao mesmo individuo, incompleta. Parte do temporal esquerdo (rochedo) com o orificio auditivo, provavelmente pertencente a um dos craneos precedentes. Vertebrae cervicais, 3 dorsal, 1. Omoplata, incompleta. Clavicula, fragmento. Falanges da mão, 2.

Ethnographia – 4 facas de sílex cinzento com os bordos denteados, destinadas a servir de serra, de 0,097^m – 0,095^m – 0,071^m e 0,054^m de comprimento. Raspador de sílex cinzento. Nucleo de sílex cinzento. 2 celts belissimos de schisto silicioso cinzento-anegrado, e fragmentos de 2 outros. Celt (goiva lisa) de schisto anfíbólico. Celt de forma (machado) de schisto. Fragmento de uma placa de grés fino superficie de forma regular com a superficie lisa e os lados arredondados. Pequeno fragmento de louça grosseira lisa, amassada à mão. (50)

⁵⁰ O autor confere à descrição dos artefactos que doravante são por si apresentados assinalável detalhe, tanto no respeitante à morfologia, como à natureza da matéria prima, funcionalidade e dimensões, o que comprova que este trabalho se destinava a publicação, afastando-se do que seria esperável em um simples relatório. Deste modo, com base na caracterização apresentada, muitas das peças são identificáveis entre as estudadas e desenhadas na monografia dedicada o estudo dos espólios pós-paleolíticos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), como é o caso das pequenas bolas de calcário branco, atrás mencionadas das três registadas naquela publicação (op. cit, Fig. 59, n.ºs 2, 3 e 4). Outro exemplo é o da goiva recolhida (também designada por “celt”, tal como os machados, facilmente identificada entre os espólios estudados e desenhados (op. cit. Fig. 10, n.º 4).

Letra C.

Etiqueta n. 10

Profundidade — 1,0 (próx: do manto stalagmítico)

Partes humanas. — Calote crânica incompleta e frontal quasi completo, o parietal e temporal direitos, e parte do occipital e do parietal esquerdo.

{
 ellidade anterior incompleta do calice, comprimento quasi ~~total~~ parte de
 opon do face e o frontal, pertencente a um individuo adulto.
 Mandibula inferior int. preservada (quasi completa) pertencente ao ~~o~~ individuo, incompleta
 parte do temporal esquerdo (oculto) com o ~~o~~ officio auditivo, preservado. pertencente
 este a um do crânios precedentes.

Nastetras curvatas, 3

dorsal, 1

Embofata, incompleta

Clavicula, fragmento

Phalanges do nariz, 2

Estuvas

Ethnographica — 4 peças de sílex cinzento com os bordos denteados, destinadas a servir de punção de ~~o~~ 0,897 — 0,895 — 0,871 e 0,854 de comprimento.

Raspador de sílex cinzento

Nucleo de sílex cinzento

2 celtos belfepinos de sílex siliceo cinzento amarelado, e fragmento de 2 outros.

Celt (quasi ~~fixo~~) de sílex amphibolico.

Celt de forma ordinaria (arrachado) id.

Fragmento de uma placa de grão fino micaceo de forma regular com a superficie lisa e os lados arredondados.

Pygmaeus fragmento de lanca grossa lisa, amarelado a verde.

Etiqueta n. 7

Bola de grão fino de 0,116 de diametro

Celt de sílex siliceo cinzento escuro, e metade de outro.

3 celtos de sílex amphibolico, um d'elles int. fido, talvez incompleto.

Fig. 22 — Gruta da Casa da Moura. Reprodução do original autógrafo de Nery Delgado de uma das folhas do inventário descritivo da totalidade dos espólios recolhidos em cada um dos sectores previamente definidos com indicação das respectivas profundidades de colheita: no caso trata-se das recolhas efectuadas no sector correspondente à Letra C e à profundidade de 1,0 m, próxima do manto stalagmítico.

Etiqueta nº 7

Bola de grés fino de 0,116^m de diametro. Celt de schisto silicioso cinzento escuro, e metade de outro. 3 celts de schisto amphibolico, um d'elles muito forte e talvez incompleto.

Folha 11 (21,6x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Etiqueta nº 27 Letra C Profundidade – 1,30^m

Restos humanos – calote craneana compreendendo parte do frontal e dos dois parietais, de individuo muito adulto, pois que tem as ruturas de junção bastante desvanecidas, e talvez de mulher attendendo à pouca espessura dos ossos. É singularmente notavel este exemplar pela depressão do frontal, dobrado quasi a angulo recto logo acima das bossas frontaes, o que diminue consideravelmente a capacidade do craneo. Alem disso veem-se nesta calote evidentes vestigios de fractura violenta e intencional, tendo recebido uma forte pancada no parietal direito, que parece resvalou sobre este osso dirigindo-se obliquamente para o frontal segundo indica uma serie de covinhas e a escoriação do tecido compacto do osso. 40 fragmentos de craneo pela maior parte pequenos, e alguns resultando a fractura intencional. 2 maxillas superiores incompletas sem os dentes, e 3 pequenos fragmentos. Maxilla inferior incompleta muito forte de individuo muito adulto a velho, notavel pela extraordinaria espessura. 2 outras maxillas incompletas de adultos. 2 fragmentos diferentes, uma de criança. Dentes soltos: incisivos, 3 falso molar, 1 molares verdadeiros, 2. Vertebrae = Atlas, 1. Axis, 2. Vertebrae cervicaes, 2 dorsaes, 4 lombar, 1. Claviculas, 2. Omoplata, 1 fragmento. Humero, 1 extremidade superior, e a epiphyse solta de uma cabeça. 5 extremidades inferiores (2 com perfuração olecraneana, um muito grande, e 2 de criança e infante) 2 corpos completos 3 porções superiores do corpo 8 porções inferiores do corpo. Cubitus, 5 extremidades superiores (1 de criança) 1 extremidade inferior 3 porções do corpo. Radio, 6 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo 3 porções do corpo (um quasi completo). Carpo – trapezio. Osso cuneiforme. Metacarpos, 15 (2 primeiros, e 2 de criança). Phalanges da mão, 8. Osso iliaco, 1. Femur, 1 completo 4 extremidades superiores (1 de infante e 2 de adolescente) 3 epiphyses soltas inferiores, de adolescentes, e 1 extremidade inferior de infante (rapariga) 2 corpos completos 3 porções inferiores do corpo e 8 fragmentos. Rotulas, 2. Tibia, 1 extremidade superior de infante 1 corpo completo de forma dita lame de sabre 6 fragmentos diferentes do typo precedente e da forma ordinaria. Peroneo, 1 extremidade inferior 8 fragmentos maiores ou menores do corpo. Tarso – Astragálos, 2. Scaphoide, 1. 1.º cuneiforme, 3. 2.º cuneiforme, 1. Metatarsos, 12 (3 primeiros, e 2 de criança). Phalanges do pé, 1. Fragmentos de ossos longos indeterminados, todos roídos, e um d'elles excavado interiormente, 6. Lascas ind., 8. 1 fragmento de craneo e 1 lasca tendo soffrido a acção do fogo. (51)

Restos de animais – Dente molar de pequeno Ruminante. Cubito, parte superior. Metacarpo, parte superior. Vertebrae, 2 de um pequeno carneiro, provavelmente. Phalanges da mão, 2 (1 ????)

Humero de ave (das areias inferiores ?). 2 lascas de osso muito fortes.

Vertebra de *Canis* (das areias quaternarias ?)

Ethnographia – Faca de silex cinzento com os bordos denteados para servir de serra – 0,074^mx0,018^m de secção trapezoidal. Faca de silex cinzento-azulado claro, de secção triangular com os bordos cortantes

⁵¹ Uma vez mais, menciona-se fractura intencional entre os fragmentos de crânio, em resultado de violência. Ver nota (39).

⁵² A menção à acção do fogo é aqui pela única vez referida. É possível que se relacione com rituais funerários, tal como os identificados na Lapa do Fumo, em contexto sepulcral do Neolítico Final, de cronologia idêntica à destes (SERRÃO & MARQUES, 1971).

– 0,070^mx0,013m. 75 cacos de louça mais ou menos grosseira lisa e com desenhos simples, pertencendo a 18 ou 20 vasos diferentes, pelo menos. Dois fragmentos talvez pertencentes ao mesmo vaso, que seria de grandes dimensões, tem cada um uma aza para suspensão. Um outro pequeno fragmento tem um pequeno orifício circular. Um outro apresenta uma ornamentação em serie de semicirculos concentricos e mal traçados apoiando-se na borda do vaso. Enfim outros apresentam uma combinação de traços finos e outros traços mais fundos e grossos, ou traços e pontos impressos. Pingente de azeviche de forma subtriangular com um orifício de suspensão. (53)

**Folha 12 (21,6x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas
Etiqueta n° 33 Letra C Profundidade – 1,50^m**

Restos humanos – Frontal incompleto com a bossa nasal e as arcadas supraciliares e orbitarias muito grossas e salientes. 16 fragmentos pequenos de abobada craneana. Maxillares superiores quasi completos de um adolescente, no qual estavam para romper os ultimos molares. Maxillar esquerdo superior incompleto sem nenhum dente, com o osso molar aderente. 3 fragmentos de maxillar superior direito. 1 fragmento de maxillar superior de criança com um só molar de leite. Dentes soltos: 3 molares verdadeiros. 2 maxillas inferiores incompletas 6 fragmentos de 5 exemplares diferentes, pelo menos.

Osso hyoide, de individuo novo. Vertebrae cervicaes, 4. Vertebrae dorsaes, 8. Vertebrae lombares, 9. (54)
Sacrum, 1 fragmento. Manulvio, fragmento. Costellas, 16 fragmentos, alguns muito fortes e de grandes dimensões. 4 claviculas (uma de feto) e mais 6 fragmentos diferentes. Omoplatas, 3 incompletas. Humero, 2 extremidades superiores com parte do corpo, e 2 epiphyses soltas da cabeça. Humero, 10 extremidades inferiores com parte do corpo, nenhuma com perfuração olecraniana. Humero, 4 corpos de humanos, aos quaes faltam só as extremidades. Humero, 8 fragmentos do corpo desde 0,06^m até 0,14^m de comprimento, sendo trez da parte superior. Cubito, 2 extremidades superiores, uma junta ao corpo quasi inteiro. 5 porções superiores do corpo. Porção inferior do corpo de outro exemplar. Radio, 4 extremidades superiores com uma porção do corpo. 2 extremidades inferiores com uma porção do corpo. 5 porções superiores. 4 porções do corpo maiores ou menores. Carpo – Grande osso da mão esquerda. Metacarpos, 7. Phalanges da mão, 12. Osso iliaco, 6 fragmentos pertencentes a 4 ossos diferentes, pelo menos. Femur, 1 completo e 2 quasi completos ao qual falta a extremidade inferior. 4 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo, 1 cabeça e 1 epiphyse solta da cabeça. 3 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, e 1 epiphyse solta. 9 porções superiores (2 com o corpo quasi completo). 3 porções inferiores. 8 porções do corpo maiores ou menores. Tibia, 1 completa e outra de infante, ao qual falta a extremidade inferior. 2 extremidades superiores e 1 epiphyse solta. 3 extremidades inferiores (2 com o corpo quasi completo). 15 porções maiores ou menores do corpo. Peroneo, 4 extremidades inferiores. 1 grande porção do corpo, e 6 fragmentos menores. Osso do tarso – Calcaneo, 7. Astragálos, 6. Scaphoide, 1. 1.º cuneiforme, 4. Cuboide, 4. Metatarsos, 22 (sendo 7 primeiros). Phalange do pé, 1. Fragmentos de ossos longos, 14. Lascas, 10.

Restos animais – Maxillar inferior esquerdo incompleto de *Canis* (*Canis familiaris* ?).

Porção do craneo ascendente de maxilla inferior de *Bos* ? Lasca de um grande osso (femur de *Bos* ?).

⁵³ Deve corresponder ao fragmento reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 42, n.º 4. O pingente de azeviche adiante referido encontra-se reproduzido na Fig. 53, n.º 20.

⁵⁴ Trata-se de osso muito frágil, que raramente se conserva pelo que esta ocorrência denota o cuidado com que a escavação se realizou.

Extremidade inferior de um grande radio (*Cervus*?). Fragmento de uma grande vertebra.

Extremidade superior de humero de *Canis*. Osso iliaco, fragmento.

Omoplata de *Sus*? (individuo novo ou de pequena estatura).

Vertebra de *Canis*.

Tibia de coelho (*Lepus cuniculus*) [quaternario]. Femur e tibia de pequeno mamifero ind. *Lepus* [quaternario].

Lasca tirada da parte interna, esponjosa, de corno de boi? [quaternario].

Tibia de Ave.

Ethnographia – Massa cylindrica de calcareo finamente granular ou compacto (marmore) branco tendo 0,150^m de altura e 0,050^m de diametro. Esta massa estava quebrada em dois grandes pedacos um dos quaes se achou distante n'outro ponto da gruta (A) à profundidade de 0,30^m, e falta-lhe ainda uma lasca para estar completa. É mui semelhante a outra (até pela natureza da substancia) obtida na sepultura da Granja do Marquez. Bola de grés fino micaceo de 0,047^m de diametro. Placa subtrapezoidal com as arestas boleadas e os angulos arredondados de osso, com um furo circular para suspensão com 0,063^m de altura e 0,027^m de largura. (55)
Faca de silex cinzento completa, de secção trapezoidal e arestas cortantes. – 0,080^mx0,012^m. Faca incompleta (56)
de calcedonia de cor acastanhada clara, de secção triangular, com os dois gumes cortantes, quebrada do lado da base. Dimensões: 0,059^mx0,011^m. Faca de silex cinzento incompleta, de secção trapezoidal, com um dos bordos cortantes e o outro e a extremidade denteada. Este fragmento tem 0,063^m de comprimento e 0,019^m de largura. Como muitas outras peças semelhantes parece que foi primeiro empregada como faca, e que pelo uso estalou um dos gumes, ou d'elle se dentaram algumas lascas, o aproveitaram para servir como uma serra, fazendo-lhe um denteado ± regular. Pedacinho de ochra vermelha muito carregada de argilla. Lasca de silex cinzento alongada de secção triangular. Fragmento de um vaso de louça negra com partes brancas, exterior e internamente (?) com uma capa de verniz vermelho, e na superficie exterior ornado com um cordão em relevo formando uma ondulação regular; Será romano? Uma aza chata muito elegante, fragmento de outra e um caco pertencendo provavelmente todas as mesmo vaso de louça negra com uma capa de verniz vermelho exterior (57)
espessa, e interiormente pintada tambem de vermelho, mas ao que parece não tendo recebido o verniz. É sem duvida do mesmo typo de loiça, senão do mesmo vaso ornamentado de que fallei precedentemente. Pequeno fragmento de bordo de um vaso com verniz negro exteriormente ornado de duas series de linhas paralelas formando zigue-zague. Pequeno fragmento de um outro vaso com a borda guarnecida de traços fortemente impressos formando como uma grossa denticulação, exteriormente vermelho e no interior negro. No exterior tem alem disso uma ornamentação formada de pontos fortemente impressos produzidos com a ponta grossa de um silex ou de um ponteiro de páo. Aza de um vaso muito estragada, de loiça negra interiormente, e nas superficies exterior e interior vermelha. 36 fragmentos maiores ou menores de loiça grosseira amassada à mão pertencentes a muitos vasos diferentes, de superficie lisa, geralmente negra no interior, e exteriormente

⁵⁵ Trata-se de exemplar constituído por duas partes, que não colam, ainda hoje conservadas (op. cit., Fig. 61, n.º 7). A alusão a exemplar muito semelhante da sepultura colectiva da Granja do Marquês confirma-se, encontrando-se a peça reproduzida na referida publicação (RIBEIRO, 1880, Figs. 87 e 88), possuindo ambas, como elementos identitários comuns, a decoração de duas bandas de linhas paralelas horizontais situadas no corpo da peça.

⁵⁶ Esta peça óssea corresponde ao exemplar reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 26, n.º 8.

⁵⁷ Trata-se do exemplar reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, correspondendo a produção reportável ao Neolítico Antigo evolucionado, época bem representada na gruta da Casa da Moura, por espólios exumados, sobretudo as produções cerâmicas, como esta.

vermelha ou negra, e n'algumas tendo recebido um verniz negro, quer na face interna, quer na externa do vaso; n'outros um verniz vermelho, e n'outros vermelho e negro em cada uma das faces.

Folha 13 (21,6x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

2 páginas manuscritas

Etiqueta n.º 10 Letra C Profundidade – 2,0^m

Ethnographia – 2 furadores de osso feitos de dois metacarpos de pequeno Ruminante (carneiro?) (58)

Etiqueta n.º 12 Letra D Profundidade – 2^m

Restos humanos – Maxillar superior esquerdo, pequeno fragmento com o 2.º e 3.º molares. Maxillares inferiores, 4 fragmentos de diferentes individuos. Dentes soltos: incisivos, 23 caninos, 19 falsos molares, 27 verdadeiros molares, 45.

Restos de animais – 3 dentes incisivos de *Canis* dente molar. Maxillar inferior direito de *Canis* [das areias quaternarias inferiores ?].

Ethnographia – Massa alongada e achatada de grés fino calcareo avermelhado, pertencente provavelmente à formação valdense (letra adicionada a lápis por ND), e portanto introduzida na gruta para algum fim, como clava, etc. (59)

Etiqueta n.º 5 Letra D Profundidade – 0,50^m

Ethnographia – 2 celts de diorite, um d'elles mui bello de forma subtriangular e secção elliptica com 0,081^m de altura e 0,041^m de altura, e 0,018^m de espessura, e o outro de forma subtrapezoidal e secção quadrangular, com 0,100^mx0,046^mx0,035^m.

Folha 14 (21,5x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

2 páginas manuscritas

Etiqueta n.º 13 Letra D Profundidade – 0,40^m (encostado ao roço)

Restos humanos – Calote craneana compreendendo o parietal e temporal esquerdo, o occipital quasi inteiro, e boa parte do frontal e do parietal direito. Outra calote compreendendo os 2 parietaes, o occipital incompleto, e parte do temporal direito. Calote deformada de outro craneo mais delgado, compreendendo parte dos parietais e do occipital. Pequeno fragmento do craneo. Maxilla inferior incompleta de individuo adulto com a coroa dos dentes gasta. Vertebrae lombares, 2.

Letra D Profundidade – 1,80^m

Craneo humano quasi completo, ao qual só falta parte dos ossos da base. É uma cabeça bem conformada, brachycephala ?, com uma grande capacidade encephalica, cujo maior diametro transversal excede talvez 0,140^m. A protuberancia occipital externa é apenas visivel, mas em compensação a linha curva superior é bem distincta. A bossa nasal e as arcadas supraciliares são bastantes salientes, e as cristas temporaes bem pronunciadas.

⁵⁸ É assinalável a profundidade (2,0 m) a que foram recolhidos estes dois exemplares, indício de que o “entulho superior” teria pelo menos esta potência neste sector da gruta correspondente à Letra C.

⁵⁹ São várias as revisões a lápis, com letra de Nery Delgado, conforme se verifica pela caligrafia, prova de que trata de um original em fase de melhoria e já com revisões efectuadas no âmbito da sua publicação, sobre a qual, no entanto, não se conhece qualquer outra documentação.

Folha 15 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Etiqueta nº 12 Letra D Profundidade – 1,0^m

Restos humanos – 78 fragmentos da abobada craneana de espessuras muito diversas, nenhum d’elles representando um osso do craneo inteiro, e pelo contrario alguns sendo pequenissimos. 2 maxillares superiores reunidos e fragmentos de 2 outros maxillares diferentes (3 individuos). 4 maxillas inferiores incompletas, e 7 fragmentos de outras, todas diferentes (11 individuos). Dentes soltos: incisivos, 1 caninos, 2 verdadeiros molares, 4. Axis, 1. Vertebrae cervicaes, 3 dorsaes, 4 lombares, 2. Sacrum, fragmento. Sternum, fragmento da parte inferior. Costellas, 8 fragmentos (talvez alguma de animal). Claviculas, 8 incompletas. Omoplata, fragmento de 1. Humero, extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, 11 Humero corpo do lado inferior sem a extremidade, 11 Humero corpo, porção superior, 1. Cubitus, extremidades superiores, 5 Cubitus, extremidades inferiores, 3. Radio, completo, 1 Radio, extremidades superiores, 8 Radio, extremidades inferiores, 2. Metacarpos, 9 (1 primeiro). Phalanges, 8. Osso iliaco, 6 fragmentos provavelmente todos de ossos diferentes. Femur, 5 extremidades superiores (1 só com a cabeça) 4 extremidades inferiores. Corpo, 4 grandes fragmentos a uma das quaes só faltam as extremidades. Rotulas, 2. Tibias, 2 extremidades superiores e 1 epiphyse solta 5 extremidades inferiores, 1 com fractura durante a vida e soldada. 5 corpos, representados por fragmentos maiores ou menores, 5. Peroneo, 1 extremidade superior 2 extremidades inferiores. Fragmento do corpo de outro osso. Tarso – Astragálos, 8. Scaphoides, 2. Metatarsos, 11 (4 primeiros). Phalanges do pé, 3. 85 fragmentos de ossos longos partidos intencionalmente, a maior parte de femures e tibias. 10 lascas de ossos longos (humero, femur e tibia) excavados interiormente. NB Entre os fragmentos de ossos longos há 2 de femur e 1 de tibia com cicatrizes de antigas feridas, 7 roídos, 21 claramente excavados para tirar a medulla, 11 esmagados e estalados, 3 com incisões de instrumento cortante. (60)

Ethnographia – Pequena faca de silex de gume cortante, quebrada na base. Fragmento de um celt de schisto silicioso cinzento escuro, partido no acto da extracção. !Bella tijella achatada de forma de calote spherica, de louça negra lisa, amassada à mão, com 0,13^m de diametro na boca. Fragmentos de 4 outras pequenas tijellas tambem de louça negra lisa. Fragmento de um grande vaso tambem de louça negra lisa. 35 fragmentos de louça negra ou vermelha, lisa. 2 fragmentos de louça vermelha com desenhos a traço. (61)

Restos animais – 2 dentes grandes de Ruminantes (*Cervus* ou *Bos* – Ossm. pl. 133, fig. 1). (62)

Fragmento de maxillar superior de individuo novo de *Capra* ou *Bos*. 7 dentes molares soltos de individuo novo de *Capra* ou *Bos*.

Tibias, ossos iliacos, e fragmento de femur de coelho [Quaternario].

⁶⁰ A alusão a esta fractura soldada pode não ser indício de violência (ver nota 3), mas ter simplesmente resultado de uma queda com regeneração óssea. Situação idêntica foi observada no estudo dos restos humanos da gruta do Lugar do Canto (Alcanena) (LEITÃO et al., 1987).

⁶¹ A alusão a ossos excavados interiormente refere-se indirectamente ao aproveitamento da medula óssea no âmbito das já aludidas práticas de canibalismo admitidas por Nery Delgado nesta gruta e na da Furninha (Peniche). No entanto, tal evidência não foi confirmada ulteriormente. Já a referência a instrumento cortante em alguns ossos respeita a facto indesmentível, podendo no entanto ter sido o resultado, não de consumo como julgava o autor, mas de acções de descarnação dos cadáveres, relacionados com a sua preparação mortuária. A ser assim, tal facto reforçaria ainda mais a natureza secundária deste depósito funerário, correspondendo a ossário, como já anteriormente se referiu.

⁶² É interessante notar a dificuldade que o autor teve em separar a dentição de veado da de boi, por certo devido à falta de colecções de comparação.

Pequeno cubito de Ave.
Metatarso de pequeno Ruminante e varios outros ossos id.
Extremidades inferiores de humeros de carnivoros, e outros ossos id.
Extremidade inferior de humeros de *Ovis* ou *Capra* ?
Uma concha quebrada de *Triton*.
Extremidade superior e inferior de radio de Carneiro ou Cabra.

Etiqueta n° 9 Letra D Profundidade 1,0^m

Ethnographia – 2 fragmentos de placa de ardósia com desenhos n'uma das faces e um d'elles tendo um grande orificio circular de suspensão. Pertenceriam talvez ambos à mesma placa. Fragmento de uma outra placa com orificio de suspensão, de talcschisto verdoengo escuro com traços n'uma das faces. ! Ponta de lança de jaspe castanho-avermelhado e castanho escuro, de forma triangular, com a base formada por duas linhas reunidas em angulo muito aberto. Tem os bordos regularmente e finamente denteados, e mede 0,142^m de altura e 0,085^m de largura na base. Ponta de flecha quadrangular de sílex com o angulo da base muito aberto, e o vertice muito agudo, infelizmente quebrada. É de jaspe avermelhado e branco. Completa teria mais de 0,040^m de comprimento e apenas 0,016^m de largura a distancia entre os vertices dos dois angulos oppostos lateraes. 3 celts de schisto silicioso cinzento, dois de phtanite, de 0,140^mx0,058^m; 0,136^mx0,070^m; 0,070^mx0,041^m; e 0,134^mx0,040^m (de phtanite, mui bellos). 5 celts de schisto amphibolico ou dioritico. Faca de jaspe castanho avermelhado zonada de preto e cinzento-escuro, bellissima!. Tem a secção triangular e os bordos denteados. (63)
Dimensões 0,057^mx0,015^m. 4 facas de sílex cinzento (uma branca), 2 com os bordos denteados, e as outras 2 de gume cortante, mas danificado pelo uso; duas de secção triangular, e outras 2 de secção trapezoidal achatada. De 0,080^m de comprimento medio. Pequeno seixo de quartzo branco de forma ellipoidal achatada, parecendo afeiçoado em cunha n'uma das extremidades para servir como assentador de costuras. (64)

Folha 16 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 3 páginas manuscritas Etiqueta n° 18 Letra D Profundidade – 1,20^m

Restos humanos – Grande calote craneana, à qual só falta parte do frontal, o temporal esquerdo e parte do occipital para o craneo ser completo. Outra calote menor comprehendendo o temporal e parietal esquerdo, parte do parietal direito e o occipital quasi completo. Este exemplar apresenta de notavel o ter uma fortissima protuberancia occipital externa, formando uma crista triangular, e que a morte do individuo foi certamente produzida por uma enorme pancada que lhe fracturou o parietal direito, e separou violentamente o frontal, como se vê pelo estrago produzido na sutura fronto-parietal encontrando-se ainda alguns pequenos fragmentos soltos, que porventura pertenciam ao mesmo craneo, e em que a fractura é patente. Outra calote

⁶³ Este exemplar poderia corresponder ao exemplar representado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 22, n.º 3, se não fosse o facto, registado por Nery Delgado, de possuir os bordos laterais finamente denteados, o que não se verifica no exemplar em causa. Assim, só pode tratar-se da alabarda dada já como desaparecida em 2001/2002, mas reproduzido em 1886 (CARTAILHAC, 1886, Fig. 89). É interessante notar a atribuição frequente de peças de sílex vermelho da região de Rio Maior a jaspe, rocha idêntica, em geral de pior qualidade, só disponível a muito maior distância, nos terrenos paleozóicos do Alentejo, sendo os afloramentos mais próximos os da região de Grândola.

⁶⁴ É interessante notar como por vezes Nery Delgado se deixava levar pela emoção, colocando antes da descrição das peças mais significativas ou importantes (incluindo restos humanos) vários pontos de exclamação, para sublinhar a importância do objecto descrito, ou recorrendo a adjectivos, como este, quando a qualidade estética do objecto se afigurava excepcional.

de cráneo mais pequeno, que foi restaurada collando os diversos pedaços. Apresenta um estrago singular do lado direito, tendo sido como raspada segundo uma faca, de 0,015^m de largura, que partindo da protuberancia occipital externa se dirige obliquamente para a crista temporal direita. 3 outras menores calotes, uma muito espessa, outra de menor espessura, e a 3.^a muito delgada (portanto de individuo novo) mostrando tambem a fractura violenta. Osso frontal incompleto com parte dos ossos nasaes e das apophyses montantes dos maxillares superiores. Osso frontal incompleto, de espessura enorme. Frontal incompleto com parte dos dois parietais. Fragmento do frontal e do parietal direito. Parietal esquerdo incompleto. 6 ossos temporaes, mais ou menos incompletos. 2 ossos temporaes diferentes com parte do sphenoid. Fragmentos diferentes e inclassificaveis da abobada craneana, um tabuleiro cheio, 96. Dois maxillares superiores reunidos, incompletos. Fragmentos de 4 maxillares superiores diferentes, um de criança. Dentes soltos: incisivos, 2; canino, 1; falso molar, 1; verdadeiros molares, 3. 5 maxillares inferiores incompletos, e 4 fragmentos diferentes de outros. Um destes maxillares apresenta a singular circunstancia de que entre o 4.^o e o 5.^o molares do lado esquerdo se formava um outro dente, que vindo muito apertado entre os dois tinha uma forma muito diferente da d'elles; mostrou uma forma oval e está tombado para fóra, mas fixamente implantado na maxilla. Vertebrae cervicaes, 1; dorsaes, 3; lombar, 1. Costellas, 11 fragmentos. Claviculas, 4 (uma de criança ou feto). Omoplata, 1 pequeno fragmento. Humeros, 3 aos quaes falta só a cabeça; 4 extremidades inferiores com parte do corpo; 2 extremidades superiores (uma de criança) com parte do corpo, mais 4 aos quaes faltam as extremidades (corpo inteiro), e 2 fragmentos dos corpos de outros. Só 2 com perfuração olecraneana distincta. Cubitos, 10 extremidades superiores (2 de criança); 2 extremidades inferiores. Radios, 1 completo de extraordinaria grossura; 3 extremidades superiores (2 de criança ou feto), 1 extremidade inferior. Ossos do carpo – Trapezio, da mão esquerda. Metacarpos, 4 (sendo um 1.^o). Phalanges, 2. Osso iliaco, 5 fragmentos pertencentes a 3 individuos. Femures, 4 quasi completos aos quaes faltam uma ou ambas as extremidades quebradas no acto da extracção; 12 extremidades superiores, faltando a quasi todas a cabeça; 6 extremidades inferiores, faltando a quasi todas a cabeça; 8 corpos incompletos de outros exemplares. Rotulas, 2. Tibias, 5 extremidades superiores, e 1 epiphyse solta (1 de infante, outra de adolescente); 4 extremidades inferiores (1 de tibia quasi com corpo completo, faltando-lhe a epiphyse); 6 corpos incompletos de outras; 1 tibia quasi completa (faltando-lhe as epiphyses) de infante. Peroneo, 1 extremidade superior; 4 extremidades inferiores; 3 corpos de outros, faltando-lhe as extremidades. Ossos do tarso, Calcaneos, 3; Astragálos, 6; Scaphoides, 2. Cuboide, 1. Metatarsos, 9 (sendo 2 primeiros). 56 fragmentos de ossos longos quebrados intencionalmente, alguns esmagados e estalados longitudinalmente, outros excavados interiormente, alguns roídos, outros com cicatrizes de antigas feridas, e outros com impressão de instrumentos cortantes, machados de silex, e muitos excavados interiormente. 4 Lascas longitudinaes id.

Ethnographia – 2 placas trapezoidaes de ardozia com desenhos em triangulos n'uma das faces, e com orificio de suspensão do lado menor. Uma das placas tem 0,20^m de altura e 0,103^mx0,053^m nas bases; e o outro 0,168^m por 0,115^m e 0,065^m.

Faca de silex de bordos cortantes, de 0,118^m de comprimento. Faca de calcedonia cinzento clara, de 0,050^m de comprimento. 2 facas de silex muito fortes com os bordos denteados para servirem como serras, de 0,144^m

⁶⁵ Outra observação que, segundo o autor, corroboraria a violência, a qual estaria patenteada sobretudo nos crânios humanos, como é o caso do presente exemplar. Adiante, refere uma outra calote que apresenta raspagem oblíqua que pode relacionar-se com a limpeza e descarnação dos ossos humanos depositados ulteriormente na gruta, a par das marcas de corte, também observadas anteriormente em alguns ossos longos.

⁶⁶ Observações que se juntam às anteriormente registadas e que, segundo o autor, evidenciavam a violência, recorrentemente referida.

e 0,118^m de comprimento. Fragmento de uma placa tendo primeiro tido os bordos cortantes, e posteriormente tendo um d'elles e a extremidade affeioada uma serra. Ponta de lança de silex de forma pentagonal de 0,072^m de comprimento. Ponta de lança de forma pentagonal com os lados curvilineos, de 0,106^m de comprimento. 5 pequenas pontas de flexas de silex avermelhado e cinzento a branco, com os bordos denteados, duas d'elles incompletas. Taça de louça grosseira negra com pontos brancos de forma irregular, amassada à mão, com 0,130^m de diametro na boca, e a superficie lisa. 5 pequenos fragmentos de louça grosseira negra no interior, e na capa exterior e interior, onde recebeu a acção do calor, vermelha. Fragmento de uma peça de calcareo (insignia = bastão de commando) da forma de um semicone truncado muito alongado cortado longitudinalmente, com um cannelado fino paralelo a base na face convexa. Lasca de um calháu rolado de quartzo cinzento muito claro. Fragmento de um cristal rolado de oligoclase (ou callaite?). Fragmento de craneo humano gasto na superficie, especialmente na face interna. (67)

Restos animais – Osso iliaco e tibia de coelho.

Phalange de pequeno Ruminante, *Ovis*. Femur de carneiro (*Ovis*)

Vertebra de *Canis*.

**Folha 17 (22,5x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 4 páginas
Casa da Moura Letra C Profundidade 1,20^m**

Restos humanos – Dente canino e molar verdadeiro, soltos. 44 fragmentos de alveolos craneanos todos muito pequenos. 1 fragmento de maxillar superior. 2 fragmentos de maxillar inferior, diferentes, e 1 maxila quasi completa. Atlas, 2. Axis. Vertebrae cervical, 1; vertebrae dorsales, 15; vertebrae lombares, 6. Sacrum, 1 fragmento. Costellas, 32 fragmentos maiores ou menores. Claviculas, 6 fragmentos. Omoplatas, 6 fragmentos. Humeros, 8 porções inferiores do corpo com parte da extremidade (1 de feto). Cubitos, 9 porções superiores do corpo ou extremidades superiores incompletos. 1 porção inferior. Radios, 4 extremidades superiores; 1 completo; 3 extremidades inferiores; 4 porções do corpo. Metacarpos, 16 sendo 2 primeiros. Phalanges da mão, 3. Osso iliaco, fragmento. Femur, 2 extremidades superiores e 4 cabeças soltas ou epiphyses; extremidade inferior, fragmentos 2; 4 fragmentos do corpo (um com vestigios de uma ferida). Rotulas, 3. Tibias, 3 extremidades superiores; tibia, 1 extremidade inferior; tibias, 2 porções do corpo. Peroneos, 1 extremidade inferior; 15 fragmentos do corpo, pequenos pela maior parte. Calcaneo, 1. Astragálos, 5. Scaphoides, 2. 1.º Cuneiforme, 1. Cubitos, 2. Metatarsos, 14 (primeiros) + 22 = 36. Phalange do pé. 8 fragmentos de ossos indeterminados com fractura intencional, alguns roídos. 49 lascas de osso partidos intencionalmente, e excavados, um fragmento da canna de tibia com tres cavidades circulares ou furos, e outra com uma pequena cavidade ????. (68)

Restos de animais – *Canis* – humero, extremidade superior. Calcaneo. (69)

Capra ou *Ovis* – Ultimo molar da maxilla inferior. Apophyse jugular (da base do craneo) Humero, extremidades superior (com a epiphyse solta). Ultimo molar da maxilla inferior. Astragálo. Vertebra, fragmento.

⁶⁷ Este exemplar não se localizou em 2001/2002 nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia, nem nas do Museu Geológico do LNEG. É interessante notar a existência de um pequeno seixo rolado de rocha verde, que corresponde a ocorrência muito rara em contextos neolíticos e e calcolíticos.

⁶⁸ Mais uma alusão a lesões ósseas resultantes de violência, neste caso na diáfise de um fémur.

⁶⁹ Este exemplar, que pela descrição poderia configurar um instrumento musical executado em osso humano, tornando-o exemplar único entre os espólios do território português não foi localizado no estudo dos restos arqueológicos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), provavelmente por ter permanecido misturado com os espólios antropológicos.

Lepus cuniculus – Humero. Femur, 1 completo e 2 faltando-lhe a extremidade superior. Atlas. Ossos iliacos, 3.
Bos ? Vertebra caudal ?
Cervus Osso do carpo.

Felis, grande especie [Pertencente talvez às areias quaternarias ?] Cubito, extremidade superior incompleta. Metatarso. Femur, extremidade superior de individuo de extraordinaria estatura, sem as epiphyses, evidentemente do deposito inferior [quaternario]. (70)

Meles taxus, osso iliaco, fragmento.

Ethnographia – Fragmento de uma placa de schisto com desenho nas duas faces pertencente à peça em forma de baculo ou *pistolet*, cujos fragmentos pela maior parte se obtiveram em $y = 0,80^m$, tendo trez furos para suspensão. Peça analoga, e certamente com a mesma significação que a outra semelhante (e única) colligida no dolmen da Estria. Celt da schisto silicioso cinzento-escuro. Valva convexa de *Pecten maximus* ? 7 fragmentos de diversos vasos de louça grosseira negra de superficie lisa. (71)

**Folha 18 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas
Etiqueta nº 23 Letra D Profundidade – 1,30^m**

Restos humanos – Craneo quasi completo, ao qual falta sómente parte do parietal esquerdo, o temporal direito e parte do occipital. Na bossa frontal esquerda tem um orificio e uma fractura resultado de forte pancada que recebeu, e que parece lhe destacou interiormente uma lasca. Duas calotes craneanas, uma comprehendendo os dois ossos parietais e a maior parte do occipital; e a outra o osso frontal quasi completo, e parietal direito, e parte do esquerdo. Outra cabeça representada pelo osso frontal e ossos interiores da face, comprehendendo os 2 maxillares superiores. É notavel nesta peça a grandissima saliencia das bossas nasaes e da arcada supraciliar, que daria um aspecto estúpido ao individuo a quem esta pertenceu. 2 ossos frontaes incompletos. Mais 7 fragmentos de craneo um pouco maiores, e 2 taboleiros cheios de fragmentos pequenos de varios craneos, muitos d’elles posteriormente encrustados pelo tufo calcareo. Maxillares superiores ligados de 3 individuos, e mais 4 maxillares superiores direitos. Maxillares inferiores, 5 mais ou menos incompletos, à excepção de uma à qual falta só o ramo ascendente do lado direito; e mais 6 fragmentos diferentes, em d’ellesde criança com a primeira dentição ainda incompleta. Mais 3 pequenos fragmentos de maxillas inferiores, e 5 de maxillar superior indet. Dentes soltos: incisivos, 35. Caninos, 23. Falsos molares, 20. Verdadeiros molares, 22. Id. Não tendo ainda nascido dos alveolos, 10. NB – Uma das maxillas inferiores era de velho, que perdera todos os dentes, porque tem todos os alveolos fechados. O bordo superior da maxilla está como esmagado, certamente pelo esforço empregado na masticação de substancias duras. Vertebrae – Atlas, 1; Axis, 1; Cervicaes, 1; (72)

⁷⁰ Restos de grande Felídeo, provavelmente lince ibérico. Foram já inventariados e estudados (CARDOSO, 1993), revelando que a gruta, no Plistocénico teria funcionado essencialmente como abrigo de carnívoros, tendo sido identificados 46 exemplares pertencentes à espécie referida.

⁷¹ É interessante sublinhar a designação de báculo para o exemplar ainda hoje conservado (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 58) e cuja terminologia continua a ser a mesma, comparando-o com o único exemplar então conhecido, recolhido na anta da Estria (Sintra) (RIBEIRO, 1880, Est. V, n.º 5; Est. VI, n.º 1). Importante é também a alusão a conchas marinhas, de utilização simbólica no contexto funerário em questão, como é o caso da concha de vieira referida, que se soma ao fragmento de buzina (provavelmente *Triton nodiferus*), acima mencionado.

⁷² A descrição deste crânio, especialmente o facto de exhibir um lascamento na face interna, que não poderia resultar de processo pós-deposicional configuraria mais uma evidência da violência, no caso resultante de impacto, assinalada recorrentemente pelo autor com base nas modificações ósseas por ele observadas.

Dorsaes, 8; Lombares, 6. Sacrum, 7 fragmentos pertencentes a 5 individuos pelo menos. Costellas, 21 fragmentos. Claviculas, 9 todas diferentes mas mais ou menos incompletas. Omoplatas, 5 diferentes e incompletas. Humeros inteiros, 7 (1 de criança, e a 3 faltando-lhe a cabeça). Humeros extremidades superiores com uma porção maiores ou menores do corpo, 3 (faltando-lhes as cabeças). Humeros extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, 15. Humeros corpo, 7 fragmentos mais ou menos longos. Só 1 mostra a perfuração olecraniana. Cubitos, extremidades superiores, 14, duas d'ellas juntos ao corpo quasi inteiro, e um de criança. Cubito, extremidade inferior, 1. Cubito, corpo, 1 fragmento mostrando ter sido roído. Radio inteiro, 1. Radio extremidade superior, 2; Radio extremidades inferiores, 6; Radio corpo, 5 fragmentos diferentes. Ossos do carpo – Scaphoide, 1; Osso cuneiforme, 1. Metacarpos, 10 (sem do 3 primeiros). Phalanges, 55. Osso iliaco, 15 fragmentos pertencentes a 10 ossos diferentes pelo menos. Femur, extremidades superiores, 5, e mais 2 cabeças e 2 epiphyses soltas da cabeça: ao todo 9. Femur, extremidades inferiores, 14, faltando a uma os condylos, e um femur quasi completo, faltando-lhe sómente a extremidade superior. Femur corpos, 25 mais ou menos longos, dos quais 5 completos e 3 mostrando cicatrizes de antigas feridas, 4 roídos, e muitos excavados interiormente, um d'elles mostrando-se alem disso lascado na superficie. Rotulas, 6. Tibias, quasi completas, às quaes falta só parte de uma das extremidades, 7; Tibias, extremidades superiores, 9 (uma de infante, faltando-lhe a epiphyse; Tibias, extremidades inferiores, 5 (uma de adolescente, faltando-lhe tambem a epiphyse); Tibias, corpo, 23 fragmentos ± longos, 2 d'elles mostrando cicatrizes de antigos ferimentos, e 2 roídos. Peroneos, 3 extremidades superiores; Peroneos, 8 extremidades inferiores, uma d'ellas com o corpo quasi completo e roído; Peroneo, corpo, 2 outros fragmentos, um d'elles roído. Osso do tarso – Calcaneos, 11; Astragálos, 11; Scaphoides, 2. Metatarsos, 17 (sendo 7 primeiros). Phalanges, 30. Ossos longos quebrados intencionalmente, 60 fragmentos, dos quaes 6 mostrando vestigios de cicatrizes de antigas feridas, 6 tendo sido manifestamente roídos, 9 excavados interiormente e muitos outros estalados. Numerosas lascas longitudinais excavadas inteiramente, das quaes conservei umas 20. (73)

Restos d'animaes – Valva de *Tapes decussata*.

Osso maxillar inferior, e metade superior de Femur de Coelho. [Quaternario].

2 dentes caninos e um molar principal de *Canis*. Femur, extremidade superior, de *Canis*. Vertebra cervical de *Canis*. (74)

Astragálo de *Cervus*?. Manubrio, fragmento do occipital junto ao buraco occipital.

Calcaneo de *Capra*. 5 phalanges diferentes (3 provavelmente humanas, de individuo muito novo). Pequeno osso ind. Cubitus de ave, que tambem se encontrou na Furninha (Peniche) [Quaternario]. (75)

Ethnographia – Pequena tygella feita à mão de barro grosseiro negro com grãos de areia e porcellas spathicas, lisa com 0,052^m de diametro no bojo. Fragmento de bordo de um grande vaso de louça grosseira negra com pontos spathicos brancos, amassada à mão e mal cozida, lisa. 29 pequenos fragmentos de louça

⁷³ Observações corroborantes das anteriormente apresentadas a propósito da violência e do canibalismo que a ela se encontraria associado.

⁷⁴ Ver nota anterior. É interessante sublinhar a presença das designadas feridas cicatrizadas, cujas marcas se conservaram nos ossos, denotando não apenas violência, mas também (sobretudo ?) um quotidiano adverso, associado a múltiplas quedas no âmbito das actividades desenvolvidas.

⁷⁵ Os resultados obtidos na gruta da Furninha estavam na altura muito presentes, dado que ambas as escavações decorreram no mesmo período de tempo, embora apenas tenham sido então apresentados os resultados exaustivos obtidos na primeira, em Setembro de 1880, ao Congresso de Lisboa (DELGADO, 1884), antecidos por publicação preliminar em que se apresentaram conjuntamente e de forma resumida as principais conclusões das escavações realizadas nas duas grutas (DELGADO, 1880).

grosseira semelhante, de cor negra e envernizada n'uma ou nas duas faces, outras vezes vermelha em toda a espessura, ou só na parte externa, pela maior parte com a superfície lisa, sómente 5 tendo uma ornamentação feita a traço. Bellíssima ponta de lança triangular de sílex com 0,097^m de base e 0,120^m de altura (supondo-a completa na ponta, à qual falta pouco \pm 0,01^m) polida nas duas faces, com uns 0,005^m de espessura, e finalmente denteada em todo o perímetro por efeito de golpes applicados nas duas faces para dentear pequenas lascas. 4 facas de sílex, todas quebradas na ponta, mas também quasi completas, medindo 0,120^m; 0,085^m; 0,065^m; 0,050^m de comprimento (branco; cinzento e 2 acastanhadas). Raspador de sílex branco terminando em ponta aguda. Raspador mais forte de sílex vermelho-acastanhado, de forma rectangular. Placa subtrapezoidal de ardózia com desenhos a traço fino irregular enchendo alternadamente espaços triangulares, n'uma das faces, com furo de suspensão com 0,140^m de altura e 0,086^m de largura na base. Fragmento pequeno de outra placa de ardózia com desenhos nas duas faces, já muito apagados. Pequeno dente (canino de carnívoro ?) com a superfície muito gasta e com orifício de suspensão. 5 celts de diorite. 2 destes de schisto amphibólico. Celt de schisto silicioso e fragmento de outro. Dois pequenos fragmentos de stalactites.

Folha 19 (21,7x32,5 cm), pautada, marca de água "Almasso Prado / Thomar",

4 páginas manuscritas

Etiqueta n.º 37 Casa da Moura Letra D Profundidade - 1,40^m

Restos humanos – Grande calote craniana comprehendendo o frontal e os dois parietais sendo o esquerdo quasi completo. Sobre este e na parte anterior proxima da rotura fronto parietal há um corte profundo, ou sulco de forma oval, apresentando talvez o começo de uma operação cirurgica analoga à trepanação. Este craneo parecia bem conformado, mui regularmente abobadado, com a arcada supraciliar e bolsas nasaes, e bem assim as bossas frontaes proeminentes. Outra calote do mesmo typo com o frontal incompleto e mostrando uns pequenos ossos wormios no ramo direito da sutura lambdoide. 7 fragmentos de craneo revelando a existencia de mais outro individuo. Maxillares superiores reunidos de individuo adulto com a dentição completa e a corôa dos dentes muito gasta. ! Maxillares superiores incompletos de outro individuo com os dentes incisivos gastos do lado interior até à raiz. Maxillar superior direito e osso malar correspondente, ao qual estava já ??? o 5.º molar. Maxillar superior esquerdo de outro individuo com evidentes signaes de prognatismo, isto é, com os dentes anteriores fortemente inclinados; 2 pequenos fragmentos de maxillares superiores. Dentes soltos: 1 incisivo, e 2 verdadeiros molares. ! Maxilla inferior quasi completa de individuo ainda novo, pois que o 5.º molar ainda se conserva no alveolo, que casulamente se partio ao meio, mostrando que um novo e forte dente canino ia romper obliquamente à maxilla por detraz dos dois premolares do ramo direito; ! Maxilla inferior à qual só falta parte dos ramos ascendentes, de individuo adulto, que perdera o dente principal direito e do esquerdo só resta uma parte, mas não sendo bem claro os vestigios da corôa. O primeiro verdadeiro molar direito que resta, está gasto na corôa e anteriormente, isto é, do lado do dente que falta. Os dentes incisivos estão também gastos na corôa e anteriormente; Maxilla inferior incompleta de individuo velho com os alveolos dos molares quasi todos tapados e os ramos da maxilla gastos (pelo trabalho de masticação ?) nesta parte. 10 fragmentos maiores ou menores de maxillas pertencentes a 8 ou talvez 9 individuos diferentes. Atlas, 1; Vertebrae cervicaes, 2; Dorsaes, 5; Lombares, 4. Costellas, 11 incompletas. Claviculas, 1 muito notavel e 3 fragmentos. Omoplatas, 3 incompletas. Humeros, 5 quasi completos faltando a 4 só as cabeças e ao outro a extre-

(76)

⁷⁶ Trata-se de exemplar ainda conservado, correspondendo a um início de trepanação, feita com instrumento cortante, a partir de dois sulcos arqueados e simétricos, que não chegaram a atravessar o osso craniano (Fig. 23).

midade inferior; 3 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo. 3 porções inferiores do corpo, e 2 porções medias id. Cubitos, 1 completo; 6 extremidades superiores, tendo 3 o corpo quasi completo, e sendo uma de criança muito nova; 4 porções diferentes do corpo, uma d'ellas de forma excavada singularissima (!!). 3 radios, 2 completos e 1 ao qual só falta a extremidade superior; 2 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo; 1 corpo quasi completo, e 1 fragmento de outro. Carpo – Pyramidal da mão direita. Trapezoides da mão esquerda. Metacarpo, 10 (sendo 1 primeiro). Phalange da mão, 12. Ossos iliacos, 3, um d'elles tendo adherentes 1 metacarpo, 2 phalanges da mão, e 1 primeiro do pé. Femur, 1 completo ao qual só falta a cabeça que se partiu no acto da extracção; 2 corpos completos sem as extremidades, de infantes; 3 extremidades superiores; 2 extremidades inferiores; 3 porções do corpo. Rotulas, 3. Tibias, 2 completas, aos quaes só falta a extremidade superior; 2 corpos completos e 6 porções grandes do corpo, uma d'estas com vestigios de muitas feridas (?), e outro mostrando uma forte callosidade de fractura (?) produzida durante a vida e tendo sido roida. Muitos d'estes ossos tem a forma muito achatada, podendo a secção triangular, e portanto pertencendo muito provavelmente ao typo em forma de folha de sabre. Peroneo, 1 extremidade superior; 2 extremidades inferiores; 3 pequenas porções do corpo. Tarso – Calcaneo, 1; Astragálo, 2; Scaphoide, 1; 1.º cuneiforme, 3; Cuboide, 1. Metatarsos, 15 sendo 3 primeiros. Phalanges do pé, 3.



Fig. 23 – Gruta da Casa da Moura. Pormenor da clote craniana exibindo início de trepanação, por incisão e raspagem. Museu Geológico do LNEG. Foto arquivo O. da Veiga Ferreira/João Luís Cardoso.

Restos de animais – Maxillar inferior direito, incompleto, de *Canis* provavelmente lobo (*Canis lupus*).

Maxillar inferior esquerdo de *Lepus* (coelho branco comum), Vertebra id., Osso ilíaco id., Femur, 2 diferentes id.; Tibias, 2.

Omoplata de carneiro?, *Ovis*? [Pertencerá ao depósito inferior, quaternário?]; Costellas, 2 fragmentos id. Fémur de Insectívoro indeterminado; Tibia, da mesma espécie id.

Ethnographia – Ponta de lança de sílex cinzento-claro, denteada nos bordos proporcionalmente muito longa com um ângulo na base, medindo 0,068^m de altura e 0,061^m de largura entre os dois ângulos opostos da base. 6 peças de sílex, todas excepto uma de secção trapezoidal, três d'ellas as mais fortes, com os bordos denteados para servirem como serras. A maior e muito perfeita tem 0,138^m de comprimento e 0,022^m de largura. A menor, que esta quebrada na ponta, mede 0,075^m de comprimento e 0,013^m de largura. As que estão afilhoadas para servir como serra, parecem que o foram depois de terem tido um gume cortante, que o uso foi sucessivamente obliterando terminando por serem impróprias para o objecto, e isso levando a adopção do 2.º destino. 10 machados de diversas formas e grandezas, todas de gume cortante, quasi todos muito perfeitos, sendo 8 de schisto anfíbolico, e 2 de schisto silicioso. Um destes últimos (que são, como de ordinário, menos espessos que os outros) tem 0,147^m de comprimento,⁷⁸ 0,048^m de maior largura e 0,019^m de grossura. Placa de grés fino micáceo de cor averdoengada de forma subrectangular, tendo servido talvez como pedra de amolar, mas podendo também ter outra significação. Excepto n'uma extremidade, onde está quebrada, foi gasta em toda a superfície, tanto nas suas duas faces maiores, planas, como na face menor continua, que lhe forma o contorno. Mede 0,146^m de comprimento, 0,063^m de largura, e 0,024^m na sua maior grossura ao meio. Placa trapezoidal de schisto ardósifero com 3 orifícios de suspensão, com desenhos simples a traço, formando series de triângulos horizontalmente n'uma das faces, e lisa na outra face. Tem 0,130^m de altura, e 0,074^m e 0,050^m nas duas bases. Decerto era um amuleto, ou insígnia. Massa subcylíndrica de calcareo granular fino (marmore) branco, com 0,140^m de altura e proxímate 0,052^m de diametro. (77)

Furador d'osso formado de uma tibia de Ruminante, carneiro ou cabra. (78)

Fragmento de um vaso de louça negra muito elegante de paredes delgadas, de superfície lisa, com o fundo abaulado e com uma velatura vermelha na superfície. Fragmentos da borda de 2 outros vasos, um liso, outro com desenhos ou traço e pontos impressos. 2 Fragmentos de 2 outros vasos, um liso, outro com traços raros. (79)

⁷⁷ Não se compreende como se considerou esta peça proporcionalmente muito longa, quando as dimensões apresentadas pelo autor apontam o contrário. De qualquer modo, não se trata de uma ponta de lança, como foi classificado pelo autor, com base em critérios pessoais, mas sim de um punhal ou alabarda.

⁷⁸ Nery Delgado assinalou correctamente as diferenças morfológicas existentes entre os artefactos de pedra polida de anfíbolito e os de rochas afaníticas de coloração negra, de origem sedimentar ou metassedimentar, incluindo vulcanitos e metavulcanitos paleozóicos, que ele designa, e bem, por “schistos siliciosos”. Com efeito, enquanto que as peças de anfíbolito correspondem essencialmente a machados, as de rochas afaníticas, de natureza predominantemente sedimentar ou metassedimentar (vulcano-sedimentar), de menor dureza, correspondem a enxós, por possuírem os gumes assimétricos, em bisel. O facto de ocorrerem tanto em povoados como em necrópoles fustiga a hipótese de corresponderem a artefactos de cunho simbólico, não funcionais. Sobre a natureza petrográfica e origem destas rochas ver, por todos, os estudos relativos aos exemplares do Algar do Bom Santo, Alenquer (CARDOSO, 2014) e da gruta do Lugar do Canto (CARDOSO & CARVALHO, 2008), ambas situadas na mesma região da gruta da Casa da Moura.

⁷⁹ Trata-se de exemplar não publicado na monografia de 2001/2002, mas fotografado para este trabalho, possuindo a etiqueta D=1,40 m (Fig. 6, n.º 12), coincidente com a indicação contida neste inventário quanto ao seu local de recolha.

**Folha 20 (21,6x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas
Casa da Moura Letra E – Profundidade 0,90^m**

Restos humanos – Calote craneana compreendendo a maior parte do occipital e dos dois parietais, bastante espessa, e em que a protuberancia occipital externa é indistincta, mas as linhas curvas superior e inferior são mui salientes; fragmentos reunidos dos dois parietaes; 10 pequenos fragmentos, alguns envolvidos pelo tufo calcareo. Axis. Sacrum, incompleto. ! Costellas, 4 (uma d’ellas enorme com 0,025^m de largura). Claviculas, 3 incompletas. Omoplata, 1 fragmento. Humeros, 2 faltando-lhes parte da extremidade inferior, e 1 d’elles com a perfuração olecraniana; 2 extremidades inferiores, uma com o corpo quasi completo; 4 porções do corpo (uma inferior). Cubitos, 3 extremidades superiores; Radios, 4 extremidades superiores, 4 (um d’elles deformado, tendo soffrido fractura durante a vida); 1 talvez completo (faltando-lhe a extremidade inferior, que se partiu na extracção); 2 porções do corpo. Carpo – Scaphoide, 1. Metacarpos, 7 sendo 2 primeiros. Phalange da mão, 1. Osso iliaco, 1 fragmento. Femur, 1 extremidade inferior; 4 fragmentos do corpo. Tibia, 2 corpos completos com as extremidades; 2 porções superiores com parte da extremidade; 2 porções inferiores sem as epiphises (uma de infante); 3 porções do corpo. Peroneo, 1 fragmento do corpo. Tarso – Calcaneo, 1; Scaphoide, 1. Metatarsos, 3.

Restos d’animaes – *Lepus cuniculus* [quaternario] – Maxillares superiores reunidos, e ossos intermaxillares; 2 maxillares inferiores direitos; Humeros, 9; Cubitos e radios, do mesmo membro; Osso iliaco; Femur, 6 incompletos em fragmentos; Tibias, 9 só uma completa; Metatarso, 1.

Ruminante, pequena especie e individuo novo, porventura *Capra*. Humerus; Omoplata; Vertebrae, 6; Femur.

Cervus (Cfr. *C. Capreolus* – Giebol, Pl. 28, fig. 4) – Pequeno fragmento de maxillar inferior.

Bos ? Humerus, extremidade inferior e parte da cabeça.

Carneiro ind. Fragmento de maxillar inferior sem os dentes.

Ethnographia – 2 machados de schisto silicioso cinzento, estalados pelo uso, ambos com gume cortante curvilineo com 0,136^m e 0,086^m de comprimento. Fragmento (mais de metade) de uma taça hemispherica de louça grosseira negra modelada à mão, de superficie lisa com 0,085^m de diametro na boca. 3 pequenos fragmentos de outros vasos. Lasca de uma grosso calháo rolado de quartzite. Lasca de calcareo coberta pelo tufo, provavelmente sem nenhuma significação ethnographica.

**Folha 21 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
1 página manuscrita**

Etiqueta n° 41 Letra E Profundidade – 1,0^m

Restos humanos – Ossos da face e parte do frontal de uma cabeça muito notavel em que os ossos do nariz e a fronte não tem a menor saliencia, de modo que o perfil é dado por uma linha recta !!!!

**Folha 22 (21,6x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

Etiqueta n° 41 Casa da Moura Letra E – Profundidade 1,0^m

Restos humanos – Fragmentos de abobada craneana maiores ou menores, 23, alguns mostrando a fractura intencional. Maxillar superior esquerdo, incompleto. ! Maxilla inferior incompleta, de individuo adulto, muito espessa. Maxilla inferior incompleta, à qual faltam os ramos ascendentes. 2 outros fragmentos diffe-

rentes. Axis, 2 fragmentos diferentes. Vertebra cervical, 1. Vertebrae lombares, 3. Sacrum, 1 peça. Sternum, 1 peça. Costellas, 4. Claviculas, 3. Omoplatas, 5 fragmentos. Humeros, 1 completo; 1 extremidade superior; 4 extremidades inferiores, duas d'ellas com o corpo completo, nenhuma com perfuração olecraneana; 2 fragmentos do corpo. Cubitos, 4 extremidades superiores, uma com o corpo completo; 1 extremidade inferior, muito forte. Radio, extremidade inferior; 2 porções do corpo; Metatarsos, 5 (um primeiro); Phalanges da mão, 3; Osso iliaco, 5 fragmentos diferentes; Femur, 1 completo ao qual só falta parte da extremidade superior; 7 extremidades superiores ± completas com uma porção maior ou menor do corpo; 2 extremidades inferiores, sendo uma epiphyse solta; 3 corpos completos, e porção superior de 3 outros; Rotula; Tibia, completa da forma dita *en lâme de sabre*; 4 extremidades inferiores, uma com o corpo completo e também d'aquella forma, bem como outras; 5 corpos completos ou quasi completos e 4 fragmentos menores; Peroneo, 2 extremidades inferiores; 1 corpo completo e 3 pequenos fragmentos. Tarso – Calcaneos, 3. Astragalos, 5. Cuboide, 1. Metatarsos, 2.

Ethnographia – Caco de louça grosseira negra pintada de vermelho, do fundo de um vaso com aza.

Restos animais – Valva de *Mytilus edulis*.

Ruminante, pequena especie e individuo muito novo, provavelmente *Capra*. 2 vertebrae; Tibia, epiphyse solta da extremidade superior; Femur, faltando-lhe a extremidade superior (cabeça); Humerus; Radio, extremidade superior; Metacarpo, extremidade superior.

Lepus timidus – Humerus, metade inferior; Femur, sem a extremidade superior; Tibia completa.

Lepus cuniculus – Femur, partido na extremidade inferior.

(80)

**Folha 23 (21,5x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 4 páginas
Casa da Moura Letra C – Profundidade 1,40^m**

Areia quaternarias, logo por cima do manto stalagmitico.

Lepus, 2 ou 3 ? especies, compreendendo a lebre (*Lepus timidus*) que é representada só por um humero, que infelizmente se partiu no acto de extracção do jazigo. Fragmentos do craneo, 6. Maxillares superiores, 7. Maxillares inferiores, 42. Omoplatas, 5. Costella, 1. Humeros, 28 completos, alguns muito pequenos. 3 extremidades superiores (uma da *Lepus timidus*). 11 extremidades inferiores. Cubitos, 10 completos ou extremidades superiores. Radios, 2 completas e 7 fragmentos. Vertebrae, 33. Ossos iliacos, 38. Femures, inteiros, 24. Extremidades superiores, 27. Extremidades inferiores, 12. Tibias inteiras, 14. Extremidades superiores, 31. Extremidades inferiores, 19. Calcaneo, 1. Metatarsos, 14.

Canis lupus spelaeus – Dente canino da maxilla superior, esquerdo; 2 fragmentos dos maxillares superiores do mesmo individuo.

Felis – Osso iliaco, fragmento. *Felis* – Astragalo.

Canis – Phalange

Ruminante ? – Femur, extremidade superior e extremidade inferior, sem as epiphyses, do mesmo exemplar.

⁸⁰ É problemática a diferenciação entre a Lebre e o Coelho, pelo que o critério que o autor terá utilizado, dada a falta de meios de diagnóstico necessariamente especializados e a que não tinha acesso, foi certamente o tamanho dos ossos, o qual não constitui elemento decisivo de diferenciação.

⁸¹ A designação de *Canis lupus spelaeus* foi utilizada nesta passagem do manuscrito (não noutras), por certo para designar o tamanho e robustez destes exemplares. O lobo é, com efeito, a espécie mais abundante de todas as reconhecidas na gruta, com 59 exemplares recuperadas nas escavações de 1879/1880 (CARDOSO, 1993).

Aves (3 especies pelo menos) – Omoplatas, 2 sendo uma de ave de grande estatura. Humeros, 10; Cubitos, 11; Radio; Metacarpo; Pelvis, 3 fragmentos; Femures, 4. Tibias, 5 e metade superior de outra diferente. Tarsometatarsos, 7 de duas especies diferentes.

Ethnographia – Pequena faca de silex ponteaguda com 0,041m de comprimento e 0,011m de largura. Calháo ellipsoidal de quartzite fendido longitudinalmente pelo fogo ou pancada ? Calháo muito rolado achatado de quartzite, com duas cavidades ou depressões nas duas faces maiores oppostas, tendo talvez servido para sobre ella triturarem sementes ou quaisquer corpos duros.

**Folha 24 (21,5x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 2 páginas
Casa da Moura Letra C – Profundidade 1,50^m**

Das areias quaternarias nas anfractuosidades do calcareo jurassico. Falta o manto stalagmitico nesta parte. [A etiqueta indicava 0,50^m, por erro provavelmente]

(82)

Felis, grande especie, muito provavelmente *F. lynx*.

(?) Radio (de carnívoro, mas certamente de outro genero, muito provavelmente *Canis*). Vertebrae, 10. Sacrum. Osso iliaco. Femur, os dois do mesmo individuo, completos. Metacarpos, 2. Astragálo.

Felis sp. – Maxillar inferior direito. Omoplatas, 2 provavelmente do mesmo individuo. Radio, metade inferior. Metacarpo.

Felis, pequena especie, menor mas mais forte que o gato domestico. Humero, de individuo novo, sem as epiphyses.

Cervus ? Phalange, semelhante às do carneiro, mas maior. Osso do carpo ?

Lepus, apenas uma extremidade inferior do humero que possa referir-se à lebre. Maxillares superiores, 59 n'alguns reunidos os dois ossos. Maxillares inferiores soltos, 158. Vertebrae, 93. Sacrus, 20. Omoplatas, 21. Radios, 9. Humeros, 59 inteiros; extremidades inferiores, 63 (mais uma extremidade inferior de *Lepus timidus*); extremidades superiores, 3. Cubitus, 40 (extremidades superiores). Ossos iliacos, 90. Femures, 65 + 56 = 121 inteiros. Extremidades superiores, 64. Extremidades inferiores, 22. Tibias, inteiras, 41. Extremidades superiores, 36. Extremidades inferiores, 43. Calcaneos, 6. Astragalos, 2. Osso do tarso, 1. Metacarpos, 2. Metatarsos, 11. Phalange unguinal da mão, 1.

Vespertilio Insectívoro ? ind. Cubito (Será do deposito superior ?); Humeros, 2; Radio; Omoplata, 2.

Aves 1 só especie, pequena Omoplata; Vertebra; Humerus, 22; Cubitus, 11. Metacarpos, 2. Pelvis (ossos da bacia), 2. Femures, 7. Tibias, 2. Tarso–metatarsos, 4.

**Folha 25 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
1 página manuscrita**

Letra F Profundidade – 0,40^m

Restos humanos – Maxillares inferiores, 2 fragmentos diferentes. Costellas, 7 fragmentos. Humeros, 3 fragmentos do corpo. Radio, 3 fragmentos do corpo. Cubito, extremidade superior. Extremidade inferior.

⁸² A observação quanto à indicação da profundidade da colheita indicada na etiqueta estar errada comprova a informação, contida nas cartas de Miguel Pedroso, de que os espólios eram remetidos para Lisboa acondicionados em caixotes etiquetados, e que era na Secção Geológica que a inventariação dos mesmos se efectuava, a cargo de Nery Delgado, autor do referido comentário. Com efeito, provindo o conjunto das areias quaternárias, a sua profundidade de colheita seria por certo superior aos 0,50 m referenciados na etiqueta.

2 fragmentos de corpo. Clavicula, 3 fragmentos. Omoplata, pequeno fragmento. Phalange da mão, 1. Tibia, 2 fragmentos. Metacarpos, 6. Calcaneo, 1. Metatarsos, 5 (sendo 1 primeiro). Fragmentos de ossos longos ind., 4. Lascas de ossos longos ind., 13.

Ethnographia – Faca de sílex avermelhado de secção triangular, e bordos denteados – 0,085^mx0,020^m. 3 cacos de louça grosseira lisa, e 1 com desenhos.

Restos animais – *Cerithium*. Femur de carnívoro, metade superior (*Canis*) (das areias quaternárias); Metatarso de Ruminante (*Capra ou Ovis*); 3 femurs e 1 tibia de coelho; Metatarso de *Canis*; Metatarso ?; Humeros de Ave; Lasca de grande osso longo (das areias inferiores provavelmente).

**Folha 26 (21,6x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
1 página manuscrita**

Casa da Moura Letra f – Profundidade 1,40^m

Areias vermelhas logo por baixo do manto stalagmítico, com uma cor intensa, tingidos os ossos de vermelho. Ossos inteiros quase todos.

Lepus Maxillares inferiores, 10. Humerus, 10. Cubitus, 2. Radius, 5. Omoplatas, 3. Costellas, 3. Femures, 10. Tibias, 9. Ossos iliacos, 5. Vertebras, 6.

Felis Carnívoro de pequena estatura como um gato, muito provavelmente deste grupo Cubitus, faltando-lhe a extremidade inferior.

Aves Fragmentos da mandíbula, 4. Sternum, 2 fragmentos. Forquilha, 1. Humerus, 4. Cubitus, 4. Radius, 4. Tibias, 2. Femures, 2. Pelvis, 1. Metacarpos, 3. Tarso – metatarsos, 2.

Letra f – Profundidade 1,0^m Immediatamente por cima do manto stalagmítico

Ave Tibia, faltando-lhe a extremidade superior de uma ave diferente e um pouco maior do que a galinha e o pato.

**Folha 27 (21,5x32,2 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

Casa da Moura [Quaternário] Letra f Profundidade 1,60^m (logo associado ao/ por cima do manto stalagmítico)

Lepus cuniculus, e *Lepus* sp. Maxillares superiores, 16 em muitos os dois ossos reunidos. Maxillares inferiores soltos, 54. Costella, 1. Vertebras, 33. Sacrum, 2. Omoplatas, 7. Cubitus, 3 + 6 incompletos, de duas espécies diferentes. Radios, 10 sendo dois incompletos. Humeros, 29 completos. 3 extremidades superiores todos diferentes. 15 extremidades inferiores. Ossos iliacos, 36. Femures completos, 64. Extremidades superiores, 30. Extremidades inferiores, 12. Tibias, 46 completas. Extremidades superiores, 18. Extremidades inferiores, 21. Porções do corpo, 15. Metatarsos, 10. *Canis*, Dente canino e último molar verdadeiro de *C. familiaris* ? Osso temporal esquerdo com a apophyse zygomatica. Peça de sternum. Tibia, extremidade inferior. Vertebra. Astrágalo. Costella. Humeros, fragmento do corpo. Metatarsos, fragmento. Phalange.

Felis Radio, extremidade superior.

Aves Cabeça de uma espécie do tamanho da galinha talvez. Radio. Humerus, 15. Cubitus, 24. Metacarpo. Pelvis, 3. Femures, 6. Tibias, 13 de três espécies diferentes pelo menos. Tarso-metatarsos, 5.

**Folha 28 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
1 página manuscrita**

Casa da Moura Letra h – Profundidade 0,50^m [Quaternario] (encontrado no roço)

Felis ou *F. lynx* Femur completo; *Lepus cuniculus* Maxillares inferiores soltos, 3; Omoplata; Humeros, 3. Cubitus, 1. Ossos iliacos, 3. Femures, 4, um só inteiro. Tibias, 6 representados por fragmentos. Metatarso. Osso do tarso.

Amostra das areias vermelhas posteriormente cimentadas pelo calcareo sem ossos de coelho.

**Folha 29 (21,5x32,2 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

Casa da Moura Letra h – Profundidade 1,20^m (logo por cima do manto stalagmitico) [Quaternario]

Lepus [Apenas um humero de lebre, que pertencerá acaso ao terreno superior]. Uma cabeça incompleta de grande coelho, com os dois maxillares superiores. Maxillares superiores, 8 (4 reunidos os dois maxillares). Maxillares inferiores soltos, 39. Vertebrae, 17 (sendo 2 atlas). Sacrum, 5. Costellas, 2. Clavicula, 1. Omoplatas, 3. Humeros, 43 completos. Humerus, extremidade superior, 1. Humeros, extremidades inferiores, 10 (com o corpo quasi completo). Radios, 7 completos + 6 grandes fragmentos diferentes. Cubitos, 5 de duas especies diferentes. Ossos iliacos, 28 + 13 fragmentos todos provavelmente diferentes. Femures completos, 46 + 21 = 67. (1 de lebre?) Femures, extremidades superiores, 46 – com o corpo quasi completo, pela maior parte. Femures, extremidades inferiores, 16 – com o corpo quasi completo, pela maior parte. Tibias completas, 49. Tibias, extremidades superiores, 13. Tibias, extremidades inferiores, 27. Tibias, porções do corpo, 12. Metatarsos, 3.

Felis, sp. de grande estatura, muito provavelmente *F. lynx*; Os 4 metatarsos de um pé ainda soldados pelo tufo.

Felis, sp. de pequena estatura – Humero de individuo novo; Femur de individuo novo (porventura de outro genero). (83)

Canis lupus, muito provavelmente – Osso intermaxillar superior esquerdo com os 3 incisivos. 2 metatarsos, e fragmentos de 2 outros. 2 phalanges, uma de primeira e outra de 2.^a serie. 2 vertebrae incompletas. Scaphoide ?

Aves Omoplata. Sternum. Humeros, 20. Radio, 1. Cubitos, 19. Metacarpos, 5. Ossos da bacia, 4. Femures, 3. Tibias, 18. Tarso–metatarsos, 7.

Helix, pequena especie involvida nas areias mais ou menos fortemente cimentados e às vezes muito rijamente, pelo calcareo stalagmitico com o oxydo de ferro e de manganez que os cercava anteriormente.

**Folha 30 (21,5x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas**

Casa da Moura Letra k – Profundidade 1,50^m Areias quaternarias, logo por cima do manto stalagmitico.

[NB – Na relação das etiquetas diz que a maxilla de lobo foi encontrada à profundidade de 1,40^m] (84)

⁸³ A presença de dois felídeos de tamanhos diferentes presentes na gruta, descontando a ocorrência raríssima de restos de Leopardo (*Panthera pardus* L.), do qual apenas se registaram dois restos, corresponde ao Lince ibérico (*Lynx pardina spelaea* L.), que o autor reporta a “*Felis* de grande tamanho” e a Gato-bravo (*Felis sylvestris* L.), designado por “*Felis* de pequena estatura”.

⁸⁴ Novo comentário relativamente à discrepância (no caso pequena diferença na indicação da profundidade de recolha de uma hemimandíbula de lobo) existente entre a etiqueta associada à peça e a etiqueta relativa ao estante conjunto, que bem comprova o extremo

Canis lupus spelaeus – Maxillar inferior esquerdo quasi completo. (individuo de grande estatura); Dente incisivo da maxilla superior. Vertebra lombar. Vertebra caudal. Costella. Cubito, faltando-lhe a extremidade inferior. Radio, completo. Osso iliaco, incompleto. Femurs, os 2 um partido intencionalmente faltando-lhe a extremidade inferior. 1 extremidade inferior de outro femur maior. Tibias, as 2 faltando-lhes as extremidades inferiores, partidas intencionalmente. 1 extremidade inferior. Peroneo, metade superior. Calcaneos, 2 oppostos talvez do mesmo individuo. Astragalo. Metacarpos ou metatarsos, 5 e mais 3 fragmentos. Phalange. (85)

Lepus, restos de 2 especies diferentes, uma maior que o coelho branco comum, e outra muito menor, mas não de lebre. Craneo, 2 fragmentos (1 cabeça quasi completa). (86)

Maxillares superiores, 3. Maxillares inferiores, 11. Vertebrae, 12. Sacrum, 1. Humeros, 10 + 1 = 11. Radio, fragmento. Cubitus, 2 de especies diferentes. Omoplatas, 2 incompletas. Femurs, 26 + 3 = 29, quasi todas completas de 2 especies diferentes pelo menos. Tibias, 19 + 5 = 24, quasi todas completas de 2 especies diferentes pelo menos. Ossos iliacos, 12 raramente completos. Metatarso.

Aves, restos de 3 ou 4 especies. Cabeça incompleta de uma pequena especie do tamanho de uma perdiz. Omoplata. Humeros, 4 (de 2 especies diferentes). Cubitus. Metacarpos, 2. Femur. Tibias, 4 talvez todas diferentes, um fragmento de especie de grande estatura. Tarso-metatarso.

Casa da Moura Letra k – Profundidade 1,40^m

Areias quaternarias, com parte coradas de roxo (manganez) logo por cima do manto stalagmitico, cimentadas pelo calcareo com os oxydos de ferro e manganez. (87)

Felis Humerus de uma pequena especie, porção inferior do corpo.

Hyæna crocuta juv. Fragmento de maxillar superior direito com os dois ultimos molares, unicos que possuía, seguindo-se imediatamente ao dente principal o alveolo do canino. Era portanto de um individuo muito novo. (88)

Lepus, 2 sp. Fragmentos de craneo, 8 [Nenhum resto de lebre !]. Maxillares superiores (muitos d'elles reunidos ambos os ossos), 40. Maxillares inferiores soltos, 78. Costellas, 4. Omoplatas, 9. Clavicula. Vertebrae, 53, sendo 2 atlas. Sacrum, 7. Humerus, 54 quasi todos completos, raros existindo já partidos no deposito. Radios, 7. Cubitus, 9. Ossos iliacos, 50 um d'elles offerecendo um caso pathologico. Femurs, 99, bastantos representados só por fragmentos e alguns já fracturados no deposito. Tibias, 84 representadas, por extremidades superiores, extremidades inferiores, e inteiras quasi em igual numero. Metatarso, 1. Ossos roidos (tibias), 6.

Roedor ? Radius ind., 2.

rigor de Nery Delgado e o facto de não ter sido ele o autor da etiquetagem das peças no decurso da escavação ou o seu acondicionamento para Lisboa.

⁸⁵ Ver nota 81.

⁸⁶ Ver nota 80. Desconhece-se a que espécie poderia corresponder estes restos que, segundo Nery Delgado, não seriam nem de Coelho, nem de Lebre.

⁸⁷ As sucessivas indicações apresentadas sobre a posição das areias quaternárias é clara quanto à posição que ocupavam, assentando invariavelmente no manto estalagmítico.

⁸⁸ Não se identificaram restos desta espécie na revisão efectuada das faunas pliocénicas recuperadas nas escavações de 1879/1880 na Casa da Moura (CARDOSO, 1993).

Amostra da brecha ossea formada de ossos de coelho e de aves aglutinados pelas areias fracamente cimentadas pelo tufo e pelos oxydos de ferro e de manganez. (89)

Aves – Omoplata. Clavicula. Sternum. Vertebra. Humeros, 3. Cubitus, 11 (de duas especies, pelo menos). Metacarpos, 2. Osso da bacia. Femurs, 6 pertencendo a 2 ou 3 especies. Tibias, 8 pertencendo a 2 ou 3 especies. Tarso-metatarso, 4.

Folha 31 (21,6x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

1 página manuscrita

Etiqueta nº 2 Letra l Profundidade – 0,40^m

Por cima do banco stalagmitico. Nenhum osso longo inteiro!

Restos humanos – 4 pequenos fragmentos de craneo. Maxillar superior esquerdo incompleto. Maxillas inferiores, 6 fragmentos pertencentes a 4 individuos diferentes pelo menos. Um dos fragmentos é notavel pela grande apophyse ????, que apresenta. Vertebrae: cervical, 1; dorsal, 7; lombar, 3. Sacrum, 1 fragmento. Sternum, 1 corpo. Costellas, 11 fragmentos. Claviculas, 7 incompletas ou grandes fragmentos. Humerus, 13 porções inferiores do corpo com parte da extremidade (1 com o corpo inteiro, e 2 mostrando vestigios da perfuração olecraneana). 5 porções superiores do corpo sem vestigio da extremidade (cabeça do humero). Cubito, 9 extremidades superiores ± completas com uma porção maior ou menor do corpo. 3 porções do corpo. Radio, extremidade superior com a tuberosidade bicipital mui saliente. Extremidade inferior. Porção media do corpo. Femur, 2 extremidades superiores (sendo 1 de femur de criança quasi completo). 8 porções do corpo, geralmente pequenos. Rotulas, 2. Tibia, epiphyse solta da extremidade superior. 7 fragmentos do corpo (até 0,05^m de comprimento!) dos dois typos ordinario e achatadas. Peroneo, 7 fragmentos pequenos. 10 Fragmentos de ossos longos ind., esmagados, polidos, ??, 10. 47 Lascas id. ????, algumas muito boas, 47.

Ethnographia – Fragmento de um celt de schisto silicioso cinzento-anegrado. Pequeno fragmento de louça negra com desenhos. Id. de um vaso de louça negra mui rija com juntos pontos brancos, com velatura vermelha nas superficies interior e externa, provavelmente dada n’um banho pouco demorado. 3 cacos de louça grosseira negra, lisa.

Restos de animaes – Tibia de lebre, metade superior. Costella, fragmento ind.

Folha 32 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

2 páginas manuscritas

Casa da Moura Crivo – Letras p – t [Quaternario]

(90)

Felis – Calote craneana. Maxillar superior direito, fragmento, com o canino e os dois molares maiores. Humerus, extremidade inferior com a maior parte do corpo, e extremidade superior talvez pertencente ao mesmo exemplar, mas não ajustando com aquella. Humerus fragmento de extremidade inferior da mesma especie, e talvez do mesmo individuo. Vertebra lombar.

⁸⁹ Como geólogo, Nery Delgado conferiu a devida importância à recolha de amostras dos depósitos fossilíferos, como agora se comprova.

⁹⁰ É interessante verificar que, mesmo as peças recolhidas no crivo foram referenciadas pelo local da sua proveniência no interior da gruta, o que revela um trabalho muito bem organizado e metódico, dirigido por Miguel Pedroso. A própria utilização do crivo comprova a qualidade e o rigor com que os trabalhos de campo se realizaram.

Canis – Calote craneana. Fragmento de maxillar superior direito com os 4 ultimos molares. Intermaxillar inferior esquerdo com o 2.º incisivo, o canino e o 1.º premolar. Intermaxillar (fragmento) superior esquerdo com o 3.º incisivo. 2 fragmentos de maxillar inferior. 3 dentes molares soltos, 2 incisivos e 1 canino. Radio, 3 extremidades superiores, e 2 inferiores (diferentes). Omoplata, fragmento. Vertebrae lombares, 2. Atlas, fragmento. Osso iliaco, 2 fragmentos. Femur, 2 extremidades superiores e 1 inferior. Tibias, 2 extremidades superiores, 1 inferior e 1 porção do corpo. Ossos do tarso?, 3. Phalanges, 3 (sendo uma unguial). Calcaneo, 1.

Lepus cuniculus – Numerosos ossos empastados pelo tufo com as areias, das quais afastei: Maxillares inferiores, 3. Humerus, 3 extremidades inferiores e 1 completo. Ossos iliacos, 2. Femur, 4. Tibias, 2. Ruminantes – *Cervus*? Humerus, 2 extremidades inferiores diferentes. Costella. Metacarpo sem as epiphyses terminales. (91)
Metatarso, extremidade superior. Femur, porção do corpo. Tibia, extremidade inferior com a epiphyse solta, incompleta. Astragalo.

Bos? Costella, fragmento.

Silex branco-avermelhado às manchas de forma subtriangular alongada, denteada n'um dos bordos, que é curvilíneo, e cortante no outro, que é recto. Typo intermedio entre as facas e raspadores claramente afeiçãoado a servir como serra. Evidentemente da época quaternaria. Exemplar único. Amostras da brecha ossea, das areias ferroginosas cimentadas pelo calcareo stalagmitico. (92)

**Folha 33 (21,5x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas
Etiqueta n.º 1 Letra p Profundidade – 0,40^m, por cima do banco stalagmitico**

Ethnographia – Bellissima placa subrectangular de ardósia com desenhos n'uma das faces, e orificio de suspensão. Dimensões: 0,171^mx0,083^m. Bellissima placa trapezoidal de ardósia, a maior que temos até agora colligido, com desenhos a traço n'uma das faces, e orificio de suspensão. Tem 0,187^m de altura, e 0,115^m de largura na base maior e 0,063^m na menor. Fragmento de outra placa trapezoidal de ardósia, com dois orificios de suspensão, com desenhos n'uma das faces. 2 celts, um d'elles bellissimo, de schisto silicioso (93)
cinzento-anegrado (phtanite). ! Celt pequeno de forma trapezoidal com gume cortante, muito perfeito, com 0,066^m de altura, 0,033^m no gume, e 0,014^m na cabeça. De nephrite cinzento-esverdinhada clara. Deixa-se cortar difficilmente pelo aço, sendo a dureza ± 6. ! Grande ponta de lança de silex esbranquiçado muito reforçada, com 0,145^m de altura e 0,078^m de maior largura, de forma suboval, denteada finamente nos bordos, e lascada nas duas faces. Assemelha-se a outra, posto que de forma mais alongada, mas da mesma substancia e do mesmo genero de trabalho, obtida no dolmen de Mont'Abraão. !(Punhal?) /Ponta de lança mui bella de forma pentagonal muito alongada, terminando em ponta agudissima, denteada em redor e afeiçãoada nas duas faces (94)
que são convexas. Tem 0,104^m de altura e 0,033^m de largura ??? da base, medindo esta sómente 0,019^m. É de

⁹¹ A limitação da identificação segura de certas peças com espécies ainda existentes na actualidade, como o veado, mostra a ausência de uma colecção de comparação, o que se estranha num estabelecimento que tantas intervenções tinha já realizado em numerosas estações pré-históricas onde a presença de faunas era uma constante.

⁹² Não se conseguiu referenciar este exemplar, pela descrição apresentada, entre o conjunto do Paleolítico Superior recolhido e recentemente objecto de republicação (ZILHÃO, 1997).

⁹³ A adjectivação atribuída a certas peças arqueológicas, já antes utilizada (ver a utilização da mesma expressão na descrição da placa de xisto anterior) é sugestiva do verdadeiro entusiasmo com que Nery Delgado se dedicava às investigações arqueológicas, apesar de a sua ocupação dominante ser no campo da geologia e da paleontologia do Paleozóico.

⁹⁴ Trata-se do exemplar representado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 23, n.º 2, que o autor comparou à grande alabarda do dolmen de Monte Abraão, escavado por Carlos Ribeiro, que reproduz a referida peça (RIBEIRO, 1880, Fig. 28).

silex cinzento. ! Faca de sílex branco denteada n'um dos bordos, ou talvez estalada no gume, com moegas produzidas pelo uso, de 0,107^m de comprimento. Faca de secção trapezoidal, reforçada, mui finamente e intencionalmente denteada nos bordos, quebrada n'uma das extremidades n'uma pequena parte, pois que mede 0,114^m de comprimento por 0,014^m de largura. De sílex pardacento muito claro. 2 Facas incompletas de sílex branco sujo, de secção trapezoidal, bastante reforçadas, e denteadas nos bordos. Estes dois fragmentos medem 0,084^m e 0,072^m de comprimento. Faca quasi completa de sílex pardacento ou cinzento muito claro, faltando-lhe apenas uma parte n'uma das extremidades, primeiro estalada e depois denteada nos bordos, com 0,113^m de comprimento. Faca de sílex cinzento de secção triangular muito reforçada, estreitando em ponta para uma das extremidades, e denteada nos bordos. Com 0,127^m de comprimento. 2 Facas de sílex quasi completas de secção transversal triangular, uma esbranquiçada, outra pardacento clara, de 0,080^m e 0,082^m de comprimento. ! Ponta de lança ou dardo de sílex esbranquiçado sujo, quebrada na base, mas mostrando uma profunda chanfradura de cada lado limitando as duas pontas agudas da base. É formada de uma placa polida nas duas faces, e depois afeiçãoada destacando pequenas lascas para lhe formarem os bordos que são denteados. Tinha mais de 0,10^m de altura. Lasca de sílex zonado de branco e côr de carne. (95)

Furador de osso mui bello formado de uma lasca longitudinal de osso longo, medindo 0,134^m de comprimento. Porção de osso longo com 0,055^m de comprimento cortada e polida nas duas bases ou extremidades. Dente principal da maxilla superior de lobo (*C. lupus*) furado nas trez raizes para ser usado como berloque ou pingente. Pequena marca de osso para ser usado em collar. Conta globular de serpentina comum (ophiolite). Disco de grés micaceo vermelho de cimento calcareo, liso malha para jogo. Pequeno vaso de forma cylindrica com o fundo convexo, feito à mão, de superficie lisa pouco regular, e com a base plana e guarnecida de uma serie de traços paralelos. Tem 0,040^m de altura, 0,030^m de diametro interior na boca, e 0,007^m de espessura. Tijella de forma discoide pouco funda de louça negra lisa amassada à mão com 0,084^m de diametro na boca. Tijella de barro grosseiro negro fabricada à mão, de forma hemispherica, de 0,066^m de diametro na boca e 0,046^m de profundidade, de superficie lisa pouco regular. Fragmento de uma tijella semelhante. Fragmento de um vaso de fundo chato e borda pouco alta revirada para fóra. Fragmentos de borda de 7 outros vasos, um d'elles com traços na superficie externa, e outro com uma serie de golpes ou covinhas na borda, e outro com traços e golpes. 40 fragmentos de louça grosseira, alguns de pasta negra com verniz vermelho exteriormente, muito rija e bem cozida, mas com os mesmos pontos brancos arenosos e calcareos (Será romana?). Placa de calcareo granular (marmore) fino branco, com 3 orificios de suspensão, incrustada de calcareo stalagmitico. (96)

(97)

(98)

(99)

⁹⁵ É importante sublinhar que o autor tinha já identificado a técnica utilizada na confecção das produções bifaciais de alabarda, que envolviam, numa primeira fase, o polimento e desbaste das placas de sílex, atingindo assim a espessura desejada, as quais só depois eram afeiçãoadas por lascamento orietado e por pressão a partir dos bordos, situação particularmente evidente nas bellissimas peças de base convexo-côncava (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 23, n.ºs 4 e 6).

⁹⁶ Trata-se do quarto pré-molar superior (P 4), reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 54, n.º 12.

⁹⁷ Deve tratar-se do exemplar representado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 39, n.º 7, pois as dimensões e descrição coincidem, com excepção de os traços paralelos não se encontrarem junto à base, mas sim a decorar o lábio o recipiente. Com efeito, na descrição apresentada, o autor designa por fundo a base, indicando que a mesma é convexa, tal qual se observa no exemplar em causa.

⁹⁸ Pela descrição, tudo indica tratar-se de materiais neolíticos, já que na revisão efectuada em 2001/2002 não se identificaram quaisquer vestígios da presença romana.

⁹⁹ Este exemplar foi desenhado em associação com outro elemento igualmente incompleto (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 62, n.º 2), configurando uma peça curvilínea de calcário, de natureza simbólica, semelhante a outras, como exemplar das grutas do Poço

Fragmento de um celt de schisto aphanítico, que partiram no acto da extracção. 2 seixos achatados de quartzite quebrados n'uma das extremidades, tendo muito provavelmente servido de percutores. Lasca de quartzo avermelhado, talvez fragmento de uma faca. 2 pequenos calháus estalados de quartzo.

NB – Os ossos humanos estão todos muito quebrados, e os longos especialmente reduzidos pela maior parte a pequenos fragmentos e a lascas, sendo também muito grande o número dos ossos roídos, e maior do que em nenhuma outra parte da gruta.

(100)

Restos humanos – 24 fragmentos pequenos da abobada craneana, sómente um medindo 0,13^m de comprimento. 12 fragmentos de maxillares inferiores, pertencentes a 6 individuos diferentes pelo menos. Dentes soltos: incisivos, 11. Caninos, 3. Falsos molares, 4. Molares verdadeiros, 8. Atlas, 3. Axis, 2. Vertebrae cervicaes, 2. Dorsaes, 6. Lombares, 2. Sacrum, 1 fragmento. Sternum, pequeno fragmento do corpo. Costellas, 56 fragmentos muito pequenos, pela maior parte. Clavicula, 12 fragmentos maiores ou menores, alguns d'elles quasi completos. Omoplata, 6 pequenos fragmentos. Humero, 3 extremidades inferiores (um de infante, outra com perfuração olecraneana enorme). 8 porções inferiores do corpo, com parte da extremidade. 9 outras porções do corpo. Cubito, 9 extremidades superiores, alguns incompletos (1 de infante ou criança). 1 extremidade inferior. 4 porções do corpo. Radio, 1 extremidade superior. 4 extremidades inferiores, 3 sem as epiphyses, (1 de criança ou infante) e 1 de adulto. 16 porções do corpo maiores ou menores. Metacarpos, 34 (sendo 7 primeiros) – Um 2.^o metacarpo, de adulto, é de comprimento extraordinario (0,077^m). Phalanges da mão, 17. Osso iliaco, 6 fragmentos. Femur, 8 extremidade superiores ou cabeças (1 de infante ou criança). 2 epiphyses soltas da extremidade inferior. 20 porções maiores ou menores do corpo, alguns quasi completos. Rotulas, 4. Tibias, 2 extremidades inferiores. 17 porções maiores ou menores do corpo (sendo 3 de criança), muitas do typo muito achatado platicnemicas (lame de sabre). Peroneos, 2 extremidades superiores (1 de infante sem a epiphyse). 4 extremidades inferiores. 15 porções maiores ou menores do corpo. Tarso – Calcaneos, 2. Astragalos, 11. Scaphoide, 1. Metatarsos, 27 (sendo 3 primeiros). Phalanges do pé, 9 (4 primeiras da 1.^a serie). 42 fragmentos da canna de ossos longos não determinados, quebrados intencionalmente, 42. 70 lascas id., muitas d'ellas roídas.

Restos de animaes – Dente canino de *Canis*, individuo velho, mas de pequena estatura.

Dente molar de pequeno Ruminante, e fragmento de outro.

Femur, extremidade inferior de *Canis*.

3 Phalanges de Ruminante ? ou Pachyderme ?

Calcaneo, pequeno de *Felis*, individuo novo [Quaternario?]. Femur, extremidade inferior com metade do corpo, sem a epiphyse, que se desprendeu.

Coelho [Quaternario ?] – Maxillar inferior esquerdo. Vertebra. Humeros, 3 fragmentos (1 completo).

Femur, 6 fragmentos (1 completo). Tibia, 5 fragmentos (1 completa). Metatarso.

Humero de Ave [Quaternario ?] – Tibia, faltando-lhe a extremidade inferior. Phalange e outros ossos indeterminados.

Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. 19 a), e outro da sepultura II do Cabeço da Arruda, Torres Vedras (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, p. 284).

¹⁰⁰ O elevado estado de fragmentação dos ossos humanos evidencia as vicissitudes sofridas, nos processos pós-deposicionais ocorridos no interior da gruta, já que, mesmo correspondendo a deposições secundárias, seria expectável que correspondessem a exemplares inteiros ou quase. O facto de aquela fragmentação se observar com maior evidência em área específica da gruta é compatível a possibilidade de esta corresponder a sector onde tais processos se tivessem manifestado com maior intensidade.

Lasca de um osso longo muito forte, de boi ou cavallo.

Nota – Alguns destes ossos podem pertencer, e julgo mesmo que pertencem às areias inferiores.

Folha 34 (22x32,2 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Casa da Moura Letra q – Profundidade 0,80^m (logo por cima do manto stalagmitico)

Restos de animais [quaternarios]. *Lepus cuniculus* – Maxillares superiores, 2 e intermaxillares de uma cabeça. Maxillares inferiores soltos, 21. Vertebrae, 6. Omoplatas, 2. Costellas, 2. Humeros completos, 11. Extremidades inferiores, 13. Extremidades superiores, 11. Radios, 10 completos e mais 9 fragmentos. Cubitos, 4 inteiros e mais 5 fragmentos. Ossos iliacos, 31. Femures inteiros, 45 de diversas idades. Extremidades superiores, 69. Extremidades inferiores, 36. Fragmentos do corpo, 31. Tibias inteiras, 29. Extremidades superiores, 62. Extremidades inferiores, 78. Fragmentos do corpo, 57. Calcaneo, 1. Metatarsos, 14.

Lepus timidus – Femur, 2 corpos um com a extremidade superior incompleta [quaternario]. (101)

Felis – 2 dentes caninos soltos. Maxillar inferior esquerdo, fragmento de *F. catus*. Humero, extremidade inferior provavelmente de *F. catus*. Humero completo e metade superior de outra especie maior. Radios, 2 (um de especie de grande estatura muito provavelmente de *Canis*). Femur, 1 completo de individuo novo sem as epiphyses [De outro genero? Um *Gulo luscus*?]. Femur, metade inferior de outro, tambem sem muita duvida (102)

de *Felis*. Metatarsos, 2 e fragmento de outro. (103)

Canis – Fragmento de abobada craneana. Maxillar superior, fragmento com os 4 ultimos dentes. Maxillar, dente carnicheiro, solto de grande especie. Costella. 2 vertebrae cervicaes e fragmento de axis. Radio, fragmento ind. (pode talvez ser de grande *Felis*). (104)

Metatarso, 1 completo e 2 fragmentos.

Cervus ? – Lasca de corno. Humero, extremidade inferior de pequena especie. Phalange. Metacarpo? Fragmento da canna. Calcaneo, de especie de maior estatura, provavelmente *Cervus*. Lascas e fragmentos da canna de ossos longos ind.

Aves – Craneo, 2 calotes uma de ave de grande porte. Mandibula, ramo direito incompleto de pequena especie como um frango. Omoplatas, 3, uma de grande especie, outra de ave de pequena estatura. Humeros, 7 e extremidade inferior de outro muito maior. Radio, metade superior. Cubitos, 3 extremidades inferiores de grande especie, e 12 outros menores. Metacarpas, 4. Femur, extremidade inferior de grande especie, e 4 outros menores. Tibias, de pelo menos 3 especies, 11 completas ou fragmentos. Tarso-metatarsos, 3 incompletos.

Patella 2 conchas de diferentes formas. (105)

¹⁰¹ Como já anteriormente se referiu, é pouco credível a identificação de Lebre, a não ser pelo tamanho, à falta de elementos de diagnose mais seguros. Ver nota 80.

¹⁰² Não é ao gato doméstico que estes restos se podem aribuir, dado que a introdução desta espécie no território português é muito mais recente. Devem corresponder ao Gato-bravo ibérico, *Felis sylvestris tartessia* espécie aliás identificada na revisão dos restos faunísticos plistocénicos (CARDOSO, 1993).

¹⁰³ Não se trata seguramente de Glutão (*Gulo gulo* L.), espécie de climas muito rigorosos, não identificada no Plistocénico do território português.

¹⁰⁴ A dúvida na classificação desta peça a nível de género (*Canis* ? *Felis* ?) evidencia bem as limitações do autor, decorrentes por certo de a Secção Geológica não possuir coleção de comparação. Ver nota 91.

¹⁰⁵ Já anteriormente o autor fez referência à recolha de valvas de moluscos marinhos com evidente carácter ritual, como a existência da Vieira (*Pecten maximus* L.) . Ver nota 71. Porém a presença de conchas de Amêijoia (*Venerupis decussatus* L.) e de mexilhão (*Mytilus*

Restos humanos – [Epoca neolítica]. Fragmento de maxillar inferior de criança. Fragmentos de craneo, 6. Costellas, 15 fragmentos. Claviculas, 3 fragmentos. Omoplata, fragmento. Humero, 2 fragmentos do corpo. Radio, 2 fragmentos do corpo. Cubito, extremidade superior, de infante. Extremidade inferior com o corpo (de criança). Peroneo, 3 fragmentos. Metacarpos, 2 (sendo um 1.º). Metatarsos, 7 (sendo um 1.º). Phalanges do pé, 2. Lascas de ossos longos excavados inteiramente, 15.

**Folha 35 (21,7x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

Etiqueta nº 25 Letra s Profundidade – 0,60^m

Nota à margem: Muitos destes ossos manifestamente soffreram a acção do fogo. Era portanto ali o lar, que proximamente correspondia ao meio da gruta.

Restos humanos – Maxillar inferior quasi completo, partido em dois pedaços, de individuo com a dentição completa, mas ainda novo, fragmento tem as corôas dos dentes pouco gastas. O dente principal e o ultimo molar direito apresentam dois grandes furos da coroa; o 5º molar esquerdo tambem atacado. Axis. Costellas, 4 fragmentos. (106)

Clavicula, 1 e fragmento de outra. Humero, 2 extremidades inferiores com o corpo, n’uma das extremidades quasi completa. 1 fragmento do corpo. Cubitos, 2 extremidades superiores. 1 porção do corpo. Radio, 1 extremidade superior. 1 porção superior do corpo. Metacarpos, 2 (1 primeiro). Phalanges da mão, 2. Femur, 4 porções superiores do corpo faltando-lhe as cabeças (1 de infante ou criança). Notavel um dos fragmentos, de individuo novo, fragmento tem uma crista agudissima correspondendo à linha aspera. 1 fragmento do corpo. Tibia, 1 incompleta de criança ou infante. Corpo incompleto de outra id. 4 fragmentos do corpo de diferentes. Peroneo, porção inferior, faltando-lhe a extremidade articular. Tarso – Calcaneo, 1.

Restos de animais – 3 Tibias de coelho (*L. cuniculus*) de diversa grandeza [das areias inferiores]. Humeros (de pequeno Ruminante) *Ovis*? Femur de *Felis*? Astragalo, 1. Metatarsos, 4 (1 primeiro).

Ethnographia – Bella ponta de lança de silex subtriangular, de cor acastanhada ou de mel, polida nas duas faces e denteada nos bordos, com um espigão na base quebrado, bem como a ponta. Teria completa 0,115^m de altura e 0,070^m de largura entre os dois angulos oppostos da base. Faca pequena de silex cinzento-acastanhado claro com 0,057^mx0,010^m. Celt de schisto silicioso cinzento anegrado, de forma subtrapezoidal com o gume curvilineo – 0,121^mx0,057^mx0,015^m. Pequeno fragmento de uma placa de ardosa com desenhos já quasi apagados. 20 fragmentos de loiça lisa negra pertencendo a 8 vasos diferentes pelo menos, todos pequenos. (107) (108)

edulis), atrás mencionada, ou agora a de Lapa (*Patella* sp.), podem simplesmente corresponder a oferendas de comida, não deixando porém de assumir carácter ritual.

¹⁰⁶ A alusão, por parte do autor, a dentes cariados, é excepcional.

¹⁰⁷ A referência sistemática a pontas de lança não foi ulteriormente legitimada. Com efeito, as folhas bifaciais descritas pelo autor correspondem a punhais ou a alabardas, não sendo contudo evidente a diferenciação tipológica entre ambas as tipologias, em casos limite, questão que tem permanecido até à actualidade.

¹⁰⁸ É de destacar o cuidado na análise efectuada com a quantificação do número mínimo de exemplares cerâmicos, a partir dos fragmentos recolhidos num dado sector da escavação, conforme já anteriormente se referiu. Ver nota 45.

**Folha 36 (21,7x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado/ Thomar”,
2 páginas manuscritas
Etiqueta nº 22 Letra t Profundidade – 0,80^m**

Restos humanos – Fragmentos de abobada craneana, todos pequenos, 12. Maxillar superior direito incompleto. Maxillares inferiores, 8 fragmentos pertencentes a 6 individuos diferentes pelo menos. Dente canino solto, 1. Atlas, 1. Axis, 1. Vertebrae cervicais, 2. Vertebrae dorsaes, 6. Vertebrae lombares, 6. Sternum, fragmento do manubrio. Costellas, 6 fragmentos. Omoplata, fragmento de uma de criança. Humero, completo, ao qual só falta a extremidade inferior que se partiu no acto da extracção. 2 extremidades inferiores (1 de criança) a outra com perfuração olecraniana). 4 porções inferiores do corpo. Cubitus, 4 extremidades superiores com uma porção do corpo. 1 extremidade inferior. Radio, 4 porções do corpo. Metacarpos, 9 (sendo 6 primeiros). Phalanges da mão, 9. Osso iliaco, 5 fragmentos pertencentes a 3 ossos diferentes pelo menos. Femur, 5 fragmentos do corpo. Rotulas, 2. Tibia, 2 extremidades superiores de infante, e 1 epiphyse solta superior. 5 porções do corpo. Peroneo, 2 extremidades inferiores. 2 porções do corpo. Tarso – Calcaneos, 3. Astragalos, 5. Cuboides, 2. Metatarsos, 16 (sendo 3 primeiros). Phalange do pé, 7 (sendo 4 primeiros da 1.^a serie). Lascas de ossos longos ind., 8. (109)

Restos d’animaes – Dente molar de Ruminante (ultimo da maxilla superior de Carneiro).

Das areias inferiores – Humeros, 2 tibias (extremidade inferior) e osso iliaco de *Lepus cuniculus* Cubitus de Ave. Tibia id.

Ethnographia – Fragmento de uma massa de calcareo granular branco (insignia?) incrustada de calcareo stalagmitico na forma semelhante a uma peça encontrada na sepultura da Granja do Marquez. Cilindro de calcareo granular branco (marmore) com uns traços curvos proximo de uma das bases, simulando duas semi-luas contiguas, ou talvez os dois olhos. NB. Peças mais ou menos semelhantes a estas e maiores ou menores, mas sem os desenhos, foram encontradas no dolmen de Monte Abrahão, na sepultura da Granja do Marquez, e nas grutas de Cascaes e de Palmela. Este exemplar tem 0,088^m de altura, e 0,028^m de diametro na parte central que é a mais grossa. Nas bases o diametro é de 0,025^m. Pequeno cilindro liso da mesma substancia, tambem incrustada de calcareo stalagmitico com 0,061^m de altura e 0,020^m de diametro. Celt de schisto silicioso cinzento-anegrado coberto de uma patine esbranquiçada. É de forma pouco regular, terminando superiormente em ponta, e inferiormente em gume cortante. Tem 0,127^m de altura e 0,060^m de largura na base. Celt de diorite schistoide ou amphibolite, com gume. 0,097^mx0,045^mx0,030^m. Celt subtrapezoidal de amphibolite perfeitissimo com gume cortante curvilineo. 0,108^mx0,051^mx0,031^m. Celt de schisto silicioso mui perfeito, afiado de fresco como o precedente, de forma subtriangular estreitando para a parte superior, e inferiormente terminando em gume. Tem 0,098^m de altura, 0,045^m de largura por cima da base, e 0,016^m de espessura. Fragmento pequeno de uma placa de ardosa com desenhos. Lasca alongada de secção triangular de quartzo hyalino, fragmento (110)

¹⁰⁹ Tal como a quantificação dos recipientes cerâmicos a partir dos respectivos fragmentos, também a quantificação do número mínimo de individuos foi ensaiada pelo autor a partir da análise dos fragmentos ósseos ou dentários recolhidos.

¹¹⁰ Ver nota 55. Não se reconheceu mais nenhum exemplar presentemente conservado identificado ao recolhido naquela gruta artificial, para além do mencionado na referida nota, correspondente ao reproduzido por CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 61, n.º 7.

¹¹¹ Terá sido a primeira vez que se mencionou a existência da representação de tatuagens faciais num artefacto ideotécnico calcolítico, no caso um cilindro de calcário, depois identificadas em muitos outros tipos de suportes, presentes em contextos habitacionais e funerários estrementeos, sempre relacionados com a representação da divindade feminina. O exemplar em causa foi publicado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 62, n.º 1.

de uma pequena faca. Fragmento de outra faca de sílex esbranquiçado manchado de vermelho e azulado de secção triangular com 0,022^m de largura! Pequena lasca de sílex do mesmo rim evidentemente, de que foi fabricada a faca precedente. Pequena lasca de sílex zonado de branco e rosado, parecendo o fragmento de uma faca. !2 lascas irregulares de sílex evidentemente do mesmo rim do sílex precedente. Nota – Estes dois exemplares são a prova evidente de que a fabricação dos sílex se fazia dentro da gruta. Calhao rolado de quartzite avermelhado, com duas faces de fractura posterior nos topos, muito provavelmente tendo servido de percutor, e talvez para a fabricação dos sílex. Caco de louça grosseira com desenhos a traço grosso e fundo proximo da boca do vaso. 24 fragmentos de louça grosseira lisa, negra, pertencentes a 14 vasos diferentes pelo menos, de diferentes formas e grandezas, e um d’elles com uma pega, inicio da aza. (112)

**Folha 37 (21,632,4cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas
Etiqueta n° 32 Casa da Moura Letra u – Profundidade 0,90^m**

Restos humanos – Calote craneana compreendendo o frontal, parietal e temporal esquerdo quasi completos, de um craneo mui alto, talvez um pouco deformado. Outra calote imperfeita compreendendo parte do frontal e o occipital, e o parietal e temporal direitos. 160 fragmentos de craneo maiores ou menores, alguns esmagados, outros mostrando um estrago intencional. Maxillares superiores reunidos incompletos de 3 individuos. 5 pequenos fragmentos de maxillares inferiores, talvez todos de diferentes individuos. Maxillar inferior com a denteição completa faltando-lhe os ramos ascendentes. 25 fragmentos maiores ou menores de maxillares inferiores de individuos de todas as idades, 15 diferentes pelo menos. Dentes soltos: caninos, 2. Molares verdadeiros, 5. Atlas, 2. Axis, 1. Vertebrae cervicaes, 3. ! dorsaes, 34 (sendo 4 deformadas e soldadas entre si, talvez por doença). Lombares, 9. Sacrum, 1e fragmento de outro de criança muito nova ou feto. Sternum, 4 incompletos. Costellas, 36. Claviculas, 22 (sendo 12 completas ou quasi completas, e 2 de criança). Omoplatas, 13 fragmentos maiores ou menores de 9 individuos pelo menos. Humerus, completo faltando-lhe só parte da extremidade inferior, que não tinha a perfuração olecraniana. 2 extremidades superiores e 2 epiphyses soltas da cabeça. 15 extremidades inferiores (uma só com perfuração olecraniana, e 2 tendo o corpo completo). 4 corpos completos ou quasi. 5 porções superiores do corpo. 12 porções inferiores. 5 porções medias. Cubitus, 2 faltando-lhe a extremidade superior, que se partiu no acto da extracção do jazigo. 6 extremidades superiores. 2 extremidades inferiores. 6 porções do corpo, sendo trez quasi inteiras de criança ou feto. Radios, 2 completos. 9 extremidades superiores. 6 extremidades inferiores (3 muito novas sem as epiphyses). 2 corpos completos. 7 porções maiores ou menores do corpo. Carpo – Semilunar, 1. Trapezio, 1. Metacarpos, 23 alguns de infante a criança (1 só primeiro). Phalanges da mão, 12. Ossos iliacos, 17 fragmentos alguns de criança. Femur, completo sem as epiphyses, de infante. 9 extremidades superiores (uma com o corpo inteiro, de adulto, 1 de criança e 2 de infante). 3 epiphyses soltas da cabeça, de infantes. 1 extremidade inferior com (114)

¹¹² A “prova evidente”, invocada pelo autor, do fabrico dentro da gruta de artefactos de sílex baseava-se apenas na identidade da matéria-prima em que foram confeccionadas diversos produtos laminares recolhidos; para sustentar a referida afirmação era necessário ter encontrado os referidos “rins” e o encaixe nos mesmos dos produtos de lascagem mencionados. Porém, nenhum dos mencionados “rins” se encontrou, e muito menos se conseguiu a remontagem dos produtos deles extraídos. Esta afirmação enquadrava-se na perspectiva defendida pelo autor de que a gruta fora utilizada como local de habitação, o que, como mais tarde se concluiu, não corresponde à verdade.

¹¹³ Ver notas 45 e 108.

¹¹⁴ É relevante a observação de existirem 4 vértebras dorsais deformadas e soldadas, revelando um caso patológico de natureza articular, dos primeiros a serem registados em contextos pré-históricos peninsulares.

o corpo inteiro, e outra de criança. 3 epiphyses soltas inferiores, uma de infante. 3 corpos completos. 35 fragmentos maiores ou menores do corpo de femur de individuos de diversas idades, alguns com uma forte linha aspera, alguns roídos, outros mostrando a fractura intencional. Rotulas, 9. Tibias, 2 completas um pouco danificadas na superficie.

(115)

2 corpos completos, aos quaes só faltam as extremidades. 2 extremidades superiores (1 de adulto com o corpo quasi completo, e outra de criança). 4 extremidades inferiores. 16 porções maiores ou menores do corpo, uma com uma forte crista mui saliente, outras de forma achatada. Peroneo, 2 extremidades superiores, uma com grande porção do corpo. 5 extremidades inferiores, id. 19 fragmentos maiores ou menores do corpo. Tarso – Calcaneo, 11. Astragalo, 20 (sendo 1 de infante, e outro de criança). Scaphoide, 5. 1.º cuneiforme, 4. Cuboide, 5. Metatarsos, 56 (sendo 14 primeiros). Phalanges do pé, 5.

Restos de animais – (Alguns pertencem certamente às areias quaternarias inferiores). *Felis* – Fragmento de maxillar inferior esquerdo [Quaternario]. Metade inferior de radio, de individuo novo de outra especie. Vertebra (em duvida deste genero). Femur, extremidade superior de uma pequena especie [Quaternario].

Sus ? – Lasca de defeza de javali ?

Canis – Cubitus, metade superior. Humerus, metade inferior. Radio, metade superior. Femur, extremidade inferior. Tibia, faltando-lhe a extremidade superior e a epiphyse, da inferior.

Lepus cuniculus – [Restos pertencentes, todos ou quasi todos às areias quaternarias]. Maxillares inferiores soltos, 8. Humerus, 5. Cubitus, 1. Omoplata, 1. Vertebra, 4. Sacrum, 1. Ossos iliacos, 10. Femur, 15 (raros completos). Tibia, 7 completos e 7 fragmentos.

Ovis – Costella; metacarpo, extremidade superior; osso iliaco; phalange.

Bos – Astragalo

Equus – Dente molar [Quaternario]

Aves [Quaternario] – Humeros, 3. Cubitus, 5 (pertencentes a 2 especies diferentes, uma muito maior que um pato). Femur. Tibias, 2. Tarso–metatarso.

Valva de *Tapes decussata* (ameijoa da pedra) (82)

Ethnographia – ! Porção do corpo de radio humano com 0,075^m de comprimento cortado perpendicularmente nas duas extremidades, formando talvez o cabo ou bainha de algum instrumento. Furador de osso quebrado na base e na ponta formado de uma lasca longitudinal de metatarso de pequeno Ruminante (cabra ou carneiro). Dente canino de maxilla inferior direita de *Canis* (talvez lobo) furado na raiz. Faca de silex bastante forte denteada nos bordos e na extremidade para servir como serra e raspador, com 0,078^m de comprimento. Faca de silex curta com os bordos cortantes: 0,047^mx0,018^m. Fragmento de um grande vaso de louça muito grosseira vermelha em quasi toda a espessura com aza horizontal. 2 fragmentos da borda de um grande vaso de louça menos grosseira negra com desenhos a traço e pontos impressos proximo da borda, tendo proximo 0,20^m de diametro na boca. 29 fragmentos de outros vasos em numero indeterminado, a maior parte de superficie lisa e cor negra ou avermelhada.

(116)

¹¹⁵ A existência de ossos roídos mostra a intervenção de roedores ou de cães, quando ainda havia partes moles residualmente associadas aos ossos.

¹¹⁶ Não existe nenhuma razão para se duvidar que se trata de um rádio humano, dada a evidente experiência do autor na identificação de ossos humanos. Assim sendo, a secção por serragem nas duas extremidades nele observada é caso único em contextos pré-históricos do território português.

Folha 38 (21,5x32,23 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
3 páginas manuscritas
Letra U Profundidade – 1,20^m

Restos humanos – Grande calote craneana compreendendo a maior parte do frontal e dos dois parietais, e ainda parte do occipital. Pertencia a um individuo velho pois que tem as suturas quasi completamente soldadas, distinguindo-se a custo a ligação dos ossos, mas pela sua fraca espessura contrasta notavelmente com os fragmentos de outros craneos achados n’outros pontos da gruta, os quaes eram aliás muito mais curtos e menos volumosos do que este. !!! Parece mostrar fractura violenta na região occipital. (117)

26 fragmentos de craneo, pela maior parte pequenos, e inclassificaveis, e muitos manifestamente revelando a fractura intencional. Maxilla inferior incompleta de individuo adulto. 5 fragmentos de maxillares inferiores pertencentes a 3 individuos, pelo menos. Maxillar superior direito incompleto de individuo novo, com o 5.º molar ainda por romper. Dentes soltos: incisivo, 1. Canino, 1. Falso molar, 1. Verdadeiros molares, 2. Axis, 1. Vertebra cervical, 1. Dorsal, 2. Lombares, 3. Costellas, 11 fragmentos. Claviculas, 9 fragmentos pertencentes a 8 individuos diferentes provavelmente. Omoplata, 1 fragmento. Humero, 1 quasi completo, ao qual falta a epiphyse da cabeça e a extremidade inferior. 8 porções inferiores, duas com o corpo completo, e nenhuma com a perfuração olecraniana. 2 extremidades superiores. 9 fragmentos do corpo (sendo 6 porções inferiores do corpo). Cubitus, 1 completo e outro ao qual só falta a extremidade inferior. 10 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 1 corpo completo, 2 porções superiores e 1 da parte central do corpo. Radio, 1 quasi completo faltando-lhe a extremidade inferior que se partiu no acto da extracção. 4 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 2 porções superiores do corpo. 2 extremidades inferiores (1 com a maior parte do corpo, e a outra de criança). Ossos do carpo – Grande osso, 1. Osso cuneiforme, 1 (muito pesado, com uma côr verdoenga, com o aspecto de recente. Um ligeiro ensaio feito pelo Sr. Wittnich, mostra que ele encerra, como 9 outros ainda materia organica). Metacarpos, 8. (118)

Phalanges da mão, 4. Ossos iliacos, 3 ilions (1 quasi completo) e 1 fragmento de pubis. Femur, 3 extremidades superiores (duas com uma grande porção do corpo, sendo 1 destas de criança). 2 extremidades inferiores. 8 porções maiores ou menores do corpo, muitas d’ellas com uma muito forte linha aspera. Rotulas, 4. Tibias, 3 (uma completa, outra faltando-lhe a extremidade superior, e outra faltando-lhe a inferior, mas ambas se fracturaram no acto da extracção). 1 fragmento da extremidade superior de outro exemplar. 3 fragmentos do corpo. Peroneo, 1 completo (faltando-lhe a extremidade superior que se partiu no acto da extracção). 4 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo do osso, sendo 1 de criança. Tarso – Calcaneos, 6. Astragálos, 5. Scaphoides, 3. 1.º cuneiforme, 3. 3.º cuneiforme, 2. Cuboide, 1. Metatarsos, 11 (sendo 3 primeiros). Phalange do pé, 1 (1.ª da 2.ª serie, ou do dedo grande). 20 fragmentos de osso longos, muitos d’elles mostrando a fractura intencional, 1 com vestigios ou cicatrizes de feridas recebidas durante a vida, alguns esmagados, outros estalados ou lascados longitudinalmente com um instrumento contundente, outros excavados interiormente, ?????. 10 lascas de ossos longos id.

¹¹⁷ As particularidades morfológicas observadas neste crânio somam-se às marcas de violência que o mesmo exhibe. Aliás, a invocação da violência para explicar a geometria de certas fracturas constitui uma das mais recorrentes observações do autor.

¹¹⁸ É difícil explicar a introdução de um osso humano recente na gruta. Quanto à presença de matéria orgânica, a mesma é natural e frequente em ossos pré-históricos. A determinação foi realizada pelo Sr. Wittnich, que tanto poderia ser o Prof. Luiz Wittnich Carrisso, Professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra como, mais provavelmente, pelo Sr. Ricardo Henrique Wittnich, secretário e bibliotecário da Secção dos Trabalhos Geológicos (CARNEIRO, 2005, p. 169).

Ethnographia – 23 fragmentos de louça mais ou menos grosseira de pasta negra, e exteriormente ou interiormente ou em ambas as faces geralmente vermelha, alguns com um verniz vermelho, outros negros, de superfície excepto 2 pertencentes a um mesmo vaso, que tinha uma elegante ornamentação a traço fino. Um outro fragmento da borda de um vaso, que tinha aza, mostra os sulcos que fizeram na pasta ainda molle para que ella adherisse. Faca de silex cinzento muito claro, incompleta, de secção trapezoidal, cortante nos dois gumes. Este fragmento tem 0,077^m de comprimento e 0,018^m de largura e 0,002^m de espessura. Lasca de silex de côr rosada, da pasta exterior de um rim, tendo servido de faca || 0,076^mx0,20^m. Celt de diorite fina, e fragmento de outro da mesma substancia. Celt pequeno de schisto amphibolico. Alfinete de tocar de osso com a cabeça cylindrica, lisa, incompleto. Furador de osso formado de um metatarso de pequeno Ruminante. Osso longo de ave afeiçoado em ponta para servir de furador. (119)

Valva convexa de *Pecten maximus* ?

Restos de animais – Femur de grande *Felis*, porção superior. [Das areias inferiores]. Femur de *Felis* porção superior [Das areias inferiores].

De grande coelho (*Lepus cuniculus*) [Das areias inferiores] – Humerus completo, e metade inferior de outro. Vertebra dorsal. Osso iliaco, fragmento. Tibias, 2 porções superiores e 2 inferiores. Femur, 2 metades inferiores. Calcaneo. Metatarso. Vertebra cervical. Radio, porção inferior. Tibia.

4 humeros de ave. Ischion.

Phalange de grande carneiro (*Ovis*). Phalange pequena de... ? Lasca de um grande osso longo [Das areias inferiores]. Ossos ind. (2 diferentes).

**Folha 39 (21,6x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas**

Letra u Profundidade – 1,50^m

Nota à margem: Muitos dos ossos humanos estão fortemente incrustados de tufo envolvendo as areias avermelhadas, como o craneo e maxilla humana descriptos na minha memoria, e os ossos de *Felis*. (120)

Restos humanos – Grande calote craneana de uma grande cabeça deformada no jazigo, e que, infelizmente se partiu na extracção, mas que pode quasi restaurar-se. Comprehende o frontal quasi completo, o parietal e temporal direitos, grande parte do parietal esquerdo e uma pequena porção do occipital. A espessura é pouco consideravel, ou normal. Outra calote craneana, menor, de uma cabeça muito mais curta, talvez brachycephala comprehendendo parte do frontal e dos dois parietaes, e uma pequena parte do occipital, como uns pequenos ossos wormios. 2 outras pequenas calotes representadas só por parte dos parietaes e do occipital. Osso frontal completo mostrando a notavel saliencia das bossas frontaes. Osso frontal incompleto, adherindo a uma massa de tufo e com a bossa nasal muito saliente. Parietal esquerdo e parte do frontal de um craneo

¹¹⁹ A presença de um “alfinete de tocar” de osso, com a cabeça cilíndrica reporta-se a exemplar tipologicamente característico do Neolítico Final/início do Calcolítico (CARDOSO & SOARES, 1995), frequente em estações funerárias estremenhas daquela época (CARDOSO, 2015 b). Deve tratar-se de um dos exemplares reproduzidos em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 54, n.ºs 8, 9 e 10.

¹²⁰ É importante a referência de muitos dos ossos humanos se apresentarem incrustados pelo tufo calcário envolvendo as areias avermelhadas, de idade plistocénica, o que significaria que teriam a idade destas. Foi este critério que conferiu especial importância ao crânio e à mandíbula humanas publicadas em 1867 (DELGADO, 1867, Est. I, n.º 1), dado que o autor refere agora que o mesmo possuía o mesmo depósito aderente. Na citada memória, esta peça é dada como proveniente da base do “entulho superior”, pelo que não é possível assumir certeza sobre a sua idade paleolítica (ver discussão em CARDOSO, 2008), anteriormente aceite (ZILHÃO, 1997), embora este novo testemunho, só agora conhecido, possa reforçar tal indício.

com grande espessura. 6 fragmentos de craneo de maiores dimensões, mostrando alguns d'elles claramente a fractura intencional, e 58 fragmentos menores de craneos de diversas grossuras e idades. Maxillares superiores pertencentes a um individuo adulto, achados soltos, mas que foram collados. Apresentam um notavel gastamento nos dentes caninos da parte de fora, em quanto que os incisivos medios ou anteriores estão gastos internamente. O 4.º molar esquerdo tem um grande furo de caria. Maxillares superiores reunidos muito gastos na superficie tricurante, talvez corroidos pelo tufo calcareo que envolveu esta peça. 4 fragmentos diferentes de maxillares superiores. 6 fragmentos de maxillas inferiores maiores ou menores todos diferentes. Dentes soltos: canino, 1. Molares verdadeiros, 2. Atlas, 2. Axis, 2. Vertebrae dorsaes, 2. Vertebrae lombares, 5. Sacrum, 2 fragmentos diferentes. Costellas, 3. Claviculas, 3 quasi completas e 1 fragmento de outra. Omoplatas, 3 incompletas. Humero, 1 extremidade superior com o corpo quasi completo, tendo-lhe sido separada violentamente a extremidade inferior. 7 extremidades inferiores, sómente uma com perfuração olecraniana. 6 porções inferiores do corpo com a extremidade incompleta. 4 porções maiores ou menores do corpo. Cubitus, 8 extremidades superiores. 2 porções superiores do corpo. 1 porção media do corpo. Radio, 1 completo de criança. 1 extremidade superior. 3 extremidades inferiores. Metacarpos, 10 (sendo 2 primeiros). Phalanges da mão, 2. Osso iliaco, 6 fragmentos diferentes. Femur, 7 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo (1 de infante). 2 extremidades inferiores. 3 porções superiores do corpo. 3 porções inferiores. 2 corpos completos e mais 31 fragmentos maiores ou menores. Rotulas, 2. Tibias, 2 extremidades superiores com uma porção do corpo (1 de infante quasi completa). 6 extremidades inferiores. 18 porções maiores ou menores do corpo. Peroneo, 2 extremidades inferiores. 1 corpo quasi completo e 7 fragmentos pequenos. Tarso – Calcaneos, 7. Astragalos, 8. Scaphoides, 2. 3.º cuneiforme, 1. Metatarsos, 13 (sendo 4 primeiros). Phalanges do pé, 4 (3 primeiras da 1.ª serie). 23 fragmentos de ossos longos ond., uns fundidos, outros roidos. 11 lascas id. 4 amostras de tufo calcareo empastando ossos humanos, fragmentos do calcareo jurassico, juntamente com a terra da gruta.

Etiqueta n.º 32 Letra u Profundidade – 1,50^m

Restos de animais – Maxillar inferior esquerdo quasi completo de *Canis* (*C. vulpes?* ou *C. latrans?*). Será quaternario, das areias inferiores ? e muitos outros ossos, a maior parte das areias inferiores que não determinei.

(121)

(122)

Ethnographia – Vaso de louça grosseira de barro negro de paredes grossas, de forma oval truncada, com 0,104^m de profundidade e 0,095^m de diametro interior na boca, se estivesse completo. Tem a superficie lisa, e proximo da borda uma pequena pega, à qual deverá corresponder outra posição diametralmente opposta. Vaso muito elegante de louça negra com as paredes delgadas e o fundo accuminado um pouco ou oval. Estreita para a boca, e tem a borda tão perfeita que parece ter sido feito à roda, chegando mesmo a julgar que fosse moderno; todavia a forma dos desenhos a traço fino, terminando em duas series de pontos impressos paralelos à borda e distanciados 0,025^m mui semelhantes aos desenhos de outros vasos, e a grande porosidade da louça fazem ver que é prehistorica. Não tem vestigio de aza, cabendo-lhe portanto talvez o nome de tijella. Massa cylindrica de calcareo finamente granular a compacto branco (marmore), incompleta e partida em dois

¹²¹ A peça em questão com base no pequeno tamanho, menor que uma mandíbula de Cão e ainda menor de Lobo, só poderá ser de Raposa, *Vulpes vulpes* L. dada a inexistência da outra espécie (o Coiote) no Plistocénico português.

¹²² As areias inferiores teriam em determinadas áreas o aspecto de uma brecha ossífera, compreendendo-se a impossibilidade de determinação da maioria dos restos, fosse pelo seu estado de conservação, fosse pelas dificuldades do apoio bibliográfico e de uma colecção de comparação então inexistente.

pedaços que depois se soltaram. O fragmento que resta tem 0,090^m de altura e 0,055m de diametro. Era certamente uma insignia ou arma semelhante a outra obtida n'outro ponto da gruta (em C=1,50^m), e a outra que se descobriu na sepultura da Granja do Marquez. Faca de silex amarellado manchado de vermelho de secção trapezoidal, espessa, e com os bordos regularmente denteados para servir como serra. Parece quebrada na base, faltando-lhe uma pequena parte. Tem 0,090^m de comprimento e 0,018m de maior largura. 2 celts de schisto silicioso cinzento escuro (pthanite) um perfeitissimo de 0,154^m de comprimento e 0,043^m de largura; o outro com a superficie estalada e irregular tem 0,143^mx0,048^m. 3 celts de diversas formas de amphibolite schistoide, mui bellos. Celt de diorite perfeitissimo de forma trapezoidal e gume cortante com 0,095^m de comprimento 0,040^m de largura no gume, e 0,020^m na cabeça. Calhao rolado de quartzite cinzento-averdoengado com algumas lascas denteadas e depois rolado tendo provavelmente servido como percutor. Fragmento de um vaso hemispherico de louça pouco grosseira, negra, fabricado à mão, tendo recebido um começo de cosedura e por isso mostrando uma capa delgada vermelha exterior e internamente tendo recebido posteriormente uma velatura amarellada, e offerecendo a superficie lisa ornamentada proximo da borda por grupos de pontos impressos triangulares certamente feitos com a ponta de um silex. Este fragmento devia de pertencer a um vaso de forma pouco regular, mas que não tinha menos de 0,20^m de diametro na boca. Fragmento de outro vaso de louça muito grosseira de pasta negra em partes, n'outros vermelha pela cosedura que recebeu, com muitos pontos brancos ??? e de spatho calcareo pela maior parte reduzidos a cal. Este vaso tinha a forma semioval (ou hemispherico acuminado para o fundo), e não recebeu nenhuma velatura para lhe esconder as asperezas ou cavidades da superficie. Tem por unico ornamento trez traços largos e profundos paralelos à borda e marcados por series de pontas impressas feitas com uma ponta grossa. ??? provavelmente tinha mais de 0,20^m de diametro na boca. Pequeno fragmento de outro vaso de louça grosseira negra bastante espessa, e provavelmente de grandes dimensões (panella ?) com uma pequena aza horizontal, com uns desenhos simples a traço contiguos. 2 pequenos fragmentos da borda de 2 outros vasos com desenhos a traço. 58 fragmentos maiores ou menores de louça lisa de diversos typos, ± grosseira, e de diversas espessuras desde 0,003m até 0,025m, fabricada à mão, geralmente, mas um fragmento de um pequeno vaso (precisamente o de paredes mais delgadas) mostrando evidentes vestigios da roda. (123)

Depois do empaste ou barragem superficial que os vasos soffreram, muitos delles receberam tambem uma velatura vermelha ou amarella, ou preta, e são esses os que apresentam a superficie mais lisa, aperfeiçoamento que os antigos troglodytas reservavam só para a louça de pasta mui fina. Um fragmento de uma elegante taça desta louça mais apurada apresentava a forma de uma calote de ellipsoide. ? Alguns dos fragmentos serão de loiça romana, ou de uma raça invasora, que viesse misturar-se à loiça dos indigenas, ??? a tivessem obtido violetamente, ou representará as relações de trafico da tribo troglodyta com outra tribo vizinha mais adiantada? Lasca de osso longo polida na superficie e com as arestas arredondadas, tendo servido n'algum mister. (124)

¹²³ Pela descrição parece corresponder ao exemplar reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 41, n.º 4, onde as impressões triangulares foram produzidas pelo arrastamento de uma ponta segundo duas linhas horizontais paralelas ao bordo do vaso.

¹²⁴ Os “evidentes vestigios de roda” devem corresponder ao traço dos dedos na montagem do vaso, ao torno lento, tratando-se deste modo de um exemplar pré-histórico. Por outro lado, não se confirma a presença de qualquer produção de época romana. Note-se ainda que a diferença de qualidade das produções cerâmicas pré-históricas deve remeter-se simplesmente para os diferentes usos das mesmas e não para a explicação apresentada pelo autor, no quadro da sua hipótese de existência conflituosa de duas populações no local.

Folha 40 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Etiqueta n.º 17 Letra v Profundidade – 0,80^m

Restos humanos – Calote craneana compreendendo parte do occipital e dos dois parietaes, 2 ossos temporaes, 1 parietal esquerdo quasi completo mostrando as suturas sagital, lambdoide e fronto-parietal desva-necidas ou quasi soldadas (de individuo velho), 3 fragmentos de frontal, 1 outro com os ossos da face em parte ainda adherentes, e 27 fragmentos do craneo menores e inclassificaveis. Maxillares superiores, 8 fragmentos, pertencentes a 6 individuos diferentes, pelo menos. Maxilla inferior quasi completa (à qual só falta o condylo direito, os dois dentes incisivos anteriores medios e o canino direito) de individuo adulto, com a dentição completa e a coroa dos dentes gasta. 4 maxillas inferiores incompletas de adultos ou velhos. Nota – Uma das maxillas inferiores apresenta fechados os alveolos dos molares do lado direito, e aquella curvatura singular, que eu supuz atribuida ao uso de um páo ou corpo duro atravessado como um freio, nos cantos da boca. 1 maxilla inferior de infante com a 1.^a dentição incompleta. Mais 4 fragmentos de maxillas inferiores pertencentes a 4 individuos diferentes. Dentes soltos: incisivos, 1. Caninos, 2. Verdadeiros molares, 8. Vertebrae cervicaes, 1. Vertebrae dorsaes, 13. Vertebrae lombares, 5. Sacrum, 4 fragmentos de 2 ou 3 ossos diferentes. Sternum (manubrio). Costellas, 12 fragmentos. Claviculas, 7, só uma completa. Omoplatas, 4 fragmentos diferentes. Humerus, 3 extremidades superiores, com uma parte maior ou menor do corpo; 19 extremidades inferiores, descobrindo-se em 5 uma perfuração olecraniana maior ou menor, id.; mais o corpo de 5 outros. Cubitus, 14 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo (um d’elles apresenta uma fractura consolidada/sofreu fractura durante a vida) {... la non perforation de la cavité olécrânienne de l’humerus, la fracture consolidée du radius gauche, au tiers inférieur de l’os, avec déformation considérable et ??? de la portion fracturée, fracture survenue pendant la vie, ainsi que l’indique le cal osseux. (Rivière, Compte rendu de Bruxelles, p. 168)}. Cubitus, 1 extremidade inferior mais o corpo de um outro. Radio, 1 completo, 3 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo, 4 extremidades inferiores, id. e mais o corpo de 4 outros. Carpo – Scaphoide da mão direita, 1 exemplar. Metacarpos – 14, sendo 2 primeiros. Phalanges da mão, 15. Osso iliaco, 14 fragmentos de talvez 6 ossos diferentes. Femurs, 11 metades superiores, faltando a quasi todas (menos 2) as cabeças; 8 metades inferiores, só 3 d’ellas com a extremidade articular (os condylos). Rotulas, 5. Tibias, 2 quasi completas, faltando-lhe só a extremidade inferior; 4 extremidades superiores com parte do corpo; 8 extremidades inferiores id. Peroneos, 1 extremidade superior e parte do corpo; 8 extremidades inferiores; id. mais o corpo de um outro. Ossos do tarso – Calcaneos, 7. Astragálos, 8. Scaphoides, 3. 1.^o cuneiforme, 1. 3.^o cuneiforme, 2. Cuboides, 2. Metatarsos, 16, sendo 3 primeiros. Phalanges do pé, 7, uma d’ellas parecendo ter sido roida. 52 fragmentos e 7 lascas de ossos longos, dos membros superiores e inferiores, a maior parte mostrando claramente a fractura intencional, e alguns mostrando as cicatrizes da ferida recebida durante a vida, outros tendo sido estalados, outros roidos, muitos excavados interiormente, e um cubitus mostrando a soldadura de fractura produzida durante a vida. Costellas, 4 fragmentos de enormes dimensões, humanos !!!

(125)

(126)

¹²⁵ As modificações observada nesta peça, que atingiriam o próprio osso mandibular podem de facto ter uma causa funcional. Na anta 3 de Santa Margarida, foram observadas modificações dentárias em resultado de uma actividade doméstica que recorria aos dentes para ser executada pela mulher ali inumada, apelidada da “cesteira” (GONÇALVES, coord., 2003). Trata-se de situação muito interessante e que deveria ser retomada no quadro do estudo sistemático do espólio antropológico existente.

¹²⁶ O autor reitera a existência de abundantes marcas de violência exibidas pelos ossos, como fracturas intencionais nos ossos longos, marcas de golpes e uma fractura com regeneração.

Restos d'animaes – Vertebra de *Canis*, grande espécie [Quaternario].
Femur de Coelho, metade inferior [Quaternario].

Ethnographia – Placa trapezoidal de ardózia com furo de suspensão, com chanfradura nos ângulos superiores, e desenho simples a traço em faixa em zig-zag n'uma das faces. Placa (amostra) de mica schisto elegantemente ondulada. Metade incompleta de um vaso hemisférico de louça de barro grosseiro negro e amarelado exteriormente vermelho pela acção do fogo, feito à mão com 0,018^m de grossura no fundo e adelgçando gradualmente para a borda onde é muito delgado. Exteriormente e junto à borda tem uma ornamentação feita por linhas de pontos impressos dispostos aos grupos e regularmente espaçadas, correspondendo a um dos intervallos lisos uma pequena aza. Este vaso teria 0,11^m de altura inteiramente, e 0,17^m de diametro na boca. Fragmentos da borda de um outro grande vaso de louça grosseira, interiormente negra e exteriormente vermelha, fundindo-se gradualmente uma na outra as duas cores, o que mostra que o fogo applicado exteriormente é que a endureceu, de proximamente igual grossura 0,007^m ou um pouco mais grossa na borda, e com elegantes desenhos a traços finos juntos rectos, e ondulados. Teria 0,22^m de diametro na boca. 3 pequenos fragmentos de 3 outros vasos com desenhos semelhantes ao precedente. Fragmento de um vaso de superficie lisa envernizado de negro interiormente e exteriormente, com a borda muito baixa, uma especie de cesta. 10 pequenos fragmentos de louça lisa negra e vermelha na face externa. Ponta de lança trinagular de silex com os bordos denteados, de 0,087^m de altura. 5 facas muito perfeitas de silex de diversas cores, 3 d'ellas com os bordos denteados para servirem como serra. Lasca alongada subtrapezoidal de silex, provavelmente fragmento de uma grande faca. Pequena conta cylindrica de osso. 5 celts de diversas formas muito perfeitos de schisto amphibolico. Celt de schisto argillo-silicioso cinzento, menos perfeito que os precedentes. 4 placas ou discos do calcareo jurassico das paredes da gruta com uma face plana e contorno mais ou menos circular, duas d'ellas principalmente podendo ter servido n'algum jogo, como o da malha (palet). (127)

**Folha 41 (21,5x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

Casa da Moura Letra v – Profundidade 2,50^m

A 2,50^m de profundidade do antigo paraiteo da gruta, n'uma cova por baixo de uma grande pedra do calcareo jurassico no fundo duma sala exterior, immediatamente sobre o manto stalagmitico. Em parte as areias e os ossos estão cimentados ± fortemente pelo calcareo stalagmitico mas o maior numero estavam soltos nas areias. (128)

Nenhum osso de lebre!

Lepus 23 fragmentos do craneo, principalmente da região occipital. 61 maxillares superiores, em muitos d'elles reunidos os dois ossos. 114 maxillares superiores soltos. 84 vertebrae. 14 sacruns. 7 costellas. 2 clavículas. 10 omoplatas. Humerus, 38 completos, ou antes perfeitos. 62 faltando-lhe a extremidade superior } N° total 100 diferentes. 8 extremidades superiores com o corpo. Os ossos que apparecem partidos foram-no na extracção, pela maior parte, bem como nos outros pontos da gruta. Cubitus, 19 pertencendo a duas espe-

¹²⁷ Deve corresponder ao exemplar reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 44, n.º 3, no qual a decoração de linhas de pontos impressos se organiza em métopas verticais, produzidas pela técnica “boquique”, ou do puncionamento arrastado, típica do Neolítico Antigo evolucionado.

¹²⁸ A presença ou ausência de lebre foi determinada seguramente pelo critério do tamanho dos ossos, o qual como acima se referiu é em si mesmo pouco fiável. Ver nota 80.

cies, um grande coelho e uma pequena especie. Radius, 30 de duas especies pelo menos (fragmentos e ossos inteiros). Ossos iliacos, 73, nenhum completo. Femurs, 81 completos. 96 extremidades superiores. 30 extremidades inferiores. Tibias, 39 completas. 51 extremidades superiores. 48 extremidades inferiores. 71 porções do corpo. Calcaneos, 6. Astragalo, 1. Metatarsos, 33. Phalange, 1.

Aves – Ramo direito da mandibula de ave menor que a galinha. Omoplatas, 5. Claviculas, 4. Sternum, 2 fragmentos. Humeros, 13. Cubitus, 33 muitos d’elles completos e um de grande estatura. Radio, 1 fragmento. Metacarpo, 1. Pelvis, 6. Femurs, 8. Tibias, 9 sendo 2 completas. Tarso-metatarsos, 2.

Canis lupus spelaeus – Maxillar inferior direito com a dentição quasi completa. 4 dentes incisivos e 3 molares soltos. Atlas. Humerus, faltando-lhe as extremidades. Tibia id. (129)

Canis familiaris ? Metatarso, extremidade inferior, e 2 metatarsos inteiros.

Felis sp. 2 Dentes molares de maxilla superior (principaes); tibia faltando-lhe só a extremidade inferior, e extremidade superior da outra igual. Peça do sternum ? incompleta; dente canino; humerus, metade inferior de individuo novo, de pequena estatura; omoplata.

Myoxus ? Femur. Ossos indeterminados.

Cervus – Epiphyse da extremidade inferior do radio. Epiphyse (metade) da extremidade inferior de metacarpo. 2 phalanges. 2 dentes molares.

**Folha 42 (21,9x32,4cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas
Etiqueta nº 74 Letra x Profundidade – 0,70^m**

Restos humanos – Abobada craneana, 19 fragmentos, o maior com 0,120^mx0,075^m. Osso malar direito. Maxillares superiores, 2 direitos, incompletos. Maxillares inferiores, 6 fragmentos provavelmente todos diferentes. Dentes soltos: incisivos, 27. Caninos, 35. Falsos molares, 40. Verdadeiros molares, 37 (um com um grande furo de caria). Molares ainda não sahidos dos alveolos, 30. Atlas, 1. Vertebrae cervicaes, 2. Vertebrae dorsaes, 2. Vertebrae lombares, 2. Costellas, 7 incompletas. Claviculas, 6 incompletas. Omoplata, 3 fragmentos talvez todos diferentes. Humero, 3 quasi completos, faltando-lhe a um a extremidade inferior, e aos 2 outros a superior, tendo ambos estes uma pequena perfuração olecraniana. 1 de infante quasi completo, faltando-lhe as extremidades. 7 porções inferiores, uma só com a extremidade. Cubito, 1 quasi completo, faltando-lhe só as extremidades. 2 porções superiores de dois outros. Radio, 2 porções superiores com as extremidades. 1 extremidade inferior. 1 fragmento importante do corpo, roído. Carpo – Scaphoide da mão esquerda. Metacarpos, 7 (um primeiro). Phalanges da mão, 34. Osso iliaco, 2 fragmentos talvez pertencentes ao mesmo. Femur, os corpos de 2 quasi completos, e faltando-lhe as extremidades. 2 extremidades superiores. 5 fragmentos do corpo de menor comprimento. Rotulas, 3. Tibia, 1 quasi completa, faltando-lhe a extremidade superior. 8 fragmentos do corpo, 3 quasi completos. Peroneos, 3 extremidades inferiores (uma d’ellas tendo soffrido fractura, e sendo soldada durante a vida). 7 fragmentos maiores ou menores do corpo. (130)

Tarso – Calcaneo, 1. Astragálos, 4. Cuboide, 1. Metatarso, 13 (sendo 5 primeiros). Phalanges do pé, 27. 37 fragmentos de 6 ossos longos dos membros anteriores e posteriores, partidos intencionalmente, muitos esma-

¹²⁹ Esta designação refere-se ao grande lobo encontrado na gruta, de muito maior tamanho que os exemplares recolhidos na mesma época pelo autor na gruta da Furninha, mais antigos, que se integram na subespecie *Canis lupus lunellensis* (CARDOSO, 1993).

¹³⁰ Mais uma evidência de fractura soldada, a somar às já acima referidas, e que constituíam uma situação frequente em populações desta época, com base nos restos encontrados noutras gutas da região, como a do Lugar do Canto (Alcanena). Ver nota 24.

gados, outros excavados interiormente, 2 tibias com vestígios de feridas recebidas durante a vida. 9 lascas id. excavados inteiramente.

(131)

Restos de animais – Maxillares superiores de *Capra* com a maior parte dos dentes, um molar solto, e os 2 cornos ligados; e fragmento do craneo de outro individuo semelhante.

Metatarso, e phalange de Ruminante. 3 pequenos molares, e 1 incisivo de Ruminante. Radio (porção inferior). Femur de Coelho [Quaternario].

Ethnographia – Placa rectangular de talcschisto, com desenhos a traço n'uma das faces, e com dois orificios de suspensão. Dimensões 0,110^mx0,064^m. 8 pequenas pontas de flecha de silex de diversos typos, todas com os bordos denteados. 3 facas de silex todas com os bordos denteados, podendo servir como serras; uma de cor cinzento-avermelhada, de secção trapezoidal, com os bordos curvilinios, apresentando ± ao meio a sua maior largura de 0,023^m, e com 0,113^m de comprimento. As outras duas cinzentas, de secção triangular, com 0,087^m e 0,073^m de comprimento. Pequena faca de silex avermelhado escuro, de secção trapezoidal, quebrada n'um dos bordos, de gume cortante, com 0,047^mx0,012^m. 3 fragmentos de 3 outras facas. Raspador de silex de forma oval, branco-amarellado. Lasca de silex da parte externa do rim de que talvez o raspador precedente foi extrahido. Furador de osso, feito de um metatarso de Ruminante pequeno. Cabeça de um alfinete de tocar formado de uma porção de osso longo, cortada e polida tendo 0,013^m de comprimento e 0,012^m de maior diametro. Pequena conta de forma cylindrica com 0,001m de altura, de callaite? Valva de *Pectunculus* furada no umbão. Pequeno fragmento de ochra vermelha. Placa rectangular 0,043^mx0,027^m de louça grosseira de barro negro com dois orificios, como uma fibula? 1 Fragmento pequeno de um vaso com uma serie de traços parallellos terminando n'uma linha de pontos impressos. Fragmento de uma pequena taça de forma hemispherica irregular de louça negra, exteriormente vermelha pela acção do fogo (ou de um inducto que recebesse e penetrasse no barro?), amassada à mão, de superficie lisa. Fragmento de outro vaso com desenhos a traços parallellos proximo da borda. 28 fragmentos pertencentes a 10 vasos diversos pelo menos, de diferentes formas e grandeza, todos de superficie lisa, de louça negra amassada à mão, alguns envernizados de negro interiormente, outros exteriormente vermelhos, e um de pasta bastante fina. Fragmento de uma peça cylindrica de calcareo (insignia?) com 0,050^m de altura por 0,040^m de diametro. Fragmento de outra peça de calcareo alongada com a secção formada por um segmento de circulo com 0,050^m de corda e 0,025^m de flecha, tendo 0,050^m de altura.

(132)

(133)

NB – Esta peça, bem como a precedente, é semelhante a outras que se obtiveram no dolmen de Mont'Abrahão, e outras estações nas vizinhanças de Bellas. Favorece portanto a presumpção de que os dolmens fossem os monumentos funerarios da tribo troglodytica a que estes restos pertenceram. Massa conica

¹³¹ Observações recorrentes ao longo do texto que reforçam as conclusões obtidas em outros estudos recentes acerca da violência no Neolítico e Calcolítico (SILVA et al., 2012). Neste contexto, assumem especial interesse, por ter sido a primeira vez que em Portugal tal questão foi apresentada com base em factos de observação.

¹³² Trata-se de mais um indício de recolha selectiva de conchas de moluscos marinhos com fins rituais. No caso, esta valva de *Glycymeris* com furo no umbo tal como outra já anteriormente referida, por certo de origem natural, em resultado do rolamento na praia onde terá sido recolhida, poderia ter sido utilizada como candeia, para iluminação do interior da gruta, mas nada autoriza essa hipótese, dada a ausência de vestígios de combustão os quais, caso existissem não deixariam de ser assinalados pelo autor.

¹³³ O ocre vermelho era frequentemente utilizado com finalidades rituais, quer em contexto doméstico, como comprovam os fragmentos recolhidos no povoado pré-histórico da Penha Verde, Sintra (CARDOSO, 2010/2011), quer em contextos funerários, dos quais o exemplo mais evidente é o da Lapa do Fumo, Sesimbra, onde a chamada “camada vermelha” denunciava o seu uso intensivo nas cerimónias ali desenroladas (SERRÃO & MARQUES, 1971).

de calcareo spathico, semelhante a um Belemnite, sem duvida formado de uma stalactite a que gastaram a superficie. 2 calháus rolados de quartzite cinzento anegrada e avermelhada escura, com 0,066m e 0,075^m de comprimento, e 0,035^m de maior diametro. (134)

Letra x Profundidade – 1,30^m

Ethnographia – Tijella mui bella de barro fino vermelho feita à mão, de forma semiellipsoidal, com 0,120^m e 0,097^m de eixo maior e menor na boca e quasi 0,050^m de profundidade.

Folha 43 (21,7x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

1 página manuscrita

Etiqueta n^o 6 Letra x Profundidade – 1,0^m, por cima do banco stalagmitico.

Restos humanos – Fragmento de maxilla inferior com o canino e os dois premolares esquerdos. Dentes soltos: incisivos, 10. Caninos, 19. Falsos molares, 6. Molares verdadeiros, 25. Phalange da mão, 11. Phalanges do pé, 15 (sendo 5 primeiras da 1^a série).

Restos d’animaes – Dente molar de pequeno Ruminante e lasca de outro (ultimo de Carneiro *Ovis*).

Ethnographia – Fragmento de um celt de schisto silicioso negro, partido no acto da extracção. Cabeça de um alfinete de osso, de forma cylindrica com trez sulcos paralelos à base. Pequena taça de louça grossera exteriormente vermelha por começo de cozedura e pela velatura desta cor que recebesse, amassada à mão, hemispherica, de 0,056m de diametro interior na boca. Fragmento de uma placa de grés fino micaceo de forma semi oval com duas faces planas, pr certo pedra de amolar. Disco de contorno polygonal de calcareo, coberto de patine branca, provavelmente malha para algum jogo. Pequeno fragmento de argilla ferruginosa (ochra vermelha impura). Pequena lasca triangular de silex. (135)

Folha 44 (21,6x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

2 páginas manuscritas

Casa da Moura Letra x – Profundidade 1,50^m

Restos humanos – Parte de craneo esmagado compreendendo o frontal e parietal direito, incompletos. Frontal e outros ossos e fragmentos de craneo em n.^o de 37. Maxillares superiores de 2 individuos, que poderam ajustar-se. 3 maxillares inferiores quasi completos de individuos adultos, offerecendo dois d’elles a particularidade, aliás rara, de caria nos dentes. 3 fragmentos de outros maxillares, todos diferentes. Dente molar verdadeiro, solto. Atlas, 2. Axis, 2. Vertebrae dorsaes, 8. Vertebra lombar, 1. Sacrum, 2 fragmentos. (136)

¹³⁴ A observação sobre a semelhança destes artefactos ideotécnicos de calcário aos recolhidos no dólmen de Monte Abraão, Belas, escavado por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1880; BOAVENTURA & CARDOSO, 2014) é recorrente ao longo do texto e é correcta, mas a conclusão que o autor tira dessa semelhança é falsa. Na verdade, tanto dólmenes como grutas artificiais eram utilizadas pelas mesmas populações, o que levou à designação inconsistente, já atrás comentada, de “Megalitismo de grutas” (GONÇALVES, 1978). Ver nota 16 às observações de Nery Delgado. Na verdade, ao contrário do que supunha este autor, a presente gruta, tal como outras da região, não era o local de habitação dos construtores dos dólmenes, nem muito menos dos seus inimigos, embora no quadro dos conhecimentos do seu tempo essa conclusão fosse lógica e fizesse todo o sentido.

¹³⁵ Este exemplar difere de outro já atrás referenciado (ver nota 83) por possuir a cabeça amovível decorada com caneluras ou linhas incisivas paralelas e horizontais, podendo em conformidade, corresponder a qualquer dos exemplares reproduzidos em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 54, n.ºs 1, 2 e 3).

¹³⁶ A presença, rara, de cáries dentárias foi já assinalada pelo autor anteriormente. A mesma raridade foi observada a quando da revisão recente do material crânio-facial (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009).

Omoplatas, 2. Claviculas, 4 sendo uma completa. Costellas, 6. Humeros, 2 faltando-lhe só a cabeça, mas um d'elles excavado interiormente. 1 faltando-lhe a extremidade inferior. 2 extremidades inferiores (uma d'ellas, e única, com uma grande perfuração olecraniana). Corpo completo, excavado interiormente do lado da cabeça. 3 porções inferiores do corpo. 1 porção superior do corpo e 3 outros fragmentos. Radios, 5 faltando-lhe a extremidade inferior. 2 extremidades inferiores. 1 porção superior do corpo. Cubitos, 2 extremidades superiores, uma com o corpo quasi completo. 2 corpos quasi completos e muito fortes. Metacarpos, 7 sendo dois primeiros, e um 5.º mostrando o callo de uma fractura. Phalange da mão, 2. Ossos iliacos, _____. (137)

Femurs, 2 quasi completos (1 de infante) ao qual falta a extremidade inferior, que talvez se partiram no acto da extracção. 3 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 1 epiphyse solta inferior. 2 corpos completos. 11 porções maiores ou menores do corpo, um d'elles com uma fortissima linha aspera. Rotula, 1. Tibias, 6 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, tendo 3 d'ellas o corpo quasi completo. Uma d'ellas é de criança muito nova. Outra de adulto é muito achatada e larga. 8 fragmentos maiores ou menores do corpo pertencentes aos dois typos. Peroneo, 1 extremidade superior; 3 extremidades inferiores; 2 porções do corpo. Tarso – Calcaneos, 2. Astragálos, 4. Scaphoide, 1. 3.º cuneiforme, 1. Cuboide, 1. Metatarsos, 11 (sendo 3 primeiros). Phalanges do pé, 2.

Restos de animaes – *Canis* Humeros, extremidade superior e extremidade inferior diferentes; Omoplata; Tibia.

Capra ou *Ovis* – Humeros, extremidade inferior [Quaternario].

Bos Tibia, extremidade inferior [Quaternario ?]. (138)

Ethnographia – 7 cacos de louça grosseira pertencentes talvez todos a vasos diferentes, ! uns lisos, outros com desenhos simples a traço, 2 com inicio de aza, e um (o mais notavel) com quatro pequenos furos espacejados entre si 0,02^m proximamente e dispostos sobre uma mesma linha ao que parece obliqua em relação à borda do vaso, o que o tornava improprio para conter liquidos. Este fragmento tem ainda de notavel ser coberto de uma capa vermelha viva, de uma velatura espessa que provavelmente recebeu em fresco e que adheriu à superficie sem penetrar muito na pasta.

Folha 45 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Etiquetas nº 11, nº 14, nº 17 Letra y Profundidade – 0,80^m

Restos humanos – Abobada craneana, 84 fragmentos (1 occipital quasi completo). Maxillares superiores, 6 fragmentos pertencentes a 4 individuos pelo menos. Maxillares inferiores, 23 fragmentos maiores ou menores, pertencentes a 17 individuos pelo menos. Um d'elles é notavel pela grande saliencia da barba, triangular. Dentes soltos: incisivos, 2; caninos, 2; falsos molares, 1; verdadeiros molares, 5. Sternum, fragmento. Atlas, 5. Axis, 1. Vertebrae cervicaes, 10. Dorsaes, 23. Lombares, 25. Sacrum, 4 fragmentos. Corpos de vertebrae ind., 6. 52 Costellas, 52 fragmentos maiores ou menores. Claviculas, 9 (4 completas) e mais 8 frag-

¹³⁷ A observação de fracturas consolidadas, frequentemene assinalada pelo autor é dado importante, relacionando-se sobretudo com o modo de vida destas populações cujo quotidian decorria em região pedregosa e acidentada, propica a quedas graves (e não apenas com a existência de violência, comprovada pelas lesões provocadas por impacto).

¹³⁸ A diferenciação entre os restos de ovelha e cabra continua a ser na actualidade problemática, pelo menos para alguns dos mais importantes segmentos anatómicos pertencentes às duas espécies. É interessante verificar que esta diferenciação não passou despercebida ao autor, ainda que ele não tivesse meios para a estabelecer.

mentos diferentes. Omoplatas, 5 fragmentos diferentes. Humero, 2 extremidades superiores. Corpo quasi inteiro de outro exemplar e 5 porções superiores de outros corpos. 19 extremidades inferiores (3 de infante) tendo 5 perfuração olecraniana (duas destas muito grandes), e uma das extremidades com o corpo quasi inteiro. 15 porções inferiores, uma com o corpo quasi inteiro, e outra representada por uma grande lasca longitudinal. 5 fragmentos maiores ou menores do corpo. Cubitus, 17 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 4 porções superiores do corpo sem a extremidade. 2 extremidades inferiores. Radio, 11 extremidades superiores (uma de criança) com fragmentos maiores ou menores do corpo. 2 completas, um dos quaes falta a extremidade inferior que se partiu no acto da extracção. 6 extremidades inferiores, e 2 porções inferiores do corpo sem a extremidade. 14 porções maiores ou menores do corpo de outros radios. Ossos do carpo – Scaphoide da mão direita, 1. Trapezio id., 1. Ossos do tarso – 1.º cuneiforme, 1. 3.º cuneiforme, 3. 3 cuboides (2 do pé direito e 1 esquerdo). Scaphoides, 6. Astragálos, 17. Calcaneos, 13. Metacarpos, 20 (2 primeiros). Phalange da mão, 23. Metatarsos, 36 (13 primeiros). Phalanges do pé, 13 (10 primeiros da 1.ª serie). Ossos iliacos, 16 fragmentos pertencentes a 6 ou 7 ossos diferentes pelo menos. Rotulas, 10. Femur, 10 extremidades superiores todas de individuos novos, e 4 epiphyses soltas da cabeça. 3 extremidades inferiores id., e 2 epiphyses soltas dos condylos. 17 fragmentos do corpo ± longos, sendo 2 quasi completos. Tibias, 4 extremidades superiores (3 d'ellas com o corpo quasi completo) e 1 epiphyse solta de individuo novo talvez infante. 5 extremidades inferiores (uma de criança ou feto, outra com o corpo quasi completo) e 2 epiphyses soltas. 23 porções maiores ou menores do corpo. Peroneo, 1 extremidade superior. 5 extremidades inferiores. 5 porções de corpo. 100 fragmentos de ossos longos mostrando a maior parte evidentes vestigios de terem sido partidos e estalados intencionalmente, muitos excavados interiormente, outros roidos. 53 lascas id.

Restos de animais – Maxillar superior direito de *Canis lupus* com a serie dentaria quasi completa. Dente canino solto de *Canis*.

Lepus cuniculus. [Quaternario] – Femur completo e fragmentos de 3 outros. Tibia completa, e porções de 3 outras. Humero incompleto. Maxillar inferior. Vertebra lombar.

Humerus, parte superior de Carnivoro (*Canis*?). Tibia, porção superior do corpo (serão do entulho inferior, quaternario?). Cubitus, id. id. 2 fragmentos e uma lasca de osso longo. Femur. Astragalo. Omoplata. Osso do carpo (Scaphoide?).

Ethnographia – 2 conchas de *Cassis* muito estragadas e incrustados de tufo calcareo. 1 exemplar de *Turbo*? gasto de um lado para descobrir a espira.

(139)

Inscrição posterior a lápiz de Nery Delgado – Objectos de arte, adorno

Ethnographia – 2 pequenas taças hemisphericas de barro grosseiro amassado à mão, uma negra com 0,062^m de diametro na boca, e a outra amarellada, menos perfeita, com 0,048^m. 57 fragmentos de 14 ou 15 vasos diferentes pelo menos da mesma louça grosseira negra com grãos de areia e detritos de calcareo spathico, todos com a superficie lisa. 2 fragmentos de louça negra com desenhos a traço fino. 5 flechas de silex de diversos typos. ! 1 pequena faca de quartzo hyalino com 0,033^m de comprimento. Faca de silex muito perfeita, de secção triangular e com os bordos cortantes, medindo 0,111^m de comprimento, de cores variegadas branco, cinzento, avermelhado e castanho. Pequena faca de silex, tambem inteira, de cor acastanhada e cinzenta, com

¹³⁹ A presença destes búzios de origem marinha relaciona-se, como muito bem observou o autor, com objectos de carácter simbólico ou meramente decorativos, podendo ser utilizados como adornos corporais ou na indumentária. A referência à concha de *Turbo* gasta de um lado para descobrir a espira é interessante, reforçando a finalidade de adorno pessoal deste exemplar, embora o desgaste possa ser puramente natural, comum nos exemplares rolados recolhidos na praia.

0,050^m de comprimento. Fragmentos (metades ?) de duas facas com 0,055^m e 0,022^m de comprimento. Faca incompleta na base de secção triangular, com os bordos finamente denteados, de cor cinzento clara-avermelhada, com 0,056^m de comprimento. 3 pequeninas lascas irregulares de silex cinzento e acastanhado. Seixo elipsoidal alongado de quartzite com 0,068^m de comprimento (no eixo maior) de cor cinzento-avermelhada escura, tendo servido como pilão nas duas extremidades. Celt de schisto silicioso cinzento, superficialmente alterado, com 0,145^m x 0,060^m. Metade inferior de outro celt semelhante ao precedente e da mesma substancia. Pequeno fragmento de outro id. Fragmento (lasca) de um celt de porphyro cinzento. ! Belissima placa muito alongada (incompleta) de ardósia, de forma um pouco recurvada com trez orificios de suspensão e dezenhos a traço em faxas e em triangulos, alternadamente lisos e cheios de traço, nas duas faces. [Esta peça foi restaurada com diferentes pedaços encontrados em varios pontos, todavia proximos, da gruta]. Furador de osso feito de um metatarso de pequeno Ruminante (cabra ou carneiro ?). ! Belissima spatula de osso, completa. (140)

Alfinete de tocar de osso, do qual resta só a cabeça e parte do corpo, semelhante aos das outras grutas. (141)

Fragmento de 3 estiletos ou alfinetes de osso. Base de uma massa de calcareo, que terá a forma alongada, e a secção transversal formada por um grande segmento de circulo com as arestas arredondadas. Alfinete de cobre batido de forma losangular muito alongada, como uma agulha de marear. Pertencerá à epoca romana, e (142)

pelo seu peso e forma penetraria a tão grande profundidade no entulho. (143)

Letra y Profundidade – 0,30^m

Celt de diorite

Letra y Profundidade – 0,40^m

Placa trapezoidal de ardósia com furo de suspensão e desenhos em espaços triangulares alternando com espaços lisos, n'uma das faces. Dimensões 0,107^m x 0,080^m x 0,052^m.

NB – Os desenhos desta placa estão muito apagados, e mesmo ella está gasta no contorno, reconhecendo-se que as suas dimensões foram anteriormente maiores. Porque motivo a gastariam ? Era evidentemente um amuleto. (144)

Letra y Profundidade – 0,50^m

Placa trapezoidal de ardósia com os lados curvilineos com desenhos a traço n'uma das faces. Esta tambem gasta nos bordos, especialmente no lado da base. Dimensões: 0,177^m x 0,093^m x 0,065^m? Infelizmente quebrada n'um dos angulos superiores. Ponta de lança subtriangular de silex branco e ligeiramente rosado, infelizmente quebrada na ponta. Completa, teria 0,10^m de comprimento, e tem 0,048^m de largura de angulo a angulo na base, e os bordos finamente denteados. Ponta de lança de forma triangular muito alongada com um espigão ou ponta

¹⁴⁰ A nota 35 refere a recolha na Letra C a 1,20 m de profundidade do báculo reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 58, pelo que a referência à presente peça, recolhida na Letra y a 0,80 m de profundidade, ainda que corresponda à descrição daquela, terá de corresponder a outra, que presentemente não se conserva nas colecções.

¹⁴¹ Este alfinete junta-se a outros exemplares, já acima referidos, e pode corresponder a qualquer dos que se encontram desenhados em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 54.

¹⁴² Trata-se de uma “alène” de cobre, acima mencionada (ver nota 43).

¹⁴³ A atribuição desta peça à epoca romana é errónea, mas a justificação de que, pela sua forma e peso, tal peça poderia penetrar profundamente no entulho, seria perfeitamente aceitável, caso se se confirmasse aquela cronologia.

¹⁴⁴ Trata-se da primeira referência a uma placa de xisto que foi objecto de reutilização, após fractura, conforme se pode concluir da descrição apresentada. Esta é temática que só recentemente despertou a atenção dos investigadores (CARDOSO & VILAÇA, 2020). Contudo, nos exemplares da Casa da Moura publicados (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), não se reconhece nenhum que pudesse corresponder à descrição apresentada.

na base e denteada nos bordos. Mede 0,095^m de comprimento, e 0,025^m de largura na base. Faca rectangular de silex pardante muito perfeita, denteada em todo o perimetro, e afeiçoada para servir como serra, e nos topos tambem como raspador. Mede 0,076^m x 0,025^m. Faca rectangular de secção trapezoidal achatada, denteada nos bordos e n'um dos topos, e na outra extremidade quebrada, faltando-lhe porem ao que parece muito pouco. Mede 0,096^m x 0,024^m.

Folha 46 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Etiquetas n.º 19 e n.º 25 Letra y Profundidade – 1,30^m

Restos humanos – Calote craneana singularissima pela forma, e pela existencia de dois grandes ossos vormios ocupando uma parte importante do occipital. Um destes ossos de forma subpentagonal com 0,050^m de altura é collocado posteriormente à sutura lambdoide, o outro collocado lateralmente e à direita deste, tem a forma subtriangular, com 0,060^m de comprimento, medidos sobre a sutura lambdoide, e 0,035^m de altura. A sutura saggital na sua metade posterior está muito desvanecida, tendo-se soldado um ao outro os dois parietaes. Semelhantemente a ligação do frontal com os dois parietaes na parte media da sutura fronto-parietal, estava quasi concluida. 100 fragmentos de craneo, a maior parte muito pequenos e com fractura fresca, mas em muitos reconhecendo-se a fractura antiga antes de terem sido envolvidos no deposito, e alguns até tendo os bordos gastos como se tiveram servido para algum fim. Comprehende 8 ossos temporaes, um d'elles quasi completo; um osso malar, e porções maiores ou menores de frontal, de occipital e dos parietaes. Maxillares superiores reunidos, quasi completos de individuo ao qual estavam rompendo os 5.ºs molares. Maxillares id. incompletos de outro individuo mais idoso. 7 fragmentos de maxillares superiores pertencentes a 5 individuos diferentes pelo menos. ! Maxilla inferior à qual só faltam os condylos, que parece não seriam grandes, e os dois dentes incisivos esquerdos. Parece de um individuo velho ou muito adulto, tendo no ramo direito fechados os alveolos dos 3 molares verdadeiros, e no ramo esquerdo faltando-lhe o dente principal, e mostrando tambem o alveolo fechado. Os ramos ascendentes desta maxilla eram muito largos e proporcionalmente baixos, e o chanfro sigmoideo não muito profundo. A barba era triangular e muito saliente, e as apophyses geni tambem muito pronunciadas. A apophyse coronoidea larga e revirada para fora. O rego myloideo largo e profundo, tudo indicando uma forte musculatura. Mas o mais notavel desta maxilla é o gastamento dos dentes especialmente na face externa, de forma que vista esta peça pela frente, a superficie de gastamento será dada por um angulo diedro, cuja aresta correspondesse ao plano mediano inclinando para diante. Vista de perfil a superficie que razasse a coroa dos dentes mostra uma forte curvatura sobre a geral não era possivel aplicar-se a superficie de trituração dos dentes da maxilla superior. Notando-se alem disso que os dentes não parecem limados, mas estão gastos pelo uso, e que o ramo direito da maxilla offerece superiormente uma larga superficie plana, faz lembrar a idea suggerida já pelo exame de outra maxilla achada nesta gruta, de que o gastamento dos dentes para estes individuos pelo menos, seja o effeito do uso de um corpo duro atravessado n'um, ou em ambos os cantos da boca, e que mascassem ou ahi trouxessem permanentemente [Cf. Photographias dos indios do Brazil, e a ??? de Capello e Ivens acerca do soba que foi cumprimental-os montado ou às cabritas n'outro preto.]. Maxilla inferior incompleta do mesmo typo da precedente, à qual falta a maior parte do ramo direito, e está alem disso quebrada no bordo inferior. Conserva só o ultimo molar verdadeiro, estando fechados os

(145)

¹⁴⁵ Ver nota 125, relativa a modificações dentárias e do osso mandibular de outra peça comparável à agora descrita, cuja funcionalidade poderia relacionar-se ou ser compatível com a cestaria, como parece deduzir-se da descrição apresentada, que bem evidencia as qualidades de observação do autor.

alveolos do 1.º e 2.º, e a maxilla muito deprimida nesta parte, em virtude do que a linha myloidea é horizontal e muito saliente, e o rego contiguo muito largo e profundo. Maxilla inferior incompleta, à qual faltam os dois ramos ascendentes. Pertencia a um individuo adulto, mas ainda novo, porque tem a dentição completa, mas a coroa dos dentes pouco gasta. O mais notavel desta maxilla é que o bordo exterior dos alveolos dos dentes anteriores formava um grosso cordão saliente, que se vai desvanecendo gradualmente, mas não desaparece de todo, até ao ultimo molar. 3 outras maxillas incompletas de adultos. 8 fragmentos de maxillares inferiores pertencentes a 5 individuos pelo menos. Dentes soltos: canino, 1. Falsos molares, 2. Verdadeiros molares, 5. Atlas, 3. Axis, 2. Vertebrae cervicaes, 4. Dorsales, 12. Lombares, 8. Sacrum, 7 fragmentos de diferentes esqueletos. Sternum, 3 fragmentos diferentes. Costellas, 66 fragmentos (alguns de animal?). Clavicula, 1 completa e mais 17 fragmentos de diversas grandezas. Omoplata, 8 fragmentos pertencentes a 5 diferentes pelo menos. Humero, 1 completo, faltando-lhe só a cabeça que se partiu talvez no acto da extracção, com uma pequena perfuração olecraniana. 1 extremidade superior e a epiphyse solta da cabeça de outro exemplar. 4 extremidades inferiores (2 com perfuração olecraniana) com uma porção maior ou menor do corpo. 3 corpos quasi completos, faltando-lhe só as extremidades. 11 porções superiores de corpos de humanos ± longos. 8 porções inferiores id. Cubitus, 6 completos ou quasi faltando-lhe só uma das extremidades. 10 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 3 extremidades inferiores id. 9 porções superiores ± longas faltando-lhe a extremidade olecraniana. Radios, 4 completos ou quasi completos faltando-lhe só uma das extremidades (um de criança). 13 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 7 extremidades inferiores. 2 porções do corpo de dois outros exemplares, talvez. Metacarpos, 25 (sendo 4 primeiros). Phalanges da mão, 17. Ossos iliacos, 10 fragmentos pequenos ind. de 5 ou 6 ossos de individuos novos. Femur, 8 extremidades superiores com uma porção do corpo ± longa (5 de infantes). 2 epiphyses soltas de cabeças. 3 extremidades inferiores. 4 epiphyses soltas ou condylos. 16 porções maiores ou menores do corpo. Rotulas, 4. Tibias, 5 quasi completas faltando-lhe uma das extremidades. Uma destas tem uma crista muito saliente, diferenciando-se bastante (como aliás sucede a respeito de muitas outras) de tibia do esqueleto recente. 4 extremidades superiores (uma de infante). 10 extremidades inferiores. 14 porções maiores ou menores do corpo. Peroneo, 1 extremidade superior. 4 extremidades inferiores. 2 porções de corpo. Metatarsos, 45 (sendo 15 primeiros). Phalanges do pé, 2. Ossos do tarso – Calcaneos, 17. Astragálos, 15. Scaphoides, 4. 1.º cuneiforme, 1. 3.º cuneiforme, 1. Cuboides, 4. 75 fragmentos de ossos longos muitos mostrando indubitavelmente a fractura intencional, excavados, esmagados. 50 lascas longitudinaes id. (146)

Restos de animais – 4 ossos iliacos, 3 femurs, 4 tibias e 2 radios de Coelho. Cubito, extremidade superior, de ...?

Tibia, metade superior de *Canis* [Quaternario?]. Femur, extremidade inferior. Humerus, fragmento.

Radio e fragmento de humero de Ave. Pequenos fragmentos de ossos longos fracturados. (147)

Ethnographia – Lasca de uma defesa de Javali.

Fragmento de uma valva de grande *Pecten* (*P. jacobus*?). Celt de amphibolite schistosa de 0,130^m de comprimento e 0,040^m de largura. Celt de schisto silicioso. Ø 0,090^m x 0,044^m. Id. de schisto argillo-silicioso estalado na superficie Ø 0,125^m x 0,057^m. Fragmento lascado de outro celt semelhante e da mesma substancia. Estilete ou ponta de um alfinete de osso de 0,069^m de comprimento. Peça trapezoidal de calcareo com orificio

¹⁴⁶ É lícita esta interrogação relativamente à possibilidade de algumas das costelas inventariadas não serem de humanos, dada a evidente dificuldade de diferenciação, sobretudo de exemplares incompletos.

¹⁴⁷ A platicnemia observada nalgumas tibias foi recorrentemente assinalada pelo autor.

conico para suspensão, de 0,030^m de altura e 0,027^m de largura na aresta superior, ou base maior do trapezio. É um fragmento de um pingente de collar, ou amuleto? Fragmento de uma placa de ardósia de 0,004^m de grossura com desenhos n'uma face. ! Faca de silex cinzento perfeitissima de secção triangular e estreitando para a ponta, estalada nos bordos pelo serviço que prestou, a maior que tenho visto, pois mede 0,209^m de comprimento e 0,026^m de largura no terço inferior. 3 facas de silex cinzento e amarellado escuro de diferentes typos, uma com 0,071^m de comprimento e 0,012^m de largura de secção trapezoidal e cortante nos dois bordos, e as duas outras de 0,077^m e 0,078^m de comprimento e proxicamente 0,020^m de largura, tambem de secção trapezoidal. 2 facas denteadas nos bordos, reforçados, de secção trapezoidal, uma de silex cinzento com 0,130^m de comprimento, e a outra de silex amarellado com 0,136^m. Silex alongado de secção triangular variegado de branco, cinzento, e acastanhado. Raspador de silex muito espesso formado talvez da ponta de uma faca denteada em redor. 0,046^m x 0,015^m. 2 pontas de flecha de silex mui bellas, de forma lozangular com uma face plana, e denteadas em redor. ! Pequeno vaso subcylindrico ou em forma de barril semelhante a um cadinho, quebrado na borda com 0,050^m de altura e 0,030^m de diametro, amassado à mão, com a borda revirada para fóra. 2 fragmentos de borda de dois grandes vasos com desenhos simples a traço, de louça negra. Fragmento da borda de um vaso de louça negra com verniz negro interiormente e vermelho externamente com uma serie de cavidades ou pontos impressos na ??? exterior. 22 fragmentos pertencentes a 10 vasos diferentes pelo menos, de diversas formas e grandezas, todos feitos à mão e de superficie lisa. (148)

**Folha 47 (21,8x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas
Casa da Moura (Boca da gruta) Profundidade – 2,0^m**

Restos humanos – Craneo, 4 pequenos fragmentos. Atlas, fragmento. Vertebra lombar, fragmento. Humero, extremidade inferior. Cubitus, extremidade superior. Costellas, 3 fragmentos (um d'elles com a cicatriz de uma ferida na face interna!!! uma exostose (segundo Virchow). Femur, extremidade superior (cabeça). Tibia, corpo quasi completo com muitos sulcos paralelos (!) e uma cicatriz de antiga ferida (exostose?). Peroneo, extremidade inferior e 2 fragmentos do corpo – junto ao malleolo externo parece mostrar o callo de uma antiga fractura soldada. Astragálo, 1. Scaphoide, 1. Cuboide, 1. Metatarsos, 3 (sendo 2 primeiros). 2 fragmentos de ossos longos id. 2 Lascas id. (149)

Restos de animais – *Equus*, Axis, fragmento; Vertebra ?, id. Sacrum, id. Humeros, extremidade inferior. Radio. Omoplata, incompleta. Osso iliaco, id. Femur, extremidade superior. Extremidade inferior. Lasca do corpo. Astragalo.

Capra ou *Ovis*, condylo do occipital

Canis, 2 vertebrae lombares

Capra ou *Ovis*, metacarpo de pequeno Ruminante (cabrito ou ovelha). *Capra* ou *Ovis*, metatarso id. (id.).

Bos, 2.^a phalange de Ruminante [Quaternario]. Femur de coelho.

Canis, cubito de carnívoro de grande estatura (das areias inferiores).

Sus, extremidade superior de metacarpo.

¹⁴⁸ Trata-se do exemplar reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 13, n.º 15.

¹⁴⁹ A referência a cicatriz de ferida na face interna de uma costela é difícil de explicar, podendo a modificação óssea ter origem noutra causa.

Ethnographia – 28 fragmentos de louça grosseira ou mais ou menos fina, de pasta negra, e exteriormente vermelha ou negra, de superfície lisa, a maior parte muito pequenos. 2 lascas de osso, uma d'ellas visivelmente afeiçoada para servir como furador, mas partida.

Folha 48 (21,6x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Casa da Moura (Crivo)

(a lápis escreveu-se de novo a palavra Crivo, com letra que não parece ser de Nery Delgado)

Restos humanos – 15 fragmentos de maxillares superiores pertencentes a 9 individuos pelo menos. 42 fragmentos maiores ou menores de maxillares inferiores pertencentes a 18 individuos pelo menos. Dentes soltos: incisivos, 31+18 = 49. Caninos, 25+14 = 39. Falsos molares, 28+20= 48. Verdadeiros molares, 110+36= 146. 130 pequenos fragmentos de craneo incluindo um pequeno osso wormio isolado. Atlas, 11. Axis, 12. Vertebrae cervicaes, 27. Dorsales, 38. Lombares, 16. Sacrum, 1 fragmento. Costellas, uns 126 fragmentos em geral pequenos. Clavicula, 30 fragmentos maiores ou menores. Omoplata, 12 a 14 pequenos fragmentos. Humero, 3 extremidades inferiores. 2 epiphyses soltas da cabeça de humeros de infantes. 7 porções inferiores do corpo com a extremidade incompleta. 5 fragmentos do corpo. Cubitus, 19 extremidades superiores ± completas. 1 extremidade inferior. 4 porções do corpo. Radio, 11 extremidades superiores. 7 extremidades inferiores. 24 porções maiores ou menores do corpo. Carpo – Scaphoide, 1. Pyramidal, 3. Grande osso, 7. Metacarpos, 98 (sendo 12 primeiros) 99+17= 116. Phalanges da mão, 56+10= 66. Ossos iliacos, 15 fragmentos diferentes alguns de criança. Femur, 4 extremidades superiores e 1 epiphyse solta da cabeça, e 1 femur de feto. 6 epiphyses soltas da extremidade inferior de femurs de crianças e de infantes. 3 fragmentos do corpo. Rotulas, 24. Tibias, 1 extremidade superior de infante e 2 epiphyses soltas superiores. 1 extremidade inferior. 2 fragmentos da canna. Peroneo, 2 extremidades superiores. 4 extremidades inferiores. 41 fragmentos (pequenos pela maior parte) do corpo. Tarso – Calcaneos, 18. Astragalos, 20. Scaphoide, 24. 1.º cuneiforme, 14. 2.º cuneiforme, 4. 3.º cuneiforme, 9. Cuboide, 11. Metatarsos, 181 (sendo 29 primeiros). Phalanges do pé, 48. Fragmentos de ossos longos ind., 10. Lascas id., 136 algumas perfuradas ou com vestigios de instrumento cortante.

Restos de animais – *Lepus*, restos numerosissimos pertencendo quasi exclusivamente às areias quaternarias, e a uma especie de maior estatura que o coelho bravo comum *L. cuniculus*. Os restos de lebre são muito raros, e pela maior parte pertencem ao deposito superior.

Lepus cuniculus – Maxillares inferiores, 577+51+522= 1250+287= 1:537. Maxillares superiores e fragmentos do craneo. Vertebrae, sacrum, costellas (poucas), omoplatas, humerus (inteiros e fragmentos), cubitus, radios (pouco numerosos), ossos iliacos, femurs, tibias, metacarpos, metatarsos e phalanges. ! Uma tibia, e um radio e correspondente cubito com callosidade de fractura.

Lepus timidus – Fragmento do craneo. Humero, extremidade superior. Cubito, extremidade superior. Radio, fragmento. Vertebrae, 4. Omoplata. Femur, 3 extremidades superiores e 1 inferior. Tibia, 4 extremidades inferiores.

Felis, 4 especies. [Pertencentes às areias quaternarias]. Maxillares inferiores, 4 fragmentos de 2 especies diferentes, e 3 dentes caninos soltos. Sternum, 3 peças. Vertebrae 4, e 1 sacrum. Costella, fragmento. Omoplatas, 2 incompletas diferentes. Humeros, 1 pequeno de individuo novo, e outro de grande estatura. 2 extremidades superiores diferentes. Radio, extremidade inferior. Cubito, extremidade superior, diferente especie da precedente. Osso iliaco, _____. Femurs, 4 extremidades superiores (2 especies). 2 extremidades

inferiores, diferentes. Tibia, 1 extremidade superior e porção superior do corpo. Calcaneos, 6 (3 especies). Astragalo. Metacarpos e metatarsos, talvez confundidos com os de outros carnivoros. Phalanges.

Canis (pertencentes às areias quaternarias), 2 ou 3 especies. 2 fragmentos de maxillar inferior. 3 dentes molares soltos e 2 caninos, um de lobo ou ainda maior especie. Vertebra lombar e 5 vertebrae caudales. Omoplata, 2 de uma pequena especie. Humeros, 3 extremidades inferiores de duas especies. Cubitus, 2 extremidades superiores diferentes. Femur, extremidade inferior. Phalanges, 5.

Canis, 1 occipital, 4 vertebrae e fragmentos de humeros, do deposito superior (neolithico).

Hypudens (Arvicola), 2 especies das areias quaternarias, representadas pelas maxillas superiores e inferiores; e uma ou ambas estas especies do entulho superior. (150)

Cervus, maxillar inferior, 2 fragmentos, e varios dentes molares soltos. Atlas, omoplata, osso iliaco, tibia e metacarpo (fragmentos); rotula, astragalo, e phalanges, 15 (sendo uma unguial), pertencendo provavelmente a mais de uma especie. (151)

Myoxus, [do entulho superior] 5 maxillares inferiores.

Sus, 2 fragmentos de maxillar inferior e 1 phalange [entulho superior]

Vespertilio, 4 craneos incompletos. 1 maxillar inferior. 2 humeros e 4 fragmentos id. Femur, 1.

Ovis ou *Capra* [entulho superior] – 4 dentes molares soltos. Vertebra caudal. Cubitus, extremidade superior. Metacarpos, 3 extremidades superiores. Metatarso, 1 extremidade superior. Astragalo. Phalanges, 4.

Equus Osso iliaco, fragmento. Ossos do carpo.

Mustela ? (*Hyaena crocuta* juvenil) Dente molar da maxilla superior, de individuo novo. (152)

Ossos indeterminados e lascas do osso (um tabuleiro).

Aves – Cubitus, omoplatas, pelvis, humeros, radio, femur, tibia, tarso–metatarso, pertencentes a 3 especies pelo menos.

Ethnographia – Abundantes cacos de louça grosseira lisa e com desenhos, negra e vermelha externamente, alguns fragmentos de azas, ou furos para suspensão. Seixos e calhaus muito rolados de quartzite inteiros e disformes arredondados, outros lascados, e alguns lascados e depois rolados. 10 furadores ou estiletos e facas de osso (spatulas) formados de diferentes ossos de animais. (!!!) 16 facas de silex, a maior parte d'ellas completas. [Uma d'ellas quaternaria]. 6 pequenos fragmentos id. 7 settas de silex. Raspador de silex jaspoide avermelhado. 2 pequenos fragmentos de hematite terrosa. 7 lascas de silex. 2 lascas de defeza de javali. Ossos de coelho e uma lasca de maxilla inferior muito rolada de ????. (153)

¹⁵⁰ É de assinalar a capacidade do autor em classificar pequenos mamíferos, contrastando com a dificuldade na identificação de ossos de grandes mamíferos, atribuível a ausência de colecção de comparação.

¹⁵¹ Ver nota 150.

¹⁵² A referência a dente de provável hiena das cavernas juvenil não se confirmou, já que esta espécie não foi identificada entre as representadas nos contextos plistocénicos (CARDOSO, 1993).

¹⁵³ A referência a uma “faca” do depósito plistocénico não se confirmou entre os exemplares conservados, a menos que se tratasse de um dos exemplares publicados posteriormente aquando da revisão dos materiais paleolíticos (ZILHÃO, 1997, Fig. 12.3).

Folha 49 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Etiquetas n.º 2, 3, 6, 8, 9, 21 Casa da Moura Crivo

Objectos achados no entulho até 2,0^m de profundidade na sala exterior da gruta

Restos humanos – 37 fragmentos pequenos de craneo. Dentes soltos: incisivos, 673+48+18= 739. Caninos, 387+48= 435+11= 446. Falsos molares, 545+7+50= 602+17= 619. Molares verdadeiros, 1:543. Maxillares superiores, 19 fragmentos maiores ou menores, pertencentes a 10 individuos pelo menos. Maxillares inferiores, 55 fragmentos pertencentes a 24 individuos pelo menos. Metacarpos, 36 primeiros + 65 dos outros quatro – 101 + 12 = 113. Carpo – Scaphoide, 13. Sermilunar, 10. Pyramidal, 6. [Pisiforme (falta)]. Trapezio, 6. Trapezoide, 3. Grande osso, 12. Osso cuneiforme, 14. Phalange da mão, 654+24= 678. Tarso – Calcaneos, 5. Astragálos, 19. Scaphoides, 9. 1.º cuneiforme, 14. 2.º cuneiforme, 10. 3.º cuneiforme, 8. Cuboide, 14. Metatarsos, 24 primeiros + 56 dos outros – 80+16= 96. Phalanges do pé, 93 primeiras + 293+99 das outras – 485+24= 509. Rotulas, 16. Humerus, 1 completo com perfuração olecraniana. 21 extremidades inferiores, algumas com o corpo completo, 5 d’ellas com perfuração olecraniana e 4 de infante. 2 epiphyses soltas da extremidade inferior. 5 epiphyses soltas da cabeça. 2 extremidades superiores. 6 corpos completos ou quasi completos com a extremidade inferior incompleta, e mais 6 porções inferiores. Radio, 1 completo com uma forte tuberosidade bicipital. 11 extremidades superiores, tendo 3 o corpo completo. 9 extremidades inferiores, 1 com o corpo completo. 3 fragmentos do corpo, e 2 corpos completos. Cubitus, 1 completo. 15 extremidades superiores (1 com o corpo completo, alguns de infantes). 3 extremidades inferiores (1 de criança ou infante). 2 porções do corpo. Costellas, 32 fragmentos muitos d’elles completos. Claviculas, 13 e mais 14 fragmentos (3 de criança ou feto). Omoplatas, 3 incompletas. Sternum, 3 (2 manubrios incompletos, e 1 corpo muito largo) ! Atlas, 3. Axis, 7. Vertebrae cervicaes, 13. Dorsaes, 15. Lombares, 12. Sacrum, 3 fragmentos. Coccyx, 1.^a peça. Osso iliaco, 12 fragmentos maiores ou menores. Tibias, 5 (faltando a 2 a extremidade superior que se partiu accidentalmente no acto da extracção do jazigo). 1 extremidade superior, e 1 epiphyse solta. 1 extremidade inferior, e 1 epiphyse solta. 29 fragmentos maiores ou menores do corpo, alguns quasi completos, e representando aquelle typo distincto, que tem uma forte crista prolongando-se sem discontinuidade até à extremidade inferior. Estes exemplares são alem disso muito achatados, podendo referir-se talvez aquella variedade que tem sido denominada da forma de “lame de sabre”. Femurs, 3 quasi completos faltando-lhe só parte de uma da extremidades, de adultos. 3 id. de infantes, faltando-lhe a extremidade inferior. 3 extremidades superiores, sendo dois de infantes. 4 epiphyses soltas da cabeça, de infantes. 1 extremidade inferior. 3 epiphyses soltas inferiores. 3 corpos quasi completos e 22 fragmentos maiores ou menores de outros. Peroneo, 2 extremidades superiores. 2 extremidades inferiores. 5 fragmentos pequenos do corpo. 65 fragmentos de ossos longos quebrado intencionalmente. 40 lascas id. id. Metacarpo, phalange e outros ossos pequenos com vestigios de antiga fractura com callo. Pequena calote craneana comprehendendo o parietal esquerdo e parte do frontal de um craneo humano muito espesso de individuo muito adulto, pois que tem as suturas quasi desvanecidas. 2 pequenos fragmentos do craneo de um feto. 42 fragmentos diversos.

¹⁵⁴ Ver nota 147.

¹⁵⁵ Ver nota 154.

Folha 50 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Casa da Moura Crivo Objectos achados no entulho superior até 2,0^m de profundidade

(Ethnographia)

2 pontas de lança incompletas, e um fragmento de outra, denteadas no contorno, infelizmente partida no acto de extracção do jazigo. – Uma d’ellas de sílex cinzento escuro, à qual falta a ponta, e os angulos da base, tinha a forma subtriangular, com a base formada por duas linhas curvas encontrando-se n’um angulo muito obtuso, e mediria (completa) 0,070^m de largura na base, e 0,105^m de altura. – Uma outra de forma inteiramente semelhante, e de sílex cinzento claro amarellado, media 0,072^m de largura na base e 0,087^m de altura – Fragmentos de uma terceira ponta de lança de sílex cinzento, ainda da mesma forma, provavelmente mais estreita na base, e sem duvida com mais de 0,100^m de altura. Punhal (?) de sílex cinzento, de forma triangular muito alongado, denteado nos lados, e na base para servir como raspador. Mede 0,112^m de altura e 0,021^m de largura na base. Ponta de outro instrumento semelhante, ainda mais largo, media 0,050^m de altura por 0,018^m de largura na base ou face de fractura. 144 flechas de sílex (só uma de quartzo branco semitransparente) de todas as formas imaginaveis, todas com os bordos denteados, umas com aza lateraes, outras com umas simples pontas salientes; umas pedunculadas, outras simplesmente losangulares; e outras triangulares com a base cavada; umas com denticulação mui fina quasi imperceptivel, outras com uma denticulação forte muito regular ou irregular com fortes dentes; umas mais longas, outras de forma alongada elegantissima, e enfim variando tambem pela côr, que é branca, cinzenta ± escura, amarellada, acastanhada e avermelhada. A mais comprida de todas tem 0,064^m de comprimento por 0,024^m de largura; a mais estreita mede 0,032^m x 0,009^m, e é como a precedente pedunculada. Uma outra de forma pentagonal tem 0,016^m x 0,011^m. Outra quadrangular mede 0,018^m x 0,016^m. Uma bellissima de jaspe vermelho, quebrada na ponta, 0,050^m x 0,016^m. 2 pequenas facas de quartzo hyalino de 0,028^m x 0,008^m e 0,024^m x 0,009^m ambas quebradas na ponta. Pequeno nucleo de um cristal de quartzo hyalino. Cristal de quartzo hyalino lascado n’um dos extremos. 2 pequenas facas de quartzo branco semitransparente com 0,023^m x 0,009^m e 0,021^m x 0,011^m, ambas quebradas na ponta.

Lasca de um cristal de quartzo hyalino podendo ter talvez servido como raspador. 49 facas de sílex branco, cinzento, avermelhado, amarellado, acastanhado, e zonado destas cores, alguns com os bordos denteados (provavelmente tendo-o sido depois que o fio estalou ou abriu bocas pelo uso) e de varias grandezas desde 0,024^m até 0,135^m (comprimento de uma faca incompleta mui bella, à qual falta ainda a base). Umas são muito reforçadas, outras pelo contrario são formadas de laminas muito delgadas, variando tambem as formas, sendo algumas ponteagudas. 59 facas incompletas, ou grandes fragmentos para deixarem perceber a forma. 58 pequenos fragmentos de facas. Fragmento de osso longo de grande diametro afeiçoado com gume n’um dos bordos. Lasca afeiçoada de dente de javali. Metade superior de um femur de coelho gasto na superficie e com a superficie de fractura tapada com uma pequena lasca de osso, como uma pequena rolha. 15 raspadores de sílex

¹⁵⁶ A dificuldade do autor na separação tipológica entre punhais e as alabardas (por ele designadas por “pontas de lança”) ainda hoje não se encontra cabalmente resolvida. No caso, é provável que se trata do punhal representado por CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 21, n.º 3, executado sobre lâmina e cuja base convexa e com retoques a partir de ambas as faces levou a considerá-lo como raspador (raspadeira).

¹⁵⁷ É evidente a variedade tipológica das pontas de seta, sugerindo a sua efectiva coexistência aquando das oferendas depositadas na gruta, tal como o verificado em outras necrópoles colectivas. No entanto, a hipótese de as mesmas terem sido fabricadas dentro da gruta não é verosímil (ver nota 76). A atribuição a jaspe de algumas delas carece de confirmação, pois, se na aparência é essa matéria-prima que pode estar presente, por outro lado a abundância a curta distância de nódulos de sílex vermelhos ou castanho-avermelhados na região de Rio Maior configura essa origem, até porque as verdadeiras pontas de jaspe reconhecidas nos sítios da Estremadura são sempre em número reduzido, por se tratar de matéria-prima oriunda do Alentejo, vindas certamente já manufacturadas, e de muito pior qualidade (CARDOSO, 2019).

de diversas formas. 8 furadores de osso. 2 cabeças e parte do pé de um alfinete de tocar de osso. Fragmentos de duas placas polidas, delgadas, de osso (semelhante a outra achada na Furninha). Fragmento pequeno de craneo humano, phalange do pé (pequena da 1.^a serie); dois ossos do tarso (scaphoide e 3.^o cuneiforme); extremidade inferior da tibia de coelho; e mais 5 pequenos ossos (humero e calcaneo de coelho) muito rolados, ou com a superfície muito gasta (como na Furninha). (158)

Dente canino pequeno de *Felis* com orificio de suspensão na raiz.

Dente canino de *Canis* (lobo) gasto na raiz, e com orificio de suspensão.

Defeza de (javali) *Sus* tendo pertencido a individuo muito velho, e estalada (ébreché) n'uma ??? por ter servido talvez como raspador? Peça de osso de forma muito singular, formada de uma lasca longitudinal gasta nas duas faces (e semelhando a um cravo de ferradura) quebrada na ponta. Fibula ou passadeira de falso marfim, com dois furos obliquos um para o outro ao meio para fixação como um botão, semelhante a outra da 1.^a gruta de Palmella, com duas chanfraduras de cada lado. É formada de uma lasca de defeza de Javali, tomada na face interna do dente. Fibula de osso plana, com dois orificios obliquos para fixação, semelhante a outras das grutas de Palmella. Pequena conta de osso com uma pequena garganta nos dois topos semelhante a outra maior achada na Furninha. 11 contas de serpentina e 3 pingentes (penduricos, berloques). Uma das contas tem 0,033^m de altura. 1 conta achatada de callaite verde esmeralda. 1 conta de spatho calcareo com 0,028^m de altura. 8 contas e um pingente subrectangular de azeviche. Uma das contas tem a forma ellipsoidal, e as outras 7 a forma de dois cones juntos pelas bases. 2 pequenos fragmentos de argilla ochracea vermelha. 5 bellos nucleos de silex cinzento. 2 nucleos e 7 pequenas lascas de quartzo branco | Provas de que foi aqui officina de fabricação de settas e facas. 3 nucleos e 17 lascas maiores de silex, algumas d'ellas talvez podendo ter servido como raspadores. 92 lascas pequenas de silex, algumas pequenissimas, restos despegados do trabalho de fabricação pela maior parte. 6 lascas e pequenos calháus rolados estalados de quartzite. 3 idem de quartzo. 9 pequenos seixos muito rolados de quartzo e de quartzite, um d'elles de quartzo roseo. Grande fragmento de uma placa trapezoidal de ardosa polida com desenhos. 1 fragmento menor de outra placa com desenhos, (159) (169)

¹⁵⁸ Referência a mais um alfinete de osso com cabeça amovível, que se junta aos anteriormente mencionados, característicos dos conjuntos do Neolítico Final da Estremadura. Ver notas 119 e 135.

¹⁵⁹ É significativa a recolha no mesmo sector e profundidade, dos dois únicos botões campaniformes identificados na gruta, configurando uma peça de vestuário semelhante à que é denunciada pelos botões alinhados de um dos enterramentos campaniformes da gruta 2 de São Pedro do Estoril (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964, Est. C). É interessante registar a presença destas peças sem que estejam associadas às respectivas produções cerâmicas campaniformes. A razão pode ser de ordem geográfica, tendo presente a extrema rarefacção de tais produções na Alta Estremadura. Situação análoga foi identificada no sistema cársico do Almonda (Torres Novas), situado na mesma região (ZILHÃO, 2016).

¹⁶⁰ Com efeito, foi nas grutas de Palmela, exploradas em 1876, que, em Portugal, se recolheram pela primeira vez este tipo de botões (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961). A referência, logo a seguir, a contas de diversas mineralogias merece também comentário. Assm, a designação de “calaite” refere-se a minerais verdes, muito provavelmente, a variscite, que é o mineral largamente dominante na região da Estremadura portuguesa (ODRIOZOLA et al., 2013). A conta considerada de “spatho calcário”, com o comprimento de 38 mm, deve corresponder à conta de fluorite cuja análise foi apresentada no Congresso de Lisboa de 1880 (BENSAUDE, 1884), determinação recentemente confirmada, aquando do estudo de outros exemplares pré-históricos da mesma região (CARDOSO, DOMÍNGUEZ-BELLA & MARTÍNEZ LÓPEZ, 2012). O erro de Nery Delgado nesta determinação é facilmente explicável dada a falta de análise química, ou em lâmina delgada (como a executada por Bensaúde) ou outra (como a seguida no último trabalho citado). Com efeito é grande a semelhança à simples vista desarmada entre os dois minerais. Tal significa que, aquando da redacção do manuscrito o estudo de Alfredo Bensaúde, apresentado em Setembro de 1880 ainda não estar concluído, pelo que tudo indica que a redacção deste original deve ter sido feita de forma concentrada no tempo, entre a conclusão das escavações na gruta, nos inícios de Julho e a celebração daquela reunião, correspondendo assim ao Verão de 1880. A data de redacção do manuscrito ter-se-á seguido imediatamente à publicação da monografia dedicada às antas de Belas, cujos espólios são frequentemente citados, a qual se encontra datada de 1880 (RIBEIRO, 1880).

2 outras com orifícios de suspensão, e 15 pequeníssimas lascas e fragmentos de placas da mesma substancia. Fragmento de uma placa de schisto cinzento muito micaceo. 9 lascas de silex do typo de facas e raspadores, que o Sr. Carlos Ribeiro julga pertencerem à epoca quaternaria, o que não é todavia possível, pelo menos para todas ellas. 2 pequenas tijelas de barro grosseiro negro amassado à mão, de forma hemispherica, uma d'ellas incompleta, de superficie lisa e com 0,055^m e 0,060^m de diametro na boca. Fragmento de outro vaso maior com a superficie lisa e velatura negra na superficie, de paredes mais finas (0,003^m a 0,006^m). Numerosissimos fragmentos de outros vasos, a maior parte de superficie lisa, de diversas formas, e igualmente de côr negra, alguns fragmentos com desenhos a traço, e um d'elles de louça muito rija negro-azulada, tendo uma aza muito elegante e a superficie sendo coberta de um inducto ou verniz vermelho. Pertencendo este objecto às primeiras explorações não pode fixar-se ao certo a profundidade em que seria encontrado, nem o ponto da gruta onde estava. Placa trapezoidal de basalto com duas faces planas e polidas, e de cor vermelha, tendo sem duvida servido como mó para triturar a ochra com que pintavam a louça, e talvez tambem os homens o corpo ou a cara. Placa ellipsoidal muito achatada de rocha ophitica porosa (Leiria e Monte Real) com as duas faces maiores planas, tendo provavelmente servido como mó movente para triturar grãos ou outras substancias. 2 massas discoides de calcareo areoso com uma face plana, e uma d'ellas com uma cova semispherica quasi ao meio desta face, podendo tambem ter servido como mó movente, em quanto que a outra é um instrumento do mesmo genero em esboço, ou ainda incompleto. À primeira vista tomar-se-hiam estas peças como malhas de jogo. Grande pilão de forma ovoide ou ellipsoidal alongada truncada nos polos; de calcareo granular fino saccharoide (marmore) branco, com 0,15^m de altura e 0,093^m de maior diametro. Bola irregular de calcareo argiloso compacto, cinzento, jurassico, com 0,10^m de maior diametro, da qual destacaram uma pequena calote, offerecendo deste lado uma superficie irregular de fractura. Bola de calcareo oolitico brechiforme com 0,060^m de diametro. Fragmentos de duas peças alongadas de calcareo saccharoide branco (bastão de commando) de forma alongada e accuminada para os extremos, de secção semelhante a um grande segmento de circulo com os angulos boleados. Tronco de um cylindro de superficie polida de calcareo saccharoide branco, mostrando vestigios de uma meia-lua proximo da base, como tem uma peça semelhante da sepultura (dolmen coberto) da Granja do Marquez. Lamina de calcareo oolitico ou saccharoide branco em forma de crescente truncada n'uma das extremidades, inteiramente analoga a outra achada na gruta de Cascaes. 2 peças conicas (fragmentos) de

(161)

(162)

(163)

(164)

(165)

(166)

¹⁶¹ Trata-se de divergência do autor, ainda apresentada em vida de Carlos Ribeiro superior hierárquico de Nery Delgado, o que jamais colocou em causa a lealdade existente entre ambos.

¹⁶² Refere-se o autor às primeiras explorações efectuadas na gruta em 1879, quando ainda não teria sido estabelecido o sistema de referenciação que condicionou o desenvolvimento ulterior da escavação, ainda no decurso do final desse ano, já que logo a 2 Janeiro de 1880 Miguel Pedroso apresentou a Nery Delgado o referido sistema de referenciação.

¹⁶³ A classificação como moventes de mós manuais destas peças é consentânea com a sua real utilização, o que é para sublinhar dada a ausência de paralelos etnográficos aos quais o autor pudesse recorrer. O exemplar com uma depressão no centro da face plana foi reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 59, n.º 1.

¹⁶⁴ Devem corresponder aos exemplares reproduzidos em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 61, n.ºs 1, 4 e 5.

¹⁶⁵ Este exemplar, que o autor associou correctamente ao recolhido na gruta artificial da Granja do Marquês (Sintra), já então publicado por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1880, Fig. 87 e 88) não se encontra presente nas colecções. Trata-se de peça de grande importância, por documentar até esta região o culto da Lua, o qual se centrou na região imediatamente a norte e a sul da Serra de Sintra, conforme evidenciam a distribuição dos achados de objectos conectados com aquele culto, com destaque para as lúnulas de calcário (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 17).

¹⁶⁶ Esta peça já foi anteriormente referida, tendo-se admitido que seja constituída por dois fragmentos que não colam (ver nota 63). A parte que possui as três perfurações foi recolhida na Letra p à profundidade de 0,40 m por cima do banco estalagmítico. A que agora é

rocha trappica partidas do lado da base, talvez fragmento de uma arma ou instrumento de muito maiores dimensões. Goiva perfeitíssima de schisto silicioso negro. (167)

Celt de diorite schistoide de forma pentagonal, partido no gume: 0,100^m x 0,056^m x 0,038^m com as arestas arredondadas. Celt trapezoidal de schisto diorítico com gume cortante curvilíneo: 0,076^m x 0,042^m x 0,018^m. Celt trapezoidal de schisto: 0,078^m x 0,051^m x 0,029^m. (Fragmento) Celt incompleto de schisto diorítico de forma rectangular com gume rectilíneo : 0,041^m x 0,032^m x 0,013^m. Celt de schisto diorítico de forma trapezoidal e gume cortante de 0,058^m x 0,040^m. Pequeno fragmento de cabeça de um pequeno celt polido de diorite muito fina. Celt de rocha feldspathica branca variada de negro, schisto ?, muito gasto pelo uso. Celt de schisto silicioso negro com gume cortante rectilíneo: 0,060^m x 0,048^m x 0,015^m. Celt de schisto incompleto de forma rectangular com o gume curvilíneo: 0,117^m x 0,064^m x 0,018^m. Celt de schisto silicioso de forma trapezoidal, cortado por uma face plana na base correspondendo ao gume, que provavelmente teve anteriormente: 0,064^m x 0,031^m x 0,013^m. Pequenino celt de schisto quartzoso esbranquiçado, de 0,038^m x 0,016^m. Fragmentos de 6 outros celts diferentes, de schisto silicioso negro, de diversas formas. Fragmento de 1 celt de basalto de forma trapezoidal: 0,050^m x 0,049^m x 0,013^m. Fragmento de calcareo jurássico com a forma de um celt, talvez produzida naturalmente. 6 calhás rolados e estalados de quartzito tendo servido provavelmente de percutores. (168)

1 concha de *Cerithium*.

2 valvas de *Ostrea*.

4 valvas de *Pectunculus* furados no umbão e rolados; mais 3 valvas roladas 1 outra a qual mostra um enorme buraco faltando-lhe só a charneira e os bordos, e 2 fragmentos de outras. (169)

5 valvas de *Patella* algumas d'ellas porventura pertencendo às areias inferiores. (170)

4 fragmentos de valva convexa de um grande *Pecten* (*P. maximus* ou *jacobeus*?).

2 valvas de *Cardium* e 1 fragmento de outra.

Fragmento de uma valva de *Tapes* (ameijoia da pedra).

mencionada pelo autor provém do crivo e é a que possui evidente analogia com o exemplar recolhido nas grutas do Poço Velho (Cascais) (PAÇO, 1941, Fig. 19 a).

¹⁶⁷ Esta goiva, que corresponde ao único exemplar completo recolhido na gruta, foi reproduzida em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002 Fig.10, n.º 4). Trata-se de exemplar de pequenas dimensões, de assinalável raridade nos contextos neolíticos ou calcolíticos do território português (CARDOSO, 1980); G. e V. Leisner (LEISNER & LEISNER, 1951) estabeleceram dois grupos principais, pelo tamanho: os exemplares de grandes dimensões ocorriam preferencialmente nos monumentos megalíticos alentejanos, enquanto os de pequenas dimensões eram predominantes nas estações calcolíticas da região estremenha existindo, porém, também aqui, grandes exemplares neolíticos, como o recolhido na gruta do Lugar do Canto (Alcanena) (CARDOSO & CARVALHO, 2008, Fig. 16, n.º 1).

¹⁶⁸ Trata-se na verdade de exemplar de fibrolite (silimanite fibrosa), de carácter votivo, dadas as pequeníssimas dimensões e a matéria-prima, idênticos a outros reconhecidos em diversas áreas do território português, o qual foi publicado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 10, n.º 3). O facto de Nery Delgado se ter enganado na classificação petrográfica deste exemplar explica-se facilmente pelo facto de ocorrências deste tipo de matéria-prima susceptíveis de fornecerem massas com suficiente volume serem praticamente desconhecidas em território português.

¹⁶⁹ Já anteriormente se tinha referido a presença de conchas de moluscos marinhos, entre elas valvas de *Glycymeris* sp. (ver nota 96), como as que aqui são mencionadas, as quais não se confundem com a sua utilização como braceletes, elementos de adorno característicos do Neolítico Médio do centro e sul do território português, atingindo os finais do IV milénio a.C. (Neolítico Final), como se verifica pelo exemplar incompleto recolhido em Leceia (CARDOSO, 2015 b).

¹⁷⁰ O autor já tinha referido a presença deste género na gruta, tal como a de *Pecten* e de *Tapes* (*Ruditapes*); agora menciona pela primeira vez a de *Cardium* (ver nota 69). Correspondem a moluscos marinhos ou estuarinos cuja ocorrência na cavidade se relaciona com oferendas funerárias ou com objectos de adorno (ver nota 103). Quanto à presença de *Helix* (caracol terrestre) a mesma deve reportar-se a infiltrações de materiais vindos do exterior da gruta.

9 conchas de *Helix nemoralis*. (171)

2 radiolos de Echinideo, fosseis, do terreno jurassico.

Ferro oxydado vermelho terreo (ochra vermelha), 10 pequenos fragmentos, o maior apresentando diferentes superficies lisas, e mostrando claramente ter sido raspado ou gasto para d'elle obterem pó. (172)

Folha 51 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Etiqueta nº 34 Camara central do Norte (3.^a Lapa) Desde a superficie até 0,40^m de profundidade.

Restos humanos – Calote craneana de individuo muito adulto ou velho, pois que tem as suturas soldadas, comprehendendo parte do occipital, dos dois parietaes e do frontal. É mui notavel pela espessura que junto à sutura fronto–parietal excede 0,01^m, e pela extraordinaria saliencia da protuberancia occipital externa e da linha curva superior que formam uma crista continua e da crista occipital externa que tambem é muito saliente. Correspondendo ao vertice da sutura lambdoide tambem tem uma bossa mui saliente. 2 ossos frontaes, um d'elles notavel pela saliencia das bossas frontaes, e pela fractura que apresenta n'uma d'estas bossas, que todavia não interessa todo o tecido osseo. Osso frontal incompleto notabilissimo pela extraordinária saliencia da bossa nasal e das arcadas supraciliares. 7 ossos temporaes quasi completos, e 22 fragmentos de outros semicompletos. 105 fragmentos dos ossos da abobada craneana, pela maior parte de pequenas dimensões. Craneo quasi completo faltando-lhe só uma parte da base, encontrado à superficie do solo desta divisão da gruta (cuja entrada estava tapada com terra e pedras que para ali tinham rolado naturalmente). A parte do occipital, que falta, foi extrahida violentamente por uma forte pancada, pois que os bordos da fractura apresentam um contorno irregular e a superficie escabrosa, e sobre o parietal direito vê-se uma serie de cavidades, como se a arma ou instrumento tivesse resvalado na pancada. (173)

– Esta cabeça parece aliás bem conformada, e não differir muito do typo dos da nossa raça actual. [Serão pois estes os vestigios de uma lucta estabelecida entre a raça autochtone e uma raça invasora ?]. 2 ossos maxillares superiores direitos e 14 fragmentos de outros. 2 maxillas inferiores e 18 fragmentos pertencentes a 13 individuos pelo menos. [13 + 2 = 15]. Dentes soltos: incisivo, 1. Caninos, 3. Verdadeiros molares, 9. Atlas, 3. Axis, 3. Vertebraes cervicaes, 8. Dorsaes, 13. Lombares, 13. Sacrum, 2 fragmentos. Sternum, 4 fragmentos. Costellas, 41 fragmentos. Claviculas, 6 completas ou quasi completas, e 18 fragmentos diferentes de outras. Omoplatas, 11 fragmentos de 7 diferentes pelo menos. ! Humero, corpo de um exemplar mui grosso, deformado ?, mui notavel. É do braço esquerdo, e distingue-se pela enorme grossura e grande torsão que apresenta. Humerus, completos ou aos quaes falta só uma das extremidades, 8 (uma com fractura e grande callo) (174)

¹⁷¹ Estes fósseis não passaram despercebidos ao autor, que os não confundiu, e bem, com objectos arqueológicos, como por vezes tem acontecido, em resultado da deficiente formação em Geologia e Paleontologia da maior parte dos pré-historiadores.

¹⁷² A existência de corante vermelho (ocre) foi já anteriormente assinalada, sendo utilizado em rituais funerários diversos, como os identificados na Lapa do Fumo, Sesimbra. O presente exemplar (não desenhado) pode observar-se ainda no Museu Geológico do LNEG. Ver nota 133.

¹⁷³ Esta descrição não deixa dúvidas quanto à natureza violenta e intencional da lesão, somando-se a muitas outras observações apresentadas pelo autor ao longo deste inventário. Ver notas 39, 51, 60, 65, 66, 68, 72, 73, 74, 117, 126, 131 e 137.

¹⁷⁴ A existência conflituosa de dois grupos humanos, representados por individuos anatomicamente distintos justificaria, para o autor, as frequentes marcas de violência observáveis, sobretudo nos crânios. Ver nota 69.

junto à extremidade inferior). 2 extremidades superiores com metade do corpo, ou mais, e 3 cabeças e uma epiphyse da cabeça soltas. (175)

12 extremidades inferiores com uma porção maiores ou menores do corpo (sendo 2 de criança e 1 de feto). NB – De todos estes ossos apenas 1 mostra a perfuração olecraniana; 8 porções superiores do corpo; (176)

14 porções inferiores do corpo. 10 porções maiores ou menores do corpo, parte media. Cubitus, 15 extremidades superiores, 3 d'ellas com o corpo completo. (1 de infante). 4 extremidades inferiores. 5 porções superiores do corpo e 2 porções inferiores. Radio, 1 completo de criança ou feto. 3 de adultos, aos quaes falta uma das extremidades, que se partiu no acto da extracção do jazigo. 4 extremidades superiores com uma porção do corpo maior ou menor. 5 extremidades inferiores id. (1 de criança). 3 corpos completos. 3 porções superiores do corpo, e mais 8 porções medias do corpo. Carpo – Semi-lunar, 2. Trapezio, 1. Grande osso, 1. Metacarpos, 45 (sendo 5 primeiros). NB – Alguns dos ossos do metacarpo e do metatarso, depois de limpos apresentam auquelle aspecto fresco, e maior peso especifico que facilmente induziria a tomal-os como recentes. Mas é evidente que nesta parte da gruta, que estava oculta debaixo do entulho superior, e cuja existencia mesmo não se suspeitava, nenhum animal podia ter penetrado. Sendo esta parte do entulho superior a mais antiga, e sendo ahi que se encontrou o maior numero de ossos longos inteiros, poderia julgar-se que ali fosse o cemiterio, mas esta opinião é destruida pelo facto de que os ossos apresentam o mesmo estrago que na sala exterior da gruta, e que há ali a mesma falta dos ossos que seriam necessarios para completar tantos esqueletos quanto é o número dos maxillares. Os metacarpos em grande numero pertencem ainfantes. As phalanges revelam (177)

uma mão pequena e muito delgada. Phalanges da mão, 41 (sendo 5 primeiras da 1ª serie). Osso iliaco, 12 fragmentos. Rotulas, 6. Femur, inteiro, 1. 7 faltando-lhe uma das extremidades, mas que parece se partiram no acto da extracção. 11 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 8 extremidades inferiores id. e 1 epiphyse solta. 21 corpos completos ou quasi. 3 porções superiores do corpo. 11 porções inferiores do corpo. 9 porções medias do corpo maiores ou menores. Tibias completas, 3 (uma d'ellas muito chata, do typo chamado folha de sabre?). 4 faltando-lhe a extremidade superior (todas deste typo, achatadas). 7 extremidades superiores, e 2 epiphyses soltas. Tibias, 7 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, e 2 epiphyses soltas. 10 corpos completos ou quasi completos. 27 fragmentos maiores ou menores do corpo. Peroneo – 5 extremidades superiores. 7 extremidades inferiores. 5 corpos completos ou quasi. 20 fragmentos menores. Tarso – Calcaneos, 10. Astragálos, 12. Scaphoides, 8. 1.º cuneiforme, 1. 3.º cuneiforme, 2. Cuboides, 10. Metatarsos, 52 (sendo 10 primeiros). Phalanges do pé, 22 (sendo 9 primeiras da 1.ª serie, e 1 primeira da 2.ª serie). Fragmentos de ossos longos quebrados, excavados, roidos, 18 (1 com um golpe profundo de sílex). Lascas id. id., 24. (178)

(179)

¹⁷⁵ É recorrente a menção a fracturas consolidadas, especialmente observadas nos ossos longos o que em si mesmo não é sinónimo de violência, embora possa sê-lo, em parte. As fracturas podem denunciar igualmente o modo de vida destas populações, de grande mobilidade e que viviam em domínios pedregosos de baixa montanha.

¹⁷⁶ É interessante a observação da existência de restos de feto, o que denuncia o cuidado da recolha, neste caso em resultado da utilização do crivo.

¹⁷⁷ A distribuição não homogénea dos segmentos anatómicos pelas diferentes partes do esqueleto mostra que houve manipulação prévia dos ossos, tal qual se verificou na gruta da Furninha, Peniche, escavada na mesma época, correspondendo a um ossário, ou depósito secundário. Esta constatação é corroborada pela observação do autor de não ter encontrado restos humanos em conexão anatómica. Ver nota 68.

¹⁷⁸ Ver nota 147.

¹⁷⁹ A referência ao golpe profundo observado em um osso longo indeterminado ter sido provocado por um sílex é de reter, embora tal não seja relevante para a conclusão da existência de canibalismo. Ver, entre outras, as notas 61 e 73.

Restos animais – Ossos de coelho, de *Felis*, de Aves, e de outros animais, em parte pertencentes às areias superiores, e que por isso puz de parte para serem estudados mais tarde. (180)
Equus – extremidade superior de cubitus [Quaternario?]. Vertebrae dorsales, 2 incompletas.
Bos – Astrágalo. Phalange, metade superior. Cabeça de fêmur.
(Gamo?) Capra? – ponta, 2 fragmentos da mesma [Quaternario?].
Canis lupus? – extremidade superior incompleta de cubitus [Quaternario?].
Felis – Omoplata, fragmento [Quaternario?]. Extremidade superior do humero [Quaternario?].
Capra ou *Ovis*, indivíduo novo – 3 dentes molares
Ruminante ou *Cervus?* = Radio, metade superior

**Folha 52 (21,7x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
3 páginas manuscritas**

Etiqueta nº 38 Casa da Moura Camara central do N. (3.ª Lapa) Profundidade – 0,50m

Restos humanos – Maxilar superior esquerdo incompleto, de indivíduo com a dentição completa, mas a coroa dos dentes bem conservada. ! Maxillares inferiores, 4 fragmentos diferentes, sendo uma barba e parte do maxilar direito de enorme espessura e apresentando um caso pathológico notabilíssimo, fistula e engrossamento do osso. 14 fragmentos da abóbada craneana. Axis, fragmentos. Vertebrae dorsales, 2. Lombares, 2. Costellas, 3. Claviculas, 4 (2 quasi completas). Omoplatas, 2 fragmentos. Humeros, 4 (um completo e a 3 faltando-lhe só a cabeça, mas excavados interiormente). 4 fragmentos de corpo. Cubitus, 3 extremidades superiores. Radio, 1 completo. 1 extremidade superior. 1 extremidade inferior. Femur, extremidade superior com uma grande porção do corpo. Extremidade inferior, diferente. 4 fragmentos do corpo partidos intencionalmente, um com vestígios de feridas. Tibia, extremidade inferior. 7 fragmentos maiores ou menores do corpo, um d’elles quasi completo de criança ou feto, e outro com vestígios de feridas. ! Peroneo, fragmento do corpo, de forma notabilíssima, formando em parte como uma folha de sabre. Rotulas, 2. Calcaneos, 3. (181)
Astrágalos, 3. (182)
(183)

Ethnographia – Fragmento de um vaso de louça negra com inducto vermelho externamente e internamente, amarelado (de oxido de ferro anhydro e hidratado reduzido a pó), com uma aza horizontal, junto à qual de um dos lados tem desenhos simples a traço muito superficial e a partes impressas. Fragmento de superfície lisa pertencente ao mesmo vaso precedente. Taça incompleta representada por trez fragmentos que puderam ajustar-se dando perfeita idea da sua forma irregularmente hemispherica. Como o vaso precedente este foi modelado à mão, mas neste genero são mui perfeitos ambos. Como elle é interior e exteriormente

¹⁸⁰ Ciente da sua incapacidade para estudar adequadamente a generalidade dos restos faunísticos recolhidos, designadamente os recolhidos nos depósitos plistocénicos, o autor declara tê-los posto de parte para estudos ulteriores. O mesmo verificou-se na Furninha, onde os restos de aves só muito mais tarde foram estudados por Newton (in HARLÉ, 1910/1911), e as faunas de vertebrados plistocénicos por Harlé e publicadas neste mesmo trabalho.

¹⁸¹ O autor estava desperto e capacitado para a identificação de casos patológicos conservados nos ossos, como se conclui pela presente descrição.

¹⁸² Mais uma referência a marcas de violência neste caso observada em fémures, supostamente partidos intencionalmente. Note-se no entanto que estas fracturas, sejam intencionais ou acidentais, podem ter resultado da manipulação dos ossos aquando do seu depósito em contextos secundários (ossários) que eram os que provavelmente estariam presentes na gruta.

¹⁸³ A platicnemia estaria igualmente presente no perónio, para além da sua ocorrência insistente nas tíbias, como já foi assinalado em notas anteriores. Ver, entre outras, as notas 147 e 178.

revestido de inducto, por dentro vermelho e por fóra negro. 3 fragmentos de trez outros vasos de pasta mui grosseira e superficie lisa. Seixo de quartzite quebrado n'um dos topos.

Restos de animaes – [Alguns talvez todos, pertencerão porventura ao deposito inferior, quaternario]

Felis da estatura do lince, *F. Lynx*. Humerus, extremidade inferior; Cubitus, extremidade superior; os 2 femurs; Sacrum.

Coelho, *Lepus cuniculus*. Tibia; Femurs, 2 diferentes; Fragmento de maxillar superior direito, faltando-lhe os 2 primeiros premolares; Radio, extremidade superior e grande porção do corpo; Humeros, faltando-lhe a extremidade superior e excavado interiormente com golpes de instrumento cortante que serviu provavelmente para o partir; Cubitus, extremidade superior; Costellas, 2; Omoplata, fragmento; Tibia, extremidade superior; Calcaneo; Astragalo. *Bos*, especie de pequena estatura. Phalange; Fragmento do corpo de osso longo, provavelmente femur.

Cervus, 2 especies pelo menos ou antes 2 especies de Ruminantes maiores que o Carneiro. Fragmento de páo de Veado; Humerus, 2 extremidades inferiores diferentes; Costella; Metacarpo, extremidade inferior; Tibia, extremidade inferior; Phalanges, 2; Metatarso, extremidade inferior dividida em duas lascas longitudinaes; 2 extremidades superiores representadas por duas lascas longitudinaes.

Vertebras, 2 fragmentos de individuo do genero *Equus*, de pequena estatura [Quaternario ??]. Osso iliaco, 2 fragmentos. Rotulas, 2. Calcaneo, 1. Ossos do tarso, 2.

Metacarpo, completo de grande *Canis*. Humeros, 2 extremidades inferiores e dois fragmentos do corpo, de *Canis*. Radio, 4 fragmentos indeterminaveis, talvez de *Canis*. Metatarso, extremidade superior separada de outro com uma lasca do corpo. Phalanges do pé, 6 sendo uma unguial. Osso do tarso ou de corpo indeterminado.

Lasca longitudinal de metatarso um pouco maior que o do carneiro. Pertence ao deposito superior, porque esta cheio de terra com detritos de carvão. Do gen. *Ovis*? (184)

Lascas de grande osso longo, provavelmente de *Bos*.

**Folha 53 (21,4x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas
Camara central do N. junto à Letra D. (3ª Lapa)**

Ethnographia – 3 celts magnificos de schisto silicioso cinzento-anegrado (phtanite). 7 celts id. de amphibolite schistosa, o maior medindo 0,19^m de comprimento e o menor 0,10^m, todos de formas diferentes. Nucleo de silex cinzento. 2 facas de silex cinzento, porventura do nucleo precedente, de 0,10^m e 0,088^m de comprimento, de secção trapezoidal e bordos cortantes. Faca de silex cinzento e branco às manchas com os bordos denticulados, de 0,055^m de comprimento. Flecha de silex de forma losangular com os bordos denteados mui bella. ! Ponta de lança de silex acastanhado de forma triangular com as duas faces planas e polidas e os bordos finamente denteados, magnifica! NB – Foi encontrada a 0,40m de profundidade da superficie. 2 pequenas tijellas de barro vermelho exteriormente, e interiormente negro com numerosos pontos brancos spathicos, feitas (185)

¹⁸⁴ A menção a “detritos de carvão” pode relacionar-se com a prática de fogos rituais, como os observados na Lapa do Fumo, Sesimbra, associados ao uso do ocre vermelho e à manipulação de ossos humanos (SERRÃO & MARQUES, 1971), tal qual poderia ter acontecido na gruta em apreço. Sob este aspecto, tem interesse a menção explicita, feita anteriormente, a ossos queimados em área circunscrita da gruta (Letra s, prof. 0,60 m), que eventualmente corresponderia a localização e uma fogueira ritual, como as identificadas na Lapa do Fumo.

¹⁸⁵ Trata-se de uma das alabardas recolhidas na gruta, sistematicamente designadas por “pontas de lança”, cujo processo de manufactura exigia prévio polimento, para se atingir a espessura da placa de silex que era ulteriormente afeiçoada por levantamentos periféricos. Ver nota 95.

à mão. Uma d'elles é pouco funda; a outra quasi hemispherica. NB – Foram ambas encontradas a 0,30^m de profundidade. Furador de osso feito de uma lasca longitudinal de metatarso de Ruminante provavelmente de carneiro ou de cabra. Fragmento de outro furador semelhante ao precedente. Fragmento de uma goiva de corte obliquo fabricada de aphanite. Pequeno fragmento de craneo humano muito gasto nas arestas e na superficie. Vaso de forma elegante de barro pouco grosseiro, interior e exteriormente vermelho pela cozedura e por uma velatura desta cor que recebeu, de paredes delgadas (0,005^m a 0,006^m) e duas pequenas azas nascendo da borda e sobressahindo um pouco sobre ella. Obtiveram-se mais fragmentos, todavia sufficientes para poder fazer-se d'elle a restauração. O calor atravessou muito desigualmente as paredes do vaso que n'uns pontos são vermelhas em toda a espessura, n'outros deixaram uma longa faxa escura no interior. 10 fragmentos de vasos diferentes (8 pelo menos) de louça negra com desenhos, exteriormente negra ou vermelha, com velaturas destas cores, sendo principalmente notáveis um fragmento que tem os traços na superficie interna, e outro que tem os desenhos em linhas curvas interrompidas semelhando correntes (?), mas que muito provavelmente pertenciam ambos ao mesmo vaso. Fragmento de um vaso de louça grosseira negra com pontos brancos de superficie lisa, mas com dois pequenos botões salientes, um d' elles situado na borda. Uma aza e 38 fragmentos de superficie lisa ± grosseira e de diversa espessura, de cor negra ou vermelha. A maior parte destas louças foram fabricadas à mão, mas alguns fragmentos, de louça mais fina e mais bem cosida, revelam o emprego da roda. (186)

**Folha 54 (22,1x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

**Quaternario Casa da Moura Camara central do S. (4^a Lapa) – Profundidade 0,50^m
(logo por baixo do manto stalagmitico)**

Lepus Maxillares inferiores soltos, 7; Vertebrae, 5 (sendo um axis); Humeros, 5 inteiros. 2 extremidades superiores. 2 extremidades inferiores, todas diferentes. Radios, 3. Cubitus, 1. Ossos iliacos, 5 fragmentos. Femur, 1 inteiro de individuo novo sem as epiphyses. 7 extremidades superiores. 1 extremidade inferior. Tibias, 3 inteiras. 2 extremidades superiores. 8 extremidades inferiores. 10 porções do corpo. Calcaneo. Metatarsos, 2. Phalanges, 5.

Vespertilio – Humerus, extremidade superior.

Aves – Humero; Femur; Metacarpo.

Canis lupus – Humero. Femur, metade inferior. Tibia, extremidade inferior incompleta. Vertebra caudal.

Mustela – Maxillar inferior direito, igual do outro colligido a 0,40^m de profundidade. Lasca de silex triangular, talvez ponta de flecha partida no apice. [Evidentemente quaternaria]. (189)

¹⁸⁶ Embora não seja referido o modo de jazida destas duas peças, é inquestionável que ambas detinham a mesma funcionalidade no depósito. Por outro lado, a qualidade da escavação, apesar da sua extensão e da dificuldade de execução no interior da gruta permitia o registo de situações como esta.

¹⁸⁷ Deve tratar-se do fragmento publicado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 48, n.º 2.

¹⁸⁸ O autor deve estar a referir-se à técnica do penteado arrastado, produzindo uma decoração de linhas incisivas paralelas, que podem ser frequentemente ondeadas, contínuas ou interrompidas, presentes em diversos exemplares conservados, sendo característica do Neolítico Antigo evolucionado.

¹⁸⁹ É interessante verificar a capacidade do autor para classificações que eram exigentes, por exigirem elementos comparativos, como é o caso da identificação da Doninha, *Mustela nivalis*, assinalada na gruta.

Felis – Maxillar inferior, fragmento de *Felis* sp. Peça do sternum. Costella, 1.^a. Calcaneo de *Felis catus*. Calcaneos, 2 de outra especie maior. Omoplata, fragmento. (190)

Osso iliaco, fragmento. Atlas. Vertebra dorsal. Humerus, de grande especie, provavelmente *F. Lynx*. Cubitus, metade superior. Radios, metade inferior e outro ao qual só falta a extremidade inferior. Femur, metade superior e metade inferior, diferentes. Tibia, extremidade inferior roída. (191)

Equus – Costellas diferentes. Amostras de brecha ossea com as areias amarelladas cimentadas pelo calcareo stalagmitico. Involvidos nesta brecha aparecem tambem algumas pedras de calcareo, e juntamente com as amostras vieram tambem alguns fragmentos de stalagmites cylindricas ± grossos. (192)

Folha 55 (21,7x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Casa da Moura Camara Central do S. (4^a Lapa)

Objectos encontrados desde a superficie até 0,40^m de profundidade.

Restos humanos – Craneo completo, ao qual faltam só as arcadas zygomaticas e o 1.^o incisivo direito e os ultimos molares, tendo sido achado proximo da superficie, estando até em parte descoberto. Era de um individuo adulto, mas ainda novo parecendo que os ultimos molares não tinham chegado a romper completamente vista a profundidade de um dos alveolos que resta, e ??? a corôa dos dentes se mostra pouco gasta; mas por outro lado algumas das suturas são pouco perceptíveis, o que induziria a atribuir-lhe maior idade. 32 fragmentos da abobada craneana compreendendo um frontal quasi completo, 1 osso molar e 2 occipitales. Maxillar inferior esquerdo de individuo adulto. Maxillares superiores reunidos incompletos de outro individuo. 2 pequenos fragmentos de maxillares superiores. Fragmento pequeno de maxillar inferior. Dentes soltos: incisivos, 2. Caninos, 6. Falsos molares, 3. Molares verdadeiros, 3. Atlas, 2. Vertebrae dorsales, 4. Lombares, 4. Costellas, 3 fragmentos. Sternum, 1 peça de individuo muito novo ou criança. Omoplatas, 2 incompletas. Claviculas, 3 fragmentos (1 de criança ou feto). Humerus, 2 quasi completos, aos quais só falta parte da extremidade inferior. 3 extremidades inferiores, 2 de criança (e uma só de todas 5 tendo a perfuração olecraneana). Cubitus, 2 extremidades superiores. 1 extremidade inferior. Radios, 2 extremidades inferiores. 2 fragmentos do corpo, um d'elles roído e afeiçãoado nas extremidades. Metacarpos, 9 (sendo 2 primeiros). Phalanges da mão, 11. Ossos iliacos, 3 fragmentos (sendo 1 ischion de criança). Femur, 1 quasi completo faltando-lhe a extremidade inferior, mas não excavado inteiramente. 1 id. ao qual falta a extremidade superior. 2 extremidades superiores, sendo uma de criança. 1 extremidade inferior. Corpo de um outro femur, faltando-lhe a extremidade inferior e parte da superior. Rotula, 1. Tibias, 1 completa. 1 faltando-lhe a extremidade superior, mas excavado interiormente. 4 extremidades superiores com o corpo quasi completo, um de infante. 1 fragmento do corpo. Peroneo, 1 extremidade superior. 2 extremidades inferiores. 6 fragmentos do corpo (2 d'elles roídos, e afeiçãoados nas extremidades). Tarso – Calcaneos, 2 de criança. Astragálos, 3. Cuboides, 2 (um de criança). Metatarsos, 10 sendo 2 primeiros. Phalanges do pé, 3.

¹⁹⁰ Já anteriormente o autor tinha assinalado a presença do Gato doméstico, o que não pode corresponder à realidade, dada a introdução tardia desta espécie doméstica na Península Ibérica, de origem oriental. Ver nota 103.

¹⁹¹ Na verdade, o Lince ibérico plistocénico (*Lynx pardina spelaea*) é a espécie de mamífero mais abundante presente nos contextos plistocénicos da Casa da Moura (CARDOSO, 1993). Ver nota 83.

¹⁹² É duvidosa a identificação de Cavalo, até porque, neste caso, a mesma se ter baseado em costelas, sempre muito pouco fiáveis para a diagnose. Na revisão das faunas plistocénicas esta espécie não foi identificada na gruta (CARDOSO, 1993).

Ethnographia – Vaso incompleto, de superfície lisa, de forma mui elegante com o fundo abaulado e estreitando para a boca, com duas pegas (provavelmente, porque só existe uma) em dois pontos diametralmente opostos correspondendo a 1/3 da altura, onde tem o maior diametro. É de barro grosseiro negro com grãos arenosos, exterior e interiormente avermelhado por uma velatura que recebera em fresco. 10 pequenos fragmentos de outro vaso elegantemente ornado de traços ondulados e traços rectos em diversos sentidos. 12 pequenos fragmentos pertencentes a 3 outros vasos também ornados. 2 fragmentos da borda de dois outros vasos de superfície lisa, um fundo e outro muito chato com o fundo abaulado. Fragmento de bordo de outros vasos com uma pequena pega, de superfície lisa. NB – Todos estes restos de cerâmica parece não terem sofrido cosadura, talvez fosse apenas secca ao sol, ou junto a alguma fogueira, e foi manifestamente fabricada à mão, recebendo na superfície uma velatura (aguarella) vermelha ou amarellada, que penetrou a pasta em mui diminuta espessura, ou é apenas superficial. Furador de osso. Faca de sílex mui pequena com 0,027^m de comprimento e 0,007^m de largura [Será quaternaria?]. *Nerite*, pequeno exemplar rolado. (193)

Restos de animais. [Em parte das areias inferiores quaternarias]

4 *Canis* – 2.º molar verdadeiro da maxilla inferior de *Canis* (lobo ou especie ainda maior). Tibia, _____, pode outra especie muito menor. Calcaneo.

7 *Felis* – Humerus, metade inferior. Ou *F. Lynx*. [Das areias quaternarias]. Radio, id. (194)

Femur, metade superior. Tibia, metade superior e metade inferior de dois ossos diferentes. Metatarsos ou Metacarpos, 2 fragmentos. Phalange da mão, 1. Vertebrae caudales, 3.

6 *Hyaena* – Tibia, extremidade inferior imperfeita com metade do corpo. (Quaternario). Metacarpos ou metatarsos, 4.

5 *Mustela* – Maxillar inferior esquerdo incompleto.

1 *Vespertilio* – Humerus, de 2 especies. Radio, fragmento do corpo. Cubitus, de 2 especies.

2 *Erinaceus europaeus* – Maxillar inferior, fragmento.

3 *Talpa europaea*? – Humerus. Tibia.

8 *Lepus timidus* – Sacrum, 2. Atlas. Vertebrae lombares, 2. Metacarpos, 2. Humerus, 2. Cubito, 1. Ossos iliacos, 3. Femur, 2 extremidades inferiores e 1 extremidade superior, de individuo de grande estatura. Metatarso, 1. Calcaneos, 6. Phalanges, 6.

Lepus sp.? – Radio de forma semelhante ao da lebre, mas muito curto e reforçado. (195)

Lepus cuniculus – Maxillar superior, fragmento. Maxillares inferiores, numerosos. Omoplatas, 8. Vertebrae dorsales, 2. Vertebrae lombares, 4. Sacrum, 5. Costellas, 2. Humerus, muitos. Radios, 7 fragmentos. Cubitus, 13 extremidades superiores. Metacarpo, 1. Ossos iliacos, muitos. Femurs, muitos. Tibias, muitas. Calcaneos, numerosos. Astragalo, 1 junto ao calcaneo. Phalange ungueal, 1. Metacarpos e metatarsos, muitissimos.

Equus, especie de pequena estatura. – Costella; 3ª vertebra cervical e fragmento de outra; 6 vertebrae dorsales incompletas; 1ª peça do sacrum; 2 phalanges. (196)

Ruminante? ou? *Cervus* – Ultimo dente molar da maxilla inferior.

¹⁹³ Trata-se de pequeno búzio intencionalmente recolhido na praia visto corresponder a exemplar rolado, cuja ocorrência na cavidade se poderá explicar por integrar objecto de adorno.

¹⁹⁴ Ver nota 191.

¹⁹⁵ Provavelmente trata-se de um rádio de carnívoro compatível com o tamanho da Lebre, talvez um mustelídeo.

¹⁹⁶ É problemática a identificação de *Equus* na gruta. A alusão a exemplar de pequeno tamanho é compatível com Burro doméstico (*Equus asinus* L.), o qual, tal como o Cavallo, é compatível com a presença calcolítica identificada na gruta, dado que, pelo menos o primeiro, corresponde já a animal doméstico no ocidente peninsular no decurso do 3.º milénio a.C. (CARDOSO et al., 2013). Ver nota 192.

Omolata, incompleta. Humerus, extremidade inferior com a epiphyse solta e extremidade superior. Radio, metade superior e metade inferior com a epiphyse solta do mesmo osso. Na superfície de fractura estão roídos, e por isso não podem reunir-se. Metacarpo, extremidade inferior sem a epiphyse. Phalange unguial.

Ovis – Metatarso, metade da epiphyse da extremidade inferior.

Ossos indeterminados de diferentes espécies de mamíferos.

Aves (2 ou 3 espécies) – Omoplatas, 6. Humerus, 8. Cubitus, 11. Radio, extremidade inferior. Metacarpos, 3. Femur. Tibia, extremidade inferior. Tarso-metatarsos, 3.

7 – SÍNTESE CONCLUSIVA

1 – O objectivo principal deste estudo foi o de dar a conhecer a metodologia inovadora adoptada na escavação de 1879/1880 da gruta da Casa da Moura por Nery Delgado. A documentação agora publicada configura a primazia daquele geólogo e arqueólogo português na aplicação do método que ainda hoje é utilizado na escavação arqueológica e que consiste na imposição no terreno de um sistema de referência susceptível de proporcionar o conhecimento da posição de cada peça recolhida, depois de terminados os trabalhos de campo. Note-se que esta preocupação não era inédita à época: já nas escavações de Kent' Cavern, em 1866/1868, William Pengelly tinha adoptado método semelhante, consistindo na escavação de prismas com uma jarda de comprimento e um pé de altura e de largura (McFARLANE & LUNDBERG, 2005, Fig. 1), dando origem a uma sobreposição na vertical de sucessivos prismas desenvolvidos na horizontal segundo uma linha única de referência como se apresenta na Fig. 24, de acordo com um desenho original de William Pengelly (WARREN & ROSE, 1994, Fig. 10). Na escavação de 1879/1880 da gruta da Casa da Moura Nery Delgado elegeu a sala principal da gruta (ou 1.^a sala), possuindo contorno piriforme e ocupando a zona mais próxima da entrada o respectivo vértice, sendo delimitada do lado oposto por um grande bloco caído do tecto, para a aplicação deste novo método.

A principal diferença relativamente à metodologia de William Pengelly residia na maior facilidade de referenciação adoptada por Nery Delgado, ao impor à superfície do solo a escavar uma malha mais regular, definindo unidades elementares aproximadamente sub-quadrangulares e com áreas semelhantes, mais facilmente ajustáveis à geometria pré-existente da gruta, conforme consta do desenho que acompanhava a carta de Miguel Pedroso de 2 de Janeiro de 1880 (Fig. 10).

A imposição deste sistema de referência no terreno respeitou um eixo de simetria definido por uma linha que dividia a galeria da gruta a escavar em duas partes sensivelmente iguais, a partir da qual se desenvolveu um sistema de linhas ortogonais, paralelas entre si, que conduziram às áreas de escavação elementares, definidas univocamente por uma letra do alfabeto, as quais foram sucessivamente escavadas em profundidade segundo níveis artificiais previamente definidos.

Deste modo, o nome de Joaquim Filipe Nery Delgado, até hoje ignorado como pioneiro da metodologia da escavação arqueológica, fica assim definitivamente ligado à própria História da Arqueologia, sublinhando a qualidade técnica do seu trabalho, já anteriormente reconhecida (ZILHÃO, 1993; CARDOSO, 2008).

2 – Na transcrição da documentação utilizada, até agora inédita, e que permitiu a atribuição do estatuto pioneiro de Nery Delgado no âmbito da Arqueologia oitocentista, respeitou-se a ortografia original, embora no que respeita ao inventário autógrafo de Nery Delgado, correspondente ao Capítulo 6 da presente contribuição se não tivessem adoptado as pontuações e os espaçamentos entre linhas; por economia de espaço, optou-se por transcrição corrida. As palavras ilegíveis assinalaram-se por quatro pontos de interrogação: ????.

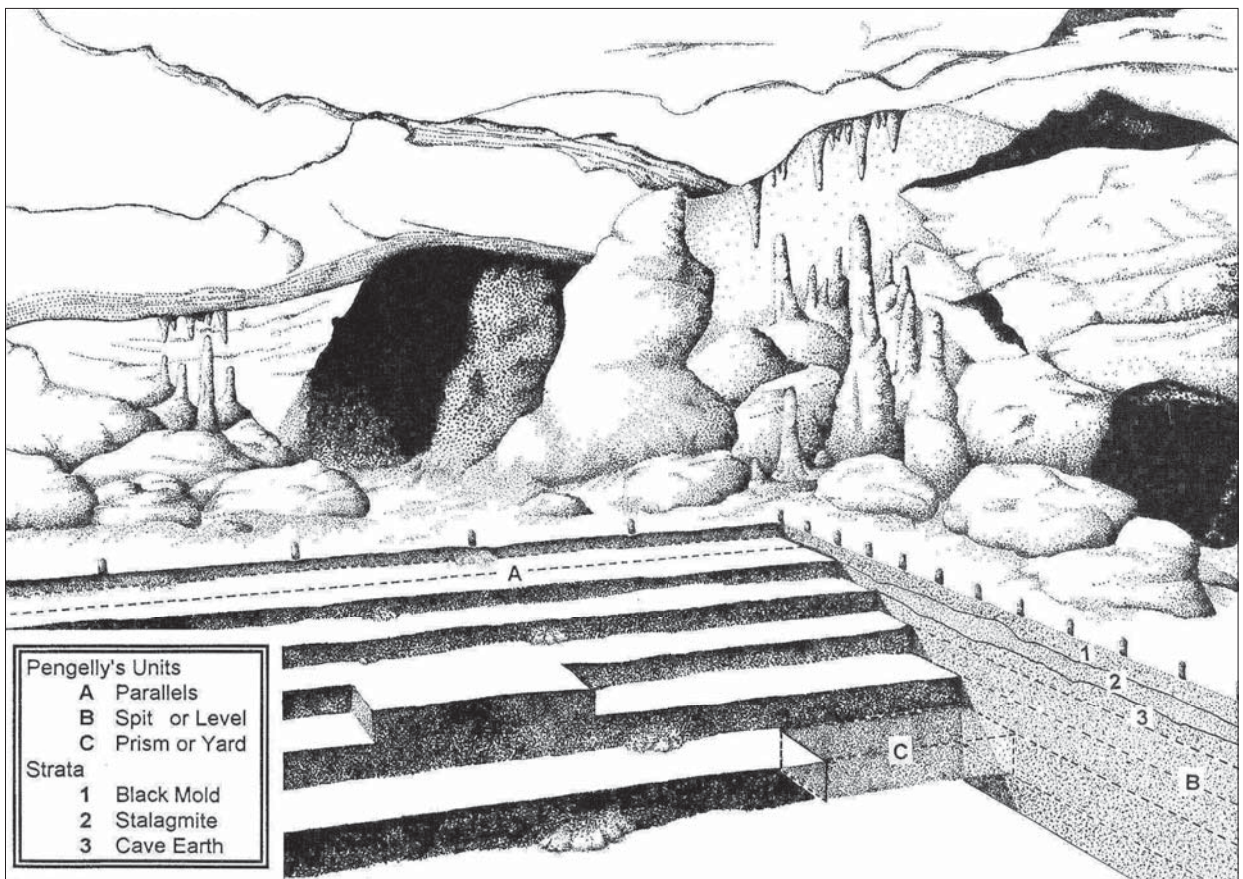


Fig. 24 - Desenho esquemático das escavações de William Pengelly em Kent's Cavern em 1866/1868, ilustrando o modo de constituição das suas unidades de escavação (in WARREN & ROSE, 1994, Fig. 10).

Para além da transcrição integral do referido inventário, que revela a preparação do autor para a identificação e descrição dos segmentos anatómicos humanos, bem como dos espólios arqueológicos recolhidos, foram transcritas as suas observações acerca dos resultados das escavações e do seu significado, e as missivas do colector Miguel Pedroso que fazem parte do acervo a que se teve acesso por ele remetidas para Lisboa dando conta do progresso das escavações. O conjunto documental assim reunido e integralmente transcrito, comnetado e estudado permite perspectivar com detalhe os trabalhos realizados e os resultados obtidos.

3 - As cartas enviadas pelo colector Miguel Pedroso a Nery Delgado ou a Carlos Calderon, funcionário da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, remetidas entre 2 de Janeiro de 1880 e 3 de Julho de 1880, revelam que o trabalho de campo por aquele conduzido teve escassa participação de Nery Delgado que, por carta, ou em pontuais visitas no decurso dos trabalhos, dava as instruções necessárias para que a metodologia por ele definida fosse seguida no terreno por Miguel Pedroso, chefiando uma pequena equipa constituída por homens contratados localmente.

É hoje difícil imaginar as contrariedades sentidas por este humilde colector, sem qualquer experiência anterior neste tipo de trabalhos - pois a sua presença na Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal cinge-se aos anos de 1879/1880 coincidindo com a escavação da Casa da Moura (CARNEIRO, 2005, Table 4) - na condução desta missão.

Sem uma formação técnica ou científica adequada - pois é ele próprio que declara não saber realizar cortes e perfis topográficos, pedindo para tal o conselho de Nery Delgado - acabou por ter ultrapassado com sucesso

tais insuficiências, como se comprova pelos levantamentos remetidos para Lisboa (Figs. 11, 12, 16, 17 e 19). Também difíceis de imaginar são as dificuldades de escavação no interior da gruta, apenas iluminada à luz de archotes e em terreno muito irregular e difícil, exigindo por um lado o recurso a dinamite, e o rebaixamento da escavação a vários metros de profundidade, mas ao mesmo tempo requerendo grande minúcia, exigida a trabalhadores cujas lacunas de sensibilidade e preparação para este tipo de trabalhos só eram colmatadas pela dedicação e empenho com que os realizavam: tais eram os desafios colocados a este colector, a quem cabe indiscutivelmente o sucesso dos trabalhos realizados.

4 – As cartas de Miguel Pedroso ora publicadas na íntegra não são as únicas existentes. Na correspondência dos colectores conservada no Arquivo Histórico do LNEG da qual o signatário teve conhecimento através de informação amavelmente cedida pela Prof.^a Doutora Ana Carneiro, conclui-se que as escavações se iniciaram pelo menos em Outubro de 1879. Carta do colector Manuel Roque de Oliveira a Nery Delgado, de 24 de Dezembro de 1879 refere que esteve com Miguel Pedroso e que não conseguiram fazer grandes colheitas nesse dia, mas que no dia anterior acharam “duas placas de xisto com desenhos, umas facas de sílex e uma porção de osso aguçada e outras coisas mais conhecidas, mas boas”. Estes achados foram recolhidos no entulho superior, “na letra p. que V. Ex.^a marcou no esboço que mandou ao Miguel”. Por esta informação se conclui que a escavação, em finais de Dezembro de 1879 ia já muito adiantada, o que se confirma pelo facto de, logo a 2 de Janeiro de 1880, carta de Miguel Pedroso para Calderon, acima transcrita, conter esboço de Nery Delgado, com a definição dos sectores escavados ou ainda a escavar (Fig. 10).

A escavação da gruta, na fase final dos trabalhos, em Junho de 1880, parece ter sido realizada intermitentemente com a ocupação de Miguel Pedroso em outras explorações de grutas na região, de que ao certo apenas se sabe a efectuada na Lapa Furada, referida na correspondência transcrita e da qual enviou esboço de planta a Nery Delgado (Fig. 13). Com efeito, conserva-se no Museu Geológico do LNEG um conjunto de espólios arqueológicos recolhidos indiferenciadamente na Lapa Furada e na gruta da Malgasta, já estudados pelo signatário (CARREIRA & CARDOSO, 1992).

5 – Boa parte das peças recolhidas em 1879/1880 provenientes do sector mais importante da gruta, situado mais próximo da entrada, designada por 1.^a sala, ou 1.^o gruta em 1879/1880, conservam pequenas etiquetas de papel nas quais se encontra inscrita uma letra maiúscula ou minúscula, que coincidem com as existentes no único esboço conservado da área escavada, seguida de um número, referenciado a metros (m), relativo à profundidade de colheita do respectivo exemplar. Existe assim a possibilidade de ainda hoje se poderem localizar tais peças na área então escavada. Esta conclusão encontra-se confirmada pelas descrições dos objectos recolhidos em cada sector e que constam do inventário realizado por Nery Delgado coincidirem com as características observadas nas peças. Nalguns casos, o detalhe descritivo é tão claro que foi possível identificar certas peças pela sua simples descrição, mesmo que não tenham conservado as etiquetas relativas ao local e profundidade de recolha.

Após a escavação integral desta sala – apenas um pequeno retalho ficou incólume, onde se efectuou nova escavação em 1987, que confirmou as observações de Ney Delgado (STRAUS et al., 1988) – a escavação prosseguiu mais para o interior da gruta onde se identificou uma segunda sala, praticamente desprovida de depósitos arqueológicos, separada da primeira por um grande bloco de abatimento do tecto mas em comunicação com a primeira por duas estreitas passagens, situadas a norte e a sul do referido bloco (Fig. 16). A escavação por baixo desse bloco resultou na abertura de duas cavidades artificiais designadas respectivamente por 3.^a e 4.^a grutas ou lapas (Fig. 11). Estes foram os dois únicos locais da escavação em que o sistema de referenciação ortogonal não se aplicou, efectuando-se apenas a recolha dos materiais com registo das profundidades respectivas.

6 – Esta intervenção sucedeu-se à primeira escavação efectuada em 1865 e 1866, conforme se encontra comprovado não só pelos registos dos cadernos de campo do próprio Nery Delgado (ZILHÃO, 1997, p. 182), mas também pelas datas exibidas em etiquetas ainda conservadas em algumas das peças então recolhidas.

Ao que tudo indica tratou-se da primeira escavação de uma gruta com ocupação pré-histórica realizada na Península Ibérica. Nessa altura, a preocupação essencial foi a de caracterizar o depósito plistocénico, assente numa bancada estalagmítica que cobria o substrato geológico que constitua o chão primitivo da gruta, a qual, por sua vez, cobria o substrato geológico constituído por calcários do Jurássico Inferior nos quais a gruta foi aberta. Tal conclusão é corroborada pela afirmação contida no manuscrito em análise de que em 1866 o “entulho superior” fora simplesmente removido de um para outro ponto da gruta, indício de que não era o objectivo principal da escavação realizada.

No entanto, o autor na memória publicada em 1867 – a qual corresponde à primeira publicação deste género a nível peninsular – não deixa de abordar a questão da formação do depósito superior, correspondente à instalação de uma necrópole neolítica (DELGADO, 1867). Com efeito, reconheceu a existência de enteramentos múltiplos e secundários, o que explicaria a ausência de peças em conexão anatómica e a elevada presença de ossos fracturados (p. 64-65). Esta realidade era compatível com a aludida falta de vértebras, costelas, ossos do carpo e do tarso, bem como de falanges, “que todos são mui raros”, e a menor abundância das cabeças articulares dos ossos longos (p. 118), para além de diversas observações de carácter antropológico sobre os restos recuperados.

Tais observações não desceram a maior detalhe, pois o objectivo da memória era outro, centrando-se na demonstração da antiguidade da presença do Homem no território português, objectivo que aliás se encontra logo expresso no próprio título. Nestes termos, na memória de 1867 apenas foi valorizado um crânio, com a respectiva mandíbula, recolhido no contacto entre os dois depósitos, podendo provir originalmente do depósito mais antigo ou, em alternativa, ter sido nele enterrado. A peça extraviou-se, pelo que nenhuma conclusão sobre a sua verdadeira idade pode ser presentemente avançada. Caso este crânio fosse de facto plistocénico, tratar-se-ia do mais antigo testemunho do Homem anatomicamente moderno recolhido a nível mundial, antecedendo as recolhas da caverna de Cro-Magnon (ZILHÃO, 1997). No entanto, logo na própria época surgiram fundadas dúvidas sobre a antiguidade desta peça; Boyd Dawkins, em 1874, apresentou sobre a questão o seguinte comentário: “A human skull with lower jaw as dug out the deepest part, but, since the matrix has been disturbed, it had probably been interred after the accumulation of the deposit.” (DAWKINS, 1874, p. 145 e seg.).

A oportunidade de esclarecer esta e outras questões, designadamente a exploração do depósito superior, ainda muito insuficientemente estudado surgiu aquando do agendamento para Lisboa da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, o qual se efectuou em Setembro de 1880.

Sendo necessário apresentar aos congressistas espólios arqueológicos de diversas épocas, foram determinadas novas escavações na gruta da Casa da Moura, tal como na da Furninha, ambas interrompidas desde 1865/1866.

7 – A escavação na Casa da Moura realizada em 1879/1880 conduziu à exploração integral do que restava do depósito inferior, de época plistocénica, e onde a presença humana era residual, bem como do depósito superior, o chamado “entulho superior”. Este, correspondia à instalação de uma necrópole neolítica cujos abundantes espólios arqueológicos tinham sido aparentemente negligenciados na escavação anterior, atendendo à escassez das peças arqueológicas então recolhidas, as quais ainda hoje se conservam no Museu Nacional de Arqueologia.

Foi também a oportunidade para ensaiar metodologia de escavação mais rigorosa. Com efeito, embora em 1865/1866 tivesse sido conduzida escavação cuidadosa, registando a profundidade dos achados conforme

declara o autor: “Levantando o entulho, uma camada após a outra, fácil nos foi recolher todos estes objectos, sabendo-se sempre a altura a que tinham sido achados n’um e n’outro ponto da gruta”, em 1879/1880 levou-se essa prática ao ponto de ser possível localizar cada peça no interior da gruta, dividindo-a em sectores como acima se referiu, encontrando-se as peças reportadas a cada um deles, de acordo com a profundidade a que foram recolhidas. O rigor metodológico evidenciado foi acompanhado por escavação cuidadosa.

Só assim se explica a ocorrência de peças de grande fragilidade, como um osso hióide ou os restos de um feto. Importa ainda sublinhar a utilização sistemática do crivo que permitiu a recolha de pequenas peças que passaram despercebidas aquando da escavação, realizada em total obscuridade e apenas à luz de archotes, pontualmente referidos no manuscrito. Em geral, as peças identificadas na crivagem estão também reportadas aos locais de proveniência no interior da gruta, o que sublinha a forma controlada e organizada como era processada a evacuação das terras para o exterior.

8 – As características do depósito plistocénico – as “areias inferiores” onde, como se referiu, a presença humana, atribuível essencialmente ao Solutrense, é residual (ZILHÃO, 1997) – são conhecidas desde 1867, sendo descritas no original manuscrito ora publicado, em diversos locais onde o mesmo foi posto a descoberto e escavado, no decurso da intervenção de 1879/1880.

9 – Já no respeitante ao depósito superior “o entulho superior”, na designação de Nery Delgado, o mesmo espriava-se pelo interior da 1.º sala da gruta, tal como o depósito plistocénico subjacente, de acordo com o corte ora publicado, em desenho autógrafo de Nery Delgado (Fig. 19). De acordo com sucessivas indicações sobre a sua potência estratigráfica, a potência máxima observou-se na Letra C, sendo da ordem de 2 m, embora a escavação nalguns locais tenha atingido os 2,5 m de profundidade.

10 – No respeitante aos espólios antropológicos, avulta a enorme quantidade de despojos acumulados na gruta. Com efeito, o autor estima em 150 o número mínimo de indivíduos tumulados na gruta baseada na quantidade de dentes molares isolados encontrados, apresentada em folha autógrafa inutilizada pelo próprio, razão pela qual não foi transcrita mas apenas reproduzida (Fig. 15); a referida conclusão foi na mesma altura publicada em França (DELGADO, 1880).

Este número será ainda maior se se considerar os restos da intervenção de 1865/1866, jamais estudados e que foram destruídos no incêndio da Faculdade de Ciências de Lisboa em 1978 onde se encontravam.

Tem interesse assinalar que o autor manteve no manuscrito ora publicado todas as observações de 1867, produzindo outras, em resultado da muito maior área investigada, correspondente à exploração integral do enchimento arqueológico e com ela ao aumento muito substancial dos espólios observados e inventariados; assim, são de destacar as seguintes considerações:

– a formação do referido depósito dever-se-ia à acumulação de despojos humanos desarticulados, já que não foi observada nenhuma situação de restos conservando as posições anatómicas, embora a dado passo declare que “uma parte dos corpos foram introduzidos inteiros na gruta, outros aos pedaços”; esta afirmação está em contradição com a verificação que fez da ausência de sepulturas devido à falta de “ossos que mostrassem as suas relações naturais de posição”, situação que é sucessivamente confirmada no decurso do trabalho de inventariação;

– a desproporção na representação dos diversos ossos humanos presentes na gruta, já observada em 1867, manteve-se, com base nas observações relativas à intervenção de 1879/1880. Esta situação confirma a natureza secundária do depósito, constituindo um verdadeiro ossário, a que não faltava a presença de crânios isolados inteiros, ou quase, acompanhados de ossos longos, dos quais alguns também inteiros (DELGADO, 1880, p. 244).

No entanto, sem prejuízo de aceitar tal conclusão, há que rectificar algum exagero nas afirmações do autor: o estudo sistemático dos restos crânio-faciais das escavações de 1879/1880 (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009) veio demonstrar que não se observavam assinaláveis diferenças entre o número de maxilares e de mandíbulas, enquanto que tanto em 1867 (DELGADO, 1867, p. 115), como no manuscrito agora estudado, o autor assinalou um número muito superior destas últimas;

– a existência, com base nos caracteres anatómicos, de duas raças distintas: uma raça mais primitiva, descendente directa da dos concheiros do vale do Tejo, já suficientemente conhecidos na época (COSTA, 1865; RIBEIRO, 1884); e outra mais evoluída, correspondente aos construtores dos dólmenes; tal conclusão baseava-se no estudo craniológico comparativo efectuado por Paula e Oliveira dos dois crânios mais completos recuperados em 1879/1880, apresentado naquele mesmo ano ao Congresso de Lisboa (OLIVEIRA, 1884). As relações violentas entre estas duas populações fora já admitida na obra de 1867, e reforçada na pequena síntese de 1880 (DELGADO, 1880), referindo-se a canibalismo que teria sido praticado por parte de um desses grupos, com base nas marcas conservadas nos ossos pertencente ao grupo opositor; nesta perspectiva, em ambas as publicações se admite que os corpos seriam esquartejados antes de introduzidos na gruta, onde habitaria o grupo autor da antropofagia;

– violência e consequente canibalismo seriam assim, na perspectiva de Nery Delgado, duas facetas da mesma realidade. A violência é recorrentemente invocada no manuscrito: são numerosos os crânios que, segundo o autor revelavam impactos intencionais também extensivos aos ossos longos, intencionalmente fracturados e nalguns casos com marcas de corte. Com efeito, foram assinalados vestígios de violência, que não passaram despercebidos à equipa que procedeu à revisão do espólio crânio-facial, a qual integrava o falecido Prof. A. Santinho Cunha, médico forense de renome (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009).

Conforme foi então observado, as lesões cranianas observadas são incisivas (op. cit. p. 191, 192), o que aumenta a probabilidade de serem intencionais e de terem provocado a morte. A questão da violência é tema que tem vindo a despertar a atenção dos especialistas forenses que têm trabalhado em Portugal com espólios pré-históricos, desde o trabalho seminal dedicado ao estudo do espólio crânio-facial do Mesolítico de Muge (ANTUNES & CUNHA, 1993) que abriu novas perspectivas até então completamente ignoradas e por algum tempo combatidas. Presentemente, existe já um assinalável número de evidências atribuíveis a violência registadas em crânios provenientes de necrópoles neolíticas e calcolíticas do território português (SILVA et al., 2012, Table 17.1), conjunto que não cessa de crescer. Com efeito, novas evidências compatíveis com violência foram recentemente confirmadas em material craniano do dólmen de Ansião, Coimbra, incluindo duas lesões perfurantes devidas provavelmente a uma seta para além de cinco fracturas com afundimento, a par de duas outras do mesmo tipo observadas no material do dólmen do Carrascal, Sintra (SILVA et al., 2019, p. 354). Assim sendo, as observações de Nery Delgado sobre a violência podem considerar-se confirmadas.

Já o mesmo não sucede quanto à hipótese de canibalismo, cuja presença era indubitável para Nery Delgado com base nas escavações de 1865/1866 (DELGADO, 1867), e nas efectuadas em 1879/1880 (DELGADO, 1880). Com efeito, foram por ele assinaladas, para além das marcas de impacto nos crânios, marcas de corte nos ossos exumados nas escavações de 1879/1880, as quais, no entanto, podem explicar-se facilmente pela prática ritual da descarnação dos ossos, antecedendo a formação do ossuário. A prática do canibalismo foi, aliás, também invocada na gruta da Furninha (DELGADO, 1884) não tendo a maioria dos congressistas do Congresso de Lisboa de 1880, aquando da apresentação da respectiva comunicação, acolhido a opinião de Delgado.

Do mesmo modo, as fracturas longitudinais dos ossos longos, feitas com o intuito de extracção da medula – o autor chega a mencionar ossos escavados interiormente – podem simplesmente resultar da dissecação

dos ossos, depois de expostos ao ar, hipótese que é reforçada pelo facto de alguns deles se mostrarem roídos, conforme é indicado pelo autor.

Em consequência, tudo leva a considerar a existência de práticas funerárias que envolviam, não o canibalismo, mas antes a manipulação dos ossos humanos no interior da gruta por uma única população, semelhantes às descritas na Lapa do Fumo, Sesimbra, com o recurso a fogueiras rituais, as quais na Casa da Moura estariam evidenciadas pela abundância de carvões no “entulho superior”, como é referido no manuscrito. Acresce a presença, tal como na Lapa do Fumo, de porções de ocre vermelho utilizado nas referidas cerimónias a ponto de ter dado origem à designação da “camada vermelha” nesta última gruta (SERRÃO & MARQUES, 1971). Sob este aspecto, tem interesse a menção à existência de ossos queimados em área circunscrita da gruta (Letra s, prof. 0,60 m), sugestiva da localização de uma fogueira ritual, como as identificadas na Lapa do Fumo.

11 – Destacam-se ainda outros aspectos particulares observados nos restos humanos por Nery Delgado:

– para além dos traumatismos cranianos, os quais foram confirmados no estudo dos materiais crânio-faciais (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009), aquele autor assinalou diversas fracturas consolidadas existentes em ossos longos, bem como em costelas, que podem, pelo menos em parte, ter resultado da circulação quotidiana destas populações em terrenos pedregosos e acidentados como são os que se desenvolvem na envolvência da gruta, propícios a acidentes, à semelhança do verificado em outras necrópoles da região estremenha, como na gruta do Lugar do Canto, Alcanena (LEITÃO et al., 1987);

– a alusão, embora rara, a ossos roídos, tanto humanos como de animais, foi confirmada, no respeitante ao espólio crânio-facial, no estudo de 2009. Esta realidade parece evidenciar a exposição das peças ósseas à acção de pequenos e médios carnívoros, a qual poderia ter-se verificado no âmbito da preparação dos ossos antes da sua tumulação secundária na gruta, ou já depois desta, por animais que a pudessem frequentar (*Herpestes*, *Genetta*, *Putorius* e outros).

– a referência frequente a tíbias em forma de “baínha de sabre”, evidenciando assinalável platicnemia, foi aspecto já identificado em outros espólios da mesma época, como a sepultura individual de Castro Marim (GOMES, CARDOSO & CUNHA, 1994); observou-se ainda:

– a existência de perfuração olecraniana no húmero, a robustez de alguns ossos cranianos e ossos longos, o que reforçaria no entender de Nery Delgado a existência de duas populações distintas;

– a presença de fémur com *linha áspera*;

– a trepanação iniciada num crânio, ainda hoje conservado nas colecções (Fig. 23);

– um rádio humano com cortes intencionais em ambas as extremidades (ver nota 80 do Capítulo 6) bem como a ocorrência de uma tibia com vários furos (ver nota 33 do Capítulo 6) atestam a manipulação de ossos humanos, eventualmente associados ao seu reaproveitamento simbólico;

– a presença de indivíduos de todas as idades, confirmada pelo estudo efectuado em 2009 (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009, Quadro 2);

– a presença de cáries dentárias, as quais foram igualmente identificadas de forma pouco insistente no estudo de 2009. Esta situação sugere consumo pouco importante de açúcares; é interessante verificar que, na mesma região geográfica, se observou o aumento das cáries dentárias entre o Neolítico e o Calcolítico tomando por base o estudo de dois monumentos muito próximos, o dólmen de Agualva e o tholos de Agualva, este mais moderno que aquele em cerca de 600 anos (SILVA et al., 2019), o que pode indicar uma alteração dos hábitos alimentares;

– as modificações dentárias assinaladas no manuscrito são de grande interesse. Nos dentes de uma hemimandíbula e no próprio osso mandibular foi observado assinalável desgaste lateral selectivo, o qual pode rela-

cionar-se com uma actividade artesanal como a cestaria, em que o artesão utilizaria acessoriamente os dentes com base em paralelos etnográficos actuais conforme foi assinalado em um exemplar recolhido na anta 3 de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz (GONÇALVES, coord., 2003);

– enfim, o manuscrito menciona a existência de um caso patológico de assinalável interesse: quatro vértebras dorsais deformadas e soldadas “talvez por doença”, peça que não foi abrangida pelo estudo de 2009, limitado ao conjunto crânio-facial;

12 – As observações de natureza arqueológica contidas no manuscrito confirmam a notável capacidade de observação do autor, de evidente originalidade, servida por informação científica actualizada. A este respeito, o manuscrito contém diversas informações que importa comentar:

– a frequente citação de obras científicas, algumas na altura muito recentes, evidencia a actualização dos conhecimentos sobre as matérias tratadas. Com efeito, tanto Carlos Ribeiro como Nery Delgado, enquanto respectivamente membro director e adjunto da Comissão Geológica de Portugal e dos organismos que lhe sucederam tomaram como prioridade desde cedo assumida o contacto científico internacional, consubstanciado não apenas em permuta e compra de publicações, mas também em viagens científicas de longa duração, a par da frequência de Congressos Internacionais, tanto de Geologia, como de Arqueologia (CARNEIRO, 2001; CARNEIRO, MOTA & LEITÃO, 2013).

– compreensivelmente, algumas das conclusões são erróneas em resultado de a informação então disponível não ter permitido um melhor enquadramento dos dados de observação recolhidos. É o caso da conclusão de terem sido os tumulados na gruta os mesmos que ali fabricaram os artefactos líticos de que se serviram, pelo facto de estes evidenciarem analogias com a natureza petrográfica dos respectivos núcleos ali recolhidos. A premissa de a gruta ter servido de local efectivo de habitação de um grupo humano que praticava o canibalismo, tal como na Furninha (DELGADO, 1880, p. 245) determinou a valorização da observação apresentada, tomando-a como prova daquele pressuposto. Sabe-se hoje que, no Neolítico e Calcolítico, as grutas naturais desta região foram utilizadas como necrópoles, pelo que tanto os núcleos como os produtos de debitage deles obtidos poderiam ter recorrido às mesmas variedades de sílex, disponíveis na região, sem obrigar à sua confecção no interior da gruta, como defendeu o autor, tanto no presente manuscrito como na síntese das escavações publicada na altura (DELGADO, 1880, p. 247).

Compreende-se, no entanto, que Nery Delgado aceitasse a referida premissa, dada a então já bem conhecida utilização doméstica das cavernas nos tempos paleolíticos. A falta de informação então disponível sobre a existência povoados pré-históricos de ar livre, exceptuando-se como caso mais emblemático o povoado de Leceia, Oeiras, publicado pouco antes pelo seu colega Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1878), reforçou a validade da referida premissa.

Não obstante, evidencia-se o espírito analítico do autor: foi o primeiro a calcular, a partir dos fragmentos recolhidos em diversos locais da gruta, o correspondente número mínimo de recipientes originalmente presentes.

Igualmente, sobressai a cuidadosa descrição das peças arqueológicas exumadas, incluindo a sua natureza petrográfica e as respectivas medições, a tal ponto rigorosas que se tornou possível a identificação da maioria delas na publicação respectiva (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). O autor deixa-se frequentemente levar pela impressão estética que lhe provocavam algumas dessas peças, reveladoras de capacidades técnicas e até artísticas que para Nery Delgado constituíam verdadeiras revelações: é o caso da frequente utilização do adjetivo “belíssimo/a”;

– algumas terminologias eram já então problemáticas: assim, o autor utiliza o termo “pontas de lança” para designar as peças presentemente conhecidas pelo nome de “alabardas” e tem dificuldade na utilização do

termo “punhal”, para um exemplar que efectivamente corresponde a tal terminologia, mas que noutros casos dificilmente se separa das “alabardas”, situação que continua a observar-se;

- recolheu-se uma goiva completa e, possivelmente mais um outro exemplar incompleto, confirmando a raridade deste tipo artefactual, cuja presença e diacronia no território português já foram discutidas (CARDOSO, 1980);

- assinala-se pela primeira vez a existência de uma placa de xisto partida e reaproveitada, particularidade a que só muito reentamente foi dada importância, merecendo trabalho de síntese com base nos exemplares mais relevantes dados a conhecer (CARDOSO & VILAÇA, 2020), mas que não passou despercebida a Nery Delgado;

- a recolha, no mesmo quadrado e à mesma profundidade, de dois botões campaniformes configura uma deposição que pode ser comparável à encontrada na gruta 2 de São Pedro do Estoril, Cascais (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964), a qual por corresponder a ocupação tardia da Casa da Moura, nada terá a ver com a constituição do ossário, que remontará ao Neolítico Final, podendo assim configurar uma tumulação individual. Tem interesse notar que estes exemplares não são acompanhados de cerâmicas campaniformes, o que se explica pela situação geográfica da estação face à distribuição daquelas produções, tal como se verificou na gruta do Caldeirão, Tomar (ZILHÃO, 2016);

- algumas peças descritas não constam presentemente das colecções. Estão neste caso uma notável alabarda reproduzida ainda no século XIX (CARTAILHAC, 1886, Fig. 89). Outras peças de assinalável interesse recuperadas nas escavações de 1879/1880 parecem faltar no acervo estudado em 2001/2002 (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), tomando como certa as descrições apresentadas, destacando-se um segundo báculo para além do ainda conservado e um ídolo de calcário com uma “meia lua” como o bem conhecido exemplar da gruta artificial da Granja do Marquês, Sintra;

- enfim, merece destaque a identificação de uma enxó miniatura de fibrolite, de carácter ritual, que se soma a muitos outros exemplares da mesma natureza conhecidos de norte a sul do território português e de larga diacronia, desde o Neolítico Antigo ao final do Calcolítico, como se comprova por recolhas efectuadas nos povoados de Mota da Ladra, Vila Franca de Xira e de Outeiro Redondo, Sesimbra (CARDOSO, 2019);

13 – A recolha de diversas conchas de moluscos remete para utilizações simbólicas ou simplesmente na indumentária, como adereços. No primeiro caso inscrevem-se algumas conchas de *Pecten*, as quais mantiveram até a actualidade um marcado e bem conhecido cunho religioso; de outra natureza simbólica são as conchas de *Triton*, *Patella*, *Ostrea*, *Mytilus* e *Venerupis* recolhidas, que podem corporizar oferendas de comida aos defuntos. Como adereços, podem considerar-se alguns búzios sem interesse alimentar (*Cassis* e *Cerithium*) e um pequeno búzio rolado, recolhido na praia, como também terá sido o caso de diversas conchas de *Glycymeris*, algumas com perfuração natural no umbo. Acresce a tal conjunto um exemplar de *Turbo*, que o autor refere com desgaste para ostentar a espira, embora tal possa ser puramente natural.

14 – Se alguns moluscos com interesse comestível podem ser considerados como oferendas aos defuntos, também é nesse sentido que devem ser interpretados alguns restos de mamíferos domésticos. O autor identificou restos de *Bos*, *Capra/Ovis* e *Canis*, embora o cão não esteja seguramente representado (DELGADO, 1880, p. 245).

Tais oferendas podem ter sido feitas aquando da constituição do depósito funerário numa ou em etapas sucessivas e recorrentes, acompanhando os espólios arqueológicos que ocorrem em grande quantidade e revelam qualidades de manufactura notáveis. A abundância dos espólios deve ser compaginada com o assinalável número de indivíduos ali tumulados, que ascende a pelo menos 150 indivíduos, conforme o cálculo realizado pelo próprio Nery Delgado, a partir da quantificação dos molares soltos recolhidos.

15 – A concluir, importa referir que as alterações a lápis introduzidas no manuscrito pelo punho do autor mostra que se tratava de original em fase de melhoria. A existência de várias versões manuscritas do mesmo original foi já identificada aquando dos estudos dos originais produzidos por Carlos Ribeiro, mas jamais publicados por este, ilustrando um processo de revisão lento mas consistente. No entanto, enquanto que no caso de Carlos Ribeiro as versões sucessivamente melhoradas por via da introdução das modificações nelas introduzidas pelo autor eram copiadas integralmente umas das outras (CARDOSO, 2013; CARDOSO, 2015 c), no caso em apreço trata-se de uma única versão escrita por Nery Delgado e por ele pontualmente alterada. Tal significa que o original destinado a publicação ainda não corresponderia à presente versão.

Em síntese, com a publicação dos inventários exaustivos e sistemáticos dos materiais recolhidos por cada sector escavado e de acordo com a progressão da escavação em profundidade em cada um deles, ficou demonstrada a excepcional qualidade do trabalho de Nery Delgado como arqueólogo, e o seu contributo original para a metodologia das técnicas de escavação, pelo que se deverá inscrever entre um dos pioneiros mais notáveis da Arqueologia europeia.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. José Carlos Henrique, meu colaborador desde há mais de vinte anos, pela transcrição preliminar da documentação que integra este trabalho, pela dedicação requeridos para a execução de tão árdua tarefa cumprida com o empenho e interesse habituais.

Ao Doutor Miguel Ramalho e Dr. José António Anacleto, pelo apoio na obtenção de fotos de exemplares da Casa da Moura conservados no Museu Geológico do LNEG com as respectivas etiquetas que atestam os locais e profundidades de recolha.

À Prof.^a Doutora Ana Carneiro pela cedência da transcrição da correspondência dos colectores existente no Arquivo Histórico do LNEG.

Ao Prof. Doutor João Zilhão, pelo interesse demonstrado por este estudo, tendo cedido informação bibliográfica sobre a escavação de William Pengelly em Kent's Cavern.

Ao Dr. Sérgio Medeiros, do GPS – Grupo Protecção Sicó, por ter providenciado a planta da Casa da Moura levantada na década de 1980 pelo Espele Clube de Torres Vedras.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. Telles & CUNHA, A. Santinho (1993) – Violência, rituais e morte entre os “bons selvagens” de Muge. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*. Lisboa. 32, p. 197-239.
- ANTUNES, M. Telles; CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. Santinho (2009) – Espólio humano da gruta da Casa da Moura (Cesareda): observações osteológicas crânio-faciais. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17, p. 175-221.
- BENSAUDE, A. (1884) – Note sur la nature minéralogique de quelques intruments de pierre trouvés en Portugal. *Congrès International d'Anthropologie e d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la IX^{ème} Session à Lisbonne (1880)*. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences, p. 683-697.
- BOAVENTURA, R. & CARDOSO, J. L. (2014) – Carlos Ribeiro (1813-1882) e as antas de Belas: um contributo para a História da Ciência em Portugal no século XIX. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 35-80.

- CARDOSO, J. L. (1980) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 1ª parte. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 90, p. 211-304.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2008) – Joaquim Filipe Nery Delgado, arqueólogo. In *Nery Delgado (1835-1908), Geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico/INETI/Centro de História e Filosofia das Ciências/FCT/UNL, p. 65-79.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 467-552.
- CARDOSO, J. L. (2013) – Carlos Ribeiro, a “Breve notícia acerca do terreno quaternario de Portugal” e a questão do Homem terciário em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 27-88.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Polished stone tools. In CARVALHO, A. F., ed., *Bom Santo cave (Lisbon) and the Middle Neolithic societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve, p. 185-194 (Promontoria Monográfica, 17).
- CARDOSO, J. L. (2015 a) – Carlos Ribeiro and Francisco António Pereira da Costa: dawn of the Mesolithic shellmiddens of Muge (Salvaterra de Magos). In Bicho, N., Detry, C.; Price, T. D. & Cunha, E., *Muge 150th: The 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge Scholars Publishing (2015), p. 1-18.
- CARDOSO, J. L. (2015 b) – Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal. In *O Neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: perspectivas em debate*. Lisboa (2015): Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 25-49. Também publicado, com maior riqueza iconográfica em: *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22 (2015), p. 93-138.
- CARDOSO, J. L. (2015 c) – Carlos Ribeiro (1813-1882), as formações quaternárias portuguesas e a antiguidade do Homem: um manuscrito desconhecido. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 43-92.
- CARDOSO, J. L. (2018) – Primórdios dos estudos pré-históricos em Portugal: os concheiros mesolíticos de Muge (Salvaterra de Magos) e a *Memória* pioneira de Francisco António Pereira da Costa sobre o concheiro do Cabeço da Arruda. In *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa. 2. Primeiros textos de Pré-História, História e Heráldica* (dir. FRANCO, J. E. & FIOLEAIS, C.). Introdução, p. 91-112. Da existência do Homem em épocas remotas no vale do Tejo. Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda. Transcrição revista, comentada e anotada, p. 441-499. Lisboa, 2018: Círculo de Leitores.
- CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1992) – Escavações de Nery Delgado no planalto de Cesareda nas grutas da Lapa Furada e da Malgasta (Peniche): estudo do espólio arqueológico. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 78 (2), p. 145-173.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2008) – A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e sua importância no faseamento do Neolítico do território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Oeiras. 16, p. 269-300.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L. & VILAÇA, R. (2020) – Uma placa de xisto reaproveitada da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Akra Barbarion*. Sesimbra. 4 (no prelo).

- CARDOSO, J. L.; DOMÍNGUEZ-BELLA, S. & MARTÍNEZ LÓPEZ (2012) – Ocorrência de contos de fluorite no Neolítico Final e no Calcolítico da Estremadura (Portugal). *Actas do IX Congresso Ibérico de Arqueometria (Lisboa, 2011)*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 35-42 (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 19, 2012).
- CARDOSO, J. L.; MEDEIROS, S. & MARTINS, F. (2018) – 150 anos depois: uma rara placa de xisto decorada encontrada na gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 21, p. 57-69.
- CARDOSO, J. L.; VILSTRUP, J.; EISENMANN, V. & ORSLANDO, L. (2013) – First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenicians as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*, 40, p. 4483-4490.
- CARNEIRO, A. (2001) – The travel of Nery Delgado (1835–1908) in the context of the Portuguese Geological Service. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 88, p. 277-292.
- CARNEIRO, A. (2005) – Outside government science, “Not a single tiny boné to cheer us up!” The Geological Survey of Portugal (1857-1908), the involvement of common men, and the reaction of civil society to geological research. *Annals of Science*. 62 (2), p. 141-204.
- CARNEIRO, A.; MOTA, T. S. & LEITÃO, V. (2013) – *O chão que pisamos. A Geologia ao serviço do Estado (1848-1974)*. Lisboa: Colibri.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARTAILHAC, É. (1886) – *Les ages préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- COSTA, F. A. Pereira da (1865) – *Da existencia do Homem em epochas remotas no valle do Tejo. Primeiro opusculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Lisboa: Comissão Geologica de Portugal.
- DAWKINS, W. Boyd (1874) – *Cave hunting, researches on the evidence of caves respecting the early inhabitants of Europe*. London: MacMillan & Co.
- DELGADO, J. F. N. (1867) – *a existência do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Primeiro opusculo. Noticia acerca das grutas da Cesareda*. Lisboa: Comissão Geologica de Portugal.
- DELGADO, J. F. N. (1884) – La grotte de Furninha a Peniche. Congrès International d’Anthropologie e d’Archéologie Préhistoriques. *Compte-Rendu de la IX éme Session à Lisbonne (1880)*. Lisbonne: Typographie de l’Académie Royale des Sciences, p. 207-278.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. Santinho (1994) – A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2003) – *STAM – 3, a anta 3 da herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 32).
- HARLÉ, E. (1910/1911) – Les mammifères et oiseaux quaternaires connus jusqu’ici en Portugal. Mémoire suivi d’une liste générale de ceux de la Péninsule Ibérique. *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa. 8, p. 22-85.

- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) – A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, p. 103-144.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 8 – Nova Série).
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI G. (1987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 5, p. 37-65.
- MCFARLANE, D. & LUNDBERG, J. (2005) – The 19th century excavation of Kent’s Cavern, England. *Journal of Cave and Karst Studies*, 67, 1, p. 39-47.
- ODRIOZOLA, C.; VILLALOBOS GARCÍA, R.; BOAVENTURA, R.; SOUSA, A. C.; MARTÍNEZ-BLANES, J. M. & CARDOSO, J. L. (2013) – Las producciones de adorno personal en rocas verdes del SW peninsular: los casos de Leceia, Moita da Ladra y Penha Verde. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, 2013, p. 605-622.
- OLIVEIRA, F. de Paula e (1884) – Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne. Congrès International d’Anthropologie e d’Archéologie Préhistoriques. *Compte-Rendu de la IX éme Session à Lisbonne (1880)*. Lisbonne: Typographie de l’adémie Royale des Sciences, p. 305.
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 22, p. 45-84.
- PRUNIÈRES (1871) – Sur une grotte funéraire dite la grotte de l’homme mort à Saint-Pierre-des-Tripiés (Lozère) *Bulletins et Mémoires de la Société d’Anthropologie de Paris*. Paris. 6, p. 428-433.
- RELATÓRIO (1866) – *Relatorio dos trabalhos executados do Instituto Geographico durante o anno economico de 1865-1866*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- RELATÓRIO (1881) – *Relatorio dos trabalhos geodésicos, opographicos, hydrographicos e geológicos do Reino percennete ao anno económico de 1879-1880*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- RELATÓRIO (1882) – *Relatorio do anno económico de 1880-1881 da Direcção-Geral dos Trabalhos Geodesicos, Topographicos, Hydrographicos e Geologicos do Reino*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Monumntos megalihicos das vizinhanças de Bellas*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- RIBEIRO, C. (1884) – Les kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage. Congrès International d’Anthropologie e d’Archéologie Préhistoriques. *Compte-Rendu de la IX éme Session à Lisbonne (1880)*. Lisbonne: Typographie de l’Académie Royale des Sciences, p. 279-292.
- ROCHE, J. (1960) – *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge, Portugal)*. *Archéologie*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- SERRÃO, E. C. & MARQUES, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *2.º Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional de Educação, 1, p. 121-142.
- SILVA, A. M.; BOAVENTURA, R.; FERREIRA, M. T. & MARQUES, R. (2012) – Skeletal evidence of interpersonal violence from portuguese Late Neolithic burials: na overview. In SCHULTING, R. & FIBIGER, L., *Sticks, stones & broken bones neolithic violence in a european perspective*. Oxford University Press, p. 318-340.

- SILVA, A. M.; SOUSA, A. C.; BOAVENTURA, R. & SCARRE, C. (2019) – The forgotten bonés of the dolmen of Carrascal (Aqualva, Sintra, Portugal). Examining old human remains. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 76 (2), p. 345-356.
- STRAUS, L.; ALTUNA, J.; JACKES, M. & KUNST, M. (1988) – New excavations in Casa da Moura (Serra d’El Rei, Peniche) and at Abrigo de Bocas (Rio Maior), Portugal. *Arqueologia*. Porto. 18, p. 65-95.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1906) – Acquisições do Museu Etnologico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 11, p. 89-92.
- WARREN, C. N. & ROSE, S. (1994) – *William Pengelly’s spits, yards and prisms. The forerunners of modern excavation methods and techniques in Archaeology*. Torquay Natural History Society.
- ZILHÃO, J. (1993) – As origens da arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série X, 3, p. 111-125.
- ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. 2 volumes. Lisboa: Colibri.
- ZILHÃO, J. (2016) – Beaker people without beaker pots: the Chalcolithic funerary contexto from the Galeria da Cisterna (Almonda karst system, Torres Novas, Portugal). *Estudis en homenatge a Bernat Martí Oliver*. Valencia: SIP, p. 379-386.

**AS EXPLORAÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS EM MONTE REAL (LEIRIA)
EM 1865 POR FREDERICO AUGUSTO DE VASCONCELOS PEREIRA CABRAL
OU A HISTÓRIA DE UMA PLACA DE XISTO GRAVADA PRÉ-HISTÓRICA**

***THE ARCHAEOLOGICAL EXPLORATIONS CARRIED OUT IN MONTE REAL
(LEIRIA) IN 1865 BY FREDERICO AUGUSTO DE VASCONCELOS PEREIRA
CABRAL OR THE HISTORY OF A SCHIST PREHISTORIC ENGRAVED PLAQUE***

João Luís Cardoso*

Abstract

In this paper we publish the report prepared in 1866 by Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral (1820-1886) after his visit in 1865 to Monte Real, concerning the characterization of the geological conditions of a funerary deposit of Neolithic age occasionally found in the previous year and whose human remains were then buried in the local cemetery.

Among the scarce spoils that the author obtained in 1865 from the inhabitants of Monte Real, there is a schist plaque that was, together with the exemplars recovered in the excavations of Nery Delgado held in the same year in the cave of the Casa da Moura the first to be duly recognized as prehistoric artifacts.

The scientific quality of this report would suffice to place its author among the pioneer archaeologists of Portugal, confirming his priority in other contributions of a geological and archaeological nature, such as the publication in 1881 of the first Paleolithic artefacts collected in Portuguese territory.

This study is also a contribution to draw attention to the pioneer activity of its author in the field of Archeology, as a member of the Geological Commission of Portugal.

Keywords: Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral; first prehistoric studies in Portugal; History of Archaeology; Monte Real; schist plaque.

1 – ANTECEDENTES

Francisco António Pereira da Costa, Lente de Mineralogia da Escola Politécnica foi membro co-director da segunda Comissão Geológica de Portugal (1857-1868). No âmbito das tarefas desenvolvidas naquela comissão, apresentou em 1867 ao Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, realizado em Paris em Agosto de 1867 comunicação onde abordou os monumentos megalíticos portugueses, que ocupam a maior parte da mesma, correspondente à inventariação de trinta e nove dólmenes, distribuídos pelo Alentejo, Estremadura, Beira e Trás-os-Montes. Tal comunicação, cuja apresentação oral foi ilustrada por moldes em gesso expressamente preparados em Lisboa para o efeito foi incluída no volume das actas, sob a

* Catedrático de História (Pré-História e Arqueologia) da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

forma de notícia apresentada por Gabriel de Mortillet (MORTILLET, 1868 a, b), resultou em boa parte de trabalhos de campo realizados por outros membros da Comissão Geológica, designadamente Carlos Ribeiro e Nery Delgado, a par de outros, como Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral, com a ajuda preciosa dos coletores, cujo papel foi determinante nos primeiros reconhecimentos geológicos do país, embora usualmente seja esquecido (CARNEIRO, 2005; CARNEIRO, MOTA & LEITÃO, 2013).

No ano seguinte, Pereira da Costa publicou memória sobre os monumentos dolménicos a cujo conhecimento teve acesso, constituindo o desenvolvimento da comunicação apresentada em Paris, na qual reproduz assinalável conjunto de dólmenes, em belos desenhos a carvão, a par de diversos artefactos de pedra polida; porém, nenhuma placa de xisto é representada nem mencionada no texto, apesar das escavações que realizou se terem centrado no Alto Alentejo norte-oriental, onde tais artefactos são comuns (COSTA, 1868).

É neste contexto que surge o interesse pelas placas de xisto como objectos arqueológicos, as quais, sendo comuns em dólmenes alto-alentejanos, foram consideradas pela primeira vez numa perspectiva científica pelo próprio Pereira da Costa, que os explorou em primeiro lugar, ainda que, como acima se referiu, não tenha em nenhum deles encontrado qualquer placa de xisto.

A identificação de placas de xisto em Portugal como objectos pré-históricos remonta aos inícios da segunda metade do século XIX, embora ainda na primeira metade do século XVIII Estêvão de Lis Velho tenha desenhado uma placa de xisto, recolhida em 1591 em depósito funerário existente junto à praia de São Torpes (Sines) (VELHO, 1746), atribuído à sepultura daquele santo, falecido em Pisa, no ano de 65 d.C. Tal placa conservou-se, a par de alguns restos humanos e de um recipiente de barro, observados por Leite de Vasconcelos, que desenhou de novo a placa (VASCONCELOS, 1914), reconhecendo-lhe o seu verdadeiro significado arqueológico (SILVA & SOARES, 1981).

2 – HISTÓRIA DE UMA PLACA DE XISTO

Foi pena que o diferendo que se estabeleceu entre Pereira da Costa e Carlos Ribeiro, o outro membro-director da Comissão Geológica (CARDOSO, 2015), tivesse, a curto prazo, ditado, por Decreto de 1 de Fevereiro de 1868, o fim da instituição (CARDOSO, 2013 ; CARNEIRO, MOTA & LEITÃO, 2013, p. 53) e, com ele, o da intensa investigação, tanto a nível paleontológico como antropológico e arqueológico que Pereira da Costa nela vinha desenvolvendo.

Mas a dissensão já teria antecedentes, que explicam a suspensão da execução dos trabalhos tipográficos de um álbum ilustrado por litografias coloridas de exemplares pré-históricos coligidos pela Comissão Geológica, o qual se destinava a apresentação na Exposição Universal de Paris de 1867. É o próprio Pereira da Costa que o declara (COSTA, 1868, p. V):

“Por ocasião da Exposição que se projectou fazer, fui encarregado, por uma resolução da Comissão directora dos Trabalhos Geologicos, de fazer um catalogo descriptivo e illustrado com figuras dos principais objectos existentes na colecção da Comissão geológica, e que pertencem à anthropologia e à arqueologia prehistoricas do nosso paiz.

Depois de ter feito a escolha e descripção dos objectos que deviam ser enviados à Exposição Universal de Paris, e depois de se acharem representados em estampas os mais importantes d’esses objectos, occorreram circunstancias pelas quaes, me foi impraticável a conclusão d’este trabalho (...).”

Esse conjunto de estampas, realizadas sob orientação de Pereira da Costa foi entretanto publicado (CARREIRA & CARDOSO, 1996), permanecendo ainda por dar à estampa um bellissimo conjunto de dez litografias representado dolmenes, e outros artefactos neles recuperados, cuja localização, salvo excepções, se desconhece. É neste segundo conjunto de dez litografias que ocorre uma, reproduzindo alguns dos exemplares neles recolhidos, entre os quais um báculo e quatro placas de xisto, uma delas incompleta, que constituirão o objecto deste contributo.

A Estampa X, a última do conjunto acima referido, possui, como as restantes as dimensões de 0,50 por 0,32 m, apresentando-se impressa em papel encorpado, tendo sido litografada por Castro, cujo nome se encontra impresso no canto inferior esquerdo. Os desenhos foram feitos a carvão e possuem uma sobrecarga de coloração cinzenta-clara, procurando-se reproduzir assim, de forma aproximada, a cor original dos objectos reproduzidos. Os nove desenhos de materiais arqueológicos nela existentes não possuem indicação de proveniência. Tal facto tornava esta estampa quase desprovida de interesse científico, não fosse a possibilidade de, mediante estudo o comparativo realizado e o recurso a documentação inédita do arquivo de Estácio da Veiga, conservado no Museu Nacional de Arqueologia, ter sido possível recuperar tal informação para a maioria dos exemplares nela representados (CARDOSO, 2016).

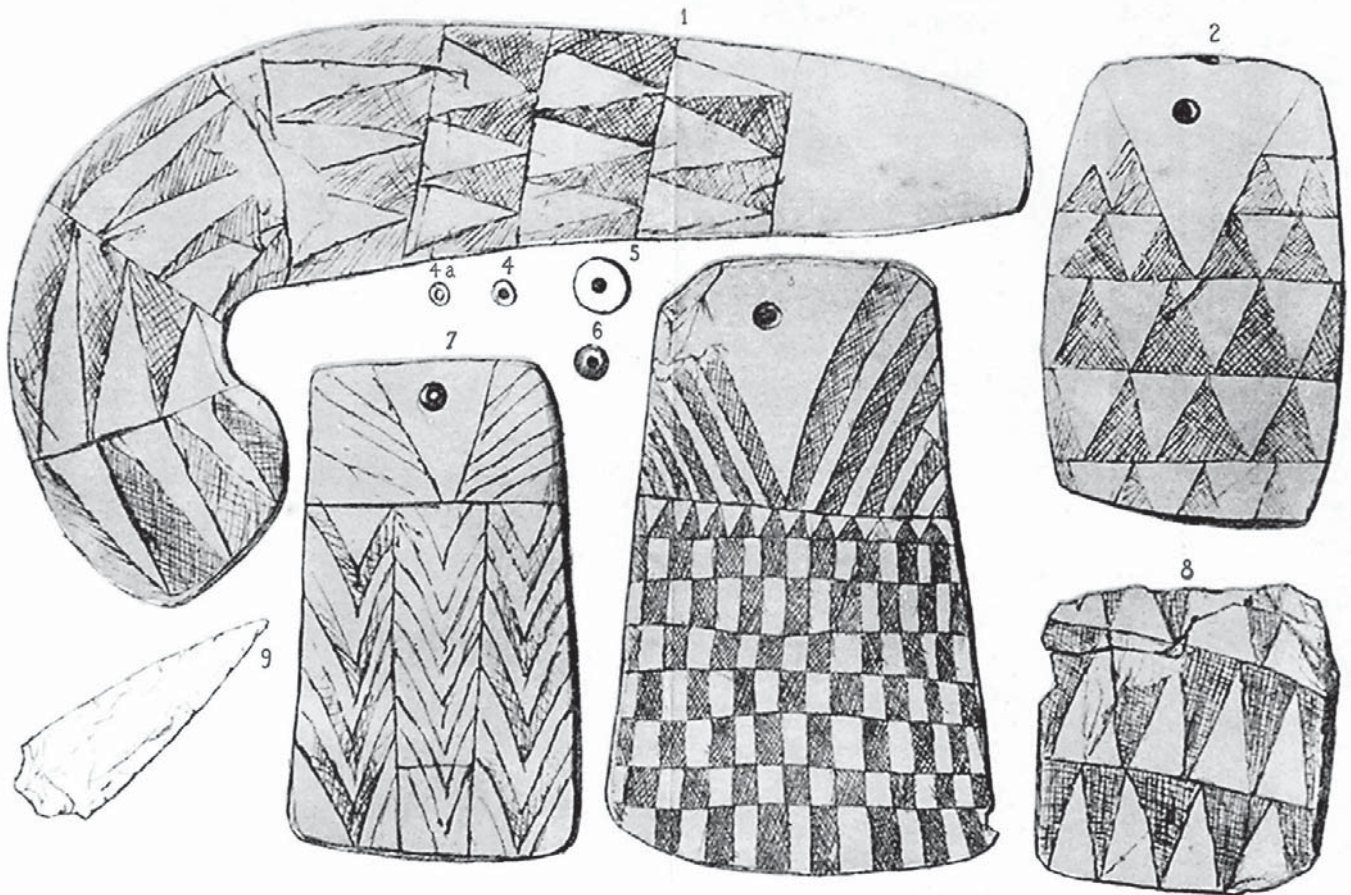


Fig. 1 – Estampa litografada representando um conjunto de artefactos provenientes de monumentos pré-históricos portugueses executada por iniciativa da Comissão Geológica de Portugal antes de 1868. 1 – báculo de xisto com decoração numa única face, proveniente da sepultura de Martim Afonso (Muge); 2 – placa de xisto do depósito funerário de Monte Real (Leiria); 3 e 7 – placas de xisto recolhidas aquando da abertura do caminho de ferro, perto de Viana do Alentejo; 8 – fragmento de placa de xisto de origem desconhecida. Arquivo do Autor.

Na estampa em causa, a placa n.º 2 é a que interessa a este trabalho em particular; foi dada como proveniente de Monte Real, com base em nota manuscrita de Estácio da Veiga aposta na mesma folha de papel de seda onde executou o decalque da peça, conservada no Arquivo do arqueólogo algarvio conservado no Museu Nacional de Arqueologia onde foi identificada pelo signatário, que entretanto a publicou (CARDOSO, 2016, Fig. 3). Tal nota consta do seguinte:

“Monte Real (Leiria)/Coll. da Esc. Polytechnica de Lisboa. Enviada pelo Sr. Fred. A. de Vasconcellos Pereira Cabral – com a nota de sepultura antiga – onde havia muitos ossos, sílex, etc.”

A mesma placa foi reproduzida por Augusto Filippe Simões (SIMÕES, 1878, Fig. 31) na sua obra de síntese precocemente redigida sobre a Pré-História da Península Ibérica, embora nada diga quanto às características da estação arqueológica de onde provém.

Foi com base nestes escassos elementos, sobretudo o decalque de Estácio da Veiga, no qual se informa que tal placa foi recuperada pelo Dr. Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral, então adjunto à Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, que se procurou recuperar a história deste exemplar, o qual se manteve na posse da sua antecessora, a Comissão Geológica de Portugal, até à extinção da mesma, em 1868.

Com efeito, sabe-se que, pelo Decreto de 23 de Dezembro de 1868, foi determinado o transporte para a Escola Politécnica de todos os pertences da extinta Comissão Geológica, incluindo a livraria e colecções (CARDOSO, 2008, 2013, 2015), na sequência da extinção da dita Comissão a 1 de Fevereiro de 1868. Tal foi a razão pela qual Estácio da Veiga a observou e decalcou já na Escola Politécnica, na década de 1880, no âmbito da preparação da obra *Antiguidades Monumentais do Algarve*, em cujo volume 2 (VEIGA, 1887) insere um notável estudo sobre a presença deste tipo de peças no território português.

As razões que motivaram a nova transferência desta peça, da Escola Politécnica para o Museu Nacional de Arqueologia, onde actualmente se encontra, por acordo estabelecido entre o então Director da Escola e José Leite de Vasconcelos, conforme este último informa (VASCONCELOS, 1905) não são difíceis de entrever: resultaram da opção então tomada pelos responsáveis pelas colecções daquele estabelecimento científico de não terem interesse na conservação de materiais arqueológicos, desprovidos de interesse para o ensino superior de natureza científica e técnica nele ministrado. Ao contrário, os espólios antropológicos provenientes das antigas colecções da Comissão Geológica de Portugal conservaram-se naquela instituição onde ainda foram ali vistos pelo signatário antes trágico incêndio de 1978.

Após a sua entrada no Museu Etnológico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia), a placa de Monte Real só voltou a ser referida em 1922. Com efeito, Manuel Heleno, no início da sua carreira como arqueólogo, publicou monografia dedicada a Monte Real, sua terra natal. Tratando das ocupações humanas



Fig. 2 – Pormenor da Fig. 2, correspondente à placa n.º 2, proveniente de Monte Real. Arquivo do Autor.

Monte Real (Leiria)



Coll. da Est. Polytechnica de Lisboa
Enviada pelo Sr. Fred. A. de Vasconcellos
Pereira Cabral - com a nota de sepultura
antiga - onde havia muitos ossos, silis, etc.

Fig. 3 - Decalque da placa de Monte Real efectuada em papel de seda por S. P. M. Estácio da Veiga, quando a mesma se encontrava depositada na Escola Politécnica, e por ele mencionada (VEIGA, 1887). Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto do Autor.

mais antigas, refere que em 1864 foi descoberto acidentalmente, por quatro cabouqueiros uma gruta sepulcral de onde se extraíram numerosos restos humanos, os quais foram enterrados no cemitério local, supondo que se tratavam de vítimas dos Franceses (HELENO, 1922, p. 7). No entanto, acrescenta, logo houve quem entendesse que tais restos ascendiam a uma época muito mais recuada, visto se encontrarem acompanhados de utensílios líticos, entre os quais “*objectos de lousa, ornamentados de um só lado, que pela descrição que me fizeram reconheci serem chapões preistóricos.*” (op. cit., p. 8).

É evidente que, em 1864, a conotação de tais restos humanos a populações pré-históricas só poderia ter sido feita por quem tivesse alguns conhecimentos na matéria, atribuindo Manuel Heleno ao deão da Sé de Leiria tal conclusão, desconhecendo que a mesma se devia ao adjunto da Comissão Geológica de Portugal Frederico António de Vasconcelos Pereira Cabral.

Apesar de Manuel Heleno ter declarado que a suposta gruta teria fornecido diversos chapões de lousa, o mesmo optou, no citado estudo, por atribuir ao único exemplar conservado, uma proveniência distinta, atribuindo-o a uma anta, a pretensa “*anta de Monte Real*” (HELENO, 1922, p. 8) nos seguintes termos:

“Anta de Monte Real. – à anta de Monte Real referiram-se acidentalmente Filippe Simões e Estácio da Veiga, mas nenhum deles descreve o pequeno espólio lá encontrado, a não ser um chapão. Êste espólio veio do Museu Mineralógico da Escola Politécnica para o Museu Etnológico Português (...).”



Fig. 4 – A placa de xisto recolhida em Monte Real, conforme foi reproduzida por A. F. Simões em 1878 (SIMÕES, 1878, Fig. 31).



Fig. 5 – A placa de xisto de Monte Real, conforme foi reproduzida por Manuel Heleno (HELENO, 1922, Fig. 5).

No entanto, a passagem da obra de Augusto Filipe Simões não autoriza a concluir pela existência de qualquer anta:

“As placas de schisto riscadas parece terem sido usadas pelos constructores das antas, por se encontrarem algumas d’ellas nas antas de Bellas e de Pavia. Em Bellas, Ancião, Monte Real e Cova da Estria encontraram-se juntamente facas de sílex (...)” (SIMÕES, 1878, p. 52).

É provável que este lapso tenha sido incidentalmente devido a Estácio da Veiga ao declarar o seguinte (VEIGA, 1887, p. 460):

“Monte Real. – O dr. A. F. Simões (...) refere-se á anta de Monte Real, perto de Leiria, onde foi achada uma placa de schisto gravada, que representa com o n.º 31. O original, de que tenho copia, está no museu mineralógico da escola polytechnica.”

Esclarecida a não existência de qualquer anta em Monte Real, ainda assim o contributo de Manuel Heleno foi meritório, ao ter de novo desenhado a placa de xisto com maior rigor que as reproduções anteriormente apresentadas (HELENO, 1922, Fig. 5). Note-se que, à época, nem a gravura da Comissão Geológica, nem o decalque efectuado por Estácio da Veiga tinham sido publicados. Heleno fez acompanhar o desenho da placa dos desenhos de um machado de pedra polida e de uma lâmina de sílex, oriundos do mesmo depósito e por si então publicados pela primeira vez (HELENO, 1922, p. 8).

3 – FREDERICO AUGUSTO DE VASCONCELOS PEREIRA CABRAL E O SEU RELATÓRIO DE 1866

Tendo a origem da placa de xisto de Monte Real ficado esclarecida, importava conhecer melhor, se possível, as condições do seu achado.

Para tal, concorreu decisivamente a identificação do relatório elaborado por Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral datado de 20 de Junho de 1866, cuja existência até agora tinha sido apenas referida (CARDOSO, 2016), dirigido ao Presidente da Comissão Geológica de Portugal, General Filipe Folque. Ali dá conta das explorações por ele conduzidas no terreno, de que resultou a recolha de diversos materiais arqueológicos, entre os quais a placa de xisto em apreço, a qual deu entrada nas colecções da Comissão Geológica.

Trata-se de um depósito constituído por muitos restos humanos, acumulados de forma natural pelos agentes meteóricos, como defendeu Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral no que parecem constituir fendas ou cavidades do substrato geológico e não em uma gruta, conforme se indica na Fig. 7, correspondente a corte efectuado pelo autor e apenso ao seu relatório.

Pelo seu interesse, dado esclarecer definitivamente as condições dos achados e também pelo facto de constituir intervenção pioneira numa estação pré-histórica, muito bem caracterizada e descrita, procedeu-se à sua transcrição integral, com base na cópia manuscrita executada por funcionário da antiga Comissão Geológica de Portugal.

Este relatório foi remetido ao Presidente da Comissão Geológica de Portugal, General Filipe Folque acompanhado de Ofício de 20 de Junho de 1866 do seguinte teor, que encerra o manuscrito:

Amo. mo Sr.
Me. Ex. Sr.

Tenho a honra de apresentar a V. Ex.^a alguns ossos humanos e instrumentos de pedra, achados n'uma sepultura antiga na collina, em que está assente a aldeia de Montecral, do concelho de Leiria; assim como alguns ossos humanos e machados de pedra, achados em diversos pontos do concelho de Grandola; o que tudo offereço á illustrada Commissão geologica de Portugal, que V. Ex.^a dignamente preside.

Acompanham estes objectos duas noticias acerca das localidades e das condiçoes, em que elles foram encontrados.

Deus Guarde a V. Ex.^a - Lisboa,
20 de junho de 1866 - Amo. mo Sr.
Conseheiro Filippe Folque Presi-
dente da Commissão geologica de
Portugal - (Assignado) Frederico A.
de Vasconcellos Pereira Cabral.

Fig. 6 - Oficio datado de 20 de Junho de 1866 que acompanhou o envio do relatório elaborado por Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral para o Presidente da Comissão Geológica de Portugal, General Filipe Folque. Cópia manuscrita da época.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr.

Tenho a honra de apresentar a V. Ex.^a alguns ossos humanos e instrumentos de pedra, achados n'uma sepultura antiga na collina em que está assente a aldeia de Monte Real, do concelho de Leiria, assim como alguns ossos humanos e machados de pedra, achados em diversos pontos do concelho de Grandola; o que tudo ofereço á illustrada Comissão geológica de Portugal, que V. Ex.^a dignamente preside.

Acompanham estes objectos duas noticias acerca das localidades e das condições em que eles foram encontrados. Deus Guarde a V. Ex.^a O Lisboa, 20 de junho de 1866= Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr Conselheiro Filippe Folque Presidente da Comissão geologica de Portugal=(assignado) Frederico A. de Vasconcellos Pereira Cabral.

Importa assim registar o mérito deste pouco conhecido adjunto da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal como pioneiro esquecido das investigações pré-históricas em Portugal. Por tal motivo, considera-se plenamente justificada a curta caracterização do que foi a sua actividade científica, objecto de nota necrológica publicada aquando do seu passamento (DELGADO, 1887).

Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral nasceu no Porto a 25 de Abril de 1820. Entrou ao serviço da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal (1869-1886) em Junho de 1877 como adjunto, sendo capitão de Engenharia (SIMÕES, 1922, p. 55), na qualidade de engenheiro de minas com importantes provas e publicações já produzidas (CHOFFAT, 1918). Em 1881 publicou uma memória sobre os depósitos quaternários da bacia do Douro, onde aborda a presença de testemunhos glaciários por si supostamente ali identificados (CABRAL, 1881). Se o autor se equivocou no respeitante aos testemunhos glaciários, é no entanto importante o seu contributo para o estudo das formações sedimentares quaternárias existentes na região, devendo ainda ser lembrado pelo facto de naquela memória se apresentarem diversos instrumentos lascados, executados sobre seixos rolados, entre eles alguns indubitáveis (op. cit., Est. 2, n.º 3), que constituem os primeiros artefactos paleolíticos publicados em Portugal.

Desta memória, o autor apresentou um resumo a pedido de Carlos Ribeiro, à IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, realizado em Lisboa em 1880 (CABRAL, 1884 a), ilustrada com mais artefactos líticos talhados em seixos de quartzito, destacando-se os da Pl. III, n.º 2, que corresponde indubitavelmente a um biface acheulense, e n.º 5, que tudo indica seja um pico de tipo asturiense, sendo neste caso o primeiro exemplar publicado, cabendo ao autor a prioridade da identificação em Portugal destas indústrias, só muitos anos foram volvidos cabalmente identificadas, primeiro por Rui de Serpa Pinto, logo depois por Eugénio Jalhay, Joaquim Fontes e Abel Viana (CARDOSO & COITO, 2014/2015).

Em 1884, mantendo o interesse sobre a temática, publicou estudo sobre os vestígios glaciários da Serra da Estrela, estudo realizado por incumbência de Nery Delgado cujos trabalhos de campo decorreram no mês de Agosto de 1883 (CABRAL, 1884 b). O elevado interesse dos resultados obtidos, que vieram demonstrar, pela primeira vez, a presença de testemunhos glaciários no nosso país justificaram a publicação póstuma deste estudo, em francês, acompanhado de fotos e de um mapa que não constava da primeira versão do trabalho, agora publicado nas “Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal” (CABRAL, 1887), por iniciativa de Nery Delgado. Assim se prestou uma última homenagem pública àquele investigador, falecido a 12 de Setembro de 1886, que depois de se ter dedicado a estudos de engenharia de minas, se mostrou particularmente interessado pelo estudo do quaternário português e da Pré-História, como se comprova pelo relatório inédito dado agora a conhecer.

Noticia ácerca da descoberta de uma sepultura antiga, contendo ossos humanos e instrumentos de pedra, na aldeia de Montereal, concelho de Leiria.

Na collina, em que assenta a pequena aldeia de Monte-real, na margem esquerda do Lys, a 11 kilometros da sua foz, no districto e concelho de Leiria observa-se um pequeno grupo de rochas sedimentares, encostadas a um acervo de rocha ignea, e que o manto das arenatas supra-cretaceas não pôde abarcar inteiramente. A serie de camadas a descoberto é muito limitada, apparecendo só nas ladeiras para léste e sueste, encostada ao cabeço diorítico de Monte-real, que forma o nucleo da collina. Em dois logares pude observar a direcção e inclinação dos estratos, sendo n'um a direcção no rumo de N. 77° E., e a inclinação de 88° para S. 13° E., e no outro a direcção para N. 53° O., e a inclinação de 45° para N. 37° E.

Consistem as camadas sedimentares em calcareos mais ou menos argillosos de côres, amarella, cinzenta, ou negra, já em bancos de alguns decimetros de espessura, já em stratos delgados. Não apresentam fosseis, a não serem vestigios raros de bivalves de formas semilhantes às de agua doce, encontradas nas camadas dos Barros-da-Granja, dois kilometros para oesnoroeste, ainda na margem esquerda do Lys, e que pertencem à mesma formação de Monte-real.

Esta serie sedimentar em vista das suas relações de posição, e da presença quasi exclusiva de fosseis de agua doce, Cyclades, Planorbis, provavelmente deve referir-se ao Grupo Valdense.

Está este depósito cortado por fendas, mais ou menos proximas da vertical, e sensivelmente perpendiculares à direcção dos bancos, variando a sua largura desde alguns milimetros até mais de um metro. Há ainda outras fendas, perpendiculares a estas, e parallelas à direcção dos bancos, mas em alguns casos com menos continuidade, que as primeiras, communicando com estas, e podendo então considerar-se como fazendo parte da mesma fractura, que seguiu por algum tempo a direcção das camadas como planos de menor resistencia.

Tendo em conta todos os factos, que se observam n'esta collina, não podem deixar de attribuir-se as fracturas à intrusão da rocha ignea.

Uma parte das fendas está cheia de argilla vermelha, ou amarellada, misturada n'alguns casos com pequenos fragmentos angulares das rochas, que constituem a collina. Outras estão vasias, e cobertas de incrustações e stalactites calcareas, que n'um logar pelo menos, ainda estão em via de formação, parecendo com tudo, que as causas, que concorreram para estas incrustações diminuíram muito de intensidade até à epocha presente. Pode verificar-se n'um ou n'outro ponto, que uma parte pelo menos das incrustações é anterior ao enchimento das cavidades pela terra argillosa.

Não é raro que as fracturas cheguem alli a alargar-se, a ponto de formarem pequenas cavernas, uma das quaes, muito circumscripta, a única, em que hoje se pode entrar, examinei, sem encontrar depositos ou restos organicos, que merecessem attenção. Dizem com tudo os habitantes de Monte-real, que existe pelo menos outra, muito maior, em que se podia andar em pé, depois de passar-se à entrada, que está hoje obstruida.

A terra argillosa, que enche uma parte das fendas, não apresenta indicio algum de ter sido para alli arrasada por grandes correntes de agua, que a teriam espalhado por todas as fendas, parecendo antes devida à acção lenta exercida por forças de intensidade analoga à das que presentemente alli actuam à superficie da terra, e que foram precipitando para aquellas das cavidades, que estavam abertas superiormente, as terras e detritos mais ou menos finos, resultantes da desaggregação das rochas superficiaes, a que se junctavam as provenientes das paredes das fendas, encontrando-se ainda entre ellas algumas raras, conchas de caracoes recentes.

A existencia de fendas e cavernas n'aquelle logar deve chamar tanto mais a attenção, quanto que n'uma d'ellas, que seguia a direcção dos estratos, se encontraram em Abril de 1864 ossos humanos, que foram enterrados no cemiterio de Monte-real.

O local em que estes foram casualmente descobertos, ainda pode ser examinado, apesar de ter sido arrancada a parte da rocha, que os occultava, e ainda lá encontrei alguns, entre elles um pedaço de uma maxilla superior com quatro dentes molares, apresentando a corôa de trez d'estes uma superficie muito gasta, e quasi raza, apesar do individuo, a quem pertenceu a maxilla ter morrido muito moço, como o prova a incompleta desinvolução do último molar, que não chegava ainda à altura dos outros, nem apresentava vestigios de gastamento. Não tem nenhum dos dentes signal de carie.

Com estes ossos se achavam diversos objectos, que caracterisam a idade de pedra; facas de silex, que parecem não ter sido usadas: machados de grunstein; laminas de louza de forma quadrangular, determinada por quatro linhas ligeiramente curvas; tendo um buraco, como para passar-se um fio, pelo qual se traziam as laminas suspendidas, e apresentando n'uma das faces desenhos toscos, que consistem em series transversaes e sobrepostas de triangulos sensivelmente isosceles, cuja base é menor, que qualquer dos outros lados (1). Alem d'estes objectos, fui informado, de que se acharam, tambem misturados com os ossos, vieiras (pecten) de grandes dimensões, e encontrei ainda uma valvula de mexilhão da especie comum (mytilus edulis). Não appareceu porem objecto algum de metal.

Os ossos achados pertenciam a talvez mais de quinze esqueletos, reunidos n'uma cavidade de forma alongada, onde não poderiam de modo algum ter cabido conjuntamente quinze corpos humanos; que fazia parte de uma fenda longitudinal, ou no sentido da direcção da camadas; - e cujo prolongamento ainda se vê. É para notar, que os ossos conservavam proximamente as suas respectivas posições, com relação ao esqueleto, e indicavam, que os corpos, que tinham pertencido a individuos de todas as edades, sem exceptuar crianças, tinham sido todos deitados para o mesmo lado.

Repouzavam estes ossos sobre uma superficie quasi horisontal da rocha in situ, e que constituia o fundo da cavidade. Não pude achar vestigios, de que esta fosse feita artificialmente; mas as investigações, que fiz, foram limitadissimas, e além disso a ablação de uma parte das rochas, que a fechavam, torna impossivel a observação de circumstancias, cujo conhecimento muito interessaria. Com tudo devo advertir, que o facto de apresentar o fundo da cavidade uma superficie quasi horisontal de rocha na maxima parte da sua extensão, explica-se facilmente, sem invocar a intervenção do trabalho humano, lembrando-nos, que as camadas sedimentares da collina affectam posições quasi verticaes, e estão muito fracturadas em diversos sentidos; e que uma das fendas, que corre na direcção dos stratos podia ter seguido por alguma extensão um plano proximamente perpendicular a elles, que os tivesse cortado, dando logar o afastamento das paredes da fenda à formação de um degrau ou saccada, como o representa o seguinte esboço.

aaa bancos de rocha.

ccc fenda longitudinal.

eee parte horisontal da parede da fenda, em que podiam repouzar ossos.

De um e outro lado do jazigo, e cortando perpendicularmente a fenda, que o constituia, existem outras duas fendas transversaes à stratificação, à distancia proxima de dois metros uma da outra. Na intersecção de uma d'estas com a que constituia o jazigo, existia naturalmente um adito mais amplo para este, e que, ou offerecia a largura precisa para descer os corpos, ou foi alargado, do que hoje, não se podem colher provas.

Esta noticia tem por fim registrar factos bem averiguados, mas que hoje não podem observar-se, por ter sido em parte destruido este interessante jazigo de ossos humanos. As condições, em que estes foram encontrados, conhecê-as por informações conformes de diversas pessoas de Monte-real, e particularmente do Snr Antonio de Araujo Lacerda, professor de instrucção primaria, e que presidiu à recollecção dos ossos, enterrados depois no cemiterio da parochia; assim como ao pedreiro Joaquim Ferreira Rito, o mesmo, que os descobriu; concorreu à

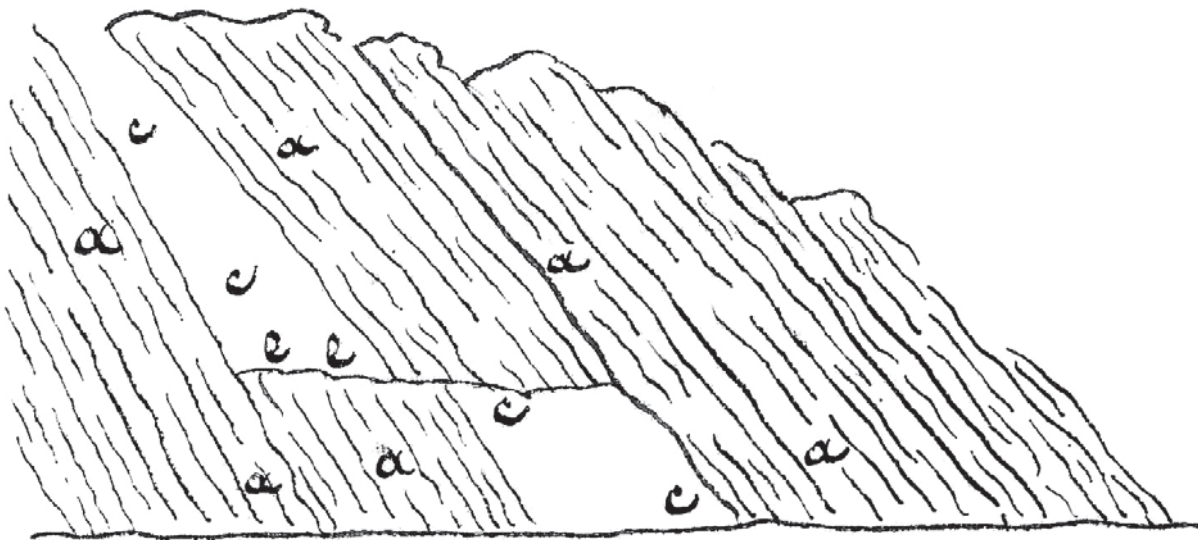


Fig. 7 – Corte esquemático das condições geológicas observadas no local do depósito funerário, correspondente a acumulações de brecha óssea nas fendas concordantes com a estratificação dos calcários ali aflorantes. Desenho em folha solta da autoria de Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral que acompanha o respectivo relatório e dele faz parte integrante.

sua exumação, e recolheu muitos productos d'arte, que com elles se achavam. Tanto a um, como a outro devo o favor de ter, podido recolher alguns d'estes objectos, como uma faca de silex, um machado de grunstein, e uma lamina de louza, que já descrevi, e que offereço à Commissão geologica.

Tanto o fragmento de maxilla superior, como outros ossos, e o fragmento de concha de mexilhão, achei-os uns entre o entulho tirado da cavidade, que continha os ossos, e outros entre a terra argillosa, que enche as suas fendas transversaes, que limitavam o jazigo de um e outro lado, e com elle communicavam. Os ossos, quando o pedreiro Rito os encontrou, estavam envolvidos, ou parcialmente cobertos por uma terra avermelhada, semelhante à que enche algumas das fendas da collina. Na mesma superficie da pedra, em que repouzavam, ainda vi, e ainda lá deixei alguns, de pequenas dimensões, empastados na terra argilloza avermelhada, e endurecida, provavelmente pelo elemento calcareo, proveniente d'elles, de modo que apresentam o aspecto de uma verdadeira brecha ossea.

Devo notar, que, o que eu mesmo vi n'este local, um anno depois de exumada a maxima parte dos ossos, e o que provavelmente ainda hoje alli se pode observar, se explicaria perfeitamente, suppondo, que os ossos humanos, existentes à superficie da terra, tivessem cahido, ou sido arrastados pela acção da agua para fendas da rocha, de mistura com as terras e detritos, produzidos pela acção erosiva dos agentes atmosfericos. Mas os factos comprovados pelo testemunho conforme de diversas pessoas, que viram o jazigo, e assistiram à exumação, não permitem acceitar esta explicação, que daria uma ideia erradissima da proveniencia d'aquelles, e tiraria muita importancia à sua descoberta. A inspecção do local não permite a menor hesitação em attribuir a brecha ossea, e os ossos disseminados nas terras das fendas lateraes, à dispersão de uma parte dos ossos do jazigo pelos agentes naturaes, sabendo-se, que alli se encontraram accumulados um numero consideravel de esqueletos humanos.

De tudo o exposto creio poder concluir-se com segurança o seguinte:

- 1º – Encontrou-se n'uma fenda ou cavidade, aberta, ao que parece, naturalmente, nas rochas calcareas da collina de Monte-real, uma accumulção de ossos humanos, que pela grandesa do espaço, que occupavam não deixavam a menor duvida, de que provinham de corpos, que alli foram inhumados, periodica, e não simultaneamente.*

2º – Estes ossos provinham de individuos de todas as edades, não exceptuando impuberes.

3º – Os dentes, ainda presos ao fragmento de maxilla superior, que pôde ser recolhido, apresentam os signaes de gastamento, que é característico dos dentes humanos, encontrados em outros logares, e que pertenceram a individuos das epochas pre-historicas.

4º – A presença dos objectos de pedra, como facas de silex, machados de grunstein, laminas de louza lavradas e tambem a de conchas marinhas recentes, achadas com estes ossos, não se explica plausivelmente, senão suppondo estes objectos depositados n'aquella sepultura, juncto com os corpos humanos.

Relação dos objectos, que offereço à Commissão geologica, achados na sepultura antiga de Monte-real.

Uma faca de silex em perfeito estado, e não indicando ter sido muito usada.

Uma lamina de louza, de forma quadrangular, affeçoada, tendo um pequeno buraco, como para poder trazer-se suspensa, e desenhos toscos de forma triangular n'uma das faces.

Um machado de rocha amphibolica, ou pyroxenica, a que chamei grunstein.

Um pedaço de concha de mexilhão, achada com os ossos.

Um fragmento de maxilla superior humana tendo ainda implantados quatro dentes molares, e que pertenceu a um individuo adulto, mas jovem, dos que foram enterrados na sepultura antiga de Monte-real.

Uma porção de ossos humanos de diversas partes do corpo, e que tinham cahido do jazigo para as fendas lateraes da rocha.

Uma queixada, que parece de cão, outra, que parece de coelho, outra de um pequeno reptil, achadas nas fendas da rocha em communição com a sepultura, misturadas com outros ossos talvez dos mesmos animaes.

Lisboa, 20 de junho de 1866.

(assinado) Frederico Augusto de Vasconcellos Pereira Cabral.

4 – CONCLUSÕES

Este estudo permitiu obter diversas conclusões, destacando-se as seguintes:

1 – Com base na cuidadosa descrição geológica do local da jazida efectuada por Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral, cerca de um ano depois de terem sido recolhidos os restos humanos, sepultados no cemitério da povoação, permitiu clarificar a natureza da ocorrência arqueológica. A abordagem, de natureza eminentemente científica adoptada pelo autor do relatório na interpretação do depósito funerário pré-histórico, com base em factos de observação por ele descritos, conduziu-o a classificar o local como necrópole colectiva pré-histórica, utilizada durante um determinado período de tempo e não apenas num único momento. Merecem destaque a qualidade das observações e as deduções delas decorrentes, em resultado da formação técnico-científica do autor, na qualidade de engenheiro adjunto à Secção dos Trabalhos Geológicos.

2 – É interessante que, em 1922 se conservava ainda na memória colectiva da população de Monte Real a transladação para o cemitério da povoação dos restos humanos, conforme se encontra registado por mencionado Heleno, que ele refere ter sido realizada em 1864, no que estava correcto, ainda que não tivesse conhecimento do relatório, agora pela primeira vez publicado.

- 3 – A caracterização apresentada por Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral leva à conclusão de que o depósito mortuário correspondia a brecha óssea constituída por ossos que ainda conservavam em alguns casos conexão anatómica, pertencentes a indivíduos de diversas idades. Conforme refere essa acumulação verificar-se-ia em diversas fendas existentes no maciço calcário concordantes com a estratificação, acidentalmente posta à vista talvez devido a trabalhos agrícolas, proporcionando a recolha de espólios arqueológicos e antropológicos pela população. O processo de acumulação de tais restos nas fendas das rochas, segundo o autor do relatório, teria sido natural, em resultado da actuação dos agentes meteóricos; porém, a aludida presença de elementos em conexão anatómica deixa em aberto a possibilidade de se estar perante um depósito funerário secundário, onde tais restos tivessem sido depositados, já desprovidos das partes moles; em abono desta última hipótese é de reter a observação de que o espaço disponível não seria suficiente para albergar quinze corpos que ali pudessem ter sido depositados.
- 4 – Foi neste depósito funerário que se recolheu a placa de xisto, dita de Monte Real, o qual nada tem a ver com uma anta, a “anta de Monte Real”, monumento que, como agora seguramente se conclui, jamais existiu.
- 5 – A intervenção arqueológica levada a cabo por Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral em Monte Real foi das mais precoces realizadas no nosso país, dado ter sido feita apenas um ano depois das escavações efectuadas em 1864 no concheiro mesolítico do Cabeço da Arruda por Carlos Ribeiro e coeva das realizadas em 1865 nas grutas do planalto das Cesaredas – Casa da Moura (Peniche), por Joaquim Filipe Nery Delgado. Deste modo, foi também o sítio onde se recolheu, pela primeira vez, a par da Casa da Moura, uma placa de xisto identificada como artefacto pré-histórico, cuja história pôde ser finalmente completada mediante a publicação do presente relatório. Deste modo, o nome de Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral pode ser considerado como um dos pioneiros da investigação pré-histórica em Portugal. Nome injustamente esquecido, porquanto os seus trabalhos sobre os pretensos testemunhos glaciários na bacia do Douro, conduziram, não obstante, à publicação, em Portugal, dos primeiros materiais paleolíticos, associados à cuidadosa descrição dos depósitos quaternários correlativos. Bastaria tal facto para inscrever o nome deste hoje esquecido engenheiro adjunto da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal entre os dos pioneiros da arqueologia pré-histórica do nosso país, posição que a qualidade do relatório agora publicado de sua autoria, claramente vem confirmar.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Luís Raposo, então Director do Museu Nacional de Arqueologia, por ter autorizado o acesso e estudo do Arquivo de Estácio da Veiga, de onde se reproduziu o decalque da placa de Monte Real.

REFERÊNCIAS

CABRAL, F. V. Pereira (1881) – *Estudo de depósitos superficiaes da Bacia do Douro*. Lisboa: Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal.

- CABRAL, F.V. Pereira (1884 a) – Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro. Présence de l'homme, vestiges d'action glaciaire. *IX Sessão do Congresso Internacional de Anthropologia e de Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1880)*. Actas. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, p. 155-189.
- CABRAL, F.V. Pereira (1884 b) – Vestígios glaciários na serra da Estrella. Rochas striadas, penedos erráticos, morenas. *Revista de Obras Públicas e Minas*. Lisboa. 177 e 178 (separata de 26 p.).
- CABRAL, F.V. Pereira (1887) – Traces d'actions glaciaires dans la serra d'Estrella. Roches striées, blocs erratiques, moraines. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. 1 (2), p. 189-210.
- CARDOSO, J. L. (2008) – Joaquim Filipe Nery Delgado, arqueólogo. In RAMALHO, M. M. (coord.), *Nery Delgado (1835-1908) geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico/INETI/Centro de História e Filosofia da Ciência – FCTUNL, p. 65-81.
- CARDOSO, J. L. (2013) – Carlos Ribeiro, a “Breve notícia acerca do terreno quaternario de Portugal” e a questão do Homem terciário em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 27-88.
- CARDOSO, J. L. (2015) – Carlos Ribeiro and Francisco António Pereira da Costa: dawn of the Mesolithic shellmiddens of Muge (Salvaterra de Magos). In BICHO, N., DETRY, C.; PRICE, T. D. & CUNHA, E., *Muge 150th: The 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge Scholars Publishing, p. 1-18.
- CARDOSO, J. L. (2016) – Báculos e placas de xisto: os primórdios da sua investigação. In *Terra e água. Escolher sementes, invocar a deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2016), p. 69-80.
- CARDOSO, J. L. & COITO, L. C. (2014/2015) – Correspondência de Abel Viana a José Leite de Vasconcelos: do mérito ao reconhecimento. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 4/5, p. 21-83.
- CARNEIRO, A. (2005) – Outside government Science, “Not a single tiny bone to cheer us up!” The Geological Survey of Portugal (1857-1908), the involvement of common men, and the reaction of civil society to geological research. *Annals of Science*, 62, p. 141-204.
- CARNEIRO, A.; MOTA, M. S. & LEITÃO, V. (2013) – *O chão que pisamos. A Geologia ao serviço do Estado (1848-1974)*. Lisboa: Edições Colibri.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- CHOFFAT, P. (1918) – VIII. Biographies de géologues portugais. 11. – Frederico A. de Vasconcelos de A. Pereira Cabral. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa 12, p. 275.
- COSTA, F. A. Pereira da (1868) – *Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Ciências.
- DELGADO, J. F. Nery (1887) – Préface. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa 1 (2), p. V-VII.
- HELENO, M. (1922) – *Antiguidades de Monte Real*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen Band 1).
- MORTILLET, G. de (1868 a) – Dolmens de Portugal. *Matériaux pour l'Histoire Primitive de l'Homme*. Paris. 4, p. 336-339

- MORTILLET, G. de (1868 b) – Monuments mégalithiques du Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Deuxième Session (Paris, 1867)*. Paris: C. Reinwald, p. 180-185.
- SIMÕES, A. F. (1878) – *Introdução à Archeologia da Península Ibérica. Parte primeira Antiguidades prehistoricas*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- SIMÕES, J. M. Oliveira (1922) – *Os Serviços Geológicos em Portugal*. Lisboa: Museu Comercial anexo ao Instituto Superior de Comércio de Lisboa.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1905) – Acquisições do Museu Ethnologico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 11, p. 89-92.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1914) – Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 13, p. 300-323.
- VEIGA, S. M. P. Estacio da (1887) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Tempos prehistoricos. Volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VELHO, E. de Liz (1746) – *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso S. Tórpes*. Lisboa: Na oficina de Miguel Manescal da Costa.

IDOLOS PRERROMANOS INVENTADOS EN EL PORTUGAL ILUSTRADO DEL SIGLO XVIII

PRE-ROMAN IDOLS INVENTED IN THE 18TH CENTURY PORTUGUESE ENLIGHTENMENT

Martín Almagro-Gorbea*

Abstract

Study of 15 idols preserved in various collections in Portugal, such as the National Library of Portugal and the Academia das Ciências de Lisboa. They constitute interesting falsifications of the 18th century, that are cataloged by types. Their iconography was probably inspired in antiquarian engravings by A. Kircher, B. de Montfaucon, the Count of Caylus and J. B. Piranesi. These idols document the interest in pre-Roman divinities emerged in the Enlightenment environment promoted by the Bishop of Beja and Archbishop of Évora, Don Manuel de Cenaculo.

Keywords: Counterfeit, Enlightenment, Historiography, History of religions, National Library of Portugal, Academia das Ciências de Lisboa, Manuel de Cenaculo.

1 – INTRODUCCIÓN

El *Museu Maynense* de la *Academia das Ciências de Lisboa* conserva una interesante colección anticuaría que forma parte de los ricos fondos de dicha institución¹. Entre las piezas de esta colección anticuaría de la Academia das Ciências (CARVALHO, 1993), llamaron nuestra atención dos pequeños ídolos de barro con inscripciones falsas que parecían ser del siglo XVIII, pues podían relacionarse con las figuras representadas en dos láminas que dibujó José de Cornide en sus viajes a Portugal entre 1798 y 1801 (ABASCAL Y CEBRIÁN, 2009), láminas actualmente conservadas en la Real Academia de la Historia de Madrid (ALMAGRO-GORBEA, 2003, p. 349-350).

En el estudio y descripción de ambas figuras para la catalogación de la colección de antigüedades de la *Academia das Ciências*, consideramos que ambas piezas podían considerarse prácticamente únicas por falta de paralelos precisos conocidos, al margen de los dibujos citados de José de Cornide. Sin embargo, algún tiempo después, a través del Prof. José d'Encarnação, conocimos la existencia de otra pieza muy similar conservada

* Universidad Complutense de Madrid. Real Academia de la Historia. Academia das Ciências de Lisboa.

¹ Queremos hacer constar nuestro agradecimiento al Excmo. Prof. Miguel Carlos Ferreira Telles Antunes por su hospitalidad y su guía en nuestra visita a dicha institución, y al Prof. João Luís Cardoso por su sugerencia de estudiar las piezas y por las facilidades dadas para darlas a conocer.

en el *Museu Soares dos Reis*, en Oporto². Al interesarnos por la misma, el Prof. Encarnação nos informó de que también existían otras tres piezas similares en Lisboa en la *Biblioteca Nacional de Portugal*, por lo que todas estas figuras constituyen un interesante conjunto de idolillos falsos, la mayoría de ellos con textos epigráficos inventados. Estos curiosos objetos, por sus características, deben considerarse falsificaciones de finales del siglo XVIII, probablemente creadas a causa del interés por los estudios epigráficos y por el coleccionismo anticuario surgidos entre las elites de la Ilustración. Este es el hecho en el que radica su evidente interés, lo que nos ha movido a publicarlas.

Sin embargo, en nuestras pesquisas en la *Biblioteca Nacional de Portugal* para documentar las tres piezas de las que teníamos noticias por el Prof. Encarnação³, pudimos visitar la Sala de lectura del *Serviço de reservados* de dicha Biblioteca Nacional. En ella se conservan algunas antigüedades, expuestas en vitrinas, sin duda procedentes, al menos en parte, del *Gabinete de Numismática e Antigüedades* de la antigua *Real Bibliotheca Publica da Corte e do Reino* (ALARCÃO Y DELGADO, 1969). Entre las piezas que integran esta colección había varias figuritas falsas del conjunto que aquí se analiza, entre ellas las tres de las que teníamos noticia y otras que considerábamos perdidas, ya que solamente las conocíamos a través de la documentación recogida por José de Cornide en su *Viaje a Portugal* (ALMAGRO-GORBEA, 2003, p. 349-350). En consecuencia, se ha podido identificar un interesante conjunto integrado por 10 figuritas, muy semejantes a las que conserva la Academia das Ciencias de Lisboa y, como éstas, todas ellas inéditas.

A estas piezas conservadas en Lisboa hay que añadir la figura ya citada del Museu Nacional Soares dos Reis de Oporto, albergado en el Palácio das Carrancas, un edificio de arquitectura neoclásica de finales del siglo XVIII, que es el museo público más antiguo de Portugal, pues cuenta con más de dos siglos de existencia. Sus colecciones contienen grabados, mobiliario, cerámica, vidrios y otros objetos reunidos por el escultor portugués António Soares dos Reis (Vila Nova de Gaia, 1847-1889), cuyas colecciones de pintura y escultura constituyen el fondo principal del museo. Entre las colecciones de este museo, se conserva inédito otro de estos ídolos falsos de terracota del siglo XVIII, aunque apenas existen referencias sobre su procedencia, según las noticias recibidas⁴. La documentación del Museu Soares dos Reis indica que esta estatuilla fue adquirida en 1835 en el Alentejo, por lo que se consideraba tradicionalmente que los caracteres que ofrece su escritura se relacionarían con la escritura celtibérica. Esta figura es muy semejante a la de la Academia das Ciencias 2 y a otras tres de la Biblioteca Nacional de Portugal, hasta el punto de que parecen tratarse de copias. Sin embargo, algunos detalles y la inscripción indican que no proceden de un mismo molde a pesar de su gran semejanza, hecho que hace suponer que muy probablemente todas ellas son obra del mismo falsario.

² Agradezco la noticia de la existencia de esta pieza y las fotografías enviadas al Prof. José d'Encarnação, quien me las ha proporcionado con la autorización del Director del Museu António Soares dos Reis, de Oporto, institución a la que agradezco igualmente su colaboración. También quiero expresar mi agradecimiento al Prof. J. d'Encarnação por haberme transmitido la noticia dada por la Dra. Ana Paula Machado, del citado Museo, de que existían otras tres piezas idénticas en la Biblioteca Nacional de Portugal, en Lisboa, igualmente inéditas, que pude conocer gracias a las fotografías enviadas.

³ Conste nuestro agradecimiento a Dr.^a Maria Inês Cordeiro, Directora da Biblioteca Nacional de Portugal, por autorizar el acceso, estudio y fotografía de las piezas, agradecimiento que hacemos extensivo a la Dr.^a Helena Patrício, Directora deL *Serviço dos Reservados*; a Dña. Lúgia Maria de Azevedo Martins, de la Biblioteca Nacional de Portugal, agradecemos su ayuda y a Dña. Margarida Pinto, encargada de la Sala de lectura del *Serviço dos Reservados* de la Biblioteca Nacional de Portugal en la que se exponen las piezas del antiguo Gabinete de Antigüedades de la *Real Bibliotheca Publica da Corte e do Reino*, su eficaz colaboración.

⁴ Quiero agradecer al Prof. J. d'Encarnação la noticia sobre esta figura y las fotografías proporcionadas con autorización del Museu António Soares dos Reis. A esta institución agradezco su colaboración, en especial a la Dra. Ana Paula Machado Santos, Técnica Superior del Museu Nacional de Soares dos Reis de Porto, a través de la cual conocimos la existencia de otras tres piezas idénticas en la Biblioteca Nacional de Portugal, en Lisboa, igualmente inéditas.

El conjunto de todas estas figuritas “falsas” en forma de ídolos está formado en total por 15 piezas. Sus características hacen suponer que son invenciones muy probablemente del siglo XVIII y todas ellas ofrecen características afines, hecho que acrecienta la conveniencia de darlas a conocer. Para ello se ofrece un catálogo al inicio con la descripción de todas las figuras localizadas conservadas en las distintas instituciones. En este catálogo se han agrupado por tipos, que se analizan y estudian tras el catálogo. Las figuras identificadas (Figura 10) son 3 de una deidad capriforme (tipo A), 2 de una deidad femenina A (tipo B), otras 4 de una variante de dicha deidad, que denominamos deidad femenina B (tipo C), 1 corresponde a una figura femenina con una especie de tiara (tipo D), 1 figura de anciano (tipo E), 1 figura de tipo osiriaco (tipo F), 2 de figuras isíacas (tipo G) y otras 2, son figuras “a la romana” (tipo H).

2 - CATÁLOGO

2.1 – Deidad capriforme (Tipo A)

1 – Ídolo de terracota falso de la Academia das Ciencias-1 (Fig. 1, n.º 1)

Dimensiones: Altura máxima: 169 mm. Anchura máxima: 62 mm. Grosor: 15 mm.

Descripción: Figura de terracota cubierta de una pátina de color grisáceo. Ofrece forma de cuerpo humano, pero con cierto aspecto momiforme, lejanamente inspirada en alguna escultura osiriaca.

Muestra una cabeza de aspecto animal, con dos ojos amigdaloides horizontales y las fosas nasales y la boca señaladas, pero su rasgo más característico son dos grandes orejas y unos cuernos curvos hacia atrás de tipo caprino, lo que indica que pretende representar un ser mítico de aspecto zoomorfo. El resto del cuerpo aparece oculto bajo la forma momiforme. La parte trapezoidal que corresponde a los hombros está inclinada y, a continuación, la parte del pecho hasta la cintura es rectangular y casi cuadrada. La zona de las piernas es algo más estrecha y queda enmarcada por dos molduras verticales de sección semicircular, que llegan hasta una pequeña plataforma rectangular sobre la que reposan los pies. Estos se apoyan sobre una pequeña plataforma por debajo de la “túnica” y aparecen hendidos, seguramente para reforzar su aspecto zoomorfo caprino. Tras una pequeña moldura en forma de tosco cuarto de bocel, un pequeño plinto paralelepípedo sirve de basamento a la figura.

Por su parte posterior, la figura es mucho más simple y casi totalmente lisa, aunque leves estrechamientos permiten distinguir la parte triangular de la cabeza con cuatro líneas horizontales en el centro, la espalda cuadrada, con un A incisa que raya la falsa pátina que cubre la superficie, y la parte inferior que corresponde a las piernas sobre la doble plataforma sobre la que se sustenta la figura.

Toda la superficie delantera de la figura aparece cubierta con una inscripción en caracteres griegos, que se distribuye en 11 líneas por las distintas partes del cuerpo. A ambos lados de la cabeza ΓΛ – ΔΡ // ΠΕ – ΔΟ. Sobre el cuerpo: ΘΙΑΧΔΡ // ΜΥΓΟ // ΠΕΣΟΓΡ // ΟΝΣΔΕ. En la parte de las piernas: ΛΓΔΟ // ΝΕΓΡ // ΥΓΛΟΛ // ΟΝΕ. La inscripción resulta ilegible, pero parece emplear algunos signos griegos de época imperial avanzada, como la Σ en forma de C y la Α en forma de Λ.

Bibliografía: Inédito.

2 – Ídolo de terracota falso de la Biblioteca Nacional de Portugal (BNP- 147) (Fig. 1, n.º 2)

Número de Inventario: BNP-147.

Dimensiones: Altura: 150 mm. Anchura máxima: 42 mm. Grosor máximo (en la base): 20 mm.



Fig. 1 – Ídolos de terracota de tipo A: 1, *Academia das Ciências-1*; 2, *Biblioteca Nacional de Portugal (BNP-147)*; 3, *Biblioteca Nacional de Portugal (BNP-151)*.

Descripción: Figura caprimorfa semejante a la anterior, que parece querer representar a una divinidad con atributos caprinos. La superficie está bastante alterada con una pseudo-inscripción griega muy gastada semejante a la de la figura anterior.

Bibliografía: Inédito.

3 – Ídolo de terracota falso de la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-151) (Fig. 1, n.º 3)

Número de Inventario: BNP-151.

Dimensiones: Altura: 150 mm. Anchura máxima: 40 mm. Grosor máximo (en la base): 20 mm.

Descripción: Figura caprimorfa semejante a las anteriores, con la misma pseudo-inscripción griega muy deteriorada. La superficie está bastante alterada y la pieza se ha fragmentado y está incompleta.

Bibliografía: Inédito.

2.2 – Deidad femenina (Tipo B)

4 – Ídolo de terracota falso de la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-189) (Fig. 2, n.º 1)

N.º Inventario: BNP-189.

Dimensiones: Altura: 234 mm. Anchura máxima: 65 mm. Grosor máximo (en la base): 20 mm.

Descripción: Figura de terracota de materia arcillosa cubierta de una pátina de color pardo grisáceo. Ofrece una estructura con notables similitudes con la figura n.º 5, lo que permite presumir que sean obra del mismo falsario.

La figura representa un cuerpo femenino estante apoyado en dos curiosas columnas laterales, dispuestas sobre una base cúbica sobre la que aparecen unos sépalos de los que surge el fuste de la columna, rematado en su parte superior en un capitel de forma paralelepípeda muy plana, sobre el que apoya sus manos el personaje representado. Esta figura femenina lleva una vestimenta compleja y elaborada. La cara conserva la boca, con una extraña prolongación hacia abajo que parece una larga lengua, la nariz y los ojos, mientras que la parte alta de la frente queda cubierta por una especie de diadema o alta cofia y un velo que acaba en una zona estriada en su parte superior.

El cuerpo es rectangular, casi cuadrado, con una incisión a modo de cinturón que la separa de otra parte inferior, que finaliza en forma curva. La parte inferior del cuerpo es algo más estrecha al quedar flanqueada por las dos columnas laterales, en cuya parte superior apoya la figura sus manos. Esa parte inferior aparece cubierta por una prolongación estriada de la túnica de forma triangular, que parece representar una tela plisada a modo de mantilla, que contrasta con la superficie lisa y libre para la inscripción del resto de la túnica. Por debajo del borde inferior de ésta aparecen dos pies humanos con sus dedos señalados, que se apoyan sobre un pequeño plinto rectangular que sirve de soporte a toda la figura.

La parte posterior de la figura es mucho más simple, aunque la toca que cubre la cabeza no finaliza en la cintura, sino que se prolonga en un apuntado apéndice triangular. Esta parte posterior queda totalmente lisa, aunque en el centro de la toca se ha grabado una *B* ligeramente inclinada hacia la derecha que rompe la pátina oscura de la pieza y que es muy semejante a la que ofrece la figura 11, BNP-187 (*vid. infra*). La figura se apoya en su parte inferior en un plinto rectangular.

Toda la superficie delantera del personaje aparece cubierta con una inscripción en caracteres inventados casi idéntica a la de la figura de la Academia das Ciencias-2, igualmente distribuida por las distintas partes del cuerpo con cierto orden, pues la parte del tronco ofrece 24 signos en tres líneas con 8 signos cada una, bajo la línea de la cintura aparecen otros 8 signos y en la parte inferior hay otros 24 signos, que, en las dos primeras



Fig. 2 – Deidad feminina de tipo B: 1, Biblioteca Nacional de Portugal (BNP-189); 2, Academia das Ciencias-2; 3: Biblioteca Nacional de Portugal (BNP-149); 4, Biblioteca Nacional de Portugal (BNP-150).

líneas, aparecen como cubiertos por la tela estriada. Los signos son prácticamente idénticos y, aunque existen pequeñas diferencias en su trazado, cabe suponer que han sido hechos por la misma mano.

Esta figura está completa y relativamente muy bien conservada, sin roturas ni erosiones visibles.

Bibliografía: Inédito.

5 – Ídolo de terracota falso de la *Academia das Ciências-2* (Fig. 2, n.º 2)

Dimensiones: Altura conservada: 172 mm. Anchura máxima: 62 mm. Grosor: 16 mm.

Descripción: Figura de terracota cubierta de una pátina de color pardo-grisáceo como en el caso anterior. Aunque ha perdido la cabeza por rotura, debió ser una figura femenina muy semejante a la anterior, lo que permite presumir que sean obra del mismo falsario.

La figura estante aparece apoyada en dos columnas laterales. Éstas son de forma extraña, con una base cúbica de la que surgen una especie de sépalos y el fuste de la columna en su centro, rematado en su parte superior en un capitel con forma paralelepípeda muy plana sobre el que se apoyan las manos de la figura.

Todo el cuerpo aparece cubierto por una vestimenta compleja y elaborada. La parte del cuerpo es rectangular, casi cuadrada y acaba en una fina incisión a modo de cinturón que la separa de otra parte inferior, que finaliza en forma curva. La zona de las piernas es más estrecha, como en la figura anterior, pues queda flanqueada por las dos columnas laterales, sobre cuya parte superior se apoyan las manos del personaje representado.

Esa parte de las piernas queda cubierta por la prolongación de la túnica, bajo la que todavía se ha colocado una forma triangular estriada que parece representar una tela plisada, que contrasta con el resto de la superficie, que queda lisa y libre para la inscripción. Por debajo del borde inferior de la túnica aparecen dos pies de tipo humano con sus dedos señalados, que se apoyan sobre un pequeño plinto rectangular que sirve de soporte a toda la figura.

Por su parte posterior, la figura es más simple y está totalmente lisa, aunque se distinguen las distintas partes de su cuerpo. La espalda ofrece en su centro un pequeño recuadro cuadrangular, apenas perceptible, con dos incisiones laterales que son la prolongación de la línea del cinturón de la cara delantera. La parte inferior es de forma perfectamente rectangular y destaca entre las columnas laterales y el plinto bajo sobre el que se apoya la figura.

Toda la superficie delantera del personaje aparece cubierta con una inscripción en caracteres inventados que se distribuye por las distintas partes del cuerpo. Su distribución parece hasta cierto punto ordenada, pues la parte del tronco ofrece 24 signos en tres líneas con 8 signos cada una, bajo la línea de la cintura aparecen otros 8 signos y en la parte inferior hay otros 24 signos, que, en las dos primeras líneas, aparecen como cubiertos por la tela estriada.

Bibliografía: Inédito.

2.3 – Deidad femenina (Tipo C)

6 – Ídolo de terracota falso de la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-149) (Fig. 2, n.º 3)

N.º Inventario: BNP-149.

Dimensiones: Altura: 202 mm. Anchura máxima: 58 mm. Grosor máximo (en la base): 17 mm.

Descripción: Figura de terracota parecida a la anterior, pero la materia arcillosa es blancuzca y queda cubierta por una pátina oscura, casi negruzca. Ofrece una forma femenina muy parecida a la de las dos figuras anteriores, lo que hace suponer que sean obra del mismo falsario.

Figura femenina estante apoyada en dos extrañas columnas, dispuestas sobre una base cúbica de la que surgen unos sépalos y el fuste de la columna, que remata en su parte superior en un capitel paralelepípedo muy plano sobre el que apoya sus manos la figura. Ésta ofrece una vestimenta compleja y elaborada, con la cabeza, en la que se aprecia la boca y los ojos, cubierta por una especie de alta cofia o velo acabado en una zona estriada en su parte superior.

El tronco, rectangular, acaba en un cinturón que la separa de la parte inferior que finaliza en forma curva. La parte inferior del cuerpo queda flanqueada por las dos columnas laterales, en cuya parte superior apoya la figura sus manos. Esa parte inferior aparece cubierta por una prolongación estriada de la túnica de forma triangular, que parece representar una tela plisada a modo de mantilla que contrasta con la superficie lisa y libre para la inscripción del resto de la túnica. Por debajo del borde inferior de la túnica aparecen dos pies humanos con los dedos señalados, que se apoyan sobre un pequeño plinto rectangular que sirve de soporte a toda la figura.

La parte posterior de la figura es más simple, aunque la superficie de la túnica, tanto en el tronco como en la parte inferior, ofrece una serie de incisiones y ranuras para representar los pliegues de la túnica. La figura se apoya sobre un plinto rectangular algo irregular.

La superficie delantera de esta figura aparece cubierta con una inscripción en caracteres inventados muy parecidos a los de las figuras anteriores, igualmente distribuidos por las distintas partes del cuerpo, aunque su mal estado de conservación no permite apreciar todos los detalles. Aunque los signos pretenden ser prácticamente idénticos, existen pequeñas diferencias en su trazado, hecho que indica que se trata de una copia.

La figura está completa, pero su estado de conservación es deficiente, pues ha sufrido la rotura de la cabeza por el cuello y el tronco está fragmentado por la cintura y además ofrece múltiples erosiones en su superficie, que han suprimido la pátina y dejan ver la pasta blancuzca de su interior, además de tener pegadas varias etiquetas de identificación.

Bibliografía: Inédito.

7 – Ídolo de terracota falso de la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-150) (Fig. 2, n.º 4)

N.º Inventario: BNP-150.

Dimensiones: Altura: 198 mm. Anchura máxima: 59 mm. Grosor máximo (en la base): 16,5 mm.

Descripción: Figura de terracota muy similar a la anterior y como ella de materia arcillosa blancuzca cubierta de una pátina de color pardo grisáceo. La similitud de estructura y de forma hacen presumir que sean obra del mismo falsario.

La figura representada aparece estante apoyada en dos columnas laterales apenas perceptibles por el mal estado de conservación. Se aprecia con cierta dificultad que se trata de una figura femenina, pues sólo se evidencia su cabeza ovoide con la cara totalmente erosionada, como ocurre con la mayor parte del cuerpo, cuya superficie se halla igualmente muy deteriorada y apenas deja ver algunos signos, que cabe suponer que debieron ser semejantes a los de la figura anterior.

La figura está completa, pero su estado de conservación es bastante deficiente, pues ha sufrido la rotura de la cabeza por el cuello, el tronco está partido por la cintura y ofrece múltiples erosiones en toda su superficie, que han suprimido la pátina y dejan ver la pasta blancuzca de su interior, además de tener pegadas en su cara posterior dos etiquetas de identificación con el n.º 150.

Bibliografía: Inédito.

8 – Ídolo de terracota falso del *Museu Nacional Soares dos Reis* (Fig. 3)

Numero de Inventario: No conocido.

Dimensiones: Altura conservada: 194 mm. Anchura máxima: 60 mm. Grosor: 18 mm.

Descripción: Figura de terracota, «em matéria argilosa», cubierta de una pátina de color blanco amarfilado, con zonas negras, que quizás sean los restos de una pátina anterior oscura. Ofrece la misma forma del cuerpo humano que las figuras anteriores, pero conserva la cabeza. Ésta ofrece la boca, los ojos y la nariz señalados bajo una diadema o alta cofia, que acaba en una zona estriada en su parte superior.

La figura representada aparece estante y apoyada en dos columnas laterales de forma extraña, dispuestas sobre una base cúbica sobre la que aparecen unos sépalos de los que surge el fuste de la columna, rematado en su parte superior en un capitel de forma paralelepípeda muy plana sobre el que se apoyan las manos del personaje representado. El cuerpo aparece cubierto por una vestimenta compleja y elaborada, pero que resulta más tosca que en las figuras anteriores. El cuerpo es rectangular, casi cuadrado, y acaba en una incisión a modo de cinturón que la separa de otra parte inferior, que finaliza en forma curva, aunque esta parte está dañada por una rotura transversal de la figura. La zona de las piernas es más estrecha, como en la figura anterior, al quedar flanqueada por las dos columnas laterales, sobre cuya parte superior se apoyan las manos del personaje. Esa parte aparece cubierta por una prolongación estriada de la túnica de forma triangular que parece representar una tela plisada que contrasta con la superficie lisa y libre para la inscripción del resto de la túnica. Por debajo del borde inferior de ésta aparecen dos pies humanos con sus dedos señalados, que se apoyan sobre un pequeño plinto rectangular que sirve de soporte a toda la figura.

Por su parte posterior, la figura es mucho más simple y queda totalmente lisa, aunque se distinguen las distintas partes de su cuerpo. La espalda ofrece en su centro un pequeño recuadro cuadrangular, apenas perceptible, con dos incisiones laterales que son la prolongación de la línea del cinturón de la cara delantera. La parte inferior es rectangular y destaca entre las columnas laterales y el plinto bajo sobre el que se apoya la figura.



Fig. 3 – Deidad femenina de tipo C del Museu Nacional Soares dos Reis con su estuche de época.

Toda la superficie delantera de esta figura aparece cubierta con una inscripción en caracteres inventados casi idéntica a las de las figuras anteriores, igualmente distribuida por las distintas partes del cuerpo con cierto orden, pues la parte del tronco ofrece 24 signos en tres líneas con 8 signos cada una, bajo la línea de la cintura aparecen otros 8 signos y en la parte inferior hay otros 24 signos, que, en las dos primeras líneas, aparecen como cubiertos por la tela estriada. Los signos son prácticamente idénticos, aunque pequeñas diferencias existentes permiten suponer que ésta figura es copia de la anterior.

Esta figurita conserva el elaborado estuche de cuero en el que se guardaba (Fig. 3,3-4). Es de madera y ofrece forma antropomorfa. Tiene dos partes a modo de tapas de un libro, unidas por pequeñas charnelas; la tapa está pintada de color rojo oscuro y decorada con grabados dorados de motivos vegetales estilizados formando rosetas.

Procedencia: Según la documentación conservada en el Museu Soares dos Reis, esta estatuilla fue adquirida en 1835 y habría sido recogida en el Alentejo.

Bibliografía: Inédita.

2.4 – Figura femenina con tiara (Tipo D)

9 – Figura falsa con inscripción de la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-188), Lisboa (Fig. 4)

N.º Inventario: Museo de la *Biblioteca Nacional de Portugal*, n.º 188.

Dimensiones: Altura: 201 mm. Anchura máxima: 55 mm. Grosor máximo (en el centro): 15 mm.

Descripción: Figura femenina representada con una gran tiara o tocado de plumas? en la cabeza, en cuya frente lleva una diadema con una inscripción de 5 letras, evidentemente falsa, que pudiera leerse como DMIHO?A.

Los brazos caen a los lados a lo largo de cuerpo y los pechos quedan desnudos, aunque el vientre queda cubierto por los pliegues de una túnica de estilo naturalista. Tras una especie de moldura horizontal rectangular, la figura adopta forma de estípite trapezoidal, con una moldura plana en los bordes y una láurea en la parte superior, mientras que la base ofrece forma semiesférica. La parte posterior es totalmente lisa y tiene pegada una etiqueta con el n.º 188.

Pasta de dura de color rojo ladrillo cubierta de un barniz pardo oscuro. Rota por su mitad, pero completa.

La inscripción evidencia que se trata de una falsificación característica del siglo XVIII, como lo indican su soporte en forma de estípite.

Bibliografía: Inédita, pero dibujada por José de Cornide en su *Viaje a Portugal* (véase n.º 9-A).



Fig. 4 – Figura femenina de tipo D con tiara e inscripción: 3.1, *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-188).



Fig. 5 – Dibujo por J. de Cornide de la figura anterior conservado en la *Real Academia de la Historia*, Madrid.

9A – Dibujo conservado en la *Real Academia de la Historia*, Madrid, de una figura falsa con inscripción de la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-188) (Fig. 5)

José de Cornide en su viaje por Portugal entre 1798 y 1801 dibujó dos láminas en las que indica que las figuras originales se conservaban en el Museo de la Real Biblioteca Publica da Corte, de Lisboa. Esta lámina, de 21,5 x 15,5 cm, se conserva actualmente en la Real Academia de la Historia, con en n.º de registro: RAH-BAV1e51. En ella, dibujada a la aguada, se reproduce la escultura anterior con su inscripción.

Dimensiones: La lámina mide 21,5 cm de alto por 15,5 cm de ancho. No indica las dimensiones originales.

Descripción: Representación de un personaje aparentemente femenino con un tocado de plumas en la cabeza y una diadema con una inscripción de 5 letras, evidentemente falsa, que pudiera leerse como DMIHO?A. La parte inferior, en forma de estípite, se ha acortado al dibujarla.

La inscripción evidencia que se trata de una falsificación característica del siglo XVIII, como lo confirma su soporte en forma de estípite⁵.

Bibliografía: ALMAGRO-GORBEA, 2003, p. 349, n.º F147A.

⁵ La figura reproducida a la izquierda de la lámina parece representar una madre con un hijo, quizás una Virgen con Jesús, pero no se conserva su descripción, medidas ni localización, por lo que no se ha incluido con estos idolillos.

2.5 – Figura de sacerdote/anciano (Tipo E)

10 – Dibujo conservado en la Real Academia de la Historia, Madrid, de una figura falsa con inscripción de la *Biblioteca Nacional de Portugal*, hoy desaparecida (Fig. 6, n.º 1).

Representación de una figura dibujada sobre una lámina de 21,5 x 15,5 cm conservada en la Real Academia de la Historia, n.º de registro RAH-BAVle53a.

La lámina reproduce dos figuras falsas con inscripciones, probablemente a tamaño natural, aunque el dibujo no ofrece escala. Fue realizada por José de Cornide en su viaje por Portugal entre 1798 y 1801, en el que indica que los originales se conservaban en el Museo de la Real Biblioteca Pública de Lisboa.

Dimensiones: La lámina mide 21,5 cm de alto por 15,5 cm de ancho, pero no indica las dimensiones originales y esta figura no se conserva en la actualidad.

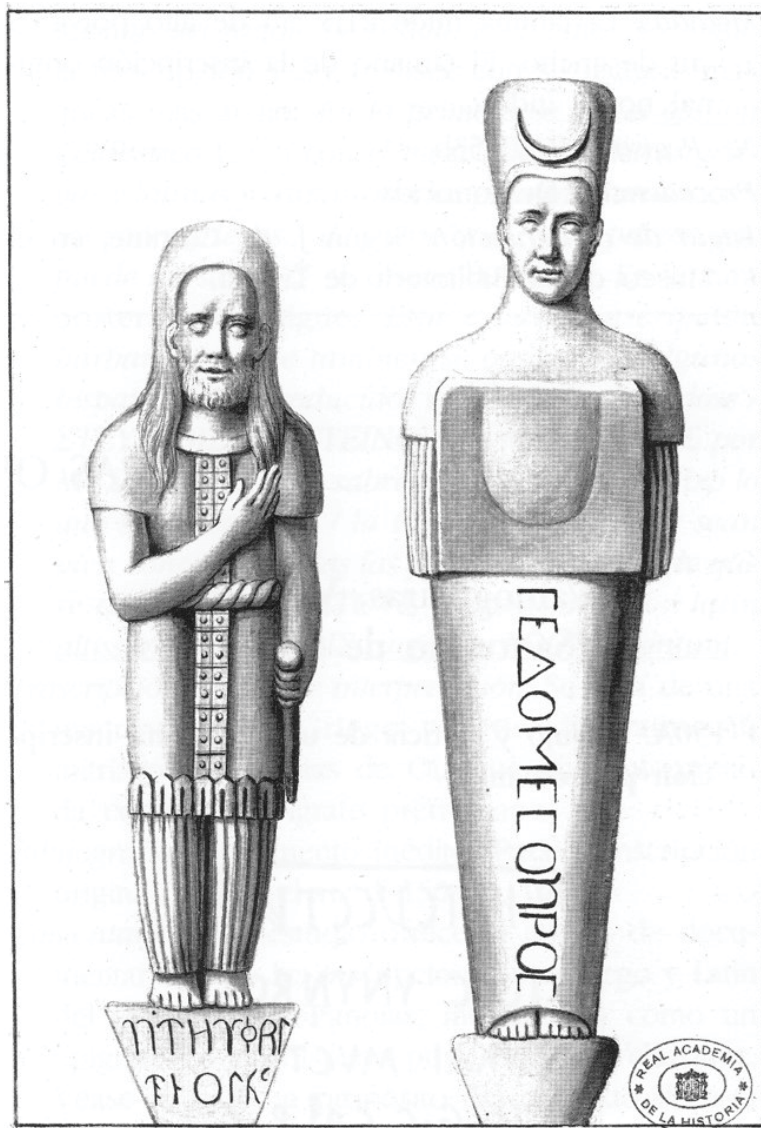


Fig. 6 – Dibujo de J. de Cornide, conservado en la *Real Academia de la Historia*, Madrid, con la figura de tipo E y la figura de la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-187).

Descripción: Figura de un viejo con largos cabellos que caen sobre los hombros, túnica con *pariphe* central ceñida por un cinturón acordonado y pantalón con líneas verticales. Lleva el brazo izquierdo extendido, con el que sostiene un objeto, que pudiera ser una espada, mientras que el brazo derecho está doblado y cruzado sobre el pecho. Aparece estante sobre un plinto pentagonal con una inscripción de dos líneas con 7 y 6 signos respectivamente de un alfabeto inventado totalmente ilegible, pues evidentemente es una inscripción falsa.

Esta escultura, como la siguiente, deben ser consideradas falsificaciones del siglo XVIII, como lo indican sus características estilísticas y las inscripciones falsas que ofrecen, propias de fines del siglo XVIII. Además, ambas ofrecen signos inspirados en el alfabeto griego con alguno inventado, como el que tiene forma de *n* cursiva.

Bibliografía: ALMAGRO-GORBEA, 2003, p. 349, n.º F148A.

2.6 – Figura osiriaca (Tipo F)

11 – Figura falsa con inscripción conservada en la *Biblioteca Nacional de Portugal-6* (BNP-187) (Fig. 7)

N.º Inventario: Museo de la Biblioteca Nacional de Portugal, n.º 187.

Dimensiones: Altura: 201 mm. Anchura máxima: 54 mm. Grosor máximo (en el centro): 15 mm.

Descripción: Figura de arcilla dura de color rojo ladrillo con un núcleo interno parduzco oscuro, cubierta de un barniz pardo oscuro. Rota por su mitad, pero completa.

Representa a un personaje masculino osiriaco en disposición momiforme. Aparece tocado con un alto gorro que recuerda la corona del Alto Egipto, sobre cuya parte frontal aparece un creciente con los cuernos hacia arriba.

Los brazos quedan ocultos y probablemente estarían cruzados sobre la cintura, mientras que el pecho queda tapado por un raro objeto rectangular, quizás destinado a una inscripción que no se llegó a grabar. Las piernas están cubiertas por una túnica trapezoidal, bajo la que se observan las puntas de los pies, apoyados en un zócalo troncocónico. Sobre la túnica se ha grabado una inscripción ilegible, con 12 signos inventados, inspirados en el alfabeto griego: ΓΕΔΟΜΕΣΟΝΡΣ.

Su parte posterior es lisa y mucho más simple, pues sólo se diferencia la cabeza, el tronco, la parte inferior y la plataforma troncocónica sobre la que se sustenta la figura. En la parte central del tronco se ha grabado sobre la superficie patinada una B, ligeramente inclinada hacia la derecha, muy semejante a la que ofrece la figura 4, BNP-189 y, probablemente, trazada por la misma mano (*vid. supra*) y sobre la cintura y en su parte inferior conserva dos etiquetas pegadas con el n.º 187.

Bibliografía: Inédita, pero dibujada por José de Cornide en su *Viaje a Portugal* (ALMAGRO-GORBEA, 2003, p. 349, n.º F148A).



Fig. 7 – Figura osiriaca de tipo F con inscripción conservada en la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-187).

11A – Representación conservada en la *Real Academia de la Historia*, Madrid, de una figura falsa con inscripción de la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-187) (Fig. 6, n.º 2)

Dimensiones: La lámina mide 21,5 cm de alto por 15,5 cm de ancho. No indica las dimensiones originales.

Descripción: Representación de la anterior figura de personaje masculino de aspecto osiríaco en disposición momiforme, tocado con un gorro que recuerda la corona del Alto Egipto y con una inscripción inventada sobre su cuerpo con 12 signos griegos.

La figura aparece dibujada sobre una lámina conservada en la Real Academia de la Historia, N.º de Registro BAVIe53a (ALMAGRO-GORBEA, 2003, p. 450, n.º F149A). El dibujo se llevó a cabo entre 1798 y 1801, por lo que la escultura y su inscripción deben considerarse una falsificación inspirada en elementos egipcizantes del siglo XVIII, probablemente de su segunda mitad.

Bibliografía: ALMAGRO-GORBEA, 2003, p. 350, n.º F149A.

2.7 – Figuras isíacas (Tipo G)

12 – Plaquita con figuras isíacas falsas de la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-148), Lisboa (Fig. 8, n.º 1)

Número de Inventario: BNP-148.

Dimensiones: Altura: 161 mm. Anchura máxima: 47 mm. Grosor máximo (en la base): 16 mm.



Fig. 8 – Plaquetas con figuras isíacas de tipo G: 1, *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-148); 2, *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-152).

Descripción: Plaquita de arcilla amarillenta cubierta de una pátina negruzca bastante perdida. Bien conservada, pero con algunas erosiones en su superficie. En la base de su parte posterior ofrece una etiqueta pegada con el n.º 148.

La plaquita es de forma alargada con la parte superior redondeada como si fuera una estela. Su cara anterior está dividida en dos partes, mientras que la posterior queda lisa. En la cara principal, la parte inferior ofrece dos figuras de tipo isíaco de pie, dispuestas a ambos lados de un pilar vertical. Éste tiene base y capitel formados por simples molduras y su centro queda cubierto por una inscripción pseudo-jeroglífica. Ambas figuras isíacas ofrecen un tocado a modo de corona con trazos inclinados de cuya parte posterior sale un velo, aunque pudiera ser el cabello, que cae por la espalda hasta debajo de la cintura. Visten una larga túnica, de aspecto momiforme, con una cintura bien marcada y ambas elevan un brazo hasta la altura de la cabeza, el izquierdo la figura de la derecha y el derecho la de la izquierda.

Por encima de esta escena y separada por un simple baquetón se ha dispuesto otra escena. En el centro, sobre un podio en forma de templo *in antis* o de templete con cuatro columnas, aparece una tosca figura de toro hacia la izquierda, con la cabeza girada hacia el espectador. A ambos lados del templete aparecen sendas ánforas o jarros de dos asas.

Bibliografía: Inédita.

13 – Plaquita con figuras isíacas falsas de la Biblioteca Nacional de Portugal (BNP-152), Lisboa (Fig. 8, n.º 2)

Número de Inventario: BNP-152

Dimensiones: Altura: 163 mm. Anchura máxima: 47 mm. Grosor máximo (en la base): 15 mm.

Descripción: Plaquita de arcilla amarillenta cubierta de una pátina negruzca semejante a la BNP 148. Bien conservada, pero con erosiones en su superficie.

Bibliografía: Inédita.

2.8 – Figuras “a la romana” (Tipo H)

14 – Figura falsa “a la romana” de la Biblioteca Nacional de Portugal (BNP-153) (Fig. 9, n.º 1)

Número de Inventario: BNP-153.

Dimensiones: Altura: 60 mm. Anchura máxima: 55 mm. Grosor máximo (en la base): 14 mm.

Descripción: Figura de una piedra dura de color verdoso oscuro muy bien pulida y cubierta de una pátina oscura.

Parece tratarse de una figura representada “a la romana”. Ofrece una cabeza con los ojos, la nariz, la boca y las orejas algo esquemáticos pero bien señalados. El cabello, hecho a base de puntos, finaliza en una curiosa corona de laurel, igualmente esquemática, que forma un ángulo en la parte posterior del cuello.

La figura parece vestir una túnica de manga corta con un cuello redondo bordeado por hojas de laurel y ceñida por un gran cinturón representado por un rectángulo con un trazo horizontal en su centro.

La parte posterior del cuerpo ofrece algunos detalles anatómicos de la espalda (¿omóplatos?) y la misma túnica de manga corta con el cuello bordeado de hojas de laurel y el gran cinturón representado por un gran cuadrado con otro cuadrado menor en el centro, cuyo reborde prosigue por debajo de la figura y enlazan con el de la parte anterior.

Bien conservada, pero en el centro de la espalda ofrece pegada una etiqueta con el n.º 153.

Bibliografía: Inédita.



Fig. 9 – Figuras “a la romana”: 1, *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-153); 2, *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-154).

15 – Figura falsa “a la romana” de la *Biblioteca Nacional de Portugal* (BNP-154) (Fig. 9, n.º 2)

Número de Inventario: BNP-154.

Dimensiones: Altura: 74 mm. Anchura máxima: 37 mm. Grosor máximo (en la base): 12 mm.

Descripción: Figura “a la romana” copiada de la anterior, pero hecha de una arcilla amarillenta clara cubierta de una pátina oscura. La cabeza está rota por el cuello y la superficie muestra diversas abrasiones y en la base de la parte anterior ofrece pegada una etiqueta con el n.º 154.

Bibliografía: Inédita.

3 – DISCUSIÓN: LOS IDOLILLOS FALSOS EN LAS TRADICIONES ANTICUARIAS DE LA ILUSTRACIÓN

Este conjunto de pequeños idolitos que conservan diversas instituciones portuguesas ofrece un evidente interés historiográfico, pues testimonian las inquietudes anticuarias por el coleccionismo asociado a los estudios epigráficos surgidos en el Portugal ilustrado del último tercio del siglo XVIII. Todas las piezas analizadas son falsificaciones antiguas, tal como indican sus características técnicas, iconográficas y epigráficas, lo que ratifica su interés historiográfico.

De estos idolillos, dos se conservan en la Academia das Ciências de Lisboa (n.ºs 1 y 5), otras doce en la Biblioteca Nacional de Lisboa (n.ºs 2, 3, 4, 6, 7 y 9 a 15), institución que poseyó otra figurita más, actualmente perdida (n.º 10), que fue documentada por José de Cornide en su Viaje a Portugal entre 1798 y 1801 y que conocemos gracias a los dibujos conservados en la Real Academia de la Historia de Madrid. A estos ejemplares hay que añadir otra figurita que posee el Museu Soares dos Reis, de Oporto, junto a su valioso estuche del siglo XVIII (n.º 8), por lo que el conjunto lo forman un total de 15 figuras.

3.1 – Tipos

Las figuras identificadas ofrecen formas distintas, que permiten agruparlas por tipos (Fig. 10). El tipo A es una deidad capriforme, representada por 3 piezas (Fig. 10, n.º 1 a 3) hechas de arcilla clara cubierta de una pátina parda negruzca que les da un mayor aire de “antigüedad”. El tipo B es una deidad femenina de barro rojo de buena calidad, cubierta, como en el caso anterior, por una pátina oscura (Fig. 10, n.º 4 y 5); a este tipo perte-

Nº	Nº Inventario	TIPOS	FORMA	PASTA	ENGOBE	ALTURA	SIGNOS
1, 2, 3		A	Dios capriforme	amarillenta	oscuro	15/17 cm	pseudo-griego
4, 5		B	Diosa estante	¿rojiza?	oscuro	23,5 cm	pseudo-tartésio
6, 7, 8		C	Diosa estante	amarillenta	oscuro	19/20 cm	pseudo-tartésio
9		D	Diosa con tiara	rojo ladrillo	oscuro	20 cm	inventados
10		E	Sacerdote?	¿?	¿?	¿?	inventada
11		F	Dios osíriaco	rojo ladrillo	oscuro	20 cm	pseudo-griego
12,13		G	Figuras isiacas	amarillenta	oscuro	16 cm	pseudo-egipcio
14		H	“A la romana”	pedra	oscuro	6 cm	NO
15		H	“A la romana”	amarillenta	oscuro	7 cm	NO

Fig. 10 – Cuadro tipológico de los idolillos falsos del siglo XVIII.

nece un ejemplar conservado en la Academia das Ciencias y otro, que parece ser el prototipo, que custodia la Biblioteca Nacional de Portugal. Del tipo B probablemente deriva el tipo C, constituido por 2 figuritas de la Biblioteca Nacional más otra que se conserva en el Museu Soares dos Reis (Fig. 10, n.º 6, 7 y 8). Este tipo C es una variante muy próxima a las figuras de tipo B, aunque de menor tamaño y de peor factura, pues están hechas de arcilla amarillenta cubierta de engobe oscuro de peor calidad y, además, su inscripción copia las de tipo B, pero con algunos errores y alteraciones en el orden de los signos que confirman que se trata de copias. El tipo D lo forma una figura única femenina, conservada en la Biblioteca Nacional de Portugal, con una especie de tiara (Fig. 10, n.º 9), hecha de arcilla rojiza de tipo “ladrillo” cubierta de un engobe oscuro. Las características de la pasta y el engobe aproximan esta figura al tipo F, también constituido por una sola figura, de tipo osiríaco, igualmente conservada en la Biblioteca Nacional. El tipo E es una figura de hombre viejo con un extraño vestido con pantalones; en la actualidad no se conserva, pues sólo es conocida por el dibujo que hizo de ella José de Cornide en la *Real Bibliotheca Publica da Corte e do Reino*, por lo que desconocemos sus características y medidas. El tipo G lo integran 2 figuras isíacas de pasta amarillenta y engobe oscuro, con inscripciones pseudo-jeroglíficas, ambas conservadas en la Biblioteca Nacional de Portugal. Finalmente, el tipo H lo forman dos figuras vestidas “a la romana”; una de ellas parece ser de piedra (Fig. 10, n.º 14) y otra, que la imita, es de arcilla amarillenta cubierta de engobe oscuro y, como la anterior, carece de inscripción (Fig. 10, n.º 15), ambas conservadas en la Biblioteca Nacional de Portugal.

Los tipos señalados, a su vez, se pueden agrupar según sus pastas. La mayoría de las piezas, las pertenecientes a los tipos A, C, G y H, ofrecen una pasta de tipo amarillento cubierta de una pátina más o menos oscura, de tonos pardo-grisáceos. Por el contrario, las piezas de los tipos D y F tienen una arcilla de color rojo ladrillo y también es rojiza la pasta de una de las figuras de tipo B, lo que permite suponer que también tenga ese tipo de pasta la otra figura, en la que no se ha podido observar este detalle. Finalmente, la pieza de la Fig. 10, n.º 10, del tipo E, no se conserva y el ejemplar de la Fig. 10, n.º 14 parece ser de una piedra pulimentada.

En lo que respecta a su tamaño, éste es relativamente uniforme. Las piezas de barro rojo, de los tipos B, D y F, son las que tienen mayor altura, entre 23 y 20 cm, mientras que las de pasta amarillenta de los tipos A, C, G y H, miden entre 20 y 15 cm, con la excepción de la pieza n.º 15 del tipo G, que sólo mide 7 cm de altura. De este simple análisis parece desprenderse la existencia de dos talleres principales, un *Taller 1*, que usa barro rojo para las figuras de mayor tamaño y calidad de los tipos B, D y F, y un *Taller 2*, que empleó un barro amarillento, más frágil y friable, usado para hacer figuras de menor tamaño y también de peor calidad. Cada uno de estos “talleres” pueden ser obra de un mismo falsario, sin excluir que ambos procedan de la misma mano, más cuidadosa en las producciones del Taller 1, que cabría suponer que fueran las originales, y más descuidadas en las del Taller 2, que evidentemente se trata de copias en las figuras del tipo A y C.

3.2 – Iconografía

Es un tema complejo, pero de indudable interés, analizar la iconografía de estas figuras para intentar precisar su significado y su origen o inspiración, tarea dificultada por el grado de invención que ofrecen estas falsificaciones. En el fondo, en todas ellas parece subyacer la idea de documentar las divinidades prerromanas de Portugal, cuya iconografía era totalmente desconocida en la época, aunque sabemos que Bernard de Montfaucon (1722, p. 439-440) se interesó por Endobélico, según transmite el Anticuario de la Real Academia de la Historia Miguel Pérez Pastor (1760, p. 74, § 60) en su *Disertación sobre el Dios Endovellico* (Fig. 11).

Por otra parte, es posible que quizás la invención de estos ídolos falsificados pudiera haberse visto estimulada por el descubrimiento de los primeros exvotos ibéricos en los santuarios de Sierra Morena

(NICOLINI, 1969), ya que resultan próximos geográficamente y fueron dados a conocer a mediados del siglo XVIII (NICOLINI, 1973, p. 10) por el Anticuario de la Real Academia de la Historia, Miguel Pérez Pastor (1760, p. 77 s. lám. 1, aunque la Fig. 3 parece ser un bronce romano), quien refiere la noticia de que en Vilches, cerca de Sierra Morena, “halláronse más de trescientos idolillos”. Respecto a esta noticia, es interesante observar que en esa época estos exvotos ibéricos eran denominados “idolillos”, y que Pérez Pastor identificó en ellos figuras “de Isis, Osiris y Priapo...”, lo que deja entrever la conexión con ideas sobre la religión egipcia que empezaba a ser conocida, asociada a los inicios de la “egiptomanía” en la Europa de la época (CALATRAVA, 1992; GÓMEZ ESPELOSÍN & PÉREZ LARGACHA, 2003), antes del redescubrimiento del Egipto faraónico en la expedición militar de Napoleón a Egipto de Napoleón Bonaparte (1798-1801), quien, emulando a Alejandro Magno, llevó con su ejército una comisión de 167 científicos y dibujantes, cuyos trabajos se publicaron en 24 volúmenes en la famosa *Description de l'Égypte* entre 1809 y 1822 (AA.VV., 1809-1822), que lograron un mayor conocimiento del Antiguo Egipto y dieron lugar a una nueva fase en la egiptomanía (ALMAGRO-GORBEA & RODRÍGUEZ VALLS, 2015).

En la tipología que ofrecen estos “idolillos” destacan las figuras femeninas de los tipos B y C, que parecen muy probablemente representar una divinidad. Estas figuras femeninas pudieran haberse inspirado, muy lejanamente, quizás, en esculturas clásicas de formas xoánicas, como alguna escultura de Cibele (MONTFAUCON, 1719, p. 19, lám I) o como la Diana de Éfeso (MONTFAUCON, 1719, lám. XCIII-XCVI; BALTRUSAITI, 2006, Fig. 47 y 59 a 63, 68, etc.). La pieza mejor elaborada puede considerarse la que posee la Biblioteca Nacional-1 (n.º 4), que es también la mejor conservada y la que pudiera ser considerada como prototipo del grupo. Muestra una inscripción de gran calidad con caracteres aparentemente inspirados en la escritura tartesia del Suroeste descubierta por esos años y su vestido tiene un velo con una prolongación triangular en la parte posterior ausente en las restantes piezas. Muy próxima a ella y de la misma calidad puede considerarse la figura conservada la Academia das Ciencias-2 (n.º 5), que apenas ofrece diferencias en la



Fig. 11 – Exvotos ibéricos de bronce de Sierra Morena considerados como “idolillos” en el siglo XVIII (PÉREZ PASTOR, 1760, lám. I).

escritura, aunque su parte posterior es más simple y carece de la prolongación triangular del velo que ofrece la figura n.º 4. Copia de estas figuras de tipo B parece ser el tipo C, cuyas figuras se conservan en el Museu Soares dos Reis (n.º 6) y en la Biblioteca Nacional-2 (n.º 7) y Biblioteca Nacional-3 (n.º 8); todas ellas ofrecen la misma forma que la de la Academia das Ciências-2, pero son de peor estilo y ofrecen algunas diferencias en los signos, que se explicarían por ser copia de las figuras citadas de tipo B.

Entre las figuras masculinas, destacan las que ofrecen un aspecto momiforme, probablemente inspiradas, más que en *ushebtis*, en esculturas osiriacas tomadas de publicaciones disponibles en la época, como las de Athanasius Kircher (1678, 12 s. lám. 5ª), Bernard de Montfaucon (1719; *id.*, 1722 ; *id.*, 1724), el Comte de Caylus (1752) y Giovanni Battista Piranesi (1769; WITTKOWER, 1979). En este grupo se integran la figura osiriaca de la Biblioteca Nacional (n.º 11) y, más lejanamente, las figuras caprifformes de esa institución y de la Academia das Ciências (n.º 1 a 3).

La figura n.º 11 pudiera haberse inspirado en *herma* de dioses clásicos como Mercurio (MONTFAUCON, 1719, lám. LXXVII, 4, 5, 6, 8 y 1), Hércules (*ID.*, lám. CXXXV) o Priapo (*ID.*, lám. CLXXIX-CLXXX), pero su aspecto momiforme más bien parece inspirarse en figuras de dioses egipcios como Osiris (MONTFAUCON, 1722, p. 278, lám. CVI y CXVIII) o Ptah (CAYLUS, 1752, tomo V, lám. XXII,I), más que directamente de *ushebtis* o de momias egipcias (MONTFAUCON, 1724, lám. XXXIX; CAYLUS, 1752, tomo I, lám. I, XI, etc.), y sus brazos cruzados sobre la cintura como la parte inferior troncocónica parecen inspirarse en algún grabado de Piranesi (PIRANESI, 1769, p. 104 y 124), mientras que el creciente puesto sobre el gorro de tipo egipcio que lleva pudo ser una idea quizás tomada de una imagen de la Diana gala (MONTFAUCON, 1724, lám. XIX, 2), pero, más probablemente en este contexto, debe proceder de la ilustración de alguna escultura egiptizante conocida en la época, como la Isis de Tournai (CANNEGIEETIER, 1764; BALTRUSAITI, 2006, fig. 58).

También sin duda de inspiración egipcia son las figuras isíacas del tipo G (n.º 12 y 13), que deben haberse tomado de publicaciones de la época (MONTFAUCON, 1722, p. 338, s., lám. CXXXVIII; CAYLUS, 1752, V, lám. VIII), lo mismo que su asociación a una línea de pseudo-jeroglíficos en disposición vertical (PIRANESI, 1769, p. 150), mientras que el toro de su parte superior parece inspirado en el buey Apis (BALTRUSAITI, 2006, p. 100 s.), representado con frecuencia en la obra de Piranesi, incluso sobre un pedestal, como en esta pieza (PIRANESI, 1769, p. 116 y 124). Más difícil es rastrear el origen de la diadema de la figura n.º 9, cuyos paralelos son imprecisos (MONTFAUCON, 1722, p. 322, lám. CXXXII,4), aunque pudiera pensarse en las pelucas de la diosa Isis (MONTFAUCON, 1724, lám. XXXVIII) o en las de alguna terracota romana.

Más complejo, pero muy interesante, es analizar el origen de las interesantes figuras caprifformes de la Academia das Ciências (n.º 1) y de la Biblioteca Nacional de Portugal (n.ºs 2 y 3). Sus características técnicas y formales la asocian a las figuras anteriores, pero a su peculiar forma se añade una inscripción ilegible con signos tomados del alfabeto griego. Este detalle permite relacionarla con las piezas n.ºs 9 y 11 de la Biblioteca Nacional, cuya iconografía no queda muy alejada.

Estas figuras no parecen inspiradas, ni lejanamente, en esculturas clásicas, como el dios Pan o los sátiros, concebidos con cuerpo humano y cuernos y patas de macho cabrío (RÖSCHER, 1893; *ID.*, 1965; BERGEAUD, 1979). Su disposición momiforme más bien hace suponer que su modelo se inspirara en publicaciones del siglo XVIII con alguna divinidad egipcia de cabeza zoomorfa y de tipo osiriaco o momiforme (CAYLUS, 1752, tomo V, lám. I, II, V, VI, etc.), aunque la mayoría de sus detalles reflejan la fantasía de su autor, fruto de su época. Su estructura momiforme excluye que el falsario quisiera haber representado un dios pagano de la fertilidad del mundo clásico, como Pan, divinidad concebida con cuerpo humano con cuernos y patas de macho cabrío (RÖSCHER, 1893; BERGEAUD, 1979; BOARDMAN, 1997), ya que más bien parece haberse inspirado en divinidades egipcias con cabezas zoomorfas (CAYLUS, 1752, tomo V, lám. I, II, V, VI, etc.).

El modelo quizás se tomase de alguna publicación del siglo XVIII, a lo que la fantasía del falsificador añadió una estructura humanoide con rasgos zoomorfos caprinos, en especial las pezuñas, que denotan su relación con la imagen popular del diablo y demás seres infernales con “pe de cabra”, bien conocidos en el folklore portugués (HERCULANO 1843, reed. 2012), pues también una diosa con pata de cabra era la diosa *Mari* del País Vasco según indica en el siglo XIV Pedro Afonso de Portugal, Conde de Barcellos, en su *Libro dos Linhagens* (MACHADO, 2011; ALMAGRO-GORBEA, 2013, p. 439, 10). Se trata de una leyenda que se ha considerado melusiana, pero que procede del substrato local prerromano, pues está documentada en Portugal, por ejemplo, en el castro de San Bras, en Torre de Dona Chama, Mirandela, y también es característica de la tradición española, tal como representaba al diablo en 1798, en esas mismas fechas, Francisco de Goya (Fig. 12) (GUARDIA, 1981).

Esta identificación del macho cabrío con divinidades infernales debe considerarse procedente de la tradición cristiana de atribuir al diablo forma caprina, tradición que, a su vez, se remonta a la Biblia. En efecto, el *Levítico* (17,7) y el libro 2 de las *Crónicas* (11,15) utilizan el término *se'irim*' (plural de *sa'ir*' el “velludo”) para referirse a un ser al que se rinde adoración y se ofrendan sacrificios como máxima evidencia de idolatría, por lo que, en ocasiones, como en la *Vulgata latina*, es traducido como “los demonios”. Sin embargo, parece más acertada la traducción como “demonios en forma de macho cabrío, demonios capriformes” usada por lexicógrafos actuales (KOEHLER & BAUMGARTNER, eds., 1958, p. 926; BROWN, DRIVER & BRIGGS, 1980, p. 972), aunque la traducción de *se'irim*' más precisa sería “*numina* o dioses (demonios) velludos con forma de macho cabrío”. En este sentido, el libro de *Josué* (24,14) recoge que los israelitas habían adoptado ritos falsos de Egipto y también cuenta la Biblia como Jeroboam había nombrado sacerdotes “para los lugares altos, *para los dioses capriformes* y para los becerros que había fabricado (2 Cr. 11,15), por lo que el *Levítico* (17,7) prohíbe expresamente hacer “sacrificios a los demonios capriformes”.

Esta divinidad capriforme se ha relacionado con la noticia transmitida por Herodoto (II,46) de que en el nomo de Mendes, en el Bajo Egipto, se adoraba a una antigua divinidad con cuerpo humano y patas y cabeza



Fig. 12 – *Aquelarre*, por Francisco de Goya, Museo Lázaro Galdiano, Madrid.

inicialmente de carnero, como el dios Amón (BEHRENS, 1986), denominado *Per-Banebdjedet* o *Banebded*, que significa “El dominio del Carnero, señor de *Dyedet*”, que pasó posteriormente a convertirse en una divinidad con cabeza de macho cabrío (DE MEULENAERE, 1982, col. 44). De esta divinidad egipcia, según Herodoto, derivarían el dios griego Pan y los sátiros, generalmente representados con rabo, cuernos y patas de cabra, pero ya de estilo clásico (WERNICKE, 1965; BOARDMAN, 1997). Esta divinidad bíblica, posiblemente de origen egipcio, concebida como símbolo de la idolatría entre los israelitas, se convirtió en el demonio *Azazel* (*Lev.* 16,11-14; LONGMAN III & GARLAND, eds., 2008, p. 721), “el chivo expiatorio”, al que se rinde culto como divinidad en la Biblia (*Lev.* 16,8-10), y que, considerado el “Ángel caído”, a partir de la Edad Media, se representó con rabo, cuernos y patas de macho cabrío. Esta figura de la Biblia, relacionada con los ritos judíos del “Día de la Expiación” que se celebraba entre septiembre y octubre, atrajo el interés de los estudiosos en el siglo XVIII (WINCKLERO, 1736, p. VII s.), lo que ayuda a explicar el probable origen de la forma tan peculiar que ofrecen estas figuritas falsas de ídolos capríformes supuestamente prerromanos.

Finalmente, es más difícil clasificar la figura perdida de la antigua *Real Bibliotheca Publica da Corte e do Reino* (n.º 10), que conocemos gracias a la lámina conservada de la Real Academia de la Historia con el dibujo que hizo de ella José de Cornide. Consiste en una figura masculina barbada vestida con una túnica y un extraño pantalón con una inscripción fantasiosa de caracteres inventados. La vestimenta pudiera ser de lejana inspiración persa, por lo que cabe suponer que el falsario quisiera representar a un sacerdote de esos supuestos cultos orientales.

Otro aspecto de interés son los caracteres inventados que tienen las inscripciones. Un primer grupo ofrece signos ilegibles, pero claramente inspirados en el alfabeto griego. En él hay que incluir las inscripciones de la Academia das Ciencias-1 y las de la Biblioteca Nacional 4, 5 y 6, documentadas por Cornide. Este tipo de inscripciones pseudo griegas son características de las falsificaciones anticuarias del siglo XVIII, de las que la Real Academia de la Historia conserva una abundante documentación (ALMAGRO-GORBEA, 2003, *passim*). Sin embargo, el grupo más interesante lo forman las inscripciones ilegibles que ofrecen las figuras femeninas, con signos que en su mayoría son inventados, pero que parecen inspirados en el signario tartesio del Suroeste, aunque en algún caso, como en la figura conservada en el Museu de Soares dos Reis, en las líneas 6-7 de la inscripción, pudiera leerse, no sin dificultad y de forma muy corrupta, APHODI..

A este respecto, es interesante tener en cuenta la enorme documentación de inscripciones falsas que llegó a reunir la Real Academia de la Historia en el siglo XVIII como consecuencia de las invenciones recogidas en recopilaciones del siglo XVIII, en las que este tipo de falsificaciones eran habituales (HÜBNER, 1893, p. II s.; ALMAGRO-GORBEA, 2003). Como señalaba hace años Helena Gimeno (2001, p. 93), “las inscripciones, testimonio infalible de la *Veritas*, que servían para la reconstrucción del pasado, fueron sin embargo manipuladas o inventadas por obra de una pléyade de falsarios que acabaron provocando una situación de confusión en la reconstrucción del pasado que exigió una revisión crítica de la documentación utilizada”. En consecuencia, estos “idolillos” portugueses con inscripciones que aquí se dan a conocer, como las falsificaciones epigráficas reunidas en la Real Academia de la Historia, documentan este ambiente anticuario del siglo XVIII, por lo que son esenciales para su comprensión.

Este ambiente de falsarios, que procede del Renacimiento (GONZÁLEZ GERMAIN & CARBONELL, 2012), lo ilustran los más de 350 documentos de 163 epígrafes falsos que conserva la Real Academia de la Historia (ALMAGRO-GORBEA, 2011), en los que predominan inscripciones romanas (*ID.*, 2003, n.º F-13, F-123, F-152) y también griegas (*ID.*, n.º F-58, F-117, F-116, F-136, F-150, F-161) e indígenas (*ID.*, n.º F-1, F-4 a F-6, F-51 a F-53, F-61 a F-88, etc.) atribuidas a época prerromana. Predominan transcripciones y dibujos de recopilaciones fraudulentas inventadas en el siglo XVIII, como las atribuidas a Pedro de Valera y a Juan Fernández

Franco (*ID.*, p. 413 s. y 416 s.), que se copiaban y pasaban de un manuscrito a otro. Las primeras falsificaciones llegaron a la Real Academia de la Historia a partir de mediados del siglo XVIII, pues no parece haber ningún documento falso anterior a 1750, lo que hace suponer que este interés por la epigrafía prerromana se acrecentaría a partir de la publicación del libro *Ensayo sobre los alfabets de las letras desconocidas* en 1752 por L. J. Velázquez, Marqués de Valdeflores (VELÁZQUEZ, 1752). Del decenio de 1750-1760 son 115 documentos recogidos por Velázquez referentes a 41 epígrafes diferentes procedentes de un supuesto manuscrito falsamente atribuido a Pedro de Valera, teóricamente ya existente en 1680, aunque no hay indicios de que haya sido conocido antes de 1752 (*ID.*, p. 413 s.). Otro importante lote lo forman 21 epígrafes referentes a famosas falsificaciones de Granada, a los que corresponden 51 documentos (ALONSO, 1979; HAGUERTY, 1980 (reed. 1998); ROLDÁN, 1985; ÁLVAREZ BARRIENTOS Y MORA, 1985, p. 163-189). Entre estos documentos falsos que Velázquez erróneamente consideró de época prerromana destacan 13 epígrafes por él considerados griegos que evidencia su interés por esta epigrafía, de los que 10 son falsos y 3 de época romana. Ya en el tercer cuarto del siglo XVIII se incorporaron dos manuscritos atribuidos a Juan Alonso Fernández Franco (ALMAGRO-GORBEA, 2003, p. 416 s.), uno de ellos fechado con seguridad en 1775, con un total de 113 documentos referentes a 57 inscripciones y de ese decenio de 1770-1780 otros 33 documentos de 14 epígrafes falsos que hay que atribuir a Faustino de Muscat (*ID.*, p. 429 s.), lo que permite comprender el auge de las falsificaciones epigráficas prerromanas durante el tercer cuarto del siglo XVIII.

Sólo como un ejemplo, cabe citar, por su mayor proximidad, diversas fichas de una de las inscripciones falsas recogidas por Luis José de Velázquez antes de 1763 y cuyo original, que no llegó a ver, indica que procedía de Paimogo, en el Campo de Andévalo, en Portugal. La ficha dice: *En Paimogo. Villa del R. de / Sev^a.- en el partido q. lla/man Campo de Andevalo / traída de lo alto de un monte. / Mss. de Valera, q. la vio, y / copió. AN* etc: (N.º 7º.) / esto es: ANDEBEILIC / APEPD. PENONIS.* Velázquez ofrece la transcripción latina del epígrafe “*Antubeli et Marti sacri/cantes domestici eunt*”, así como la griega, “*Ανδεβελις Ἄρειο ρεδώντες ἐνδόνεϋ νίϋνονται*”, “*Los criados vuelven sacrificando a Andubeles y a Marte*”. Esta inscripción es claramente falsa, como ya vio Hübner (HÜBNER, 1893, p. 212, n.º LXII*), pero tiene el interés de que pretendía referirse a una divinidad de nombre *Andebelis*, evidentemente inspirada en el teónimo *Endovelicus*, tomado de L. A. Muratori (1739, lám. C,2) o, más probablemente, de la cita de éste por L. J. Velázquez (1752, p. 98). A este dios le dedicó una monografía M. Pérez Pastor (1760) y otra un siglo después Antonio da Visitação Freire (1842) y de él existen otras inscripciones falsas (ALMAGRO-GORBEA, 2003, n.º F-94 y F-149A), pues ha llamado la atención desde entonces al ser considerado una de las más importantes divinidades de la Lusitania (VASCONCELLOS, 1897; ENCARNAÇÃO, 1975).

Este contexto ayuda a comprender el origen de los signos empleados -y copiados con cierta libertad- en los epígrafes de los idolillos falsos que analizamos, en los que también se refleja la fantasía de su autor. Sin embargo, algunos ductus y la tendencia a signos inventados con trazos paralelos inclinados hacen suponer que, probablemente, se inspiran, -no copian-, en los de las estelas epigráficas reunidas en esos años por el gran Manuel del Cenáculo y que dibujó en su famoso *Álbum* (lám. 91-96). En efecto, estas falsificaciones, que pretendían pasar por ídolos prerromanos, alguna de ellas ya copiadas por José de Cornide en su viaje por Portugal hacia 1800, parecen haberse inspirado en las primeras inscripciones tartesias conocidas, que recogió y documentó el erudito Ilmo. y Excmo. Señor Don Fr. Manuel del Cenáculo Vilas Boas (Lisboa, 1724-Évora, 1814), ilustre Académico de Mérito de la Real Academia das Ciencias de Lisboa (MORATO, 1815, p. LXIII-CVIII), que también fue Académico Supernumerario de la Real Academia de la Historia de Madrid desde 1796 (CAPMANY, 1796, p. CXXXIX), probablemente a propuesta de José de Cornide, aunque también mantuvo

correspondencia con Pedro Rodríguez Campomanes y otros importantes miembros de la Real Academia de la Historia (BARAJAS SALAS, 1994, 517-562).

Se trata de inscripciones sin duda surgidas del círculo anticuario ilustrado impulsado por Cenáculo, cuya actividad anticuaria en su diócesis de Beja le llevó a ser pionero en el estudio de la epigrafía tartesia, recogida en su famoso *Album Cenáculo*, conservado en la Biblioteca de Évora por el fundada (CENÁCULO, s.a., lám. 91-96). Este contexto histórico explica cómo pudo surgir la idea de estas falsificaciones de tipo anticuario en el siglo XVIII, probablemente en su último tercio. En efecto, estas figuras ofrecen notable similitudes entre sí, aunque alguna muestre forma capriforme o momiforme, pero su técnica y sus inscripciones ilegibles en caracteres pseudo griegos o pseudo tartesios indican que fueron obra de un mismo falsario, que debió actuar antes del viaje de José de Cornide a Portugal entre 1798 y 1801 (ABASCAL Y CEBRIÁN, 2009), cuando éste ya documentó en dos láminas alguna de las figuras que se conservan en la Biblioteca Nacional de Lisboa, aunque no se han conservado ni sus descripciones ni sus medidas. Dichas láminas confirman que esas falsificaciones son anteriores a esa fecha, aunque su relación con los descubrimientos epigráficos de Cenáculo hace pensar que se crearon ya en la segunda mitad del siglo XVIII, con más exactitud, en su último tercio.

Es evidente que todas estas piezas pretendían pasar por ídolos prerromanos. Este interés anticuario debe relacionarse con el círculo ilustrado impulsado por Manuel del Cenáculo. No es necesario hacer el elogio de este conocido personaje de la Ilustración Portuguesa, ni de trazar su biografía, pero sí es importante señalar algunas características de su polifacética personalidad para valorar correctamente estos curiosos ídolos falsos en su contexto histórico y cultural. Manuel del Cenáculo es una figura clave de la Ilustración en Portugal (MARCADÉ, 1978) y se ha indicado con acierto que fue “o homem da sua época por excelencia” (CAEIRO, 1960: 189). Protegido por el Marqués de Pombal en la política jansenista y regalista de la época (ESTEVEZ PEREIRA, 1989: 155 s.; VAZ, 2005), era de vasta cultura y un gran amante de los libros, por ser gran lector y notable escritor (VAZ, 2003), lo que explica su particular interés por crear bibliotecas (VAZ, 2003; *id.*, 2009, *id.*, 2009,a; VAZ & CALIXTO, eds., 2006; BRIGOLA, 2006; DOMINGOS, 2006; etc.), como la Biblioteca de la Real Academia de Ciencias de Lisboa, la Biblioteca de la Mesa Censoria que transformó en Biblioteca Nacional, en la que se guardaban y aún se guardan varias de estas figuras, la Biblioteca de su Palacio Episcopal de Beja y la Biblioteca de Évora, por lo que hay que destacarlo como gran figura en este campo tan importante y característico de la Ilustración.

En su vida tuvo gran importancia su viaje a Roma en 1750 para participar en el Capítulo de la Orden Tercera de San Francisco, a la que pertenecía y de la que fue nombrado Provincial en 1768 (CENÁCULO, 1790; MARCADÉ, 1971). Cenáculo aprovechó este viaje para visitar numerosas bibliotecas, ver colecciones y monumentos, ampliar su cultura y establecer contactos, pues también se ocupó en organizar una red de correspondientes (VAZ, 2011, p. 214-216), apoyada en los numerosos contactos establecidos durante su viaje a Roma al acudir como representante de la Provincia Portuguesa al Capítulo General de la Orden Tercera.

Pero el hecho determinante para contextualizar estos curiosos ídolos falsos es el interés de Cenáculo por las antigüedades. Su afición por ellas debió surgir en su viaje a Roma, pero se vería impulsado por sus amplias lecturas y contactos ilustrados, dado su interés general por la Historia, en especial durante el decenio de 1770 a 1780 (BRIGOLA, 2003, 2003, a; CAETANO, 2005; PATROCINIO, 2006; MORAIS, 2011), años en los que se dedicó con mayor ahínco a formar una colección de antigüedades en su obispado de Beja (CAETANO, 2005, p. 50).

En efecto, fue trascendental en su afición por coleccionar antigüedades su nombramiento como Obispo de Beja en 1770, sede que siguió ocupando cuando fue propuesto como Arzobispo de Évora en 1802, cargo ostentado hasta su fallecimiento en 1814, a los 90 años de edad. En su obispado de Beja, dentro de sus cultas

iniciativas de hombre ilustrado, fundó la *Academia Eclesiástica de Beja* (1793), pero más significativo para este análisis es su interés en visitar yacimientos arqueológicos, como Mértola o *Mirobriga* y en realizar excavaciones, como en el *oppidum* de Cola, cerca de Ourique (MORAIS, 2011). Con todos los hallazgos por él reunidos formó una interesante colección de antigüedades, que incluía un lapidario, monedas y objetos diversos, a lo que se añadían sus libros y documentos. Con todo ello, en la Biblioteca por él creada en su Palacio de Beja, siguiendo las tendencias de la época (ALMAGRO-GORBEA, 1999; *id.*, 2010), incluyó un gabinete o museo para guardar su colección, el *Museu Sizenando Cenaculo Pazense* (CAETANO, 2011), creado en 1791, que es el origen del Museo de Évora, pues se llevó consigo sus colecciones cuando fue nombrado Metropolitano de esa sede en 1802. Por este motivo, con toda justicia, se le considera pionero de la Museología en Portugal (BRIGOLA 2003; *ID.*, 2003,a; *ID.*, 2006; *ID.*, 2009; MORAIS, 2011).

Esta actividad anticuaria dirigida a conocer mejor la Historia de su diócesis de Beja explica que haya sido también considerado el pionero en el estudio de la epigrafía tartesia, pues es el primero que se interesó por recoger las inscripciones tartesias que aparecían por el territorio alentejano, de las que le cabe la gloria de haber recopilado el primer *corpus* en el famoso *Album Cenáculo*, cuyo valioso original todavía se conserva en la Biblioteca de Évora por él fundada (CENÁCULO, s.a., *Album*, lám. 91-96; VIANA, 1952; BEIRÃO, 1986; UNTERMANN, 1997: 114). Este interés por la epigrafía se vería facilitado por su conocimiento no sólo de las lenguas clásicas, sino también del hebreo, árabe, siríaco y arameo.

En este contexto también es preciso tener en cuenta la interesante figura de Frei Lourenço do Valle, recientemente valorado (ENCARNAÇÃO & GAIDÃO, 2015⁶; GUERRA, 2018), autor de varias obras sobre antigüedades (VALLE, 1791; *ID.*, 1791a). Manuel do Cenáculo buscó frailes franciscanos de la Orden Tercera para que le ayudaran a crear bibliotecas y museos, uno de los cuales fue Fr. Lourenço do Valle, “a quem incumbe de organizar o museu bejense” (VAZ, 2011, 215), pues fue nombrado por Cenáculo prefecto del *Museo Sisenando* el 10 de enero de 1791, poco antes de su solemne inauguración el 15 de marzo de 1791, por lo que Jacques Marcadé consideró que fue el “premier musée public créé au Portugal” (MARCADÉ, 1978, 245). Precisamente en ese año, probablemente con la protección de Cenáculo, publicó dos obras, *Specimen Antiquitatis y Antiquitas graecolusitana ex lapide graeco reperto in Palatio Exclmi. D. Episcopi Pacensis*, que denotan su interés por la Epigrafía. Fr. Lourenço do Valle había nacido en Porto en 1741 y estudió griego en Lisboa y lenguas clásicas y orientales en el Real Colégio de Alcobaça (VAZ, 2009, p. 193 e 197), hasta que Manuel do Cenáculo lo llamó para que le ayudara a organizar el por él creado *Museu Pacense* y a documentar los hallazgos. Estas tareas despertaron su interés hacia la escritura tartesia de las estelas recientemente descubiertas en el Alentejo, que dibujó y que intentó traducir apoyándose en el fenicio, como documentan algunos manuscritos suyos conservados en la Biblioteca Pública de Évora dedicados a estos epígrafes prerromanos del Suroeste, como *Phoenicia Chaldaica interpretata a P. Josepho Laurentio do Valle y Lapidés Phoenicii*⁷ (PATROCINIO, 2007-2008; GUERRA, 2018). Sin embargo, al final de su vida un tanto irregular, tuvo que excluirse, tras ser expulsado de los beneditinos y de los bernardos (HÜBNER, 1869 (*CIL* II), p. 8-9), y acabó dando clases de griego en Braga.

⁶ Agradezco al Prof. J. d'Encarnação que me informara de este interesante artículo.

⁷ Biblioteca Pública de Évora, ms. CXXVIII/2-13 (a) y (c).

4 – CONSIDERACIONES FINALES

El contexto histórico referido ayuda a comprender el ambiente cultural en el que se han debido crear estos interesantes “idolillos”, pero, además, permite incluso, como hemos indicado, fecharlos. A juzgar por los indicios existentes, muy probablemente se realizaron después del 1770, cuando Cenáculo inició su colección de antigüedades en el Alentejo y empezó a valorar la epigrafía tartesia. Sin embargo, deben considerarse anteriores a 1800, cuando José de Cornide ya documenta alguna de estas falsificaciones que había visto y dibujado en la Biblioteca Nacional de Lisboa (ALMAGRO-GORBEA, 2003: n.º F-147-A y F-148-A) y que, por sus similitudes formales, hay que considerar obra del mismo *falsarius ignotus* que las que se conservan en la Academia das Ciencias. Todo ello lleva a suponer que dicho *falsarius* sería alguna persona del ámbito ilustrado de la época, quizás incluso del propio círculo de Cenáculo. Aunque por el momento hay que considerar anónimo, cabría conjeturar que un candidato pudiera ser el mismo Fr. Lourenço do Valle, dado su interés por la Epigrafía y por algunos aspectos discutibles de su vida.

Este *falsarius ignotus*, probablemente para enriquecer su colección, quizá emulado por la del Obispo de Beja y para rivalizar con ella, realizó una serie de falsificaciones en las que hay que incluir, por sus características, los cuatro ídolos documentados por Cornide en la Biblioteca Nacional, conocidos gracias a las copias enviadas a la Real Academia de la Historia de Madrid (ALMAGRO-GORBEA, 2003, *ibidem*), las dos interesantes piezas conservadas en la Academia das Ciencias, las doce de la Biblioteca Nacional de Lisboa y la conservada en el Museu Soares dos Reis de Porto. Todas ellas constituyen un magnífico testimonio de estas inquietudes anticuarias, que revelan el interés epigráfico y coleccionista surgido entre las elites de la Ilustración. Como hemos indicado, sus características técnicas, iconográficas y epigráficas evidencian, sin lugar a duda, que se trata de falsificaciones antiguas y las similitudes que ofrecen indican que forman un grupo homogéneo, por lo que incluso se podría pensar que fueran obra de una misma persona, que, como hemos indicado, por el momento no ha sido posible identificar.

Sin embargo, la similitud que ofrecen las figuras femeninas y los ídolos capriformes, pues todas copian el mismo modelo, tampoco excluye que alguna de ellas fueran piezas “copiadas” con la intención de hacer “regalos de prestigio” o, quizás, para fomentar el coleccionismo, como indicaría la cuidada caja en la que se conserva el ejemplar del Museu Soares dos Reis, que, en cualquier caso, evidencia el aprecio que suscitaban estos idolillos. El mismo hecho plantean las letras grabadas sobre la pátina en algunas figuras. En efecto, la figura n.º 1, de la Academia das Ciencias, ofrece en la espalda una *A*, mientras que la figura femenina n.º 4 y la osíriaca n.º 11 de la Biblioteca Nacional ofrece un *B* en la misma zona y, posiblemente, grabada por la misma mano, coincidencia que deja abierta la duda a si no son indicaciones de *A(cademia)* y *B(ibliotheca)*.

Sea cual sea su origen concreto, las características técnicas, iconográficas y epigráficas unido al contexto histórico-cultural del círculo ilustrado de Cenáculo en el que se inició la valoración de la epigrafía tartesia, confirman el gran interés que ofrecen estas figuras del último tercio del siglo XVIII, a pesar de tratarse de falsificaciones de un *falsarius ignotus* posiblemente formado e inspirado en el círculo de Cenáculo.

En pocas palabras, este curioso conjunto de “idolillos” inventados a fines del siglo XVIII constituye un significativo testimonio del interés por la Epigrafía y por el desarrollo del coleccionismo anticuario surgido en Portugal entre las elites de la Ilustración, pero también ilustra inquietudes por conocer las divinidades y *numina* paganos prerromanos, dentro del interés que tenía Cenáculo por conocer “ídolos” del paganismo (PATROCINIO, 2006, p. 22), como contemporáneamente ocurría con los de las Galias y la Germania (MONTFAUCON, 1719, tomo II, p. 406 s.) o de la propia Hispania (PÉREZ PASTOR, 1760, p. 77). Este tema despertaba gran interés en esas fechas en distintas partes de Europa, en las que se recurría para su estudio en

muchas ocasiones a las divinidades egipcias halladas en yacimientos romanos, valoradas gracias al creciente desarrollo de la “egiptomanía” (BALTRUSAITI, 2006).

REFERÊNCIAS

- AA. VV. (1809-1822) – *Description de l’Égypte ou Recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l’expédition de l’armée française...*, (primera edición o Edición Imperial, 23 tomos), Paris, 1809-1822. (Segunda edición o Edición Panckoucke, 37 tomos), Paris, 1821-1830.
- ABASCAL, J. M. & CEBRIÁN, R. (2009) – *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801 (Antiquaria Hispanica 19)*, Madrid.
- ALARCÃO, J. de & DELGADO, M. (1969) – *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades. 1.ª parte. Antiguidades Ibéricas e Romanas*, Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1999) – *El Gabinete de Antigüedades de la Real Academia de la Historia*, Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (2003) – *Epigrafía Prerromana. Catálogo del Gabinete de Antigüedades de la Real Academia de la Historia*, Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (2010) – “Los Gabinetes de Maravillas”, en A. Pau Padrón y M^a C. Francés Causapé, eds., *Las Colecciones: Historia, Arte, Ciencia y Derecho*, Instituto de España, Madrid, p. 7-27.
- ALMAGRO-GORBEA M. (2011) – “Los epígrafes prerromanos falsos de la Real Academia de la Historia. Una larga tradición historiográfica”, en J. Carbonell, H. Gimeno Pascual y J. L. Moralejo, eds., *El monumento epigráfico en contextos secundarios. Procesos de reutilización, interpretación y falsificación*, Bellaterra, p. 161-177.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (2013) – *Literatura Hispana Prerromana. Las creaciones fenicias, tartesias, iberas, celtas y vascas (Clave Historia, 39)*, Real Academia de la Historia, Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. & RODRÍGUEZ VALLS, A. (2015) – “España y el Antiguo Egipto: Egiptología y ‘egiptomanía’”, *Cleopatra y la fascinación de Egipto* (catálogo de exposición), Madrid, p. 127-133.
- ALONSO, C. (1979) – *Los apócrifos del Sacromonte. Estudio histórico*. Valladolid. 1979.
- ÁLVAREZ BARRIENTOS, J. & MORA, G. (1985) – “El final de una tradición. Las falsificaciones granadinas del siglo XVIII”. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* XL, p. 163-189.
- BALTRUSAITI, J. (2006) – *En busca de Isis. Introducción a la egiptomanía*, Madrid.
- BARAJAS SALAS, E. (1994) – “Cartas de académicos de la Historia al obispo de Beja, Frei Manuel do Cenáculo”, *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 91, 3, 517-562.
- BEHRENS, P. (1984) – s.v. “Widder”, en W. Helk y E. Otto, eds., *Lexikon der Ägyptologie*, VI, Wiesbaden, col. 1243-1245.
- BEIRÃO, C. de MELLO (1986) – “O tesouro de la coleção Barros e Sá, Monsanto de Beira (Castelo Branco)”, *Veleia*, 5, 125-136.
- BOARDMAN, J. (1997) – “Pan”, *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, 8,1, *Supplementum*, Zürich, p. 923-941.
- BORGEAUD, Ph. (1979) – *Recherches sur le dieu Pan*, Roma.
- BRIGOLA, J. C. (2003) – “Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814). O coleccionador compósito”, *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no séc. XVIII*, Lisboa, FCG/FCT.
- BRIGOLA, J. C. (2003 a) – *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no século XVIII*, Lisboa.

- BRIGOLA, J. C. (2006) – “Frei Manuel de Cenaculo. Semeador de Bibliotecas e de Museus. O conceito de Biblioteca-Museu na museologia setecentista”, en F. A. Lourenço Vaz y J. A. Calixto, eds., *Frei Manuel de Cenaculo. Constructor de Bibliotecas*, Casal de Cambra, p. 47-55.
- BRIGOLA, J. C. (2009) – *Coleccionismo no século XVIII. Textos e documentos*, Porto.
- BROWN, F., DRIVER, S. R. & BRIGGS, Ch. A. (1980) – *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, Oxford.
- CAEIRO, F. da GAMA (1960) – “Cenáculo”, Hernâni Cidade, ed., *Os Grandes Portugueses (2)*, Lisboa, Arcádia, 189-199.
- CAETANO, J. O. (2005) – “Os restos de Humanidade. Cenaculo e a Arqueologia”, AA.VV. *Imagens e Mensagens. Escultura romana do Museu de Évora*, Évora, p. 48-56.
- CAETANO, J. O. (2011) – “Os projectos do arquitecto Joaquim de Oliveira para as Bibliotecas-Museu de Frei Manuel do Cenáculo”, *Revista de História da Arte* 8, p. 48-69.
- CALATRAVA ESCOBAR, J. A. (1992) – “Isidoro Basarte y la nueva egiptomanía del final del siglo XVIII. Las observaciones sobre las Bellas Artes entre los antiguos (1791)”, *Cuadernos de Arte de la Universidad de Granada*, 23, pp. 373-383.
- CANNEGHIETIER, H. (1764) – *De gemma Bentinckiana; item de Iside ad Turnacum inventa; necnon de dea Burorina*, Utrecht.
- CAPMANY SURIS Y DE MONTPALAU, A. de (1796) – “Noticia del origen, progresos y trabajos literarios de la Real Academia de la Historia. Catálogo de los señores individuos actuales de la Real Academia de la Historia”, *Memorias de la Real Academia de la Historia*, 1, p. CXXXII- CXLIV
- CARVALHO, Rómulo de (1993) – “Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa”, *Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- CAYLUS, M. Le comte de (1752) – *Recueil d'antiquités égyptiennes, étrusques, grecques et romaines*, I, Paris.
- CENÁCULO VILLAS-BOAS, M. do (1790) – *Disposições do Superior Provincial para observancia regular, e literária da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco destes reinos, feitos nos annos de mil setecentos e sessenta e nove e setenta*, Lisboa.
- CENÁCULO VILLAS-BOAS, M. do (s.a.) – *Album de antiguidades lusitanas e luso-romanas, etc. de Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas. Lápides do Museo Sesinando Cenaculano Pacence*, Biblioteca Pública de Évora, Ms. BPE, CXXIX/1-14.
- DE MEULENAERE, H. (1982) – s.v. “Mendes”, en W. Helk y E. Otto, eds., *Lexikon der Ägyptologie*, IV, Wiesbaden, col. 43-45.
- DOMINGOS, M. D. (2006) – *Frei Manuel do Cenaculo e a Biblioteca Publica. O mecenas*. Lisboa.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1975) – *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa (2ª ed. 2015).
- ENCARNAÇÃO, J. D' & GAIDÃO, R. (2015) – “As informações epigráficas de Frei Lourenço do Valle”, en M. Romão, coord., *MIRA. Homenagem a Justino Mendes de Almeida*, Lisboa, p. 27-41.
- ESTEVES PEREIRA, J. (1989) – *O pensamento político em Portugal no Século XVIII*, Lisboa.
- FREIRE, A. DA VISITAÇÃO (1842) – *Observações sobre a divindade que os lusitanos conheçerão debaixo da denominação de Endovelico*, Lisboa,
- GIMENO, H. (2001) – “Las colecciones epigráficas”, en M. Almagro-Gorbea, M., ed., *Tesoros de la Real Academia de la Historia*, Madrid, p. 93-98.
- GÓMEZ ESPELOSÍN, F. J. & PÉREZ LARGACHA, A. (2003) – *Egiptomanía. El mito de Egipto de los griegos a nosotros*, Madrid.

- GONZÁLEZ GERMAIN, G. & CARBONELL, J. (2012) – *Epigrafía hispánica falsa del primer Renacimiento español Una contribución a la historia ficticia peninsular*, Barcelona.
- GUARDIA, M. (1981) – *El Gran Cabrón del Aquelarre en Goya*, Zaragoza.
- GUERRA, A. (2018) – “Olhares setecentistas sobre a escrita do Sudoeste: Frei Manuel do Cenáculo e o seu entorno”. *Anuari de Filologia Antiqua et Mediaevalia*, 8, p. 764-781.
- HAGUERTY, M. J. (1980) – *Los libros plúmbeos del Sacromonte*, Madrid (reed. Granada, 1998).
- HERCULANO, A. (1843) – “A Dama Pé de Cabra”, *O Panorama*, 2.9 al 21.10 de 1843 (reed. Lisboa, 2012).
- HÜBNER, E. (1969) – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berolini.
- HÜBNER, E. (1893) – *Monumenta linguae ibericae*, Berolini.
- KIRCHER, A. (1678) – *Romani Collegii Societatis Jesu Musaeum Celeberrimum...*, Amsterdam.
- KOEHLER, L. & BAUMGARTNER, W., (1958) – *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*, Leiden.
- LONGMAN III, T. & GARLAND, D. E. Eds., (2008) – *The Expositor's Bible Commentary (Revised Edition)*, 1, *Genesis-Leviticus*, Zonderan.
- MACHADO, A. M^a. (2011) – “O maravilhoso e a poética da incerteza em A dama do pé-decabra (da idade média ao século XXI)”, *O marrare*, 14, p. 1-17 (http://www.omarrare.uerj.br/numero14/pdf/tra%20traducao_de_Batalha_do_art_de_Ana_Maria_Machado.pdf, 28.9.2017).
- MARCADE, J. (1971) – “D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, Provincial des Réguliers du Tiers Ordre Franciscain 1768-1777”, *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris), 3, 431-458.
- MARCADE, J. (1978) – *Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Évêque de Beja, Archevêque d'Evora (1770-1814)*, Paris.
- MONTFAUCON, Bernard de (1719) – *L'Antiquité expliquée et représentée en figures*, I, 2, Paris.
- MONTFAUCON, Bernard de (1722) – *L'Antiquité expliquée et représentée en figures*, II, 2. *La religion des Egyptiens, des Arabes, des Syriens, des Perses, des Scythes, des Germains, des Gaulois, des Espagnols et des Carthaginois*, Paris.
- MONTFAUCON, Bernard de (1724) – *L'Antiquité expliquée et représentée en figures... Supplement 2, Le culte des Grecs, des Romains, des Egyptiens, et des Gaulois*, Paris.
- MORAIS, R. (2011) – “Un caso exemplar. Cenáculo e o colecionismo”, *Cadmo, Revista de Historia Antiga*, 19, p. 209-228.
- MORATO, F. M. Trigozo d'Aragão (1815) – “Elogio histórico do Excellentissimo e Reverendissimo D. Fr. Manoel de Cenáculo, Arzebispo de Évora”, *Historia e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, IV, 1, Lisboa, p. LXIII-CVIII.
- MURATORI, L. A. (1739) – *Novus thesaurus veterum inscriptionum*, I, Mediolani.
- NICOLINI, G. (1969) – *Les Bronzes Figurés des Sanctuaires Ibériques*, Paris.
- NICOLINI, G. (1973) – *Les Ibères. Art et civilisation*. Paris.
- PATROCÍNIO, M. F. S. (2006) – “O registro das antiguidades lusitanas do Sul no legado documental de D. Manuel de Cenáculo”, *Promontoria*, 8, p. 17-36.
- PATROCÍNIO, M. F. S. (2007-2008) – “Tempos de Fenícios: o tema do orientalismo e suas descobertas nos documentos de D. Manuel do Cenáculo”, *A Cidade de Évora (Boletim de Cultura da Câmara Municipal, Série 2, 7)*, p. 99-124.
- PEREIRA, J. ESTEVES (1989) – *O pensamento político em Portugal no Século XVIII*, Lisboa.

- PÉREZ PASTOR, M. (1760) – *Disertación sobre el Dios Endovellico y noticia de otras Deidades gentilicias de la España Antigua*, Madrid.
- PIRANESI, G. B. (1769) – *Diverse maniere di adornare i cammini et ogni altra parte degli edifici...* Roma.
- ROLDÁN, J. M. (1985) – “Juan Flores y las excavaciones del Albaicín. Arqueología y fraude en la Granada del s. XVIII”, *Los Papeles del Carro de San Pedro* 11-12, Granada.
- RÖSCHER, W. H. (1893) – “Pan als Allgott”, *Festschrift für Johannes Overbeck*, Leipzig, p. 56-72.
- RÖSCHER, W. H. (1965) – s. v. “Pan”, *Ausführliches Lexikon der griechischer und römischer Mythologie*, III,1², Hildesheim (reed. Leipzig, 1897-1902), col. 1347-1406.
- UNTERMANN, J. (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum, IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*, Wiesbaden.
- VALLE, L. do (1791) – *Specimen Antiquitatis*, Genuae.
- VALLE, L. do (1791a) – *Antiquitas graecolusitana ex lapide graeco reperto in Palatio Exclmi D. Episcopi Pacensis, Romae*.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1897-1913) – *Religiões da Lusitânia, I-III*, Lisboa (reed. 1981).
- VAZ, F. A. LOURENÇO (2003) – “As Bibliotecas e os Livros na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo”, *La Memoria de los libros. Estudios sobre la historia del escrito y de la lectura en Europa y América*, Salamanca, p. 483-498.
- VAZ, F. A. Lourenço (2005) – *Jansenismo e Regalismo no pensamento e na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo*, Évora, Universidade de Évora. <http://home.uevora.pt/~fvaz/2005-%20Jansenismo%20e%20Regalismo%20no%20pensamento%20e%20na%20obra%20de%20D.pdf> (consultado 5.8.2016).
- VAZ, F. A. Lourenço (2009) – *Os livros e as bibliotecas no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo. Repertório de correspondência, róis de livros e doações a bibliotecas*, Lisboa.
- VAZ, F. A. Lourenço (2011) – “Em Beja com os olhos no mundo. O papel dos meios de informação no episcopado de Frei Manuel do Cenáculo”, en FONSECA, T. y FONSECA, J., *O Alentejo entre o Antigo Regime e a Regeneração. Mudanças e Permanências/Colóquio*, Lisboa, p. 209-230.
- VAZ, F. A. Lourenço, ed. (2009) – *D. Manuel do Cenáculo. Instruções Pastorais, Projectos de Bibliotecas e Diário*. Porto.
- VAZ, F. A. Lourenço, & CALIXTO J. A., eds. (2006) – *Frei Manuel do Cenaculo. Constructor de bibliotecas*, Évora.
- VELÁZQUEZ, J. de (1752) – *Ensayo sobre los alfabertos de las letras desconocidas, que se encuentran en las más antiguas medallas y monumentos de España*, Madrid.
- VIANA, A. (1952) – “Epigrafia Pacense. As pedras de Cenáculo”, *Arquivo de Beja*, 9, 3-17.
- WERNICKE, K. (1965) – s. v. “(Pan) Kunstdarstellungen”, en W. H. Röscher, ed., *Ausführliches Lexikon der griechischer und römischer Mythologie*, III,1², Hildesheim (reed. Leipzig, 1897-1902), col. 1406-1481.
- WINCKLERO, J. D. (1736) – *Dissertatio epistolaris de hirco Azazel eiusque ritibus atque mysteriis*, Lipsiae.
- WITTKOWER, R. (1979) – “Piranesi y la egiptomanía del siglo XVIII”, *Sobre la arquitectura en la edad del Humanismo. Ensayos y escritos*, Barcelona, p. 247-263.

**ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO (1880-1954): COLECIONISMO
ARQUEOLÓGICO E REDES DE CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTO, 1894-1910**

***ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO (1880-1954): ARCHAEOLOGICAL
COLLECTING AND KNOWLEDGE CIRCULATION NETWORKS, 1894-1910***

Elisabete J. Santos Pereira*

Abstract

This article discusses the intellectual path of the Portuguese collector and researcher António Mesquita de Figueiredo. Being a practically unknown personality, we sought to understand the causes of this historiographical forgetting based on the occurrence of public disagreements in the early twentieth century with the director of the Portuguese Ethnological Museum, José Leite de Vasconcelos. The identification of more than a dozen letters sent to Salomon Reinach between 1897 and 1918, as well as the correspondence exchanged with other important Portuguese and foreign archaeologists and intellectuals, justifies the analysis of his international networks, the nature of his scientific production as well as its contribution to the enrichment of Portuguese museum collections and its consequent involvement in the processes of construction of historical knowledge.

Keywords: archaeology, collections, objects, actors, networks

1 – O SARCÓFAGO DAS VINDIMAS

Invocamos para o início deste artigo o *Sarcófago das Vindimas*, um dos mais interessantes objetos da exposição *Religiões da Lusitânia*, patente no Museu Nacional de Arqueologia. Esta exposição constitui uma oportunidade para nos confrontarmos com a diversidade e a representatividade das coleções deste museu mas igualmente uma ocasião para desvendarmos as múltiplas histórias dos seus objetos. Objetos que frequentemente nos remetem para uma considerável diversidade de “*técnicos invisíveis*” (SHAPIN, 1989, p. 556), personalidades desconhecidas mas que cooperaram e contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento histórico sobre o território nacional, quer através das suas práticas de colecionismo, das suas investigações e das suas publicações. Neste caso o *Sarcófago das Vindimas* (RIBEIRO, 2002, p. 312) remete-nos para a figura de António Mesquita de Figueiredo, uma personalidade relativamente esquecida e talvez um pouco ignorada da história do colecionismo arqueológico em Portugal. Foi Mesquita de Figueiredo quem descobriu o *Sarcófago das Vindimas* em Vila Franca de Xira, no dia 10 de Junho de 1944, enquanto viajava de comboio. O sarcófago romano de mármore branco tinha assumido a função de tanque de lavagem de roupa num terraço de uma

* Investigadora de Pós-Doutoramento do Instituto de História Contemporânea | Universidade Nova de Lisboa, FCSH, Universidade de Évora.

habitação¹ junto da linha de caminho-de-ferro, na Rua Serpa Pinto, habitada por António da Costa Ferinho, (GARCÍA Y BELLIDO, 1948, p. 103). A descoberta foi divulgada pelo próprio Mesquita de Figueiredo num artigo publicado no dia 25 de Junho de 1944 (FIGUEIREDO, 1944) e o sarcófago viria a ser posteriormente adquirido por Manuel Heleno, diretor do Museu Etnológico, onde o objeto deu entrada no dia 12 de Fevereiro de 1945 (GARCÍA Y BELLIDO 1948, p. 103). Na sua ficha de inventário reconstitui-se o historial do objeto com base numa descrição redigida por Manuel Heleno em 14 de Março de 1945: “*Em Vila Franca de Xira, na varanda do prédio nº 100 da Rua Serpa Pinto, conforme foi revelado, com o título ‘um sarcófago romano’, pelo suplemento ‘Letras e Artes’ das NOVIDADES, de 25 de Junho 1944 (...) Há mais de 30 anos, Sr. João Lopes, já falecido, comprou a uma senhora de Castanheira do Ribatejo, também já extinta, um sarcófago de mármore branco, de forma ovalada medindo (...). Foi adquirido juntamente com umas cadeiras de um dos conventos da Castanheira do Ribatejo, e parece que também provinha de lá. Colocado numa casa a servir de lavadouro, passou depois com ela para uma herdeira do citado João Lopes, e a esta o comprei por 3000\$00 para o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, no qual, presentemente se encontra*”².

Menciona-se, nesta descrição, o artigo onde a sua descoberta foi em primeiro lugar noticiada, mas omite-se o nome de Mesquita de Figueiredo que, por sua vez, numa publicação de 1948, regista este seu achado bem como outros contributos para o enriquecimento das coleções do Museu Etnológico Português (FIGUEIREDO, 1948). A omissão do seu nome, neste e noutros casos, deve-se muito provavelmente às graves dissidências que no início do século XX se desencadearam entre Mesquita de Figueiredo e José Leite de Vasconcelos (GOUVEIA, 1993-1994), suscitando o corte de relações entre ambos e a publicação de mútuas acusações públicas (FIGUEIREDO, 1913, 1914a; VASCONCELOS, 1913, 1915).



Fig. 1 – O *Sarcófago das Vindimas* no Museu Nacional de Arqueologia (MNA 994.20.1); descoberto em 1944 por António Mesquita de Figueiredo, foi adquirido no ano seguinte para o Museu Etnológico, atual Museu Nacional de Arqueologia. Fotografia da autora.

¹ Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás, Mesquita de Figueiredo: Arquivo Pessoal, PES – 46.4.

² MatrizNet: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=110266&EntSep=3#gotoPosition>

Com a posterior consagração pública da figura de José Leite de Vasconcelos enquanto diretor do Museu Etnológico Português e uma das principais figuras intelectuais do século XX em Portugal Mesquita de Figueiredo terá sido, por sua vez, um pouco assombrado por essas divergências e o seu contributo para a investigação arqueológica³ e etnológica⁴ acabou por ficar na penumbra. Ele foi contudo um investigador bastante ativo no âmbito do estudo da história e identidade nacional, recolhendo, fotografando, estudando e colecionando objetos arqueológicos e etnográficos e publicando sobre as mesmas temáticas em revistas nacionais, estrangeiras e também em edições de autor. Parece-nos que os propósitos com que publicou em 1935 o seu *Curriculum Vitae* (FIGUEIREDO, 1935) e em 1948 a sua correspondência epistolar com Emil Hübner (FIGUEIREDO, 1948) constituem tentativas de superação dessas discórdias públicas e a reivindicação de alguma consagração. Porque foi efetivamente um investigador bastante ativo, inclusivamente considerado pelos mais proeminentes arqueólogos estrangeiros da época, com quem se correspondeu, este artigo atenderá aos primeiros anos de atividade científica de António Mesquita de Figueiredo, autor de mais de quatro dezenas de publicações, que se iniciaram nos seus tempos de estudante liceal e se estendem ao período em que dirigia a secção de História e Geografia da Biblioteca Nacional de Lisboa e posteriormente à sua reforma.

2 – BIOGRAFIA

António Mesquita de Figueiredo nasceu em Lisboa a 31 de Março de 1880, completou o Curso Geral dos Liceus em 1899 e a licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra em 1905. Foi professor de inglês e alemão (1906-1907), subdelegado dos procuradores régios nas comarcas de Lousã (1905-1906) e Condeixa-a-Nova (1909), foi segundo-bibliotecário da Biblioteca Nacional de Lisboa e segundo-conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, admitido em 1934 (OLEIRO, 1953-1954, p. 219; FIGUEIREDO, 1935, p. 5-6). Pertenceu a várias sociedades científicas, participou em congressos e no seu *curriculum* encontramos dezenas de publicações nacionais e internacionais dedicadas à arqueologia, à etnologia e à história.

No que à arqueologia diz respeito, manteve numa fase inicial uma colaboração muito próxima com o Museu Etnológico Português, associou-se também às atividades da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz, foi correspondente do Instituto de Coimbra e foi sócio efetivo da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Pertenceu também a algumas sociedades científicas estrangeiras como a *Société de Correspondence*



Fig. 2 – Retrato de António Mesquita de Figueiredo (in FIGUEIREDO, 1948).

³ Foram muito reduzidas as referências que encontramos sobre seu percurso no decorrer deste estudo, cf. bibliografia citada.

⁴ Os seus trabalhos sobre etnografia foram recentemente analisados por Paula André (2016).

Hispanique, sediada na cidade de Bordeaux, foi membro titular do *Institut International d'Anthropologie*, de Paris e foi correspondente intermediário do *Instituts Solvey - Institut de Sociologie*, de Bruxelas.

3 – A VOCAÇÃO PELA ARQUEOLOGIA

António Mesquita de Figueiredo desenvolveu um interesse especial pela história durante a frequência do Curso dos Liceus, publicando em 1894 *Breves apontamentos para a História da Pesca em Portugal, abrangendo a Idade Média e parte da Contemporânea*, uma tema que mais tarde retomaria nos seus estudos arqueológicos. Pela mesma época começou, como refere, a frequentar a Biblioteca Nacional e a conviver com Adolfo Coelho, Gabriel Pereira e José Leite de Vasconcelos (FIGUEIREDO, 1948, p. 8). O gosto pela arqueologia ter-se-á então desenvolvido, possivelmente suscitado pelo estreitar dos contactos com José Leite de Vasconcelos, de quem se tornou um “discípulo distinguido”, como foi notado por Federico Guillermo Maciñeira Pardo de Lama (1870-1943), arqueólogo e político galego que visitou Portugal em 1899 (PARDO, 1899, p. 2). Esta proximidade estendeu-se à sua família, sobretudo ao seu pai, Joaquim Maria de Figueiredo, farmacêutico em Lisboa⁵ (Fig. 3). José Leite de Vasconcelos e Joaquim Maria de Figueiredo conheceram-se no Porto, onde se cruzaram numa república de estudantes quando Leite de Vasconcelos realizava algumas investigações sobre o mirandês (VASCONCELOS, 1900, p. 4). Por várias ocasiões foi José Leite de Vasconcelos posteriormente acolhido na residência da família na Figueira da Foz, onde passava temporadas e a quem confiava vários assuntos de cariz pessoal. Era Joaquim Maria de Figueiredo quem, durante as viagens ao estrangeiro de José Leite de Vasconcelos, ficava encarregado de receber os seus vencimentos e de efetuar as remessas de dinheiro. Em Maio de 1899, J. L. Vasconcelos terá recebido em Paris trezentos francos enviados precisamente por Joaquim Maria de Figueiredo – “O Papá amanhã lhe mandará os 300frs pedidos”⁶ – e em Agosto de 1899, encontrando-se em Leipzig, era informado que continuavam a tratar dos seus assuntos económicos: “Meu Pae está p.^a Lisbôa, e foi tratar dos seus assumptos económicos”⁷. Foi também ao pai de António Mesquita de Figueiredo que Vasconcelos delegou, durante a sua ausência do país, outros assuntos relativos, por exemplo, à sua falecida mãe: “O Papá foi hoje aos Prazeres preparar tudo para a transladação que se deve realizar depois de amanhã 20”⁸. Por sua vez, António Mesquita de Figueiredo zelava pela habitação de Vasconcelos durante as mencionadas viagens ao estrangeiro: “Hoje mesmo lhe escrevi; e depois de ter posto a carta no correio, recebi o seu bilhete. Fui em seguida a casa do Meu Amigo, informar-me da saúde da sua creada, ella estava bastante constipada, mas não é cousa de cuidado, já foi ao Copertino Ribeiro que lhe fez algumas receitas que ella tem aviado na farmácia, mas não todas não sei porque – eu disse-lhe que se precisasse de alguma cousa que mandasse buscar, ella diz que tem vergonha, veja o Meu Amigo se d’ahi lhe diz que vá la buscar os remedios todos. Vi também as gatinhas que estão muito boas, gordas e alegres.”⁹

⁵ Joaquim Maria Figueiredo foi o proprietário da *Pharmacia Universal*, então situada no Largo de S. Paulo, em Lisboa. Bibliothéque numérique patrimoniale des universités toulousaines: Archives des préhistoriens en Midi-Pyrénées, 92Z296/1/2.

⁶ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 12 Mai. 1899, cota: 1264/8241.

⁷ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 26 Ago. 1899, cota: 1264/8248.

⁸ Idem.

⁹ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 12 Mai. 1899, cota: 1264/8241.



Fig. 3 – Joaquim Maria Figueiredo, pai de António Mesquita de Figueiredo, era o proprietário da *Pharmacia Universal* (Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz, Arquivo Pessoal Mesquita de Figueiredo).

O interesse de Mesquita de Figueiredo pela arqueologia é visível através dos contactos que estabelecia com Leite de Vasconcelos mas também pela sua crescente produção científica, nomeadamente na revista do *Museu Ethnologico Portugues*. A sua colaboração com os propósitos do *Archeologo Português* – “recolher noticias avulsas, embora abundantes e exactas, das nossas antiguidades” (VASCONCELOS, 1895a, p. 1) – ter-se-á iniciado na sequência do repto lançado por Vasconcelos sobre a existência de “*muitas noticias archeologicas*» no *Diccionario Geographico de Portugal*, da autoria de P.^e Luís Cardoso (VASCONCELOS, 1895b, p. 11). Num artigo intitulado *Noticias de antigualhas da Terra de Miranda no seculo XVIII*, Leite de Vasconcelos incitava os leitores a completarem as “*noticias archeologicas*” do mencionado dicionário com o “*conhecimento que tiverem das localidades*” (VASCONCELOS, 1895b, p. 11). Nesse sentido, o próprio J. Leite de Vasconcelos transcreveu várias passagens onde se mencionava, por exemplo, no “*termo de Miranda*” uma “*estrada chamada o Mourisco*”, outras informações sobre capellas que foram mesquitas de Mouros, uma notícia sobre “*sepulturas abertas a pico em fragas de canteria*”, uma antiga muralha ou “*hum letreiro*” ilegível identificado num castelo arruinado em *Penas Royas* (VASCONCELOS, 1895b, p. 11-12). Procurava que os seus leitores identificassem estes mesmos monumentos ou sítios arqueológicos nas suas localidades e lhe enviassem informação atualizada sobre os mesmos.

Se continuarmos a folhear as páginas de *O Archeologo Portugues*, mais precisamente o fascículo publicado no mês de maio de 1895, verificamos que António Mesquita de Figueiredo continuou o trabalho de divulgação dessas mesmas “*informações archeologicas*” dispersas nos conteúdos do “*Diccionario Geographico*” de Cardoso. Continuava portanto o trabalho iniciado por José Leite de Vasconcelos, tornando acessível ao público leitor desta revista – uma elite ilustrada que de Norte a Sul do país, espalhada pelos mais diversos lugares e localidades, se interessava pelas antiguidades e identidades regionais – um conjunto de informações inacessível à maioria. Explorando a parte impressa da obra, tomo I e II, publicados em 1747 e 1751, Mesquita de Figueiredo transcreveu informações sobre antiguidades identificadas no Minho, na província de Trás-os-Montes, na região de Entre-Douro-e-Minho e também nas Beiras. A mesma divulgação continuou nos fascículos nono e décimo primeiro do *Archeologo Portugues*, publicados no mesmo ano de 1895, e nos dois anos seguintes estas suas recolhas surgem também nos diversos fascículos da mesma publicação, enumerando os monumentos e estruturas registadas neste dicionário do século XVIII. No total foram compilados pelo autor 124 elementos

arqueológicos de todas as regiões de Portugal continental (FIGUEIREDO, 1895, p. 142-144, 153-158, 241-243, 316, 320; 1896, p. 54-55, 162-165; 1897a, 218-223, 281-286).

A par com os seus afazeres de estudante liceal e da consulta e transcrição de fontes históricas como a mencionada, Mesquita de Figueiredo desenvolveu sensibilidade para identificar nos campos e nas cidades algumas evidências da sua história. Um pequeno artigo intitulado “*Vestígios Archeologicos de Pombal*” divulgou os diversos achados pré-históricos e romanos que efetuou no “*olival das Courellas*”, região de Pombal (FIGUEIREDO, 1897b, p. 181) e a correspondência que dirigiu a José Leite de Vasconcelos desde 1897 evidencia igualmente esse interesse pela inquirição dos campos: “*No dia de S. Pedro estive aqui em uma romaria, o que gostei bastante – mesmo ao lado da capella ha uma estação luso-romana que reconheci e onde encontrei um pondus com marca. Informaram-me que appareceram algumas inscrições[...]. Eu mesmo vi num monte muitas pedras aparelhadas. Com pequena despesa talvez se pudesse obter estas pedras acolhendo-as entre outras. Mais noticias tenho de inscrições e coisas romanas aqui nos arredores, e espero recital-as(?) e fazer depois um artiguito para o Archeologo [...]*”¹⁰.

O artigo que menciona e que então planeava veio realmente a ser publicado no *Archeologo Portugues* e esclarece-nos sobre a exata localização da estação luso-romana descoberta: “*junto à capella de S. Pedro da Esculca, nos subúrbios da cidade de Viseu, encontrámos bastantes fragmentos de telhas de rebordo e tijolos, assim como um pondus, perfeitamente conservado, e com marca*”. No mesmo artigo divulgou as suas investigações na Cava de Viriato e em *Fragosella de Baixo* (FIGUEIREDO, 1898a, p. 238).

Neste ano de 1897 Mesquita de Figueiredo entrou em contacto com Salomon Reinach (1858-1932), então curador do *Musée d'Antiquités Nationales*, actual *Musée d'Archeologie Nationale*. Reinach era funcionário deste museu francês desde 1885, sendo responsável pela organização de vários espaços e pela multiplicação dos seus catálogos e inventários. Autor prolífero, então com mais de uma centena de trabalhos publicados¹¹, tornar-se-ia em 1902 director deste museu instalado no castelo de Saint-Germain-en-Laye, antiga residência real (BARBELIN & LOUBOTIN, 2016-2017, p. 20). O jovem Mesquita de Figueiredo dirigia-se portanto a um intelectual francês consagrado quando lhe envia uma carta em Novembro de 1897:

“Cher Monsieur

Je dois d'abord, vous prier pardon de m'adresser à vous, sans avoir l'honneur de vous connaître, de vous offrir une photographie et de vous faire aussi une demande.

J'étudie avec enthousiasme, l'archéologie préhistorique, et historique, et j'ai vu un intéressante Catalogue du Musée de Saint-Germain, Paris, 2eme édition, 1895, prix 1fr.50, dont vous êtes auteur.

Je veux l'acquérir, et je pouvais écrire à l'éditeur, l'envoyant 2fr. en tranches de poste françaises; malgré moi on ne vend pas maintenant à Lisbonne les timbres nouveaux, et il n'y a pas aussi des portables envoyant[?] d'argent, pour l'étranger, par ceux-ci en vous montrant franchement mes conditions de ne pas envoyer l'argent, je vous prie Monsieur Reinach, l'obligeance si vous m'envoyer gratis. Nous avons à Lisbonne une succursale du Crédit Lyonnais, mail il ne veut pas faire la transference d'une aussi petite somme d'argent.

Je vous prie dont, Monsieur Reinach, l'obligeance de m'envoyer gratis de Catalogue des antiquités nationales du Musée de Saint Germain, 2^{eme} édition, Paris 1895, prix 1 fr. 50. J'ai lu avec beaucoup d'enthousiasme, votre Archeologie celtique une conférence que vous avez fait à l'Associations des étudiants.

¹⁰ Arquivo MNA, Epistolário de José Leite de Vasconcelos, correspondência de António Mesquita de Figueiredo, de 8 Jul. 1898, cota: 1264/8230.

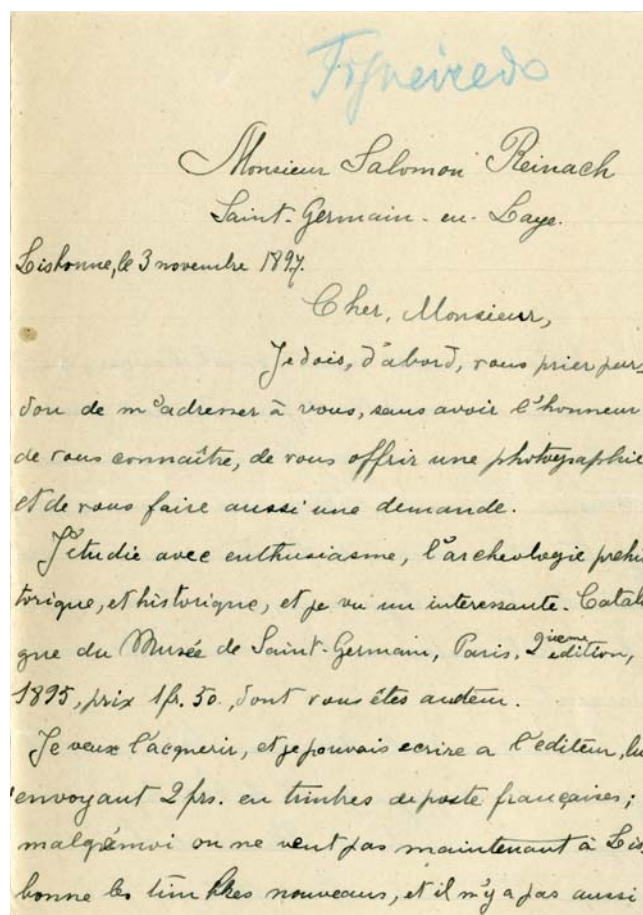
¹¹ Cf. AGHORA, Base de données de l'Institut national d'histoire de l'art : <https://agorha.inha.fr/inhaprod/ark:/54721/0024042>.

De ma photographie Monsieur, que vous dirais, qu'elle ne vaut pas rien, et je vous prie de ne pas l'accepter pour rétributions du Catalogue.

Elle représente le type des maisons des pêcheur portugais sur pilotis, parmi le Liz et le Mondego, sur des dunes de l'atlantique, elles se ressemblent beaucoup aux habitations lacustre des lac de la Suisse, mais au lieu d'être sur les eaux, elles sont sur les dunes de la côte, aux bords de la mer [...]. Le cliché c'est[?] moi, et comme je suis amateur, je vous pries de pardonner-moi les défauts”¹².

Mesquita de Figueiredo procurava, como vemos, alargar a sua rede de contactos e também os seus conhecimentos através da obtenção do catálogo de um dos mais importantes museus europeus da época. Inaugurado em 1867, no âmbito da Exposição Universal de Paris, este museu está associado à afirmação e ao reconhecimento científico da pré-história (GRAN-AYMARICH, 2007, p.264). Nos seus acervos encontrava-se a coleção pré-histórica de Boucher de Perthes e outros “*objets de proveniência autentica*”, testemunhos da ocupação do solo da Gália desde os primeiros tempos até ao reinado de Carlos Magno¹³. Nesta instituição existia também uma clara preocupação comparativa, que se traduzia pela sua coleção de objetos estrangeiros, nomeadamente portuguesas. Através do seu catálogo, cuja segunda edição Mesquita de Figueiredo procurava obter com a ajuda de Salomon Reinach, verificamos que na designada “*Salle de Comparaison*”, “*Vitrine 43 (plate)*”, encontravam-se expostos “*outils en pierre du Portugal: marteau, broyeur em marbre blanc (11921), plaque de schiste ornée de chevrons, haches polies*” (REINACH, 1891, p. 89).

Os contactos com Salomon Reinach manter-se-iam até 1918, de acordo com a correspondência identificada e preservada no arquivo do museu de Saint-Germain-en-Laye¹⁴. Foi muito provavelmente este contacto com Reinach que suscitou a publicação do texto “*Palafittes terrestres contemporaines au Portugal*”. Publicado por Charles Daveluy em 1899 na *Révue Mensuelle de l'École d'Anthropologie de Paris*



Figueiredo
Monsieur Salomon Reinach
Saint-Germain-en-Laye.
Lisbonne, le 3 novembre 1897.
Cher, Monsieur,
Je dois, d'abord, vous prier pour
don de m'adresser à vous, sans avoir l'honneur
de vous connaître, de vous offrir une photographie,
et de vous faire aussi une demande.
J'étudie avec enthousiasme, l'archéologie préhis-
torique, et historique, et je suis intéressante. Catalo-
gue du Musée de Saint-Germain, Paris. 2^{ème} édition,
1895, prix 1 fr. 50. Sont vous êtes auteur.
Je vous l'acquies, et je pouvais écrire à l'éditeur, lui
envoyant 2 frs. en timbres de poste français;
malgré moi on ne veut pas maintenant à Lis-
bonne les timbres nouveaux, et il m'y a pas aussi

Fig. 4 – Carta de António Mesquita de Figueiredo para Salomon Reinach, 3 Nov. 1897. (Musée d'Archéologie Nationale, Centre des Archives, Fond de Correspondance ancienne).

¹² Musée d'Archeologie Nationale, Centre des Archives, Fond de Correspondance ancienne. Carta de José Mesquita de Figueiredo, 3 Nov. 1897; transcrição parcial.

¹³ Cf. <http://archeologie.culture.fr/sources-archeologie/fr/collections-musee>

¹⁴ Agradecemos à direção do *Musée d'Archeologie Nationale* e sobretudo a Soline Morinière todas as facilidades concedidas para a consulta deste arquivo.

(DAVELUY, 1899b), aí reconhecemos a descrição de Mesquita de Figueiredo enviada a Salomon Reinach sobre as casas de pescadores portugueses sobre palafitas terrestres. Charles Daveluy menciona a descrição e o estudo efetuado por Figueiredo sobre esta tipologia de habitações construídas à beira mar, entre as margens do rio Mondego e do rio Liz, a sul da Figueira da Foz. O artigo inclui ainda uma fotografia sobre a tipologia de habitações descritas (DAVELUY, 1899a, p. 71). Uma imagem que corresponde à descrição da fotografia enviada a Salomon Reinach juntamente com a carta acima transcrita.

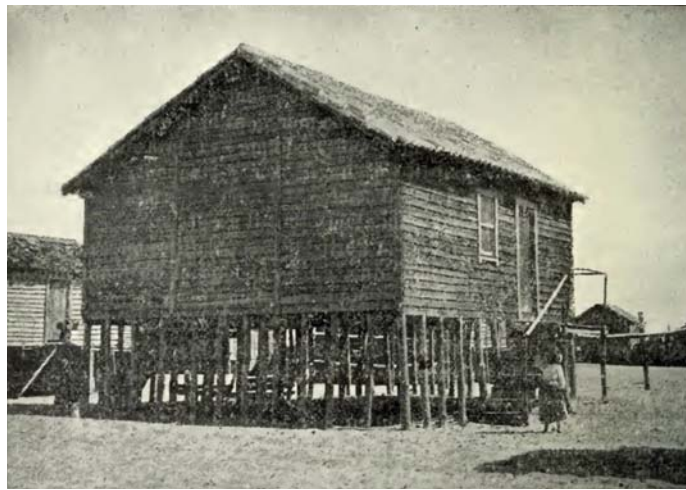


Fig. 5 – Casas de pescadores portugueses sobre palafitas terrestres; fotografia de António Mesquita de Figueiredo publicada na *Revue Mensuelle d'Anthropologie* (1899).

Charles Daveluy mencionava igualmente a investigação desenvolvida por Mesquita de

Figueiredo sobre a indústria da pesca em Portugal. Referia-se ao artigo “*Contribuições para a história da pesca em Portugal na época luso-romana : 1. anzoes e outros objectos de pesca, achados no Algarve*” (FIGUEIREDO, 1898b, p. 53-58), que o próprio tinha também comentado na mesma revista (DAVELUY, 1899, p. 71). Este trabalho foi também destacado por Edouard Philippe Émile Cartailiac (1845-1921). No volume correspondente ao ano de 1900 da revista *L'Anthropologie*, Émile Cartailiac¹⁵ fez uma apreciação dos cinco anos de publicação do *Archeologo Portugues*, donde salientou alguns trabalhos, entre eles o acima mencionado artigo de Mesquita Figueiredo (CARTAILLAC, 1900, p. 284).

Neste estudo sobre a pesca na época romana Mesquita de Figueiredo divulgava a coleção de 46 anzóis romanos que pertenceram ao *Museu Archeologico do Algarve* e outros existentes no Museu Etnológico Português. Identificava igualmente objetos de pesca que integravam as coleções de Teixeira de Aragão, de Júdice dos Santos, coleções do Museu Lapidar Infante D. Henrique, em Faro, do Museu Municipal da Figueira da Foz, Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia de Lisboa e Museu Mineralógico da Escola Politécnica, também em Lisboa.

Na época em que publicou este pequeno estudo, Mesquita de Figueiredo estaria em contacto, como se depreende, com várias personalidades ligadas à investigação arqueológica em Portugal. Conheceria “*o interessante museu de Teixeira de Aragão, onde estavam representadas as épocas da nossa história, e diferentes espécimes das nossas artes e industrias*” (VASCONCELOS, 1904, p. 135)¹⁶. Conheceria também Joaquim José Júdice dos Santos, um importante colecionador algarvio, natural da Mexilhoeira da Carregação, concelho de Lagoa, que tal como Teixeira de Aragão facultava a visita às suas vastas coleções de moedas e de objetos arqueológicos (PEREIRA, 2018, p. 103-117; 2019, p. 268-270). Uma parte da coleção arqueológica de Júdice dos Santos poderia também, na época, ser visitada no Gabinete de Antiguidades da Biblioteca Nacional, onde estava depo-

¹⁵ Cf. <https://www.inha.fr/fr/ressources/publications/publications-numeriques/dictionnaire-critique-des-historiens-de-l-art/cartailiac-emile.html>

¹⁶ Embora parte dos materiais arqueológicos colecionados por Teixeira de Aragão se tivessem dispersado, é ainda hoje identificável nos acervos do Museu Nacional de Arqueologia uma coleção composta maioritariamente por materiais romanos, alguns medievais, de contextos islâmicos e alguns materiais pré-históricos (PEREIRA, 2018, p. 41-57)

sitada. Mesquita de Figueiredo deveria igualmente conhecer os objetos que compunham as coleções arqueológicas existentes em Lisboa, na Academia de Belas Artes e na Escola Politécnica.

As fontes históricas mostram que tinha contactos pontuais com outras personalidades ligadas à arqueologia e à história, nomeadamente com Nery Delgado (1835-1908)¹⁷. Manteve também contactos, na Figueira da Foz, com o professor e historiador David Lopes (1867-1942)¹⁸, conhecia e consultava o geólogo Paul Choffat (1849-1919)¹⁹, acompanhava as explorações arqueológicas de Albano Belino (1863-1906) em Braga²⁰ e as realizações editoriais de Ricardo Severo (1869-1940)²¹, de quem recebeu pessoalmente separatas da revista *Portugália: materiais para o estudo do povo português*, em Junho de 1899²². Ricardo Severo era precisamente o diretor desta publicação cujos objetivos se cruzavam com os da revista editada em Lisboa pelo Museu Etnológico Português, desde 1895. Severo estaria eventualmente interessado numa futura colaboração de António de Mesquita Figueiredo, na época um investigador promissor, com as suas investigações divulgadas em Portugal e comentadas no estrangeiro, nomeadamente nas já referidas *Révue Mensuelle de l'École de Anthropologie* ou na revista *l'Anthropologie*.

Mesquita de Figueiredo terá efetivamente colaborado com a *Portugália* através das suas práticas fotográficas: registou para esta revista as festas de São João de Tavadede, designadas como “*cavalcadas*”, “*um espectáculo ethnográfico bastante interessante*”²³. Numa missiva endereçada a Leite de Vasconcelos, Mesquita de Figueiredo refere, em Junho de 1899, que Ricardo Severo estaria a aliciar outros colaboradores do *Archeologo Portugues*²⁴. Tratava-se do início de uma polémica que viria a envolver José Leite de Vasconcelos e os redatores da revista editada na cidade do Porto, Ricardo Severo, também Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso (PEREIRA, 1993-1994, p. 89-101).

Durante o ano de 1899, época em que surge a polémica, Mesquita de Figueiredo foi uma das personalidades que transmitiu a Vasconcelos, em viagem pela Europa, o lançamento da *Portugália*, os seus conteúdos, a sua organização interna, os seus autores, o seu preço de venda ao público, e também as posições e alguns supostos comentários depreciativos dos “*homens do norte*” sobre *O Archeologo Portugues*: “*um jornal de notícias leves*”, incomparável portanto com a “*revista científica*” publicada na cidade do Porto²⁵. Como refere Isabel Pereira, “*as insistentes notícias e comentários de Mesquita de Figueiredo em nada abonaram em favor da estabilização do conflito. Antes, pelo contrário, agudizaram-no*” (PEREIRA, 1993-1994, p. 96).

¹⁷ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 27 Set. 1897, cota: 1264/ 8224.

¹⁸ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 28 Set. 1898, cota: 1264/ 8237.

¹⁹ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 10 Abr. 1899, cota: 1264/8240; 17 Jun. 1899, cota: 1264/8242.

²⁰ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 17 Jun. 1899, cota: 1264/8242; 9 Jul. 1899, cota: 1264/8245; 30 Jul. 1899, cota: 1264/8247.

²¹ Ricardo Severo da Fonseca e Costa foi Engenheiro de Obras Públicas e Engenheiro de Minas, formado na Escola Politécnica do Porto. Foi o fundador da *Sociedade Carlos Ribeiro* (1888), instituição que publicou a *Revista de Ciências naturais e sociais* (1889-1899) sucedida pela *Portugália* (1899-1908). Ricardo Severo realizou várias investigações arqueológicas e publicou estudos desta temática (Grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. 28, p. 618).

²² MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 17 Jun. 1899, cota: 1264/8242

²³ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 30 Jul. 1899, cota: 1264/8247.

²⁴ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 17 Jun. 1899, cota: 1264/8242.

²⁵ Idem.

Possuindo a família uma residência na cidade da Figueira da Foz²⁶, António Mesquita de Figueiredo tornou-se também próximo de António dos Santos Rocha (1853-1910)²⁷, o fundador do *Museu Municipal da Figueira da Foz*²⁸ e da *Sociedade Archeologica da Figueira da Foz*²⁹ (FREITAS, 2019, p. 253-256), com uma ligação efetiva à publicação portuense (PEREIRA, 1993-1994, p. 93). Mesquita de Figueiredo integrou os círculos intelectuais da cidade sendo inclusivamente convidado, em 1897, a realizar uma “*expedição archeologica*” a Alvaíazere, onde Santos Rocha planeava a exploração de umas grutas e de umas “*sepulturas intactas*”³⁰. Nos seus encontros, que depreendemos regulares naquela cidade, Santos Rocha transmitia-lhe em Agosto de 1898 as “*suas novas descobertas em Coimbra*”³¹, a sua eminente viagem por Itália e França durante o mês de Maio de 1899³², a sua opinião pouco positiva sobre o futuro da revista *O Archeologo Portugues* e do Museu Etnológico³³, a sua intenção de “*pedir auctorização para fazer estudos e explorações em Pragança*”³⁴ e outras informações sobre as atividades da *Sociedade Archeologica* que dirigia³⁵. Neste âmbito, António Mesquita de Figueiredo convivia com outras figuras locais ligadas à *Sociedade*, como Pedro Fernandes Thomás, Augusto Goltz de Carvalho e o Padre Pedro Belchior da Cruz.

Fig. 6 – Carta de António Mesquita de Figueiredo para José Leite de Vasconcelos com um recorte de jornal relativo à publicação da revista *Portugalia*. (MNA, Epistolário de José Leite de Vasconcelos, 1264/8239A-B, Documento fotografado pela autora).

²⁶ Entre 1897 e 1899 as suas cartas são maioritariamente emitidas desta localidade.

²⁷ Sobre Santos Rocha veja-se a publicação coordenada por Raquel Vilaça e Sónia Pinto, *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo*, publicada em 2012.

²⁸ Inaugurado em 6 de Maio de 1894, na cidade da Figueira da Foz, com as coleções provenientes das explorações arqueológicas dos dolmens da Serra do Cabo do Mondego (Rocha, 1905).

²⁹ Criada em 1898.

³⁰ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 27 Set. 1897, cota: 1264/8224.

³¹ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 22 Ago. 1898, cota: 1264/8235.

³² MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 31 Mar. 1899, cota: 1264/8239 A-B.

³³ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 10 Set. 1899, cota: 1264/8250; 14 Set. 1899, cota: 1264/8252.

³⁴ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 14 Set. 1899, cota: 1264/8252.

³⁵ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 28 Set. 1898, cota: 1264/8237.

Mesquita de Figueiredo cooperou assim com os propósitos da sociedade, quer através da participação nas sessões plenárias, nas “*expedições archeologicas*” e também oferecendo objetos histórico-arqueológicos ao seu museu. No primeiro tomo do *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, registou-se a oferta de “*um crânio e outros ossos humanos e um vaso de barro, que elle recolheu na exploração da caverna dos Alqueves, assim como uma interessantíssima colleção de fragmentos cerâmicos provenientes da Crasta da Sé de Lisboa*” (ROCHA, 1904, p. 37). A caverna dos Alqueves, nos “*subúrbios de Coimbra*”, tinha sido descoberta em 1898 pela Sociedade da Figueira e Mesquita de Figueiredo, tal como mencionado pelo P.^e Pedro Belchior da Cruz, continuava a sua exploração, oferecendo o resultado dos seus trabalhos ao museu (CRUZ, 1901, p. 102). No catálogo geral do Museu Municipal da Figueira da Foz, publicado em 1905, o espólio oferecido por Mesquita de Figueiredo é designado por “*Coll. Mesquita de Figueiredo*” (ROCHA, 1905, p. 60 e 61).³⁶

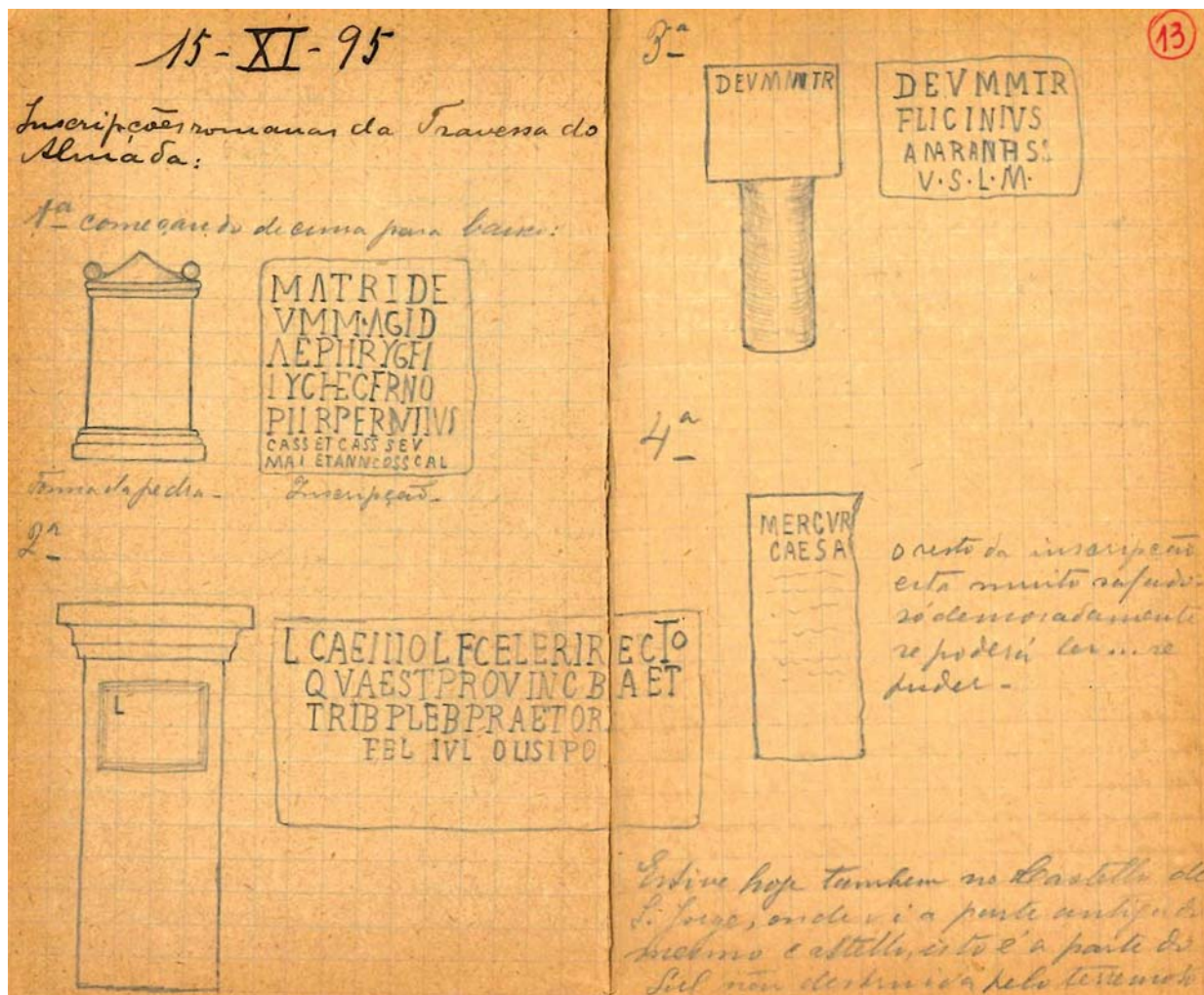


Fig. 7 – Caderno de apontamentos arqueológicos de Mesquita de Figueiredo com desenhos das inscrições romanas da Travessa do Almada, conhecidas como “*Lápides das Pedras Negras*”³⁶. (Caderno III, p. 13, 15 Nov. 1895, Arquivo Histórico do Museu Municipal Santos Rocha, Legado Mesquita de Figueiredo).

³⁶ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70276>

Nos seus primeiros anos de dedicação à arqueologia, Mesquita de Figueiredo efetuava nas horas vagas diversas “excursões archeologicas” quer pela Figueira da Foz, quer por outras localidades da região centro de Portugal, nomeadamente Lisboa, Coimbra ou Viseu. Estas suas pesquisas deram origem a uma coleção de documentação e de objetos, atualmente preservada pelo Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz e Museu Municipal Santos Rocha, também na Figueira da Foz, a quem por testamento o autor deixou este seu legado. No que respeita à sua coleção de objetos, ela chegou a ocupar vários compartimentos da sua casa – “*augmentei o meu museu com mais uma salla visto que os exemplares também augmentarão sempre, e mais augmentarão segundo creio*”³⁷. A sua coleção possuía, como o próprio descreve em 1909, uma secção de “*arqueologia prehistorica, histórica, ethnographica portuguesa e africana, azulejos, etc.*”³⁸.

Sabemos que em Outubro de 1897 fez pesquisas em Conimbriga onde recolheu vários fragmentos de cerâmica e efetuou vários registos fotográficos³⁹. No ano de 1898 terá identificado, em Viseu, nas “*ruínas de uma casa velha uma pedra granítica com inscripção*” que reproduziu esquematicamente na carta enviada a José Leite de Vasconcelos em 19 de Julho desse mesmo ano. Mesquita de Figueiredo refere que a epígrafe era inédita e que tencionava publicá-la: “*Eu supponho-a inedita e publical-hei no Archeologo, bem como algumas noticias archeologicas que tenho colhido em um artigo Vestigios archeologicos de Viseu*”⁴⁰. Por razões desconhecidas não foi divulgada no artigo que Mesquita de Figueiredo publicou em 1898, “*Vestigios archeologicos dos arredores de Vizeu*” (FIGUEIREDO, 1898a, p. 238). Este objeto romano, Estela de *Firminae*, encontra-se registado no inventário do Museu Nacional de Arqueologia (*MatrizNet*) como proveniente da rua Emídio Navarro de Viseu, tendo sido obtida através de doação no âmbito de uma excursão arqueológica de José Leite de Vasconcelos⁴¹. Na revista do museu regista-se que a sua incorporação foi efetuada entre Outubro de 1913 e Agosto de 1917 (MACHADO, 1920, p. 246).

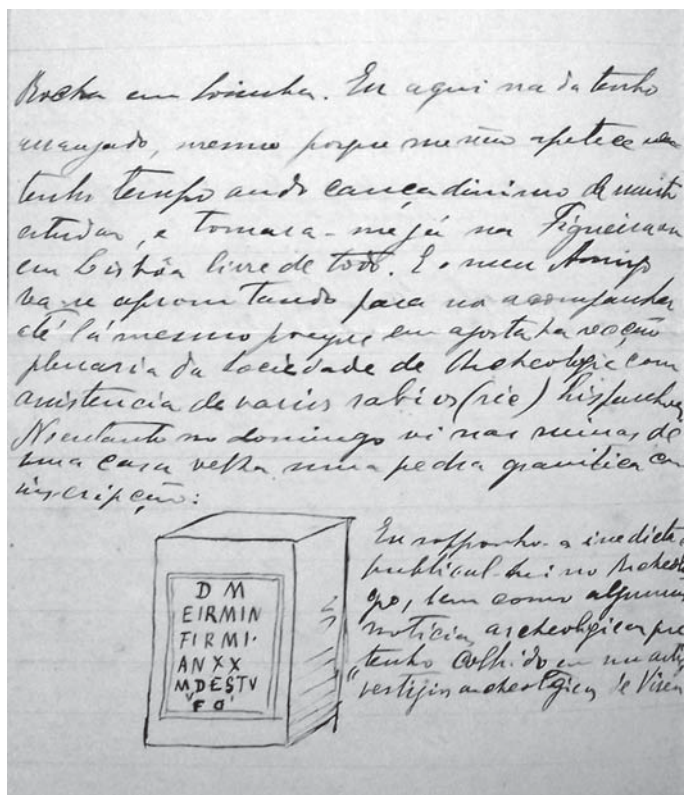


Fig. 8 – A Estela de *Firminae* (MNA, cota E 6174) desenhada por António Mesquita de Figueiredo em 19 de Julho 1898 (MNA, Epistolário de José Leite de Vasconcelos, 1264/8232. Documento fotografado pela autora).

³⁷ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 9 Jul. 1899, cota: 1264/8245.

³⁸ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 15 Fev. 1909, cota: 1264/8279.

³⁹ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 10 Out. 1897, cota: 1264/8226.

⁴⁰ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 19 Jul. 1898, cota: 1264/8232.

⁴¹ Ver <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=122235>

De referir também que enquanto completou em Lisboa o Curso Geral dos Liceus, Mesquita de Figueiredo identificou, por exemplo, no Castelo de São Jorge, uma ara romana embutida nas suas muralhas. Foi na companhia de Federico Maciñeira y Pardo, José Leite de Vasconcelos e Augusto Vieira da Silva que Mesquita de Figueiredo revelou a sua descoberta: “*a poente da porta de Martim Moniz: é um cipo de mármore branco, que se destacava, por sua cor e forma das outras pedras de calcário lacustre com que são construídas as muralhas do Castelo de Lisboa*” (FIGUEIREDO, 1948, p. 28). Este achado foi também relatado por Federico Maciñeira y Pardo nas suas “*notas de viagem*”: “*En sus frecuente excursiones arqueológicas [Mesquita de Figueiredo] descubriera un pequeño y cuadrado trozo de marmol incrustado en la parte exterior de las murallas de la fortaleza, que á su juicio constitutía la planta de una ara, y aprovechando esta visita nos propuso su investigación. [...] atacamos entre todos la compacta masa del muro y al fin llenos de entusiasmo extrajimos la mitad inferior de una hermosa ara votiva de la época romana con inscripción perfectamente legible, adquisición importante para la arqueología, que el director del Museo Etnológico hizo transportar inmediatamente á la respectiva sección*” (PARDO, 1899, p. 3). José Leite de Vasconcelos descreve posteriormente no *Archeologo Português* a mesma descoberta de Mesquita de Figueiredo, transcrevendo a inscrição e atribuindo-lhe uma datação, o século I d.C. (VASCONCELOS; 1899-1900, p. 283-284).

Possivelmente como consequência dos dissentes posteriores entre José Leite de Vasconcelos e Mesquita de Figueiredo, é interessante notar que Vieira da Silva, também presente no momento da revelação desta ara romana, omite a intervenção de Mesquita de Figueiredo na descoberta do objeto quando fez publicar o seu estudo sobre *O Castelo de S. Jorge em Lisboa*: “*Quando em 1898 andávamos procedendo aos estudos para a 1ª edição do presente trabalho, descobrimos, entre as pedras de alvenaria dêste sítio da muralha, um cipo romano com inscrição, quasi desligado do restante massame do muro. Comunicámos o caso ao dr. José Leite de Vasconcelos, e passados dias aí compareceu êste douto arqueólogo, juntamente com o hoje dr. Mesquita de Figueiredo, e connosco, e chamado um homem que por ali andava, com o auxílio de um serrafo arrancou-se a pedra do muro, que imediatamente se fêz transportar para o Museu Etnológico, em Belém, onde se acha*” (SILVA, 1937, p. 53-54).

No artigo “*Antiguidades romanas de Lisboa*” José Leite de Vasconcelos faz igualmente referência a outra descoberta do jovem Mesquita de Figueiredo, desta vez na cerca do Convento de Jesus: “*ahi encontrou também o Sr. Mesquita de Figueiredo uma placa de pedra com inscrição romana, que fiz igualmente transportar para o Museu Ethnológico*” (VASCONCELOS, 1899-1900b, p. 284). Tratava-se da lápide a Tilimaco, inicialmente descoberta em 1772, durante a demolição do Arco da Consolação ou Porta de Ferro, e transportada juntamente com outras inscrições para o Convento de

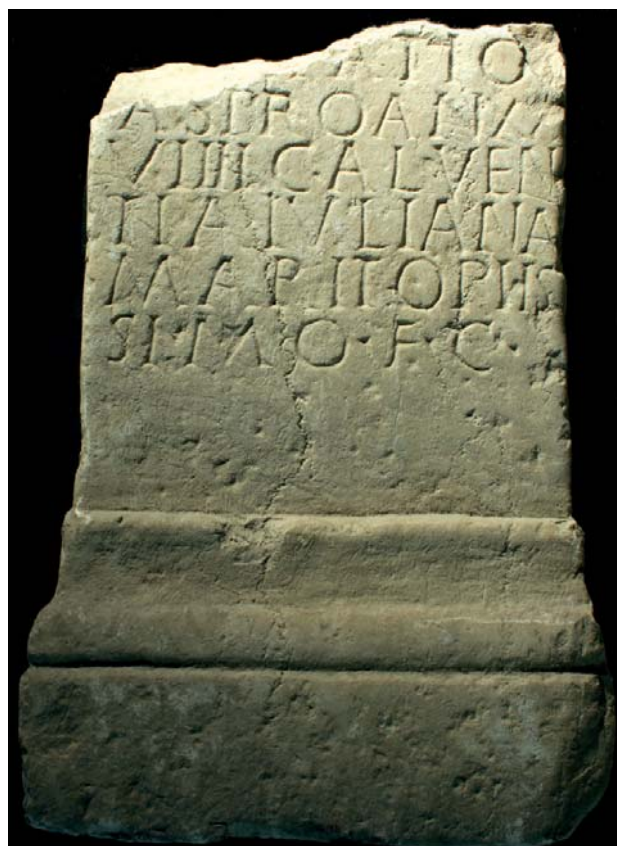


Fig. 9 – Ara funerária fragmentada identificada em 1898 nas muralhas do Castelo de S. Jorge por António de Mesquita Figueiredo (MNA, Cota: E 6324, © MNA)

Nossa Senhora de Jesus, a sede da Academia das Ciências de Lisboa. A epígrafe tinha sido inclusivamente publicada por Emil Hübner no *Corpus Inscriptionum Latinarum* (1869) mas, como as restantes, desaparecera da Academia das Ciências. Mesquita de Figueiredo terá identificado a lápide a servir de pavimento no exterior do convento: “*Atravessando o quintal da Academia Real das Sciencias, despertaram a nossa atenção algumas letras meio apagadas, em uma lage que servia de pavimento. Limpando as letras de terra que quasi as ocultava, encontramos a seguinte inscrição sepulcral: DMS /TILIMACO / ANN LX/ NEME SIVS/ PATRI PIEN/MO/ ...C*” (FIGUEIREDO, 1914b, p. 1).

Também em Lisboa Mesquita de Figueiredo descobriu várias antiguidades durante as obras realizadas pelo Ministério da Obras Públicas na crasta da Sé. Nos entulhos extraídos de um poço com 6 metros de profundidade identificou fragmentos de ânforas, uma fusaiola em cerâmica, conchas de ostra, ossos de animais e numerosos fragmentos de cerâmica pintada semelhante à identificada por Santos Rocha no Castro de Santa Olaia (FIGUEIREDO, 1914b, p. 1). Este achado foi comunicado a Emil Hübner, com quem se correspondia desde 1898 (FIGUEIREDO, 1948, p. 25), bem como a Salomon Reinach, a quem enviou um desenho colorido na carta que lhe endereçou a 10 de Abril de 1901⁴². Trata-se de facto de espólios da Idade do Ferro, os quais foram posteriormente mencionados por Vergílio Correia (CORREIA, 1924) e mais tarde estudados e desenhados (CARDOSO & CARREIRA, 1993, Fig. 5, n.ºs 1 a 5).

Todas estas descobertas realizadas em Lisboa, junto à Sé, mas também na muralha do castelo de S. Jorge e no Convento de Nossa Senhora de Jesus, justificaram uma comunicação efetuada na Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz em 28 de Outubro de 1900, na sua 5.ª sessão plenária, uma sessão presidida por Joaquim Filipe Nery Delgado (CRUZ, 1901, p. 59-61). Todos estes objetos descobertos em Lisboa foram por sua vez incorporados nas coleções do Museu Etnológico Português (FIGUEIREDO, 1914b, p. 1).

As suas descobertas estendiam-se também à pré-história e à localização de objetos arqueológicos descobertos por terceiros e disponíveis para aquisição. Em 18 de Junho de 1899 Mesquita de Figueiredo anunciou a José Leite de Vasconcelos que encontrou “*num terreno evidentemente quaternário, i. é em alluviões – bastantes síleces lascado com planos de percursão etc etc brilho característico da antiguidade do lascado etc*”⁴³. No mês seguinte, em Julho de 1899, adquiriu moedas encontradas em Silves, “*dois denários romanos da republica, e duas arabes – um dirhem e uma das pequeninas*”⁴⁴. Em agosto de 1899, em plena crise de saúde

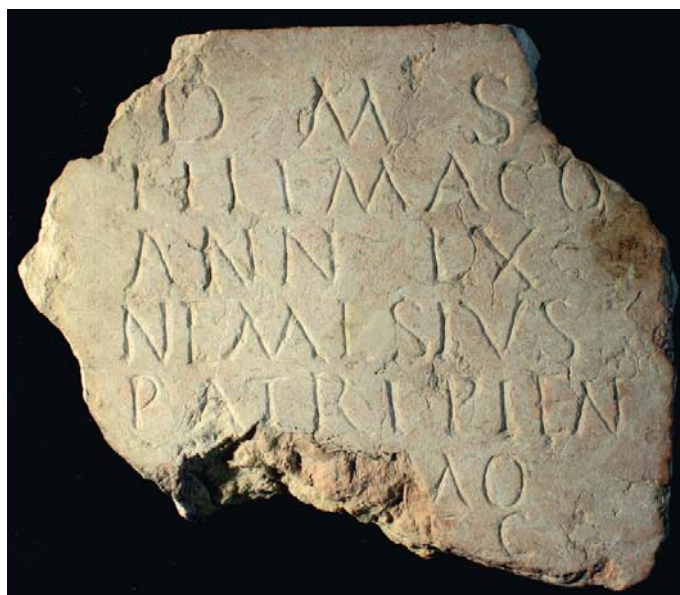


Fig. 10 – Lápide a Tilimaco, redescoberta por Mesquita de Figueiredo no exterior do Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) (MNA, Cota: E 6322, © MNA).

⁴² Musée d'Archéologie Nationale, Centre des Archives, Fond de Correspondance ancienne. Carta de António Mesquita de Figueiredo, 10 de Abril de 1901.

⁴³ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 17 Jun. 1899, cota: 1264/8242.

⁴⁴ Idem.

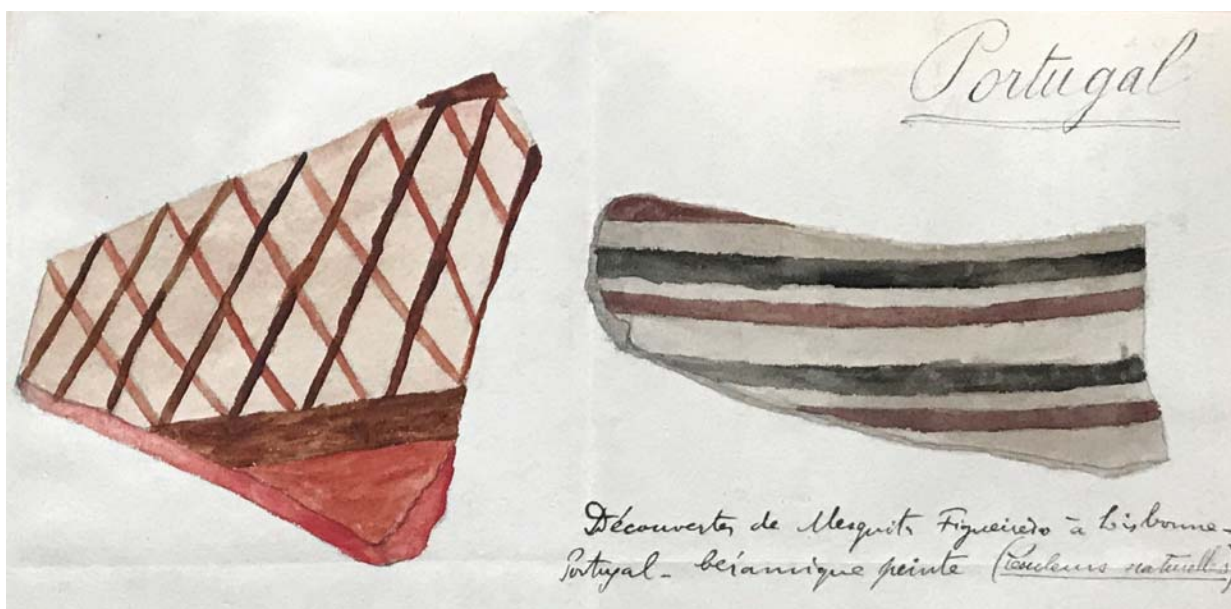


Fig. 11 – Desenhos enviados para o museu de Saint-Germain-en-Laye (carta de 10 Abril de 1901): “Découvertes de Mesquita de Figueiredo à Lisbonne – Portugal – Céramique peinte (Couleurs naturelles)” (Musée d’Archéologie Nationale, Centre des Archives, Fond de Correspondance ancienne, Album 33A Portugal, planche 19).

pública provocada pela peste bubónica, com a cidade do Porto cercada por um cordão sanitário, Mesquita de Figueiredo descrevia a José Leite de Vasconcelos os últimos desenvolvimentos desta crise, os projetos da Sociedade Arqueológica da Figueira e as suas últimas aquisições arqueológicas: “Arranjei dois machados de pedra, uma grande faca e uma pequena de metal nada mais”⁴⁵. Poucos dias depois da morte de Francisco Martins Sarmento, Mesquita de Figueiredo expunha a José Leite de Vasconcelos esse acontecimento, bem os seus achados arqueológicos na Senhora do Desterro, possivelmente na necrópole cuja descoberta foi descrita pelo P.^e Belchior da Cruz no *Archeologo Português* (CRUZ, 1898, p. 275-276)⁴⁶. Na companhia da família e de um amigo de nome Loureiro, refere Mesquita de Figueiredo ter recolhido “duas calotes craneanas e dezanove das romanas encontradas nas sepulturas ahi”⁴⁷.

Mesquita de Figueiredo foi também responsável pela divulgação, junto do diretor do mesmo museu, da possibilidade de aquisição de vários objetos arqueológicos. Em 27 de Novembro de 1908 comunicou a existência, na região de Alfarelos, de um conjunto de sepulturas completas e intactas, incluindo a tampa e contendo o esqueleto “para poder armar no Museu e completar a serie das sepulturas romanas”⁴⁸. No mesmo ano comunicou também ao diretor do Museu Etnológico a existência de uma xorca de prata que surgiu nos arredores de Condeixa-a-Velha: “Há muito que andava na pista duma Xorca de prata apparecida há já tempos no aro de Condeixa-a-Velha – consegui agora finalmente vê-la e entrar em negociações para adquiri-la, mas como já lhe disse antes esta gente vae tendo os olhos abertos e não há meio de fazer negócios

⁴⁵ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 26 Ago. 1899, cota: 1264/8248.

⁴⁶ Depois também referenciada por Santos Rocha nas páginas da *Portugália* (ROCHA, 1903, p. 596-598).

⁴⁷ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 10 Set. 1899, cota: 1264/8250.

⁴⁸ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 27 Nov. 1908, cota: 1264/8268.

*razoáveis*⁴⁹. O objeto teria 165 gramas de “*prata fina*” e era disputada por outro colecionador, residente na cidade do Porto. Como não dispunha de meios para adquirir o objeto, Mesquita de Figueiredo propôs o negócio ao Museu Etnológico, o que vem efetivamente a suceder. O objeto encontra-se atualmente no Museu Nacional de Arqueologia (Fig. 13). Foi adquirido em 5 de Dezembro de 1908, por intermédio de Mesquita de Figueiredo, que havia inclusivamente enviado a José Leite de Vasconcelos um desenho do mesmo (Fig. 12).

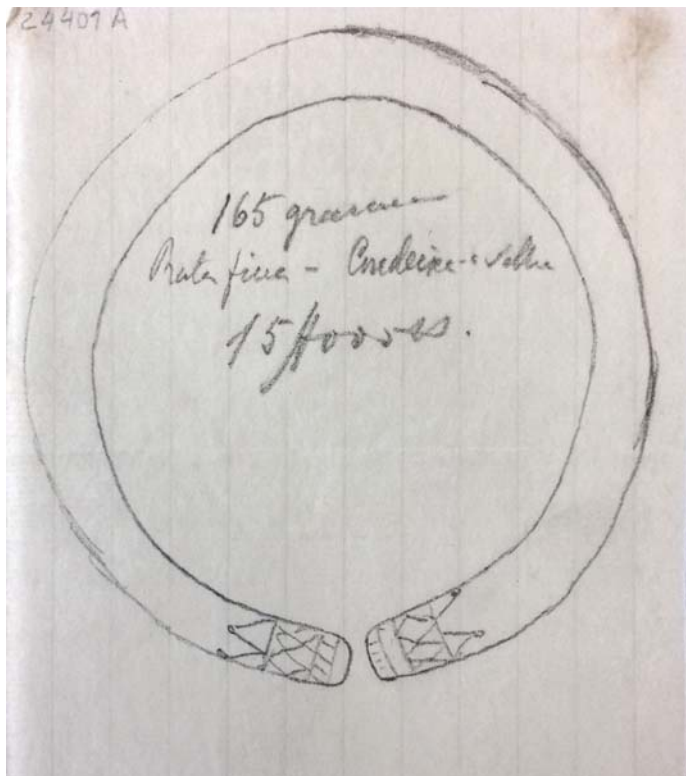


Fig. 12 – Desenho de xorca de prata enviado a José Leite de Vasconcelos a 1 de Dezembro de 1908 (MNA, Epistolário de José Leite de Vasconcelos, 1264/24401-A; Documento fotografado pela autora).

Fig. 13 – Xorca de prata com 165 gramas de “*prata fina*” (MNA, Au 83), adquirida em 5 de Dezembro de 1908 pelo Museu Etnológico por intermédio de Mesquita de Figueiredo (© MNA).

A cooperação com o Museu Etnológico passou também pela disponibilização dos seus registos fotográficos. Monumentos, estruturas arqueológicas e tradições diversas foram frequentemente fotografadas por Mesquita de Figueiredo. Na sua coleção existiam também imagens com “*typos d’aldeias, casas, scenas da vida marítima, piscatória e agrícola, etc. etc. ...*”⁵⁰. Estes registos eram divulgados junto da sua rede de contactos nacionais mas também internacionais, particularmente junto de Salomon Reinach, Gabriel de Mortillet (1821-1898)⁵¹, Emile Cartailhac, Rafael Altamira (1866-1951)⁵², entre outros. Em Maio de 1899, Figueiredo procurou precisamente divulgar os seus registos fotográficos e ao mesmo tempo ampliar a sua rede e angariar documentação científica.

⁴⁹ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 1 Dez. 1908, cota: 1264/24401.

⁵⁰ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 13 Nov. 1908, cota: 1264/8266.

⁵¹ Professor da ‘École d’anthropologie de Paris (1876/1898), antigo deputado e presidente da *Société d’Anthropologie*; ver Fig. 14.

⁵² Os bilhetes postais de António Mesquita de Figueiredo para Rafael Altamira têm como imagens os seus clichés do mosteiro de Lorvão. <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcvm652>; <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcpz5z7>

Solicitava para isso, nesta época, a intermediação de José Leite de Vasconcelos, então em viagem pela Europa: “*Caso o Meu Amigo ahí encontre alguns archeologos que queiram trocar, pelas minhas photographias archeologicas e ethnographiques, folhetos, desejava que tivesse a amabilidade de me enviar os seus addresses p.^a que eu depois dos exames, entre em transacções com elles*”⁵³.

José Leite de Vasconcelos fazia também uso destes registos nos seus artigos. As duas fotografias incluídas no artigo “*A respeito de Conimbriga*”, publicado em 1898 (VASCONCELOS, 1898, p. 306, 307), foram registadas por Figueiredo que, dez anos mais tarde, disponibilizou igualmente a Vasconcelos várias imagens que poderiam interessar à “*futura obra sobre ethnographia portuguesa*”⁵⁴.

Para interpretação dos objetos que recolhia, Mesquita de Figueiredo solicitava bibliografia diversa a José Leite de Vasconcelos bem como à sua rede de contatos, em Portugal e no estrangeiro. Em 1898 escrevia, por exemplo, para Toulouse dirigindo várias solicitações a Émile Cartailiac. Pretendia obter as atas do Congresso Internacional de Arqueologia e Antropologia Pré-histórica organizado em Lisboa em 1880 e pretendia também obter um catálogo dos museus arqueológicos e etnográficos de Toulouse⁵⁵.

A correspondência que enviou para o *Musée d'Antiquités Nationales*, quer a dirigida a Salomon Reinach, quer a Mr. Fârou – “*Employé supérieur au Musée des Antiquités Nationales*” – evidencia também esta sua preocupação em recolher literatura científica especializada e atualizada. Solicitou assim os vários catálogos do museu de Saint-Germain-en-Laye – “*Catalogue du Musée de Saint-Germain, Paris, 2eme edition, 1895*”⁵⁶, o “*Nouveau Guide Illustré du Musée*”⁵⁷ – uma listagem com as publicações de Salomon Reinach e outra com

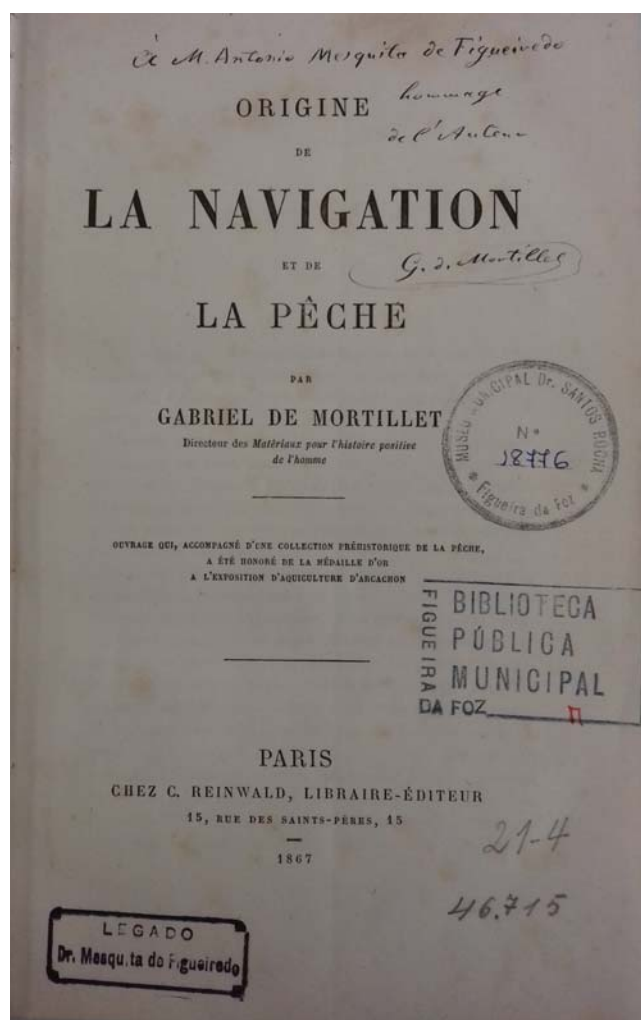


Fig. 14 – Obra de Gabriel de Mortillet com dedicatória autógrafa a Mesquita de Figueiredo (Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, Legado de Mesquita de Figueiredo; fotografia da autora).

⁵³ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 12 Mai. 1899, cota: 1264/8241.

⁵⁴ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 13 Nov. 1908, cota: 1264/8266.

⁵⁵ Bibliothèque numérique patrimoniale des universités toulousaines: Archives des préhistoriens en Midi-Pyrénées, 92Z296/2.

⁵⁶ Musée d'Archéologie Nationale, Centre des Archives, Fond de Correspondance ancienne. Carta de António Mesquita de Figueiredo, 3 Nov. 1897.

⁵⁷ Musée d'Archéologie Nationale, Centre des Archives, Fond de Correspondance ancienne. Carta de António Mesquita de Figueiredo, 1 Set. 1900.

as obras disponíveis para venda neste museu⁵⁸, requereu indicações bibliográficas sobre outros autores como Joseph Déchelette (1862-1914)⁵⁹, Louis Siret (1860-1934)⁶⁰ ou Arthur Evans (1851-1941)⁶¹ e solicitou também informações sobre a publicação das actas do *XIII^e Congrès international d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques*⁶², no qual participou.

Também as missões científicas de José Leite de Vasconcelos ao estrangeiro eram contempladas com múltiplos pedidos. Durante a sua estadia em Paris, em Maio e Junho de 1899, Mesquita de Figueiredo comentava, numa carta com data de 27 de Junho de 1899, a comunicação que José Leite de Vasconcelos recentemente proferira na *Société des Antiquaires de France*⁶³ e solicitava a aquisição de um livro sobre epigrafia⁶⁴, o catálogo do *Musée d'Artillerie*⁶⁵ e a obra *Ethnographie de La France*⁶⁶. Em Julho e Agosto de 1899, Leite de Vasconcelos recebeu na Alemanha o pedido de aquisição de duas obras sobre a história da Lusitânia. Obras essas que o próprio Vasconcelos tinha recomendado na *Revista Lusitana*⁶⁷: *Die Kriege der Römer Erstes Heft, Viriath und die Lusitanier* (1826), de W. J. H. Becker e o livro *De Lusitania, provincia romana* (1884), de N. R. Ursin. Mesquita de Figueiredo efetua esta solicitação num bilhete-postal emitido da Figueira da Foz, precisamente com uma imagem da doca da cidade e dirigido para a morada de Leite de Vasconcelos em Berlim, na *Johanns Strasse, 21*⁶⁸. Desta cidade, solicitava também o catálogo da coleção Schielman: “*o Meu Amigo vae ver no Museu de Berlim as collecções do Schielman – eu julgo que se vende dellas um pequeno catálogo por 50 pfs[?] ou cousa que o valha sendo assim muito me obsequiava se me adquirisse um que eu depois satisfarei*”⁶⁹. E de Amesterdão pedia um folheto dedicado a um dos aquários mais antigos da Europa: “*Caso o Meu Amigo vá a Amesterdam não deixe de ir ao grande Aquario do Jardim Zoologico que é um dos primeiros da Europa, e se lá se venderem folhetos ou catálogos delles, pedia-lhe a fineza de me obter um que eu depois pagarei*”⁷⁰. Sabendo da sua passagem pela Suíça, durante o mês de Agosto de 1899, Mesquita de Figueiredo faz notar o seu interesse por “*anzoes*

⁵⁸ Musée d'Archéologie Nationale, Centre des Archives, Fond de Correspondance ancienne. Carta de António Mesquita de Figueiredo, 1 Set. 1900, 10 Out. 1906.

⁵⁹ Musée d'Archéologie Nationale, Centre des Archives, Fond de Correspondance ancienne. Carta de António Mesquita de Figueiredo, 26 Abr. 1906.

⁶⁰ Musée d'Archéologie Nationale, Centre des Archives, Fond de Correspondance ancienne. Carta de António Mesquita de Figueiredo, 10 Out. 1906

⁶¹ Idem.

⁶² Idem.

⁶³ Sobre o “*Mosaico lusitano-romano de Leiria. Novo deus do Patheon Lusitanico*”; uma comunicação proferida no dia 14 de Junho de 1899, depois divulgada no quinto volume do *Archeologo Português* (VASCONCELOS, 1899-1900a, p. 330-334). MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 27 Jun. 1899, cota: 1264/8244.

⁶⁴ “*Não descobrirá por ahí, um livro pequeno sobre ephigraphia – coisa por assim dizer elementar e alem disso barata?*” MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 10 Abr. 1899, cota: 1264/8240.

⁶⁵ “*No Museu d'Artilharia nos Invalidos ha uma galeria d'Ethnographia e outra de costumes de guerra de que também ha catalogo que custa barato, e que eu desejava adquirir um exemplar*”, Idem.

⁶⁶ Referia-se à obra *Ethnographie de La France: a l'usage de l'écoles*, de Alphonse Castaing, editada em 1885 pela Maisonneuves Frères et Ch. Leclerc, Éditeurs ; MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 12 Mai. 1899, cota: 1264/8241.

⁶⁷ As obras foram referenciadas no artigo “*O Deus Bracarense Pongoenabiagus (Contribuição para o conhecimento das religiões antigas da Lusitania)*” que José Leite de Vasconcelos publicou no terceiro volume na *Revista Lusitana*, 1895. p. 307-315.

⁶⁸ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 28 Jul. 1899, cota: 1264/8246.

⁶⁹ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 27 Jun. 1899, cota: 1264/8244.

⁷⁰ Idem.

lacustres – com farpa e sem ella, direitos e curvos, assim como frg. de redes etc.”, objetos esses que identicamente pretende fazer aquisição por intermédio de Vasconcelos. Para o mesmo país enviou o pedido de aquisição de um catálogo de um museu de antiguidades lacustres. Na sua passagem por Barcelona solicitou a Vasconcelos moedas “ibéricas ou celtibéricas, de prata ou cobre, preferindo as que tiverem peixes ou caracteres ibéricos”⁷¹.

Mesquita de Figueiredo recorre assim aos itinerários europeus de José Leite de Vasconcelos para enriquecer as suas coleções com novos objetos, catálogos, folhetos e publicações.

4 - CONCLUSÃO

Uma análise dos primeiros anos das práticas arqueológicas de António Mesquita de Figueiredo evidencia a sua ligação ao percurso do Museu Nacional de Arqueologia, o seu contributo para o enriquecimento das coleções desta instituição museológica e mesmo da investigação desenvolvida por José Leite de Vasconcelos. Numa fase anterior às divergências que afastaram as duas personalidades nos primeiros anos da década de 1910, Mesquita de Figueiredo considerava José Leite de Vasconcelos um mestre. Acompanhava-o nas suas excursões arqueológicas e era um leitor ávido das suas obras, procurando mesmo adquirir a bibliografia internacional por si referenciada. Foi um colaborador de *O Arqueólogo Português*, onde publicou a transcrição de fontes históricas e as suas próprias investigações arqueológicas. Obsequiou José Leite de Vasconcelos e o Museu Etnológico com diversos objetos por si descobertos e com a sua intermediação proporcionou a aquisição de outros.

Mesquita de Figueiredo está também intrinsecamente ligado à história e às coleções do Museu Municipal Santos Rocha, na Figueira da Foz, cidade onde passava temporadas com a família. Integrando os círculos intelectuais desta cidade, donde eram naturais os seus pais, foi bastante próximo de Santos Rocha, frequentava o

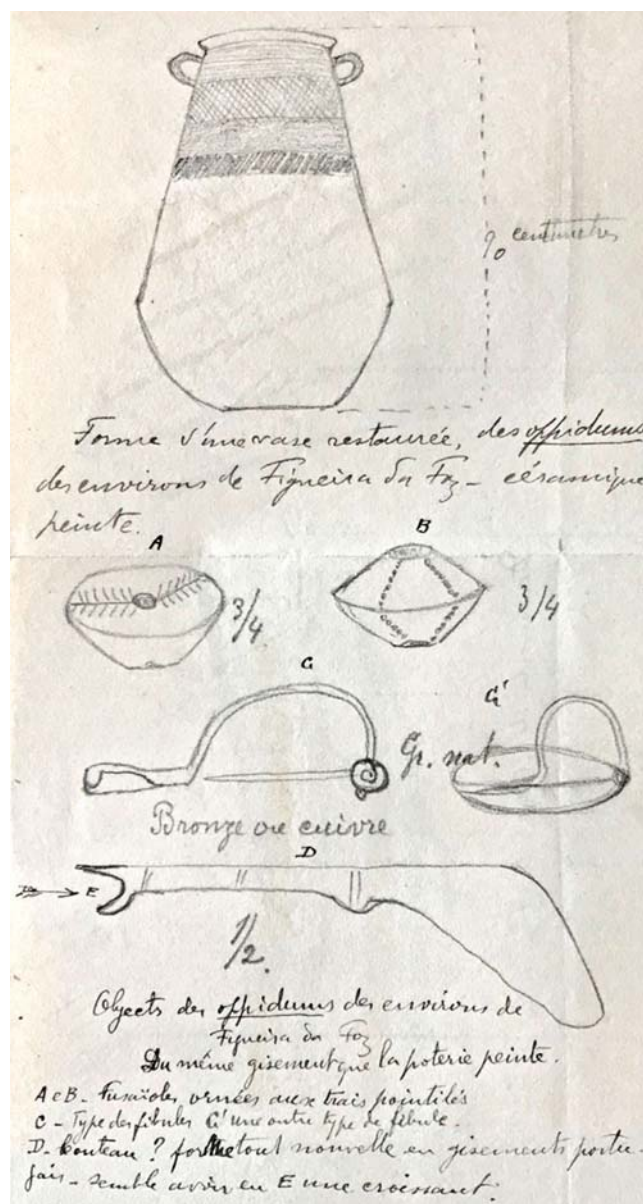


Fig. 15 – Desenhos enviados para o museu de Saint-Germain-en-Laye (carta de 10 Abril de 1901): “Objects des oppidums des environs de Figueira da Foz” (Musée d’Archéologie Nationale, Centre des Archives, Fond de Correspondance ancienne, Album 33A Portugal, planche 19).

⁷¹ MNA – Epistolário de José Leite de Vasconcelos, Carta de António Mesquita de Figueiredo, 26 Set. 1899, cota: 1264/8253.

museu que este dirigia e acompanhava as suas investigações. Era convidado para excursões arqueológicas e para as sessões científicas da sociedade arqueológica da cidade, à qual ofereceu alguns objetos durante os seus primeiros anos de atividade científica. Décadas depois, por sua vontade testamentária, foi à biblioteca, arquivo e museu da Figueira da Foz que foram doadas as suas coleções de objetos arqueológicos e etnográficos, livros, documentos, manuscritos, fotografias e alguma correspondência pessoal. Quanto ao núcleo de correspondência científica escolheu Mesquita de Figueiredo que fosse entregue à Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães. Doaria, como refere, “*trinta caixas, numeradas de um a trinta, com a condição de as guardar nos seus Reservados, e, de mandar inventariar*”⁷². Neste núcleo encontrar-se-ão centenas de cartas trocadas com intelectuais e cientistas reconhecidos ao nível nacional e internacional (FIGUEIREDO, 1948, p. 35-37).



Fig. 16 – Legado de António Mesquita de Figueiredo à Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás; 7 124 obras (Fotografia disponibilizada pela Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás).

De facto, Mesquita de Figueiredo será um dos mais internacionalizados colecionadores particulares portugueses (PEREIRA, 2018). Estabeleceu contactos com os mais reconhecidos arqueólogos da época, como por exemplo, Gabriel Mortillet, Emil Hübner, Emil Cartailhac ou Salomon Reinach. Junto destes e de outros importantes investigadores divulgou os seus registos fotográficos, a sua investigação etnológica e arqueológica, solicitando informações bibliográficas diversas e expondo as suas posições relativamente a determinados debates científicos. Estas diligências suscitaram alguma consagração internacional

⁷² Testamento de António Mesquita de Figueiredo, p. 2. Arquivo do Museu Municipal Santos Rocha, Figueira da Foz.

que se traduz pela divulgação e publicação dos seus estudos em revistas como *Revue Mensuelle de l'École d'Anthropologie* de Paris, *Révue Archéologique*, *Bulletin Hispanique: Annales de la Faculté de Lettres de Bordeaux* ou a *L'Anthropologie*. Os seus trabalhos foram consequentemente também citados por diversos autores estrangeiros, uma consagração internacional que foi compilada pelo próprio Mesquita de Figueiredo no seu *Curriculum Vitae* (1935).

Apesar de constituir um *invisible technician*, a sua obra científica e cultural é vasta e bastante auspiciosa. Com este artigo expusemos apenas uma parte desse percurso, que ao ser conhecido com maior detalhe acrescentará conhecimento não só sobre o seu papel na história da investigação arqueológica em Portugal na primeira metade do século XX e da sua projeção internacional, como na história das coleções do Museu Nacional de Arqueologia e do Museu Municipal Santos Rocha. O seu contributo para a história local, sobretudo da Figueira da Foz, e para a investigação etnográfica constituem igualmente áreas proficuas para futura investigação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à direção do Museu Nacional de Arqueologia e aos seus funcionários todas as facilidades concedidas para a publicação deste estudo; igualmente à direção do *Musée d'Archeologie Nationale*. Uma nota de reconhecimento à direção e funcionários do Museu Municipal Santos Rocha, do Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz e da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás. Finalmente registo o meu agradecimento pelo convite do Professor Doutor João Luís Cardoso para participar no presente número da revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras* bem como pela documentação gentilmente cedida para a elaboração do artigo.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, P. (2016) – Etnogenia, Fotogenia, Etnologia, Arquitetura Popular na primeira metade do século XX em Portugal. *Arquitetura Popular Tradição e Vanguarda: Tradición y Vanguardia*. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. p. 85-144.
- BARBELIN, C. J.; LOUBOUTIN, C. (2016-2017) – Cent cinquante ans d'enrichissement: politique d'acquisition et de gestion des collections du musée d'Archéologie nationale. *Antiquités Nationales*. Paris. 47, p. 7-32.
- CARDOSO, J. L. (2008) – Joaquim Filipe Nery Delgado, Arqueólogo. *Nery Delgado (1835-1908): Geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico, Instituto Nacional de Engenharia Tecnologia e Inovação, I. P./ Centro de História e Filosofia da Ciência – FCT e UNL, p. 65-81.
- CARDOSO, J. L. (2012) – António dos Santos Rocha (30 de Abril de 1853; 28 de Março de 1910) e a exploração arqueológica das grutas da Columbeira (Bombarral). *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo* (Coord. Raquel Vilaça e Sónia Pinto). Figueira da Foz: Casino Figueira, p. 53-61.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) - Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. Actas do I Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica (Lisboa, 1991). *Mediterrâneo*. Lisboa. 2, p. 193-206.
- CARTAILLAC, E. (1900). Mouvement Scientifique: La Revue *Archeologo Português*. Vol. I-V, 1895-1900, Lisbonne. *L'Anthropologie*. Paris. 11 (1), p. 284-285.

- CORREIA, V. (1924) – A cerâmica ibérica no centro e sul de Portugal. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 5 (37), p. 10-12.
- CRUZ, B. (1898) – Notícias várias. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4, p. 274-276.
- CRUZ, B. (1901) – Explorações da Sociedade Archeologica da Figueira. *O Archeologo Portugues*, Lisboa. 6, p. 59-61.
- DAVELUY, C. (1899a). Livres e Revues: A. M. de Figueiredo. Contribuições para a História da Pesca em Portugal. *Revue Mensuelle de l'École d'Anthropologie de Paris*. Paris. p. 71-72.
- DAVELUY, C. (1899b). Palafittes terrestres contemporaines au Portugal. *Revue Mensuelle de l'École d'Anthropologie de Paris*. Paris. p. 167-168.
- FIGUEIREDO, A. M. (1894) – *Breves apontamentos para a História da Pesca em Portugal, abrangendo a Idade-Média e parte da Contemporânea*. Lisboa.
- FIGUEIREDO, A. M. (1895) – Informações Archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 142-144, 153-158, 241-243, 316, 320.
- FIGUEIREDO, A. M. (1896) – Informações Archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso. *O Archeologo Português*. Lisboa. 2, p. 54-55, 162-165.
- FIGUEIREDO, A. M. (1897a) – Informações Archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso. *O Archeologo Português*. Lisboa. 3, p. 218-223, 281-286.
- FIGUEIREDO, A. M. (1897b) – Vestigios Archeologicos de Pombal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 3, p. 181.
- FIGUEIREDO, A. M. (1898a) – Vestigios Archeologicos dos arredores de Viseu. *O Archeologo Português*. Lisboa. 4, p. 238.
- FIGUEIREDO, A. M. (1898b) – Contribuições para a história da pesca em Portugal na epocha luso-romana: 1. anzoes e outros objectos de pesca, achados no Algarve. *O Archeologo Português*, 4, p. 53-58.
- FIGUEIREDO, A. M. (1913) – *Museu Etnologico Português: análise do relatório do sindicante Agostinho Fortes*. Coimbra.
- FIGUEIREDO, A. M. (1914a) – *Museu Etnologico Português: contestação e réplica ao folheto intitulado «Defensão do Museu Etnologico Português contra as arguições que uma Sr. Deputado lhe fez no Parlamento»*. Coimbra.
- FIGUEIREDO, A. M. (1914b) – Descobertas arqueologicas em Lisboa: Comunicação feita à Sociedade Archeologica da Figueira da Foz, pelo sócio António Mesquita de Figueiredo, em 28 de Outubro de 1900. *Gazeta de Coimbra*, 275. 7 Março 1914.
- FIGUEIREDO, A. M. (1935) – *Curriculum Vitae de António Mesquita de Figueiredo*. Lisboa.
- FIGUEIREDO, A. M. (1944) – Um sarcófago romano. *Novidades: Artes e Letras*. 25 Jun. 1944.
- FIGUEIREDO, A. M. (1948) – *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e António Mesquita de Figueiredo (Arqueologia e Epigrafia) 1898-1900*. Porto/Lisboa: Imprensa Portuguesa.
- FREITAS, D. M. (2019) – António Augusto dos Santos Rocha (1853-1910). *Quem é quem na Museologia Portuguesa*. Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 253-256.

- GARCÍA Y BELLIDO, A. (1948) – Sarcófagos romanos de tipo oriental hallados en la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*, 21, n.º 71, p. 95-109. (consultámos a versão digital: <http://www.cervantesvirtual.com/downloadPdf/sarcfagos-romanos-de-tipo-oriental-hallados-en-la-pennsula-ibrica-0/>)
- GOUVEIA, H. C. (1993-1994) – A crise no Museu Etnológico Português (1911-1913). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 11-12, p. 43-72.
- GRAN-AYMARICH, E. (2007) - *Les chercheurs du passé 1798-1945: Aux sources de l'archéologie*. Paris: CNRS Éditions.
- HÜBNER, E. (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlim. Vol. II.
- MACHADO, L. S. (1920) – Aquisições do Museu Etnológico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24, p. 257.
- MARTINS, A. C. (2012) – António Augusto dos Santos Rocha (1853-1910) e a Arqueologia na Viragem do Novo Século. *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo* (Coord. Raquel Vilaça e Sónia Pinto. Figueira da Foz: Casino Figueira, p. 13-39.
- OLEIRO, J. B. (1953-1954) – Dr. António Mesquita de Figueiredo (1880-1954). *Humanitas*. Coimbra. 1-2, p. 219.
- PARDO, F. M. (1899) – “Através de Portugal, Notas de viagem”. *Revista Gallega*, 5 (245), 19 Novembro de 1899, p. 2-3.
- PEREIRA, E. J. S. (2018) – *Coleccionismo Arqueológico e Redes de Conhecimento, Atores, coleções e Objetos – Portugal (1850-1930)*. Lisboa: Caleidoscópio/Direcção-Geral do Património Cultural.
- PEREIRA, E. J. S. (2019) – «Joaquim José Júdice dos Santos (1821-1907)». *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*. Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 268-270.
- PEREIRA, I. (1993-1994) – Leite de Vasconcelos e Santos Rocha: reflexos da polémica “Portugália”. *O Arqueólogo Português*. Série IV, 11-12, p. 89-101.
- REINACH, S. (1891) – *Antiquités Nationales: Catalogue*. Paris: Librairies-Imprimeries Réunies.
- RIBEIRO, J. C. (Coord.) (2002) – *Religiões da Lusitânia, Loquuntur saxa*. Lisboa: IPM, p. 312.
- ROCHA, A. S. (1903) – Necrópole luso-romana da Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho. *Portugália*. Porto. 1, p. 596-598.
- ROCHA, A. S. (1904) – Sessão de 13 de Outubro de 1901, Presidência do sócio Manuel José de Sousa Relatório da gerência de 1900-1901. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz, 1, p. 35-38.
- ROCHA, A. S. (1905) – *O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálogo Geral*. Figueira: Imprensa Lusitana.
- SHAPIN, S. (1989) – The Invisible Technician. *American Scientist*, 77(6), p. 554-563.
- SILVA, A. V. (1937) – *O castelo de S. Jorge em Lisboa: estudo histórico-descritivo*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- VASCONCELOS, José Leite de (1895a) – Palavras Prévias. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 1-2.
- VASCONCELOS, J. L. (1895b) – Noticias de antigualhas da Terra de Miranda no seculo XVIII. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 11-12.
- VASCONCELOS, J. L. (1898) – A respeito de Conimbriga. *O Archeologo Português*. Lisboa. 4, p. 304-308.

- VASCONCELOS, J. L. de (1900) – *Estudos de Philologia Mirandesa*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. I.
- VASCONCELOS, J. L. (1899-1900a) – Antiquidades do Sul de Portugal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 5, p. 330-334.
- VASCONCELOS, J. L. (1899-1900b) – Antiquidades Romanas de Lisboa. *O Archeologo Português*. Lisboa. 5, p. 282-287.
- VASCONCELOS, J. L. (1904) – Necrologia. *O Archeologo Português*. Lisboa. 9, p. 128-142.
- VASCONCELOS, J. L. (1913) – *Defensão do Museu Etnologico Português contra as arguições que uma Sr. Deputado lhe fez no Parlamento*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- VASCONCELOS, J. L. de (1915) – *História do Museu Ethnologico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.

O GENERAL CONDE DE SÃO JANUÁRIO: NOTAS DE LEITURA SOBRE A EDIÇÃO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS, NÚMERO ESPECIAL, 2018

THE GENERAL COUNT OF SÃO JANUÁRIO: READING NOTES ON THE EDITION OF ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS, SPECIAL ISSUE, 2018

José Inácio Sousa*

Abstract

In times of change, the nineteenth century in Portugal witnesses remarkable events from the Napoleonic Wars to the Ultimatum. In this context we seek to insert the life of Januário Correia de Almeida, based on the book of João Luís Cardoso edited in the special number 2018 of the *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. This article was prepared based on the presentation of the work that took place on 13 April 2019 in Oeiras.

Keywords: Portugal, Ultimatum, Army, Diplomacy, Patuleia

1 - INTRODUÇÃO

É para mim um prazer e uma honra poder participar nesta justíssima homenagem promovida pela Câmara Municipal de Oeiras que dedicou um número especial dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* ao General Conde de São Januário (CARDOSO, 2018).

Cumprimento o Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho, em representação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, a Senhora Presidente da União de Freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias, Dra. Madalena Castro e todos os presentes.

Saúdo o Professor João Luís Cardoso, autor desta obra que exigiu seguramente pesquisa detalhada, nomeadamente na leitura e interpretação dos documentos que constituem o processo individual o qual regista toda a vida profissional do militar. Não foi menos exigente a abordagem às vertentes do político, administrador, engenheiro, diplomata e cultural que caracterizaram a vida de Januário Correia de Almeida.

O livro deve ser lido na perspectiva do tempo, constituindo uma janela aberta sobre a segunda metade do século XIX. O autor remete-nos sucessivamente para áreas e temas que caracterizaram a vida de General Conde de S. Januário que permitem refletir sobre Portugal do tempo da guerra da Patuleia, do mapa cor de rosa ou do contributo para colonização e definição das fronteiras dos territórios africanos. O professor João Luís Cardoso conduz-nos para longínquos espaços geográficos e para temas militares, diplomáticos, culturais e políticos, seguindo a ação do Conde de S. Januário através de quatro continentes.

* Major-general do Exército (reformado)

O autor acompanha o percurso do General Conde de S. Januário nas sucessivas fases da sua vida e nas importantes funções, cargos e missões que cumpriu. No seu desempenho prevaleceu a formação militar e académica evidenciando a natureza do seu carácter, firme e prudente, autoritário quando necessário. Aliou à sua inteligência, a visão, determinação e espírito de sacrifício largamente demonstrados no desempenho dos altos cargos assumidos e nas missões cumpridas durante a longa e diversificada carreira. Foi uma vida dedicada à causa pública servindo Portugal nas mais diversas circunstâncias.

O texto, excelentemente estruturado e articulado, salienta a dimensão da sua obra como Governante, Comandante, Diretor e Embaixador. A sua intervenção como sócio fundador e 1.º Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, e Sócio Correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, e a sua atuação como Presidente da Real na Associação dos Arquitetos e Arqueólogos Portugueses, merece amplo relevo ao longo da obra.

Com referência ao trabalho do Professor João Luis Cardoso procurarei evidenciar as múltiplas facetas de Januário Correia de Almeida com especial relevo para a sua carreira militar e sucessivamente os importantes cargos e funções políticas que exerceu e também sobre a sua atividade como diplomata.

2 - A FORMAÇÃO E CARREIRA MILITAR

A vida militar cedo despertou o interesse de Januário Correia de Almeida. Foi admitido como aspirante a Guarda Marinha em 10 de dezembro de 1840 (COSTA, 2005). Assentou praça como voluntário em 4 de novembro de 1842, no Batalhão de Caçadores 2 (BC2) sediado no Castelo de S. Jorge, com pouco mais de 15 anos de idade. Nesta unidade cumpriu 4 anos um mês e quatro dias de serviço. Declarado aspirante a oficial, matricula-se na Escola do Exército no curso de infantaria e cavalaria. O serviço militar prestado no BC2 e mais tarde no Regimento de Cavalaria 1 (RC1) em Estremoz, foi regularmente interrompido por longos períodos com licença para cumprir a sua formação académica na Escola Politécnica, no liceu e na Universidade de Coimbra.

Concluído o curso de infantaria e cavalaria em 23 de junho de 1845 percorre rapidamente os postos inferiores do exército: Anspeçada (2º Cabo), Cabo, 2º Sargento. No dia 1 de dezembro de 1845 é promovido a 1º sargento.

Continua a sua formação, habilitando-se com o Curso de Estado-Maior na Escola do Exército em julho de 1854. Adquire o Grau de Bacharel em Matemática pela Universidade de Coimbra e obtém aprovação na Escola Politécnica das 9.ª e 10.ª cadeiras, necessárias como complementares para o Curso de Estado-Maior e para os cursos de engenheiro militar e engenheiro civil.

No registo de alterações é referido ter sido aprovado no liceu de Coimbra em francês, latim, filosofia racional e moral, princípios do direito nacional, inglês, geografia e história portuguesa. Frequentou na escola politécnica a disciplina de Introdução à História Natural dos Três Reinos.

Promovido a Alferes de Cavalaria em 22 de dezembro de 1846 é colocado em Estremoz no RC1. Percorre os sucessivos postos sendo Tenente aos 27 anos, Capitão aos 30, Capitão para o Estado-Maior aos 36, Major aos 42, Tenente-Coronel aos 52, Coronel aos 57. Promovido a General de Brigada em 1893 atinge o posto de General de Divisão em 1896, com 69 anos de idade.

Na Escola do Exército foi comandante de 1896 a 1897. Esta escola foi antecedida pela Lição de Artilharia e Esquadria (1641-1790) e pela Academia Real de Fortificação Artilharia e Desenho (1790-1837). Sucederam à Escola do Exército a Escola de Guerra (1911-1919) a Escola Militar entre (1919-1938), de novo Escola do Exército (1938-1959) e desde então, até aos nossos dias, Academia Militar. Hoje, sob o Comando do General João Vieira Reis, aqui presente, a Academia Militar continua a cumprir o designio histórico de formar os oficiais do Exército português, missão que assume, há séculos, com elevado sentido patriótico.

O desempenho do General Conde de S. Januário alternou entre sucessivos cargos políticos, diplomáticos e militares. Sob o ponto de vista militar foi essencialmente um oficial do corpo de estado-maior e comandante. Como mais relevantes registam-se os cargos de Ministro da Marinha e Ultramar (1880); Comandante do Corpo de Estado-Maior (1896); Comandante da Escola do Exército (1896-1897); Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra (20-2-1886 até 14-11-1888). Foi Comandante da 1.^a Divisão Militar de 27-8-1896 até à passagem à reforma em 1898, com 71 anos.

Era possuidor de diversos títulos honoríficos e foram-lhe atribuídas as mais altas condecorações merecendo destaque a de Comendador da Ordem da Torre e Espada.

3 – A PARTICIPAÇÃO NA BATALHA DE TORRES VEDRAS (1846)

Apesar de a sua formação militar estar orientada para os assuntos de estado-maior é indispensável assinalar a sua vertente de combatente. Nos registos de informações semestrais e registo de alterações é referida a sua participação na campanha de 1846/47 decorrente da Guerra da Patuleia. É dada como firme a sua presença na batalha de Torres Vedras ocorrida em 22 de dezembro de 1846 dia em que precisamente S. Januário é promovido a Alferes de Cavalaria para o corpo do RC1 1. Seria possivelmente 1.^o sargento ou Aspirante a oficial. Como oficial de baixa patente, não é plausível que se tivesse limitado a observar a batalha como espectador. Provavelmente esteve presente nas forças do Duque de Saldanha nas quais o seu regimento estava integrado. Este facto é repetidamente referido no seu processo individual.

A batalha de Torres Vedras, que opôs forças do Duque de Saldanha, fiel à rainha, e os condes da Antas e do Bonfim (General Travassos Valdez) fiéis às juntas do Norte, foi violenta e sangrenta. “*Em presença, as forças de Saldanha estimavam-se entre 6 a 7 mil homens com 600 a 800 cavalos e 16 bocas de fogo de artilharia. As forças de Bonfim e Antas eram constituídas por cerca de 4 mil homens, 200 a 300 cavalos e duas bocas de fogo de artilharia.*” (MATOS, 2006).

O combate, que durou cerca de 7 horas, foi de grande intensidade. “*No final da batalha, no seu relatório, o duque de Saldanha assinala 57 mortos e 316 feridos para as suas forças. Segundo o conde de Bonfim as perdas estimavam-se entre 200 a 240 prisioneiros e 100 mortos e feridos.*” (MATOS, 2006). O combate questionou o valor defensivo das Linhas de Torres e com alguma razão. Afinal o Forte de S. Vicente não era inexpugnável. Mas as Linhas de Torres tinham valor pelo seu conjunto e não por um reduto isolado. Os fortes estavam em apoio mútuo e não seria possível atacar isoladamente cada um deles ignorando os redutos vizinhos e a ligação existente entre os mesmos.

O Alferes de Cavalaria Correia de Almeida testemunhou a violência da guerra em Torres Vedras e na campanha que continuou em 1847. Seguramente a participação nesta campanha foi marcante para a sua formação militar.

4 – O DESENVOLVIMENTO DO SERVIÇO DE ESTADO-MAIOR

Para preparar as forças, organizar a batalha e conduzir a guerra surgiu no século XIX um novo elemento. Foram constituídos núcleos de planeamento que auxiliavam os comandantes na preparação e conduta da guerra. Refiro-me aos estados-maiores que não sendo combatentes da primeira linha conseguiam dar coerência aos dispositivos e apoiar os comandantes nas suas decisões. Apesar de ser oriundo de cavalaria, o General Conde de S. Januário cedo orientou a carreira para a especialidade ou serviço de estado maior. Frequentou

este curso na Escola do Exército e concorreu já em capitão ao corpo de estado-maior. Em 1896 como general de divisão viria a ser Comandante do Serviço de Estado-Maior.

Os estados maiores desenvolveram-se extraordinariamente no final do século XIX e nos dois grandes conflitos do século XX (DUPUY, 1984). O Exército português acompanhou esta tendência e modernizou a sua estrutura de comando e operacional à semelhança dos exércitos europeus com inspiração no exército prussiano e mais tarde no francês. Em 1911 é criada a Escola Central de Oficiais que viria a ser instalada aqui, em Caxias, no Real Paço em 1927. Em 1937 é criado o Instituto de Altos Estudos Militares funcionando em Caxias até 1959 quando é definitivamente transferido para Pedrouços onde existiu até 2013 ano em que foi extinto. Suceder-lhe-ia o Instituto de Estudos Superiores Militar o qual evoluiu para atual Instituto Universitário Militar agregando os três ramos das forças armadas.

O Serviço de Estado Maior desenvolveu-se e persistiu até ao 25 abril de 1974. Foi então extinto e encerrados os cursos no Instituto de Altos Estudos Militares. Já nos anos 80, os cursos foram progressivamente retomados e hoje têm uma configuração conjunta agrupando oficiais dos três ramos no Instituto Universitário Militar. O Corpo de Estado-Maior, como serviço autónomo, nunca mais foi reconstituído.

Verdadeiramente são os combatentes que vivem e sofrem os horrores da guerra. São eles que correm mais riscos e merecem e justificam o maior relevo e mais elevado respeito. A eles são concedidas as maiores honras e condecorações. Mas estratégia ou táticas mal adotadas pelos comandantes são decisivas no sucesso ou insucesso da batalha. Januário Correia de Almeida constitui a síntese do oficial de estado-maior e combatente. Participou na guerra entendeu os fatores decisivos na sua conduta. A sua formação de estado-maior, que iniciou na Escola do Exército, preparou-o para o melhor desempenho no exercício de todos os cargos políticos diplomáticos e militares que exerceu ao longo da sua vida.

5 – MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA GUERRA

Como Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra num governo presidido por José Luciano de Castro exerceu o comando de 20 de fevereiro de 1886 a 14 de novembro de 1888. Seria o tempo de reformas face ao desenvolvimento acelerado de novas armas e novas organizações estruturais e da situação política internacional. Apesar dos perigos e riscos que se pressentiam não era fácil a reestruturação do Exército. Também a Marinha tinha grandes dificuldades na renovação dos seus meios navais. Foi um período de incertezas e grandes dificuldades. O autor recorda o envolvimento ativo do Conde de S. Januário e as circunstâncias em que foi decidida a aquisição de meios navais para a marinha. Por subscrição pública, lançada em 1890, foi construído nos estaleiros de Livorno o cruzador Adamastor. Foi entregue ao governo português em 7 de agosto de 1897, 9 anos depois. O Professor João Luis Cardoso relata detalhadamente as iniciativas e ações tomadas pelo Conde de S. Januário que lutou com persistência pela construção do navio.

6 – A CRIAÇÃO DA ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA E CAVALARIA

Uma das realizações mais conseguidas do Conde de S. Januário enquanto Ministro terá sido a criação da Escola Prática de Infantaria e Cavalaria em 1887. Permitam-me que aborde a criação desta Escola militar pois seguramente quase todos os cidadãos portugueses que fizeram serviço militar como oficiais ou sargentos, se recordarão de Mafra, do frio da tapada, do convento e dos fantasmas que por ali pairavam.

Na última década do século XIX começam a ser criadas escolas militares em exércitos estrangeiros, com finalidades essencialmente práticas visando o aperfeiçoamento dos oficiais e sargentos. A escola de infantaria e cavalaria do exército americano é criada em Leavenworth (E.U.A.) em 1881. Seguramente o Ministro da Guerra estava atualizado relativamente às novas tendências organizativas e de metodologia da instrução.

“Em 14 de agosto de 1887 o Rei Luís I e o Conde de São Januário chegam a Mafra por motivo da Instalação da nova Escola de Infantaria e Cavalaria e assistem a uma bonita recepção”. (ASSUNÇÃO & BATALHA, 1998). Por decreto de 22 de agosto de 1887 o Conde de S. Januário criou em Mafra a Escola Prática de Infantaria e Cavalaria. Em 19 de novembro do mesmo ano faz publicar um detalhado e bem estruturado regulamento organizativo da mesma escola¹. Sob o comando de um general de Brigada ou coronel de infantaria ou cavalaria a escola instalou-se no convento nele persistindo até ser extinta em 2015. Sendo o convento utilizado desde 1840 por unidades militares (ORMONDE MENDES, 2017), foi a partir de 1887 que a presença militar em Mafra se estabeleceu de forma permanente e sustentada e continuou ao longo de 125 anos, formando os oficiais e sargentos de Infantaria e ministrando a formação base a quase todos os oficiais do exército designadamente a partir de 1960.

A população foi sensível à instalação da Escola em Mafra. Assinalou o facto com grande relevo assim como sempre acolheu a sucessiva chegada de batalhões para instrução. Em 15 de novembro de 1887 os mafrenses *“tendo conhecimento que o conde S. Januário estava doente mandam celebrar na Real Basílica de Mafra um solene Te Deum em ação de graças pelas melhoras daquele ministro.”* (ASSUNÇÃO & BATALHA, 1998).

O fundador desta escola foi sempre evocado pelos sucessivos comandos da Escola Prática de Infantaria. O seu nome foi atribuído pela Câmara Municipal de Mafra a um largo anteriormente conhecido por “Largo das Bicas” localizado junto à face Norte do Monumento. A dinâmica dos tempos alterou a designação das placas toponímicas substituindo-as por outra. Desde meados dos anos 70 é conhecido como Largo General Humberto Delgado. Continua a ser chamado por muitos, Largo de S. Januário por outros, Largo das Bicas. A nova Escola das Armas não perdeu as suas referências e designou a parte do quartel que se localiza na tapada de Mafra como “Aquartelamento General Conde de S. Januário” mantendo assim viva a memória do fundador. Foi uma Escola bem pensada e orientada para o futuro. Funcionou em três séculos com pequenas alterações organizativas. Apesar de extinta, a Escola Prática de Infantaria foi substituída por uma nova, a Escola que reúne as armas da manobra, ou seja, a infantaria a artilharia a cavalaria a engenharia e as transmissões. Prevaleceu o conceito de armas combinadas e o espírito do inspirador das escolas práticas - o General Conde de S. Januário.

7 – CARGOS E FUNÇÕES POLÍTICAS

Exerceu funções no Ministério das Obras Públicas, como diretor nos distritos de Braga e Viana do Castelo. No ministério do Reino (1862-1865) foi governador civil do Funchal, de Braga, do Porto. Viria ainda a ser eleito deputado às cortes pelo Porto sendo de novo governador deste distrito até 7 de janeiro de 1878.

Foi sucessivamente, Governador-Geral interino de Cabo Verde, Governador-geral do Estado da Índia e Governador-Geral de Macau e Timor. Em Cabo Verde construíram-se no seu mandato a casa da Câmara, quartéis, estradas e um cais no porto da ilha de Santiago, as alfândegas das ilhas de São Vicente e do Fogo, estradas na ilha Brava e o liceu na capital do arquipélago.

¹ Ordem do Exército n.º 26. Secretaria d'Estado dos Negócios da Guerra. 19 de Novembro de 1887.



Fig. 1 – Chegada de militares reservistas de Infantaria 7 ao Largo das Bicas, mais tarde designado como Largo General Conde de S. Januário. Mafra, 1900, Arquivo da Escola Prática de Infantaria.



Fig. 2 – Vista atual do Largo Humberto Delgado, ex. Largo General Conde S. Januário. Ao fundo, aquartelamento de S. Januário, à direita, Tapada Nacional de Mafra.

Na Guiné onde esteve de 19 de abril até 15 de maio de 1861 do mesmo ano, auxiliou no esclarecimento das fronteiras, na criação de infraestruturas portuárias militares e habitacionais, na construção de um cais no porto de Bissau, construção do novo quartel do governador, na criação de uma comissão para estudar o interior do território. Propôs a independência administrativa da Guiné relativamente a Cabo Verde, a adoção de isenções e a criação de companhias de comércio e navegação. Num mês de permanência na Guiné identificou os principais problemas relacionados com a administração e defesa do território e avançou propostas objetivas e realistas para *“melhorar o progresso e importância daquela quasi abandonada, porém importantíssima parte dos domínios portugueses em África” (Um mês na Guiné)*.

No estado da Índia, onde foi Governador-Geral de 4 de maio de 1870 até final de 1871, enfrentou a insubordinação de 4 batalhões (21 setembro 1871) ocorrida na sequência da revolta de Volvay associada *“à demora de concretização do projeto de reorganização do exército no respeitante à prometida reforma de carreira militar e consequentes promoções”*. Revoltam-se sucessivamente o Batalhão de Infantaria n.º 3 de Bicholim (21 de setembro de 1871) seguidos pelo Batalhão de Caçadores 2 de Pondá, Batalhão Caçadores 1 de Margão e Batalhão de Caçadores 4 de Mapuçá.

O Governador-Geral reage reunindo as forças existentes em Goa (artilharia e Guarda Municipal) e faz uma intimação aos revoltosos exigindo aos comandantes dos corpos que no prazo de 6 horas regressem aos respetivos quartéis e se submetam à ordem da autoridade. A intimação foi acatada, as forças regressaram a quartéis, não houve derramamento de sangue e não cedeu às exigências dos revoltosos.

Uma revolta desta natureza, ocorrida em territórios longínquos, deixou o Governador-Geral entregue a si próprio, sem outra alternativa que não fosse dominar a insubordinação. Fê-lo com coragem, firmeza, humanidade e sem concessões. Recusou o apoio inglês e tornou desnecessária a força enviada pela metrópole sob o Comando do Infante D. Augusto. Não foi a primeira vez e não seria a última que revoltas e insubordinações ocorreriam com forças expedicionárias enviadas e abandonadas em territórios remotos.

Como Governador de Macau e Timor (23 março 1872 a 7 de dezembro de 1874), promoveu, em Macau, a construção do Quartel e do Hospital Militar em 1874, entre outras realizações. Elabora relatórios abrangentes a Macau e Timor relativamente a Finanças, Riqueza Pública, postos fiscais chineses, emigração, obras públicas, organização de forças de mar e melhora os serviços públicos.

Em Macau valoriza a organização militar e dota os fortes com artilharia de grosso calibre. Promove reformas administrativas na área da instrução e dos equipamentos portuários.

8 – DIPLOMACIA

Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário junto do Império da China e no ano seguinte no Império do Japão e Reino do Sião (1875).

Mediador no caso de um conflito pela disputa da coroa do Sião conseguiu evitar o conflito e alcançar um entendimento entre o rei legítimo Rama V e o seu opositor. A sua vertente de diplomata foi confirmada pelo sucesso com o restabelecimento do entendimento e da paz entre as partes. Visitou as ruínas de Angkor revelando ao seu interesse pela cultura. Na China auxiliou o Império a combater a pirataria. No Império do Sol Nascente reorganizou o serviço consular o que lhe valeu a outorga Grã-Cruz da Ordem do Sol Nascente.

Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário junto das repúblicas da América do Sul, negociou 16 tratados com países da região – Uruguai, Paraguai, Chile, Argentina, Bolívia, Perú e México. Fez-se acompanhar pelo secretário Pedro Gastão Mesnier como já havia acontecido na viagem ao Extremo-Oriente. A divulgação da viagem foi feita através de um livro no qual relata com rigoroso detalhe as características de cada país e observações de natureza cultural, económica, geográfica e arqueológica. Esta missão foi uma epopeia e um desafio à resistência física e mental do Tenente-Coronel Januário Correia de Almeida e do seu secretário. Sem apoios, percorreu 9 mil léguas utilizando diversos tipos de transportes, navio, caminho de ferro ou cavalo. Mais de um ano a percorrer espaços desconhecidos e cheios de perigos sempre a observar e a registar.

O Professor João Luis Cardoso narra com ritmo impressionante esta viagem tornando a leitura apetecível e do maior interesse. É aconselhável ter à mão um atlas tantos são os locais que é preciso identificar. Não se tratou de uma criação ou novela foi uma missão no espírito dos portugueses das descobertas.

Outros domínios são abordados no trabalho. A atividade do Conde de S. Januário no âmbito da Sociedade de Geografia foi amplamente reconhecida e assinalada por esta prestigiosa instituição. A Arqueologia também mereceu o seu interesse e beneficiou da sua ação. Foi Presidente e sócio de mérito da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses.

9 – EM CONCLUSÃO

O Professor João Luis Cardoso apresenta-nos uma monografia excelentemente estruturada e com um grau de detalhe e rigor assinaláveis articulando coerentemente temas, locais, datas e acontecimentos. A leitura faz-se com facilidade apoiada em referências temporais e geográficas aliás absolutamente indispensáveis à compreensão do texto. Não me atrevo a comentar a clareza do texto nem o modelo adotado para o desenvolvimento da monografia. Tudo é muito bem documentado e abundantemente ilustrado. As transcrições da documentação e as citações dão credibilidade acrescida ao trabalho. A arrumação temática segue o percurso da vida pessoal, profissional e política do General Conde de S. Januário.

A carreira de Januário Correia de Almeida alternou sucessivamente com cargos e funções de natureza militar, política ou diplomática. Assentou sobretudo na condição militar que assumia orgulhosamente. No Exército desempenhou cargos da maior relevância. Anteviu a necessidade de grandes reformas, mas os tempos não eram fáceis nem propícios à reestruturação.

A decisão da Câmara Municipal de Oeiras de revisitar a figura deste prestigiado português e oirense merece o aplauso de todos os que sentem e vivem Portugal. De algum modo recupera uma personalidade brilhante que o tempo vai remetendo para o esquecimento. Importa agora que seja mantida a memória deste português ilustre, inteiramente dedicado à Causa Publica, que prestigiou as Forças Armadas e representou honrosamente Portugal. Seria interessante que os atuais responsáveis da Instituição Militar promovessem junto dos seus jovens oficiais e sargentos nas academias e escolas a divulgação da vida deste português distinto que importa evocar, tomar como exemplo e não esquecer. Refiro-me em especial à Academia Militar e à Escola das Armas. Renovo os parabéns à Câmara Municipal de Oeiras e felicito o autor deste volume, Professor Doutor João Luis Cardoso por esta iniciativa que recorda *Um Português de Exceção - General Conde de S. Januário*.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, J. L. (2018) – *O General Conde de S. Januário (1827-1901). Um português de exceção*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 208 p. [Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial].
- COSTA, António José Pereira, coord. (2005) – *Os Generais do Exército Português*. Lisboa: Biblioteca do Exército, II tomo, p. 277-279.
- DUPUY, T. N. (1984) – *A genius for war -The German Army and General Staff 1807-1945*. Faifax: Hero Books. p. 361.
- MATOS, Venerando António Aspra (2006) – A batalha de Torres Vedras – 22 de dezembro de 1846. *Revista Militar*, nº 2459, dezembro de 2006.
- ASSUNÇÃO, Guilherme; BATALHA, Rogério (1998) – *Mafra. Efemérides do Concelho*. Mafra: Câmara Municipal, p. 172.
- ORMONDE MENDES, João Manuel de Sousa Menezes, coord. (2017) – *300 Anos da Construção do Convento de Mafra. 1717-2017*. Mafra: Escola das Armas. p. 269.

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS 25 (2019)

Martín Almagro-Gorbea*

Es una importante efeméride, para la Arqueología y la Cultura, la edición en el año 2019 del número 25 de la revista científica **ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**, que edita la Câmara Municipal de Oeiras dirigida e impulsada desde su creación por el Prof. João Luís Cardoso como Editor Científico, aunque de todos es sabido que su labor va mucho más allá.

Todos los colegas de la Arqueología celebramos esta efeméride con la profunda admiración que compartimos todos los arqueólogos por esta gran revista, una de las más importantes de la Península Ibérica y de Europa Occidental. Lo testimonian el interés científico de sus artículos, la participación de autores e investigadores de primera línea, el espíritu de colaboración que desarrolla, la regularidad de su publicación y la calidad de su edición, cada año mejorada a medida que avanzan las técnicas de impresión. No se puede pedir más. Es por ello un magnífico ejemplo de la tradición cultural portuguesa dentro de esta Europa actual que, entre todos, queremos construir.

Los trabajos publicados dan a conocer los estudios cada día más complejos que desarrolla la Arqueología, una ciencia que despierta especial interés por su variada metodología y por explicar nuestro origen a la sociedad. Este interés se acrecienta en estas tierras occidentales de la antigua Iberia, que constituían el extremo *finis terrea* del continente afro-asiático, junto al océano Atlántico, el límite del mundo hasta el descubrimiento de América.

Además, nuestra Península Ibérica puede y debe ser considerada en muchos aspectos un micro-continente situado entre el Mediterráneo y el Atlántico y entre Europa y África, aunque esta diversidad enriquecedora sea muchas veces mal interpretada al olvidar nuestro carácter peninsular “cuasi-insular”.

* * *

Este número 25 de una revista científica como **ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS** es muy significativo, pues revela veteranía y gran madurez. No quiero, por prudencia, referirme a la clarividencia del Prof. Cardoso al instituir esta revista, desde su brillante idea inicial de crearla al esfuerzo continuado, año tras año a lo largo de un cuarto de siglo, para acrecentar su interés científico y su prestigio al servicio de todos.

* Catedrático jubilado. Universidad Complutense de Madrid. Académico Anticuario de la Real Academia de la Historia (Madrid).
anticuario@rah.es

Estos 30 años transcurridos desde su fundación en el año, ya lejano, de 1991, equivalen, desde la visión del tiempo que tiene un arqueólogo, a toda una generación humana, pero son unas 5 generaciones de investigadores los que hemos disfrutado esta revista, cada día más pujante. Es un lapso de tiempo muy significativo.

Es también, ante todo, –como sabemos quienes hemos tenido alguna experiencia en tareas de este género–, el resultado de un gran esfuerzo personal y de una constancia que merece el mayor elogio pues es digna de admiración. El esfuerzo personal del Prof. Cardoso se evidencia en todos los volúmenes, que son una muestra más de su inimitable actividad, fruto de su inteligencia y de una vitalidad envidiable, en el mejor sentido de la palabra. Además, su amable trato siempre ha logrado atraer a los mejores especialistas y conseguir de ellos trabajos de la mayor novedad e interés científico. En una palabra, siempre se publican temas brillantes que iluminan el pasado de la antigua Iberia y del Occidente de Europa.

Este espíritu de cooperación con colegas e instituciones, en especial con los museos y centros arqueológicos, constituye un ideal que logra materializar a través de la revista y que es un modelo para todos los investigadores, en el que subyace una gran vocación profesional de servicio a la Arqueología, que aúna su buen saber hacer y una gran vocación de servicio a la sociedad.

* * *

De manera breve, se podría recordar la historia de la revista, pero me atengo al acertado *Prefacio* escrito que Don Isaltino Morais, en el que hace una brillante síntesis historiográfica de los **ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**. En ella señala que, sin considerar el volumen actual, se han editado 11.212 páginas en los 313 artículos publicados, en los que han participado 269 autores. En ese ingente volumen de estudios publicados no cabe referirse a los muy numerosos y muy importantes yacimientos estudiados, con temas que abarcan desde el Paleolítico a la actualidad, además de aportaciones a la Museología, a la Historiografía y a la valoración de los yacimientos como Patrimonio Cultural.

Por su interés bibliográfico e historiográfico, se puede hacer una aproximación a los principales temas del rico contenido de la revista, aunque no siempre es posible atenerse a clasificaciones precisas y exactas en estos temas. Del Paleolítico se han publicado 9 artículos y otros 5 del Mesolítico. Los periodos del Neolítico, con 20 artículos, del Calcolítico, que alcanza hasta 40, y de la Edad del Bronce, con 32, constituyen, por tanto, el campo de estudios preferente de la revista. Siguen en importancia, –y en orden cronológico–, la Edad del Hierro con 12 artículos, Roma con 13, la Edad Media con 8 y la Edad Moderna y Contemporánea con otros 8 artículos más. Finalmente, además de 88 artículos dedicados a temas varios, se dedican 76 artículos a la Historiografía, que ponen en evidencia la importancia que se da a una revisión crítica, siempre positiva, del trabajo desarrollado en la Arqueología.

Merece la pena igualmente señalar algunas de sus características principales, que son clave en el éxito logrado en el campo científico y cultural, por lo que no sorprende, –pero hay que resaltarlo–, que sus intercambios con las principales revistas nacionales e internacionales se aproximan a los 200, una cifra realmente importante.

La primera característica que llama la atención del lector es que todos los números dan a conocer excavaciones y estudios del mayor interés, en su mayoría de colegas portugueses, pero por su carácter está siempre abierto a figuras destacadas de la arqueología europea. A ello se añade que los trabajos publicados ofrecen un carácter interdisciplinar e innovador muy actual, al aprovechar los nuevos métodos que ofrece la Arqueometría y las Arqueociencias en general.

Otra característica, cada vez más elogiada en la actualidad, es el gran sentido práctico e independiente de las modalidades que ofrece, pues no se restringe el número de páginas de los artículos y se han limitado todo lo posible los trámites burocráticos de control de la calidad científica, lo que es un ejemplo a estudiar.

También merece positivos elogios el rigor y la exhaustiva documentación que se ofrece en los artículos publicados. Esta revista es un magnífico ejemplo de saber aunar, por una parte, la difusión de la información arqueológica, que responde a la actividad empírica de nuestra ciencia, que constituye la base de conocimiento que siempre será de utilidad, ya que los yacimientos se “destruyen” cuando se excavan, por lo que la documentación bien publicada es lo que queda de ellos. Por otra parte, ofrece también visiones de síntesis teóricas, que permiten conocer los continuos avances en el conocimiento, aunque, por ello mismo, estos artículos están avocados a ser superados con el continuo avance de la ciencia.

Por último, hay que señalar cómo la revista estimula las relaciones científicas y contribuye a difundir los conocimientos arqueológicos, lo que la hace acreedora del reconocimiento público, pues es un modelo de colaboración entre colegas y de potenciación de los estudios en un campo tan importante y abierto como es el Patrimonio Arqueológico. En conclusión, como he señalado, es una de las mejores revistas de Arqueología de la Península Ibérica por su contenido y por la calidad de su esmerada edición.

* * *

También es oportuno, en esta ocasión, hacer una reseña, necesariamente breve, de este número 25 de los **ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**, por ser el más reciente número publicado.

Este número, que es un magnífico ejemplo más del interés que ofrece la revista, se compone de 7 artículos, editados en 384 densas páginas. En el *Prefacio* (p. 7-8), Don Isaltino Morais resalta la actividad del *Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras*, del que la revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras* es su prestigioso órgano de difusión, por lo que reseña la importancia de este número 25, pues testimonia la plena madurez de la revista en el campo científico.

El artículo que sigue es *La cuestión campaniforme : sur quelques débats d'hier et d'aujourd'hui*, de Jean Guilaine (p. 9-46). A partir de una conferencia dada en la celebración del 30 aniversario del Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, ofrece una visión de síntesis, de gran interés historiográfico, de la cuestión campaniforme, dada por uno de sus máximos especialistas. Guilaine traza una síntesis de los conocimientos actuales sobre la cerámica, el complejo de tumbas y habitats, la periodización, el problema del origen de la Cultura Campaniforme, las aportaciones de la genética y su carácter individual y su herencia, temas que son tratados con la brillantez y profundidad que le caracterizan.

A continuación, se publican otros artículos de igual interés. *Os mais antigos vasos marítimos e a sua difusão a partir do estuário do Tejo, uma actualizada puesta a punto de esta importante questão de la Cultura Campaniforme*, João Luís Cardoso (p. 47-74), *Contributo para o conhecimento do coberto vegetal no 3ª milénio a.C. na região de Oeiras*, de Patrícia Diogo Monteiro y João Luís Cardoso (p. 75-86), con los resultados de los estudios antracológicos de Leceia, con *P. pinaster*, *Q. ilex* y *coccifera*, *Olea europaea*, *Pistacia*, etc. Una referencia especial merece *Outeiro Redondo, Sesimbra, Escavações 2005-2016*, de João Luís Cardoso (p. 87-338), pues es una monografía muy importante, de más de 250 páginas, que da a conocer este yacimiento. El autor recoge la historiografía y describe las campañas realizadas, la estratigrafía, muy bien documentada a color, y las fases del yacimiento con sus dataciones de C-14 (2600-2100 a.C.), seguido de la descripción y estudio de las estructuras (muralla) y los materiales (talla bifacial, oro, cobre: anzuelos y sierras, cerámica, pesas de telar, crisoles, y elementos rituales), por lo que constituye la publicación definitiva de este importante yacimiento.

A continuación *A ocupação do Bronze Final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras)*, de Ana Catarina Sousa, Íris Dias, Elisa Sousa y Marta Miranda (p. 339-382) da a conocer una interesante cabaña del Bronce Final aparecida en un alto junto a una ermita y, por último, se expone, bajo el título de *Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras* (p. 365-384) un amplio resumen de los trabajos llevados a cabo en dicha institución en el último año transcurrido. Investigación, documentación, excavaciones, control arqueológico, divulgación del Patrimonio Arqueológico, comunicaciones, visitas guiadas, colaboración con la Universidad y con diversas instituciones, mantenimiento de las exposiciones permanentes de Arqueología de la Fábrica de Pólvora de Barcarena, etc., dan idea del nivel de eficacia y de prestigio alcanzado por este ejemplar *Centro de Estudos Arqueológicos*.

* * *

Como colofón, hay que hacer referencia al espíritu que entraña esta efeméride, que debe conmemorarse por su trascendencia en el campo científico y también social. Junto a una profunda felicitación por todo lo que supone, también se debe expresar el agradecimiento de todos los arqueólogos y de cuantos se interesan por la Arqueología y por el Patrimonio Cultural, por la labor tan eficaz de difusión de la investigación científica que el Prof. João Luis Cardoso ha sabido concebir y desarrollar durante 30 años, gracias al clarividente apoyo de la Câmara Municipal de Oeiras, que por ello es acreedora del profundo reconocimiento de toda la sociedad.

No queda para finalizar sino desear un venturoso futuro a la revista **ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**, para que **VIVAT, CRESCAT, FLOREAT**.

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS

RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM 2019

1 – INTRODUÇÃO

Este relatório diz respeito às actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos no ano de 2019.

As acções efectuadas podem agrupar-se em duas grandes áreas:

- Acções de Investigação e Valorização do Património Arqueológico;
- Acções de Divulgação do Património Arqueológico.

2 – ACÇÕES DE INVESTIGAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

2.1 – Trabalhos laboratoriais

Procedeu-se à preparação (lavagem, marcação e arquivo), nas instalações do CEACO, de cerca de 1000 peças recolhidas nas campanhas de escavações arqueológicas, realizadas em Abril de 2018 no Edifício da Rua Marquês de Pombal, n.ºs 3, 5 e 7 em Oeiras. Estas tarefas contaram com a colaboração de jovem inscrito no Programa “Tempo Jovem 2019”, da Unidade de Juventude/CMO.

2.2 – Datações de radiocarbono

Em 2019 foram realizadas pelo Laboratório de Radiocarbono Beta Analytic sediado em Miami, EUA cinco datações de radiocarbono, de amostras destinadas a publicação nos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*.

2.3 – Desenho de materiais arqueológicos

Prosseguiu ininterruptamente durante o ano de 2019, o desenho de materiais arqueológicos, destinados a ilustrar trabalhos de investigação e de divulgação, de que se destaca a série *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, realizados pelo colaborador do CEACO Dr. Filipe Martins e pelo Dr. Bernardo Ferreira, desenhador de Arqueologia deste serviço; este último, ocupou-se também da preparação digital de ilustrações para diversas publicações, assumindo tal actividade importância crescente no quadro das exigências tecnológicas atuais.

2.4 – Escavações arqueológicas no quarteirão do Largo da Boavista – Centro Oeiras

No âmbito da requalificação de edifícios situados no quarteirão do Largo da Boavista no centro histórico de Oeiras integrados no Programa Habitação Jovem, foi dado conhecimento ao CEACO pelo Gabinete Técnico Local de Oeiras da DHRU/DRU do Ofício da DGPC S-2017/438735 (C.S:1208635) de 06/09/2017 visando a realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico devido à pré-existência de vestígios arqueológicos nas proximidades do local o qual confronta com o Palácio do Marquês de Pombal, classificado como Monumento Nacional.

Em cumprimento dessa disposição, procedeu-se à averiguação da presença de testemunhos arqueológicos anteriores aos edifícios a recuperar.

Os trabalhos arqueológicos tiveram lugar entre 30 de Setembro e 9 de Outubro de 2019 contando com a colaboração do Dr. Filipe Martins, colaborador do CEACO e de dois operários especialmente contratados (Fig. 1).

Os espólios mais antigos recolhidos datam de época moderna e contemporânea: séculos XVII/inícios do século XVIII, evidenciando a existência de um núcleo urbano anterior à construção do palácio do Marquês de Pombal, situando-se o local investigado na periferia daquele, muito perto da margem esquerda da ribeira de Lage.

A 03/12/ 2019 a DGPC, através do Ofício S-20197510182 (C.S:1400652), aprovou o relatório preliminar das escavações realizadas redigido pelo signatário, na qualidade de responsável pelos trabalhos arqueológicos, ficando assim a Câmara Municipal de Oeiras autorizada a prosseguir as obras, as quais serão acompanhadas por este Centro de Estudos Arqueológicos aquando da realização do rebaixamento do terreno.



Fig. 1 – Vista parcial das escavações realizadas no largo da Boavista (Centro Histórico de Oeiras), em Outubro de 2019, evidenciando-se duas das sondagens realizadas e a calçada de blocos basálticos anterior à última fase de construção do conjunto edificado. Foto de Filipe Martins.

3 – ACCÇÕES DE DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

3.1 – Revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*

3.1.1 – Apresentação do Número Especial dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* – “O General Conde de S. Januário (1827-1901). Um português de excepção”

A 13 de Abril de 2019 teve lugar na sala Fernando Pessoa do Hotel Vila Galé Collection – Palácio dos Arcos, a apresentação do número especial dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* – “O General Conde de S. Januário (1827-1901). Um português de excepção”.

A sessão foi presidida pelo Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho em representação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Isaltino Morais, tendo a Senhora Presidente da União das Freguesias de Oeiras e S. Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias, Dr.^a Madalena Castro, que também se encontrava na mesa, apresentado as boas-vindas aos presentes (Fig. 2).

Na sequência, o Senhor Major-General José Inácio Sousa ocupou-se da análise da obra de forma desenvolvida, detalhando certas informações sobre a vida castrense do biografado as quais, pelo seu interesse, deram origem a um estudo de sua autoria, publicado no volume 26 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (Fig. 3).



Fig. 2 – Aspecto parcial da assistência à sessão de apresentação da obra *O General Conde de S. Januário (1827-1901) Um português de excepção* realizada no dia 13 de Abril de 2019 na sala Fernando Pessoa do Hotel Vila Galé Collection – Palácio dos Arcos, em Paço de Arcos. Na mesa, da esquerda para a direita, o Senhor General José Inácio Sousa, autor da apresentação da obra, o Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho, que presidiu à sessão em representação do Senhor Presidente, a Senhora Dr.^a Madalena Castro, Presidente da União das Freguesias de Oeiras e S. Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias e o signatário, no uso da palavra. Foto de Filipe Martins.



Fig. 3 – Apresentação da obra *O General Conde de S. Januário (1827-1901) Um português de exceção* realizada no dia 13 de Abril de 2019 na sala Fernando Pessoa do Hotel Vila Galé Collection – Palácio dos Arcos, em Paço de Arcos, pelo Senhor General José Inácio Sousa. Foto de Filipe Martins.

No final, intervieram representantes de diversas instituições, a algumas das quais o Conde de S. Januário esteve intimamente ligado, antes da alocução de encerramento a cargo do Doutor Pedro Patacho.

No conjunto, a sequência das intervenções foi a seguinte:

- Apresentação da obra pelo Autor, Prof. Doutor João Luís Cardoso, Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras);
- Intervenção do Senhor Major-General José Inácio Sousa: “O General Conde de S. Januário – evocar e não esquecer um português distinto”;
- Intervenção do Senhor 1.º Vice-Presidente da Academia Portuguesa da História, Prof. Doutor Miguel Corrêa Monteiro;
- Intervenção do Sr. Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Dr. António Vermelho do Corral;
- Intervenção do Senhor Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, Prof. Eng. Luís Aires-Barros;
- Intervenção do Senhor Comandante da Academia Militar, Major-General João Vieira Borges;
- Intervenção do Senhor Vereador Dr. Pedro Patacho em representação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras.

A cerimónia contou com cerca de 50 participantes, incluindo alguns membros da família do Conde de S. Januário.

3.1.2 – Volume 25 – *Estudos Arqueológicos de Oeiras*

As cerimónias de encerramento das comemorações do XXX aniversário do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (1988-2018), que tiveram lugar a 19 de Outubro de 2019, contaram com três momentos distintos, entre os quais a apresentação pública do volume 25 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*.

Aquela esteve a cargo do ilustre arqueólogo Prof. Doutor Martín Almagro-Gorbea da Universidade Complutense de Madrid e membro da Real Academia de la Historia, Madrid (Fig. 4), não só destacado os conteúdos mais relevantes do volume mas também a importância desta publicação científica no seu contexto internacional. Pelo seu interesse a mesma reveste a forma de um artigo, publicado no volume 26 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*.

Na verdade, a publicação, com carácter regular, de uma revista de arqueologia de carácter internacional impõe grande esforço e adequada planificação e organização.

Para que esta publicação se tenha afirmado de forma inequívoca no panorama nacional e internacional, foram desde cedo consideradas duas condições essenciais, que têm presidido à sua publicação desde 1991. A primeira, é a regularidade da sua publicação anual, indispensável para assegurar as permutas, desde cedo estabelecidas; a segunda é a qualidade e interesse dos conteúdos científicos apresentados.

Tendo em vista assegurar formalmente aquele requisito, foi criado, a partir da publicação do volume 17, inclusive, um Conselho Assessor do Editor Científico, constituído por cinco personalidades de renome internacional.

As personalidades que integraram o Conselho Assessor do Editor Científico dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* do volume 25 dos *EAO* são as seguintes:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa);
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA);
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve);
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid);
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid);
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra).



Fig. 4 – Apresentação do volume 25 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, no dia 19 de Outubro de 2019, na Sala Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, Fábrica da Pólvora de Barcarena, pelo Prof. Doutor Martín Almagro-Gorbea. Foto de Filipe Martins.

Em Dezembro de 2019, a revista era permutada com 112 publicações periódicas nacionais e internacionais, de carácter arqueológico, correspondendo estas últimas aos mais importantes títulos editados na Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Mónaco e Polónia.

É de salientar a importância do acervo documental de carácter especializado assim reunido, viabilizando o adequado conhecimento de realidades arqueológicas de outros Países e regiões, indispensável à própria actividade de investigação científica no domínio da Arqueologia do Concelho de Oeiras, desenvolvida neste Centro de Estudos Arqueológicos.

Conforme despacho presidencial, estas publicações, pelo seu carácter especializado, conservam-se no CEACO, podendo, porém, qualquer artigo delas constante, ser fornecido ou consultado directamente, mediante simples solicitação dos interessados.

Como elemento de avaliação complementar, é de referir a vasta permuta internacional conseguida pela revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, órgão científico do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras), que dirige desde o seu primeiro número. Iniciada em 1991, ascendem já a vinte e cinco os números publicados, perfazendo 276 autores/co-autores; 11594 páginas impressas; e 316 artigos publicados, assim distribuídos:

Paleolítico	9
Mesolítico.....	5
Neolítico.....	20
Calcolítico.....	44
I. Bronze.....	33
I. Ferro.....	12
Romano.....	13
Medieval.....	8
Moderno.....	5
Contemporâneo	3
História da Arqueologia.....	76
Genérico.....	88
TOTAL	316

3.1.2 – Carregamento dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* na Plataforma OJS – *Open Journal Systems*

Através da Inf.º n.º 04/CEACO/2015, com despacho favorável de 06/05/2015, o signatário submeteu à consideração superior do Senhor Presidente a disponibilização online dos volumes da série *Estudos Arqueológicos de Oeiras* em site temático do CEACO, tendo em vista a sua divulgação e creditação científica internacional.

Para tal, e com o apoio decisivo do Senhor Vereador Pedro Patacho e da Senhora Directora Municipal Dr.ª Paula Saraiva, foi dado em 2019 um passo decisivo naquele sentido, visando o carregamento dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* na plataforma OJS (*Open Journal Systems*). Após reunião com o Dr. José Barreira Martins, Diretor do Departamento de Inovação e Tecnologias de Informação e Comunicação (DITIC), em maio de 2019, foi criada e disponibilizada ao CEACO a referida plataforma, na qual o Dr. Bernardo Ferreira, procedeu ao carregamento e disponibilização online, entre Agosto e Dezembro de 2019 dos 314 artigos publicados nos 25 volumes e dos dois números especiais que atualmente compõem a coleção *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. <https://eao.cm-oeiras.pt/index.php/DOC>

Uma vez garantido o carregamento online de toda a colecção, que deverá ser permanentemente actualizado, a revista está em condições de ser creditada no *Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP)*, procedimento que se encontra presentemente em curso.

Não menos importante, no quadro da divulgação das actividades desenvolvidas pelo Centro, procedeu-se à criação e carregamento permanente de uma página do CEACO no portal do Município, com antecedentes que vale a pena deixar registados.

Com efeito, em 2016, o signatário reiterou a proposta de criação de um site temático do CEACO integrado no portal da CMO o qual foi concretizado numa primeira versão em 2017. Em 2018 pela Inf.º n.º 8/CEACO/2018 de 26/11/2018 (Disponibilização online da coleção “Estudos Arqueológicos de Oeiras” nas páginas de Arqueologia do portal da CMO) foi apresentada proposta de criação de página própria para os EAO. Criada em 2018, mantém-se actualizada com todas as publicações do CEACO, visando a divulgação da Arqueologia concelhia.

3.2 – Artigos científicos

No volume 25 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* foram publicados 5 artigos científicos, envolvendo a participação de 7 autores ou co-autores, constituindo importante repositório de informação científica de carácter arqueológico, envolvendo todo o território nacional. De facto a acção do CEACO tem-se projectado muito para além dos limites geográficos do Concelho de Oeiras.

Em 2019, foram publicados pelo signatário, na qualidade de Coordenador do CEACO, os seguintes artigos científicos, os quais, directa ou indirectamente se referem a aspectos da arqueologia oeirense:

- Os mais antigos vestígios humanos na costa sudoeste: o corte de Porto Covo (Sines). **Setúbal Arqueológica**. Setúbal. 18, p. 13-18.
- The lost photos. Archaeothanatology applied to photo documentation from the 1960s reveals new data about Mesolithic burials, Sado valley, Portugal. Abstract, **European Archaeological Association Meeting. Bern (7 September 2019)**. De col. com Rita Peyroteo Stjerna e Liv Nilsson.
- Los vasos campaniformes marítimos y su difusión desde el estuario del Tajo (Portugal). In **Un brindis por el príncipe! El vaso campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a.C.)**. Madrid: Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid (2019), p. 111-133.
- The curious case of the Mesolithic Iberian dogs; An aDNA study. **Journal of Archaeological Science** 105 (2019), p. 116–129. De col. com Ana Elisabete Pires, Cleia Detry Lounes Chikhi, Rita Rasteiro, Isabel R. Amorim, Fernanda Simoes, Jose Matos, Francisco Petrucci-Fonseca, Morgane Ollivier, Catherine Hanni, Pablo Arias, Mariana Diniz, Ana Cristina Araujo, Nuno Bicho, Ana Catarina Sousa, Marta Moreno-Garcia, Ana Margarida Arruda, Carlos Fernandez-Rodriguez, Eduardo Porfirio, José Morais Arnaud, Alexandra Valente, David Goncalves, Lara Alves, Anders Gotherstrom, Simon J.M. Davis, Catarina Ginja.
- Animal mobility in Chalcolithic Portugal: isotopic analysis of cattle from the sites of Zambujal and Leceia. **Journal of Archaeological Science: Reports** 24 (2019), p. 804-814. De col. com Elisabeth Wright, Anna J. Waterman, David W. Peate, Michael Kunst & Cleia Detry.
- Primeiras evidências de plantas ortogonais no Calcolítico da Estremadura portuguesa: as cabanas do povoado fortificado calcolítico do Outeiro Redondo (Sesimbra). **Akra Barbarion**. Sesimbra. 3 (2019), p. 147-153.

- Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**. Oeiras. 25 (2019), p. 87-338.
- Contributo para o conhecimento do coberto vegetal no decurso do 3.º milénio a.C. na região de Oeiras: resultados dos estudos antracológicos de Leceia. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**. Oeiras. 25, p. 75-86.
- Conociendo las foicinhas líticas del poblado prehistorico de Leceia (Oeiras, Portugal). **Trabajos de Prehistoria**. Madrid (2019). 76 (2), p. 7-20. Ce col. com Juan F. Gibaja.
- Los vasos campaniformes marítimos e su difusión desde el estuário del Tajo (Portugal). **¡Un brindis por el príncipe! El vaso campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 A.C.)**. DELIBES, G. & GUERRA, E. (ed. Cient.). Madrid: Museo Arqueológico Regional, 1, p. 109-133. Também publicado em português, com ligeiras alterações em: **Estudos Arqueológicos de Oeiras**. Oeiras. 25, p. 47-74.
- Compositional and microstructural characterization of grave goods from Anta do Malhão and Soalheironas: An insight into the diachronic use of arsenical copper from the 3rd to the 2nd millennium BC. **X International Symposium on Materials, Reitoria da UNL, Lisboa, 2019**. Poster, p. 342. De col. com P. Valério, R.J.C. Silva, A.M.M. Soares & M.F. Araújo.
- Bioinformatic tools in the study of ancient dogs – preliminary results of an Iberian case study. **Poster**. Conferencia: **Bioinformatics Open Days**, 21 e 22 de Fevereiro 2019, Universidade do Minho (Braga, Portugal). De col. com Ludmilla Blaschikoff, Octávio Serra, Sílvia Guimarães, João Luís Cardoso, Fernanda Simões, Cleia Detry, Catarina Ginja, Carlos Fernández-Rodríguez, Eduardo Ferreira, Ana Elisabete Pires.
- Iberian Chalcolithic *Canis*: a genomic approach to know them better. Poster. **8th meeting of the International Council for Archaeozoology (ICAZ) Archaeozoology, Genetics, Proteomics, Morphometrics (AGPM), Paris, Outubro de 2019**. De col. com Ludmilla Blaschikoff, Octávio Serra, Sílvia Guimarães, João Luís Cardoso, Fernanda Simões, Cleia Detry, Catarina Ginja, Carlos Fernández-Rodríguez, Eduardo Ferreira, Ana Elisabete Pires.
- Unraveling the genomes of ancient Iberian *Canis*. Poster. **XV Encontro Nacional de Biologia Evolutiva, 14 e 15 de novembro 2019, CIIMAR (Matosinhos, Portugal)**. De col. com Ludmilla Blaschikoff, Octávio Serra, João Luís Cardoso, Carlos Fernández-Rodríguez, Ana Catarina Sousa, Marta Moreno-García, Sílvia Guimarães, Fernanda Simões, Cleia Detry, Anders Götherström, Catarina Ginja, e Ana Elisabete Pires.
- Primórdios dos estudos pré-históricos em Portugal: os concheiros mesolíticos de Muge (Salvatera de Magos) e a *Memória* pioneira de Francisco António Pereira da Costa sobre o concheiro do Cabeço da Arruda. In **Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa. 2. Primeiros textos de Pré-História, História e Heráldica** (dir. FRANCO, J. E. & FIOLEAIS, C.) (2018) Lisboa: Círculo de Leitores, 2, p. 91-112.
- “Da existência do Homem em épocas remotas no vale do Tejo. Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda” de F. A. Pereira da Costa. Lisboa: Imprensa Nacional. Transcrição revista, comentada e anotada. In **Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa. 2. Primeiros textos de Pré-História, História e Heráldica** (dir. FRANCO, J. E. & FIOLEAIS, C.) (2018). Lisboa: Círculo de Leitores, 2, p. 441-499.
- José Leite de Vasconcelos (1858-1941): uma vida fecunda. In **Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa. 2. Primeiros textos de Pré-História, História e Heráldica** (dir. FRANCO, J. E. & FIOLEAIS, C.) (2018). Lisboa: Círculo de Leiores, 2. p. 113-130.

- “Portugal Pré-Histórico” de J. Leite de Vasconcelos. Transcrição revista, comentada e anotada p. 505-575. Lisboa, 2018: Círculo de Leitores. In **Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa. 2. Primeiros textos de Pré-História, História e Heráldica** (dir. FRANCO, J. E. & FIOLEAIS, C.) (2018). Lisboa: Círculo de Leitores, 2, p. 505-575.
- **O General Conde de São Januário (1827-1901). Um português de exceção**. Oeiras (2018): Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, Número Especial).
- An Englishwoman in the Alentejo: Edith Guest and the Study of Megalithism in Portugal in the 1930s. **The Antiquaries Journal**. London, p. 1-17. De col. com A. Ávila de Melo.
- Para a História das investigações pré-históricas em Cascais: um breve ensaio, lembrando João Cabral. Coord. ENCARNAÇÃO, J. d', **Dos Patrimónios de Cascais**. Homenagem a João Cabral. Cascais (2019): Associação Cultural de Cascais, p. 49-83.
- Manuel Vieira Natividade (1860-1918) e a Arqueologia de Alcobaça no centenário do seu nascimento. **Al-Madan**. Almada (2019). Série II, 22, p. 142-154.
- Nos 150 anos da publicação da obra de Charles Darwin “On the Origin of Species”: a investigação da antiguidade do Homem no Portugal de Oitocentos. **Anais da Academia Portuguesa da História**. Lisboa (2019). Série III, 5, p. 297-321.

3.3 – Palestras e comunicações

No decurso de 2019, o signatário proferiu as seguintes palestras e comunicações:

- “Os Romanos e a água – captação, armazenamento e distribuição”. Palestra proferida na Associação de Estudos Arqueológicos e Etnológicos” (Lisboa), no dia 14 de Fevereiro de 2019.
- “O Conde de São Januário, 1.º Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa (1876 /1877): Vida e Obra. Palestra apresentada à Sociedade de Geografia de Lisboa no dia 18 de Março de 2019.
- Entrevista para a emissão nº156 da Universidade Aberta gravada a 19 de Março de 2019 no povoado pré-histórico de Leceia e exposições de arqueologia da Fábrica da Pólvora de Barcarena.
- “Matérias-primas de origem geológica na Pré-História do Ocidente Peninsular: contribuição para o conhecimento da sua exploração, circulação transregional e consumo”. Comunicação à Classe de Ciências da Academia de Ciências de Lisboa no dia 4 de Abril de 2019.
- “Depois de 1994: o que mudou na Pré-História de Lisboa”. Comunicação apresentada ao ciclo “Lisboa não é só subterrânea. 25 anos depois de uma exposição” organizada Pela Associação dos Arqueólogos Portugueses/Centro de Arqueologia de Lisboa no dia 5 de Maio de 2019.
- “A data das coisas: os métodos científicos na datação dos achados arqueológicos”. Palestra proferida nas Jornadas História Aberta, organizadas pelos alunos e antigos alunos da Licenciatura em História da Universidade Aberta, com o apoio do Município de Torres Novas no dia 29 de Setembro de 2019.
- “O azeite, o pão e o vinho” – primórdios da sua produção no território português. Palestra proferida na Conferência Anual dos Estudos Gerais de Alvito “A trilogia mediterrânea: o pão, o vinho e o azeite” no dia 1 de Novembro de 2019.
- “A Cátedra Infante D. Henrique para os estudos insulares atlânticos e a globalização”. Palestra proferida na cerimónia de inauguração do Seminário de Estudos Globais do Doutoramento em Estudos Globais no dia 29 de Novembro de 2019.
- “Escavações no povoado calcolítico do Outeiro Redondo, Sesimbra. Palestra proferida na Associação de Estudos Arqueológicos e Etnológicos no dia 5 de Dezembro de 2019.

3.4 – Visitas guiadas

As visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, seguidas de visita à respetiva Exposição monográfica permanente, e à Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras, situadas na Fábrica da Pólvora de Barcarena, continuaram a constituir, no decurso de 2019, uma das principais linhas de atuação do CEACO, consolidada ao longo de muitos anos, constituindo poderosa projeção externa das suas atividades. É de salientar a componente didática junto das escolas básicas e secundárias do Concelho de Oeiras, a par de visitas de grupos de estudantes universitários, de associações culturais e do público em geral, incluindo as visitas efetuadas em colaboração com outros serviços da CMO.

Tais visitas têm-se revelado uma mais-valia na programação de estudo, na sua componente prática, a nível complementar, constituindo objecto de avaliação junto dos alunos, desde os níveis de ensino básico (3.º e 4.ºs anos) até ao secundário (12.º ano) e universitário.

Em 2019 esta importante actividade foi reforçada com a adesão ao Programa “Oeiras Educa” do Departamento de Educação/CMO, destinado a escolas do Concelho.

Deste modo, a pedido de diversos estabelecimentos de ensino (básico, secundário e universitário) da área da grande Lisboa, de organismos oficiais e particulares, ou no âmbito de visitas ao Concelho organizadas pelo Município e por parte de outras entidades, foram realizadas 24 visitas guiadas em 2019. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 650 pessoas, assim distribuídas:

- Academia Sénior de Sacavém
- Associação de reformados e idosos do Murtal
- Centro de Atl, “Pirata Sabichão”
- Centro de Estudos “Alicerces do Saber” de Leião
- Cooperativa “A Torre” de Lisboa
- Escola EB1 dos Lombos
- Escola EB1 da Rebelva
- Escola EB 2/3 Aquilino Ribeiro
- Escola ES de Carcavelos
- Escola ES 1 Miraflores
- Escola ES 3 Quinta do Marquês
- Estagiários da Divisão de Turismo/CMO
- Universidade Autónoma de Lisboa
- Universidade de Évora
- Universidade Sénior de Almada
- Universidade de Tubingen, Alemanha

3.5 – Outras colaborações

Refere-se esta rubrica a informações de índole diversa, oficialmente solicitadas ao CEACO, desde as solicitações de estudantes do ensino universitário no âmbito da preparação de trabalhos académicos, até aos munícipes interessados na obtenção de informações de âmbito histórico-arqueológico de carácter concelhio, sem esquecer os pareceres elaborados por solicitação de outros serviços camarários e em colaboração com estes em ações de salvaguarda e divulgação do património arqueológico concelhio.

Destacam-se os pareceres e consultas prestados ao DPGU no respeitante ao licenciamento de obras, quer as promovidas pela CMO, quer as de particulares.

No âmbito do Plano de prevenção de Riscos de Gestão do CEACO foi estabelecido em 2015 Protocolo de procedimentos com o DPGU elaborado na sequência da Inf.º n.º 11/CEACO/2012, com Despacho favorável do Senhor Presidente de 27/03/2012, visando a recolha de parecer prévio do CEACO sobre determinados pedidos de licenciamento que, pela sua importância ou localização, envolvam trabalhos no subsolo, que deveriam ser previamente apreciados pelo CEACO. Tais procedimentos encontram-se plenamente em vigor, cumprindo ao CEACO o acompanhamento arqueológico das respectivas obras no terreno, sempre que as mesmas sejam de iniciativa camarária ou de instituições particulares de solidariedade social sem fins lucrativos.

2019

Janeiro

Foi solicitado pela Dr.ª Manuela Espinha DACT/DTGE/CMO informações de carácter geral para divulgação do Povoado pré-histórico de Leceia e respetiva exposição monográfica no manual “Oeiras nas suas mãos”, que engloba várias informações sobre o Concelho.

Fevereiro

Foi solicitado por Carine Souza aluna do Mestrado em Arqueologia da Universidade de Lisboa apoio no âmbito de trabalho do seminário de Gestão do Património Cultural e dos Bens Arqueológicos.

Março

Foi solicitado pelo Arq.º Alexandre Lisboa, Coordenador Técnico do Projecto da Vinha e do Vinho, Vinho de Carcavelos “Villa Oeiras” parecer sobre peças cerâmicas encontradas na vinha norte, junto ao Casal da Manteiga na Estação Agronómica (Oeiras).

Foi solicitado por Fernando Teigão dos Santos Tenho, autor do livro “A Lisboa subterrânea do Marquês de Pombal” sobre as galerias das Águas Livres em Lisboa, informação sobre o sistema de abastecimento de água da antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena no âmbito de investigação sobre antigos sistemas de abastecimento de água.

Foi solicitado por Diogo Lopes da DTGE/CMO, informação sobre o número de visitantes nos anos de 2015 a 2017 ao Povoado pré-histórico de Leceia, na sequência do pedido do Observatório do Património para o estudo Património Cultural em Portugal: avaliação do valor económico e social.

Foi solicitado por Patrícia Rúbio aluna da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa apoio no âmbito da elaboração de trabalho de escultura sobre Oeiras tendo como base um epitáfio romano e duas bases de colunas alegadamente romanas de Linda-Velha mencionadas no livro “Elucidário de alguma Oeiras” referindo “o túmulo romano de Linda-a-velha”.

Foi pedido por Beatriz Eliseu e colegas, alunas da Escola Secundária Quinta do Marquês apoio na realização de trabalho para a disciplina de História sobre a presença romana em Oeiras. Nesse âmbito e por solicitação das mesmas com o acompanhamento da Prof. Luísa Godinho efectuaram uma visita guiada ao mosaico romano de Oeiras.

Foi endereçado ao CEACO, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), Departamento de Recolha de Informação, Serviço de Recolha de Dados, “Processo IMUS – Inquérito aos Museus – 2018 – 20.28609299”, relativo à Sala de Arqueologia, ulteriormente remetido àquela entidade.

Maio

Foi solicitado pela Chefe DPU/CMO, Arq.^a Cristina Rebelo, através da Inf.º n.º 6709/2019 – DMOTOA/DPGU/DGU (Proc.º 5964/1998) com Despacho de concordância do Senhor Presidente da CMO, parecer sobre operação de loteamento localizada em Tercena, da responsabilidade da Fundação Otilia Pessoa Murta Lourenço.

Foi solicitado pelo Senhor Eng.^a José Pereira Fernandes Chefe da DGU/CMO, através da Inf.º n.º 6801/2019-DMOTOA/DPGU/DGU/ELU (Proc.º 573/1999) parecer no âmbito de processo de licenciamento de obras na Rua Capitão Leitão, n.º 12 em Oeiras.

Julho

No âmbito do Plano de Prevenção de Riscos de Gestão foi solicitado pelo Senhor Eng.º Nuno Vasconcelos, Director da DOM/CMO, através da Inf.º n.º INT-CMO/2019/10043 parecer no âmbito de processo de requalificação da Praça do Rossio de Porto Salvo.

O Ofício da DGPC n.º S-2019/494394 (C.S: 1357115, de 11/6/2019) estabeleceu a realização de sondagens arqueológicas considerando a proximidade da Capela de Nossa Senhora de Porto Salvo, incluindo o adro e o cruzeiro que se encontra classificada como monumento de interesse público pelo Portaria n.º 282/2013, de 13 de Maio de 2013, tendo presente que o conjunto edificado previsto para a Praça do Rossio de Porto Salvo se encontra integralmente abrangido na ZEP correspondente.

Em Agosto, após fundamentação técnica apresentada pelo signatário por email de 29/07/2019 à Directora dos Bens Culturais da DGPC, Dr.^a Maria Catarina Coelho, foi aprovada a alteração da condicionante arqueológica de sondagens de diagnóstico para acompanhamento dos trabalhos da empreitada prevista para o local.

Foi solicitado pelo Prof. Doutor Arq. Leonel Fadigas, autorização para uso de fotografia sobre o povoado pré-histórico de Leceia, em livro da sua autoria sobre o tema “Urbanismo, Natureza e Sustentabilidade - dos Parques e Jardins à Agricultura Urbana”.

Agosto

Foi solicitado pelo Director do DPGU/CMO, Arq. Baptista Fernandes, através da Inf.º n.º 14419/2019 – DPGU/DPU (reqtº 5767/2019 apenso ao Proc.º 34/2009) pedido de parecer no âmbito de obras de loteamento na Quinta da Rainha em Queluz de Baixo. Este parecer corresponde à Inf. n.º 24/CEACO/2019, recomendando que os trabalhos arqueológicos previstos sejam realizados por empresa de arqueologia por se tratar de empreitada privada.

Setembro

Foi solicitado pela Arq.^a Cristina Rebelo, Chefe da DPU/CMO, parecer relativo ao relatório prévio de conservação e restauro do Aqueduto das Águas Livres – Troço designado das Francesas no âmbito de Proposta de Definição de Âmbito (PDA) do Estudo de Impacte Ambiental (EIA) relativo à operação urbanística *Aquaterra Masterplan*, nos lotes 1 a 3 e 9 a 11 do alvará de loteamento 04/2002, denominado Parque de St. Cruz em Carnaxide, em conformidade com o Ofício da CCDRLVT, na qualidade de Autoridade de AIA.

Foi solicitado pelo Eng. José Pereira Fernandes, Chefe da DGU/CMO através da Inf. n.º 15007/2019 – DPGU/DGU/NLU, pedido de parecer complementar relativo a processo de licenciamento de operação urbanística particular na rua Nossa Senhora do Egípto, n.º 36 em Oeiras.

Novembro

Foi solicitado pelo Eng.º José Pereira Fernandes, Chefe da DGU/CMO através da Inf. n.º 18696/2019 – DPGU/DGU parecer arqueológico no âmbito de processo de licenciamento de edificação particular na Av. Duarte Pacheco, n.º 9 e 9.A em Santo Amaro de Oeiras.

Dezembro

Foi solicitado pelo Arq. Francisco Zambujo da DC/CMO cópia digital das plantas publicadas no livro “A Fábrica da Pólvora de Barcarena e os seus sistemas hidráulicos”.

Foi dirigido pelo Senhor Bruno Inça, Presidente da SERUL (Sociedade de Educação e Recreio Os Unidos de Leceia) pedido ao Dr. Filipe Leal, Director do DACT/CMO para a abertura do povoado pré-histórico de Leceia a 15 de Dezembro de 2019, para a passagem dos participantes no 3º Trail SERUL “Castro de Leceia” tendo contando com a presença de cerca de 130 participantes.

Foi solicitado pelo Dr. Filipe Leal, Director do DACT/CMO, parecer sobre a possibilidade de realização de exposição em Oeiras sobre os “Dinossauros da Lourinhã” do Museu da Lourinhã por proposta ao Município de Oeiras pelo Presidente do grupo Etnográfico e Arqueológico da Lourinhã.

Foi solicitado pelo Senhor José Figueiredo, pai de Maria Teresa Figueiredo, aluna do 7.º ano do Colégio Marista de Carcavelos, apoio no âmbito da realização de trabalho escolar, sobre vestígios do Paleolítico e Neolítico no Concelho de Oeiras.

Foi solicitado por Ricardo de Oliveira, aluno da licenciatura em História da Universidade Autónoma de Lisboa apoio no âmbito de um trabalho, para a cadeira de Metodologias e técnicas arqueológicas.

3.6 – Projecto Lisboa Romana/*Felicitas Iulia Olisipo*

A 20/4/2018, foi solicitado ao signatário pelo Dr. Miguel Carvalho de Faria, Chefe de Gabinete da Presidência/CMO, parecer sobre a pertinência da participação da CMO no Projecto Lisboa Romana/*Felicitas Iulia Olisipo* (2017-2021) cujo convite foi dirigido ao Senhor Presidente da CMO pela Senhora Vereadora da Cultura e Relações Internacionais da Câmara Municipal de Lisboa, Dr.ª Catarina Vaz Pinto (mail de 18/4/2018).

Considerando as potencialidades culturais, patrimoniais e turísticas do referido projecto recomendou-se a associação da CMO ao mesmo, propondo-se que a representação da Câmara Municipal de Oeiras fosse efetuada através do signatário, agregando-se a Dr.ª Maria da Conceição André, técnica superior da Câmara Municipal de Oeiras, alocada ao Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.

No âmbito do referido projeto, encontram-se integradas, no que respeita à época romana no território oeirense, três estações arqueológicas: o estabelecimento romano de Leião (escavado em 2008); a *villa* romana de Oeiras, (escavações arqueológicas em 2000, e entre 2004 e 2007), e o espólio romano exposto na Exposição de arqueologia do Concelho de Oeiras.

Envolvendo diversos Municípios da área Metropolitana de Lisboa, detentores de vestígios romanos, o projecto encontra-se presentemente em curso de desenvolvimento, tendo sido apresentado publicamente em Abril de 2019 nas ruínas do Teatro Romano de Lisboa, pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, com representação de todos os parceiros intervenientes no projecto, tendo a Câmara Municipal de Oeiras sido representada pelo signatário.

3.7 – 2.º Colóquio Internacional “História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia”

Dando seguimento aos Colóquios de Arqueologia organizados pelo CEACO, foi realizado o 2.º Colóquio Internacional “História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia” no dia 19 de Outubro de 2019 teve lugar na Fábrica da Pólvora de Barcarena, Casa do Salitre - Sala de Arqueologia Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, tendo contado com a presença de cerca de 50 participantes, segundo o seguinte programa de comunicações (Fig. 5 e Fig. 6):

11.00h – **“Neandertais e Homens anatomicamente modernos no centro e sul de Portugal”** por Nuno Bicho (Universidade do Algarve e Director do ICArEHB – Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behavior), João Cascalheira (ICArEHB e Jonathan Haws, Professor (University of Louisville, USA);

11.30h – **“Entre evidências e conceitos. Plantas e animais nos estudos neolíticos em Portugal”** por António Faustino Carvalho (Universidade do Algarve);

12.00h – **“Antas e seus congéneres: reflexões em torno do Megalitismo, seus conceitos e terminologias”** por Rui Mataloto (Câmara Municipal de Redondo);

12.30h – **“O Orientalismo revisitado: acerca da génese do Calcolítico do Ocidente peninsular”** por João Luís Cardoso (Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/CMO);

14.30h – **“Contactos mediterrâneos no decurso do Bronze Pleno no sul peninsular (ca. 1800-1400 a.C.): uma perspectiva historiográfica”** por Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid).

15.00h – **“O Ocidente peninsular de há 3000 anos num cruzamento de escalas. Itinerários das coisas e das pessoas”** por Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra).

15.30h – **“Fenícios e Indígenas no território português: o “estado da arte”** por Ana Margarida Arruda (Universidade de Lisboa).

16.00h – Discussão das comunicações apresentadas.

16.30h – Conferência de Encerramento: **“Los Celtas en la Península Ibérica: una perspectiva actual”** por Martín Almagro-Gorbea (Universidade Complutense de Madrid e Real Academia de la Historia).

Sucedeu-se a apresentação do volume 25 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras, que* esteve a cargo, como acima se referiu, do Prof. Doutor Martín Almagro-Gorbea.

3.8 – Inauguração da Sala de Arqueologia Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira e assinatura do Termo de Aceitação de Doação ao Município de Oeiras de alguns dos seus espólios eacervo bibliográfico

A 19 de Outubro de 2019, após a realização do colóquio referido no ponto anterior foi inaugurada a sala onde o mesmo se realizou, no Edifício do Salitre, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, doravante designada *Sala de Arqueologia Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira*, em cerimónia presidida pelo Senhor Vereador da CMO, Doutor Pedro Patacho, em representação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Isaltino Morais. O acto teve a presença de membros da família do homenageado, a sua filha Dr.^a Seomara da Veiga Ferreira e seu neto Lourenço Chaves de Almeida bem como cerca de 50 convidados, entre amigos, antigos colaboradores e admiradores do Homenageado, tendo sido descerrada placa comemorativa (Fig. 7 e Fig. 8).

Na ocasião, o signatário proferiu a seguinte intervenção, antecedendo a intervenção de encerramento a cargo do Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho:



Fig. 5 – Vista parcial da assistência ao 2.º Colóquio internacional *História das ideias e dos conceitos em Arqueologia*, realizado na sala Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, Fábrica da Pólvora de Barcarena, em 19 de Outubro de 2019. No uso da palavra, a Prof.ª Doutora Ana Margarida Arruda. Foto de Filipe Martins.



Fig. 6 – Vista parcial da assistência ao 2.º Colóquio internacional *História das ideias e dos conceitos em Arqueologia*, realizado na sala Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, Fábrica da Pólvora de Barcarena, em 19 de Outubro de 2019. Instantâneo obtido na discussão das comunicações, com o Prof. Doutor António Faustino Carvalho a responder a interpeleção da Prof.ª Doutora Ana Catarina Sousa. Foto de Filipe Martins.



Fig. 7 – Pormenor da cerimónia de inauguração da sala Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, Fábrica da Pólvora de Barcarena, em 19 de Outubro de 2019, com o Eng. Christopher Thomas North e o Dr. José Norton, amigos e colaboradores do Homenageado. Em segundo plano, o Prof. Doutor Martín Almagro-Gorbea e o Prof. Doutor Alfredo Mederos Martín. Foto de Guilherme Cardoso.



Fig. 8 – Momento do descerramento da placa comemorativa da inauguração da sala Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, Fábrica da Pólvora de Barcarena, em 19 de Outubro de 2019. À esquerda, o Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho, que presidiu à cerimónia em representação do Senhor Presidente; à direita, o signatário e o Senhor Lourenço Chaves de Almeida, neto do homenageado. Foto de Guilherme Cardoso.

“Octávio da Veiga Ferreira, vida e obras

Exm.º Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho, em representação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais

Exm.ºs Familiares do Prof. Octávio da Veiga Ferreira

Colegas, Amigos e Discípulos do Homenageado

Senhoras e Senhores

A sala que hoje se inaugura é um preito de Homenagem a um dos maiores arqueólogos portugueses: Octávio da Veiga Ferreira. É raro os grandes vultos serem devidamente reconhecidos em vida, e esse foi o caso do nosso homenageado. E se a cerimónia de hoje só foi possível, porque o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, o Dr. Isaltino Morais desde logo a patrocinou. Por isso, as minhas primeiras palavras são de agradecimento ao Autarca que, ao longo de 34 anos de convivência me habituei a respeitar numa mútua partilha de valores, que conduziram à própria criação do Centro de Estudos Arqueológicos e à realização desta homenagem, que encerra as comemorações dos primeiros trinta anos da sua existência.

Importa salientar que este foi um trabalho de uma equipa que trabalhou intensamente para que o dia de hoje fosse comemorado com a dignidade e qualidade desejadas: aos Drs. Conceição André, Bernardo Ferreira e Filipe Martins, colaboradores do Centro, sou devedor de um sincero agradecimento que me cumpre publicamente apresentar. Bem-Hajam.

Quis-se que esta cerimónia correspondesse a um acto cheio de simbolismo, evocando o que de mais genuíno existe na personalidade de Veiga Ferreira, que colocou sempre os seus interesses pessoais em segundo lugar: a generosidade. Nunca foi sensível a lugares proveitosos ou a honrarias: movido unicamente pelo prazer da descoberta, ditada pela sua curiosidade sem fim, com os seus companheiros de trabalhos arqueológicos, desde logo rendidos à sua maneira de ser, construiu uma obra que hoje é difícil de compreender, tal é a sua diversidade e complexidade.

Era um Homem livre e por isso mesmo sempre olhado com desconfiança pelos poderes instituídos. Avesso a formalismos, facilmente se compreende o seu genuíno entusiasmo e prazer pelos trabalhos de campo, sempre associados à camaradagem, à boa disposição e aos bons petiscos: ao pé dele não havia tristezas!

Ao longo dos anos, desde os primórdios da década de 1940, até ao seu passamento em 1997, sempre acompanhado pelo seu Mestre e amigo, depois compadre, o Doutor Georges Zbyszewski, o Doutor Zby para os amigos e discípulos, já que era padrinho do seu filho – saúdo o João Paulo, aqui presente – soube despertar vocações sem olhar a meios ou a classes sociais, num tempo em que a Arqueologia era um mundo quase ignoto e ainda se não encontrava institucionalizada em Portugal.

Foram várias as gerações de amigos e colaboradores com quem partilhou o seu percurso de vida na Arqueologia: primeiro, a etapa algarvia da década de 1940 e 1950, em torno de Abel Viana e José Formosinho. Logo depois, sucede-se a etapa alentejana, de novo com Abel Viana, Rui Freire de Andrade e Padre António Serralheiro, estudando os túmulos de falsa cúpula baixo-alentejanos, até então totalmente desconhecidos. Com a eminente arqueóloga alemã Vera Leisner retomou o estudo dos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa, interrompido desde 1880, vindo entretanto a conhecer outros amigos e colaboradores, com destaque para Fernando de Almeida, com quem realizou escavações na cidade romano-visigótica de Egitânia (Idanha-a-Velha), o primeiro grande trabalho de Arqueologia urbana realizado em Portugal que, iniciado em 1956, se prolongou até finais da década seguinte.

Os trabalhos desmultiplicavam-se, então, em várias frentes: na região de Torres Vedras, com o ilustre investigador local Leonel Trindade, ao mesmo tempo que animava um outro grupo, no Bombarral, cons-

tituído por Jorge de Almeida Monteiro, Antero Furtado e outros amigos, de que resultou a escavação, em 1962, da primeira gruta com ocupações do homem de Neandertal em Portugal, a Gruta Nova da Columbeira. Data também dessa época a escavação da gruta das Salemas, em Loures, com Camarate França, onde identificaram indústrias do Paleolítico Superior até então quase desconhecidas em Portugal, depois publicadas com a participação do arqueólogo francês Jean Roche. Com este, tinha metido ombros a projecto de largo fôlego que, iniciado em 1951, só viria a terminar quase 20 anos depois, com ampla projecção internacional: refiro-me às escavações dos concheiros mesolíticos de Muge, que colocaram definitivamente no mapa do Mesolítico europeu estas notáveis estações arqueológicas. Ali se evidenciou a sua humildade, talvez excessiva, ao dar a Jean Roche o protagonismo das descobertas nas respectivas publicações, embora o trabalho de campo tivesse sido no essencial realizado por ele.

Nos finais da década de 1960 emerge em Lisboa o último grupo de amigos com quem trabalhou, sempre acompanhado de perto pelo Doutor Zby, que estava proibido de utilizar o seu martelo de geólogo nas escavações arqueológicas, pelos estragos por ele inadvertidamente produzidos: desses amigos, todos residentes em Oeiras, estão hoje aqui presentes três deles: o Eng. Thomas North, a poucos dias de comemorar o seu centésimo aniversário, o Dr. José Norton, e eu próprio. Lembro ainda o Dr. Manuel Leitão, que conheci nos bancos do combóio da antiga Sociedade Estoril, estudando sobre os joelhos as plantas das escavações então em curso pela equipa, na curta viagem até Santo Amaro de Oeiras, depois de mais um dia pesado como cirurgião-chefe no Instituto Português de Oncologia. Desses tempos ficou a memória do convívio e da prática da Arqueologia pelo puro prazer, feita aos fins de semana quando o tempo o permitia, dando lugar a publicações ainda hoje incontornáveis para a Arqueologia portuguesa pela riqueza e importância da informação produzida.

Entretanto, com o 25 de Abril, a notável actividade de divulgador da Arqueologia junto dos jovens, que vinha desenvolvendo desde 1970, graças à renovação operada no Ministério da Educação Nacional por Veiga Simão, sofreu um contratempo, com a extinção do Centro Piloto de Arqueologia dirigido pelos Drs. João Salvado e Salette Salvado, que funcionava no âmbito daquele ministério. Era ali que, aos sábados e às segundas-feiras, acorriam muitos estudantes liceais e também universitários, que assim colmatavam as lacunas da sua formação escolar no domínio da Pré-História, despertando consciências e vocações. As aulas no Palácio da Rosa eram complementadas pela frequência do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, onde Veiga Ferreira e o Doutor Zby constituíam sempre um porto seguro a todos quantos dele se abeirassem. Lembro-me bem desses tempos em que, faltando às aulas no Liceu Normal de Pedro Nunes, ali acorria para ouvir o que os Mestres tinham sempre para dizer, respondendo a muitas dúvidas e questões, deles recebendo as últimas separatas dos seus trabalhos. Não se pense que fui o único, pois hoje tenho o prazer de aqui ver alguns desses antigos amigos.

Enfim, com a criação da Universidade Nova de Lisboa, teve Octávio da Veiga Ferreira a oportunidade de, finalmente, transmitir o muito que sabia aos seus alunos de Pré-História, a partir de 1977, por proposta do Professor Oliveira Marques.

Entrado tardiamente na vida universitária, dele foram alunos e discípulos alguns dos arqueólogos que, na actualidade, desenvolvem importantes funções tanto em Universidades como em Museus.

E, no entanto, ninguém em Portugal recolhia nessa época maior legitimidade académica para exercer as funções de Professor universitário de Pré-História: comprova-o o seu doutoramento em Ciências Naturais pela Universidade de Paris, em 1965 com uma tese intitulada: “La culture du vase campaniforme au Portugal”. Note-se que para conseguir este objectivo teve de se sujeitar a um regime de trabalho acrescido, nos Serviços Geológicos de Portugal, que jamais lhe concederam qualquer dispensa de serviço. Com grandes dificuldades financeiras, viveu nessa época difícil numa *roulotte* nos arredores de Paris.

Mesmo depois de obtido o doutoramento, não foi promovido a técnico superior, como seria de elementar justiça, até pelos serviços que aquela instituição lhe ficava a dever pelos trabalhos de cartografia geológica desenvolvidos, e ainda pelo prestígio granjeado pelo seu trabalho, a par do engrandecimento das colecções.

Mas, como o mérito vem sempre à tona, foi de novo o Prof. Oliveira Marques que, tendo presente o contributo notável que na Universidade Nova de Lisboa prestou à formação dos futuros arqueólogos, propôs a sua contratação, apenas dois anos antes de se jubilar, em 1987, como Professor Catedrático convidado. E esta Universidade também não o esqueceu, ao promover, em 2017, no centenário do seu nascimento, uma despreziosa sessão de homenagem, lembrando a excelência do seu ensino, em cuja organização tive o gosto de participar.

A Câmara Municipal de Oeiras, decidiu homenagear este seu antigo munícipe, pelos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Município e no País, com a Medalha de Ouro de Mérito Municipal, em 1997, poucos meses depois do seu passamento. E foi ainda o Município de Oeiras, por iniciativa do seu Centro de Estudos Arqueológicos que, nas comemorações do seu vigésimo aniversário, em 2008, lhe dedicou um volume de Homenagem com a colaboração de muitos dos arqueólogos, alguns de renome mundial, que com ele trabalharam ou privaram.

Porque os homens só morrem quando deles se extinguir a memória do que fizeram, hoje estamos aqui reunidos, na inauguração desta nova sala de Arqueologia, que ostenta o seu nome, numa comunhão de afectos, mesmo por parte daqueles que apenas o conhecem através da monumental obra que nos legou: pois que os visitantes que doravante acorram a mais esta exposição permanente de Arqueologia – a terceira existente na Fábrica da Pólvora de Barcarena – e muito em especial a população escolar do concelho, a possam desfrutar em plenitude, recolhendo, de Octávio da Veiga Ferreira, o exemplo de que só o trabalho honesto e generoso, aliado à curiosidade e à inteligência no estudo, poderá resultar em progresso do conhecimento.”

Na nova Sala de Exposição ficou exposto algum do acervo pessoal e bibliográfico do Homenageado, acompanhados de exposição fotográfica alusiva à sua actividade como docente e arqueólogo, doados ao Município de Oeiras pelos referidos membros da sua família e pelo signatário, conforme o Termo de Aceitação de Doação então assinado publicamente (Fig. 9).

Esta doação, bem como a criação de uma Sala aberta ao público com o seu nome fora aprovada em Sessão de Câmara de 24/07/2018 (Proposta de Deliberação n.º 545/18), tendo presente a relevância excepcional da sua obra científica como arqueólogo, e o facto de ter tido residência no concelho de Oeiras na década de 1950 e inícios da seguinte, época em que produziu estudos sobre a *villa* romana da rua das Alcássimas e a gruta pré-histórica da ponte da Lage, o que justificou a atribuição a título póstumo pela CMO em 1997, da Medalha de Ouro de Mérito Municipal.

5 – CONCLUSÃO

Os trabalhos desenvolvidos em 2019 no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras deram continuidade aos objectivos estratégicos e programáticos anteriormente definidos. Verificou-se maior afluência, em relação ao ano transacto, especialmente no que respeita aos visitantes em idade escolar, ao Povoado pré-histórico de Leceia e Exposições de arqueologia patentes ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Onde as actividades de investigação e divulgação do Património Arqueológico concelhio se encontram mais expressivamente espelhadas, especialmente no que concerne à sua projecção a nível nacional, é no amplo conjunto de revistas de índole arqueológica com as quais os *Estudos Arqueológicos de Oeiras* mantêm ou estabeleceram permuta, no decurso de 2019 facto bem demonstrativo da qualidade da investigação desenvolvida neste domínio pelo CEACO, constituindo exemplo ímpar no panorama arqueológico nacional.



Fig. 9 – Momento de assinatura do Termo de Aceitação de Doação pelo Município de Oeiras, de parte do espólio pessoal e bibliográfico do Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, doravante exposto e disponível para consulta na sala com o nome do homenageado, na Fábrica da Pólvora de Barcarena. Na mesa, da esquerda para a direita, o neto e a filha do homenageado, Senhor Lourenço Chaves de Almeida e Senhora Dr.^a Seomara da Veiga Ferreira, o Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho e o signatário. Foto de Filipe Martins.

O ano de 2019 correspondeu ao encerramento das comemorações do trigésimo aniversário da criação do Centro, a 2 de Novembro de 1988, as quais se iniciaram a 20 de Outubro de 2018 com a edição de um volume comemorativo (o 24.º) dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2018), sucedido, logo em 2019, pela publicação do vol. 25, no qual se inseriu a palestra que, naquele dia, foi aqui proferida pelo eminente arqueólogo e pré-historiador francês Prof. Doutor Jean Guilaine (Membre de l'Institut, Professeur au Collège de France). Em 2019 o encerramento destas comemorações atingiu expressão pública não menos relevante, com a realização, no dia 19 de Outubro, de uma jorna rica de significado. O dia iniciou-se com a realização do 2.º *Colóquio Internacional História das ideias e dos conceitos em Arqueologia*, a que se sucedeu a apresentação pública do volume 25 dos Estudos Arqueológicos de Oeiras e, finalmente, a inauguração da *Sala de Arqueologia Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira*, com o descerramento de uma placa comemorativa e a assinatura do Termo de Aceitação de Doação ao Município de Oeiras de alguns dos espólios pessoais e bibliográficos que passaram a estar expostos e disponíveis para consulta naquele espaço.

Não poderia ter terminado de melhor e mais auspiciosa forma o encerramento destes primeiros 30 anos de vida do CEACO/CMO, símbolo do muito que já foi feito e testemunho da vitalidade que anima todos os que aqui trabalham, essencial à realização do muito mais que ainda falta fazer.

Barcarena, 12 de Janeiro de 2020

O Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Prof. Doutor João Luís Cardoso